

Mirella Faur

O ANUÁRIO DA GRANDE MÃE

Guia prático de rituais para celebrar a Deusa



O ANUÁRIO DA GRANDE MÃE

Nosso mundo está presenciando, atualmente, um novo despertar da Deusa, resgatando a sacralidade do princípio feminino. Nas últimas décadas, cresceu cada vez mais o interesse nos antigos cultos da Deusa, levando um número cada vez maior de homens e de mulheres a criarem e a participarem de rituais e de festas, reverenciando os aspectos e os atributos da Grande Mãe em suas vidas cotidianas. Para todos aqueles interessados no ressurgimento do Sagrado Feminino, o Anuário representa valioso material de consulta, amplamente documentado e fartamente ilustrado.

No formato de um calendário anual permanente, o Anuário traz, além de celebrações para cada dia do ano, múltiplas informações sobre Sabbats, Esbats e suas correspondências astrológicas, comemorações lunares especiais, todos os "Mistérios do Sangue", as Treze Matriarcas, rituais e invocações da Tríplice Manifestação da Deusa, meditações e um completo índice alfabético com mais de 600 deusas, seus atributos e suas celebrações. Baseado em extensa pesquisa bibliográfica e fundamentado nas vivências da autora em grupos de mulheres no Brasil, Inglaterra, Malta, Irlanda, Grécia, França e Estados Unidos, o Anuário é um estudo completo sobre a Deusa e suas celebrações em várias tradições, oferecendo práticas para o dia-a-dia.

O ANUÁRIO DA GRANDE MÃE

GUIA PRÁTICO DE RITUAIS PARA CELEBRAR A DEUSA

MIRELLA FAUR

EDITORA
Gaia

© Mirella Faur, 1999
2ª Edição, 2001

Diretor Editorial
JEFFERSON L. ALVES

Diretor de Marketing
RICHARD A. ALVES

Consultoria Editorial
HELOISA GALVES

Assistente Editorial
ROSALINA SIQUEIRA

Gerente de Produção
FLÁVIO SAMUEL

Capa

PROJETO GRÁFICO DE WELDER RODRIGUES BONFIM,
BASEADO NO QUADRO "A MÃE DO MUNDO", DE MIRELLA FAUR, 1982

Revisão

DANÚZIA COUTINHO
ROMINA FAUR CAPPARELLI

Editoração Eletrônica
ROMINA FAUR CAPPARELLI
SANDRA TORRES DIAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Faur, Mirella

O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa /
Mirella Faur. – 2ª ed. – São Paulo : Gaia, 2001.

Bibliografia.
ISBN 85-85351-74-8

1. Deusas 2. Ocultismo 3. Religião da Deusa 4. Rituais. I. Título

99-2616

CD- 291.14

Índices para catálogo sistemático

1. Deusa Grande Mãe : Religião comparada 291.14
2. Grande Mãe Deusa : Religião comparada 291.14



Direitos Reservados
Editora Gaia Ltda.

(Uma divisão da Global Editora e Distribuidora Ltda.)

Rua Pirapitingüü, 111-A - Liberdade
CEP 01508-020 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3277-7999 - Fax.: (11) 3277-8141

E-mail: gaia@dialdata.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização do editor.

N^o DE CATÁLOGO: 2133

Dedico este trabalho à Grande Mãe e a
seus reflexos multicoloridos e multifacetados,
brilhando eternamente na essência das mulheres
e na *anima* dos homens.

Agradecimentos

São muitas as mulheres que contribuíram para este trabalho, assim como alguns homens.

Minha profunda gratidão a todas as escritoras, pesquisadoras, antropólogas, arqueólogas, sacerdotisas, profetisas, magas, xamãs e iniciadas que trilharam a senda da Deusa ao longo dos tempos, colocando os frutos de seus trabalhos ao alcance de todos que buscam resgatar a conexão com a Grande Mãe.

Agradeço também às Mestras com quem tive o privilégio de trabalhar: Lady Olivia Robertson - fundadora, mestra e irmã da organização internacional "Fellowship of Isis", Rae Beth - sacerdotisa, escritora e conselheira, Demetra George - escritora e astróloga, Ardwin Dreamwalker, Brooke Medicine Eagle, Sandra Ingerman e Christina Pratt - mestras xamãs, Rachel Pollack e Mary Greer - tarólogas e escritoras. Estas mulheres muito me ensinaram, ajudando-me em minha própria transformação e na realização de minha missão espiritual.

A Josina Roncisvalle e a Márcia Mattos agradeço o empenho, a dedicação e o esforço para a publicação da agenda "O Diário da Grande Mãe", de 1996 e 1997 e dos "Almanaques Mágicos", de 1997 e 1998.

A Sandra Torres Dias, expresso minha gratidão por ter dado continuidade ao Anuário quando o Diário não pôde ter prosseguimento.

A minha filha Romina, meus afetuosos agradecimentos por ter continuado, com esmero, o trabalho de revisão e editoração eletrônica. Agradeço a Danúzia, Rita e Sheila pelo trabalho de digitação e revisão de textos. Sou também grata às mulheres participantes das reuniões, jornadas xamânicas, grupos de estudo e celebrações pelo incentivo, apoio e vivência comunitária dos ensinamentos da Deusa.

A Paulo Coelho agradeço a sugestão de transformar a agenda em livro, acreditando no valor de meu trabalho.

E *at last, but not least*, meu profundo reconhecimento e gratidão a Claudio, meu companheiro nesta e em outras vidas, cujo bom-senso, paciência, colaboração e compreensão, em muito contribuíram para a realização de minha missão espiritual nesta encarnação.

Agradecimentos da Segunda Edição

Agradeço a todas as mulheres que ouviram o chamado da Grande Mãe no pulsar dos seus corações e que abriram suas mentes para conhecer ou relembrar e praticar as suas antigas celebrações descritas neste livro. Como suas filhas, irmanadas pelos elos da nossa ancestralidade, poderemos assim tornar cada dia uma oportunidade para comemorar, orar e agradecer pelos dons da nossa essência feminina.

Sumário

<i>Apresentação</i>	xi
<i>Introdução</i>	xv
<i>O Mandamento da Deusa</i>	xx

CAPÍTULO I

CELEBRAÇÕES PANCULTURAIS DIÁRIAS	1
Janeiro	3
Fevereiro	31
Março	55
Abril	79
Maio	101
Junho	127
Julho	151
Agosto	175
Setembro	201
Outubro	229
Novembro	257
Dezembro	283

CAPÍTULO II

A RODA DO ANO E OS SABBATS	315
O Mito da Roda do Ano	317
Samhain	320
Yule ou Alban Arthuan	322
Imbolc, Candlemas ou Oimele	324
Ostara, Eostar ou Alban Eilir	327
Beltane	329
Litha ou Alban Heflin	331
Lughnassadh ou Lammas	333
Mabon ou Alban Elfed	335

CAPÍTULO III

A MISTERIOSA INFLUÊNCIA DA LUA SOBRE A HUMANIDADE	339
---	-----

CAPÍTULO IV

O EFEITO DAS FASES LUNARES EM NOSSAS VIDAS	345
Recomendações para sintonizar-se com as energias das fases lunares	348

CAPÍTULO V

AS FACES DA DEUSA LUNA	351
Como celebrar e contatar as três faces da Deusa Luna	354
Ritual para a Donzela	354
Ritual para a Mãe	355
Ritual para a Anciã	356

CAPÍTULO VI	
OS ESBATS.....	359
Plenilúnio em Câncer	361
Plenilúnio em Leão	363
Plenilúnio em Virgem	365
Plenilúnio em Libra	366
Plenilúnio em Escorpião	368
Plenilúnio em Sagitário	370
Plenilúnio em Capricórnio	372
Plenilúnio em Aquário	373
Plenilúnio em Peixes	375
Plenilúnio em Áries	377
Plenilúnio em Touro	379
Plenilúnio em Gêmeos.....	381
CAPÍTULO VII	
AS LUAS ESPECIAIS	383
A Lua Azul da Abundância.....	383
A Lua Rosa dos Desejos	385
A Lua Negra da Transmutação	386
A Lua Violeta da Reflexão	387
A Lua Vermelha da Menstruação	388
Os Eclipses	390
CAPÍTULO VIII	
OS MISTÉRIOS DO SANGUE E A CURA EMOCIONAL DA MULHER.....	393
Celebração do Primeiro Sangue.....	395
Cerimônia para reconsagrar o ventre	397
Celebração do Último Sangue	399
CAPÍTULO IX	
A LENDA DAS TREZE MATRIARCAS	401
Meditação para entrar em contato com a Matriarca de qualquer lunação	403
CAPÍTULO X	
CONSIDERAÇÕES SOBRE ALTARES E RITUAIS	405
Como criar um altar	405
Como realizar um ritual	407
CAPÍTULO XI	
RITUAL PARA “PUXAR” A ENERGIA DA LUA.....	409
Meditação para contatar sua Deusa interior.....	412
CAPÍTULO XII	
CLASSIFICAÇÃO DAS DEUSAS CONFORME SEUS ATRIBUTOS	415
CAPÍTULO XIII	
ÍNDICE ALFABÉTICO DE DEUSAS E DEUSES E AS DATAS DAS SUAS CELEBRAÇÕES	423
<i>Bibliografia</i>	459

Apresentação

Durante muito tempo, reverenciei e celebrei a Deusa como uma praticante solitária. Mesmo antes de tomar conhecimento e fazer contato com o movimento internacional do “Ressurgimento do Sagrado Feminino”, minha alma buscava preencher as lacunas e a ausência do arquétipo da Deusa nos caminhos espirituais que trilhei.

Nasci na Transilvânia, em uma região montanhosa da Romênia, rica em folclore, tradições e crenças. Vivi minha infância como uma criança sensível, introvertida e solitária, cercada pela natureza e acompanhada por contos de fada, gnomos, duendes, deuses e anjos. Minha única diversão era desenhar e ler. Sempre li muito e desde muito jovem interessei-me por mitologia (eslava, greco-latina e nórdica), crenças populares, lendas, histórias sobrenaturais e “superstições”. Infelizmente, durante os anos de colégio e universidade, minha vocação mística foi interrompida pela ordem social e política de um país materialista, onde a religião era considerada “o ópio do povo”.

Ao chegar no Brasil, encontrei não apenas um país que me ofereceu abrigo, trabalho, segurança, liberdade e realização pessoal, mas também uma pátria espiritual. Senti-me atraída e absorvida pelo caldeirão de correntes, crenças, seitas, grupos e organizações religiosas e espiritualistas, fervilhando no terreno fértil da miscigenação racial brasileira.

Durante muitos anos, participei de vários grupos, trabalhos e caminhos esotéricos. Como sempre, continuava lendo muito, procurando compreender e assimilar esse novo universo que se descortinava perante meus olhos. Dediquei-me ao estudo da Astrologia, runas, oráculos e tarot enquanto freqüentava centros umbandistas, espíritas, ufológicos, cabalistas e universalistas, entre outros.

Por mais que encontrasse respostas metafísicas e soluções práticas, algo ainda me faltava. Sentia uma disparidade profunda nos conceitos cosmológicos dessas doutrinas. A Mãe era santa, mas não divina, não se conheciam Avatares femininos, prevaleciam os Orixás e mestres

masculinos, a mulher não podia alcançar os mesmos graus iniciáticos alcançados pelo homem devido sua instabilidade emocional e hormonal, não tinha capacidade para guiar por faltar-lhe “voz de comando” ou visão lógica, além de sofrer várias restrições, como não poder participar de rituais quando menstruada por estar “com o corpo sujo” e encontrar-se sujeita a “vampirizações”.

Apesar de questionar o sistema patriarcal social e econômico, eu não podia aceitar e concordar com a ausência do Sagrado Feminino como complementação necessária e polaridade permanente do Sagrado Masculino. Aquilo que para os orientais era tão fácil de compreender — por meio da mandala, do Yin/Yang ou para os povos nativos norteamericanos, com o conceito da criação conjunta do Pai Céu e da Mãe Terra — para certos homens e mulheres era muito difícil de aceitar. Parecia mesmo uma blasfêmia ou heresia pensar na Deusa além do Deus, na Mãe Criadora e nutridora que, juntamente com o Pai Gerador, havia dado origem aos filhos e a toda a natureza.

Esses conceitos, além de fazerem sentido do ponto de vista racional, histórico e mitológico, tocaram profundamente minha alma. Durante uma crise profunda, fiz uma peregrinação aos lugares sagrados da Grã-Bretanha e lá, no caminho processional de Tor e no Poço Sagrado de Glastonbury, ouvi a voz da Deusa ecoando em meu coração e respondendo a minhas dúvidas e angústias.

Foi então que parei minha busca espiritual e mudei meu caminho esotérico, dedicando-o à Deusa. As palavras de Dion Fortune passaram a ser meu lema:

“E a ti, que buscas me conhecer, eu digo: tua busca e teu anseio de nada te servirão sem o conhecimento do mistério de que, se aquilo o que procuras não encontrares dentro de ti mesmo, jamais o encontrarás fora de ti. Pois, vê, sempre estive contigo - desde o começo - e sou aquilo o que se alcança além do desejo”.

A Deusa estava dentro de mim, como está em toda parte, pois Ela é o Todo e nós somos parte dela.

Não precisava mais procurar pois, ao encontrá-la, senti Sua presença me iluminando,

protegendo, fortalecendo, guiando e nutrindo. No entanto, eu não podia ainda “deitar no colo da Deusa” e contemplar a natureza ao meu redor. A

Deusa, ao se revelar dentro de mim, traçou-me uma nova direção a seguir: um trabalho centrado nas mulheres, para que elas pudessem recuperar seu poder espiritual perdido nos últimos três milênios e pudessem manifestá-lo novamente no mundo, em benefício da cura pessoal, coletiva e planetária.

Foi assim que iniciei reuniões de mulheres nos plenilúnios, proporcionando o ambiente, as informações e os elementos que permitissem a sintonia com a força mágica da Lua. Ao invés de celebrar os Sabbats sozinha, comecei a divulgá-los publicamente, bem como passei a realizar jornadas xamânicas, ritos de passagem e celebrações especiais.

Como consequência dessas atividades a serviço da Deusa e em benefício das mulheres, fui solicitada a escrever uma agenda feminina. Surgiu assim, em 1996, a primeira edição do Diário da Grande Mãe e em 1997 a segunda. Foi um trabalho pioneiro, exaustivo e sofrido devido às dificuldades materiais encontradas. O esforço de Josina Roncisvalle em publicar o Diário, usando sua energia, seus meios e sua livraria Forças Ocultas, foi um gesto de fé, coragem e dedicação. Infelizmente, a falta de uma gráfica própria, as dificuldades e obstáculos na distribuição e a ausência de retorno financeiro, impediram que se desse continuidade à publicação da agenda. Para não desperdiçar o vasto material bibliográfico existente, decidi colocar em prática uma sugestão feita durante uma conversa informal com Paulo Coelho: tornar permanente um trabalho até então efêmero e perecível, transformando a agenda em livro, ou seja, o Diário em Anuário. Por ser um livro de consulta, baseado em extensa bibliografia e exaustiva pesquisa, o enfoque principal do Anuário é nas datas e nas características das antigas celebrações das Deusas, nas várias culturas e tradições do mundo. Portanto, as informações sobre rituais são sucintas, servindo apenas como uma orientação geral, competindo a cada leitora o trabalho de completar as sugestões e enriquecer os detalhes por meio de sua própria visão ou experiência. Mesmo participando de grupos, é importante cada mulher fazer, individualmente, seu trabalho espiritual. O poder mágico e a expansão da

consciência são atributos pessoais que não podem ser transferidos por “osmose” por um dirigente ou mestre, a quem compete apenas a orientação e o apoio.

Atualmente, em várias partes do mundo, inúmeras mulheres são “praticantes solitárias”, seja por opção, seja por necessidade. Para algumas, é uma vivência espiritual frustrante, por não terem com quem compartilhar e a quem recorrer em momentos de dúvida ou mesmo ter o discernimento para avaliar os erros e acertos. A conexão por meio da egrégora das celebrações do dia com as irmãs de outros lugares, diminui a sensação de isolamento e solidão, reforçando os elos com a comunidade espiritual da Deusa.

Aqueles que vierem a utilizar o Anuário como guia cotidiano, focalizando a energia em um objetivo predeterminado e criando uma disciplina interior, poderão se beneficiar com uma maior expansão de sua percepção psíquica, de sua criatividade e de seu crescimento pessoal. Os grupos que se reúnem nos plenilúnios - Esbats - e nos festivais - Sabbats -, certamente serão favorecidos pelas informações contidas no Anuário, pois foram amplamente testadas e aprovadas em meus próprios rituais: tudo o que nele é descrito e ensinado é fruto de minha própria experiência e estudo. Devido à exigüidade de espaço, não detalhei os procedimentos ritualísticos, mas os itens assinalados e as orientações resumidas são suficientes para fornecer a estrutura do ritual, podendo ser acrescentados detalhes ou feitas modificações em função das possibilidades materiais ou disponibilidades energéticas do grupo.

No Brasil, o ressurgimento da Deusa está se afirmando aos poucos. Cada vez mais mulheres, de todas as idades, tomam conhecimento e se interessam pelas Antigas Tradições, pela Wicca, pelos arquétipos das Deusas e pelo fortalecimento espiritual da mulher sem, no entanto, se deixarem enquadrar ou limitar pelos conceitos paternalistas ou patriarcais.

Com a intenção de oferecer um vasto material histórico e mitológico, ponho à disposição das mulheres e homens que buscam uma conexão com a Deusa, este compêndio de celebrações que reconhece e honra, a cada dia, um dos aspectos da Grande Mãe, reverenciados há muito tempo, por todo o mundo.

Introdução

O retorno da Grande Mãe

“A Mãe das Canções, a mãe de toda a nossa semente, gerou a todos nós no início. Ela é a mãe de todas as raças dos homens e a mãe de todas as tribos. Ela é a mãe do trovão, a mãe dos rios, a mãe das árvores e de todas as coisas. Ela é a mãe das canções e das danças. Ela é a mãe do mundo e de todas as velhas irmãs pedras. Ela é a mãe dos frutos da terra e a mãe de tudo o que existe... Ela é a mãe dos animais, a única e a mãe de toda a Via Láctea... Ela é a mãe da chuva, a única que temos. Ela, só ela, é a mãe de todas as coisas...”

Canção dos índios Cagaba, Colômbia
Erich Neuman, A Grande Mãe, p. 81

Após séculos de ostracismo e esquecimento, a Grande Mãe está voltando. Na verdade, ela sempre esteve aqui, como a alma do nosso planeta, a sabedoria oculta do nosso eu interior, a chama do nosso coração. Fomos nós que nos distanciamos dela, renegando-a e negando a presença do Sagrado Feminino em nossas vidas.

A Grande Mãe representa a totalidade da criação e a unidade da vida, pois ela é imanente, ela existe e reside em todos os seres e em todo o universo, ela é intrínseca à força da vida, aos ciclos da natureza e aos processos de criação. A escritora e militante feminista Starhawk, em seu livro “A dança cósmica das feiticeiras”, resume esse conceito de forma magistral: “A simbologia da Deusa não é uma estrutura paralela ao simbolismo do Deus Pai. A Deusa não rege o mundo. Ela é o mundo.

Manifestada em cada um de nós, Ela pode ser percebida interiormente por cada indivíduo, em toda sua magnífica diversidade”. Esse conceito da

imanência e permanência da Deusa foi representado por seus mais antigos símbolos: a Terra, a Lua, o Sol, o ovo cósmico, o uróboro (a serpente mordendo sua cauda), a espiral e o labirinto.

O primeiro conceito sobre a divindade foi expresso por nossos ancestrais na forma da Grande Mãe geradora, nutridora e sustentadora de todos os seres, recebendo-os de volta em seu ventre após sua morte para trazê-los novamente à vida. Apesar da ausência de registros escritos, as impressionantes esculturas, gravações e ruínas paleolíticas, comprovam a cosmologia centrada na mulher como origem e força da vida. Seus atributos de fertilidade e abundância permaneceram nas estatuetas de deusas grávidas ou dando à luz e nas inúmeras deusas com características zoomórficas, mostrando sua relação com todos os seres, seus filhos de criação.

A Deusa foi a suprema divindade do nosso planeta durante cerca de 30.000 anos, reverenciada e conhecida sob inúmeras manifestações e nomes, conforme os lugares e períodos de seus cultos. Suas múltiplas qualidades e funções foram descritas em todas as culturas, originando as lendas e os mitos que mostram uma diversidade de deusas que, contudo, eram aspectos de uma só divindade: a Grande Mãe. Da Europa à África, do Alasca à Patagônia, do Japão à Austrália, os povos antigos reverenciaram a Deusa como a própria Terra, a Lua, as estrelas e os oceanos, a Senhora da Vida e da Morte, do amor e dos nascimentos, da beleza e das artes, da agricultura e da vida selvagem. As sociedades centradas no culto da Deusa eram matrifocais e pacíficas, baseadas no respeito à terra, à mulher e às crianças, vivendo de acordo com os ciclos da natureza.

Porém, com a mudança das sociedades agrícolas e matrifocais para as civilizações tecnológicas e patriarcais, a Deusa passou a ser consorte, filha ou concubina dos deuses trazidos pelos povos guerreiros e conquistadores. O mundo tornou-se diferente, perdeu-se o equilíbrio das polaridades, o feminino foi subjugado e dominado, o masculino passou a prevalecer pelos próximos quatro mil anos, levando a conceitos dualistas, à cisão da humanidade e ao desequilíbrio do planeta.

Em nossa sociedade atual, avançada tecnologicamente mas desprovida da presença do

Divino Feminino, podemos comprovar, cada vez mais, o desequilíbrio humano (físico, mental, emocional e espiritual), evidenciado na poluição, degradação e destruição do planeta, gerando, assim, uma crescente necessidade de nutrir e ser nutrido, de amar e ser amado, de encontrar a paz interior e criar harmonia a seu redor. Neste momento crítico de nosso planeta, ressurgem a figura poderosa e amorosa da Grande Mãe para nos ajudar a encontrar os meios para restaurar Sua criação e restabelecer o equilíbrio, a paz e a harmonia individual, global e planetária.

A “volta” da Grande Mãe foi favorecida pelo movimento feminista, pelo despertar da consciência ecológica, pelas novas teorias científicas que vêem a Terra como um “todo vivo” (a hipótese Gaia), pelas novas descobertas e reavaliações arqueológicas e antropológicas, pelo reavivar das antigas tradições xamânicas, pela necessidade dos rituais, pelo retorno da Astrologia e dos oráculos e pelo surgimento da psicoterapia, das terapias naturais e alternativas.

O caminho para encontrar a Grande Mãe em uma de suas múltiplas manifestações - seja como a toda abrangente Mãe Terra, seja como uma das numerosas Deusas existentes em várias mitologias e tradições - é diferente das outras sendas espirituais praticadas no mundo atual. Não existem organizações ou templos formais, não há dogmas ou sacerdócio organizado. Para vislumbrar ou encontrar a Grande Mãe, precisamos apenas abrir nossas mentes, descartar os preconceitos e os condicionamentos sócio-culturais e criar-lhe um espaço sagrado, em nosso coração e em nossa vida.

Observar as imagens das Deusas, ler sobre suas lendas e mitos, descobrir e praticar rituais, são apenas algumas das maneiras de trazer de volta, para nossa memória e consciência, o antigo poder e valor do Divino Feminino. Este é, na verdade, o caminho para o fortalecimento da mulher, fazendo-a sentir-se mais confiante e segura, encontrando motivo de orgulho, realização e poder em sua essência feminina.

Também os homens poderão ser incentivados a descobrir, perceber, revelar e expandir sua *anima*, seu lado sensível e emotivo, completando, assim, sua personalidade e abrindo novas portas de comunicação e colaboração com suas parceiras.

Ao restabelecer o ponto de equilíbrio na balança das polaridades feminina e masculina, poderemos celebrar e nos alegrar com o retorno da Grande Mãe, não como um substituto para o Deus Pai, mas como sua consorte, sua complementação perfeita, levando à união dos opostos para a criação de um mundo de paz, amor e harmonia. Esse é o verdadeiro significado do “Hieros Gamos”, o casamento sagrado que cria a unidade, concilia as diferenças, apara as arestas, integra as polaridades do Pai Céu à Mãe Terra, gerando um Mundo Novo para um novo ser humano.

Na divulgação dessa nova mentalidade, promotora da sonhada “sociedade de parceria”, as mulheres do mundo todo estão desempenhando um papel fundamental.

Inúmeros livros e textos foram escritos nas últimas décadas, resgatando informações e abrindo espaço para a Deusa na arqueologia, antropologia, sociologia, teologia, psicologia, cura ou nas artes visuais, por meio de pinturas, esculturas, filmes, poemas, romances, dramas, danças e canções.

A Deusa está cada vez mais presente na vida das mulheres, que a comemoram em vários países, nas cidades ou nos campos, venerando suas múltiplas faces e manifestações com rituais, cantos e danças. Ao lembrar e celebrar a Deusa, as mulheres estão celebrando a si mesmas. A Deusa está presente em toda parte e em tudo, nas montanhas ou nas ondas do mar, na canção da chuva ou no sopro do vento, na abundância da terra ou no brilho do luar, na beleza das flores ou das pedras, nas cores do arco-íris ou nos movimentos dos animais. Ela está conosco nas alegrias da vida, no riso das crianças, nas lágrimas de dor ou no mistério da morte. Ao ressurgir da bruma dos tempos, a Deusa nos estende suas mãos de luz, apontando novos caminhos para realizarmos nossos sonhos e visões e mostrando-nos, em seu espelho mágico, nossa verdadeira beleza, força e sacralidade.

Ver um reflexo da Deusa em cada dia ou procurar criar um ritual para honrar uma de suas faces é trazer a própria Deusa para nossa vida, tornando-a mais tangível e imantando nossa essência e existência com suas qualidades e possibilidades. Conhecendo e vivenciando seu legado, passado por meio dos mitos e imagens das antigas culturas e tradições,

reforçamos os laços que nos unem, independente de raça, país, credo, cor, sexo, profissão ou temperamento. Somos todos seus filhos, irmãos e irmãs de sua criação e, ao unirmos nossas mentes e corações por meio de suas celebrações, criaremos um grande círculo de luz, interligado pela vibração luminosa do amor transcendente, conectados pelo Amor Maior com Nossa Mãe.

Para tornar a presença da Deusa mais real e acessível em nossa vida cotidiana, oferecemos esta coletânea de informações e orientações sobre suas celebrações antigas, seus dias sagrados, seus inúmeros nomes e atributos, bem como sugestões para rituais contemporâneos.

O Mandamento da Deusa

Eu, que sou a beleza do verde sobre a Terra, da Lua branca entre as estrelas, do mistério das águas e do desejo no coração dos homens, falo à tua alma: desperta e vem a mim, pois, sou Eu a alma da própria natureza, que dá a vida ao universo.

De mim nasceram todas as coisas e a mim, tudo retorna.

Ante meu rosto, venerado pelos Deuses e pelos homens, deixa tua essência se fundir em êxtase ao infinito.

Para me servires, abra teu coração à alegria, pois, vê: todo ato de amor e prazer é um ritual para mim.

Cultive em tua alma a beleza e a força, o poder e a compreensão, a honra e a humildade, a alegria e o respeito.

E a ti, que buscas me conhecer, eu digo: tua busca e teu anseio de nada te servirão sem o conhecimento do mistério de que se aquilo o que procuras não encontrares dentro de ti mesmo, jamais o encontrarás fora de ti. Pois, vê, sempre estive contigo - desde o começo - e sou aquilo o que se alcança além do desejo.



Compilado por Doreen Valiente

Capítulo 1

Celebrações panculturais diárias

Há séculos que a humanidade vem assinalando com rituais seus acontecimentos, tanto aqueles de maior relevância, envolvendo todo um grupo cultural, quanto os cotidianos, realizados apenas em pequenas comunidades. Seu objetivo era manter a coesão nesses grupos, reunindo as pessoas regularmente para atividades tradicionais e celebrações religiosas.

Estas datas festivas foram perpetuadas ao longo dos tempos, permanecendo até nossos dias na forma de tradições folclóricas, crenças e superstições. Os povos antigos consideravam cada dia uma oportunidade de festejar um evento, celebrar algum acontecimento ou simplesmente agradecer às divindades pela própria vida. Cada vez que um grupo de pessoas repetia uma mesma ação, com um mesmo objetivo, reforçava-se a egrégora dessa intenção. Mesmo em nosso mundo tecnológico, não se pode ignorar a força destas tradições, costumes e mitos, manifestadas como celebrações antigas e rituais mágicos.

A reconquista desse legado espiritual de nossos ancestrais e sua adaptação ao nosso cotidiano, são apenas algumas das inúmeras contribuições trazidas com o ressurgimento do Sagrado Feminino. Por trinta milênios, foi a deusa a figura predominante nas mais diversas religiões, em várias partes do mundo; nessas culturas, cada dia do ano era um dia de celebrar a Deusa ou uma de suas inúmeras manifestações. As mulheres, por serem filhas da Deusa, eram encarregadas de lembrar às comunidades estas datas e de preparar suas celebrações. Conforme a cultura e o período histórico, diferentes nomes designavam cada um destes arquétipos, embora fossem todos aspectos da Grande Mãe. E foi assim

que surgiram milhares de deusas, todas apenas interpretações dos mesmos atributos, características de uma única Deusa.

A substituição dos calendários lunares pelos solares, a subjugação e aniquilação das sociedades matrifocais, a queima dos registros escritos e a perseguição das filhas da Deusa - fossem como sacerdotisas e profetisas, fossem como curandeiras, xamãs, magas ou mestras -, sombrearam e destruíram uma grande parte desse acervo cultural e espiritual da humanidade. Mesmo assim, a força do feminino resistiu: extensos estudos e pesquisas, feitos por antropólogas, sociólogas e historiadoras, resgataram, da noite dos tempos, informações sobre milhares de deusas das culturas européias, asiáticas, polinésias, africanas, norte e sul-americanas.

E a Deusa voltou a ser lembrada e celebrada. As tradições, festivais e rituais sempre pertenceram às mulheres e, agora, são elas que, novamente, estão praticando a antiga Arte. Ver uma das manifestações da Deusa, celebrar um de seus atributos ou dedicar-lhe um ritual, são algumas das maneiras encontradas pelas mulheres contemporâneas de tornar a presença da Deusa real, próxima e permanente.

Comemorar a Grande Mãe sob todos seus nomes, criados e perpetuados nas várias culturas e idiomas, reforça os laços entre as pessoas, fazendo-nos sentir, no coração, o significado da irmandade, já que somos todos irmãos, filhos da Deusa, partes interligadas do Todo.

Janeiro

O primeiro mês do atual calendário gregoriano foi nomeado em homenagem ao casal divino Janus e Jana, ou Dianus e Diana, antigas divindades pré-latinas, tutelares dos princípios, das portas e entradas e dos começos de qualquer ação ou empreendimento. Governando o Sol e a Lua, Janus e Jana eram os primeiros invocados nas cerimônias, nos rituais e nas bênçãos de qualquer atividade. Com a chegada dos latinos, eles foram substituídos pelo casal divino de sua própria tradição, Júpiter e Juno. Ainda assim, o culto a Janus permaneceu, sendo sua bênção necessária para qualquer empreendimento autorizado por Júpiter.

Janus era considerado o deus do Sol e do dia, o guardião do Arco Celeste e de todas as portas e entradas, inventor das leis civis, das cerimônias religiosas e da cunhagem das moedas, que representavam-no como um deus com dois rostos, um virado para o passado e outro para o futuro. Os atributos de Jana foram assumidos por uma das manifestações da deusa Juno, representada como uma deusa dupla, Antevorta (que olhava para trás e lembrava o passado) e Postvorta (que olhava para frente e detinha o poder da profecia).

Janeiro contém, em si, a semente de todos os potenciais do novo ano, mas também guarda os elementos, as lições e os resíduos do ano que o precedeu. Por isso, é um período adequado para nos livrarmos do velho e do ultrapassado em nossas vidas e ocupações diárias, preparando planos e projetos para novas conquistas, mudanças e realizações.

De acordo com a tradição e a cultura de cada povo, este mês é conhecido sob vários outros nomes. No calendário sagrado druídico, que usa letras do alfabeto Ogham e árvores correspondentes, é o mês do úlamo, da letra Fearn e seu lema é “fazer escolhas, buscando proteção e orientação espiritual”. A pedra sagrada é a granada e as deusas regentes são as Nornes, Jana, Inanna, Anunit, Frigga, Sarasvati, Kore, Pele, Morrigan, Carmenta e Pax.

Já na tradição dos povos nativos, são várias as denominações, como Lua do Lobo, Lua da Neve, Lua Fria, Lua Casta e Mês da Quietude.

Os países nórdicos e celtas celebravam neste mês as Nornes - as três Deusas do Destino -, a deusa tríplice Morrigan - senhora da vida, da morte e da guerra - e Frigga - a deusa padroeira do amor e dos casamentos.

Na Índia, comemorava-se Sarasvati, a deusa dos rios, das artes e dos escritos, com os festivais Besant Panchami e Makara Sankranti.

Na antiga Suméria, celebrava-se a deusa do amor e da fertilidade Inanna e a deusa lunar Anunit.

Sekhmet, a deusa solar com cara de leoa e Hathor, a deusa lunar adornada com chifres de vaca, eram celebradas no Egito. A Grande Mãe era honrada em suas representações como a eslava anciã Baba Yaga e a criadora africana Mawu.

Várias comemorações gregas e romanas homenageavam as deusas Kore, Justitia, Carmenta, Athena, Pax, Ceres, Cibele e Gaia.

No Oriente, reverenciavam-se os ancestrais, as divindades da boa sorte, do lar e da riqueza, invocando suas bênçãos para o Ano Novo e realizando vários rituais para afugentar as energias malélicas e os azares.

Apesar das diferenças geográficas, climáticas, mitológicas e sociais, todas as antigas culturas tinham cerimônias específicas para fechar um velho ciclo e celebrar o início de outro. Mesmo que nossa cultura e realidade sejam completamente diferentes e estejam distanciadas no tempo e no espaço, nossa memória ancestral guarda os registros dessas celebrações de nossos antepassados e de nossas próprias vidas passadas. Por isso, podemos usar essas informações e lembranças dos antigos rituais e costumes para imprimir e promover mudanças no nosso subconsciente, materializando-as depois no nosso mundo real.

Podemos usar, de uma outra forma mais moderna e pessoal, a antiga sabedoria ancestral, dedicando o mês de Janeiro à "renovação da terra" de nossa realidade material, recolhendo-nos e contemplando a colheita no ano que passou, preparando as sementes para os novos planos e projetos.

Ano Novo

O Ano Novo é uma celebração universal, festejada nas mais variadas formas em várias culturas e tradições.



É a data mais significativa do calendário, uma reencenação da criação do mundo, uma regeneração ritualística. O tempo é abolido e recomeçado, assim como foi no início da criação. A renovação individual

acompanha a do ano, permitindo um novo começo, virando a página, um prenúncio de que aquilo que começa bem, acaba bem. Para garantir o sucesso e a abundância, antigamente eram feitos rituais e invocações às divindades, purificando-se e expulsando o mal, pois este momento era propício às interferências das forças negativas e às atuações de seres malignos e de fantasmas.

Segundo o historiador e escritor Mircea Eliade, os rituais essenciais para marcar o fim de um ciclo e o início de um novo, eram marcados por purificações, purgações, confissão de erros, expulsão de demônios e exorcismo das forças negativas. Os fogos dos templos e das casas eram apagados, para serem novamente acesos em rituais. Eram feitas procissões com máscaras e oferendas para os ancestrais, cujos espíritos eram recebidos, alimentados, festejados e depois acompanhados de volta a suas moradas nos cemitérios, lagos ou montanhas. Combates entre forças opostas - o bem e o mal, o velho e o novo - eram encenados. Os festejos eram barulhentos, com sinos, tambores e fogos de artifícios, para afastar os resíduos do ano que passou e ritos de fertilidade eram realizados para celebrar as promessas do ano que começava.

Dependendo do país, o início do Ano Novo pode variar, sendo determinado pelo calendário usado (lunar ou solar), pela posição de certas constelações, pelas mudanças das estações (equinócios ou solstícios), por certos acontecimentos naturais cíclicos (enchentes dos rios, início das chuvas ou das colheitas) ou pelas épocas propícias para a caça ou a pesca.

No antigo Egito, o início do ano era marcado pelas inundações do Rio Nilo, enquanto que, na Babilônia, a festa da colheita era o momento da transição entre o velho e o novo ano. Na Grécia e na Roma antiga, as datas

eram variáveis até 153 a.C., quando 1º de Janeiro foi declarado o começo do ano civil. Na China, a data era e ainda é móvel, em função da fase da Lua.

Na Europa antiga, o Ano Novo começava no equinócio da primavera, marcado pela entrada do Sol no signo de Áries, data mantida até hoje como o início do Ano Zodiacal. Com a adoção do calendário romano, a data foi transferida para 1º de Janeiro, dedicando-se este dia ao deus Janus, cujo nome originou o do mês. Esse deus era representado com dois rostos, um olhando para o passado e o outro para o futuro. Por isso, os romanos consideravam esse dia muito favorável para o acerto de contas, reavaliações pessoais - descartando o velho e projetando o novo - e para assumir novos planos, compromissos e relacionamentos.

Para os chineses, o Ano Novo começa com a primeira lua nova no signo de Aquário. Este dia é considerado o aniversário de todas as pessoas maiores de dezesseis anos e é celebrado com muita alegria e algazarra. Os festejos incluem procissões com sinos, címbalos, tambores e imagens de dragões - para afastar os demônios do azar e da infelicidade -, fogos de artifícios, reuniões familiares e rituais para os antepassados. Nas casas, queimam-se as velhas imagens das divindades protetoras dos lares substituindo-as por novas. Tiras de papel vermelho com encantamentos de boa sorte e proteção, são colocadas em todos os cantos. As pessoas tomam banho com folhas de laranjeira, vestem roupas e calçados novos e as casas são repintadas e enfeitadas com flores de pêssego, tangerinas e "kumquat" (mini-laranjas) para atrair a sorte. Todas as crianças recebem envelopes vermelhos com dinheiro e uma mensagem de boa sorte.

No Tibet, o Ano Novo começa no final do mês e as celebrações incluem um ritual para exorcizar as vibrações negativas do ano passado. Preparam-se imagens de massa de pão para atrair os espíritos maléficos. Durante sete dias, essas imagens são reverenciadas, depois são levadas para encruzilhadas e abandonadas. Apesar de estranho, esse ritual reconhece a existência das energias negativas acumuladas ao longo do ano e sua desintegração pela deterioração das imagens que as captaram.

No Japão, o Ano Novo começa na primeira lua nova de Janeiro, honrando as Sete Divindades da Boa Sorte - "Shichi Fukujin" - com um festival de três dias chamado San-ga-nichi. Antigamente, construía-se um "barco dos tesouros" (takarabune), que era lançado ao mar com as representações dos Deuses, sendo que cada pessoa guardava uma imagem desse barco embaixo do travesseiro para trazer sorte. Nas casas, era

proibido varrer durante os três dias do festival e nos altares domésticos eram colocados bolos de arroz de formato esférico para o Sol e para a Lua. As pessoas se vestiam com roupas novas, visitavam seus familiares, trocavam presentes e depois iam para os templos deixar oferendas para os ancestrais e festejar em suas casas com comidas tradicionais à base de arroz.

No interior do país, os camponeses faziam encantamentos para atrair a fartura das colheitas com um ritual no qual abria-se a terra e plantavam-se mudas de arroz, enquanto as pessoas oravam para as divindades. O Deus e a Deusa do arroz eram homenageados com oferendas de vinho e bolos de arroz, enquanto que, nas casas, colocava-se uma árvore enfeitada com réplicas dos produtos da terra (frutas, grãos e casulos de bicho-da-seda). Pessoas com máscaras grotescas dançavam nos campos para afastar as pragas e os pássaros de rapina.

Na Índia, o Ano Novo começa no quinto dia da lua crescente, no signo solar de Makara, correspondente ao signo ocidental de Capricórnio. Honram-se as divindades da abundância e da prosperidade com oferendas de comidas coloridas com açafrão e enfeitadas com flores amarelas. As pessoas vestem roupas amarelas e os chifres do gado são decorados com flores e pintados após os banhos de purificação nos rios sagrados, principalmente os Rios Jumna e Ganges.

Os antigos gregos celebravam, no início do ano, a deusa Hera - a padroeira dos casamentos -, com o Festival de Gamélia. Ofereciam-lhe figos cobertos de mel e guirlandas de ouro, invocando suas bênçãos durante os inúmeros casamentos feitos neste dia.

Na antiga Babilônia, festejava-se a deusa Nanshe com procissões de barcos enfeitados de flores e repletos de oferendas, similares aos festejos atuais de Yemanjá no Brasil. Acendiam-se fogueiras e lamparinas, as famílias vestidas com roupas novas reuniam-se, trocavam presentes e festejavam com comidas tradicionais e vinho. Nos templos, havia cerimônias de purificação com fogo, oferendas e libações para as divindades e adivinhações sobre as perspectivas do próximo ano.

Na Roma antiga, comemorava-se a deusa Anna Perenna com o Festival Strenia, durante o qual trocavam-se presentes - chamados "strenca" - entre amigos e familiares. Neste dia, faziam-se também oferendas para a deusa Fortuna, invocando suas bênçãos de boa sorte e de prosperidade para todo o ano.

1º de Janeiro



Este dia é consagrado às deusas gregas e romanas do destino - às Parcas e Moiras, à deusa tríplice celta Morrigan, a Deusa-Mãe saxã Bertha, aos deuses romanos Janus e Jana e às divindades japonesas protetoras das casas e das famílias - Shichi Fukujin.

Inspire-se nestas antigas tradições e costumes populares e crie um ritual diferente, para invocar e fixar bons influxos e energias positivas para o Novo Ano.

Na véspera, limpe sua casa, retirando todas as objetos e roupas que estejam impregnados com lembranças dolorosas ou energias negativas. Purifique-os com incenso ou com água com sal grosso, levando-os para os menos favorecidos pela sorte. Lembre-se de que descartando o velho, abre-se espaço para o novo. Toque um sino ou um chocalho por toda a casa para espantar os maus fluidos, “varra” as paredes, os móveis e o chão com uma vassourinha de galhos de eucalipto retirando as “teias” da estagnação. Abra as portas e as janelas e defume todos os quartos com uma mistura de ervas aromáticas (eucalipto, arruda, guiné, manjerição, sálvia, alecrim e alfazema), visualizando uma chama violeta purificando e transmutando os resíduos do ano que findou.

No dia seguinte, acenda sete velas brancas e sete varetas de incenso de verbena, orando para as divindades da boa sorte. Decore sua casa com flores brancas e faça um pequeno altar com as fotografias de seus antepassados, alguns cristais e um prato com frutas, cereais e trigo.

Confeccione um “barquinho dos tesouros”, colocando nele sete símbolos que representem para você sorte, prosperidade, saúde, felicidade, criatividade, habilidade e harmonia. Enfeite o barquinho com fitas vermelhas e douradas e alguma imagem de dragão. Escreva uma carta com seus pedidos para o Ano Novo e uma invocação para as deusas do destino e divindades da boa sorte, pedindo proteção, ajuda e orientação na escolha e na realização de seus objetivos ou intenções.

Comemore comendo bolinhos de arroz, maçãs assadas com mel, nozes, passas e uvas. Brinde com sidra, saquê ou vinho tinto para as sete

divindades da boa sorte e para os ancestrais, agradecendo-lhes o legado que deixaram. Ofereça um pouco da comida e da bebida para a Terra, perto de uma árvore e guarde o Barquinho da Sorte em seu altar.

Se você quiser fazer um ritual específico, dedicado a uma deusa determinada ou para algum projeto ou propósito, na véspera do Ano Novo, prepare um pequeno altar com flores, incenso, cristais, frutas e imagens de deusas ou anjos. Pegue uma vela prateada (ou passe purpurina em uma vela branca), segure-a entre suas mãos e, sem acendê-la, concentre-se em seus projetos para o Ano Novo, em decisões e resoluções que você quer colocar em prática para melhorar sua expressão pessoal e seu relacionamento com o mundo. Projete essas formas-pensamento na vela ou inscreva algumas palavras ou símbolos em sua superfície, com a ajuda de uma agulha virgem.

Quando sentir que a vela absorveu sua energia, unte-a com algumas gotas de essência de jasmim, passando o óleo na vela do meio para a ponta e depois do meio para baixo, sem encharcá-la. Continue se concentrando em seus propósitos durante a unção, magnetizando assim a vela com suas energias mentais e seu desejo. Acenda a vela e eleve-a para o céu, visualizando uma deusa lunar de sua preferência ou a Grande Mãe.

Recite a seguir esta invocação mágica: “Dedico esta vela na véspera de um Ano Novo para meu compromisso e minhas resoluções. Tomando a deusa lunar (diga o nome da deusa) como testemunha, eu (diga seu nome) faço essa promessa para mim mesma. Eu me comprometo a colocar em prática minhas decisões, sem me deixar desviar deste objetivo (diga o objetivo). Prometo não desistir e manter a minha promessa, continuando firme em meu propósito, usando toda minha força de vontade, determinação e perseverança, honrando, assim, a mim mesma. O poder está em mim e, se por acaso ele diminuir, tenho confiança de que invocando os poderes da deusa (diga novamente o nome), ele aumentará, permitindo-me aprender com as lições do passado, sem incorrer nos mesmos erros e olhar com fé, confiança e esperança para o Novo Ano”.

Coloque a vela de volta em seu lugar e deixe-a queimar até o fim. Jamais apague uma vela dedicada a um propósito pois, dessa maneira, você apaga sua intenção mágica.

Durante o ano, se sentir um enfraquecimento de sua vontade para manter seu compromisso, repita esse ritual durante a lua nova, usando a mesma invocação ou outra criada por você mesma.

2 de Janeiro



Celebração das **Nornes**, as deusas do destino da mitologia nórdica. Reverencie a anciã Urdhr, pedindo-lhe que a ajude a aproveitar as lições do passado, sem precisar repetilas. À mãe Verdandi, peça que a oriente em suas opções e decisões. Invoque também a jovem Skuld para que ela seja benevolente ao traçar seu futuro.

Aniversário da deusa Inanna, a rainha suméria do céu e da Terra, irmã gêmea da deusa Ereshkigal, a senhora do mundo subterrâneo e da morte. Essa dualidade simboliza a eterna busca do equilíbrio entre a luz e a sombra, a vida e a morte, o céu e a Terra. Inanna é uma deusa poderosa; aqueles que receiam o sucesso devem rezar para que ela afaste seus medos.

3 de Janeiro

“Dança da Corça”, cerimônia das mulheres dos índios Pueblos dedicada ao aumento da fertilidade. Essa cerimônia incluía danças rituais com máscaras de corças e chifres de cervos, sendo dedicada à Grande Mãe em sua representação como a “Mãe dos Cervos”.

Na Grécia Antiga, o festival Lanaia celebrava Dioniso, o deus do vinho e da fertilidade.

No Egito, neste dia, reverenciava-se a deusa Ísis em seu aspecto de Ísis Panthea ou Ísis todo-abrangente, a senhora da Lua, mãe do Sol e das estrelas, rainha da Terra e de todos os seres vivos, protetora e condutora dos mortos.

Comemoração de Santa Geneviève, a padroeira da cidade de Paris, reminiscência de uma antiga celebração da deusa da terra Onuava.



Fim dos festejos japoneses San-ga-nichi, celebrando a deusa da riqueza Tsai Shen com oferendas de peixe e vinho colocadas na frente de suas imagens. Os símbolos de boa sorte relacionados ao culto dessa deusa, eram o sapo com três pernas, a caixinha do tesouro onde morava Ho Ho Er Hsien, o Espírito da Fortuna, o morcego e os lingotes de ouro. Para atrair a bênção da deusa Tsai Shen para suas finanças, dedique-lhe um pequeno altar com alguns desses símbolos, junto com velas, moedas untadas com a essência do seu signo, uma posta de peixe frita e um copo de vinho. Visualize a deusa abrindo seu cofre mágico e encaminhando o Espírito da Fortuna para você.

4 de Janeiro

Festa de **Kore**, na antiga Grécia, uma manifestação da Deusa como Virgem ou Donzela. Celebrada como a deusa dos campos verdes e dos brotos, suas estátuas eram adornadas com jóias e carregadas sete vezes ao redor das cidades e das casas, pedindo proteção e boa sorte.

Comemoração de Tamar, uma antiga deusa russa, senhora do céu, do tempo e das estações. Segundo a lenda, Tamar era uma eterna virgem que voava pelo céu cavalcando uma serpente dourada. Ela morava em um palácio de pedra, construído por cegonhas e andorinhas e, apesar de virgem, ela engravidou pelo toque dos raios solares e gerou um ser angelical. Como governante das estações, Tamar aprisionava o mestre dos ventos durante os meses de verão e o liberava para que trouxesse a neve no inverno.

Na Coreia, o ritual das Sete Estrelas pedia sorte e prosperidade com oferendas de arroz para as divindades da constelação Ursa Maior.



5 de Janeiro

Festa de **Befana**, na Itália, reminiscência da antiga celebração da deusa Befana, a Anciã, também chamada de La Vecchia ou La Strega, que trazia presentes para as crianças e expulsava os espíritos do mal. Ainda



hoje, em alguns lugares, costuma-se fazer uma boneca de trapos representando uma velha e pendurá-la do lado de fora. Acreditava-se que os mortos que vinham visitar seus parentes no dia 1º de Novembro ficavam até este dia, quando Befana os conduzia de volta a suas moradas.

No calendário celta, esta noite chama-se “A Décima Segunda Noite” e assinala o fim dos festejos de Natal (“Yule”) e o início das atividades interrompidas durante as festividades. O período de doze dias entre o Natal e a Epifânia era, antigamente, um tempo de repouso e alegrias. Segundo a tradição, as decorações de Natal devem ser retiradas e guardadas neste dia. Os povos antigos, nesta data, abençoavam a terra e as casas, oferecendo sidra e bolos às árvores frutíferas para atrair a prosperidade das colheitas.

Abençoe e consagre seu espaço, doméstico ou profissional, aspergindo água de fonte ou de chuva, acendendo um incenso feito com mirra, benjoim ou olíbano, orando para seus protetores espirituais e recitando algum mantra ou prece de proteção. Ofereça um pão e um pouco de sidra para a Terra, agradecendo as futuras realizações e aprendizados neste novo ano. Para garantir sua situação financeira, chupe três sementes de romã e três grãos de trigo ou arroz. Coloque-os depois em sua bolsa, junto com três folhas de louro e um objeto de ouro, pedindo às deusas do destino que assegurem sua segurança material.

6 de Janeiro

No calendário celta, neste dia, celebrava-se a deusa tríplice **Morrigan**: Ana, Badb e Macha. Essa deusa regia a guerra e a morte, sendo invocada com cânticos e inscrições rúnicas antes das batalhas. Segundo as lendas, ela aparecia antes de cada luta, ora sobrevoando o campo de batalha em forma de corvo, ora vigiando os guerreiros em forma de serpente ou no final da batalha, como “A lavadeira da vazante”, a gigante que lavava as armaduras dos mortos e os ajudava em sua travessia para o mundo subterrâneo.



Epifânia, comemoração dos Reis Magos. A Igreja Ortodoxa comemora, neste dia, a Festa das Luzes e o Batismo no Rio Jordão. Os padres benzem as casas, aspergindo água benta com galhos de manjeriço. Apesar da baixa temperatura, as pessoas mergulham nos rios para se purificarem.

Na Espanha, as crianças recebem uma parte de seus presentes no Natal e o resto neste dia. Aquelas que escreveram cartas para os três Reis Magos recebem seus presentes e todos comem as roscas tradicionais, chamadas “roscon”. Em troca dos presentes, as crianças deixam uma oferenda para os Reis Magos: um copo com conhaque, nozes, frutas e um balde de água para seus camelos. As crianças que não se comportaram bem, encontram em seus sapatos pedaços de carvão em vez de doces ou brinquedos. Em certas regiões, ainda são feitas procissões, em que as pessoas carregam representações dos três Reis Magos para atrair boa sorte.

Celebração de Nehelena, a deusa celta guardiã dos caminhos. Ela era invocada para proteger as viagens, abrir os portais para o mundo dos sonhos e conduzir o buscador para os mundos interiores.

Na antiga Alexandria, festejava-se o retorno da deusa Kore do mundo subterrâneo, invocando suas bênçãos para a terra e para as mulheres.

No antigo calendário juliano, nesta data começava o Natal.

7 de Janeiro

Dia de **Sekhmet**, a deusa solar egípcia com cara de leoa, simbolizando o poder destruidor do Sol enquanto Bast, a deusa solar com cara de gato, representava o poder criador e fertilizador do Sol. A equivalente sumeriana de Sekhmet era Lamashtu, a “Filha do Céu”, uma deusa com cabeça de leão dotada de intenso poder destruidor, contaminando as crianças com febres e atacando os adultos para beber seu sangue. Para se proteger de sua fúria, as pessoas colocavam amuletos com seu nome acima de todas as portas e janelas das casas.



No Japão, Festival das Sete Ervas, dedicado à cura e aos curadores. Inspire-se nesta data e escolha sete ervas curativas ou aromáticas, usando-as em chás ou banhos para se purificar ou desintoxicar. Celebrava-se também neste dia Izanami, a deusa primordial da terra, criadora da principal ilha do arquipélago japonês.

8 de Janeiro

Na Roma antiga, neste dia celebrava-se **Justitia**, a deusa romana da justiça, invocada em todos os juramentos e promessas. Justitia era venerada pelos gregos com o nome de Themis, a deusa da ética e da justiça, guardiã da balança da justiça e conselheira de Zeus em todos os julgamentos e decisões.

Nos países nórdicos, comemora-se neste dia Freyja, a deusa do amor, da fertilidade e da magia.

Dia da parteira, na Macedônia e na Grécia, dedicado à deusa Babo ou Baubo. Seu nome significava “ventre” e ela representava o riso e a alegria que sacode o ventre. Baubo era representada como um corpo sem cabeça e membros, seus seios formando os olhos e sua genitália, a boca barbuda. Foi ela quem fez a deusa Deméter rir quando ela estava triste pela perda de sua filha sendo, por isso, invocada para novamente trazer a alegria nos momentos de tristeza.

Neste dia, recolha-se e medite sobre os atos injustos cometidos voluntária ou involuntariamente, elaborando um ritual de perdão para se perdoar ou perdoar os outros. Confeccione um talismã para atrair pessoas honestas e acontecimentos justos. Exponha à luz solar, durante oito horas, uma fava de baunilha, quatro hematitas e quatro sementes de girassol. Imante-as com estas palavras:

“Assim como a luz afasta a sombra, que me seja revelada a desonestidade ao encontrá-la. Que o poder de Justitia prevaleça nos fatos e acontecimentos de minha vida.”

Enrole os objetos em um pedaço quadrado de tecido púrpura e use o talismã em sua bolsa.



9 de Janeiro

Dia da deusa **Anunit** ou Antu, a padroeira da cidade de Akkad, na Babilônia, antecessora de Ishtar, deusa com a qual foi posteriormente equiparada. Simbolizada por um disco com oito raios, Anunit regia a Lua, juntamente com seu irmão Sin, sendo invocada nas guerras. Em outros mitos, Anatu aparece como a Grande Mãe da Mesopotâmia, criadora da Terra e regente do Céu, mãe da deusa Ishtar.

Conecte-se com o eterno e universal arquétipo da Grande Mãe e de seus poderes criadores e fertilizadores da vida. Medite a respeito de seu potencial - expresso ou ainda em estado latente - e procure descobrir os meios para aumentá-lo, desenvolvê-lo ou diversificá-lo, por meio da análise e da compreensão de sua Lua Natal. Procure um bom profissional e conheça as habilidades e possibilidades indicadas em seu mapa astral. Invoque depois a deusa Anunit, para que ela lhe ajude a manifestar sua riqueza interior na vida diária.

Festa romana Agonia, dedicada ao deus Janus, o deus com dois rostos, padroeiro do mês.

10 de Janeiro

Início de Carmentália, o festival romano dedicado à deusa **Carmenta**, padroeira dos partos e dos recém-nascidos. As mulheres grávidas lhe fazem oferendas de arroz e de pastéis, modelados na forma dos órgãos genitais femininos, orando para ter um parto fácil. Reverenciava-se, também, Mamma, o aspecto oculto de Carmenta, a Mãe dos Fantomas, confeccionando-se efígies de palha e pendurando-as acima das portas das casas para espantar os maus espíritos e as assombrações.



Festival dos Sonhos, celebração do Ano Novo dos índios Iroquois.

Antigamente, na Escócia e na Irlanda, celebrava-se neste dia o Dia do Arado. As pessoas varriam as ruas com vassouras especiais para retirar os maus fluidos e saíam, depois, para os campos com seus arados, iniciando os trabalhos na lavoura.

Use a sabedoria antiga e pendure uma réstia de alho em sua cozinha, deixando-a até que os bulbos ressequem e “desapareçam”, sinal de que captaram e condensaram todas as energias negativas do ambiente. Defume então sua casa com uma mistura de ervas (casca de alho, folhas de arruda, guiné, eucalipto, pinheiro, sálvia e manjeriço) e “despache” a réstia usada, levando-a para uma mata ou para um lugar com água corrente, substituindo-a depois por uma nova.

11 de Janeiro



Dia dedicado à deusa nórdica **Frigga**, consorte do deus Odin e uma das manifestações da Grande Mãe. Seu emblema era a roca de fiar e este dia era chamado Dia da Roca, quando as mulheres reiniciavam suas atividades após os festejos de Yule.

Neste dia, celebrava-se também Juturna, a deusa romana das fontes e águas sagradas, padroeira das profecias.

Na Escócia, antigamente, os pescadores faziam um encantamento para afastar os azares e os malefícios. Ao pôr-do-sol, ateava-se fogo a um barril com piche, deixando-o queimar até amanhecer. Os pedaços carbonizados eram usados depois como amuletos de proteção em suas embarcações.

Sintonize-se com as deusas das águas e, ao cair da noite, encha uma vasilha de cerâmica preta com água da fonte. Na falta de cerâmica preta, pinte uma cumbuca de barro. Acenda uma vela branca e apague a luz. Medite, olhando por algum tempo para chama da vela, mas sem fixar a vista. Olhe depois para a superfície da água na cumbuca, procurando perceber formas, símbolos ou imagens. Se nada vir, não desanime.

Permaneça em silêncio e de olhos fechados. Formule uma questão ou pergunta e deixe a resposta ou a mensagem se formar em sua tela mental, plasmada pelo dom da deusa Juturna. Agradeça e despeje a água na terra, anotando a mensagem e procurando compreender e aplicar as orientações recebidas.

12 de Janeiro



Na Índia, comemorações de Besant Panchami, ou Dawat Puja, o festival de **Sarasvati**, deusa dos rios, das artes e dos escritos, do conhecimento e da criatividade. Diz a lenda que ela era rival de Lakshmi, a deusa da riqueza. Assim, uma pessoa não podia ser abençoada pelas duas deusas, ou seja, não podia ter o talento e a prosperidade.

Na África, cultua-se Oddudua, a Grande Mãe, criadora da vida, senhora da Terra e da natureza, regente da fertilidade e do amor.

Neste dia, celebrava-se em Roma, a festa de Compitália, louvando os deuses Lares, protetores dos lares e das casas.

Procure uma estatueta ou imagem do guardião do seu lar. Dê preferência àquelas confeccionadas em pedra, argila ou madeira. Cerque a imagem com pinhas, galhos de pinheiro ou eucalipto, chifres, ossos ou pelo de animais. Acenda uma vela verde e um incenso de cedro e passe-os por três vezes ao redor da estatueta, no sentido horário. Comunique-se mentalmente com seu guardião e peça-lhe ajuda e proteção para sua casa, seus familiares e seus bens. Apresente o guardião para seu mentor espiritual, pedindo-lhe que o abençoe e aceite-o para esta missão. Ofereça algo para seu guardião como agradecimento, como comida, moedas, vinho, mel ou cristais.

Se você quiser homenagear a deusa Sarasvati e invocar seus dons de expressão fluente e criativa para seu trabalho, limpe sua escrivaninha e seu computador passando um incenso de sândalo sobre eles. Coloque ao lado flores, uma vela amarela e uma imagem da deusa ou, então, escreva com tinta dourada seu nome. Entoe o mantra OM e visualize esta linda

deusa irradiando sua luz dourada sobre você e seu local de trabalho. Peça-lhe inspiração, conhecimento, criatividade e sucesso para seus projetos.

13 de Janeiro



Dia do Ano Novo pelo calendário juliano, festejado ainda em alguns lugares ao norte da Europa como o Festival “Wassailing”. Reverenciavam-se, neste dia, as Mulheres Árvores ou “**Bushfrauen**”, as guardiãs dos bosques e dos pomares. Elas apresentavam-se como mulheres com corpo de árvore, cabelos de folhas verdes e seios volumosos. Elas garantiam as colheitas se as pessoas cuidassem das árvores e homenageassem-nas.

Neste dia, brindava-se às macieiras com uma bebida quente típica feita com cidra, ovos batidos, maçãs assadas, mel, cravos e gengibre. Agradeciam-se os frutos e pedia-se que elas continuassem a frutificar no próximo ano. Os pedidos eram feitos por meio de invocações, cânticos ou até mesmo pancadas nos troncos e galhos para despertar o poder de fertilidade das árvores e chamar a proteção das “Bushfrauen”.

Experimente essa antiga receita e ofereça um pouco para a Mãe Terra. Pode ser em um jardim perto de uma árvore ou até mesmo em seus vasos de plantas.

Medite sobre seu potencial latente e “acorde-o”, ouvindo a voz de seu coração e buscando novos meios de expressão. Plante uma nova muda em seu jardim e cuide dela como se fizesse parte de você.

Antiga celebração na China de Chang Mu, a deusa protetora das parturientes e dos recém-nascidos, padroeira das mulheres.

Dia consagrado a Tiw, o deus nórdico do céu, e a Aegir, padroeiro dos marinheiros e viajantes no mar, esposo da deusa Ran e pai de nove sereias.

14 de Janeiro



Makara Sankranti, celebração hindu de purificação com banhos no Rio Ganges. Celebram-se as deusas **Samnati**, Sarasvati e Rukmini. As pessoas se banham e entoam mantras e cânticos sagrados. Vestem depois roupas amarelas e oferecem às deusas comidas tradicionais feitas com arroz e açafrão, enfeitadas com flores amarelas.

Comemoração de Ranu Bai, deusa hindu da água que enchia seu jarro de ouro com as águas de todos os rios e trazia fertilidade para as mulheres.

Inspirada pela data, procure você também uma cachoeira ou rio e tome um banho de purificação. Na falta, improvise com um banho com sal grosso e ervas do seu signo. Mentalize uma cachoeira de luz dourada purificando e renovando sua aura. Recite alguma oração ou entoe o mantra OM, conectando-se às deusas e pedindo-lhes harmonia e fertilidade, física ou mental. Ofereça-lhes depois seus agradecimentos, incenso de sândalo e flores amarelas.

15 de Janeiro

Fim da Carmentália, cerimônia dedicada à deusa romana **Carmenta**, padroeira dos partos e das profecias.

Neste último dia, reverenciavam-se todas as mães com procissões de carruagens enfeitadas de flores, comemorando-se também as ancestrais.

Nos países eslavos, celebravam-se Anapel, a “Pequena Avó”, deusa protetora dos recém-nascidos e regente da reencarnação e Ajysyt,



“A Mãe que dá à luz e nutre”, a deusa que trazia a alma para o feto, ajudava em seu nascimento e registrava seu destino em um grande livro dourado.

Festa do Asno, em Roma, honrando o asno da deusa Vesta, a deusa protetora do lar e guardiã da chama sagrada.

Comemoração do Cristo Negro na Guatemala.

16 de Janeiro



Celebração da **Mãe do Mundo**, a Rainha do Universo, na França.

Em Roma, festival de Concórdia, a deusa da harmonia, celebrando o princípio do relacionamento harmônico. Suas estátuas representavam-na como uma mulher madura, segurando em uma mão uma cornucópia e na outra um galho de oliveira.

Homenageava-se Ino, a filha de Harmonia, antiga deusa dos cultos agrícolas na Grécia pré-helênica, transformada em Leucothea, a deusa do mar.

Festival hindu de Ganesha, o deus-elefante filho da deusa Parvati.

Festa do deus indonésio do fogo Betoro Bromo, honrado pelos monges budistas no Monte Bromo com oferendas de flores e alimentos jogados na cratera do vulcão, onde acredita-se que o deus mora.

17 de Janeiro

Na Grécia, comemoração da deusa **Athena** em seu aspecto de guerreira. Athena foi eleita padroeira da cidade de Atenas em uma competição com o deus Poseidon, quando o deus ofereceu ao povo as ondas do mar e Athena plantou a oliveira, presente que foi bem mais útil. O mito original descreve Athena como uma antiga deusa minoana, guardiã da terra e da família, a quem foram acrescentadas as características guerreiras da deusa Pallas, trazida posteriormente pelas tribos gregas.



Em Roma, celebrava-se Felicitas, a deusa da boa sorte e da felicidade, equivalente à deusa grega Eutychia.

Comemoração da deusa das montanhas Tacoma, reverenciada pelos índios Salish, Yakima e outros. Segundo as lendas, Tacoma era uma mulher grande e gorda, que comia tudo que estava ao seu alcance. Um dia, seu corpo não agüentou e estourou, ficando petrificado e transformando-se no Monte Rainier, um local sagrado para as tribos nativas, que vão para lá em busca da “visão sagrada”.

No México, neste dia, benzem-se os animais.

18 de Janeiro

Antiga celebração de **Shapash**, a deusa hitita do Sol e da luz do dia. Chamada de “A Tocha dos Deuses”, Shapash era uma deusa solar abrangente. Associada ao deus solar Baal, ela regia a fertilidade; em parceria com Mot, o deus da morte, ela destruía as colheitas e queimava a terra. Um outro aspecto dessa deusa era Wurusemu, venerada na cidade de Arinna e consorte do deus do tempo Taru.

Festival hindu do Sol, homenageando o deus e a deusa Surya, divindades solares regentes da luz.

Homenageava-se também Usas, a deusa da Alvorada, mãe das estrelas matutinas que anunciavam sua chegada na carruagem puxada por vacas vermelhas.

Na China, reverencia-se o deus do lar Zao Jun com orações e oferendas de bolos de arroz doce. Neste dia, joga-se feijão nos telhados para atrair a boa sorte, pendurando-se nas casas imagens novas do deus, queimando-se as antigas.

19 de Janeiro

Pongal, festival hindu venerando Jagaddhatri - a deusa da primavera, Rati -, a esposa do deus do amor Kama e Lakshmi - a deusa da fortuna e da prosperidade. As mulheres vestiam roupas amarelas e



preparavam o “pongal”, arroz cozido no leite. Os homens entoavam a canção sagrada Vasant Rag e tocavam cítaras e flautas. As casas eram decoradas com flores e fitas, o gado lavado com água com açafreão, enfeitado com guirlandas de flores e alimentado com frutas e bolos. As pessoas trocavam presentes entre si e festejavam depois, de forma alegre e ruidosa.

Festival Thorrablottar, dedicado ao deus nórdico Thor, regente do céu, dos raios e dos trovões. Atualmente, essa festa ainda é preservada pelas pessoas mais idosas, que pedem proteção contra as tempestades. A mãe de Thor era a deusa Jord, a forte e protetora Mãe Urso, representando a terra não cultivada em sua forma primordial. Nos demais países escandinavos, além de Jord, também era conhecida por Fjorgyn, Hlodyn ou Ertha.

20 de Janeiro

Festa de Santa Inês ou Santa Agnes, modernização da antiga festa da deusa **Yngona**, a versão dinamarquesa de Anna ou Danu, a Grande Mãe dos celtas. É um dia propício para o encantamento e a preparação de poções e elixires de amor.

No Brasil, celebra-se o Orixá Oxosse, o deus iorubano da mata e dos caçadores, representado na Umbanda por manifestações de caboclos e caboclas.

Nas lendas indígenas, mencionam-se Jarina e Jurema, deusas das árvores cujos nomes e qualidades foram adotados pelas respectivas caboclas. Da árvore de jurema preparava-se uma bebida alucinógena, ingerida pelas “cunhãs” - profetisas - para induzir visões por meio de transe.

Aproveite a egrégora do dia e vá para uma mata. Saúde os guardiões e revitalize seus centros energéticos, entrando em conexão com o poder restaurador das árvores e do prana. Abraça uma árvore, faça alguns exercícios respiratórios, visualize a energia verde das plantas limpando sua aura e fortalecendo sua saúde. Reverencie todos os seres da natureza, ofertando-lhes alguns frutos, flores e vinho. Queime um pouco de fumo, enviando suas orações por meio da fumaça.

21 de Janeiro



Dia Universal da Religião, honrando todos os caminhos e práticas espirituais.

Celebração de **Baba Yaga** ou Jedza, nos países eslavos. Baba Yaga era uma deusa anciã, representada como uma mulher enorme, velha, de cabelos desgrenhados e com pés e bico de ave. Ela construía sua casa com as ossadas dos mortos, andando sempre acompanhada por uma serpente. Essa simbologia, utilizada de forma pejorativa pela Igreja Católica para descrever as bruxas, sintetizava, na verdade, a idéia da morte e da reencarnação, os ossos dos mortos servindo para construir uma nova casa. A mulher velha era o aspecto de anciã da Grande Mãe, estando o poder de transmutação da Lua Negra representado na figura da serpente.

A lenda de Baba Yaga ou Baba Den sobreviveu nas famosas bonecas russas de encaixar, as “matrioshka” e nos bordados dos trajes típicos. A “matrioshka” representa a Deusa, que dá e tira a vida, parindo e recebendo de volta em seu ventre suas numerosas filhas.

Dia dedicado às anciãs, às avós e às práticas de purificação.

Honre a face anciã da Deusa, fazendo uma gentileza ou dando um presente para uma mulher idosa. Se preferir, participe de um culto aos antepassados. Adquire uma “matrioshka” e coloque-a em seu altar como representante da Grande Mãe, doadora da vida e da morte, ou Baba Den.

22 de Janeiro

Festa de **Mawu**, a Deusa-Mãe em Dahomey, na África, a criadora da Terra e dos seres humanos, senhora da Lua, da noite e do amor.

Festival das Musas, honrando as deusas da poesia, da arte, da música e da dança.



Comemoração da deusa canaanita Asherah, a Rainha do Céu, reverenciada por meio das árvores. A modernização dessa celebração é o Festival Judeu das Árvores, Tu B'Shivath. As pessoas plantam árvores e abençoam os jardins.

Perto de uma árvore, faça uma oferenda de cereais, pão, flores ou frutas à Grande Mãe. Peça-lhe que abençoe sua vida com saúde, fartura, realizações e harmonia. Abraça a árvore e sinta-se protegida, abençoada e amada pela própria Mãe Divina. Modele, depois, com argila um símbolo ou uma representação da Mãe Criadora da Vida e de todas suas manifestações.

23 de Janeiro

No Egito, celebração da deusa lunar **Hathor**, reverenciada com oferendas de leite, flores e cânticos às margens do Rio Nilo.

Hathor era a deusa da beleza, do amor e da arte. Era representada adornada com o globo lunar e com chifres de vaca. Por isso, a vaca e seu leite eram considerados sagrados, assim como na Índia. A lenda relata como Hathor, na forma de vaca, gerou o mundo inteiro e o próprio Sol, o deus Ra. Hathor cuidava dos mortos quando eles chegavam ao Mundo Subterrâneo, amamentando-os com seu leite.

Dança do Búfalo na tribo norte-americana Comanche. Oito dançarinos, vestidos com pele de búfalo e pintados com tinta vermelha, branca e preta, imitam os movimentos dos búfalos, marcando o compasso com chocalhos e batidas de tambor. Outros dois dançarinos, vestidos com peles de ursos, representam os animais predadores, que devem ser afastados das manadas. Os anciãos da tribo recitam orações para invocar a fartura e afastar os azares, invocando a bênção da Mulher Búfala Branca.



Comemoração na Irlanda de Banba, uma antiga deusa celta da vida e da morte que, juntamente com Eire e Fotla, formava a tríade das deusas ancestrais regentes deste país.

Homenageie Hathor e a Mulher Búfala Branca - que trouxe aos índios a cerimônia do Cachimbo Sagrado e da Dança do Sol - oferecendo-lhes leite e diminuindo ou abolindo a carne de vaca de sua alimentação.

24 de Janeiro



Bênção das velas, na Hungria, cerimônia de purificação dedicada à deusa do fogo Ponyke. Celebra-se a luz, iluminando e purificando as energias escuras dos ambientes e das pessoas.

Celebração de Bisal Mariamna na Índia, a deusa da luz solar. Ela era representada por uma bacia de cobre, cheia de água e flores, em cuja superfície a luz solar era refletida com a ajuda de um espelho de metal dourado.

Aproveite a data para consagrar suas velas. Medite sobre os Sete Raios e as divindades a eles relacionadas.

Acenda uma vela na cor correspondente a seu raio preferido e percorra todos os quartos, orando e invocando a Luz Maior para purificar e abençoar sua casa, afugentando as sombras.

25 de Janeiro

Disting, importante dia no calendário rúnico dedicado às **Disir**, deusas protetoras dos homens, acompanhantes da deusa do destino Urdh.

Na mitologia eslava, as deusas do destino se chamam Rodjenice ou Rozdenici e, da mesma forma que as Parcas gregas, acompanhavam todos os nascimentos,



tecendo, medindo e cortando o fio da vida. Para atrair suas bênçãos aos recém-nascidos, elas deveriam receber uma parte da comida da festa de batizado. Antigamente, as mães enterravam a placenta de seus filhos sob uma árvore frutífera, invocando essas deusas para protegerem-nos.

Festival vietnamita Tet, invocando as bênçãos das divindades e dos ancestrais com orações e oferendas, afastando as energias negativas e os espíritos maléficos com assobios, sinos e tambores.

26 de Janeiro



Festival de **Ekeko**, o deus da abundância dos índios Aymara e de Mama Allpa, a deusa peruana da terra e da riqueza. Neste dia, troque os saquinhos de mantimentos do seu boneco Ekeko. Coloque um cigarro aceso em sua boca, ofereça um pouco de cada mantimento para a Mãe Terra, invocando sua proteção e abundância no decorrer do ano. Como gratidão, leve alguns alimentos para um orfanato ou asilo.

Comemoração de Omamama, a deusa ancestral da tribo nativa norte-americana Cree. Apesar de tão velha quanto a própria Terra, Omamama era extremamente bonita e muito amorosa com seus filhos - as divindades e os espíritos da natureza. Seu primogênito era o pássaro do trovão, os outros eram o bruxo sapo, o lobo e o castor. Depois de tê-los gerado, pedras e plantas começaram a cair de seu volumoso ventre, até formar a Terra, da maneira que é conhecida hoje.

Celebração de Cernunnos, o deus celta da fertilidade, senhor dos animais e da vegetação. Os sacerdotes vestiam mantos de peles, usavam adornos com chifres e tomavam uma bebida feita com o “veludo” das pontas dos chifres do cervos, que tinha efeitos afrodisíacos e o poder de provocar visões.

Aproveite a energia deste dia e conecte-se ao seu animal de poder ou às forças e espíritos da natureza.

27 de Janeiro



Celebração romana de Sementivae Feria, dedicada às deusas dos grãos e da colheita Ceres, **Deméter**, Cibele e Gaia.

Medita a respeito de seu potencial não desenvolvido: pense nele como uma semente, esperando preparativos e auxílios para germinar e frutificar.

Comemoração de Ishtar na Babilônia, a deusa do amor e da fertilidade, adaptação da deusa suméria Inanna, sendo seus mitos e atributos muito semelhantes. Ishtar foi assemelhada à deusa lunar fenícia Astarte, seus mitos e imagens confundindo-se muitas vezes.

Os povos pré-colombianos celebravam, neste dia, Huitaca e Si, as deusas da Lua e da magia. No Brasil, os índios tupi-guarani veneravam Yacy como a lua cheia e mãe da natureza.

Paganalia, celebrações romanas para Tellus Mater, a Mãe Terra.

28 de Janeiro

Dia dedicado à deusa **Pele**, a padroeira do Havaí, guardiã do fogo vulcânico. Sua presença ainda é extremamente marcante na história de seu povo, tanto como culto quanto em suas manifestações vulcânicas permanentes. São comuns as oferendas de flores, cigarros, bebidas e jóias nas crateras do vulcão Kilauea, sua morada, bem como suas “aparições”, como uma linda mulher pedindo carona ou cigarros para os turistas desavisados nas noites de lua cheia, desaparecendo depois misteriosamente.



Up Helly Aa, festival escocês do fogo, celebrando a luz e o Sol. Neste dia, purificavam-se as casas com tochas, honravam-se as divindades com fogueiras e oferendas e pediam-se bênçãos para o Ano Novo.

Na China antiga, peregrinação ao altar de T'sai Chen, a deusa da fortuna, para abençoar os símbolos da boa sorte, como o sapo, o morcego, as moedas e a caixa da prosperidade.

Adquira alguma imagem ou estatueta representando um destes símbolos e coloque-a em seu altar ou use o “sapinho da sorte” na bolsa.

29 de Janeiro

Ano Novo vietnamita, celebrado com a Parada dos Unicórnios, símbolos da força e da vida.

Segundo o historiador Robert Graves, o chifre do unicórnio representa “o pólo que alcança o zênite”, tendo sido, por isso, sempre considerado um símbolo fálico por excelência. Embora tenha sido comprovada sua existência física na Índia e na África, o unicórnio passou a ser considerado um animal mítico e mágico, usado na heráldica, nas inscrições egípcias, nas lendas orientais e medievais e nos rituais mágicos.



Celebração de Concórdia, a deusa romana da paz e harmonia domésticas. Neste dia, eram purificadas as casas e harmonizados os relacionamentos familiares.

Reúna você também sua família, procurando resolver alguns mal entendidos, apaziguando os ânimos ou reforçando a harmonia e a paz familiar. Faça o “jogo da verdade” para lavar as roupas sujas mas, depois, com todos juntos de mãos dadas, visualizem a luz rosa do amor abrindo e unindo os corações.

Celebração de Hebe, a jovem deusa da primavera que servia ambrosia e néctar às divindades do Olimpo, garantindo, assim, sua eterna juventude. Hebe representava o aspecto jovem, de donzela, da deusa Hera. Com o advento dos mitos patriarcais, Hebe foi diminuída a uma simples mortal, sendo substituída no Olimpo pelo jovem Ganymede, o favorito de Zeus.

30 de Janeiro

Festival romano da paz, comemorando as deusas **Pax** e Salus com procissões e orações em prol da paz.

Celebrações em Roma das deusas da cura Anceta e Angitia, cujas ervas sagradas e encantamentos curavam as febres e os envenenamentos por picadas de cobras.

Celebração no Egito dos poderes curativos da deusa Ísis.



Festa de Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora das Águas, comemorações brasileiras e mexicanas de purificação pelas águas, derivadas das antigas celebrações das deusas das águas Ahuie, Atlatona, Matlalcuye e Tatei Haramara.

Sintonize-se com a egrégora da paz e acenda uma vela branca, orando pela paz interior, familiar, coletiva, planetária e universal.

Invoque depois as deusas das águas, pedindo-lhes que preservem a pureza da água dos rios e dos mares, apesar da poluição causada pelos seres humanos.

31 de Janeiro

Celebração da deusa **Maile**, “A cheirosa”, no Havá e na Polinésia. Representada como duas ou quatro irmãs, simbolizando suas várias qualidades, Maile era a deusa da murta, uma trepadeira com flores cheirosas. Ela regia a Hula, a dança sagrada, a alegria e o poder sedutor das mulheres. A murta ou mirto, era usada para adornar os templos e acredita-se que ela tem o próprio cheiro da deusa.



Dia dedicado às Valquírias, as deusas guerreiras da mitologia nórdica que recolhiam as almas dos guerreiros mortos em combate.

Acreditava-se que a aurora boreal, o Sol da meia-noite dos países nórdicos, era a luz refletida pelos escudos das Valquírias ao levarem as almas para Valhalla, o templo dos deuses.

Reverenciava-se também a deusa Hlin, a padroeira das mulheres fragilizadas, fisicamente ou emocionalmente, que ela protegia e defendia dos perseguidores ou aproveitadores.

No vale de Katmandu, no Nepal, celebra-se, neste dia, a deusa do conhecimento e da educação Sarasvati, com oferendas de flores, frutos, incensos e velas.

Na China comemora-se Kwan Yin, a deusa da compaixão e misericórdia.

Celebração de Hécate, a deusa grega da noite, da lua minguante e das encruzilhadas, senhora do mundo subterrâneo e dos mortos.

De acordo com seu estado de espírito, sintonia ou necessidade, conecte-se a uma destas deusas e invoque seus atributos e qualidades para sua vida. Silencie sua mente, abra sua percepção e deixe sua intuição guiar-lhe para criar um ritual ou cerimônia pessoal, indo ao encontro da deusa escolhida.

Fevereiro

Alguns escritores consideram o nome deste mês derivado do nome do deus romano Februus, posteriormente identificado com Plutão. Fontes mais antigas, no entanto, citam a deusa Februa como a padroeira do mês. Februa era a deusa da “febre do amor”, da paixão, tendo sido mais tarde adaptada para um dos aspectos da deusa Juno. Seus ritos orgiásticos persistiram ao longo dos tempos, tendo sido transformados na comemoração cristã de São Valentim, quando amigos e namorados trocam entre si bilhetes em forma de coração e presentes, na Europa e nos Estados Unidos.

O nome celta deste mês é Feabhra e o anglo-saxão, Solmonath, assinalando o retorno da luz após a escuridão do inverno.

No calendário sagrado druídico, a este mês é atribuída a letra Saile do alfabeto oghâmico, sendo o salgueiro a árvore correspondente. O lema do mês é “busque o equilíbrio em sua vida, mesmo se passar por experiências dolorosas”. A pedra é a ametista e as deusas regentes são Brigid, Juno Februa, Afrodite, Selene, Diana, Carista, Hygéia e as deusas da Terra.

Nas tradições dos povos nativos, os nomes deste mês retratam ou os rigores climáticos do hemisfério Norte - Lua da Neve, Lua da Tempestade, Lua da Fome, Lua Selvagem - ou as antigas práticas de purificação espiritual - Lua Vermelha da Limpeza, Mês da Purificação.

Fevereiro é o mês mais curto do ano. Segundo uma lenda, perdeu um dia em favor de Agosto. Inicialmente, os meses alternavam entre trinta e trinta e dois dias mas, em algum momento, foi alterado e o mês perdeu dois dias em relação aos outros, exceto nos anos bissextos.

Na antiga Grécia, celebravam-se, neste mês, os Mistérios Menores de Eleusis, com o retorno da deusa Kore do mundo subterrâneo e o despertar da natureza. Celebrava-se também, durante a lua cheia, o festival da deusa Afrodite.

Em Roma, os festivais de Parentália e Ferália louvavam os ancestrais, o de Lupercália promovia rituais de purificação e fertilidade, o de Terminália

reforçava a proteção das propriedades, enquanto o de Concórdia celebrava a paz e a harmonia entre as pessoas. Comemorava-se também Diana, a deusa da Lua e das florestas.

Na lua cheia deste mês comemorava-se, na China, a deusa da compaixão e misericórdia Kwan Yin, enquanto que na lua crescente celebrava-se, na Índia, a deusa Sarasvati e, no Japão, a deusa solar Amaterasu, com o festival das lanternas Setsu-Bun-O.

O povo inca tinha o Festival do Grande Amadurecimento, chamado Hatun Pucuy.

Os judeus celebram até hoje o Purim, festival dedicado à Rainha Ester, que salvou o povo hebraico de um massacre. As famílias vão à sinagoga e depois festejam com comidas tradicionais. As crianças se vestem com fantasias e encenam várias peças de teatro, trocando depois presentes entre si.

Fevereiro é um mês propício tanto às reconfirmações do caminho espiritual quanto às iniciações, dedicando sua devoção a uma divindade com a qual você tenha afinidade.

Antes de preparar qualquer cerimônia ou ritual, recomenda-se a purificação do ambiente (casa, propriedade, carro ou local de trabalho), uma desintoxicação física e uma limpeza espiritual pessoal. A purificação muda os campos energéticos, removendo as energias mais densas e pesadas e abre espaço para as energias benéficas e renovadoras. Preparam-se, assim, tanto os ambientes como o corpo, a mente e o espírito para novos aprendizados, novas vivências e novas realizações.

Na tradição Wicca, o Sabbat Imbolc - ou Candlemas - celebra a deusa tríplice Brighid, a Senhora do Fogo Criador, da Arte e da Magia. É uma data favorável às iniciações e renovações dos compromissos espirituais, bem como para purificações ritualísticas, práticas oraculares e cerimônias com fogo.

1º de Fevereiro

Celebração da deusa tríplice celta **Brighid** ou Bridhe, a deusa do fogo criador e da inspiração, senhora das artes, da poesia, da cura, das profecias e da magia. É uma data importante no calendário celta, um dos oito Sabbats do ano, originariamente chamado de Imbolc ou Candlemas e, posteriormente, cristianizado como Candelaria - a festa de purificação de Maria.

Atualmente, na Irlanda, as donas-de-casa reúnem-se para festejar o Dia das Mulheres, presenteando-se e compartilhando de grandes almoços, com muita alegria e algazarra.

Na Grécia Antiga, começavam neste dia os Mistérios Eleusínios Menores, celebrando o retorno da deusa Perséfone do mundo subterrâneo. Homenageava-se também a deusa Héstia, limpando ou renovando-se as lareiras, reacendendo a chama sagrada e pedindo sua bênção para as famílias e os lares.

Na Polônia, antigamente, celebrava-se a deusa Percune Tete, "A Mãe dos Trovões", cristianizada como Nossa Senhora de Gromniczna e festejada com procissões de velas.

Data importante na Tradição Wicca, dedicada às iniciações dos novos adeptos.

Celebre esta data acendendo uma vela dourada ou laranja, pedindo a Brighid que desperte ou reavive seu fogo interior, abrindo seu coração para que ela entre. Diga "Venha, Brighid, faça do meu coração sua morada". Medite sobre aqueles aspectos de sua vida que precisam de renovação ou sobre novos projetos e compromissos. Ofereça à Deusa os frutos de seu trabalho: pode ser um poema, uma canção, uma escultura ou pintura. E lembre-se sempre de invocar Brighid antes de iniciar qualquer atividade criativa, artística, ritual com fogo ou consulta aos oráculos.



2 de Fevereiro

Festa da Mãe d'Água na mitologia ioruba, celebrada no Brasil como **Yemanjá**, no Caribe como Emanjá e em Cuba como Yemoyá.

Considerada a Mãe de todos os Orixás, Yemanjá era, originariamente, uma deusa lunar, padroeira dos rios e do mar, protetora das mulheres e das crianças.

Em Salvador, Yemanjá é festejada como Nossa Senhora dos Navegantes, com procissões de barcos levando presentes e flores para a Rainha do Mar. Entre os tupi-guarani, era Yara, a sereia, a divindade reverenciada como a Mãe d'Água.

No Peru, a mais antiga das divindades é Mama Cocha, a Mãe do Mar, reverenciada não somente pelos incas mas por todas as tribos da costa oeste da América do Sul como a Senhora dos Peixes.

Festival romano dedicado à Juno Februa, a deusa padroeira do mês. Juno Februa era a deusa da purificação, ajudando na encarnação da alma e afastando os espíritos maléficos no momento do nascimento.

Celebrações celtas com procissões de tochas para purificar os campos e invocar as divindades da agricultura.

É um dia propício para limpar seu altar, “varrendo” seu espaço espiritualmente, queimando cânfora e ervas sagradas, acendendo uma tocha ou uma lamparina e conectando-se à sua Deusa interior, seu Mentor e seus aliados espirituais.

3 de Fevereiro



Celebração da deusa irlandesa **Brigantia**, a Grande Mãe tríplice dos Brigantes (um ramo dos celtas), padroeira de vários rios, venerada como o poder da lua nova, da primavera, da água corrente e das colinas verdes, representada pelo “olho que tudo vê”. Em outras lendas, Brigantia aparece como uma deusa solar, cujo sopro protegia os homens, prolongando sua vida.



Na Irlanda, neste dia, colocavam-se “cruzes solares” de proteção acima das portas e janelas. Feitas de palha, elas representavam o olhar protetor da deusa, vigiando e afastando o mal e os infortúnios. Abençoavam-se também as crianças, principalmente suas gargantas, colocando fitas verdes ao redor de seus pescoços, dando vários nós enquanto o nome da Deusa era pronunciado com uma oração de proteção.

Fim dos Mistérios Menores de Eleusis, com celebrações para as deusas Deméter e Perséfone e rituais de fertilidade da terra, destinados a ativar o poder de germinação e o desabrochar da natureza, com a chegada próxima da primavera.

4 de Fevereiro

No Japão, o festival das lanternas Setsu-Bun-O celebrava a deusa Amaterasu. Neste dia, exorcizavam-se os maus espíritos do universo, limpavam-se as casas e os altares e purificavam-se as pessoas.

Nas moradias e nos templos, salpicava-se feijão no chão para desviar o mal, atrair o bem e promover a saúde. Sinos eram tocados para atrair a prosperidade e a boa sorte. Em todos os lugares, acendiam-se lanternas coloridas e faziam-se orações para a proteção, a saúde e a felicidade das pessoas, repetindo a frase: “*Fora com o mal, venha a boa sorte*”.

Um encantamento simples para atrair a boa sorte e a prosperidade é feito colocando-se vários tipos de feijões em um recipiente de vidro, com a tampa decorada ou pintada. Enquanto coloca as diferentes camadas de feijão, recite uma pequena oração, pronta ou criada por você mesma, invocando os dons e as dádivas da Mãe Terra para sua vida. Guarde o vidro em sua cozinha ou despensa.

Nos países eslavos, celebravam-se Gabija e Aspelenie, as deusas do fogo, do lar e da lareira. Para homenageá-las, as pessoas jogavam sal no fogo e pronunciavam seus nomes. Nas cozinhas, mantinha-se sempre acesa uma lamparina com óleo, deixando-se ao lado pequenos agrados para as Guardiãs.



5 de Fevereiro



Dia de Santa Ágata, a Matrona Maltesa, padroeira dos Lutadores do Fogo. Ela é um aspecto moderno da antiga deusa grega Tyche, também conhecida como a deusa **Fortuna** pelos romanos e como Wyrð, pelos anglo-saxões.

Fortuna era a deusa tríplice da sorte, invocada pelos imperadores na coroação para terem sua proteção durante seus reinados. Na Grécia, a deusa Tyche era a Senhora do Destino, tanto o individual quanto o coletivo, conferindo a cada pessoa seu Anjo da Guarda e sua psique.

Como Fortuna, ela podia ter inúmeros outros nomes, um deles sendo Ágathe, “A Boa Sorte”, invocada para assegurar uma vida afortunada e uma morte tranqüila. Com a deterioração dos costumes, a deusa Fortuna foi transformada na padroeira dos jogadores, batizada de “Senhora Sorte” e chamada antes das corridas ou dos jogos.

Celebração da deusa irlandesa da Terra e da natureza Anu ou Dana. Em sua forma benéfica, Anu era a doadora da prosperidade e a protetora das mulheres e das crianças. Porém, em seu lado escuro - como Cat Ana ou Black Annis, a Senhora da Morte -, ela foi transformada pela Igreja em um monstro negro com forma de felino que devorava crianças.

Dia muito propício a qualquer prática divinatória. Consulte um Tarot, as Runas ou treine sua visão psíquica, olhando para um copo d’água ou uma bola de cristal ou simplesmente permaneça em silêncio e recolhimento, procurando ouvir o sussurro de sua voz interior.

6 de Fevereiro

Antigo festival na Grécia e no Império Romano dedicado a **Afrodite** ou Vênus, festejada como a deusa da beleza e do amor em todas suas manifestações. Seus altares eram feitos de pedras, sob grandes árvores, adornados de flores e frutos silvestres, cercados por pessoas cantando, dançando e festejando.



Para aumentar sua fertilidade (física ou mental), ofereça à Deusa ovos galados, penas de pomba branca e leite de cabra.

Neste dia, nos países eslavos, celebrava-se Dzydzilelya, a deusa do amor, da fertilidade e dos nascimentos.

Celebre esta data fazendo seu pedido para as deusas do amor. Vá a um bosque e coloque sobre uma pedra uma oferenda de rosas ou gerânios vermelhos, maçãs, morangos, mel, perfume e uma moeda de cobre. Acenda uma vela rosa ou vermelha e peça às Deusas para lhe encaminharem um parceiro compatível ou para abençoarem sua união atual. E, se você quiser

7 de Fevereiro

Celebração da deusa grega da lua cheia **Selene**, irmã de Helios, o Sol e de Eos, a Alvorada.

Juntamente com Ártemis e Hécate, Selene representa a tríplice manifestação da energia lunar: crescente, cheia e minguante. Segundo as lendas, Selene viajava no céu noturno carregando a Lua em sua carruagem mágica e trazendo aos homens os sonhos e as visões.

Festival chinês Li Chum celebrando a primavera. Procissões carregando uma efígie de bambu e papel em forma de búfalo aquático - simbolizando a “vida nova” - iam aos templos. Lá, as efígies eram queimadas, enquanto as pessoas entregavam à fumaça suas orações e seus pedidos de prosperidade.

No Japão, faziam-se homenagens para Kaguya-hime-no-mikoto, a deusa da beleza, da Lua e da boa sorte, cuja árvore sagrada era a canela, usada como chá ou incenso para favorecer os bons sonhos e a boa sorte.

Aproveite a data e comece um jornal de sonhos. Invoque a deusa Selene e peça-lhe para recordar e compreender o significado e as mensagens cifradas de seus sonhos. Ao acordar, antes de levantar-se da



cama, recapitule seus sonhos enquanto sua lembrança ainda é recente. Anote-os, mesmo se forem bizarros ou desconexos. De vez em quando releia-os, tentando descobrir seu código onírico pessoal.

8 de Fevereiro



Festival das Estrelas na China. As pessoas honravam as energias estelares, acendendo cento e oito pequenas lanternas e arrumando-as em altares especiais. Cada pessoa orava e agradecia à estrela de seu nascimento. Reverenciava-se a deusa Yu Nu, a Senhora de Jade, regente da Constelação de Leão e a deusa Zhi Nu, a Tecelã Celeste, regente da de Lira.

Aproveite essa sabedoria milenar e acenda uma vela, de sua cor preferida, conectando-se ao planeta regente de seu signo solar ou de seu signo ascendente.

Agradeça aos Deuses ou Deusas regentes dos signos e a seu Anjo tutelar ou cabalístico pelo dom da vida e pelas oportunidades e desafios desta encarnação, pedindo-lhes que iluminem sua jornada e orientem suas decisões e ações para favorecer seu crescimento e evolução espiritual.

Procissão de Kwan Yin, em Singapura, celebrando a primavera.

9 de Fevereiro

Festividades tibetanas para as **Dakinis** ou Apsaras, poderosos seres femininos auxiliares de Kali, a deusa indiana da morte. Apesar de seu aspecto aterrorizante, elas têm aspectos positivos, garantindo poderes paranormais e dons proféticos a seus devotos do Yoga.

As Dakinis ajudavam os moribundos, abraçando-os e confortando-os no momento de sua passagem. Cuidavam também dos preparativos de



cremação e dos ritos funerais, orientando a alma após a desintegração do corpo físico.

Antiga celebração do Sol nos países nórdicos, honrando as deusas solares Narvik e Sunna. Ainda hoje preserva-se este festival, que começa ao nascer do Sol e dura até a chegada da noite.

Comemoração grega de Apolo, o deus do Sol e do dia.

10 de Fevereiro



Celebração na Mesopotâmia de **Ishtar**, a Rainha das Estrelas, a personificação da complexidade feminina. Por meio do processo de assimilação do culto de várias deusas com características semelhantes, a figura poderosa de Ishtar surgiu da união das lendas e dos atributos de Anahita, Anatu, Anunit, Gumshea, Irnini, Ishara e Inanna. Era representada ora como mãe benevolente, virgem guerreira, amante exigente de vários deuses e mortais, ora como anciã conselheira, invocada nos julgamentos e nas decisões. Ishtar regia a Lua e o planeta Vênus quando se apresentava como guerreira destemida (na forma da estrela matutina) ou a cortesã sedutora (na forma da estrela vespertina). Às vezes, as duas formas se fundiam e emergia a Senhora da Vida e da Morte.

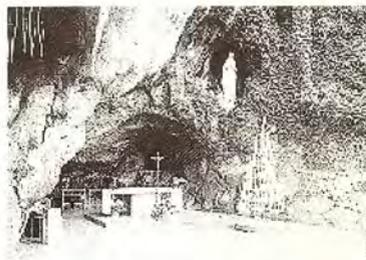
Comemoração no Marrocos de Aisha Qandisha, equivalente da deusa Ishtar.

Na Irlanda, homenageava-se Aobh, a deusa da névoa e da magia, esposa do deus do mar Llyr, cujo animal sagrado era o cisne.

Antigo festival africano marcando o início da estação de caça e pesca. Na Zâmbia, os guerreiros da tribo Ngoni celebram N'cwala com danças de guerra, vestindo peles de animais e carregando suas armas. Os melhores dançarinos são premiados. As mulheres preparam as comidas e apóiam os competidores com palmas e gritos.

Nos países escandinavos reverenciava-se a deusa Vor, que conferia às mulheres o poder da intuição e a capacidade de perceber e compreender os sinais e os sonhos.

11 de Fevereiro



Festa de **Nossa Senhora de Lourdes**, na França, comemorando a primeira visão da Virgem, em 1858, por Bernadette Soubirous. A gruta de Lourdes era um antigo local de culto dedicado à deusa Perséfone, com uma fonte de águas curativas procurada até hoje por milhares de pessoas.

Antiga comemoração húngara da Deusa Mãe Boldogasszony, padroeira das mães e das crianças, cristianizada como a Virgem Maria.

Em vários lugares do mundo, a Grande Mãe apareceu manifestada como Maria, a mulher que manteve vivos, na mente e nos corações dos homens, a imagem e o amor pelo Sagrado Feminino nos últimos dois mil anos.

De acordo com sua crença ou conexão mitológica, reverencie a Mãe Divina e peça-lhe a cura de seus males ou aflições físicas, emocionais, mentais, materiais ou espirituais. Vá a uma gruta, fonte, lugar sagrado ou templo, acenda uma vela de cera, ofereça-lhe lírios brancos, entoe o mantra sagrado “maaaa”, ore e sinta o amor da Grande Mãe envolvendo-a e curando sua vida.

12 de Fevereiro

Festival romano de **Diana**, originariamente a Rainha do Céu e da Luz da mitologia pré-helênica, posteriormente transformada na deusa grega da lua crescente, Ártemis. Diana era representada de três formas: como Senhora dos Animais protegia os animais prenhes e os filhotes, como Rainha das Ninfas cuidava das florestas e da vegetação e como Deusa Lunar cuidava das mulheres, das gestantes e das crianças.

Celebrações eslavas para Dziejwona, na Polônia e Devana, na Slovênia, deusas lunares, padroeiras das florestas e da caça, similares à deusa Diana.



A equivalente galesa de Diana era a deusa Arduinna, guardiã das florestas e dos animais selvagens, padroeira dos partos. Ela cobrava uma “multa” pesada pelos animais mortos em sua floresta de Ardenes, na Gália, infringindo infortúnios para os caçadores.

Na China, celebravam-se neste dia as Deusas das Flores. Em número de doze, correspondiam aos meses do ano e eram homenageadas com oferendas de flores e danças com mulheres, representando as qualidades de cada mês.

Honre você também a Senhora dos Animais, alimentando os pássaros de sua vizinhança, recolhendo algum animal abandonado ou ferido, participando de algum projeto ecológico ou de proteção ao meio ambiente. Também reverencie-a, conectando-se ao seu animal de poder ou ao lado selvagem e instintivo de sua própria natureza.

13 de Fevereiro

Início da Parentália, festival romano de purificação em louvor às deusas romanas Hestia e Mania.

Neste período, fechavam-se os templos, proibiam-se os casamentos e festas e homenageavam-se os espíritos dos ancestrais - *parentalia* - com preces e oferendas de vinho, comidas e flores nos túmulos.

No Japão, as mulheres da tribo Aino reverenciavam sua ancestral Huchi Fuchi, a deusa protetora das famílias e dos lares, supervisora dos afazeres domésticos, que ajudava na preparação da comida, no aquecimento da casa e na prevenção das doenças.



Aproveite a data e reverencie seus antepassados, agradecendo-lhes o legado e as tradições que lhe deixaram.

Faça uma lista com os nomes de suas ancestrais e informe-se a respeito de suas vidas. Medite sobre suas dificuldades e as conquistas de sua geração. Em nossa cultura, infelizmente, a sabedoria das pessoas

idosas não é valorizada e o culto aos antepassados não nos é ensinado. Para poder conectar-se ou comunicar-se com seus ancestrais, prepare-lhes um pequeno altar. Coloque objetos ou fotografias, acrescente madeira petrificada, fósseis, pedras, cristais ou conchas. Ofereça-lhes flores, incenso, velas brancas, um copo com leite, vinho ou suas bebidas favoritas. Pense neles com carinho e ore por sua evolução espiritual.

14 de Fevereiro



Antiga celebração romana dedicada à deusa do casamento **Juno** em seu aspecto de Juno Februa. As comemorações incluíam rituais de purificação e adivinhações para descobrir e atrair sua alma-gêmea.

Em Roma, as pessoas compravam presentes e trocavam-nos entre si, após tirar a sorte com os dados. Com o passar do tempo, os festejos degeneraram em orgias, a troca de presentes sendo substituída pela troca de casais.

Posteriormente, essa data foi transformada nos festejos de São Valentim quando, nos países anglo-saxões, celebra-se o Dia dos Namorados, com troca de presentes e cartões em forma de coração, homenageando Cupido, o deus do amor.

Nos países escandinavos, comemoração das deusas do amor e da sexualidade Hnoss, Gefjon, Lofn (que reconciliava os namorados) e Sjöfn (que despertava os corações para o amor).

15 de Fevereiro

Início da Lupercália, festival romano de fertilidade dedicado à Deusa Juno em seu aspecto de **Lupa** - a loba -, simbolizando o aspecto procriador da Mãe Natureza.

Foi nessa representação que a Deusa amamentou os gêmeos Rômulo e Remo, após terem sido abandonados por sua mãe Rhea Silvia, a Vestal violentada pelo deus Marte. Posteriormente, eles se tornaram os

fundadores de Roma. Neste dia, os idosos batiam nas mulheres com feixes de pele de cabra, convidando os espíritos a incarnarem, enquanto as mulheres pediam a Deusa que abençoasse seus ventres. Esses festivais tinham, assim, um duplo propósito: a purificação e o estímulo da fertilidade por meio do intercâmbio com o mundo dos espíritos. Celebravam-se também os deuses Lupercus e Faunus.



Celebração da antiga deusa canaanita da fertilidade Athtarath, Ashtoreth, Anat ou Astarte, uma versão da deusa Ishtar. A deusa Athtarath - cujo nome significava “O Ventre” - regia o planeta Vênus, assim como as deusas Anat e Ishtar. Nas escrituras judaicas, seu nome foi deturpado para Ashtoreth, que significava “coisa vergonhosa”, relacionando seu ventre, ou seja, sua intensa sexualidade. Como a representação da Estrela Matutina, Astarte aparecia como uma deusa guerreira, vestida com chamas e armada com espada e flechas. Como a Estrela Vespertina, Astarte simbolizava o amor, o desejo e a paixão, aparecendo nua sobre uma leoa, segurando um espelho e uma serpente nas mãos. Suas cores eram o branco e o vermelho - simbolizando o sêmen e o sangue menstrual - e suas árvores eram a acácia e o cipreste.

16 de Fevereiro

Celebração de **Victoria** ou Diana Lucífera, a deusa romana da vitória nos combates, assemelhada a Vacuna e Bellona.

Na Grécia pré-helênica, a deusa da vitória era Nike. Ela era filha de Styx - deusa do oceano, regente do famoso rio subterrâneo que simbolizava o sangue menstrual da Mãe Terra - e de Phallos - deus fálico, precursor de Pan. Nike representava, assim, a força mágica proveniente da combinação do sangue menstrual e do sêmen.



Na mitologia nórdica, Geirahod era a Valquíria que decidia a vitória nos combates, juntamente com um grupo de guerreiras chamadas de “As luzes do Norte”, devido ao esplendor luminoso de suas armaduras. As Valquírias eram sacerdotisas de Freya, subordinadas às Deusas do Destino - as Nornes - e eram elas que escolhiam e acompanhavam as almas dos guerreiros mortos em combate.

Atualmente, pode-se recorrer a essas Deusas para conseguir promoção no emprego, aumento de salário, ganhos judiciais ou vitória nos debates. Crie um pequeno altar com os quatro elementos. Invoque a(s) Deusa(s) e queime mentalmente a imagem de qualquer obstáculo ou fracasso em sua vida. Sobre as cinzas ao vento, chamando a deusa Victoria para lhe ajudar em sua luta e a deusa Nike para aumentar sua força mágica.

17 de Fevereiro

Fornacália, o festival romano do “Pão e da Fornalha” e da vegetação. A Fornacália festejava a primavera e o renascer da natureza. No início, era uma comemoração de caráter religioso, mas depois essa antiga festa profana degenerou em orgia. Provavelmente, foi esse tipo de celebração que deu origem aos festejos do Carnaval.



Na antiga Babilônia, anualmente, havia a Festa do Caos quando, durante doze dias, era revertida toda a ordem social e abolidas as normas morais. Outras festas precursoras do Carnaval foram as procissões gregas celebrando o deus do vinho Dioniso e os festejos romanos de Saturnália.

Com o passar do tempo, as antigas encenações dos mitos, com carruagens levando estátuas de divindades, foram sendo substituídas, aos poucos, por carros alegóricos com cenas profanas, danças frenéticas, uso de máscaras grotescas, transgressão de regras e orgias sexuais. A origem da palavra “carnaval” é confusa. Acredita-se que vem de “carne-vale” - ou “adeus carne” -, anunciando o início do jejum de purificação.

Neste dia, de acordo com a mitologia hindu, nasceu Kali, a deusa da morte e da destruição e o mundo entrou no período chamado Kali Yuga (“A Era do Mal”). Antigamente, eram feitos sacrifícios humanos para apaziguar a sede de Kali, substituídos depois pelo sangue de animais.

18 de Fevereiro

Spenta Armaiti, a festa persa das mulheres cultivadoras da terra, celebrando a deusa da fertilidade **Spandaramet**. As Sacerdotisas de seus templos realizavam rituais de fertilidade, invocando as forças da terra e o poder da Deusa.

Nos países bálticos homenageavam-se várias deusas da terra. Na Lituânia, Laume, além de associada ao plantio e à tecelagem, era representada como uma mulher sedutora, com seios redondos e longos cabelos louros. Na Estônia, Ma-emma nutria e protegia todos os seres vivos enquanto na Letônia, a deusa Zeme tinha setenta irmãs, cada uma tendo atribuições específicas relacionadas à fertilidade da terra e dos animais.



Para realizar um encantamento com terra, beneficiando algum projeto a longo prazo, escolha cuidadosamente algumas sementes, dando preferência às plantas relacionadas a seu signo zodiacal. Prepare um vaso com terra vegetal e segure as sementes entre suas mãos. Converse com elas, explicando-lhes seu objetivo ou necessidade. Plante-as com carinho, cuidando para que não lhes falte água ou luz. Se a planta se desenvolver bem, seu objetivo será realizado. Caso contrário, mude de projeto ou troque as sementes. Lembre-se de que você é responsável pelo desenvolvimento da planta e de seu projeto, mas a natureza é sábia e você precisa perceber seus sinais, decidindo se vai insistir ou mudar sua direção.

19 de Fevereiro

Celebração das deusas sumerianas das águas Nammu e **Nina**, um dos aspectos de Inanna. Como deusa das Águas Primordiais, Nammu assistiu à deusa Mami na criação da raça humana. A deusa Nina, chamada de Rainha das Águas, era representada com corpo de mulher e cauda de peixe ou serpente.



Comemoração de Moruadh, a sereia celta com corpo de mulher e rabo de peixe, cabelos verdes, nariz vermelho e olhos de porca. Os pescadores lhe ofereciam conhaque para evitar que ela rasgasse as redes ou afundasse seus barcos.

Segundo as lendas, Minerva, a deusa romana da sabedoria e da justiça, nasceu neste dia.

Dia de Tácita, a deusa romana do silêncio. Aproveite a data e acenda uma vela preta pedindo à deusa Tácita que queime nela todos os boatos negativos, as calúnias e as palavras maldosas direcionadas a você, à sua profissão ou ao seu relacionamento. Unte, depois, uma vela branca com essência de heliotrópio e acenda-a, pedindo à deusa que silencie para sempre as más línguas e impeça as discussões e fofocas ao seu redor.

20 de Fevereiro

Ferália, festival romano de purificação. Após os festejos anteriores - Parentália, Lupercália, Fornacália -, os templos eram fechados, os festejos proibidos, as casas limpas e as roupas lavadas. As pessoas se recolhiam e reverenciavam os espíritos dos mortos com preces e oferendas de comidas levadas a seus túmulos.

Comemoração da deusa romana da ordem e do silêncio, Muta e da deusa padroeira do lar, Larunda. Também comemorava-se Lara, a Mãe dos Mortos, senhora do mundo subterrâneo e os Lares, os espíritos protetores das casas.

Aproveite a data e faça uma boa limpeza em sua casa, defumando e aspergindo água do mar com uma "vassourinha" feita de galhos verdes de bambu ou eucalipto. Acenda, depois, uma vela branca e um incenso de mirra em cada cômodo de sua casa. Toque um chocalho ou um sino,



Visualizando a saída das energias negativas e a entrada do equilíbrio, paz e harmonia. Tome, depois, um banho de purificação com sal grosso e com a presença de seu signo.

Recolha-se, permaneça em silêncio e medite um pouco a respeito dos pontos escuros de sua vida. Projete sobre eles raios de luz dourada e planeje uma nova postura ou ordem em sua vida, descartando o supérfluo.

21 de Fevereiro

Festival das Lanternas na China, celebrando **Kwan Yin**, a deusa da compaixão, salvação, cura, benevolência e paz e o retorno da luz.



A veneração desta Deusa é mais antiga que o budismo, conhecida também com o nome de Nu Kwa. Como a Grande Mãe oriental, Kwan Yin é invocada em todos os momentos de necessidade, de perigo ou sofrimento. As mulheres oram, repetindo seu nome como um mantra, oferecendo-lhe incenso, laranjas e especiarias. Em sua festa, nas casas e nos templos, são acesas lanternas de todos os tamanhos, formas e cores (menos o branco, que é cor de luto). Nas ruas, as pessoas carregam figuras de dragões e leões para atrair a boa sorte.

Para homenagear Kwan Yin, adquira sua estatueta e prepare-lhe um altar onde possa invocá-la e expor-lhe seus problemas ou aflições. Queime incenso de sândalo, cante seu nome (Kwan Yin, Nu Kwa) e envie-lhe sua oração, soprando-a na fumaça do incenso.

Em Roma, dia de oferendas para os espíritos dos mortos, debando provisões de comida em seus túmulos. Na civilização etrusca, homenageava-se Vanth, a deusa da morte, representada como uma mulher com asas, touca e véu na cabeça, segurando uma chave com a qual abria o túmulo para que os mortos pudessem sair e confraternizar-se com os familiares vivos.

22 de Fevereiro

Festival romano Charistia, dedicado à deusa **Caristia** ou Concórdia, comemorando a reconciliação e a harmonia entre as pessoas. As famílias reuniam-se, festejando a resolução de conflitos com banquetes, música e troca de presentes.

Os gregos reverenciavam Ececheira, a deusa da concórdia e dos armistícios. Durante os jogos olímpicos, ela era especialmente homenageada para que a paz fosse mantida e as hostilidades evitadas.

Inspire-se nesta antiga comemoração e harmonize-se com seus familiares, esquecendo mágoas e ressentimentos, perdoadando as falhas e superando as desavenças. Prepare alguns “quitutes” seguindo as receitas de sua avó ou os pratos típicos de sua herança ancestral. Reúna sua família, comunique-se com os parentes que moram longe, lembre os “bons tempos de outrora” folheando álbuns de fotografias, recordando as lembranças agradáveis e as histórias familiares. Brinde, depois, à harmonia familiar, coletiva e planetária e assuma o compromisso de dar sua contribuição para alcançar esse objetivo.

23 de Fevereiro

Terminália, festival do deus romano **Terminus**. Antigamente, neste dia, os camponeses colocavam mel e vinho sobre as pedras que demarcavam suas terras para ativar seu poder de proteção.

Celebração eslava para Erce, a deusa da terra, protetora dos campos e das plantações. Para atrair sua benevolência, despejava-se leite, mel, vinho e fubá sobre os campos e nos cantos das propriedades.

Meditate sobre a “invasão” das fronteiras de seu espaço. Descubra como você pode se proteger, invocando o deus Terminus e a deusa Erce, colocando barreiras e fechando as brechas de sua “aura” com escudos de



proteção psíquica (mentalizando e visualizando cores, formas e símbolos).

Crie também um cinturão energético de proteção ao redor de sua casa ou propriedade. Plasme seus “guardiões” e coloque nos quatro cantos da casa ou do terreno, pedras ou cristais programados para repelir as energias intrusas. Prepare um canteiro ou um vaso com plantas “protetoras”, como arruda, manjerição, pinhão-roxo, guiné, comigo-ninguém-pode, espada e lança de Ogum e algum símbolo rúnico ou cabalístico. Se preferir, confeccione uma “garrafa mágica” enchendo uma garrafa vazia com vários pregos, pedaços de ferro e agulhas, que interceptam e desviam as ondas e energias negativas vindas em sua direção. Não esqueça de homenagear a deusa Erce ou a Mãe Terra, oferecendo-lhe fubá, leite, mel e vinho nos cantos de seu terreno ou sob alguma árvore ou arbusto.

24 de Fevereiro

“Shivaratri”, comemoração hindu de Shiva, o deus da destruição e da renovação. Neste dia, as pessoas jejuavam e se reuniam em vigília em seu templo, acendendo lamparinas a óleo e orando a noite toda.

Shiva podia ser representado dançando, cavalgando um touro branco ou ornamentado com cobras e um colar de crânios. Era considerado um deus do ritmo cósmico, da cadeia metabólica e catabólica dos processos vitais e do ciclo nascimento/morte/renascimento. Sua consorte é a deusa Parvati e um de seus filhos é Ganesha, o deus com cabeça de elefante.

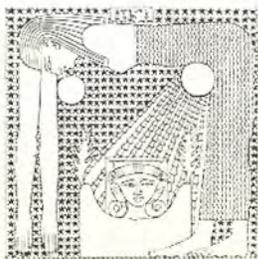
Em Roma, “Regifugium”, comemoração inspirada em um antigo ritual de sacrifício ou substituição do Rei do Ano para que a terra se renovasse e frutificasse por meio de um novo rei. Este novo rei deveria ser



escolhido pela Deusa e coroado por suas Sacerdotisas. Segundo as antigas crenças, quando a terra não produzia ou calamidades naturais aconteciam, a culpa era do Rei. Como sua energia não era mais capaz de fertilizar ou de proteger a terra, ele deveria ser sacrificado ou substituído. Esse ritual foi abolido com o advento das monarquias e da sucessão familiar ao trono.

Celebração nas Antilhas da deusa da fertilidade Attabei, a Criadora Primordial, cultuada por uma casta de sacerdotisas similares às Amazonas e com vários outros nomes, como Attabeira, Momona, Guacarapita, Iella e Guimazoa.

25 de Fevereiro



Dia de Nut, a Grande Deusa do Céu egípcia. Ela era representada como uma figura feminina, formando um arco sobre a terra, seu cabelo caindo como chuva e apoiando-se no céu estrelado. Pintada nos sarcófagos, ela era a Mãe que recebia a múmia, cuidando de seu corpo até a ressurreição.

Celebração da deusa germânica da morte e da imortalidade Holla ou Holda, manifestada nos ventos frios do inverno. Ela recolhia as almas durante sua “Cavalgada Selvagem” e preparava os campos para os novos plantios, limpando com seu sopro os resíduos das colheitas anteriores. Há vários mitos e significados atribuídos a esta deusa antiga e complexa. Originariamente, era uma deusa guardiã da terra, das famílias e do fogo das lareiras. Os missionários cristãos transformaram-na no demônio, zelador do fogo do inferno, padroeira das bruxas e ladra das crianças rebeldes.

26 de Fevereiro

Dia de Hygéia, deusa dedicada à cura e à prevenção das doenças. Originariamente uma deusa do norte da África, Hygéia foi posteriormente, adotada pelos romanos. Era representada como uma mulher robusta, madura, tendo uma serpente enrolada a seus pés.

Hygéia era um dos títulos da deusa Rhea Cronis, designando um de seus fartos seios. O outro seio era chamado de Panacéia, resumindo as qualidades desta Deusa. Posteriormente, os mitos patriarcais transformaram Hygéia e Panacéia nas filhas de Esculápio, o deus da cura.

Outra antiga deusa romana da cura era Angitia, considerada a padroeira das curandeiras, benzedeiras e parteiras, que invocavam seu poder nos encantamentos e no uso das ervas.



Aproveite a data e faça uma reavaliação de seu estado de saúde e de seus hábitos alimentares, mentais e emocionais. Assuma um compromisso para cuidar melhor de seu corpo e comece *já* aquela dieta, exercício físico ou terapia, sem se desculpar ou adiar mais.

Um encantamento antigo nos ensina como nos livrarmos de algum mal específico. Escreva o nome da doença (ou descreva seus sintomas) em um papel verde. Dobre-o várias vezes e enterre-o sob uma planta, pedindo à Mãe Terra que livre você de todo o mal. Se a planta morrer, coloque outra em seu lugar e agradeça-lhe pelo serviço prestado.

Na tradição Wicca, a noite deste dia é chamada de “A Noite do Pentagrama”. Para reafirmar sua conexão ou dedicação à Antiga Tradição, coloque um pouco de cinzas (recolhidas da fogueira de Yule) em seu caldeirão. Invoque a Deusa e trace, com seu dedo indicador coberto com as cinzas, o símbolo do pentagrama sobre seu coração assim que o relógio marcar meia-noite. Na falta das cinzas de Yule, recolha as cinzas de ervas secas queimadas em seu caldeirão, como sálvia, lavanda ou manjericão.

27 de Fevereiro

Dia da Anciã, uma das manifestações da Deusa Tríplice, detentora da sabedoria. A Anciã podia ser representada por inúmeras deusas, como Morrigan, Baba Yaga, A Mulher que Muda, Befana, Hécate, Cailleach, Edda, Hel ou Sedna. Esse aspecto da Deusa corresponde aos rituais de mudança e transformação, aos períodos de transição e à sabedoria da mulher pós-menopausa que, ao guardar seu sangue, adquire novas habilidades psíquicas, mentais e espirituais.

Celebração da deusa grega da natureza e do tempo Pyrrha, a filha da deusa da terra Pandora. Originariamente, Pandora - cujo nome significa "A Doadora" - era a própria terra, sua energia alimentando as plantas, os animais e os homens. Sob o nome de Anesidora - "aquela que dá as dádivas" -, a deusa era representada como uma mulher gigante saindo da terra por um túnel aberto com machados de pedra pelos gnomos. Com o advento da sociedade patriarcal, Pandora foi transformada em uma vilã, responsável por ter aberto a caixa com todos os males do mundo, assim como Eva, considerada no Velho Testamento como a causa original do pecado e dos males da humanidade.



28 de Fevereiro

Celebração, na Pérsia, da deusa da terra **Zamyaz** ou Zemyna, chamada de "o gênio da terra". Reverenciam-se várias deusas da terra e dos grãos, em várias partes do mundo, como Ceres, Deméter, Gaia, Tellus Mater e A Mãe do Milho.



Prepare, você também, uma pequena oferenda para a Mãe Terra. Coloque em um prato cevada ou trigo em grão e enfeite com folhas de louro e várias moedas. Acenda uma vela verde ou marrom e um incenso de louro ou patchouli. Acrescente algumas pedras ou um cristal, um pouco

de terra vegetal e leve a oferenda a uma mata ou deixe-a sob uma árvore.

Medite um pouco a respeito de sua contribuição em favor da Terra, agradecendo à Mãe por seu sustento e por sua saúde, orando por todos aqueles que ainda não despertaram para a necessidade de zelar ou proteger a integridade de nosso planeta e do meio ambiente.

Celebração de Erzulie, a deusa haitiana do amor e da sexualidade. Em seu aspecto benéfico, a deusa era a protetora dos namorados, porém, em seu aspecto escuro, ela promovia ciúmes, discórdias e vinganças.

Comemoração de Dione, antiga deusa pré-helênica, regente da sexualidade e da inspiração. Com atributos semelhantes a Juno e Diana, Dione foi, posteriormente, transformada em uma Oceânide.

29 de Fevereiro

Segundo antigas lendas irlandesas, neste dia as mulheres poderiam propor casamento a seus namorados ou escolhidos. As monjas do Santuário de Santa Brigid, em Kildare, tentaram reivindicar esse direito e São Patrick permitiu-lhes essa "liberdade de escolha" somente a cada sete anos. Face à insistência de Santa Brigid, o prazo foi reduzido para quatro anos, correspondendo aos anos bissextos.

A escritora e militante feminista Zsuzsanna Budapest vê nesta história o conflito criado entre a antiga cultura da Deusa - que considerava todos os atos de amor manifestações de sua essência - e a repressão eclesiástica patriarcal - que impedia a liberdade de expressão e de escolha das mulheres.

Dia dedicado à deusa **Brighid**, reforçando, assim, sua proteção no início e no fim deste mês, nos anos bissextos.



Março

Mês dedicado ao deus romano Marte ou Marvos, padroeiro da guerra e da agricultura. Marte apresentava-se sob três aspectos: como deus da guerra, chamava-se Gradivus; como deus silvestre dos campos e dos bosques, Silvanus e como padroeiro do estado romano, Quirinus. Sua consorte era Nerine ou Nereis, a deusa da guerra, equivalente à deusa romana Bellona.

Na Irlanda, este mês era chamado Mian Mharta, enquanto os saxões o chamavam Lentzinmonath, o mês da renovação. No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Nuin e a árvore é o freixo. O lema do mês é “liberte-se das amarras e livre-se dos conflitos”.

As pedras sagradas deste mês são o jaspé sanguíneo e a água-marinha. As divindades regentes são Marte, Vesta, Rhiannon, Ísis, Juno, Flora, Anna Perena, Ua Zit, Rhea, Astarte, Athena, Eostre, Sheelah Na Gig, Cibele, Bast, Maat, Ártemis, Ishtar e Anu.

Os povos nativos nomearam este mês de várias formas: Lua da Tempestade, Lua dos Ventos, Lua do Arado, Lua das Sementes, Lua do Corvo, Lua da Seiva e Mês da Renovação.

Para os romanos, este mês representava o início do Ano Novo, começando no equinócio da primavera, em torno do dia 21, data mantida até hoje como o início do Ano Zodiacal. Os gregos renovavam o fogo sagrado em suas lareiras, invocando a proteção da deusa Vesta para seus lares.

As mulheres romanas louvavam neste mês a deusa Juno Lucina, a protetora das crianças, das mulheres e das famílias. Na Grécia antiga, comemorava-se a chegada da primavera com competições esportivas e artísticas dedicadas à deusa Athena, com a festa das flores Anthesteria homenageando a deusa Flora e com as procissões de Junonália, para a deusa Juno.

Em Canã celebrava-se a deusa Astarte com oferendas de ovos pintados de vermelho, simbolizando o despertar da natureza e a energia de um novo ciclo. Também na Europa, faziam-se

oferendas de ovos coloridos para a deusa da fertilidade e do renascimento Eostre, cujo nome originou a palavra anglo-saxã Easter (Páscoa) e a raiz do nome do hormônio feminino, estrogênio. Nos países celtas, celebravam-se várias deusas: Rhiannon, do amor; Sheelah Na Gig, da sexualidade e Anu, da abundância.

As comemorações da deusa romana da terra, Cibele, reencenavam os antigos mistérios da morte/renascimento, representados pela ressurreição de seu filho e consorte Attis, enquanto que as celebrações da deusa Anna Perenna visavam atrair a fertilidade, a prosperidade e a abundância da terra. No Egito, comemorava-se Ísis, a deusa dos mil nomes; Bast, a deusa solar; Ua Zit, a deusa serpente e Maat, a deusa da justiça.

No Japão, o festival dos bonecos Hina Matsuri homenageava as Deusas-Meninas, enquanto que na China comemorava-se a deusa do céu Hsi Wang Mu e na Índia as mulheres reverenciavam Gauri, a protetora dos casamentos.

O festival inca Pacha Puchy era dedicado ao amadurecimento da terra e das colheitas.

Neste mês celebra-se, na tradição Wicca, o Sabbat Ostara ou Alban Eilir, comemorando o renascimento da natureza e o desabrochar da vegetação, o crescimento e a renovação.

Para contrabalançar as energias tempestuosas e belicosas marcianas recomendam-se, neste mês, exercícios de equilíbrio e centramento pessoal, bem como a renovação e a harmonização nos relacionamentos (afetivos ou profissionais). É um mês adequado para iniciar uma terapia corporal bioenergética, desbloquear, liberar ou transmutar os sentimentos de raiva e belicosidade, reconhecer e se libertar das amarras (hábitos mentais ou comportamentais, dependências, padrões repetitivos, complexos e fobias) e iniciar novos projetos e empreendimentos.

1º de Março



Dia dedicado à deusa greco-romana **Héstia** ou Vesta, a guardiã da chama sagrada e protetora da família e da comunidade. Neste dia, os gregos renovavam em suas lareiras o fogo perpétuo, invocando a proteção de Héstia para seus lares.

Aproveite esta data e invoque a bênção de Vesta para seu lar, acendendo uma vela branca e oferecendo à Deusa um pão (feito em casa) e um pouco de sal, em um prato branco virgem. Purifique sua casa queimando um tablete de cânfora, mentalizando a queima das larvas astrais e mentais e a remoção dos maus fluidos. Reúna seus familiares e, de mãos dadas, orem pedindo harmonia e proteção. Em seguida, compartilhem do pão e do sal, deixando um pouco para colocar na terra.

Chisungu, ritual de iniciação feminina na Zâmbia. Começam neste dia e duram por algumas semanas as cerimônias de preparação das meninas para a entrada na puberdade. As moças permanecem reclusas, recebendo alimentação especial e os ensinamentos da “condição feminina” e das tradições dos antepassados. Em certas sociedades matrilineares africanas, ainda se preservam estes antigos ritos de passagem, infelizmente esquecidos e ignorados pelos países “civilizados”, porém tão necessários para marcar essa importante transição na vida da menina-moça.

Na Romênia, neste dia, os namorados e amigos se presenteariam com pequenos medalhões ou berloques, presos com uma trança muito fina feita de fios de seda vermelhos e brancos. Antigamente, em vez dos anéis prontos, as moças teciam minúsculas estrelas de cinco ou de sete pontas nas mesmas cores, presenteando seus noivos ou maridos. Ninguém sabe ao certo o significado verdadeiro, mas acredita-se que é um “sinal da primavera” e, possivelmente, uma reminiscência dos antigos ritos de fertilidade: o vermelho do sangue menstrual e o branco do sêmen criando a vida.

Celebração romana Matronália, dedicada à deusa Juno Lucina, a protetora dos recém-nascidos, das mulheres e da família.

2 de Março



Antiga comemoração de **Madder-akka**, “A Velha”, a deusa finlandesa da terra, da natureza, da cura e da magia. Mãe das deusas Juks-akka, Sar-akka e Uks-akka, ela era a padroeira dos partos e guardiã das almas das crianças até que elas estivessem prontas para nascer. Neste momento, ela transferia essa tarefa para Sar-akka (se a criança fosse do sexo feminino) ou para Juks-akka (se fosse do sexo masculino). A deusa Uks-akka podia mudar o sexo da criança antes dela nascer, de acordo com sua vontade.

Celebrava-se também Paivatar, a deusa virgem solar finlandesa que, segundo os mitos, fiava a luz do dia com os fios dourados do Sol. Vestida com uma túnica dourada, seu fuso era de ouro, assim como a carruagem na qual atravessava o céu.

Celebração na Bulgária da Vovó Março, uma das representações da deusa Anciã. Acreditava-se que, se as mulheres trabalhassem neste dia, a Vovó Março enfurecia-se e destruía as colheitas. Por isso, as mulheres passavam o dia orando e pedindo à Deusa a bênção para que as colheitas fossem fartas.

Dia dedicado à deusa celta Ceadda, a guardiã das fontes sagradas e das águas medicinais e de Ceibhfhionn, a deusa irlandesa senhora da inspiração e da criatividade, guardiã da fonte do conhecimento que vigiava os homens para que não bebessem desta fonte sem sua permissão.

3 de Março

Hina Matsuri, o festival japonês das bonecas, celebração das três Deusas-Meninas **Munakata**, **No-Kama** e **Hina Matsuri**, filhas de Amaterasu, a Deusa do Sol. Neste dia, são feitos arranjos com bonecas em local de destaque da casa, sendo cercados de flores de cerejeira e comidas tradicionais (bolos de arroz “mochi”). As meninas recebem kimonos novos, bonecas vestidas em trajes tradicionais e doces.



Todas as meninas japonesas têm bonecas especiais, guardadas apenas para os arranjos deste dia, sem poder brincar com elas durante o resto do ano. As bonecas representam as ancestrais e também os valores tradicionais de dignidade, lealdade e tranqüilidade, servindo como modelos a serem seguidos.

Nos templos de Osaka, as pessoas passam por rituais de purificação e oferecem bonecas às Deusas, orando pela saúde de suas filhas. Outras bonecas são “imantadas” com as doenças ou mazelas das pessoas, colocadas em barcos, sendo levadas em procissão até o mar e entregues às águas. Acredita-se que, à medida que os barcos afundam, as pessoas ficarão livres de seus males, transferidos para as bonecas.

Celebração das Deusas Tríplexes de várias tradições.

Festeje sua criança interior, dando-se um presente condizente, como uma boneca ou um bicho de pelúcia, revendo seu álbum de fotografias e identificando suas antigas carências e as “compensações” atuais. Extravase, chorando ou rindo muito. Brinque um pouco e permita-se ser mais solta, menos rígida ou crítica em relação a si mesma. Seja gentil com sua criança interior. Prometa-lhe ouvi-la com mais atenção e amá-la sem restrições. Comemore esse reencontro deleitando-se com um sorvete ou bolo de chocolate.

4 de Março



Dia de **Rhiannon**, celebrada na Irlanda e no País de Gales. Originariamente chamada de Rigatona, “A Grande Rainha”, esta bonita deusa galesa regia tanto a alegria e o amor quanto a noite e a morte. Andava em um cavalo branco veloz, vestida com um manto de penas de cisne e acompanhada por passaros mágicos, cujo canto acordava os mortos e adormecia os vivos. Rhiannon viajava pela Terra levando aos homens os bons sonhos e os pesadelos.

Antiga comemoração de Mora, a deusa eslava do destino. Como doadora da vida, ela era uma mulher alta e com pele branca; como a mensageira da morte, tinha a pele negra, olhos de serpente e patas de

cavalo. O mesmo nome - Mora - pertencia a um Espírito Ancestral da antiga Alemanha, que atormentava as pessoas com pesadelos e se apresentava como uma égua negra ou como um morcego enorme.

Na Grécia dedicavam-se, neste dia, oferendas a Perséfone e Hécate, reverenciando seu poder protetor na passagem das almas para o mundo subterrâneo.

5 de Março

Celebração de Ísis, a deusa egípcia dos mil nomes, senhora da Lua e mãe do Sol, rainha da Terra e das estrelas, doadora da vida e protetora dos mortos. Filha primogênita da deusa do céu Nut, irmã e esposa de Osíris, seu dia era comemorado com muita alegria, música e danças.



Em Roma, neste dia, celebrava-se Navigium Isidi, o dia em que a deusa Ísis abria o mar para a navegação, oferecendo sua bênção aos navegantes.

Visualize Ísis como uma linda mulher com longos cabelos negros, pele morena, os olhos brilhando como duas contas de ônix, usando um vestido ricamente bordado com esmeraldas e rubis, adornada com uma tiara e várias pulseiras de ouro, estendendo suas asas iridescentes sobre você. Sinta-se aceita e amada, abrindo-lhe seu coração em uma prece profunda e sincera, pedindo-lhe que a abençoe e proteja sempre.

Na Austrália reverencia-se Julunggul, a deusa da fertilidade, representada como a serpente do arco-íris e relacionada à água doce ou salgada. Da mesma forma que Oxumaré na África, Julunggul pode se manifestar ora como mulher, ora como homem, ora andrógina.

Celebração, no Haiti, da deusa Aida Wedo, a deusa serpente do arco-íris. Ela desliza sobre a terra prometendo riquezas, manifestando-se na lenda do tesouro enterrado ao pé do arco-íris.

6 de Março



Em Roma, neste dia, comemorava-se **Marte**, o deus romano da guerra, equivalente ao deus grego Ares. Enquanto que em Roma Marte era venerado como um dos principais deuses, os gregos consideravam-no um deus menor, fanfarrão e brutal.

Na Grécia pré-patriarcal, a precursora de Marte foi a deusa da guerra Enyo, "A Destruidora", transformada depois em sua filha e sua auxiliar nas operações de guerra.

Véspera de Junonália, em Roma, a celebração das mulheres e moças. Este dia era considerado nefasto devido à influência belicosa de Marte e, para amenizar os influxos deste dia, exaltava-se a paz e faziam-se preces e oferendas para as deusas Vênus e Juno.

Reverenciava-se, também neste dia, Eris, filha de Hera e Zeus, irmã de Ares, padroeira da guerra e da discórdia e chamada pelos romanos de Discórdia. Suas filhas, as Androktiasi, simbolizavam o sofrimento, a disputa, a fome, a chacina, a luta, a infração das leis e a matança. Os gregos lhes faziam oferendas para que se mantivessem afastadas de suas vidas.

Tenha cuidado neste dia! Evite qualquer empreendimento arriscado ou precipitado e fique atenta às energias belicosas, suas e dos outros. Mantenha-se afastada das interferências e influências marcianas. Procure relaxar e meditar, buscando os meios para manter seu equilíbrio.

7 de Março

Anthesteria, início da festa grega das flores e do vinho dedicada à deusa **Flora** e ao deus Dioniso. No primeiro dia, degustava-se o vinho da safra nova. No segundo, levavam-se guirlandas de flores aos templos. No terceiro, festejava-se o casamento sagrado entre o Deus e Deusa, representados pelo Rei e pela Sacerdotisa, reverenciando-se ao final os ancestrais.



Em Roma, comemorava-se Junonália, procissão em homenagem à deusa Juno, a padroeira das mulheres e dos casamentos. Vinte e sete moças vestidas com túnicas brancas carregavam a estátua da deusa, feita em madeira de cipreste. Elas cantavam hinos e eram seguidas pela multidão, que levava oferendas de frutas e flores ao templo de Juno.

Antiga celebração do Dia das Mães na Inglaterra, quando presenteavam-se as Mães com pão fresco e sidra, reminiscências das antigas celebrações das deusas da terra.

Faça um bonito arranjo de flores e frutas, incluindo alguns lírios brancos ou amarelos. Coloque ao lado algumas penas de pavão, alguns búzios e um prato branco com figos cobertos de mel. Invoque a deusa Juno para que ela abençoe e proteja sua família e seu relacionamento.

8 de Março



Parabéns Mulheres, filhas da Grande Mãe, responsáveis pela volta das Deusas à Terra e pela manutenção da chama do amor e da fé no coração da humanidade.

Dia Internacional da Mulher, data escolhida em lembrança a uma série de manifestações em protesto a um incêndio ocorrido em 1857, em Nova Iorque, em uma fábrica onde as operárias trabalhavam em condições desumanas.

Dia propício para lembrar as vítimas da opressão e da violência, passada e presente e celebrar o fortalecimento crescente das mulheres.

Dia da Mãe Terra na China, a antiga deusa ancestral Di Mu ou Di Ya, celebrando-se as dádivas da Terra com paradas nas ruas, fogos de artifícios, danças e músicas. As pessoas ofertavam “presentes de aniversário” para a Mãe Terra, colocando moedas, flores, incenso e bonecas de papel em buracos abertos e depois cobertos com terra, agradecendo-se por tudo aquilo que ela lhes dava.

9 de Março

Celebração de **Ala** ou Ane, a Mãe Terra das tribos Ibo na Nigéria, criadora da vida e senhora da morte. Ala cuidava e protegia seu povo, providenciando tudo o que favorecia e sustentava a vida. Ela deu as leis, ensinou os preceitos da moralidade, forneceu os meios para curar as doenças e estava presente no momento em que a alma fazia sua passagem. Nos templos e nas casas nigerianas encontram-se, até hoje, esculturas em madeira representando Ala cercada de crianças ou segurando taboas e uma faca nas mãos, símbolos da vida e da morte. Nas aldeias Ibo, há sempre uma árvore sagrada em que são colocadas as oferendas para Ala, fazendo-se os sacrifícios ritualísticos no início e no fim dos plantios.



Festa de Hsi Wang Mu, a Deusa Mãe do céu do oeste na antiga China, representando o princípio feminino Yin enquanto seu marido, Tung Wang Kung, representava o princípio masculino Yang. Essa deusa vivia em um palácio dourado nas montanhas Kun Lun, onde dava uma grande festa a cada três mil anos e distribuía aos outros deuses os pêssegos da imortalidade. As mulheres veneravam-na, agradecendo-lhe a dádiva da menstruação.

Celebração do casal divino grego, Afrodite e Adonis.

10 de Março

Celebração de **Al-Lat**, Elath ou Alilat, a deusa árabe representando a criação e a Terra.



Antigamente, Al Lat era reverenciada em Meca sob a forma de um grande bloco de granito. Mulheres nuas dançavam ao redor da pedra invocando a “Senhora” e pedindo-lhe proteção e abundância. Os juramentos eram feitos em seu nome pois, como a Terra, ela era eterna e indestrutível. Recitava-se esta afirmação: “Eu juro pelo sal, pelo fogo e por Al-Lat, que é a maior de todos”.

Em Roma, comemorava-se Junonália, procissão em homenagem à deusa Juno, a padroeira das mulheres e dos casamentos. Vinte e sete moças vestidas com túnicas brancas carregavam a estátua da deusa, feita em madeira de cipreste. Elas cantavam hinos e eram seguidas pela multidão, que levava oferendas de frutas e flores ao templo de Juno.

Antiga celebração do Dia das Mães na Inglaterra, quando presenteavam-se as Mães com pão fresco e sidra, reminiscências das antigas celebrações das deusas da terra.

Faça um bonito arranjo de flores e frutas, incluindo alguns lírios brancos ou amarelos. Coloque ao lado algumas penas de pavão, alguns búzios e um prato branco com figos cobertos de mel. Invoque a deusa Juno para que ela abençoe e proteja sua família e seu relacionamento.

8 de Março



Parabéns Mulheres, filhas da Grande Mãe, responsáveis pela volta das Deusas à Terra e pela manutenção da chama do amor e da fé no coração da humanidade.

Dia Internacional da Mulher, data escolhida em lembrança a uma série de manifestações em protesto a um incêndio ocorrido em 1857, em Nova Iorque, em uma fábrica onde as operárias trabalhavam em condições desumanas.

Dia propício para lembrar as vítimas da opressão e da violência, passada e presente e celebrar o fortalecimento crescente das mulheres.

Dia da Mãe Terra na China, a antiga deusa ancestral Di Mu ou Di Ya, celebrando-se as dádivas da Terra com paradas nas ruas, fogos de artifícios, danças e músicas. As pessoas ofertavam “presentes de aniversário” para a Mãe Terra, colocando moedas, flores, incenso e bonecas de papel em buracos abertos e depois cobertos com terra, agradecendo-se por tudo aquilo que ela lhes dava.

9 de Março

Celebração de **Ala** ou Ane, a Mãe Terra das tribos Ibo na Nigéria, criadora da vida e senhora da morte. Ala cuidava e protegia seu povo, providenciando tudo o que favorecia e sustentava a vida. Ela deu as leis, ensinou os preceitos da moralidade, forneceu os meios para curar as doenças e estava presente no momento em que a alma fazia sua passagem. Nos templos e nas casas nigerianas encontram-se, até hoje, esculturas em madeira representando Ala cercada de crianças ou segurando machetes e uma faca nas mãos, símbolos da vida e da morte. Nas aldeias Ibo, há sempre uma árvore sagrada em que são colocadas as oferendas para Ala, fazendo-se os sacrifícios ritualísticos no início e no fim dos plantios.



Festa de Hsi Wang Mu, a Deusa Mãe do céu do oeste na antiga China, representando o princípio feminino Yin enquanto seu marido, Tung Wang Kung, representava o princípio masculino Yang. Essa deusa vivia em um palácio dourado nas montanhas Kun Lun, onde dava uma grande festa a cada três mil anos e distribuía aos outros deuses os pêssegos da imortalidade. As mulheres veneravam-na, agradecendo-lhe a dádiva da menstruação.

Celebração do casal divino grego, Afrodite e Adonis.

10 de Março



Celebração de **Al-Lat**, Elath ou Alilat, a deusa árabe representando a criação e a Terra.

Antigamente, Al Lat era reverenciada em Meca sob a forma de um grande bloco de granito. Mulheres nuas dançavam ao redor da pedra invocando a “Senhora” e pedindo-lhe proteção e abundância. Os juramentos eram feitos em seu nome pois, como a Terra, ela era eterna e indestrutível. Recitava-se esta afirmação: “Eu juro pelo sal, pelo fogo e por Al-Lat, que é a maior de todos”.

Al-Lat é uma deusa muito antiga, fazendo parte de uma tríade de deusas do deserto que incluem Al Uzza e Menat. Al-Lat representava a terra, a frutificação e a procriação humana e animal. Al Uzza era a deusa virgem da estrela matutina e Menat era a força do destino, a anciã senhora do tempo e da morte. O culto a Al-Lat foi abolido por Maomé, que transformou a deusa no deus Allah.

Festa de Anna Perenna, a deusa romana com duas cabeças, regente do tempo e da reprodução vegetal, animal e humana. Suas celebrações incluíam danças, libações e rituais de fertilidade para atrair a abundância da terra.

11 de Março

Celebração da deusa grega **Hypatia**, uma das Musas que regia a arte, a ciência e a criatividade. Era venerada no templo de Delphi juntamente com suas irmãs Mese e Nete, cujos nomes significavam “uma das três cordas da lira”.

De acordo com o local de seus cultos, o número das Musas variava: eram três em Delphi e no Monte Helicon, sete em Parnaso e nove em Atenas, embora elas conferissem sempre seus talentos e habilidades aos homens.

Dia de Hércules, o herói e semideus romano, o símbolo da coragem e da força física.

Um mito antigo relata uma luta entre Hércules e Hippolyta, a linda rainha das Amazonas. Filha do deus Ares, ela usava o cinto de ouro, sinal de sua soberania e poder. Os guerreiros gregos cobiçavam esse tesouro e foram em busca dele, liderados por Hércules, que foi desafiado por Hippolyta para uma luta. O desfecho dessa batalha é relatado de forma confusa e contraditória, dependendo da fonte. A versão patriarcal descreve a vitória de Hércules com a prisão ou a morte de Hippolyta.



Belit Ilani ou Belit Ile, certas vezes era representada como uma mulher, segurando com seu braço esquerdo uma criança mamando enquanto que, com sua mão direita, a abençoava. Algumas fontes a consideram um dos atributos da deusa Astarte ou Ninlil.

Comemoração do martírio de Hypatia, “A Divina Pagã”. Famosa filósofa e matemática, Hypatia foi assassinada na Alexandria, em torno de 400 d.C., por fanáticos cristãos enfurecidos com sua sabedoria, considerada exagerada para uma mulher e desafiadora para a sociedade.

13 de Março

Holi, antigo festival hindu dedicado à deusa do fogo **Holika**, celebrado com fogueiras de purificação e rituais de fertilidade. Atualmente, as celebrações são mais joviais e divertidas.

Aproveite essa data para avaliar de que maneiras você pode aumentar sua força, usando sua coragem para mudar a si própria e à sua vila. Invoque, depois, as Musas, pedindo-lhes que ajudem-na a desenvolver suas habilidades inatas e seu potencial criativo ainda não manifestado. Invoque também Hippolyta para que ela a oriente na maneira de lutar e vencer, sem medo das oposições ou humilhações.

12 de Março

Celebração de **Belit Ilani**, a “Estrela do Desejo” da Babilônia, amante de vários deuses e padroeira da procriação e da geração. É necessário fazer uma distinção entre outras deusas de nomes similares, como Belili, a deusa suméria da lua, da água e da sexualidade, equivalente à Ishtar e chamada de Beltis na Fenícia; Belit, a Deusa Mãe assíria, consorte dos deuses Bel, Enlil, Marduk ou Ashur; Beltis, a deusa do amor e da sexualidade da Fenícia, Caldéia e Babilônia, homenageada com rituais orgiásticos e equiparada à Astarte e Ishtar e Belit Seri, a senhora do mundo subterrâneo da Mesopotâmia e da Babilônia.

Na véspera, fogueiras são acesas para livrar as pessoas e os ambientes dos espíritos maléficos. No dia da festa, as pessoas se salpicam com pós coloridos e as crianças esguicham jatos de água com guache. Reencena-se, assim, a lenda das brincadeiras de Khrishna, despejando água colorida sobre sua amada Radha, no dia de Holi.

Em Luxemburgo, celebra-se o retorno do Sol, simbolizando o começo da primavera, com fogueiras, danças e muita festa.

Dia da Purificação em Bali, combatendo a ação de Yami, o deus da morte.

Comemoração da deusa chinesa do céu e da luz Ch'un Ti. Antiga deusa do dia e da alvorada, Ch'un Ti (ou Jun Ti) era representada com oito braços, um deles segurando o Sol e outro a Lua, às vezes com três cabeças. Na tradição do Budismo tântrico, ela aparece como uma deusa guerreira, com dezesseis ou dezoito braços, segurando várias armas (espada, lança, arco e flechas), um raio, um rosário, uma flor de lótus e um vaso com água.

Para se conectar à energia desta deusa, inscreva seu nome três vezes em uma vela branca e acenda-a, pedindo às deusas da Luz que iluminem sua mente e sua vida. Peça-lhes também que ajudem-na a encontrar as armas ou os meios para sair vencedora em suas batalhas.

Dia considerado muito favorável para rituais de Wicca e trabalhos mágicos de purificação e renovação.

14 de Março

Diasia, uma celebração da Grande Deusa Serpente Ua Zit ou Uadjit, do Egito antigo.

Durante essa celebração, oficiavam-se rituais de exorcismo, purificação e expiação, oferecendo-se grãos de cevada para a Deusa e usando-se defumações para afastar as doenças.

Celebrações antigas para o Ano Novo em Ghana com danças e rituais para afastar os maus espíritos e honrar os ancestrais.



Esta é uma data propícia para fazer um ritual pessoal para afastar a pobreza, a doença e os infortúnios.

Defume sua casa com incenso de mirra e benjoim; acenda uma vela verde untada com essência de hortelã e tome um banho de purificação com sal grosso, vinagre de maçã e a essência de seu signo. Visualize suas dificuldades financeiras e as soluções para resolvê-las. Invoque o poder transmutador da Grande Deusa Serpente para afastar os infortúnios, melhorar seus recursos e dar-lhe o equilíbrio e a sabedoria necessárias para saber usar bem o seu orçamento.



15 de Março

Dia de Rhea, a Deusa Primal, a Grande Mãe Terra, criadora de todos os seres, deusa da vegetação e dos novos ciclos, mãe de Zeus.

Originariamente, ela não tinha consorte, reinando como uma deusa tríplice com vários títulos designando suas funções: Britomartis, a Donzela; Dictyna, a Mãe e Coronis, a Anciã e senhora da morte. Com a chegada dos invasores helênicos, ela foi transformada na esposa do deus Cronos e mãe da maior parte das divindades do Olimpo. Cronos, o Pai Tempo, devorava seus filhos para garantir sua supremacia e chegou a castrar seu próprio pai Uranus. Nos mitos antigos, era a própria Deusa que consumia o tempo, trazendo a vida e a morte para a Terra.

Celebração da deusa Cibele, na Anatólia, festejando-se o renascimento da terra na primavera pela volta de Attis, amado de Cibele, do mundo dos mortos. O festival era seguido por nove dias de jejum, abstinências e orações, visando a renovação das pessoas.

Dia de oferendas para os Espíritos e as Ninfas das Águas nos países celtas.



16 de Março

Dia dedicado a **Morgen** ou Morgan Le Fay, a Sacerdotisa de Avalon, a ilha sagrada da mitologia celta. Morgan ficou conhecida mundialmente com o livro "As Brumas de Avalon" como Morgana, a meia-irmã do Rei Arthur. Originariamente, ela era uma deusa "escura", que regia as Ilhas dos Mortos e presidia a morte e o renascimento dos heróis mortos em combates.



Em várias línguas celtas, "mor" significava mar, sendo os espíritos das águas chamados Morgens. A mais famosa deusa do mar recebeu o título Le Fay - a Fada. Na mitologia galesa, Morgan era considerada a Rainha de Avalon, o mundo subterrâneo dos mortos, para onde ela levou Arthur após seu desaparecimento deste mundo. Em outras lendas, Morgan pode ser uma maga e curadora, que vivia com suas oito irmãs na ilha de Avalon ou ainda um aspecto da deusa da morte Morrigan.

Por ser a maçã o símbolo de Avalon ("Avallach" significava maçã), comemore comendo uma maçã cortada na horizontal, observando o pentagrama formado pelas sementes. Medite sobre seu caminho espiritual, pedindo à Deusa que afaste as brumas das incertezas e ilumine sua busca, permitindo sua transformação e renascimento.

17 de Março



Festival de **Astarte**. Mencionada no velho testamento como Ashtoreth (vergonha), corruptela de seu verdadeiro nome, Athtarath (o ventre), esta deusa era uma versão canãanita de Ishtar, a deusa da sexualidade e regente do planeta Vênus.

Conecte-se a esta Deusa poderosa: olhe para Vênus (a estrela matutina ou vespertina), faça seus pedidos, medite e, em seguida, olhe para um espelho ou para a superfície de um lago até perceber alguma imagem ou receber alguma mensagem ou intuição.

Liberália, festival romano dedicado à Libera, a deusa da fertilidade e da vegetação, padroeira da viticultura juntamente com seu irmão Líber. Filha de Ceres, ela foi identificada com a deusa grega Perséfone.

Neste dia, para celebrar o renascimento da vegetação, as mulheres idosas das comunidades se colocavam a serviço da Deusa. Enfeitadas com coroas de hera, elas sentavam-se nas encruzilhadas e vendiam panquecas recheadas com mel aos transeuntes. Os romanos compravam as panquecas e as ofereciam à Deusa, comendo um pedaço para reforçar sua virilidade.

18 de Março

Celebração de **Sheelah Na Gig**, antiga deusa irlandesa da sexualidade que representava os princípios da vida e da morte. Era retratada por desenhos ou estatuetas grotescas de figuras femininas expondo seus órgãos genitais, simbolizando o portal da vida, enquanto seu corpo esquelético mostrava a decrepitude da velhice.



Para erradicar a força dessa energia intensa da sexualidade, a Igreja Católica usou essas figuras para representar "dêmônios", colocando-as como esculturas nas colunas ou paredes das igrejas. Até hoje ainda existem essas relíquias, mas seu significado simbólico perdeu-se devido à perseguição desenfreada ao poder da mulher, expresso por sua sexualidade, promovida durante séculos pela Igreja e pela própria sociedade patriarcal.

Ao se conectar à sexualidade alegre e explícita de Sheelah Na Gig, as mulheres resgatam seu poder e o direito de se expressarem, de forma livre e consciente.

Antigamente, na Finlândia, era homenageada, neste dia, Tuonetar, a Rainha da Morte, que vivia em uma ilha escura, Tuoneta, cercada de águas negras onde nadavam vários cisnes negros.

19 de Março



Início de “Panathenaea”, o festival grego de cinco dias dedicado a **Athena**, a deusa da sabedoria, justiça e estratégia. Festejava-se Athena como a fonte da inspiração artística com competições artísticas, musicais e esportivas.

“Quintaria”, o equivalente romano da “Panathenaea”, com celebrações para a deusa Minerva.

Na Índia, celebração de Sitala, a deusa das febres, invocada para curar as doenças contagiosas. Embora represente o poder destruidor da vida, Sitala também representa a capacidade de curar as doenças, sendo reverenciada em todas as aldeias e cidades e chamada de Mata (Mãe), tendo vários altares a ela dedicados.

Nesta data, invoque a energia da inteligência criativa representada por Pallas Athena/Minerva. Acenda uma vela amarela e faça alguns exercícios respiratórios, já que seu elemento é o ar, ligado ao plano mental. Relaxe e transporte-se, mentalmente, para seu templo interior, procurando ler o livro de sua vida e descobrindo soluções e inovações para sua existência ou os meios para desenvolver e expressar sua habilidade mental ou manual.

20 de Março

No hemisfério sul, equinócio de outono assinalando a entrada do Sol no signo de Áries e o início de um novo Ano Zodiacal.

Os celtas celebravam, nesta data, o equinócio da primavera, denominado Sabbat Alban Eilir ou Ostara, simbolizando o renascimento da natureza e o desabrochar da vegetação.



Na antiga Grécia celebrava-se, neste dia, o retorno da deusa **Perséfone** do reino subterrâneo de Hades. Sua mãe, a deusa Ceres, feliz com seu retorno, celebrava-o enchendo a Terra com folhas e flores.

Dia de Iduna, a deusa escandinava que desempenhava a mesma função da Hebe grega, alimentando os deuses com comidas mágicas que os mantinham jovens e vigorosos. Os deuses nórdicos não eram imortais, eles dependiam das maçãs encantadas de Iduna para viverem eternamente.

Festival egípcio da primavera, celebrando a deusa Ísis.

Este dia é consagrado às deusas do Destino (Nornes, Parcas e Moiras), à deusa tríplice Morrigan (da mitologia celta), às Três Mães hindus (Lakshmi, Parvati e Sarasvati) e à deusa Fortuna.

Celebre o início do Ano Zodiacal começando um novo projeto, atitude, decisão ou compromisso. Revitalize suas energias, renove seu entusiasmo e desperte sua força de vontade e sua criatividade, invocando as bênçãos das Deusas para sua vida.

21 de Março



Festival grego da criação do **Ovo Cósmico**, gerado pela deusa Eurynome e fertilizado pelo deus em forma de serpente Ophion.

Celebração da deusa celta da primavera Eostre ou Ostara, com oferendas de ovos coloridos colocados em ninhos de palha. Foram essas antigas celebrações que originaram os costumes atuais de presentear com ovos de chocolate na Páscoa.

Comemoração eslava da deusa Marzana ou Marena, a senhora do tempo, da natureza e da vida. Em seu aspecto de Kostroma, ela é a Donzela que morre no inverno e renasce na primavera. Neste dia, sua efígie feita em palha era carregada em procissão até o rio e entregue à água, levando junto com ela os males da comunidade. As pessoas se banhavam e mergulhavam na água para morrerem e renascem, alternando o choro e o riso.

Na mitologia irlandesa, afirma-se que a cidade sagrada de Tara foi fundada neste dia pelas princesas Tea e Tephí (aspectos da deusa Tea).

22 de Março

Celebração de **Bast**, a deusa solar egípcia com cabeça de gato e padroeira dos gatos, um dos animais mais sagrados para os egípcios. Ao morrerem, todos os gatos eram embalsamados e depois enterrados na cidade sagrada de Bubastis, dedicada ao culto da deusa Bast.

Começava neste dia, em Roma, o festival do riso Hilária. As pessoas se alegravam, iam aos espetáculos e aos jogos esportivos. Esse festival originou-se nos antigos rituais da deusa Cibele, celebrando a ressurreição da Terra na primavera.

Celebração da deusa Ininni da Mesopotâmia (equivalente de Ishtar). Uma antiga Deusa Mãe, Ininni brilhava com a luz do planeta Vênus e regia a água e a natureza na Terra. Apesar dessa energia venusiana, ela tinha também um aspecto marcial, como padroeira da guerra e dos répteis.

Dia consagrado à deusa hitita da sexualidade e do amor Inara, a esposa do deus do trovão Hooke.

Comemoração de Marzenna, antigo festival da primavera na Polônia, celebrado com cantos, danças circulares e fogueiras, festejando o renascimento da natureza.

23 de Março



No Egito, comemoração de **Maat**, a deusa da justiça e da verdade, guardiã da balança que analisava a pureza dos corações dos mortos, comparando-os à pena de avestruz de sua tiara.

Homenageava-se, também, Shait, a deusa egípcia do destino que acompanhava todas as pessoas, desde seu nascimento, observando suas virtudes e seus vícios, seus erros e suas realizações. Era Shait quem dava a sentença no julgamento final, após a avaliação da alma por Maat. Essa sentença era definitiva, sendo baseada na observação contínua e escrupulosa da vida do falecido.



Encerramento das celebrações de Athena/Minerva, Quintaria. Iniciadas no dia 19, consistiam de corridas, competições esportivas e musicais, peças de teatro e procissões com tochas. No final, os vencedores eram coroados com ramos de oliveira e a estátua da deusa era vestida com uma nova vestimenta ("peplum"), tecida pelas jovens ninfas.

Danças romanas Salií para expulsar os espíritos maléficos do inverno e estimular o crescimento das plantas com rituais mágicos.

24 de Março



Em Roma, comemoração da deusa **Cibele**, a Grande Mãe. Originária da Frígia, na Anatólia, seu culto atravessou o Mediterrâneo. Era representada como uma mulher madura, com grandes seios, coroada com espigas de trigo, vestida com flores e folhas e carregando várias chaves. Era a deusa da fertilidade, da vida, da morte, da sabedoria e dos mistérios sagrados.

Celebração da deusa Prytania ou Britannia, a padroeira de Albion (Grã-Bretanha), cuja imagem aparece nas moedas inglesas.

Na Irlanda, reverenciava-se Emer, a deusa da luz solar, da beleza e do conhecimento. Emer representava todas as virtudes femininas, como a beleza, a eloquência, o talento artístico e musical, a suavidade, a lealdade e a sabedoria. Pedida em casamento pelo herói Cuchulain, ela disse que apenas aceitaria mediante provas de coragem, lealdade e responsabilidade.

Dia dedicado a Heimdall, o deus nórdico guardião de Byfrost, a Ponte do Arco-Íris, que liga o mundo dos homens ao mundo dos Deuses.

Dia do Arcanjo Gabriel, o protetor das mulheres que desejam engravidar e das almas dos fetos.

25 de Março

Festa da Anunciação, celebrando a concepção de Jesus. Antigamente, considerava-se esta data como a Criação do Mundo e reverenciava-se a Deusa, a senhora da vida.

Fim do antigo festival romano da alegria Hilária. Comemorava-se o triunfo da luz sobre a escuridão e a alegria pelo renascimento da vegetação na primavera. No final das festividades, faziam-se lavagens ritualísticas das casas e dos templos.

Essa celebração tem origem em um antigo festival da Anatólia, dedicado à ressurreição de Attis, o amado da deusa Cibele.

Celebração, na Pérsia, da deusa da fortuna e prosperidade Ashiti Vanuhi, invocada por aqueles que estavam em dificuldades materiais.

Comemoração do deus Marte e de sua consorte, a deusa Néria.



26 de Março



Dia do Arado nos países nórdicos.

Celebração de Mati Syra Zemlja, ou Zemya, a Mãe Terra dos países eslavos. Até este dia era proibido arar a terra, cavar buracos

ou bater estacas, para não machucar o ventre grávido da Mãe Terra. Honrava-se a Grande Mãe como fonte de vida, de força, de poder e abundância, fazendo-se juramentos e promessas em seu nome. Nos casamentos colocava-se terra sobre a cabeça dos noivos que, em seguida, engoliam um pouco dela e faziam suas promessas. Para saber como seria a colheita, cavava-se um buraco e procurava-se ouvir o som da terra: o som cheio anunciava fartura; o som oco, perdas. Era considerado um sacrilégio cuspir na terra e, se alguém assim o fizesse, deveria pedir perdão imediatamente. Na Rússia, suas celebrações perduraram até meados do século XX.

Dia da Solidão na tradição Wicca e neopagã. Recomenda-se passar o dia, ou parte dele, em isolamento, recolhimento e meditação, procurando o contato com o Eu Superior. Caminhe na mata ou à beira-mar, ouça a Natureza e sinta o contato com a Mãe Terra, percebendo sua pulsação sincronizada à batida de seu próprio coração.

27 de Março

Festival de **Gauri**, a deusa hindu da abundância, padroeira dos casamentos. No Rajastão, as mulheres carregam suas estátuas para os rios, dançando ao seu redor e pedindo abundância nas colheitas. Sua cor favorita é o amarelo do Sol, do trigo e do milho maduro. Acredita-se que, para atrair sua proteção e a boa sorte para os relacionamentos, devem lhe ser ofertados doces, comendo-se um deles ao deitar para atrair doçura em sua vida.



Antigamente, nos países do Mediterrâneo, homenageava-se Athana Lindia, deusa ancestral que representava a fertilidade das colheitas e a paz nas comunidades. Precursora de Deméter e Ceres, ela personificava a prosperidade cultural oriunda da segurança material. Suas esculturas eram feitas com um tronco de árvore, realçando-se apenas sua cabeça — que era adornada com as insígnias de sua cidade natal — e seu pescoço, ao redor do qual eram colocadas várias guirlandas de espigas e de flores.

Celebração romana do deus do vinho e da fertilidade Liber Pater, com libações e ritos de passagem para a entrada dos rapazes na sociedade dos adultos, havendo a troca de suas túnicas púrpuras pelas brancas. É uma data propícia às reuniões e ritos de passagem masculinos.

28 de Março

Dia de **Kwan Yin**, na China e no Japão, a protetora dos lares e deusa da compaixão, da cura, da bondade e da felicidade. Kwan Yin é um “bodhisattwa” feminino, o equivalente chinês da Virgem Maria. Seu nome significa “aquela que ouve o choro do mundo”, respondendo a cada oração que lhe é enviada. Ao pronunciar-se seu nome, alcança-se alívio para as dores físicas e morais. Seus seguidores não comem carne e não praticam nenhum ato de violência, vivendo de forma



harmônica, fazendo caridade. As estátuas de Kwan Yin representam-na segurando galhos de salgueiro ou coberta de jóias; seus gestos são de generosidade e banimento dos medos e dificuldades. As pessoas usam suas estatuetas para meditação, repetindo constantemente seu nome para atrair seus dons de paz e compaixão.

Na Índia, celebração da deusa da sabedoria Sarasvati, a protetora dos nascimentos e das mulheres, senhora do conhecimento, da fertilidade e da prosperidade. Como padroeira de todas as artes, ela era reverenciada pelos artistas e poetas com oferendas de frutas, flores e incenso, pedindo-lhe o dom da criatividade e da eloquência.

Antigamente na China, reverenciava-se também Tou Mou, a “Escrivã do Céu”. Ela julgava todos os atos dos homens, registrando as datas importantes de suas vidas e anotando os reinos e as atribuições das divindades dos Nove Céus.

29 de Março



Delphinia ou Ártemis Soteira, celebração grega da deusa virgem lunar **Ártemis**, protetora dos recém-nascidos e dos animais.

Comemoração de Druantia, a deusa celta da fertilidade, da paixão e da sexualidade. Era tida como a Senhora das Árvores, sendo-lhe creditada a invenção do “Calendário das Árvores”, o poder do conhecimento e da criatividade. Os Druidas, posteriormente, associaram este calendário ao alfabeto ogâmico, criado pelo deus Ogma, bardo da tribo dos seres sobrenaturais Tuatha de Danann, detentor da eloquência e inspiração artística.

Festival de Ishtar, a versão assíria da deusa suméria Inanna, contendo em si a complexidade das qualidades femininas: a alegre donzela, a mãe benevolente, a guerreira ativa, a amante instável, a conselheira sábia e a anciã severa.

Invoke a deusa Ishtar ao cair da noite, procurando conectar-se ao planeta Vênus. Medite sobre a forma como você está vivendo sua feminilidade. Reforce aqueles atributos que lhe são necessários em sua fase atual, preservando sempre sua independência e auto-suficiência.

30 de Março

Comemoração de **Melissa**, a deusa grega das abelhas. Considerada um dos aspectos da deusa Afrodite, cujo fetiche era um favo de mel, seu nome era atribuído também às sacerdotisas das deusas Deméter e Ártemis. Segundo uma lenda, Melissa tinha sido uma princesa cretense que tinha alimentado Zeus, quando criança, com mel colhido das flores. Após sua morte, Zeus transformou Melissa em abelha, como gratidão por sua dedicação.



Celebração persa do Ano Novo, festejando o casamento sagrado da Deusa e do Deus e a criação da raça humana. Antigamente, neste dia, acendiam-se fogueiras e realizavam-se rituais de fertilidade utilizando ovos cozidos.

Na Babilônia, festa para a deusa Bau, a Grande Mãe, senhora das forças primordiais e do espaço cósmico.

31 de Março



Na Ibéria, comemoração antiga de **Dana**, a divindade suprema do panteão celta, mãe dos deuses e dos homens, senhora da luz e do fogo. Ela garantia a seus fiéis a segurança material, a proteção e a justiça. Dana ou Danu, também era conhecida sob outros nomes: Almha, Becuma, Birog ou Buan-ann, de acordo com o lugar de seu culto. No norte da Espanha continuou a ser cultuada como Maria, a Señora de Amboto.

Na Irlanda, neste dia, celebrava-se a deusa da prosperidade e abundância Anu ou Danu, cujo local sagrado - “Paps of Anu” - reproduzia os dois seios da deusa, na forma de duas colinas no condado de Kerry.

Os celtas acreditavam que dava azar emprestar ou pegar dinheiro emprestado neste dia por prejudicar os influxos de prosperidade. Uma

simpatia mandava congelar uma moeda, fazendo um encantamento para proteger os ganhos e evitar os gastos.

Celebração da deusa lunar romana Luna, a senhora da Lua e regente dos meses. A ela era dedicada a regência dos meses e das estações, sendo também conhecida sob os nomes Diana, Selene ou Levanah.

Aproveite a data e faça uma meditação ao ar livre, “banhando-se” na luz prateada da Lua e pedindo à deusa Luna inspiração, intuição, criatividade e harmonia física, mental, emocional e espiritual. Assé alguns biscoitos em forma de meia-lua, coma alguns e ofereça treze deles à deusa Luna: treze é o número sagrado da Lua, representando a boa sorte, a realização e a prosperidade.

Abril

Originariamente inspirado em Aphrodite, a deusa grega da vida e do amor, o nome deste mês foi posteriormente adaptado pelos romanos para *Aprilis*, “o tempo das flores e folhas em botão”. A palavra “aperire” significava abrir, lembrando o atributo menos conhecido desta deusa: o de guardião do portal da vida. Ela era representada nua, com as mãos apontando para seus órgãos genitais, a passagem que permite à alma “abrir a porta da vida”.

Abril é o mês de abertura no hemisfério nórdico: abertura da terra, para receber as sementes; das sementes, que germinam e dos botões, que se abrem em flor.

O nome anglo-saxão deste mês era Easter Monath, que até hoje é mantido na palavra Easter (Páscoa). Reverenciava-se a deusa da primavera e da fertilidade Eostre, assemelhada a Afrodite. Na Irlanda, este mês era chamado Aibreau e na tradição Asatru (nórdica), Ostara.

No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Huathe, a árvore sagrada é o espinheiro e o lema é “juntar forças para ir adiante”.

A pedra sagrada deste mês é o diamante e as divindades regentes são as deusas Afrodite, Flora, Perséfone, Cibele, Kwan Yin, Artemis, Bau, Anahit, Coatlicue, Mayahuel, Bast, Hathor, Ishtar e o Deus Verde da vegetação.

Os povos nativos tinham vários nomes para este mês: Lua da Semente, Lua do Plantio, Lua das Árvores em Botão, Lua do Semeador, Lua da Lebre, Lua da Relva Verde, Lua das Árvores que Crescem, Lua Cor-de-Rosa, Mês do Crescimento.

Neste mês, havia inúmeras celebrações e comemorações nas tradições e culturas antigas.

Em Roma, a festa de Megalésia festejava Cibele, a deusa da terra, cujo culto veio da Ásia Menor, onde era venerada como a Grande Mãe. O festival romano de Florália celebrava a deusa das flores e da alegria Flora, enquanto o festival Cereália comemorava o retorno da deusa

Proserpina do mundo subterrâneo e a alegria de sua mãe, Ceres, enchendo a Terra de folhas e flores. As mulheres romanas homenageavam a deusa Fortuna Virilis para ter sorte no amor.

Em Canã e na Fenícia, reverenciava-se a deusa lunar ornada de chifres Anahita ou Anat e Anait, enquanto nos países celtas celebravam-se as deusas solares Aine e Brighid.

Atualmente, o Festival Japonês das Flores festeja o nascimento de Buda mas, na tradição shintoísta, cultuavam-se os ancestrais, adornando suas lápides com flores.

Nos países nórdicos, 1º de Abril é dedicado ao deus trapaceiro Loki e é considerado o Dia da Mentira e dos Bobos. Em vários países, o Dia dos Bobos permite brincadeiras e piadas, em lembrança da mudança do calendário e da saída dos pacientes internados em hospícios para desfrutarem de liberdade.

No Egito, comemorava-se Bast, a deusa solar com cabeça de gato. No hemisfério sul, os incas tinham o festival Camay Inca Raymi.

A última noite deste mês é uma data muito importante na tradição Wicca: celebra-se o Sabbat Beltaine, reencenando o casamento sagrado da deusa da terra com o deus da vegetação.

Mesmo estando no hemisfério sul, em um país tropical com estações invertidas, você pode usar a antiga egrégora deste mês para avaliar e renovar as sementes de seus projetos e empreendimentos. Cuide de seu jardim (exterior ou interior), abra as portas para o florescimento, celebre a beleza e o amor, inicie uma nova etapa para o seu crescimento.

1º de Abril



Festival romano Venerália, dedicado à deusa **Vênus**, padroeira da beleza e do amor. As mulheres lavavam suas estátuas e adornavam-nas com jóias e flores, queimando incenso e orando para ter alegrias e boa sorte no amor.

Celebrações greco-romanas, apenas para as mulheres, dedicadas às deusas Fortuna Virilis e Concórdia. Invocavam-se as bênçãos das deusas para ter sorte no amor, melhorar a relação com os homens e garantir a harmonia nas famílias.

Na Irlanda, celebrava-se neste dia Blathnat, a “pequena flor”, antiga deusa da sexualidade e da morte, versão da deusa galesa Blodewedd.

Comemoração da deusa lunar Hathor, no Egito.

Celebração da deusa da morte e transmutação Kali, na Índia.

Dia dos Bobos na Europa e nos países colonizados pelos europeus. Segundo os historiadores, o Dia dos Bobos teve origem na mudança do calendário, quando o Ano Novo foi transferido de 21 de Março, no equinócio da primavera, para 1º de Janeiro. Muitas pessoas não gostaram dessa mudança, recusando-se a aceitá-la. Em consequência, sua comemoração passou a ser motivo de brincadeiras e piadas para os outros.

Os franceses chamam o 1º de Abril de “Dia dos Peixes”, devido ao aumento dos peixes pescados nessa época do ano e dos incautos enganados pelas “peças” dos amigos.

Nos países nórdicos, o Dia da Mentira e dos Bobos é regido pelo deus trapaceiro Loki. Neste dia, é permitido fazer brincadeiras e “pregar peças” nos desavisados até o meio-dia. Esse costume originou-se nos tempos antigos, quando era permitida a saída dos pacientes internados em hospícios ou manicômios, deixando-os soltos nas ruas durante um dia por ano para a diversão sádica daqueles considerados “normais”.

2 de Abril

Antigas celebrações celtas para as divindades solares - as deusas Aine e Brighid e os deuses Bel e Llew -, cujos símbolos eram a suástica ou a



cruz solar, o triskelion (símbolo da tríade) e os círculos, representando o ciclo solar, a renovação da vida e o poder de transmutação. Neste dia, “descarregavam-se” os resíduos do inverno queimando, em fogueiras feitas com madeiras sagradas, bonecos de palha representando o inverno e a morte ou afogando-os nos rios consagrados a estas divindades.

Festa de A-Ma, em Macau, reverenciando a deusa lunar portuguesa protetora dos pescadores, invocada para garantir a boa pesca.

Celebração na antiga Escandinávia de Vovó Amma, a deusa protetora dos marinheiros vikings e de suas famílias.

Dia da “Batalha das Flores”, na França, quando as pessoas andavam com cestos de flores, jogando-as para o alvo de suas conquistas.

No Ruz, o Ano Novo Zoroastriano celebra Ahura Mazda, o deus da sabedoria, da renovação da vida e dos bons influxos para o ano que se inicia. As pessoas vestiam roupas novas e trocavam presentes entre si, festejando ao redor de fogueiras com comidas tradicionais. As crianças recebiam moedas, ovos pintados, nozes e doces.

3 de Abril

Nascimento de **Buda**, o príncipe Sidarta Gautama que, depois de iluminado, fundou o budismo baseado em quatro famosas verdades:

- 1) a existência da dor;
- 2) a causa da existência da dor;
- 3) a destruição da causa da existência da dor e
- 4) o caminho que leva à destruição da causa do sofrimento.



Festa romana de Florália, dedicada a Flora, a deusa das sementes, das flores e dos frutos.

Em Roma, celebração da deusa Proserpina em seu aspecto de donzela da primavera e regente da vegetação.

Festa da deusa hindu Mulaprakriti, a Mãe Primordial, manifestada em seus três aspectos como Shakti, Prakriti e Maya.

Na antiga Pérsia, neste dia, ofereciam-se cestas com sementes germinadas às Divindades das Águas, jogando-as nos rios na esperança de que os azares e as mazelas do ano anterior fossem levadas água abaixo.

4 de Abril



Começo de Megalésia, o antigo festival romano de **Cibebe**, a Magna Mater, Grande Mãe e Mãe Terra, a deusa da vegetação e da fertilidade. Seu culto originou-se na Frígia, na Anatólia, atravessando o Mediterrâneo até chegar em Roma. Cibebe era representada como uma mulher madura, de seios volumosos, coroada de flores e espigas de cereais, vestida com uma túnica multicolorida e carregando um molho de chaves na mão. Às vezes, aparecia cercada de leões ou segurando nas mãos várias serpentes. Segundo a lenda, ela apaixonou-se por um jovem - Attis - que a traiu. Ao saber disso, ela o castigou, enlouquecendo-o. Em uma de suas crises de loucura, Attis castrou-se e sangrou até morrer. Cibebe, condoída com sua morte, transformou-o em um pinheiro e de seu sangue nasceram violetas. Anualmente, ao chegar a primavera, Attis renascia e Cibebe, feliz com seu retorno, fertilizava a Terra, enchendo-a de folhas e flores.

O templo de Cibebe, em Roma, foi transformado pela Igreja Católica na atual Basílica de São Pedro, no século IV, quando uma seita de cristãos montanheses, que ainda veneravam Cibebe e admitiam mulheres como sacerdotes, foi declarada herética, sendo abolida e seus seguidores queimados vivos.

5 de Abril

No Japão, dia de se reverenciar a deusa **Kwannon**, equivalente da deusa chinesa Kwan Yin, com oferendas de flores, velas violetas e incenso de lótus em homenagem aos ancestrais. Para invocar suas bênçãos de proteção; cura, amor e sabedoria, escreviam-se pedidos em rolos de papel de arroz, colocando-os nos altares de seus templos.

Em Roma, festa da deusa **Fortuna**, senhora da boa sorte e da abundância, padroeira dos jogadores, invocada por eles antes de apostarem.



6 de Abril

Celebração de **Tara**, a deusa hindu das estrelas, uma das manifestações de Kali como senhora do tempo. Seu símbolo - a estrela - é visto como um elemento de auto-combustão perpétua; por isso, Tara representa a fome insaciável (espiritual e física) que promove toda a vida. Nesta representação, Tara é a deusa do auto-domínio, sendo invocada por seus 108 nomes com um rosário de 108 contas. Ela aparece ou como adolescente ou como barqueira, levando os homens do mundo da ilusão ao do conhecimento. Tara tem cinco manifestações, cada uma com cor e nome específicos - branca, verde, azul, amarela e vermelha - sempre representando a Mãe Divina.



Festival Ching Ming, dedicado à deusa Kwan Yin ou Guanyin, a mãe da bondade, compaixão, saúde, cura e bem-estar. Preocupada com o bem da humanidade, Kwan Yin abriu mão de sua condição de bodhisattva (ser iluminado) para permanecer na Terra até a iluminação de todos os seres humanos.

Na França, festival da primavera dedicado às crianças. As pessoas colocavam barquinhos de madeira com velas acesas nos rios para celebrar a vida renovada, pedindo às divindades um rumo certo para seu destino e proteção para seus filhos.

7 de Abril

Neste dia, nos países eslavos, reverenciavam-se os espíritos benevolentes que moravam nas grutas, florestas, campos, jardins ou nas casas. Chamados de **Divja Davojke**,



eles ajudavam as mulheres em suas tarefas caseiras: limpar, cozinhar, moer os grãos ou fiar a lã. Por serem auxiliares preciosos que trabalhavam rápido e sem se cansar jamais, eles eram reconhecidos como protetores, tendo seus lugares prediletos respeitados e reverenciados, periodicamente, com oferendas de pão, mel, queijo, bolo de fubá, lã, moedas e vinho.

Celebração de Blajini na Romênia. Blajini significa seres meigos e, neste dia, eram feitas oferendas de pão fresco e vinho para os seres da natureza e para os espíritos ancestrais.

Celebração da deusa hitita Kait, a guardiã das colheitas e padroeira da agricultura e de Kadi, a deusa assíria da terra e da justiça, invocada em todos os juramentos e contratos.

Dia Mundial da Saúde: ore pela saúde de todos e pela cura das doenças crônicas e letais, pedindo aos anjos da cura e aos seres espirituais que inspirem e iluminem a mente dos cientistas e pesquisadores.

8 de Abril

Mounychia, celebração da deusa lunar **Artemis**, na Grécia, com danças e oferendas de bolos em forma de meia-lua cercados de lamparinas acesas. Agradecia-se à deusa pela luz da lua e pela proteção e cura das mulheres e crianças.

Em Roma, celebrava-se a deusa lunar **Hlânia**, um aspecto da deusa Diana e Tanit, em Cartagena, a deusa da lua crescente e da noite.



Os países eslavos homenageavam Hovava, Teleze-awa e Vestitsa, deusas lunares correspondentes às três fases da Lua.

Aproveite a data e prepare alguns biscoitos em forma de meia-lua. Convide algumas amigas e celebrem sua conexão com a Lua, compartilhando seus anseios, buscas e realizações como mulheres e filhas da Deusa.

No Japão, Hina Matsuri, o festival das flores de pessegueiro. Os ancestrais são reverenciados nos altares das casas e dos templos com oferendas de flores, arroz e saquê (licor de arroz). Os participantes são purificados pelos sacerdotes enquanto recitam poesias, cantam músicas, dançam e colocam as oferendas nos santuários repetindo orações. Ao final da cerimônia, as pessoas se divertem, festejando e dançando.

9 de Abril

Celebração da deusa celta da guerra **Andrasta**, a Invencível. Conduzidas pela valente Rainha Boudica, devota de Andrasta, nesta data comemora-se também a vitória das mulheres saxãs, em 1002 a.C., sobre os daneses, que já haviam vencido o exército saxão.



Em Roma celebrava-se, neste dia, Bellona, deusa da guerra, da estratégia e da soberania territorial. Foi precursora do deus Marte e era invocada antes de uma batalha para decidir as táticas de guerra ou a estratégia das negociações. Originariamente, a deusa da guerra da Capadócia era Mah; ao ser assimilada ao culto da deusa Bellona, passou a ser chamada de Mah Bellona.

Inspirada por estas deusas, rememore e celebre suas vitórias ao vencer as oposições e limitações, superando, assim, os obstáculos encontrados em sua realização como mulher, seja no campo profissional, seja na sua expressão pessoal.

10 de Abril

Dia de **Bau**, na Babilônia, a deusa do céu, da Terra e do mundo subterrâneo, mãe de Ea, o deus das águas.



Nos tempos muito antigos, Bau era a Mãe Primordial na Babilônia e na Fenícia, criadora de todos os seres vivos. Mais tarde, foi fragmentada em outras deusas, das quais apenas a deusa Gula continuou sendo cultuada como Deusa Mãe, detentora do poder de sustentar a vida, provocar ou curar doenças.

Terminam as festas de Megalésia, dedicadas à deusa Cibele, celebradas com corridas de cavalos.

No folclore celta acreditava-se que, neste dia, o Sol “dançava” nos primeiros momentos da alvorada. Na Irlanda, as pessoas acordam cedo para ver os primeiros raios do Sol “dançando” sobre a superfície da água (nos rios e lagos ou, ainda, em uma vasilha com água), buscando ver nestes reflexos algum presságio para suas vidas.

11 de Abril

Na antiga Pérsia, celebrava-se neste dia **Kista**, a deusa do conhecimento e da sabedoria. Kista era também a protetora dos seres humanos e a provedora dos alimentos. Ela era invocada e reverenciada juntamente com Daena, também uma deusa protetora das mulheres, guardiã da justiça e condutora das almas.

Na Mesopotâmia, homenageava-se Anat, a senhora da vida e da morte, deusa da guerra associada com a violência e intensa sexualidade. Anat tinha quatro aspectos separados: guerreira, virgem, mãe e libertina. De mãe criadora podia, no entanto, tornar-se uma vingadora cruel. Apesar de ter sido a amante de todos os deuses, preservava sua virgindade. Seu culto foi absorvido pelo da deusa Asherah, mas seguidores fiéis levaram-no até o Egito, onde Anath continuou a ser cultuada com os nomes de Anthyt, Anaitis, Antaeus e Anta.

Na Armênia, celebração de Anahit, a deusa do amor e da Lua, considerada mãe, protetora e benfeitora.



Festa de Elaphebolia, na Grécia, celebrando Ártemis em seu aspecto de deusa da caça e senhora dos animais selvagens. Ofereciam-se bolos em forma de cervos, os animais totêmicos da deusa, pedindo-se proteção aos caçadores.

Em Roma, neste dia, colocavam-se coroas de louro ou murta na cabeça das crianças pedindo-se a bênção da deusa Diana contra o mau-olhado e as doenças.

Festival chinês Tuan Yang Chieh, com procissões de barcos decorados com imagens de dragões. Flores eram oferecidas aos Dragões das Águas, pedindo sua proteção aos barcos e aos navegadores.

12 de Abril



Na antiga Roma, começava neste dia Cereália, o festival anual para garantir a fertilidade da terra, dedicado às deusas **Ceres** e **Ops**. Durante oito dias, as pessoas celebravam as deusas com oferendas de grãos e frutos, cânticos, danças e procissões com tochas.

Celebração de Chu-Si Niu, a deusa padroeira dos partos, em Taiwan. As mulheres grávidas vão para os templos pedir bênçãos para seus filhos, levando oferendas de flores.

Na antiga Grécia honrava-se, neste dia, Ilithya ou Eileithya, antiga deusa pré-helênica, precursora de Ártemis, padroeira dos partos e parteira de todos os deuses. Posteriormente, os romanos usaram seu nome como adjetivo para Juno e Lucina em suas atribuições como deusas dos partos. Em Roma, homenageava-se Vagitanus, a deusa que induzia o primeiro grito dos recém-nascidos.

13 de Abril

Kamo Tama Yori Hime, o casamento sagrado do deus Izanagi-no-mikoto e da deusa Izanami-no-kami, resultando no nascimento da criança Kami.

Festa hindu para os deuses Indra e Indrani, o casal divino que rege o amor, a sexualidade e a vida.

Celebração Sikh para o Ano Novo. Este festival - chamado de Vaisakhi ou Baisaki - é uma data religiosa, social e política. Diferente dos hindus, que celebram a colheita com oferendas, os peregrinos Sikhs vão aos templos de madrugada, tomam banhos de purificação e ouvem os ensinamentos dos gurus. Novos adeptos - homens e mulheres - são iniciados na Fraternidade dos Khalsa, que usam cinco emblemas como distintivos: um pente de aço, uma pulseira de ferro, uma espada pequena, calças curtas e cabelos longos.



Festival budista da água, na Tailândia, lavando e purificando as estátuas, os altares e as pessoas, afastando, assim, os espíritos maléficos e os resíduos negativos.

Comemoração do nascimento, em 399 a.C., do grande mestre Mahavira, com cânticos, oferendas de flores, incenso e perfumes para suas imagens, além da leitura de seus ensinamentos.

Festival romano da primavera Libertas, celebrando a deusa da liberdade pessoal e da justiça.

14 de Abril

Festival na Índia de celebração à deusa do mar **Mariamamma**, conhecida em outras culturas como Mari, Mara, Tara, Tiamat, Stella Maris, Mer, Maerin, Mari Ana, Marah, Yemanjá ou Afrodite.

Celebração na Caldéia de Marah, a deusa protetora da água salgada, a Mãe das Águas Primordiais. Os gregos reverenciavam-na com o nome de Tethys e Amphitrite e os romanos como Salácia.



Dia considerado desfavorável às viagens marítimas, necessitando de muita oração e proteção espiritual das divindades do mar. Foi neste dia que o famoso transatlântico Titanic chocou-se com um iceberg e afundou, causando a morte de milhares de pessoas.

15 de Abril



Fordicália, festa romana para **Tellus Mater**, a Mãe Terra. Honrava-se, neste dia, a Deusa, sacrificando-se uma vaca prenha, símbolo da terra fértil desabrochando na primavera. Após queimar o embrião na fogueira, espalhavam-se suas cinzas nos campos para assegurar a fertilidade das colheitas. Tellus Mater era também invocada nos casamentos para abençoar a união com fertilidade e prosperidade. Nos funerais, os mortos eram entregues a Ela, para descansar em seu ventre à espera do renascimento.

No Japão festeja-se, neste dia, o “Falo de Ferro”, Kanamara Matsuri, um antigo deus da fertilidade e da reprodução humana, invocado para curar a impotência e a esterilidade.

Na China, antigamente, os casais sem filhos e os homens de mais idade, iam em peregrinação aos templos da deusa Bixia Juangun, a senhora da fertilidade, pedindo suas bênçãos para a continuação de sua linhagem.

16 de Abril

Celebração asteca de **Coatlicue**, a deusa da vida e da morte, representada adornada com serpentes, penas e colares de caveiras. Segundo a lenda, Coatlicue, embora fosse virgem, deu à luz o deus Quetzalcoatl, ficando grávida pelo toque das penas brancas que enfeitavam seus seios. Considerada a criadora primordial, preexistente a qualquer outra criação, ela governava também a morte, definindo o prazo de vida de todas as criaturas.

Festival da deusa egípcia Bast, a deusa solar com cabeça de gato que representava o poder fertilizador do Sol, enquanto que sua irmã, Sekhmet, com cara de leão, simbolizava o calor destruidor do Sol.

Festival anual Hiketeria, dedicado a Apolo, o deus grego do Sol.



Antiga data no calendário caldeu honrando Levanah, a deusa da lua minguante, controladora das marés. Posteriormente, Levanah foi renomeada pelos gregos como Selene e pelos romanos como Luna.

Nesta data, ocorreu uma das aparições de Maria à menina Bernadette, em Lourdes, na França. O local da aparição era um antigo lugar sagrado da deusa Perséfone.

17 de Abril



Celebração hindu de **Ranu Bai**, a deusa da chuva, da fertilidade e da primavera. As mulheres estéreis reverenciavam-na, levando vasilhas com água de chuva para suas estátuas e pedindo-lhe que fertilizasse seus ventres.

Na Austrália, os aborígenes honram Wonambi, a deusa da chuva e da fertilidade, vista como uma serpente guardiã do arco-íris.

Comemoração de Rana Neida, a deusa finlandesa da primavera e da chuva, protetora das renas prenhes.

Celebre você também o poder purificador da chuva, passeando nela com a cabeça descoberta, “lavando” sua alma e seus aborrecimentos. Recolha água da chuva e guarde-a para seus rituais ou para lavar seus cristais, suas pedras e os objetos de seu altar.

Início do festival das carruagens no Nepal, dedicado ao deus da chuva Macchendrana, antigo e poderoso deus hindu.

Na China, homenageava-se nas fontes d’água Xiumu Niangniang, a Mãe das Águas, na época das chuvas e inundações, pedindo-lhe que suas dádivas viessem na medida certa.

18 de Abril

Rava Navami, festival hindu consagrado ao deus **Rama** e à deusa **Sita**. Neste dia, durante um ritual, a terra era arada pelo rei ou chefe da comunidade, invocando as bênçãos das divindades para as colheitas.



Segundo a lenda, a deusa Lakshmi encarnou como uma moça, Sita, para poder casar-se com Rama, herói que era a encarnação do deus Vishnu. A missão de Sita, que nasceu da terra quando foi arada, era assegurar a destruição de Ravena, rei demoníaco vencido por Rama.

Celebração da Donzela das Bananas, equivalente indonésia de Sita, reverenciada como deusa da vegetação e do plantio e de Hainuwele, a Mãe das Palmeiras, a deusa da abundância e da colheita.

Thargelia, festival grego de purificação dedicado aos deuses solares Apolo e Hélios, às deusas lunares Ártemis e Selene e às Horas, as deusas das estações. Eram feitas oferendas de frutos e produtos da terra, agradecendo com cânticos e orações as dádivas dos deuses, pedindo suas bênçãos para a colheita.

Durante as cerimônias de Thargelia, todas as crianças, menos as órfãs, levavam galhos de oliveira, enfeitados com fitas brancas e vermelhas, figos, nozes, doces e vasilhas com vinho aos santuários. Dois homens adornados com colares de figos brancos encenavam um ritual de expulsão do mal, chamado Pharmakos, lutando com outros dois homens, escolhidos entre os prisioneiros e enfeitados com figos pretos. Os vencidos, considerados os “bodes expiatórios”, eram chicoteados com galhos de espinhos e urtigas. Depois de alimentados com bolos de cevada, figos e queijos, eles eram expulsos da cidade, levando consigo os pecados e as mazelas da comunidade.

19 de Abril

Celebração, nos países escandinavos, de **Freyja**, a deusa da fertilidade, da sexualidade, do amor e da magia. Ela era representada como uma linda mulher, enfeitada com jóias de ouro e âmbar, vestindo um manto de penas de cisne, luvas de pele de gato e conduzindo uma carruagem puxada por gatos ou javalis. Nas línguas anglo-saxãs, o dia de sexta-feira foi nomeado em sua honra e, apesar da oposição da Igreja, o povo continua a casar-se neste dia para receber as bênçãos da Deusa.

Embora também seja regente da morte, sendo a chefe das Valquírias - as condutoras das almas dos mortos em combate -, Freyja não era uma deusa atemorizadora, pois sua essência era o poder do amor e da sexualidade, embelezando e enriquecendo a vida.



Encerra-se, neste dia, o festival da Cereália, dedicado às deusas dos grãos Ceres e Ops em Roma, Deméter na Grécia e Damkina na Suméria. Ao contrário de Tellus Mater, que era a própria Terra, Ceres/Deméter era a força da natureza, do crescimento e da nutrição. Suas celebrações incluíam rituais de purificação da terra e de incentivo à abundância das colheitas.

20 de Abril

Palília, festa da deusa romana **Pales**, protetora do gado e dos animais domésticos. Neste dia, os animais eram enfeitados com galhos verdes e passados pela fumaça das fogueiras para afugentar as más vibrações. Oferecia-se leite e bolo à Deusa, pedindo suas bênçãos.



Comemorações antigas das divindades com características taurinas, como Audhumbla, Asiat, Hera, Nut, Pales, Prithivi, Suki, Tefnut, A Mulher Búfala Branca e o deus Apis.

Aproveite a data e defume ou benza seus animais de estimação e seus abrigos com essência e galhos de eucalipto. Invoque a proteção da deusa para seus amigos de duas ou quatro patas, com pelo, penas ou escamas, que correm, voam, nadam ou rastejam. Lembre-se de sua responsabilidade com a Mãe Terra e com seus irmãos de criação, contribuindo com o equilíbrio planetário.

21 de Abril

Festival da deusa egípcia **Hathor**, a rainha do céu, da Terra e da Lua, a criadora primordial, mãe de todas as divindades. Manifestada sob sete aspectos, as sete Hathor eram associadas aos sete planetas e consideradas as protetoras das mulheres, do casamento, da família, das artes, do amor, da música e da astrologia. Eram elas que davam às pessoas as sete almas (ou corpos) ao nascer. Hathor foi reverenciada por mais de três mil anos, representada ora como mãe ou filha do Sol, com cabeça de vaca ou de leoa, ora como mulher, adornada com os chifres lunares, ora como a árvore da vida, a senhora do céu e também do mundo subterrâneo, mãe da vida e da morte. Em seu aspecto escuro como Rainha dos Mortos, Hathor aparecia como a Esfinge, a deusa Sakhmis ou Sekhmet, a deusa com cabeça de leão. Hathor foi venerada em Israel, em seu templo de Hazor, até 1100 a.C., quando seu templo foi destruído e seu culto proibido.



22 de Abril



Festival de **Istar**, na Babilônia, deusa que representava a força da vida e da luz, sendo reverenciada como a deusa da sexualidade e da fecundidade. Seu culto foi proibido pelos hebreus patriarcais e sua figura denegrida pelas Escrituras, passando a ser considerada como “A Mãe das Prostitutas” ou “A Grande Prostituta da Babilônia”.

No Japão, festa do casal divino O-Yama-no-kami e Kemo-tamayori-hine. Invocados para abençoar os casais com harmonia e fertilidade, eram reverenciados com cânticos, oferendas de frutos e encenações do ato sexual.

Cerimônia de Plenteria, em Roma, a lavagem ritualística do templo da deusa Minerva.

Dia da Terra, na Islândia, celebrando a chegada da primavera e homenageando Gerda, a severa deusa da terra, congelada pelo inverno, que despertava pelo toque de Freyr, o alegre deus da primavera e da vegetação.

Dia Internacional da Terra, celebrando Gaia, a Mãe Terra. É uma data indicada para orar pela paz e pela pureza do meio ambiente.

23 de Abril

Festival do Green Man, o deus verde da vegetação, o caçador Herne, uma das manifestações do deus **Cernunnos**, o princípio masculino fertilizador da terra e consorte da Deusa.

Dia de São Jorge, no Brasil. Na Umbanda popular celebra-se o Orixá Ogum, a divindade oruba do ferro, das lutas e da guerra. Aproveite esta data para sintonizar-se com esta energia guerreira para sua defesa e proteção. Acenda uma vela vermelha ou laranja, defume sua casa e seu carro, plante em um vaso de barro as plantas mais indicadas para defender sua casa ou local de trabalho, como espada e lança de Ogum, comigo-ninguém-pode, guiné-caboclo e losna.



Celebração egípcia de Neith, antiga deusa do céu, protetora das comunidades tribais, dos trabalhos manuais e dos artefatos de guerra. Um de seus nomes era Tehenuit, significando “aquela que veio da Líbia” e o outro Mehueret, “a Vaca Celeste”. Esta deusa tinha inúmeras atribuições, uma delas sendo a regência dos contratos de casamento. Nos casamentos realizados neste dia, os maridos eram obrigados a obedecer suas mulheres. Neith era representada com asas, chifres de vaca, uma coroa vermelha e um escudo. Seu totem era feito com duas flechas cruzadas, presas com uma pele de vaca.

Vinália, antigo festival romano do vinho dedicado ao deus Júpiter e à deusa Vênus.

24 de Abril



Celebração de **Mayahuel**, a deusa pré-asteca detentora do poder visionário pelos sonhos e pelas alucinações, regente da Terra e do céu noturno. Ela era representada com quatrocentos seios, nutrindo as estrelas e a Terra ou como uma bela mulher sentada em um trono, cercada de tartarugas e serpentes, segurando um prato com plantas alucinógenas que induziam os sonhos e as visões. Segundo as lendas, ela se transformou em um cacto, de cuja polpa se fabrica o “pulque”, uma bebida fermentada e alucinógena. Mayahuel é associada à Lua, à fertilidade, aos sonhos e ao estado de transe.

Sem recorrer a nenhuma substância que lhe afaste da realidade, procure encontrar sua “Visão Sagrada”. Tome um chá de artemísia, faça uma meditação ao som de um tambor e transporte-se mentalmente para o reino de Mayahuel. Saúde-a e peça-lhe que revele os meios para transformar seus sonhos em realidade. Ou então que lhe envie algum sonho significativo para compreender melhor sua vida atual.

Dia dedicado à deusa romana Luna, a regente lunar dos meses, das estações e da lua minguante.

Dia de São Marco. Segundo as crenças celtas, na véspera deste dia, os fantasmas de todas as pessoas que iriam morrer no decorrer do ano poderiam ser vistos flutuando na frente das igrejas e por cima dos cemitérios. Para ver este acontecimento, o observador deveria permanecer acordado a noite toda, sentado na soleira da igreja. Caso adormecesse, ele não acordaria mais no dia seguinte.

25 de Abril

Festa africana da deusa da agricultura **Tji Wara**. Para garantir a abundância das colheitas, os camponeses invocavam sua bênção no ato do plantio e reverenciavam-na no momento da colheita, oferecendo-lhe os primeiros frutos e espigas de milho e, às vezes, sacrificando algum animal, salpicando, depois, seu sangue sobre a terra.



Na Estônia, comemora-se, neste dia, **Ma-Emma**, a Mãe Terra, com oferendas de leite, manteiga e lã, colocadas ao pé de árvores velhas ou sobre lajes de pedra. As mulheres iam em procissão, levando as oferendas e recitando esta oração: “Mãe, você me deu, agora eu lhe dou. Aceite de mim o que eu recebi de você.”

Antigamente, em Roma, celebrava-se, neste dia, **Robigália**, o festival da deusa dos grãos **Robigo**, invocando sua proteção para proteger as plantações de milho das pragas e ervas invasoras.

Na Inglaterra, festeja-se “O Dia do Cuco”. A chegada deste pássaro migratório, proveniente do sul, assinalava o início do verão.

Uma antiga prática divinatória recomendava que as moças desejosas de “ver” seus futuros maridos deveriam jejuar durante o dia e preparar um bolo com cevada e trigo. Ao cair da noite, deveriam colocar o bolo na soleira da porta e esperar algum presságio nos sonhos ou a aparição de um sinal ou símbolo no bolo.

26 de Abril

Comemoração do Ano Novo em Serra Leoa com oferendas de sementes e orações para as deusas da fertilidade e da água.

Celebração de outras deusas da água em vários lugares da África: **Abenawa** e **Aberewa**, protetoras da pesca em Gana; **Afreketé**, protetora do mar em Dahomey; **Agiri**, protetora dos rios em Benim; **Harrakoi Dikko**, a Mãe d'Água em Benim; **Mukasa**, protetora da pesca e **Nagodya**, protetora dos lagos em Uganda; **Nummo**, a Mãe d'Água primordial em Mali; **Oxum**, deusa da água e da sexualidade, **Obá**, deusa do rio e do amor e **Yemanjá**, a Mãe Universal, Senhora das Águas na Nigéria. As últimas três deusas foram sincretizadas com cultos afro-brasileiros e relacionadas a santas católicas ou a manifestações da Virgem Maria.



Nos países bálticos, oferendas para as sereias Jurates. Filhas da deusa do mar Juras Mate e irmãs de Zeme, a deusa da terra, elas eram relacionadas aos poderes fertilizadores da água e à sedução dos homens, atraindo os marinheiros com seu canto.

Conecte-se a uma destas deusas e deixe-se embalar pelo som das ondas. Mergulhe no ventre primordial, nutra seu coração, cure suas feridas e lave sua alma. Renasça fortalecida e renovada, fluindo com o rio de sua vida, que a levará de volta à Fonte Original.

27 de Abril



Celebração do Dia das Crianças na Islândia, comemorando as **Deusas Meninas**, filhas da deusa Madder-akka. Esta tríade de deusas - Sar-akka, Juks-akka e Uks-akka - ajudava a abertura do útero e da pélvis ao se iniciar o trabalho de parto. A parturiente devia comer um mingau de aveia e beber conhaque, enquanto as mulheres da família rachavam lenha, invocando a ajuda das deusas com preces e cantos.

Festa da deusa etrusca Zirna, regente da lua e da noite, representada por uma meia-lua pendurada no pescoço. Zirna era companheira de Turan, deusa predecessora de Afrodite, ligada à sexualidade, ao amor e à paz.

Celebração da deusa solar eslava Iarilo, criadora da vida e senhora da fertilidade. As mulheres ofertavam-lhe folhas de bétula e ovos frescos, pedindo proteção durante a gestação.

28 de Abril

Início de Florália, as festas romanas dedicadas a **Flora**, deusa das flores e das alegrias da juventude. Durante os festejos, jogavam-se sementes sobre a multidão para atrair a fertilidade e a abundância.

Celebração de Chloris, a jovem deusa grega dos brotos e das sementes, namorada de Zéfiro, o deus do vento do oeste. Este casal de jovens e alegres deuses deslizava pelo céu, enfeitados com coroas de flores e tocando com suas asas os casais de namorados nos dias frescos de primavera.



Antiga festa no país de Gales para Olwen, a deusa solar, guardiã da roda dourada, o oposto de Arianrhod, a deusa lunar, guardiã da roda prateada. Olwen era representada como uma linda mulher, com longos cabelos dourados, olhos de violetas, bochechas de rosas e de cujas pegadas nasciam trevos brancos.

Comemoração de Cordélia, a deusa da natureza, regente da primavera na antiga Bretanha. Filha do deus do mar Lyr, Cordélia era, originariamente, considerada uma deusa do mar, cobiçada pelos deuses do ar e do mundo subterrâneo, que disputavam entre si sua conquista.

Aproveite esta data e colha algumas flores para presentear alguém ou para enfeitar a si própria ou a sua casa.

29 de Abril

Na Indonésia, Dia do Arado, comemorando as deusas da terra e da fertilidade Indara, a criadora da vida e ser supremo, Ineno Pae, a mãe do arroz e Sago, a mulher das palmeiras.

Na Nigéria, celebração da deusa da agricultura Inna, protetora das propriedades, defensora contra os ladrões e da deusa Ii, a mãe das colheitas, invocada para garantir a abundância das plantações.

Antiga comemoração de Prosymna, a deusa pré-helênica da terra, da natureza e do mundo subterrâneo, ama-de-leite da deusa Hera e precursora de Deméter como deusa da terra.

Dia dedicado ao Arcanjo Rafael, o Anjo da Cura.



Acenda uma vela verde e peça às deusas da terra ou ao Arcanjo Rafael a energia física, fortalecendo sua saúde e a prosperidade material, defendendo-a das energias invasoras ou vampirizantes, dos aproveitadores e dos “parasitas” (astrais ou materializados).

30 de Abril

Em vários lugares da Europa comemorava-se, na noite deste dia, o festival celta do fogo Sabbat Beltane, chamado de “A Noite de Walpurgis” na tradição saxã ou “O dia de Vappu”, na Finlândia.

Na tradição celta, os “Fogos de Beltane” reverenciavam a abundância da terra fertilizada pelos raios solares, comemorando-se com fogueiras, danças, músicas e com a encenação do “Casamento Sagrado” da Deusa da Terra com o Deus da Vegetação, representados por seus sacerdotes. Na Inglaterra e na Irlanda, mesmo nos dias atuais, esse festival ainda é festejado, na tradição Wicca, com fogueiras e danças ao redor de um mastro enfeitado com fitas (“May pole”), celebrando a união do Deus e da Deusa e a fertilização da Terra.

A Rainha de Maio é eleita, coroada com flores, permanecendo em seu trono durante as festividades. Nas danças tradicionais, fitas coloridas são trançadas ao redor do mastro. As meninas, vestidas com trajes folclóricos e usando guirlandas de flores, participam com muito empenho das danças, enquanto os rapazes, usando sinos nos tornozelos, encenam uma competição entre as forças triunfantes do verão e os males do inverno, as famosas “Morris Dances”.



A antiga tribo celta dos Averno homenageava Akurime, a deusa da vida, da beleza e do amor, ofertando-lhe objetos bonitos, atos de amor ou algumas gotas de seu próprio sangue. Akurime era considerada a progenitora de todas as formas de vida, sua beleza ofuscando a das estrelas.

Comemore esta data acendendo uma vela vermelha ou pulando sobre uma pequena fogueira para se purificar. Coloque uma guirlanda feita de flores vermelhas e alecrim atrás da porta ou no telhado de sua casa para atrair a sorte. Use roupas de cor verde para simbolizar seu renascimento.

Maio

A deusa grega Maia, mãe do deus Hermes e a mais importante das “Sete Irmãs” - representadas pela constelação das Plêiades -, deu origem ao nome deste mês. Maia, também chamada de Maius pelos romanos, era a deusa do calor vital, da sexualidade e do crescimento, sendo homenageada durante o festival de Ambervália, que incluía rituais de purificação e de proteção da terra.

O nome anglo-saxão antigo do mês era Thrimilcmonath ou “o mês em que as vacas dão leite três vezes ao dia” e, na tradição Asatru, é Merrymoon. No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Duir e a árvore sagrada é o carvalho. O lema do mês é “fortaleça-se e cresça”.

As pedras sagradas do mês são a ágata e a esmeralda. As divindades regentes são Maia, Bona Dea, Asherah, Blodewedd, Íris, Macha, Maeve, Diana, as deusas da vegetação e da água e os deuses Apolo, Pan e Cernunnos.

Os povos nativos denominaram este mês de Lua Alegre, Lua Brilhante, Lua Flor, Lua do Retorno dos Sapos, Lua do Leite, Lua do Plantio do Milho, Lua das Folhas e Mês da Alegria, entre outros.

Na tradição celta, o nome do mês era Mai e era considerado um período de liberdade sexual. Celebrava-se a fertilidade da natureza (vegetal, animal e humana) durante os fogos cerimoniais de Beltane.

Dos rituais antigos dedicados à deusa irlandesa da vida, da morte e da sexualidade Sheelah Na Gig, permaneceu o hábito de pendurar roupas velhas nos espinheiros, no quarto dia do mês, para afastar a pobreza e o azar.

Na Roma antiga, comemorava-se a deusa Bona Dea, a protetora das mulheres e homenageavam-se os Lemúres, os espíritos dos ancestrais, durante o festival de Lemúria, com oferendas em seus túmulos.

Os antigos gregos tinham os rituais de Kallynteria e Plynteria para a limpeza dos templos e das estátuas e festivais especiais para celebrar Pan, o

deus da virilidade e da vegetação, Perséfone, a rainha do mundo subterrâneo e seu consorte, o deus Plutão.

Comemoravam-se também Diana, a deusa da Lua e da vida selvagem e as Parcas, as deusas do Destino.

Asherah, a Grande Mãe dos semitas, marcava o início do mês, celebrada com oferendas de frutas e fitas, como a Árvore da Vida nos bosques sagrados.

Perchta, a Deusa Mãe, era reverenciada na antiga Alemanha e as Três Mães (a tríplice manifestação da Deusa) em vários lugares da Europa. O dia internacional das Mães que é celebrado em vários países no segundo Domingo de Maio foi oficializado nos Estados Unidos em 1914, após o projeto feito por Julia Ward em 1872.

Os celtas celebravam as deusas da guerra Macha e Maeve, Blodewedd, a deusa das flores e Cerridwen, a guardiã do caldeirão sagrado.

Na França, durante o festival das Três Marias, os ciganos festejam até os dias de hoje a deusa Sara Kali - posteriormente cristianizada como Santa Sara - com procissões, danças, casamentos e feiras. É a única celebração da Deusa ainda mantida viva, as Três Marias representando a trindade feminina encontrada na maior parte das antigas religiões e tradições.

As culturas eslavas celebravam a deusa da natureza Lada, os finlandeses a deusa da sorveira Rauni, enquanto que os povos nativos de vários lugares (Tibet, Rússia, Américas do Norte e Central) reverenciavam os espíritos da natureza, as divindades da chuva e as deusas da Terra.

Rememorando os antigos rituais da união sagrada das polaridades (o casamento da Deusa e do Deus), dedique este mês a buscar sua harmonia pessoal, conciliando seus opostos, aparando as arestas e criando condições para atrair um parceiro compatível ou para aprofundar uma relação já existente.

1º de Maio



Comemoração de **Asherah**, a grande mãe dos semitas, celebrada como a Árvore da Vida com oferendas de frutas e fitas amarradas nas árvores. Considerada a própria força da vida, esta Deusa era invocada nos partos e nos plantios. Nos templos, era representada por um pedaço bruto de madeira chamado "asherah" mas, nos altares domésticos, estatuetas de argila mostravam-na como uma mulher-árvore, com os pés na terra e de cujo ventre nasciam todos os seres. Seu culto foi perseguido e depois abolido pelos hebreus patriarcais, mas sua força, profundamente enraizada nos corações dos homens, emergiu em outras culturas, sob outros nomes, como Ashnan, na Suméria e Athirat, no Egito.

Dia dedicado à deusa greco-romana Maia. Esta deusa do fogo regia o calor vital e a sexualidade. Durante suas festas, era permitida uma certa licenciosidade e liberdade sexual. Posteriormente, na Igreja Católica, esta data foi dedicada a Maria, a Rainha do Céu e, em lugar dos rituais sexuais de fertilidade, declarou-se Maio o mês dos casamentos.

Festival druídico celebrando a união da Deusa com o Deus e o renascimento do Sol, marcando a "morte" do inverno e o "nascimento" da primavera. Na madrugada deste dia, os Druidas recolham o orvalho dos campos para usá-lo em encantamentos de boa sorte. No decorrer do dia, havia concursos de poesias e músicas, competições esportivas e danças sagradas circulares. Os celtas celebravam, neste dia, Creiddylad ou Cordélia, a deusa do amor, da paixão e das flores de verão. Para conquistá-la, o deus do ar e o deus do mundo subterrâneo lutavam entre si.

Comemoração de Tanith, a deusa cartaginense representada como a regente do céu. Tanith era representada como uma criatura alada, com o zodíaco envolvendo sua cabeça, usando um vestido coberto de arelas e segurando nas mãos o Sol e a Lua. Os povos púnicos chamavam-na de Mãe e acreditavam que tinham vindo de seu reino, o céu.

Celebração da deusa finlandesa Rauni, a guardiã do trovão. Sua Árvore sagrada era a sorveira, uma árvore mágica nascida de seu amor com

o deus dos relâmpagos, cujas folhas, frutos e galhos eram usados em rituais e encantamentos mágicos.

2 de Maio

Comemoração da antiga deusa pré-helênica **Helena Dendritus**, a senhora das árvores. Segundo o mito, ela tinha dois irmãos, Castor e Pólux, nascidos de um ovo posto por sua mãe Leda, uma das manifestações lendárias da Deusa Pássaro. Helena era tão bonita e seus seios tão perfeitos que serviram de molde para os oleiros gregos aprenderem a modelar taças. Como uma deusa da vegetação, Helena era reverenciada em vários bosques, onde seus devotos colocavam nas árvores oferendas e estatuetas de argila. Seu nome era dado às rainhas, sendo a mais famosa delas Helena de Esparta, cuja beleza teria contribuído para a famosa guerra de Tróia.



Celebração de Hina, a grande deusa da Polinésia, senhora da morte, rainha guerreira e regente da Lua.

Nesta data celebrava-se, também, Helle, a deusa lunar da Beótia, regente do mar e das marés, deusa ancestral dos povos pré-iônicos, transformada, posteriormente, na deusa Helena e em Selene.

Dia de Ysahodhara, mulher de Buda e Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, nas Filipinas. Ambas comemorações são reminiscências dos antigos festivais das deusas.

3 de Maio

Último dia de Florália, celebração dedicada à deusa **Flora** iniciada em 28 de Abril. Esta deusa romana personificava o florescimento de toda a natureza, inclusive a humana. Honrava-se o corpo da mulher com desfiles de mulheres nuas adornadas de flores. Invocava-se Flora para facilitar a concepção, pois a flor é o órgão sexual da planta. Durante seus festejos, soltavam-se lebres e bodes no meio das pessoas para atrair a fertilidade e jogavam-se feijões e tremoços sobre a multidão. Posteriormente, seus rituais sagrados degeneraram em orgias e Flora foi considerada a padroeira das prostitutas.

As mulheres que têm dificuldade em conceber podem, nesta data, invocar a ajuda da deusa **Flora**, oferecendo-lhe flores, sementes germinadas e frutos germinados.

Festival romano de **Bona Dea**, a deusa do bem-estar, período no qual as mulheres festejavam a deusa com rituais secretos proibidos aos homens. As estatuas masculinas eram cobertas e as mulheres reuniam-se na casa de uma matrona abastada, onde as Vestais dirigiam os rituais mantidos em segredo.

É um bom dia para se reunir com suas amigas, trocando confidências e divertindo-se. Porém, não esqueça de reverenciar o Sagrado Feminino, presente em cada mulher e manifestado na variedade das figuras femininas, unindo todos os corações apesar das diferenças e desencontros das personalidades.



4 de Maio

Antiga celebração da deusa celta das flores **Blodewedd**. Segundo as lendas, ela foi criada a pedido do deus solar **Llew Llaw Llaw**, amaldiçoado por sua mãe **Arianrhod** para nunca se envolver com uma humana. Por meio da magia, esta deusa foi criada de nove espécies de flores mas, quando foi descoberta sua infidelidade, os mesmos magos que a criaram transformaram seu rosto florido em uma cabeça de coruja.



Mitos mais antigos consideram **Blodewedd** uma manifestação da Mãe Terra, como a senhora da vida e da morte, da mesma forma que **Blathnat**, a “Pequena Flor”, filha do Rei das Fadas na Irlanda.

Dia do **Espinheiro**, árvore sagrada da Deusa. Chamada também de **Árvore de Maio**, o espinheiro representava os três aspectos da deusa: a pureza virginal, a fertilidade materna e a força destruidora da Anciã, descrita na lenda de **Cu Chulain** como a “maldição do espinheiro”. O espinheiro, quando localizado em lugares sagrados, era honrado

colocando-se fitas ou pedaços de panos coloridos em seus galhos. Posteriormente, esse dia foi dedicado a Santa Mônica, marcando o começo da Lua do Espinheiro no calendário celta.

Festival da tríplice deusa celta Cerridwen, guardiã do caldeirão sagrado da transmutação e do renascimento.

5 de Maio

Celebração de **Íris**, a deusa grega guardiã do arco-íris e mensageira de Hera. Íris formava o arco celeste, cujo espectro de cores representava todas as possibilidades de manifestação do Poder Divino. Seu nome foi dado, também, à parte do olho que mostra as variações possíveis das cores e sua planta sagrada, o íris, afasta as influências negativas. Para buscar a água a ser usada nos juramentos, Íris era uma das poucas deusas do Olimpo que podia ir ao mundo subterrâneo.



Em várias outras mitologias, existem deusas e deuses guardando esta colorida ponte, que liga a Terra ao Céu: na Austrália, temos Jullungul; na África, Dan e na Escandinávia, o deus Heimdall, entre outros.

Kodomono Hi, o Festival dos Estandartes no Japão. Milhares de pessoas, entre adultos e jovens, soltam, neste dia, pipas coloridas em forma de dragões ou peixes, feitas de papel de arroz e bambu. Flâmulas decoradas com os mesmos motivos enfeitam todas as casas. Para celebrar a entrada na puberdade, os rapazes recebem de suas mães standartes em forma de peixes, para lhes dar coragem e perseverança ou dragões, que simbolizam o poder mágico e a sabedoria.

Festival do Dragão, na China, com procissões de barcos enfeitados com figuras de dragão. O dragão simboliza os poderes sobrenaturais do ar, da água, do fogo e da terra.

Dia da Artemísia na China. As mulheres chinesas confeccionam, neste dia, bonecas com folhas de artemísia e penduram-nas acima das portas e das janelas para afastar entidades e influências negativas. A artemísia é considerada uma erva sagrada mágica, usada para purificação, proteção e para despertar e ativar a percepção psíquica em vários lugares do mundo, em várias tradições.

6 de Maio

Antiga comemoração da deusa loura irlandesa **Inghean Bhuidhe**, celebrando o início do verão. Esta deusa tinha duas irmãs: Lasair, que regia a primavera e Latiaran, que anunciava a chegada do outono. Seu culto sobreviveu à era cristã disfarçado no de outras santas, honrando Inghean com rituais e oferendas nas fontes sagradas.



Celebração grega das Horas, as deusas menores da natureza: Thallo, da primavera; Carpo, do outono; Eunomia, da ordem; Diccia, da justiça e Eirene, da paz.

Estas deusas regiam a ordem natural dos ciclos anuais, das estações e do crescimento das plantas. Depois, tornaram-se também as deusas da natureza humana e regentes da ordem social.

Celebração dos deuses Fauna e Faunus, aspectos da deusa Diana, protetora dos animais. Regentes da fertilidade da Terra e dos animais, Fauna e Faunus eram os protetores das florestas e dos animais selvagens.

Dia consagrado à deusa eslava Vila ou Samovila, representando a força da natureza. Como protetora das florestas, dos animais e reguladora das chuvas, Vila aparecia para os caçadores como uma mulher bonita, com longos cabelos louros, asas coloridas e trajes brilhantes. Feroz protetora dos animais e de seus filhotes, ela não hesitava em matar aqueles que caçavam ou maltratavam os animais em seu habitat. Vila podia metamorfosear-se em serpente, cisne, falcão, cavalo ou redemoinho, ludando e desviando os caçadores. Ela também era detentora dos segredos da cura com plantas e ervas. Se alguém queria ser por ela guiada, deveria ir bem cedo a uma floresta, fazer um círculo com galhos de bétula, oferecer-lhe uma ferradura e cabelos da crina de uma égua. Imitando o relinchar da égua e batendo com o pé direito sobre a ferradura, o suplicante podia chamar Vila e, quando ela aparecesse, saudá-la como “Grande Irmã” e pedir-lhe a iniciação nos segredos das ervas.

Nos países escandinavos reverenciava-se a deusa Eir, “A curadora silenciosa”, que auxiliava as rezadeiras, curadores e xamãs nas curas com ervas, runas e sons.

7 de Maio

Celebração egípcia de **Anuket**, antiga deusa das águas e da fertilidade da Terra. Seu emblema era o búzio, sendo representada com quatro braços. Como símbolo da união da polaridade masculina e feminina, seu nome era "A Una". Criada por si mesma, Anuket era virgem; no entanto, gerou o deus solar Ra. Ela era invocada durante as inundações do Nilo, nos templos de Aswan e da ilha sagrada de Seheil.



Thargélia, festival grego do deus Apolo, o lindo deus do dia e do Sol. Apolo, assim como sua irmã Ártemis, era filho de Zeus e de Leto, sendo venerado na ilha de Delos. Apolo tinha múltiplas atribuições: músico, por tocar lira, poeta, curandeiro, protetor dos rebanhos e adivinho. Originariamente, o Oráculo de Delos pertencia à sua irmã Ártemis mas, com o passar do tempo e o fortalecimento da sociedade patriarcal, as atribuições da Deusa foram delegadas ao Deus e Pythia passou a ser a sacerdotisa oracular de Apolo.

Festa de Serpari, procissão cristã com serpentes em Abruzzi, na Itália, reminiscência das antigas celebrações do poder transmutador e regenerador da Deusa. A serpente, antigo símbolo da Deusa, foi posteriormente considerada um símbolo fálico nas sociedades patriarcais e sinônimo do mal nas escrituras cristãs.

8 de Maio

Celebração irlandesa da deusa **Macha** em sua tríplice manifestação de guerreira, esposa e rainha. Chamada de "Rainha dos Fantasmas", Macha, às vezes, era considerada uma metamorfose das deusas guerreiras Morrigan e Badb. Antes da chegada dos celtas, ela era venerada na Irlanda nos templos de Emain Macha, em Ulster. Sua voz enfeitiçava os homens nos



campos de batalha, atraindo-os para seu escuro reino da morte. Alguns pesquisadores equiparam Macha à deusa asiática Macha Alla ou Machalath, a senhora da vida e da morte e à deusa hindu Durga.

Comemoração de Mari, a deusa basca regente da chuva e da seca. Ela também punia todos os culpados de roubo, mentira e violência. Às vezes, aparecia como uma mulher madura, atravessando o céu em uma carruagem puxada por cavalos pretos. Mari morava em um lindo palácio nas nuvens, que ela substituía a cada sete anos. Podia aparecer, também, como uma árvore em chamas, uma nuvem branca, o arco-íris ou uma velha morando em cavernas, que se metamorfoseava em aves de rapina. Na mitologia hindu também existe Mari, deusa que personifica a morte, senhora da chuva, da seca e das doenças contagiosas.

Neste dia, em Cornwall, na Inglaterra, começam as Danças Florais, provavelmente inspiradas nas celebrações romanas de Florália. Segundo as lendas, a criadora destas danças foi a deusa donzela Marian.

Dia da cegonha, na Dinamarca, reminiscência das antigas homenagens feitas para as Deusas Pássaros.

9 de Maio

Celebração de **Perchta** ou Berchta, antiga Deusa Mãe da Alemanha, Itália e Áustria, que fertilizava os campos e os animais. Ela aparecia para os camponeses como uma mulher madura, com rosto enrugado, alegres olhos azuis, semblante sorridente, longos cabelos brancos e roupas esvoaçantes. Perchta não suportava a preguiça e castigava os preguiçosos com agulhadas e arranhões.



Lemúria, comemoração romana dos Lemúres, espíritos dos mortos que voltavam para visitar suas famílias e casas. Para homenageá-los, os familiares preparavam e ofereciam as comidas de seu agrado. As pessoas procuravam se purificar de qualquer ressentimento ou mágoa que tivessem em relação às pessoas falecidas por meio do perdão e da reconciliação. Para aqueles que haviam morrido mas não tinham túmulo,

o chefe da família oferecia feijões pretos e recitava uma oração poderosa por nove vezes. Os feijões representavam o poder de regeneração e eram oferecidos, também, para as carpideiras (“ambasciatrice”) que choravam os mortos durante os velórios.

Neste dia, honre você também seus ancestrais fazendo um pequeno altar com flores e suas fotografias. Acenda uma vela branca e um incenso de rosas e ore pela paz de seus espíritos. Agradeça-lhes pela linhagem e os exemplos que lhe deixaram, levando alguns feijões para seus túmulos.

Dia da Mãe Terra na China.

10 de Maio



Celebração de **Cynosura**, a deusa cretense das estrelas e dos planetas. Algumas lendas descrevem-na como a babá de Zeus enquanto ele esteve escondido - como criança - na gruta do Monte Ida, em Creta. Como gratidão, Zeus transformou-a na constelação da Ursa Menor. Outros mitos mais antigos mencionam Cynosura como uma deusa da Terra e do céu, mãe e guardiã da ilha, sendo que sua constelação - a Ursa Menor - servia de ponto de orientação aos navegantes.

Dia de Tien Hou, em Hong Kong, a rainha do céu, deusa do oceano e da estrela do norte, protetora dos marinheiros e dos pescadores. Apesar de ser uma deusa d'água, ela flutuava com as nuvens, consultando os ventos para descobrir e salvar os marinheiros em perigo. Tien Hou é idêntica à Quan (ou Chuan) Hou, a deusa da alvorada, regente dos rios, da pesca, dos animais aquáticos e das viagens.

Celebração de Ausrine ou Auseklis, a senhora da estrela da manhã, a deusa lituana da alvorada que acende todos os dias o fogo solar que ilumina a Terra. Ela tem duas irmãs: Zleja, a deusa da luz solar do meio-dia e Breksta, a deusa do crepúsculo e da escuridão. Ausrine é similar à deusa grega Eos, às Auroras eslavas e à Aarvak nórdica, sendo todas deusas da alvorada.

Comemoração de Anaitis, a deusa persa da Lua, da água, do amor e da guerra, equiparada a Anahita e Ant.

Casamento sagrado do deus Shiva e da deusa Meenakshi, comemorado com oferendas de flores brancas, incenso e cânticos.

11 de Maio

Cerimônia da chuva na Guatemala, celebrada com danças de mulheres invocando as chuvas fertilizadoras, segurando moringas cheias de água, batendo tambores e sacudindo chocalhos. Invocava-se a deusa da chuva Xtoh e a deusa da terra Xcanil, derramando-se a água de cinco cocos sobre a terra.



Antiga comemoração russa das Russalkas, os espíritos da água, cuja dança noturna proporcionava o crescimento e a maturação das plantas. Vestidas com roupas de folhas verdes e com serpentes nos cabelos, elas traziam a chuva para os campos. No final do verão, as Russalkas recolhiam-se em seus esconderijos no fundo dos rios, onde permaneciam até a primavera seguinte. Acreditava-se que as Russalkas eram os espíritos das virgens afogadas e, para atrair sua boa vontade, lhe eram ofertados pão e sal. Na Romênia, nos períodos de seca, as moças das aldeias se cobriam com folhas e galhos verdes e dançavam nas ruas pedindo chuva, enquanto a multidão jogava sobre elas baldes de água, batia palmas e recitava orações para os espíritos da água chamados Paparude. Com a cristianização, as Russalkas foram sincretizadas com o culto de Maria, resultando na figura de Mari-Russalka, protetora da água e dos salgueiros.

Na Austrália, homenageavam-se as irmãs Wawalag, duas deusas responsáveis pela fertilidade e procriação, representadas pela chuva e pela força vital das mulheres. Foram elas as responsáveis pela civilização, ensinando-nos a usar certas plantas e raízes para comer, nomeando as estruturas da terra e transmitindo aos homens o dom da linguagem.

Os países eslavos celebravam, neste dia, Doda, a deusa da chuva e Ved-Ava, ou Azer-Ava, a mãe das águas e da fertilidade.

Celebração dos “Santos do Gelo” e da “Sofia Gelada”, versões cristianizadas dos antigos espíritos da natureza.

12 de Maio



Celebração de **Cernunnos**, o deus celta da vegetação, consorte da Deusa, senhor dos animais e guardião dos caminhos. Ele representa o princípio gerador e fertilizador da vida, o protótipo da virilidade masculina. Venerado pelos druidas como Hu Gadarn, o Deus Cornífero era representado com adornos de chifres em sua cabeça, barbudo, nu, usando apenas um colar chamado “torque”, um escudo e uma lança. Seus símbolos eram o cervo, o touro e a serpente. Além de reger a vitalidade e a vegetação, Cernunnos era, também, o guardião dos portais do mundo subterrâneo e das encruzilhadas, senhor da caça selvagem, recolhendo as almas. A Igreja Católica metamorfoseou-o na figura do Diabo, transformando sua sexualidade e liberdade de instintos em sinônimos de pecado, luxúria e perdição.

Comemoração de Luot-hozjik, a deusa eslava das florestas, protetora dos cervos e das renas. Ela vivia em uma colina coberta de líquens, tinha o rosto e os pés humanos mas o corpo peludo, como o de uma rena.

Na Lituânia, cultuavam-se Meza Mate e Veja Mate, a mãe da floresta e a mãe do vento. Filhas de Zeme, a Mãe Terra, elas protegiam as árvores, os animais e os pássaros.

Festival de Shashti, na Índia, dedicado ao deus da floresta e dos animais Aranya Shashti.

Parada dos gatos na Bélgica, homenageando os felinos, animais sagrados do Egito e “parceiros” das bruxas.

13 de Maio

Procissão de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal e comemoração da abolição da escravatura, no Brasil.

Neste dia, festeja-se na Umbanda a falange de Yorimã, entidades espirituais que se apresentam com a roupagem fluídica de escravos, pretos ou pretas velhas. Espíritos sábios e pacientes, aconselham os “filhos de fé”,



receitam remédios caseiros ou ervas, rezam “quebranto” e desfazem os “nós mágicos” que atrapalham a vida das pessoas. De acordo com sua fé ou necessidade, acenda uma vela roxa ao pé de uma árvore velha, ofereça um cachimbo de barro com fumo de rolo desfiado, um pratinho com canjica e um copinho de café amargo. Peça a estes espíritos ancestrais proteção e sabedoria, abrindo seus caminhos materiais e espirituais e aliviando seu sofrimento.

Nos países eslavos, homenageavam-se Purl Kuva, a velha da casa e Purl Kuguza, o velho da casa, espíritos protetores das casas, guardiões e curadores. Purl Kuva era uma deusa ancestral do destino conhecida, posteriormente, como uma mulher velha que aparecia na iminência de doenças ou desgraças. Se fosse devidamente reconhecida e agradada com oferendas de mingau, pão, panquecas e cerveja, ela ficava feliz e protegia a casa contra incêndio, roubos e os espíritos das doenças. Se fosse desrespeitada ou irritada, ela provocava doenças e azares. Quando uma família se mudava para uma nova casa, antes de qualquer outra providência, colocava-se no chão da casa as oferendas para o Velho Casal, pedindo-lhes as bênçãos e proteção.

14 de Maio



Dia da deusa **Auset** ou Ast, na África do Norte, uma das antigas representações da deusa Ísis como rainha suprema, criadora da vida, das estrelas e dos planetas.

Festival do Sol da Meia-Noite, dedicado a Sunna, a deusa solar e a Ing, o deus escandinavo da luz e consorte de Nerthus, deusa da Terra. Como padroeiro da casa e da lareira, seu símbolo é a runa Ing (◇), o facho de luz que ilumina e abre um novo caminho.

Celebração eslava de Amra, a deusa do Sol e da vida e de Ayt'ar, o deus da fertilidade e da procriação. Na Rússia, Si, uma antiga deusa solar, era invocada nos juramentos por punir os que quebravam as promessas.

Início do festival de Dea Dia, antiga deusa romana da agricultura, posteriormente identificada com as deusas Acca Larentia e Ceres. Seu culto incluía rituais complexos, celebrados nos templos em Roma. Eles culminavam no terceiro dia, com uma grande celebração em seu bosque sagrado. As doze sacerdotisas e os doze sacerdotes que efetuavam os rituais eram escolhidos das famílias mais importantes e suas funções eram vitalícias. O bosque de carvalhos e louros era tão sagrado que era proibida a retirada de qualquer galho ou folha. Caso alguma árvore fosse derrubada pelas tempestades, deveriam ser feitos sacrifícios de ovelhas e porcos como forma de ressarcimento.

Nas Filipinas, rituais de fertilidade dedicados à Deusa Mãe, posteriormente transformados nas festas de Santa Clara e da Virgem de Salambao.

18 de Maio



Dia consagrado a **Pan**, o deus greco-romano da natureza, fertilidade, sexualidade e vigor masculino. Pan era um dos deuses gregos mais antigos, considerado a força vital do mundo, regente dos espíritos da natureza, das florestas e dos animais, protetor dos homens, padroeiro da agricultura e da pecuária, da música e da dança, além de mestre da cura. Ele tinha, também, seu lado “escuro”, causando os medos inexplicáveis e repentinos, a “síndrome de pânico”. Pan era representado por uma figura masculina selvagem, peluda, com chifres e cascos, o pênis ereto, tocando uma flauta. Como uma representação explícita da força dos instintos e da potência sexual, sua imagem foi usada pelo cristianismo para representar o Diabo, figura inexistente nas antigas Escrituras.

Na África, celebração da deusa Ani, a protetora das mulheres e das crianças, padroeira da terra e da agricultura, responsável pelos ciclos da natureza e pela fertilidade humana, animal e vegetal. Seu consorte, Okuke, era o deus da virilidade, da fertilidade e do vigor físico.

Aproveite esta data para reconectar-se à energia telúrica de Pan, reverenciando-o em si (se você for homem), no seu parceiro ou na natureza livre e indômita. Prepare um altar com pinhas, chifres ou cascos de animais, galhos de pinheiros e cachos de uvas. Queime incenso de almíscar, acenda uma vela verde, brinde com vinho e dance ao som de uma flauta de Pan.

19 de Maio

Kallynteria e Plynteria, cerimônias de purificação e louvação da deusa **Pallas Athena / Minerva**, na antiga Grécia e em Roma. Suas estátuas eram lavadas nos rios ou nos lagos, ficando imersas por um tempo para absorver a energia renovadora da água. Depois, as mulheres vestiam as estátuas com túnicas e adornos novos, levando-as em procissão solene pelas ruas, em total silêncio e reverência. Esta purificação estendia-se às residências, onde os altares familiares e todos os cômodos eram limpos, pintados e redecorados. Varria-se o “velho” e abria-se espaço para um novo ciclo, invocando as bênçãos da Deusa.



Aproveite esta data e faça uma boa limpeza no seu altar. Lave seus cristais, deixando-os imersos em água de chuva ou de fonte ou em água comum com algumas gotas de limão e sete gotas de essência de pinheiro ou eucalipto. Exponha-os à luz do Sol ou da Lua, defume-os com incenso de sálvia ou mirra. Medite a respeito da arrumação de seu altar e troque ou acrescente tudo que for necessário.

Limpe também sua casa, como faziam nossas ancestrais, arejando roupas e calçados, espanando as teias da estagnação e a poeira do passado. Arrume seus armários, desfazendo-se do que não mais necessita ou usa. Abençoe seus utensílios de limpeza (espanadores, vassouras e aspirador) para que possam captar não apenas a sujeira material, mas também a “poeira” astral. Finalize com uma oração para sua própria limpeza psíquica e energética.

20 de Maio



Celebração da deusa egípcia **Satet**, a arqueira solar, a caçadora e padroeira das cataratas do Rio Nilo, juntamente com a deusa Anuket. Ela era responsável pelas correntezas do rio, direcionando-as com suas flechas. Podia ser representada como uma mulher coroada, segurando um arco e flecha ou dentro da *Árvore da Vida*, vertendo água de um vaso. Esta água ela usava para a purificação dos faraós antes deles entrarem no mundo subterrâneo.

Dia dedicado ao culto de Hebat, a deusa solar da Anatólia, representada como uma mulher forte cavalgando um leão. Mitos posteriores fundiram seu culto ao da deusa hitita Wurusemu, esposa de Taru, o deus do tempo.

Festival de Mjollnir, o martelo mágico de Thor. Deus nórdico da guerra, Thor era filho de Jordh, a Mãe Urso, deusa da Terra e da natureza. A esposa de Thor era a linda Sif, a deusa dos grãos e do outono, cujo cabelo refletia as cores das folhas.

21 de Maio

Celebração da deusa celta **Maeve**, originariamente deusa da sabedoria da Terra. Cultuada em Tara, o centro mágico da Irlanda, Maeve era uma deusa guerreira, cavalgando cavalos selvagens e vivendo cercada de animais. Dotada de uma intensa sexualidade, ela escolhia à vontade seus amantes e nenhum homem olhava-a sem se apaixonar. Seu nome em celta era Medhbh ou “aquela que intoxica”.



Medite e procure visualizar essa deusa fogosa, com o cabelo ruivo coroado com uma tiara e segurando nas mãos uma espada e um escudo. Pergunte a seus pássaros mensageiros o que precisa combater em sua vida e como absorver sua energia para alcançar seus objetivos.

22 de Maio

Niman Kachina, celebração dos índios Hopi festejando o retorno dos **Kachinas** para seu lar dentro da terra. Ao voltarem para sua morada, esses espíritos da natureza levavam consigo as orações e os pedidos do povo para a abundância nas colheitas.

Os Kachinas são espíritos mediadores entre o mundo humano e o espiritual e eram reverenciados com danças em que as pessoas personificavam-nos por meio de mímicas, máscaras e costumes de animais, pássaros, plantas ou dos ancestrais.

Homenageava-se, também, Hahai Wuhti, a mãe dos Kachinas, a “mulher que despeja água”, responsável pelas cerimônias e danças.

Na Austrália, celebram-se as irmãs Jungkowa, deusas ancestrais criadoras de todas as formas de vida. Segundo a lenda, elas moravam na Terra dos Espíritos, no Templo dos Sonhos e podiam ser alcançadas por meio de símbolos e rituais. Para agradá-las, as pessoas lhes ofertavam peixe e inhame.

Festa de Santa Rita de Cássia, a padroeira das causas difíceis, modernização de uma antiga deusa da misericórdia.

Festival hindu celebrando as Yakshini, os espíritos femininos das árvores e da atmosfera. Descritas como lindas mulheres vestidas com túnicas transparentes, elas moravam nas árvores, sacudindo-as levemente para que florescessem. Seus companheiros chamavam-se Yaksas e, juntos, cuidavam das árvores e dos seres da natureza.

23 de Maio

Rosália, o festival das rosas, marcando o início das festividades dedicadas à deusa da vegetação Flora e à deusa do amor Afrodite.

Na Irlanda, antigamente celebrava-se Branwen, a deusa do amor, da sexualidade, da Lua e da noite. Chamada de “seios brancos” ou “vaca gateada”, Branwen era semelhante à grega Afrodite. Foi cristianizada como Santa Brynwyn e considerada a padroeira dos namorados.





Celebre você também esta data, dedicando-a a si mesma. Enfeite sua casa com flores, acenda velas vermelhas e incenso de rosas no seu quarto e banheiro. Tome um demorado banho de espuma ou com sabonete de rosas. Finalize com um banho de essência de rosas (ou jasmim) e vista uma roupa rosa ou vermelha. Realce sua beleza com seus recursos pessoais e medite um pouco, invocando a energia do amor para sua vida. Saia depois para se divertir, sozinha ou bem acompanhada.

24 de Maio

Dia consagrado às **Três Mães**, as deusas celtas doadoras da vida, do crescimento e da morte/transmutação.

Celebração, na antiga Ibéria, das Mães Divinas, conhecidas com vários nomes, dependendo do lugar: Matres Aufaniae, Brigaecae, Galaicae, Monitucinae ou simplesmente as Matronas ou Maters.

Reverencie a Deusa Tríplice, na forma de donzela, mãe ou anciã, de acordo com a manifestação correspondente a seu estágio de vida: juventude, maturidade ou velhice. Acenda uma vela - branca, vermelha ou preta - e invoque a Deusa, pedindo-lhe orientação e proteção para a fase atual de sua vida.

Celebração na Grécia do nascimento de Ártemis, a deusa da lua crescente e senhora dos animais, filha de Leto, antiga deusa da noite.

Na Trácia, comemorava-se Bendis, a deusa lunar guardiã da Terra e protetora dos animais, com procissões e corridas de cavalos.

Festival eslavo celebrando a deusa do amor e sexualidade Lada, padroeira da primavera, do casamento, da harmonia tribal e das cerimônias. Seus seguidores confeccionavam imagens de argila na forma de pássaros. Estas imagens eram untadas com mel e oferecidas à deusa, juntamente com seus pedidos.



25 de Maio

Segundo os estudiosos, a trindade feminina precedeu a trindade masculina, tendo sido encontrada na maior parte das religiões e tradições. A tríade milenar Donzela-Mãe-Anciã foi a origem da representação cristã das Três Marias: a Virgem Maria, Maria Madalena e Maria Cleopas.

O festival francês das "Três Marias" é a única celebração antiga da Deusa ainda mantida viva, principalmente pelos ciganos, que vêm de todas as partes da Europa para venerar a tríplice deusa da vida, da beleza e da morte. Procissões de barcos, casamentos, feiras, danças, competições e adivinhações dão um colorido exótico e fascinante aos três dias e três noites das festas de Santa Sara, em Saintes Maries de la Mer.



Cristianizada como Santa Sara, a deusa negra é, na verdade, Sara Kali ou Bibi, assemelhada à deusa hindu Kali em seu aspecto de destruidora. Os ciganos reverenciavam-na como a Senhora do Céu e da Terra, protetora de suas tribos, sincretizada, posteriormente, à **Virgem Negra**, cujas estátuas ainda existem em inúmeras catedrais europeias.

Honre a sabedoria mágica dos ciganos e procure uma cartomante ou quiromante para ler sua sorte ou sua mão. Se preferir, consulte você mesma o baralho cigano, buscando uma orientação para a fase atual de sua vida.

Celebração budista de Tao, a mãe do mundo, o caminho para o amor e a harmonia.

Na Grécia antiga comemorava-se, neste dia, o nascimento de Apolo, o deus solar irmão da deusa Ártemis.

26 de Maio

Comemoração celta das fontes sagradas, homenageando as deusas Boann, Coventina, Sinann e Sullis.

Fontinália, festa romana que celebrava as deusas das fontes. Antigamente, neste dia, as mulheres limpavam e enfeitavam as fontes com guirlandas de flores e fitas.

Este é um dia propício para reverenciar os espíritos e as deusas da água. Procure um local onde haja água: uma fonte, rio, lago ou cachoeira. Sente-se confortavelmente e contemple a superfície da água até atingir um profundo estado de relaxamento.



Conecte-se aos espíritos e às deusas da água, expondo-lhes seus problemas ou suas dúvidas. Aguarde até perceber alguma imagem ou mensagem refletida na água. Agradeça, ofertando-lhes flores, perfume ou moedas. Leve um pouco da água para purificar seus cristais e os objetos do seu altar.

Festa romana para a deusa Fortuna, senhora do destino dos homens, detentora da energia vital e do poder gerador e procriador.

Celebração da deusa guerreira chinesa Chín Hua Fu Jen.

27 de Maio



Cerimônias noturnas dos jogos tarantinos, em Roma, dedicadas à deusa Proserpina e às **Moiras**. Também chamadas de Parcas, eram três essas deusas do destino: Lachesis, Clotho e Atropos. O propósito dessas cerimônias era a cura das doenças e dos infortúnios. As Moiras eram as filhas de Nyx, a deusa da noite, tecelãs do destino dos homens. Clotho, a tecelã, tecia o fio da vida com o seu fuso mágico; Lachesis, a medidora, o avaliava e media, enquanto Atropos, a inevitável, o cortava com sua tesoura mágica.

Embora identificada, às vezes, com a deusa grega Perséfone, rainha do mundo dos mortos, Proserpina era uma antiga deusa agrária, guardiã das sementes, sendo responsável por elas desde sua germinação até seu apodrecimento. Posteriormente, foi considerada a senhora do mundo subterrâneo, equiparada à deusa grega Perséfone.

Celebrações romanas para Diana, a deusa da Lua, protetora das florestas e dos animais.

28 de Maio

Celebração de **Python**, a grande serpente pré-helênica, filha partenogênica da Terra, nascida da lama após o Dilúvio. Na mitologia grega, Python era filha da deusa Hera, nascida sem a interferência de Zeus e morava sob a fonte sagrada de Delphi. Python personificava o espírito profético do Oráculo de Delphi, comunicando-se através das Pitonisas, as sacerdotisas oraculares. Por viver dentro da terra, Python conhecia todos os segredos e transmitia-os em transe apenas para as mulheres. Mesmo após a usurpação do templo que pertencia à Mãe Terra pelos Sacerdotes de Apolo, o oráculo continuava pertencendo às Pitonisas.



Purificação anual de Pythia, a sacerdotisa de Delphi. Antes de começar as profecias, Pythia e todos aqueles que consultavam o oráculo, eram submetidos a uma purificação ritualística com fumigações, devendo mastigar folhas de louro.

Celebração da deusa-serpente Uadjit, protetora do baixo Egito e do delta do Rio Nilo juntamente com a deusa Nekhebet. Juntas, elas formavam Neb Ti, o símbolo da unificação do Egito. Uadjit ou Buto, era descrita como uma serpente alada, coroada e com rosto de mulher.

Nas antigas culturas e tradições, a serpente era o símbolo da vida, da morte e do renascimento, o poder transformador e regenerador da Deusa. O cristianismo deturpou o significado sagrado, transformando-a em uma imagem maléfica. No entanto, ainda persistem costumes e tradições folclóricas homenageando o poder regenerador das serpentes, como a Festa dei Serpari, em Abruzzi, na Itália, onde milhares de pessoas vão em procissão, segurando serpentes nas mãos, até a igreja construída sobre um antigo templo dedicado à sereia Circe. Depois da festa, as pessoas comem pães em forma de círculo ("ciambelle"), lembrando, sem saber, o antigo ritual de celebração da Deusa.

Comemoração budista dos mortos.

Neste dia na grécia era homenageado Herms, o mensageiro dos deuses, regente da inteligência, da comunicação, do comércio e das viagens.

29 de Maio



Ambarvália, festival romano da Mãe do Milho celebrando a deusa **Ceres** com procissões e cânticos. As pessoas passavam sobre os campos recém-semeados pedindo as bênçãos da Deusa para ter abundância nas colheitas.

Antigamente, na Hungria, as mulheres enfeitavam-se e dançavam na entrada das lavouras, pedindo às deusas do tempo proteção contra o granizo e as pragas. Também era reverenciada a Grande Mulher Alegre, ou Boldogasszony, a Deusa da plenitude, posteriormente identificada com Maria.

Dia do Carvalho, na Inglaterra. Neste dia, faziam-se invocações para afastar as pragas, as chuvas de granizo e para garantir a saúde dos animais e dos camponeses. Oferendas de animais eram feitas; eles deviam atravessar os campos por três vezes antes de serem sacrificados. Outras oferendas consistiam de guirlandas de flores, frutas, bolos de milho, leite, vinho e mel. Ainda hoje, são usados galhos, folhas e frutos de carvalho para enfeitar as residências, atraindo, assim, os poderes protetores do carvalho.

No Brasil, pode-se substituir o carvalho por qualquer árvore frondosa e resistente, como as mangueiras ou figueiras. Antes de tirar qualquer galho vivo de uma árvore, sempre peça licença a seu guardião, oferecendo em troca alguma coisa, como um fio de cabelo seu, uma moeda ou um pouco de fubá.

Dia da mulher, em Ibo, na África e festa da colheita dos morangos dos índios Iroquois.

30 de Maio

Comemoração de **Joana d'Arc**. Segundo a lenda, Joana recebeu sua missão das "Três Fadas", sob uma árvore consagrada ao culto da deusa Diana. O Conselho Eclesiástico interpretou sua visão como uma aparição angélica, negada posteriormente. Sua morte foi autorizada na fogueira como "bruxa herege e idólatra". Quinhentos anos depois, no entanto, Joana foi canonizada como Santa.



Antiga celebração das deusas gaulesas da guerra Nemétona, a senhora do bosque sagrado e Nantosuelta, a senhora da água e dos corvos.

Dia de recordar todas as mulheres que foram torturadas, assassinadas e queimadas durante as perseguições religiosas por deterem poderes psíquicos, consideradas "bruxas e seguidoras do demônio". É importante lembrar as vidas e as mortes dessas mulheres, reverenciando, assim, o poder oculto inerente a cada mulher, sua necessidade e direito de expressá-lo livremente e seguramente.

Festival do Milho nos Pueblos do Novo México, agradecendo as dídivas da terra com preces, cânticos e oferecimento de fubá e fumo para as seis Donzelas do Milho. Representando as várias cores do milho - amarelo, vermelho, azul, branco, preto e mesclado -, elas são chamadas de A-ha Kachin Mana.

31 de Maio

Celebração dos deuses gregos **Perséfone** e **Plutão**, com danças e competições esportivas perto do Rio Tibre, em Tarentum. Na mitologia pré-helênica, Pluto era o aspecto escuro da Tríplice Mãe, sendo que seus outros dois aspectos eram formados por Kore e Perséfone. A palavra *Pluto* significava "riqueza" e "abundância". Na mitologia grega, posteriormente adotada pelos romanos, Pluto era irmão de Zeus e senhor de Hades, o mundo escuro dos mortos. Foi ele quem raptou Perséfone, a filha amada da deusa Deméter, tornando-a a rainha do mundo subterrâneo.



Sellisternia, a celebração de Ísis em seu aspecto de Stella Maris, a protetora dos marinheiros. Em Roma, as matronas levavam oferendas para as deusas Juno e Diana.

No folclore celta, comemora-se a linda princesa irlandesa Grainne, que preferiu o exílio com seu amado e a morte a ter de se casar

por obrigação com outro. Esta lenda originou-se em um antigo mito sobre a deusa solar Grainne, que escolheu fugir com um jovem e abandonou seu velho marido. A batalha entre o jovem e o ancião descreve a escolha do novo consorte da Deusa, substituindo-se o antigo rei. De uma maneira simbólica, esta lenda expõe os ressentimentos patriarcais em relação à liberdade de escolha feminina e o domínio do homem sobre a mulher, já que o jovem herói é morto e Grainne, ao se ver obrigada a voltar a viver com seu velho marido, opta pela morte.

A antiga tribo celta do povo Averno homenageava Basileia ou Baki, a deusa do céu, criadora dos pássaros e protetora das viagens físicas ou mentais. Para se conectar a essa antiga e esquecida deusa, invoque-a para desvendar algum segredo, para chamar algum pássaro como seu aliado ou para protegê-la em suas viagens aéreas. Oferte-lhe algumas penas ou folhas de árvore, soltando-as ao vento ou dance imitando o vôo dos pássaros, projetando-se mentalmente para a morada celeste da Deusa.

Comemoração do nascimento, da iluminação e da passagem de Buda, com a cerimônia da Tríplice Bênção. As casas e os templos são decorados com flores e flâmulas de oração e são feitas oferendas de incenso e arroz pedindo sua bênção.

Junho

Originalmente, o nome deste mês era *Junonius*, em homenagem a Juno, a deusa romana padroeira dos casamentos e das mulheres. Equivalente à deusa grega Hera, Juno era invocada nos casamentos para garantir a felicidade duradoura por seu aspecto de padroeira e protetora das funções e atributos femininos. Por isso, antigamente, as mulheres procuravam casar neste mês, tradição mudada pela Igreja Católica para o mês de Maio, apesar da crença antiga de que casar neste mês traria azar.

Como governante da estação mais clara e quente do ano, Juno era a contraparte luminosa de Janus, o regente do mês de Janeiro.

No hemisfério norte, durante este mês, percebia-se um acréscimo de energia psíquica, favorecendo a aproximação e o intercâmbio com os seres elementais e os espíritos da natureza, que poderiam se tornar acessíveis e visíveis desde que devidamente agradados e invocados.

Os nomes antigos deste mês eram Meitheamh para os irlandeses, Aerra Litha para os anglo-saxões e Brachmonath para os nórdicos. No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Tinne e a planta sagrada é o azevinho. O lema do mês é "energia e poder de decisão para enfrentar problemas e obstáculos". As pedras sagradas deste mês são a ágata, a pedra da lua, a alexandrita e a pérola. As deusas regentes são Juno, Carna, Cardea, Danu, Vesta, Anahita, Epona, Cerridwen e Kupalo.

Os povos nativos chamavam este mês de Lua dos Amantes, Lua de Mel, Lua dos Morangos, Lua da Rosa, Lua dos Prados, Lua do Sol Forte, Lua dos Cavalos, Lua da Engorda e Mês do Intervalo, entre outros.

No calendário rúnico, este mês é regido pela runa Dagaz, que representa a "porta do ano", o portal para os mundos internos, a abertura que permite a entrada daquilo que é benéfico e obstrui a entrada das coisas ruins. Por isso, Junho era considerado a "porta do ano", abrindo os canais para o Sol entrar, fortalecendo as energias e consolidando os ganhos.

Neste mês, os povos europeus celebravam o solstício de verão com vários rituais, encantamentos, práticas oraculares, festas, fogueiras, danças e feiras.

Nos países eslavos, o nome dos festivais variava (Kupaló, Jarilo, Kostroma, Sabotka, Kreonice ou Vajano), mas sua tônica era a mesma.

No Egito, durante a lua cheia, homenageava-se a deusa Hathor com o festival de Edfu. A procissão com a estátua da deusa, retirada de seu templo de Dendera durante a lua nova, culminava com sua chegada no templo de Horus, em Edfu, para o casamento sagrado destas divindades. Durante as faustosas celebrações, muitos casais aproveitavam os influxos auspiciosos do evento para imitar o exemplo dos deuses e se casar. A deusa lunar Hathor regia o amor, a beleza, a união e a fertilidade e, casar-se durante sua celebração na lua cheia, garantia suas bênçãos para o casal.

Também no Egito, celebravam-se as deusas Ísis e Neith com o Festival das Lanternas, enquanto que na Índia, um festival exclusivo de mulheres homenageava a deusa Parvati.

Na Grécia antiga, durante a lua nova, celebrava-se Ártemis - a deusa lunar padroeira das florestas e dos animais -, as Horas - deusas menores das estações - e as Driades - as ninfas das árvores. Em Roma, comemoravam-se as deusas Carna - da saúde -, Cardea - a protetora das casas - e Hera e Vênus - as padroeiras das mulheres e do amor.

Os povos nativos norte-americanos festejam, neste mês, o retorno dos Kachinas, os espíritos ancestrais da natureza para sua morada subterrânea, após terem proporcionado o crescimento da vegetação. Os Incas celebravam Inti Raymi, a grande Festa do Sol e a gratidão pela colheita do milho.

Guiada por todas essas informações das antigas celebrações, procure se fortalecer, reforçando suas características positivas, assumindo responsabilidades e tomando decisões. Abra uma nova porta para a entrada das energias luminosas e benéficas, celebre o solstício, o Sol e a Lua e reverencie as forças da natureza, entrando em contato com os seres elementais.

1º de Junho



Celebração de **Carna**, a deusa romana da saúde e da sobrevivência física. Os romanos ofereciam-lhe pão fresco e sopa de feijão, agradecendo-lhe pela manutenção da saúde. Carna representava a realidade carnal da existência humana, a personificação dos processos físicos da sobrevivência.

Festival romano para Juno Moneta, homenageando seus atributos de protetora das casas de moeda e defensora dos bens das mulheres casadas, evitando sua espoliação pelos maridos ou filhos.

Festival das Hamadriades, as Ninfas dos carvalhos na Grécia. Os gregos acreditavam que cada árvore tinha uma alma individual, uma força elementar na forma de uma mulher com o corpo formado pela árvore. Esses seres elementais, chamados de Driades, zelavam por suas moradas - as árvores - e castigavam os homens que quebravam ou cortavam a árvore ou seus galhos. As Ninfas que moravam nas árvores frutíferas chamavam-se Melíades ou Epimélides. Quando a árvore morria, a vida da Ninfa também acabava; por isso, os bosques eram considerados locais sagrados e preservados contra os incêndios ou a destruição.

Na antiga Áustria, em Tirol, os espíritos das árvores eram chamados Fangge. Os habitantes acreditavam que os Fangge vingavam-se daqueles que cortassem os galhos ou arrancassem a casca das árvores, atos que levariam à sua morte. Para se proteger de alguma vingança dos Fangge, as pessoas ofertavam pães com sementes de cominho às árvores.

No Japão, os Oryu, os espíritos dos salgueiros, abandonavam as árvores caso elas fossem destruídas e atacavam seus agressores.

Nos países eslavos, comemorava-se Slata-baba ou "A Mulher Dourada", equivalente da deusa romana Moneta, padroeira da riqueza e das cerimônias. Era representada como uma mulher ricamente vestida com peles e enfeitada com jóias de ouro. Para atrair suas bênçãos, eram oferecidas as melhores peles dos animais caçados, por acreditar-se que ela guardava todos os tesouros do mundo.

Conecte-se à força vitalizadora e regeneradora das árvores. Abraça uma, fundindo-se com suas raízes e galhos, recebendo seu vigor e altivez. Agradeça à Dríade, oferecendo-lhe um agrado: uma moeda, uma fita, uma fruta ou um pouco de cereal. “Adote” ou plante uma árvore e responsabilize-se por cuidá-la e protegê-la. Você receberá em troca a proteção e a benevolência das Dríades. Se precisar arrancar alguma árvore por motivos de segurança ou espaço, converse com a Dríade primeiro. Exponha-lhe seu motivo e comprometa-se a plantar uma nova árvore, da mesma espécie, pedindo a Dríade que concorde em se mudar para a nova moradia. Agradeça-lhe a colaboração e, em troca, procure sensibilizar outras pessoas para proteger e evitar a destruição das florestas e das matas.

2 de Junho

Dia de **Cardea**, a deusa romana da vida doméstica e das trancas e fechaduras. Ela cuidava da harmonia familiar, além das portas e janelas das casas. Seu poder abria qualquer porta e dava acesso ao conhecimento oculto.

Festa escandinava da deusa Syn, a guardiã do paraíso, que barrava a entrada daqueles considerados indignos. Por ser uma deusa justa e onisciente, ela era invocada nos juramentos e nas disputas judiciais.

Aproveite esta data, escolha um destes símbolos pessoais - escudo cabalístico, mandala, ferradura, réstia de alho, figas, runas ou imagens de anjos - e coloque-o nas portas e janelas como proteção, invocando seus guardiões espirituais.

Shapatu, comemoração na Babilônia de Ishtar como Rainha das Estrelas e celebração de Juno Regina, na Grécia, como a Rainha do Céu.

3 de Junho

Cerimônias romanas para **Bellona**, a deusa guerreira e amazona e para **Tempesta**, a deusa das tempestades.



reverenciada nas árvores com sete ramificações, em que eram enterradas as placentas dos recém-nascidos.

Festival “Cataclysmos”, nas praias da ilha de Chipre. Anualmente, nesta data, são homenageadas com orações, jogos aquáticos e danças sagradas as almas daqueles que morreram no mar. Também era reverenciada a deusa **Kypris** ou **Cypria**, uma das manifestações de **Afrodite** que, segundo a lenda, nasceu nesta ilha.

4 de Junho

Na Irlanda, celebração da Mãe Terra, a antiga deusa **Danu** ou **Anu**, conhecida também como **Don** no País de Gales e **Domnu**, **Dana** ou **Donann** em outros lugares. Reverenciada como a Mãe Ancestral de uma tribo de seres espirituais chamados **Tuatha de Danaan**, seu nome significava “sabedoria”. Os **Tuatha de Danaan** eram a quarta raça de colonizadores que chegaram na Irlanda séculos antes da era cristã. Eles eram seres sábios, eminentes magos, cientistas e artesãos, possuidores de uma altíssima vibração espiritual, verdadeiros “seres de luz”. Após permanecerem duzentos anos ensinando suas artes para os habitantes nativos, foram vencidos pelos últimos conquistadores da ilha, os **Milesianos**, guerreiros e materialistas. Os sobreviventes do “povo da deusa **Danu**” refugiaram-se nas colinas ou embaixo da terra e passaram a ser conhecidos como “**Daoine Sidhe**” ou o “**Povo das Fadas**”.



Fim de Rosália, o festival romano das rosas.

Festival romano da deusa Pax. Essa deusa era a protetora das pessoas e das propriedades, a personificação da segurança. Acenda uma vela branca em sua homenagem e ore, pedindo proteção e segurança para você e para seus entes queridos. Medite também sobre meios atuais e eficientes para colaborar na manutenção da paz pessoal, familiar, coletiva e planetária. Contribua, mesmo que modestamente, para alguma organização ou movimento em favor da Paz Mundial.

5 de Junho



Celebração de **Domnia**, a padroeira celta dos menires e dólmen, homenageada na Irlanda com procissões e rituais nos círculos de pedras.

Nos países eslavos, os menires eram chamados Kamenai Baba ou “as mães de pedra”. Esses monolitos arredondados eram de origem cita, sendo feitas neles inscrições com imagens de animais, serpentes e mulheres segurando chifres. Oferendas de lã, leite e óleo de linhaça eram feitas pelos camponeses, que pediam força e saúde para si e para seus animais.

Comemoração celta de Sheelah na Gig, a antiga deusa irlandesa da fertilidade, da vida e da morte. Ela era representada como uma mulher velha e esquelética, abrindo com suas mãos sua vulva exageradamente grande, simbolizando o portal da vida. Suas figuras foram usadas, posteriormente, pelos padres cristãos como adornos nas igrejas para representar os “demônios” da sexualidade e do pecado.

Dança do Milho dos índios Pueblo, no Novo México, dedicada às deusas da chuva e da terra, respectivamente “A Mulher que Muda” e “A Mulher Aranha”.

Retirada da estátua de Hathor de seu templo em Dendera, iniciando-se a procissão com barcos até Edfu.

Dia Mundial do Meio Ambiente.

6 de Junho

Festival de Bendidéia, na Trácia, homenageando a deusa lunar **Bendis**, representante do poder destruidor da lua minguante e dos mistérios da noite e da escuridão. Essas celebrações lunares continuaram, posteriormente, na Grécia, com procissões de mulheres indo para o templo de Pireus. Mais tarde, Bendis foi sincretizada a outras deusas lunares, como Ártemis e Hécate. Antigamente, eram feitas oferendas neste dia, nas encruzilhadas, de bolos em forma de meia-lua.



Celebração de Andrômeda, a deusa pré-helênica da Lua. Seu nome, originariamente, descrevia o poder fertilizador e destruidor da Lua como “Governante dos Homens”. Era considerada a personificação da luz da Lua alternada à escuridão da noite. Posteriormente, nos mitos, Andrômeda foi transformada na filha da Rainha Cassiopéia, castigada pelo deus Poseidon por seu orgulho e salva pelo herói Perseu. Após sua morte, a deusa Athena transformou-a na constelação que leva seu nome.

Na Nigéria, início do festival anual para honrar os ancestrais, os Egungun. Durante sete dias, as pessoas ofertavam comidas e bebidas aos espíritos ancestrais, dançavam e entravam em transe religioso para poder se comunicar com seus antepassados e com os espíritos da natureza.

7 de Junho



Festival de Vestália em homenagem a **Vesta**, deusa padroeira dos lares e guardiã do fogo sagrado. As Vestais limpavam e renovavam os altares e abriam os templos para todas as mulheres, sendo o acesso proibido aos homens. Além de zelarem pela chama sagrada dos templos da Deusa, as Vestais colhiam os primeiros cereais e frutas, preparavam as oferendas e as ceias comunitárias das colheitas. As Vestais eram encarregadas, também, dos rituais de purificação dos templos, das praças públicas, das casas e das pessoas.

Celebração da deusa báltica Haltia, a protetora do lar, dos assuntos e dos animais domésticos. Segundo a lenda, ela morava na própria estrutura das casas e trazia saúde e boa sorte para seus habitantes. Se a casa fosse demolida ou destruída, a família deveria levar para sua nova morada um pouco das cinzas da antiga lareira para não ofender ou enfurecer a Deusa. Haltia também cuidava das vacas, ovelhas, cavalos, porcos e aves. As crianças tornavam-se mais obedientes se ela fosse homenageada com cânticos, orações e oferendas de pão, leite, queijo e mel.

8 de Junho

Festival dos grãos, na China, dedicado à deusa **Kwan Yin**, a representação do princípio Yin da maternidade e da compaixão.

Festival japonês do arroz. As mulheres, vestidas com seus quimonos tradicionais, recitavam orações e faziam fogueiras, com palha de arroz, pedindo a bênção das colheitas e das crianças.



Celebração da deusa romana Mens, que regia as medições, os números (cálculos, tabelas e arquivos) e os calendários. Seu nome significava “o momento certo” e era um dos atributos da deusa Luna, que inspirou as mulheres a inventarem os calendários de acordo com seus ciclos menstruais. Os primeiros calendários da humanidade foram os lunares, baseados na sincronicidade entre o ciclo lunar e o menstrual. A própria palavra “menstruação” contém em si o nome desta deusa.

Reverencie Mens iniciando um calendário menstrual, observando a relação do seu período mensal com a fase da Lua. Quanto mais você se afinar com as energias lunares, mais seu ciclo menstrual tornar-se-á regular e harmônico.

9 de Junho

Matrália, dia das mães em Roma dedicado às deusas da alvorada Aurora e Leucothea, manifestações das antigas deusas **Mater Matuta**, a “Mãe da Manhã” e Dea Matuta, a “Mãe da Luz”. Na madrugada deste dia as mães, com os filhos nos braços, invocavam Matuta pedindo sua bênção.



Nos países eslavos, as Auroras eram duas deusas celestes, a do céu da manhã e a do céu da noite. Eram vistas como lindas virgens que moravam no reino da luz, junto com o deus do Sol, a deusa da Lua, sete juizes (correspondendo aos sete planetas) e sete mensageiros (as estrelas cadentes e os cometas).

No dia de hoje, procure uma bênção espiritual para seus filhos ou simplesmente ore para a Grande Mãe, entregando a Ela a proteção e a orientação de suas vidas. Homenageie também as mulheres que deram à luz (começando por sua própria mãe) e as que adotaram crianças, oferecendo seu amor maternal para seres que não nasceram de seu ventre. Medite olhando para o céu, pela manhã ou à noite, procurando receber uma orientação espiritual para um novo alvorecer em sua vida.

10 de Junho

Na Pérsia, dia de **Anahita**, a deusa do amor, uma das deusas governantes do Império. Ela personificava o poder fertilizador da Lua, da água e da chuva - a água que vinha das estrelas - e era a regente do planeta Vênus. Por isso, era considerada a padroeira da reprodução, aquela que purificava o sêmen do homem e abençoava o ventre e os seios da mulher. Ela aparecia ora como mãe (nutridora), ora como guerreira (defensora) de seu povo. Suas estátuas representavam-na como uma linda mulher, vestida com um manto dourado ornado com peles de lontra e enfeitada com diademas e colares de ouro. Sua carruagem dourada era puxada por quatro cavalos brancos, que representavam o vento, as nuvens, a chuva e o granizo. As oferendas a Anahita incluíam galhos verdes, novilhas brancas, leite e rituais sexuais.



Aproveite esta data e mentalize o cálice sagrado dessa deusa derramando sobre você uma chuva luminosa, nas cores do arco-íris. Abra seus canais sutis e atraia aquela cor que lhe é mais necessária neste momento de sua vida. Recolha a água da chuva e use-a para limpar os objetos de seu altar e seus cristais ou para purificar seus centros

energéticos (os “chacras”). Conecte-se às qualidades de Anahita relacionadas a seu momento atual. Cuide-se, lute por seus objetivos ou, simplesmente, abra-se para o amor entrar em sua vida.

11 de Junho



Continuação das festividades de Mater Matuta, celebrando as deusas **Fortuna**, em Roma e Tyche, na Grécia.

Festival Matrália, homenageando Ino, a equivalente grega de Mater Matuta, a deusa pré-helênica da agricultura e da chuva, filha de Harmonia, irmã de Sêmele e Leucothea.

Celebração de Pandora, deusa das riquezas da Terra, a doadora, “a mãe que dá presentes a todos”, uma das manifestações da deusa Gaia, a Mãe Terra.

Nos países eslavos e nórdicos, o poder gerador e regenerador da Mãe Terra era comemorado com a deusa Mahte, na Lituânia, com Maanemo, na Finlândia, com Mamaldi, na Sibéria e com Mukylcin, na Rússia.

Mostre sua gratidão para sua mãe terrena e dê-lhe um presente. Avalie e responsabilize-se pela cura das frustrações/necessidades de sua criança interior, assumindo um novo compromisso consigo mesma para se cuidar, nutrir, amar, completando, assim, as lacunas energéticas e curando as feridas emocionais. Agradeça também à Grande Mãe pela vida e reverencie-a em todas as formas de sua criação.

12 de Junho

Shavuoth, a festa hebraica dos grãos agradecendo a colheita e celebrando a deusa **Shekinah**.

Shekinah era o Ser Primordial, a manifestação da divindade na Terra que podia ser percebida, vista e sentida somente por meio dessa emanção feminina. Também era chamada de Graça Divina, Música das Esferas, Luz Primordial, Ser Supremo ou Árvore da Vida, sendo representada sentada sobre o Trono da Compaixão, que era ou um tripé ou

um dólmen, símbolos muito comuns nas tradições das Deusas. Como Árvore da Vida, ela produzia doze frutos diferentes, um para cada mês e suas folhas curavam os males. Com o passar do tempo, os religiosos e historiadores patriarcais transformaram-na em uma semideusa subordinada a Jeová.

Festa de Mut, a Grande Mãe da Núbia, a “Deusa Abutre”, protetora de todos os seres vivos. Seu nome significava Mãe, sendo a doadora da vida e da morte. O culto a Mut precedeu o de Ísis como Deusa Mãe.

Celebração de Hu Tu, a Imperatriz da Terra na China, padroeira da fertilidade e reverenciada pelas mulheres na Cidade Proibida.

Skiraphoria, o festival grego das mulheres em homenagem a Skira, antiga deusa da colheita.

Festival japonês para afastar os infortúnios e atrair a boa sorte. As pessoas lavavam seus cabelos em um rio ou riacho para se livrar dos males, entregando-os à correnteza.

No Brasil, dia dos namorados e, na Grécia, comemoração de Júpiter.

13 de Junho



Festa de **Epona**, a deusa equina da Gália, protetora dos viajantes, dos cavaleiros e dos cavalos. Nascida da união de uma égua com um deus, ela era considerada um símbolo de fertilidade, invocada nas coroações dos antigos reis celtas para garantir sua soberania. Até o século XI, os reis irlandeses ainda “casavam” com a deusa por meio de suas sacerdotisas. A lenda de Lady Godiva é uma reminiscência do culto dessa deusa equina.

Durante a ocupação romana na Gália, seu culto foi adotado pelos exércitos romanos; sua origem é, no entanto, muito mais antiga. Também representada como uma deusa da fertilidade, Epona surgia na correnteza dos rios com quatro seios, segurando um cálice e acenando para seus seguidores, que invocavam-na com cânticos e oferendas.



14 de Junho

Dia das **Musas**. Em número de nove, na tradição grega elas eram filhas de Zeus, o rei dos deuses e de Mnemosyna, a deusa da memória. Nascidas perto do Monte Olimpo, foram criadas pelo caçador Crotus que, após sua morte, foi transformado na constelação de Sagitário.



Conforme os autores, o número e os nomes das Musas variam de três a nove, embora na maioria dos mitos fale-se sempre sobre nove Musas. Elas eram Clio, “a regente da fama”, da história e dos escritos; Euterpe, “a regente da alegria” e da música; Thalia, “a festiva” e regente da comédia; Melpomene, “a entristecida” e regente da tragédia; Terpsichore, “a amante da dança” e do canto; Erato, “a que desperta o desejo”, regente da poesia erótica; Polyhymnia, “a que medita”, regente da meditação e dos hinos; Urania, “a celeste”, regente da astronomia e, finalmente, Calliope, “a que tem a voz bonita”, regente da poesia épica.

Às vezes, eram mencionadas apenas três Musas: Melete, a que praticava, Mneme, a que recordava e Aoide, a que cantava. Havia também nomes diferentes para o grupo todo, de acordo com a localização: Caramente, Pieriade, Aganippide, Castalide, Heliconiade ou Meonide.

As Musas são detentoras de poderes proféticos e da capacidade de inspirar e estimular a criatividade dos artistas. Para homenageá-las, ofereça-lhes leite, mel, flores, aromas e música. Assista a uma manifestação cultural ou artística ou prestigie algum artista divulgando seu trabalho.

15 de Junho

Vestália, o festival dos primeiros frutos dedicado à deusa **Vesta**. Neste dia, seis Vestais estavam encarregadas de preparar os bolos sagrados - *mola salsa* - feitos das primeiras espigas de milho colhidas. Os moinhos eram enfeitados com guirlandas e os burros de carga recebiam farta alimentação e arreios novos. Os templos eram limpos e todos os restos de oferendas anteriores eram jogados no rio Tibre.



Celebração grega da deusa Mnemosyne ou Mnasa, a mãe das Musas, concebidas em uma relação sexual ininterrupta de nove dias de Mnemosyne com o deus Júpiter. Considerada a memória personificada, ela era venerada como uma Fonte Sagrada, que fluía em Hades, o Mundo Subterrâneo. Era representada, também, como uma mulher madura, ornada de pérolas e pedras, segurando o queixo ou a ponta da orelha com os dois primeiros dedos da mão direita, gesto que facilita a ativação da memória.

Dia de Nossa Senhora do Monte Carmel, celebração antiga na Espanha e nos Estados Unidos comemorando Maria, originada de uma comemoração em uma data anterior dedicada à Grande Mãe.

Festa budista de Amitabha Amida, em comemoração ao Buda da Infinita Paz.

16 de Junho

Festa das Águas, no Egito. Neste dia, invocavam-se as bênçãos da deusa lunar **Hathor** e de sua constelação - Sirius - para as águas do Rio Nilo, para os pescadores e os cultivadores da terra. Hathor era descrita como uma mulher com cabeça ou orelha de vaca e, assim como ela, Mehueret, outra antiga deusa, também abençoava as águas, sendo conhecida como Vaca Celestial e Senhora das Águas.



Noite das Lágrimas, cerimônia egípcia lembrando as lágrimas de Isis durante a busca de seu amado Osíris.

Celebração de Fand, a deusa celta do mar, chamada de “A Pérola da Beleza”. Esposa do deus do mar Manannan, Fand regia a saúde, a cura, a beleza, a sedução e o prazer. Segundo a lenda, ela se transformava em uma gaviota e, saindo de seu reino das águas, sobrevoava o mar e a terra em busca de amantes, raptando e levando os jovens para perto de si.

Antiga comemoração, na Caldéia, da deusa lunar Levanah, a soberana das águas e a controladora das marés.

Dia do Cálice Sagrado, na tradição Wicca. Consagre seu cálice neste dia, dedicando-o à Deusa e ao Deus e assumindo o compromisso da Lei Maior: “Faça o que quiser, desde que não prejudique ninguém”.

17 de Junho



Celebração de **Eurydice**, antiga deusa grega, soberana do mundo subterrâneo e mãe do destino. Os historiadores e escritores helênicos converteram-na em uma mortal, esposa amada de Orfeu, enviada para o mundo dos mortos por uma picada de serpente. Orfeu tentou resgatá-la, mas falhou, ao quebrar a promessa feita aos deuses de não olhar para Eurydice antes que chegasse a luz do dia, o que resultou em seu desaparecimento, para sempre, na escuridão. A origem dessa história é o antigo mito da Deusa, que recebia as almas no Mundo Subterrâneo e cujo animal sagrado era a serpente.

Inspire-se nesta data e lembre-se da necessidade de deixar “um espaço” em seus relacionamentos, para não quebrar o encanto ou sufocar e afastar seu parceiro.

Ludi Piscatari, o festival romano dos pescadores, invocando a proteção das divindades da água para seus barcos e redes, harmonizando as energias contidas nelas para torná-las resistentes e de fácil manuseio.

18 de Junho

Comemoração da deusa romana **Anna Perenna**, a senhora da cura, da abundância, da felicidade e do destino. Seu nome originou-se no de uma antiga deusa etrusca da vegetação e da reprodução e sua celebração, incluindo os rituais de fertilidade, é oriunda do culto da deusa babilônica do céu e da terra Ana.



Na Índia, reverencia-se a antiga deusa Anna Purna, “a doadora dos alimentos”. Descrita como uma mulher sentada em um tronco, alimentando uma criança com uma grande colher, ela era considerada uma deusa protetora da família e homenageada, principalmente, na cidade de Benares.

Festival shintoísta de purificação com lírios. Ao amanhecer deste dia, sete mulheres vestidas de branco colhiam lírios, levando-os para os templos e deixando-os nos altares. No dia seguinte, os monges entoavam orações enquanto sete mocinhas dançavam elevando os lírios para o céu. No final da cerimônia, os celebrantes passavam pelas ruas das cidades agitando os lírios para purificar os ambientes e afastar as tempestades que poderiam prejudicar as colheitas.

Festival hindu para o deus Vishnu em sua manifestação de Jagannath Rathra Yatra.

Combine essas antigas celebrações e prepare uma bebida para atrair a abundância e a boa sorte para sua vida. Bata no liquidificador leite (de vaca, de soja, de côco ou de arroz) com estes sete ingredientes, representando as sete mulheres do ritual: nozes, damascos, côco ralado, maçãs, amêndoas, aveia e mel. Reúna um grupo de amigas e façam um pequeno ritual, queimando incenso de lírio e acendendo sete velas brancas, pedindo a ajuda da deusa Anna Perenna em suas vidas. Compartilhem da bebida e ofereçam um pouco para a Deusa, junto com um pedaço de pão fresco e alguns lírios brancos, perto de um canteiro com flores brancas.

19 de Junho



Dia de todas as Heras, celebrando a Deusa Interior, representada pela deusa **Hera**, a padroeira das mulheres. Como toda mulher, Hera passava também pelos três estágios da vida. Como donzela, era Hebe, Parthenia ou Antheia, a virgem que trazia o desabrochar e o florescimento. Como mulher madura, era Teléia, a Mãe Terra e a fertilidade. E como Théia, era a anciã que conhecia os segredos da vida e podia ensiná-los às mulheres mais jovens.

Festa das Oréides, na Grécia, as Ninfas das montanhas e das rochas. Descritas como mulheres esguias e pálidas, com voz muito doce, elas viviam em grutas onde teciam seus trajes diáfanos em teares delicados. Para reverenciar essas Ninfas, os gregos untavam as rochas com óleos aromáticos, penduravam lenços de seda nas árvores e deixavam oferendas nas grutas.

As Heras são as mulheres sábias que alcançaram a comunhão espiritual com a Grande Mãe. Celebre este dia procurando contatar sua Deusa Interior. Crie um ambiente favorável, com música, vela e incenso e medite, abrindo seu coração e pedindo à sua Deusa alguma imagem ou mensagem para sua fase atual, orando para seu fortalecimento interior e crescimento espiritual. Termine agradecendo pela luz e o amor de Sua presença.

20 de Junho

Festa de **Ix Chel**, a deusa maia da fertilidade, da procriação, da cura e das profecias. Essa deusa lunar era venerada na América Central e na Ilha das Mulheres, na península de Yucatan, no México. Ela tecia as teias da criação com fios do arco-íris, sendo representada como uma linda e sedutora mulher cavalgando uma grande águia ou cercada de serpentes e de água, adornada com libélulas. Na Guatemala era conhecida como Ix Chebel Yax e em Honduras ensinou às mulheres a arte de tingir, fiar, bordar e tecer.



Celebra-se, também, a deusa celta Cerridwen, a detentora do caldeirão sagrado dos mistérios da vida, da morte e do renascimento. Ela regia, também, a vegetação, o mundo subterrâneo e as dádivas da terra. Seu consorte era o deus da vegetação Cernunnos. Cerridwen era considerada a mãe de todos os bardos, que se autodenominavam Cerddorion ou filhos de Cerridwen. Dizia-se que beber de seu caldeirão mágico conferia inspiração e talento para músicos e poetas.

Para homenagear a deusa Cerridwen, queime verbena em seu caldeirão, acenda uma vela verde e amarre uma fita verde em uma árvore frutífera. Faça uma pequena visualização, transportando-se, mentalmente, para sua morada. Peça-lhe um gole de seu caldeirão mágico e a bênção para suas atividades ou projetos criativos.

Chegada da estátua de Hathor ao templo de Horus, em Edfu, com a celebração do casamento sagrado dessas divindades.

21 de Junho



Solstício de inverno no hemisfério sul, marcando a entrada do Sol no signo de Câncer. Os povos celtas comemoravam, neste dia, o solstício de verão ou Sabbat Litha, festejando o auge da luz solar com fogueiras, danças e procissões. Reminiscências dessas antigas celebrações são encontradas nas reuniões dos druidas no círculo de pedras sagradas de Stonehenge, na Inglaterra.

Na tradição Wicca, o solstício de verão assinala o fim do reinado do Deus do Carvalho, representando a metade clara do ano e o início do reinado do Deus do Azevinho, representando a metade escura, que finda no solstício de inverno.

Os países eslavos celebravam, neste dia, Kupalo, a deusa do auge do verão, da água, da magia e das ervas. Confeccionava-se uma efígie de mulher com a palha dos campos de trigo. Os casais jovens pulavam sobre as fogueiras levando consigo a efígie de palha e iam depois banhar-se nos rios. No dia seguinte, a mulher de palha era entregue às águas, levando consigo os males das pessoas. Nos Bálcãs, a efígie era feita com galhos de bétula e vestida com roupas de mulher. Na Rússia, a deusa chamava-se Kupal'nitsa e seu consorte era Ivan Kupalo.

Segundo as lendas e as crenças antigas, a noite deste dia é ótima para fazer encantamentos para sua vida amorosa, conceber uma criança saudável ou libertar-se dos aborrecimentos, queimando-os na fogueira. O Povo das Fadas torna-se visível para aqueles que tem afinidade com elas. Para isso, esfregue suco de samambaias em suas pálpebras, vá para um bosque e oferte-lhes leite, doces, moedas e objetos brilhantes. Recolha o orvalho na manhã seguinte e guarde-o para seus rituais oraculares.

Nos países bálticos, celebra-se Saule, a deusa do Sol, regente da vida do nascimento à morte. Neste dia, ela era reverenciada pelas mulheres que, ao nascer do Sol, se enfeitavam com guirlandas de flores e entoavam canções, chamadas "daina" e, ao pôr-do-sol, faziam fogueiras.

Para atrair boas vibrações para sua vida, faça uma guirlanda com hipericão, a verdadeira Erva de São João e coloque-a como proteção acima da porta ou jogue-a em cima do telhado.

22 de Junho



Neste dia, nos países nórdicos, eram homenageadas as **deusas solares**. Devido ao clima inclemente e os longos meses de escuridão e frio, o Sol era reverenciado como a fonte criadora e nutridora da vida, sendo considerado uma deusa. Os nomes a ela atribuídos variavam de acordo com o país: Sol, na Finlândia Sundy Mummy, na Rússia; Sun ou Sunna, na Escandinávia; Etain e Grainne, na Irlanda; Paivatar, na Finlândia e Saule, na Lituânia e Letônia. As deusas solares eram descritas como mulheres fortes e lindas, com cabelos dourados, usando colares de âmbar, coroas e escudos de ouro, carregando o disco solar em suas carruagens resplandecentes e atravessando o céu ao longo dos dias.

Celebração da deusa russa da fertilidade Kupal'nitsa com fogueiras, oferendas de guirlandas de flores nos rios e banhos ritualísticos. Pedia-se à deusa a fertilidade dos animais, das mulheres e a abundância das colheitas; a seu consorte, Ivan Kupalo, pedia-se saúde e vigor físico para os homens.

Festival de Parália, em Roma, celebrando-se a deusa da beleza e do amor - Vênus - e a criação da cidade.

23 de Junho

Na Irlanda, comemoração com danças e fogueiras da deusa das fadas **Aine**. Irmã gêmea de Grian, a rainha dos elfos, ela era considerada um aspecto da Deusa Mãe dos celtas Ana, Anu, Danu ou Don. Os fazendeiros passavam tochas acesas sobre os campos e ao redor do gado para afastar as doenças e as pragas, invocando a proteção da Deusa. Originariamente, Aine era



uma deusa solar, apresentando-se como uma égua ruiva que corria velozmente sobre os campos, morando em Cnoc Aine, na Irlanda.

Neste dia, comemorava-se também Cuchulaine, o filho do deus Lugh, herói das epopéias irlandesas e o Homem Verde da vegetação.

Véspera do dia de São João, uma data favorável para fazer encantamentos e poções de amor, consultar um oráculo e para colher ervas, cujas propriedades curativas ou mágicas estão no auge neste dia.

Faça um pequeno ritual para homenagear as Fadas. Vista-se de verde, acenda uma vela verde e um incenso de flores, enfeite seu altar com flores silvestres e folhas verdes e coloque uma música com flautas. Ofereça-lhes um cálice com vinho, brindando antes para a deusa Aine. Agradeça as energias benéficas das Fadas na manutenção da vegetação e peça-lhes que protejam sua propriedade, suas plantas e seus animais. Comunique-se mentalmente com elas, procurando perceber sua manifestação. Leve, depois, sua oferenda de flores e vinho para algum bosque, amarrando uma fita verde na maior árvore.

24 de Junho



Neste dia, no calendário inca, celebrava-se o deus solar **Inti** no grande festival de Inti Raymi. Representado como um homem cuja cabeça era o disco dourado do Sol, Inti era consorte e irmão de Mama Quilla, a deusa da Lua. A reminiscência atual dessa festa antiga é a comemoração, em vários lugares, do Dia de São João com danças ao redor de fogueiras, como no México, Novo México, Porto Rico e na América do Sul.

Dia das Lanternas, homenagem no Egito às deusas Ísis e Neith, em seus templos em Sais. As pessoas iam em procissão com lanternas até os templos e invocavam a luz e a força das deusas para renovar a vida, lembrando a ressurreição de Osíris pelo poder de Ísis.

Celebração de Mara, a deusa eslava protetora dos animais domésticos, principalmente das vacas. Na Rússia, ela era considerada um espírito ancestral, que tecia durante a noite e que podia estragar a tecelagem das mulheres se não fosse devidamente homenageada. Em seu aspecto "escuro", ela é Mora ou Smert, a deusa do destino e da morte.

Dia de São João no calendário cristão, reminiscência das antigas celebrações do solstício de verão e dos rituais de fertilidade, substituídos por festas populares, feiras artesanais e casamentos simbólicos.

Primeira aparição de Nossa Senhora de Medjugore, em 1981, na Iugoslávia, uma das manifestações da Grande Mãe na figura de Maria, a única deusa que continua sendo venerada no mundo ocidental atual.

Fors Fortune, dia sagrado das deusas Fors e Nortia, precursoras etruscas da deusa Fortuna. Neste dia, os romanos pediam as bênçãos das deusas para lhes dar sorte. Acenda uma vela dourada e peça você também que a deusa Fortuna, em uma de suas manifestações, sorria para você.

25 de Junho

Na Índia, celebra-se Teej, o festival de **Parvati**, a grande deusa dos Himalaias. Ela é a manifestação de Shakti, a consorte de **Shiva**, mãe de Ganesha, o deus com corpo humano e cabeça de elefante. Parvati era um dos aspectos de Devi, a Grande Mãe hindu e representava o amor, a paixão e a sexualidade. Filha do éter e do intelecto, ela era a regente dos elfos e dos espíritos da terra. Era considerada a personificação do Monte Himalaia, sendo diversificada em várias deusas regionais ligadas às forças da terra, da natureza, da inteligência e da criatividade.



Parvati pode ser invocada para se aprender o equilíbrio entre o físico e o espiritual, buscar alegria, harmonia, sabedoria e realização sexual, conectando, assim, seus múltiplos aspectos.

Festa escandinava celebrando as deusas protetoras da fertilidade e da sexualidade Fosea, Frigga, Freyja, Ingeborg, Lofn e Yngvi.

Festa neo-pagã dos adeptos homossexuais da tradição Wicca, celebrando a Deusa, a vida, o amor e a liberdade de se expressar de forma pessoal, sem se deixar influenciar por preconceitos, seguindo apenas a voz do coração.

26 de Junho



Na Polinésia, reverenciava-se a **Mãe Ancestral**, criadora da vida, da Terra e de todos os seres, com oferendas e orações para assegurar a nutrição, a saúde e a segurança de seu povo. Dependendo do lugar, seu nome era Ligapup, Lorop ou Papa.

Niman Kachina, a chegada dos Kachinas nos Pueblos Hopi, nos Estados Unidos, festejados durante dez dias com danças e cantos. Os Kachinas eram divindades ligadas às forças da natureza e, uma vez por ano, traziam bênçãos para as pessoas, voltando depois para seu mundo subterrâneo.

Dança do Milho dos índios Iroquois, celebrando a colheita e agradecendo às divindades da Terra e da natureza: Eithinoha, a Mãe Terra e mãe do milho e Ataentsic, “A Mulher que Caiu do Céu”, mãe dos ventos e criadora da vida.

Celebração de Feng Po, a deusa chinesa do tempo, senhora dos ventos e dos animais selvagens. Feng Po controlava os ventos cavalgando um tigre dourado e guardando-os em sua grande sacola presa nas costas.

No folclore irlandês, acredita-se que ao meio-dia pode ser vista a entrada secreta para o centro da terra no topo do monte Scartaris.

27 de Junho

Arretophoria, festival das **Ninfas** e das deusas virgens e lunares como Ártemis, Diana, Selene, Luna, Hymnia, Daphne, Athena e Minerva.

Em Roma festejavam-se, também neste dia, as divindades dos lares Mania e Mana, chamadas também de Lares ou Manes.

Dança anual do Sol dos índios das planícies norte-americanas, honrando o Sol e a luz do verão com jejuns, orações, danças e rituais de



cura. Pedia-se ao Grande Espírito para que todos tivessem saúde, paz, prosperidade e felicidade.

Festa do Espinheiro na Inglaterra. Neste dia, as crianças da cidade de Appleton decoram o maior espinheiro da cidade com flâmulas, fitas e flores, dançando depois a seu redor. Acredita-se que essa festa é uma reminiscência das antigas cerimônias pagãs de culto às árvores.

Inspire-se neste antigo costume e faça um arranjo de ikebana ou compre um "bonsai". Se você tiver jardim, escolha a maior árvore e enfeite-a a seu gosto, salpicando-a com alpiste ou painço para os pássaros. Agradeça ao Povo das Árvores pela energia e força que nos fornecem e empenhe-se em algum projeto de preservação das florestas.

28 de Junho



Celebração de **Lâmia**, antiga deusa das serpentes reverenciada na Líbia e em Creta, transformada, posteriormente, na rival de Hera. Nos textos medievais, ela aparece como uma figura grotesca, um monstro que assustava as crianças à noite. Provavelmente, Lâmia era uma variante de Lamashtu, a Mãe dos Deuses da Babilônia, venerada como uma serpente gigante com cabeça de mulher. Apesar de Lamashtu ser temida como uma deusa destruidora, ela era

considerada, também, a Mãe Criadora e senhora do céu. Na Bíblia, Lâmia aparece como sinônimo de Lilith, como um monstro noturno e bruxa.

Celebração da deusa grega da alvorada e do dia Hemera, com danças e orações, do nascer do dia até o pôr-do-sol. Era filha da deusa da noite Nyx, que também era mãe das Hespérides, as deusas estelares.

Celebração de Santa Marta, na França, cuja lenda reproduz um dos atributos da Deusa como senhora dos dragões e das serpentes.

Acorde cedo neste dia e faça uma prática de revitalização e harmonização como yoga, tai chi chuan ou chi kun. Saúde o Sol, direcionando seus primeiros raios para seus chacras. Ore por sua saúde e vigor físico. Visualize algum novo projeto ou desejo sendo iluminado e

favorecido pelas energias cósmicas do céu e do Sol, materializando-se na Terra. Desperte o fogo da serpente que existe em você e enfrente, corajosamente, as nuvens escuras e os inimigos, declarados ou ocultos.

29 de Junho

Neste dia, nos rituais de Santeria cubanos, celebra-se o deus **Elegba** ou Legba, o senhor dos caminhos, das porteiras e das encruzilhadas, cujo equivalente na Umbanda brasileira é o Exu Guardiã. Originariamente, um antigo deus solar em Dahomey, atualmente é uma poderosa divindade do panteão Vodou.

Antigamente, em Dahomey, celebrava-se, neste dia, Minona ou Marmoninon, a deusa do bem e do mal, detentora de poderes mágicos, mãe, guardiã e protetora das mulheres. Acreditava-se que ela morava nas florestas e podia ensinar a magia - para o bem ou para o mal - a todos que a agradassem e homenageassem. Conhecida como mãe de Legba e de Fã, ela ensinava, também, a adivinhação com sementes de palmeiras. Todas as mulheres tinham um altar para Minona em suas casas, onde lhe ofertavam frutas frescas e pediam-lhe proteção e fartura.

Nas Américas Central e do Sul festeja-se, neste dia, São Pedro, reminiscência das antigas festas solares deste mês. Em Malta, comemora-se o festival Mnarja, reminiscência de uma antiga festa da colheita.

Aproveite as energias e presságios deste dia e conecte-se ao seu guardião, reverenciando-o de acordo com sua fé e conhecimento. Peça-lhe proteção, abertura dos caminhos e força para vencer os obstáculos de sua vida. Consulte algum oráculo para uma orientação específica ou prepare alguma defesa para si como um talismã, patuá, amuleto ou runa de proteção.

30 de Junho

Oferendas e rituais de agradecimento para **Zaramama**, a Mãe dos Grãos no antigo Peru. Acreditava-se que ela encarnava na terra na forma de espigas de milho com alguma característica especial, como





espigas germinadas ou de cores estranhas. As pessoas ofertavam-lhe espigas, pendurando-as nas árvores, algumas delas “vestidas” como se fossem mulheres, com saias e xales. Depois das danças ritualísticas ao redor das árvores enfeitadas com as oferendas, as espigas eram queimadas para assegurar uma boa colheita e as pessoas festejavam bebendo cerveja de milho.

Dia de Aestas, a deusa do milho e do verão, celebrada em Roma durante o festival de Aestatis.

Na mitologia de vários países encontra-se a personificação do milho como mulher, mãe ou donzela. Em alguns dos mitos, o milho nasce do sangue ou do corpo de uma mulher que eram espalhados no campo após sua morte, enquanto em outros apenas brota de seu corpo vivo.

Em outras culturas, a Deusa manifesta sua essência na última espiga colhida, que era guardada para ser misturada às sementes a serem utilizadas no próximo ano.

Os povos nativos norte-americanos veneravam as Mães do Milho (Corn Mothers), enquanto os europeus faziam oferendas às Korn Mutter e às deusas Ziza e Zytmiatka.

Honre, você também, as deusas dos grãos fazendo, pessoalmente, um pão ou um bolo. Reúna seus familiares ao redor de uma mesa enfeitada com espigas de trigo e de milho e faça uma oração de agradecimento pelo seu sustento. Agradeça à Mãe Terra, às deusas dos grãos e frutos, aos Devas e a todos os seres elementais. Peça para que jamais lhe falte alimento e lembre-se de todas as crianças famintas do mundo, mentalizando soluções para seu sofrimento. Reparta o pão/bolo com seus familiares e leve um pedaço a uma árvore, junto com uma espiga ou punhado de milho e uma fruta. Ofereça-os como gratidão às deusas dos grãos e assuma o compromisso de ajudar as crianças carentes ou abandonadas.

Julho

Em 46 a.C., no “ano da confusão”, o imperador Júlio César resolveu reorganizar o caótico calendário romano. Em sua homenagem, *Quintilis*, o nome original deste mês, foi modificado. O calendário juliano permaneceu válido pelos próximos mil e seiscentos anos, sendo substituído, em 1582, pelo gregoriano. O nome do mês continuou, como prova de admiração pelo trabalho reformador de Júlio César.

Outros nomes antigos atribuídos a este mês foram: na Irlanda, Iuil; nos países anglo-saxões, Aftera Litha ou “após Litha”, a celebração do solstício e nas regiões nórdicas, Maedmonath ou Hevoimonath. Os povos nativos nomearam este mês de Lua das Plantas, Lua de Sangue, Lua da Bênção, Lua do Trovão, Lua dos Prados e Mês do Feno.

No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Coll e a árvore sagrada é a aveleira. O lema do mês é “usar a energia criativa para realizar seu trabalho e criar novos projetos”. A pedra sagrada é o rubi e as divindades regentes são Athena, Amaterasu, Atargatis, Cerridwen, Hella, Ísis, Juno, Maat, Nephtys, Netuno, as Nornes, Osíris e Rhea.

Na Roma antiga, este mês abrigava dois grandes festivais: Nonae Caprotinae, dedicado à deusa Juno e Neptunália, celebrando o deus Netuno e a deusa Salácia. Comemorava-se, também, o amor de Vênus e Adonis.

Os gregos celebravam, neste mês, as Olimpíadas, as famosas competições de atletismo, drama e música. Os ganhadores eram muito aclamados e valorizados, pois uma vitória nas Olimpíadas era uma grande conquista, tanto para o indivíduo quanto para sua cidade. Este festival era dedicado a Zeus e, no seu decorrer, qualquer disputa era interrompida. Neste mês celebrava-se, também, Panathenaea, o festival dedicado à deusa Athena e as procissões para a deusa Deméter.

No Egito, celebrava-se o casamento sagrado de Ísis e Osíris com o Festival Opet marcando o início do Ano Novo. Havia, também, comemorações menores em homenagem aos

aniversários de Ísis, Nephtys, Maat, Osíris, Seth e Horus. Nos países nórdicos, havia vários festivais e celebrações, como os da deusa celta Cerridwen, da deusa solar Sunna, da senhora do mundo subterrâneo Holda, da deusa do mar Ran e das três senhoras do destino, as Nornes.

Celebrações budistas e shintoístas no Japão honravam os espíritos dos ancestrais durante O Bon, o Festival das Lanternas. Os templos, as casas e os cemitérios eram limpos e enfeitados com flores e lanternas. Oferendas eram colocadas nos túmulos festejando a volta dos espíritos dos mortos para perto de seus familiares durante estes três dias.

No Japão, comemoravam-se as deusas Amaterasu, Fuji e Chih Nu; na Índia, o festival Naga Panchami homenageava a deusa Manasa Devi. No hemisfério sul, os Incas abençoavam a terra para um novo plantio com a cerimônia Chahua-huarquiz. Os índios norte-americanos festejavam a colheita e a despedida dos Kachinas, enquanto os Maias celebravam vários deuses e deusas no começo do seu Ano Novo.

Dedique este mês para avaliar suas realizações, canalizar sua energia criativa para novos projetos e descobrir novos caminhos de realização espiritual.

1º de Julho



Celebração da deusa assíria **Atargatis** ou Dea Syria, a mãe da deusa Semiramis. Atargatis podia ser representada como uma deusa sereia, uma deusa golfinho, uma deusa da vegetação ou uma deusa celeste, envolta por nuvens. Na Síria, era chamada de Tírgata e foi identificada, posteriormente, com Afrodite. Em seu templo em Der, na Babilônia, ela era denominada Derceto, “A Baleia de Der”, enquanto que em Harran acreditava-se que seus peixes sagrados tinham poderes oraculares. Na Beócia, ela foi equiparada a Ártemis, sendo representada com um amuleto em forma de peixe sobre seus genitais.

O peixe é um símbolo universal da Grande Mãe, conhecido como Vesica Piscis e representando o yoni, o órgão sexual feminino. Os hindus deram o sinônimo de “cheiro de peixe” à deusa Yônica e um dos apelidos da deusa chinesa Kwan Yin era “a deusa peixe”. Na Grécia, “delphos” significava “peixe” e “ventre” e o oráculo original de Delphi pertencia a Themis, a deusa peixe ou golfinho, senhora do abismo primordial. O peixe era o alimento sagrado das deusas Salácia, Afrodite e Freya, comido nas sextas-feiras, dia de Vênus, muitos séculos antes das recomendações cristãs. O símbolo do peixe como representação do yoni da Deusa era tão arraigado na mente e nas celebrações dos povos que o cristianismo assumiu-o, após revisar e modificar seu significado. No início, Jesus era representado dentro de uma Vesica Piscis sobreposta ao ventre de Maria, reproduzindo, assim, os antigos símbolos das Deusas Mães. Um antigo hino medieval falava de “Jesus, o pequeno peixe que a Virgem pegou na fonte”. Vários nomes de deusas das águas - Mari, Marriti, Mehit e Mehitabel - eram representados por ideogramas significando mar, mãe e peixe.

Início da procissão ao monte Fujiyama, no Japão, celebrando a deusa do fogo Fuji, a padroeira do Japão. O Fujiyama é o monte mais alto do Japão, sendo considerado o ponto de contato entre o Céu e o Mundo Subterrâneo. É nele que mora Fuji, uma deusa ancestral, senhora do fogo vulcânico. Neste dia, Fuji é honrada com orações e queima de oferendas nas fogueiras, homenageando-a como a Avó do Japão.

No Nepal, comemora-se Naga Panchami, festival em honra à deusa-serpente Manasa Devi. Após colocarem oferendas nas tocas das cobras, as pessoas seguiam em procissão aos templos, carregando cobras vivas e colocando-as em altares enfeitados com imagens de najas.

2 de Julho

Na Europa antiga, celebração das futuras mães, honrando todas as deusas padrocinadoras da fertilidade, da gestação, do parto e dos nascimentos, como Ártemis, Bona Dea, Carmenta, Eileithyia, Leto, Lucina, Mami, Mawu, Nagar Saga, Sheelah Na Gig, Skuld e Zemina. Neste dia, as mulheres grávidas recebiam bênçãos e honras, sendo celebradas pelas outras mulheres e abençoadas pelas sacerdotisas.



Aproveite esta data e dedique um pouco do seu tempo e energia para auxiliar ou orientar alguma futura mãe. E se você estiver esperando um filho, reserve este dia para cuidar de vocês, orando à Grande Mãe e escolhendo uma de suas manifestações como madrinha para seu filho.

3 de Julho



Festival celta celebrando a deusa da fertilidade e inspiração **Cerridwen**, a detentora do Caldeirão Sagrado da transmutação e Grande Mãe da vegetação. Seus símbolos eram o caldeirão, o cálice, a porca branca e os cereais. Neste dia, ofereça flores ou grãos à Mãe da Vegetação e coma uma espiga de milho. Medite olhando para uma taça ou vasilha preta cheia de água, procurando “ver” além da superfície e perceber alguma mensagem da Deusa.

Comemoração de Zytinamatka e de Kornmutter, as mães do milho na antiga Prússia e na Alemanha, as deusas da agricultura e dos cereais cujo espírito ficava retido na última espiga da colheita. Essa espiga era transformada em uma boneca e guardada até a próxima primavera

quando, durante um ritual, era enterrada na terra arada para favorecer o plantio e a colheita.

Dança do milho verde dos índios Seminole, na Flórida, homenageando a deusa da agricultura Selu e seu consorte Konati, o senhor da caça. Segundo a lenda, Selu, antes de morrer, ensinou seus filhos a fertilizarem a terra com seu sangue para que o milho pudesse crescer.

Na Micronésia, os povos nativos comemoravam, neste dia, Lorop, a criadora, deusa que alimentava seus filhos com peixes e frutas.

No Havaí e Nova Zelândia celebrava-se Haumea, a deusa da fertilidade, da vegetação e dos nascimentos. Mãe de Pele, a deusa do fogo vulcânico, ela ensinou às mulheres o parto natural.

4 de Julho

Gahan, a cerimônia dos índios Mescalero Apache homenageando os espíritos das cachoeiras, das montanhas e a deusa ancestral da terra Akwin.

Dança do Sol dos índios Ute honrando o deus do fogo solar, a força dos guerreiros e a deusa solar Kutnahin.

Na Austrália, comemoravam-se “As Filhas do Tempo de Sonhos do Sol” ou as Djanggawul. Eram divindades ancestrais, guardiãs das tradições e dos rituais que regiam a fertilidade, a criação das plantas e dos animais. Possuíam bolsas mágicas que lhes conferiam o poder de criação. Foram elas que legaram às mulheres o poder e a sabedoria para criar e fazer rituais.

Celebração da deusa Pax, guardiã da paz e da harmonia, equivalente romana da deusa grega Concórdia.

Use seu poder e sua sabedoria ancestral para criar um pequeno ritual para contribuir pela Paz Mundial. Acenda uma vela azul e um incenso de jasmim, coloque uma música suave e mentalize uma nuvem azul envolvendo todo o planeta. Concentre-se naquelas áreas (países, governos ou pessoas) que estão em conflito ou em desarmonia. Mentalize a energia da deusa Pax acalmando os ânimos e equilibrando as mentes e os corações. Emita vibrações de cooperação e compreensão, sem procurar soluções específicas, apenas afirmando a intenção de paz e de concórdia.



5 de Julho



Dia da deusa egípcia **Maat**, a guardiã da justiça, da sabedoria e da verdade. Maat era filha do deus solar Ra e esposa de Thoth, o deus da sabedoria, da magia e do conhecimento. Como senhora dos julgamentos, suas leis governavam os três mundos e até mesmo os deuses deveriam obedecê-las. Suas imagens mostram-na pesando os corações dos mortos, comparando-os a uma pena de avestruz que adornava sua tiara. Em seus julgamentos, ela era assistida por um tribunal de quarenta e dois juízes que avaliavam a pureza das almas ou a presença do mal em suas vidas. Se a alma estivesse leve pelo uso justo da verdade, o morto entrava no mundo subterrâneo à espera do renascimento. Se a balança se inclinasse com o peso das maldades e mentiras, o morto era devorado pela deusa Ahemait, que tinha o corpo de leão, hipopótamo e crocodilo.

Quando precisar da ajuda da deusa Maat para revelar a verdade, fazer justiça ou retificar os erros, prepare um altar com uma vela branca, uma cruz ansata (Ankh), um incenso de lótus, uma pena branca e um cálice com água. Acenda a vela e o incenso, segure a Ankh diante de seu coração e invoque a deusa Maat, pedindo-lhe que revele a verdade, oriente seu caminho e suas decisões e faça prevalecer a justiça e a ordem em sua vida. Beba a água antes de dormir e peça à Deusa para lhe enviar sinais ou orientações durante seus sonhos.

Celebrações solares de Feill Sheathain dos Pictos, na antiga Escócia e dos índios Assinboine, no estado de Montana, EUA.

6 de Julho

Celebração de Chih Nu, a deusa tecelã chinesa, padroeira das tecelãs, dos casamentos e regente da estrela Vega, da constelação de Lira. A tarefa desta deusa era tecer as roupas das divindades com os fios multicoloridos do arco-íris.



Festa de **Io**, antiga representação grega da Lua como uma deusa com cabeça de vaca, ornada com chifres e tendo em seu corpo as três cores sagradas da Deusa: branco, vermelho e preto. Posteriormente, esse simbolismo foi atribuído a Hera, que passou a ser chamada de “deusa com olhos de vaca” e Io foi reduzida a uma simples mortal, amante de Zeus e transformada por ele em vaca para escapar à fúria de Juno.

Dia dedicado às deusas lunares adornadas com chifres: Hathor, Io, Hera, Juno, Luna, Pasiphae, Selene, Ishtar, Ísis e Nephtys.

Neste dia, na Espanha, em lugar das antigas celebrações da Deusa, começam as sangrentas e absurdas corridas de touros. O touro, antigamente, era um animal sagrado e sacrificado apenas nos rituais, sem colocar em risco a vida dos jovens e sem torturar o animal. Em Creta, pelo contrário, jovens (moças e rapazes) participavam de todo o tipo de competições, inclusive com saltos acrobáticos sobre os touros, que depois eram coroados e não sacrificados.

7 de Julho

Em Roma, “Nonae Caprotinae”, a mais antiga celebração de **Juno**, a deusa greco-romana padroeira do casamento e das mulheres. Juno era conhecida por vários nomes, de acordo com suas atribuições: Pronuba, a que encaminhava o parceiro certo; Cinxia, a que estimulava o interesse do parceiro; Populônia, a deusa da concepção; Sospita, a facilitadora do parto e Lucina, a que trazia a criança à luz.



Conecte-se ao aspecto da deusa Juno que seja compatível ou necessário à fase atual de sua vida. Ofereça-lhe uma vela rosa ou vermelha e um figo coberto com mel. Peça-lhe ajuda para encontrar, apoiar e amar seu parceiro ou preparar-se para conceber e criar um filho ou um projeto.

Feriae Ancillarum, o festival romano das empregadas, que desfrutavam de liberdades e regalias neste dia.

Tanabata, o festival japonês das estrelas, comemorando Shokujin e Kengyn, personagens de um antigo mito. Diz o mito que eles eram um casal de namorados que, ao se verem separados por um rio turbulento, preferiram se jogar na água e morrer abraçados. Os deuses, condoídos com essa prova de amor, transformaram-nos em duas estrelas, colocando-as às margens da Via Láctea. Neste dia, as pessoas reuniam-se, recitando poesias e orando para as duas estrelas, pedindo sorte no amor.

Celebração da Via Láctea, na China, comemorando o encontro entre a deusa Zhinu e seu amado, o pastor. O mito, similar ao japonês, relata a separação do casal e seu encontro anual em uma ponte formada por andorinhas.

8 de Julho



Festa de Santa Sunniva, versão medieval cristianizada da deusa solar nórdica **Sunna**. Como para os povos nórdicos o Sol representava a Fonte Criadora da Vida, ele era representado por uma deusa. Segundo as lendas, Sunna sentava-se nas pedras, começando a fiar em sua roca de ouro uma hora antes do Sol nascer. Chamada de “Noiva Luminosa do Céu”, Sunna carregava o disco brilhante do Sol em sua carruagem, puxada por dois cavalos ferosos. Para proteger a terra do calor demasiado do Sol, ela usava seu escudo mágico. Ela também defendia os homens contra os anões malévolos, petrificando-os com seu olhar. As pedras lhe eram sagradas e, para honrá-la, os homens ergueram inúmeros círculos de pedra, espalhados por toda a Escandinávia.

Celebração da deusa finlandesa do Sol e do dia, a Virgem Dourada. Antigamente, seus fiéis untavam suas imagens de madeira com o sangue dos animais que, neste dia, eram sacrificados em sua homenagem (renas brancas, ovelhas ou cabras). Na Noruega, quando os primeiros raios do Sol apareciam após os escuros meses de inverno, as mulheres desenhavam símbolos solares com manteiga nas portas de suas casas.

Nos países eslavos, reverenciava-se Sundry Mumy, a Mãe do Sol, pedindo-lhe que esquentasse o tempo e fortalecesse seu filho, o Sol.

Parada das moças em Portugal, carregando cestos com pão, enfeitados com flores. Acreditava-se que, com esta oferenda, os espíritos das doenças eram aplacados e afastados pelo resto do ano.

9 de Julho

Início da “Panathenaea”, o festival grego dedicado à deusa **Athena**. Durante seis dias, promoviam-se competições musicais, concursos de poesias, corridas de cavalos e carruagens, demonstrações de atletismo, boxe, ginástica e danças. Ao contrário de outros festivais esportivos, este tinha um significado religioso. Os ganhadores recebiam ânforas com azeite extraído das oliveiras sagradas e eram coroados com guirlandas de ouro. No final, a multidão seguia em procissão, carregando tochas e oferendas para o templo da deusa Athena, na Acrópolis, colocando novas roupagens nas estátuas da deusa.



Comemoração grega da deusa Rhea, a Mãe das Montanhas. Rhea era uma antiga deusa cretense da Terra, reverenciada com procissões de tambalos, flautas, tambores, tochas acesas e “labrys”, as machadinhas de duas lâminas, em forma de borboleta, representando a fertilidade da terra.

Reverencie você também essa antiga deusa, acendendo uma vela verde, tocando um sino e invocando seu poder com a saudação tradicional: “A Terra nos dá seus frutos, por isso eu louvo e agradeço à Mãe Terra”.

Celebração do deus grego do vinho e da fertilidade Dioniso.

Festival da lagosta em Nova Scotia, reminiscência das antigas celebrações das Deusas das Águas.

10 de Julho

Dia da deusa nórdica **Hella** ou Hel, a senhora de Niflheim, o mundo subterrâneo formado por gelo e fogo vulcânico. Hel, cujo nome



originou a palavra inglesa inferno, tinha uma aparência aterrorizante, com metade de seu corpo em decomposição, toda corroída por doenças. Para seu reino de nove círculos iam todos os mortos, com a exceção daqueles que morriam em combates e que eram levados pelas Valquírias para Valhalla, o castelo do deus Odin. Niflheim tinha um local de repouso para os “bons”, enquanto outra parte servia para a purificação ou expiação daqueles que tinham vivido de forma errada ou vil. As tribos germânicas chamavam Hel de Holda ou Bertha e acreditavam que ela acompanhava Odin na “Caça Selvagem” para recolher as almas errantes e levá-las para recuperação em seus reinos, à espera de uma nova encarnação.

Celebração da deusa da morte Skadi, a padroeira da Escandinávia, que reinava sobre o gelo e a neve do extremo norte da Europa. Ao contrário de Hel, Skadi era bonita e inspirava os poetas e os xamãs em suas criações e previsões oraculares.

Na antiga Rússia, comemorava-se Snegurotchka, a deusa da neve, transformada, posteriormente, na Donzela da Neve, personagem de um conto similar à Branca de Neve alemã.

11 de Julho

Kronia, festival anual cretense honrando o deus Kronos, o Pai Tempo e a deusa **Rhea**, a Mãe Terra, esposa de Kronos e mãe da maior parte das divindades. A deusa Rhea, sob seu aspecto de Potnia, era chamada de Magna Mater - A Grande Mãe - e de senhora do labirinto. Era a deusa principal de Creta e seus símbolos sagrados eram a “labrys”, o pilar e a serpente. Tinha vários templos a ela dedicados, como em Kydonia, Phaistos, Mallia e Zakro, mas o principal era dentro do templo de Cnossos, cujo formato originou a lenda do labirinto. Seu consorte era o jovem Velchanos, que “morria” anualmente com o fim da vegetação e “renascia” a cada primavera. Similar a Deméter/Perséfone, Inanna/Dumuzi e Cibele/Attis, esse mito simbolizava o ciclo das estações e da natureza.



Aniversário de Theano, a padroeira dos vegetarianos, esposa de Pitágoras e filósofa como ele.

Acredita-se que este é o dia mais afortunado do ano e que as crianças nascidas hoje terão muita sorte e sucesso em suas vidas.

12 de Julho



Comemoração da deusa lunar haitiana **Erzulie**, regente do amor, da alegria, da beleza, da magia, da cura e da boa sorte. No Caribe, Erzulie era chamada de “La Siréne”, sendo representada alimentando-se de bananas, como uma sereia ou serpente aquática. Neste aspecto, ela regia a água salgada e era a amante do deus Agone T’Arroyo. Como regente da água doce, ela era chamada de “A Senhora do Vodou”, sendo considerada a esposa do deus Damballah. Em seu aspecto escuro, em vez de propiciar o amor, ela provoca ciúmes, egoísmo, discórdias e vingança. Sua equivalente na África é a deusa Aziri ou Ezili, regente da água doce, da beleza e do amor, chamada de Oxum na tradição ioruba.

Na Polinésia e na Austrália, celebram-se as deusas do amor e da sexualidade Hapai e Hine Moa com danças e oferendas de flores.

Dia consagrado a Dikaiosyne, antiga deusa egípcia da justiça, precursora da deusa Maat.

Adonia, início das celebrações dedicadas ao deus Adonis que duravam por mais duas semanas. As mulheres gregas faziam cestas com galhos de mirta e enchiam-nas de sementes, jogando-as depois ao mar, juntamente com seus pedidos de realização afetiva para Afrodite e Adonis.

Celebração tibetana dedicada a Yama, deus budista da morte e senhor do mundo subterrâneo.

13 de Julho

Festival da deusa **Deméter**, na Grécia, celebrado com procissões de mulheres descalças enfeitadas com guirlandas de flores do campo. Acreditava-se que, ao andarem descalças, as mulheres podiam se comunicar diretamente com a deusa. Segundo as lendas, Deméter trouxe

as primeiras sementes de trigo para a humanidade, ensinando-a a cultivar a terra e transformar os grãos em pão. Deméter era a protetora das mulheres, da maternidade e do amor conjugal. Ela regia as colheitas, os cereais, a vegetação, o renascimento, a agricultura, a civilização, as leis, a filosofia, a magia e a própria Terra.



Dia do Junco, celebrado com danças das meninas e de mulheres na Suazilândia, na África, comemorando a deusa elefante Ndlovukani equivalente feminina do deus elefante indiano Ganesha.

Festival anual Bon Odori, no Japão, reverenciando os espíritos ancestrais com lanternas coloridas e oferendas de comida nos túmulos dos familiares falecidos.

Celebração do deus egípcio da vegetação e fertilidade Osiris, irmão e consorte da deusa Ísis.

Festa de Nossa Senhora de Fátima em Portugal.

14 de Julho



No calendário nórdico inicia-se, neste dia, o domínio da norne Urdhr, a anciã que olha para o passado, uma das três Deusas do Destino da mitologia nórdica. As Nornes viviam sob Yggdrasil, a Árvore do Mundo que sustenta os nove mundos. Elas cuidavam de Urd, a fonte sagrada cuja água branca mostra a conexão destas deusas com as três fases da

Lua, molhando as raízes da árvore para mantê-la viva. Na mitologia celta, as Nornes eram chamadas de irmãs Weird ou Wyrd e foram citadas por Shakespeare na peça Macbeth. Da mesma forma que as Parcas romanas ou as Moiras gregas, as Nornes teciam os destinos e determinavam a vida e a morte dos homens, cortando o fio no momento certo.

Neste dia, no ano de 1988, começaram a aparecer no condado de Somerset, na Inglaterra, os primeiros "Crop Circles", círculos enigmáticos nos trigais próximos da colina sagrada de Silbury Hill.

Celebração de Horus, o deus egípcio com cabeça de falcão.

Para se conectar às Nornes, trança três fitas (branca, vermelha e preta) invocando seus nomes: Urdhr, do passado; Verdandi, do presente e Skuld, do futuro. Guarde a trança sob seu travesseiro para ter revelações e avisos em seus sonhos. Queime incenso de mirra e acenda uma vela lilás, pedindo à deusa Urdhr que ajude-a a desligar-se dos resquícios negativos de seu passado e a aproveitar os ensinamentos recebidos durante os sonhos e meditações. Ore para que Verdandi fortaleça-a e guie-a em seu cotidiano, ajudando-a a cumprir com sua missão e seu compromisso nesta vida até que Skuld prepare-a para sua passagem na eterna Roda das Vidas.

15 de Julho



Celebração da deusa finlandesa **Rauni** ou Roonika, regente do trovão e esposa do deus do relâmpago. Conhecida também sob outros nomes (Akko, Maan-Eno ou Ravdna), ela se materializava nas sorveiras, sendo que suas frutas vermelhas lhe eram consagradas. A sorveira ("rowan") é uma árvore mágica, usada em rituais de proteção e defesa e para a confecção de varetas rúnicas e de varinhas mágicas. Segundo a lenda, por meio de uma relação sexual durante seu período menstrual, Rauni criou a sorveira e outras árvores mágicas de flores ou frutos vermelhos. Para homenageá-la, as pessoas lhe ofertavam os melhores pedaços das renas abatidas durante as caçadas.

Nos países eslavos, comemoravam-se a deusa do fogo Oynyena Maria ou "Maria do Fogo", companheira do deus do trovão e Perkune Tete, uma das deusas do relâmpago e do trovão. Segundo a lenda, Perkune Tete recebia a cada noite o Sol, banhando-o e fazendo-o brilhar novamente, devolvendo-o ao céu a cada amanhecer.

Na Grécia, início das Olimpíadas e no Egito, celebração do nascimento do deus egípcio Seth, um antigo deus da magia e da morte.

Dia de Chung Yuan, o Festival dos Mortos na China, homenageando Ti Tsang, o senhor do mundo subterrâneo.

16 de Julho

Antiga festa da deusa romana **Carmenta**, parteira e curadora, transformada, posteriormente, em uma comemoração com fogos de artifícios e procissões de velas em homenagem à *Madonna del Carmine*, na Itália.

A palavra raiz *Car, Ker, Kore* ou *Q're* é encontrada no nome de várias deusas de diversas culturas, como *Carna* e *Carmenta*. Elas eram veneradas pelos etruscos como deusas do parto, da saúde, dos carnavais e dos encantamentos. *Cardea* era a guardiã dos limites e dos espaços, *Carlin* era o espírito do *Sabbat* celta *Samhain*, protegendo as famílias contra os fantasmas, enquanto a irlandesa *Carman* era a senhora da magia destrutiva. *Kore* era a deusa donzela grega, *Ceres* era a deusa romana dos cereais e *Cerridwen*, a Grande Mãe celta.

No Haiti, procissão rumo à cachoeira sagrada da deusa do amor *Erzulie Freda*. As pessoas invocavam seus poderes mágicos com cânticos e danças extáticas. Depois, banhavam-se nas águas detentoras de poderes milagrosos de cura e regeneração e ofertavam flores e presentes em agradecimento à Deusa.

Dia dedicado à Virgem Maria da Irlanda.

Celebração de *Niski-Ava* nos países eslavos, a deusa protetora das mulheres e guardiã dos lares. Reverenciada por todas as mulheres, que lhe dedicavam um pequeno altar em suas casas, *Niski-Ava* foi sincretizada, posteriormente, com a Virgem Maria.

17 de Julho

Festival de **Amaterasu Omi Kami**, a deusa solar do Japão, reverenciada como a governante de todos os deuses, guardiã do povo japonês e da unidade cultural. Seu emblema, o Sol nascente, está na bandeira nacional. Nem mesmo o budismo patriarcal destruiu o culto desta deusa, representada como uma linda mulher repleta de jóias e cuja luz, refletida em seu espelho, iluminava o céu e a terra. Chamada de “Grande e augusto espírito que brilha no céu”, *Amaterasu* representa a



manifestação mais elevada do Espírito Universal. Ela é uma deusa benevolente, que compartilha sua luz e seu calor com todos os seres da criação. Saúde esta deusa ao nascer do Sol, invocando suas bênçãos para sua vida. Capte a luz solar em um espelho e reflita-a para todos os cômodos de sua casa, enquanto toca um sino e entoa o nome da deusa.

Nos países eslavos, celebravam-se as deusas solares *Si* e *Tsi*. Elas também eram invocadas nos juramentos por serem guardiãs da justiça e por punirem os perjuros.

18 de Julho

Aniversário de **Nephtys**, a deusa egípcia da morte, irmã de *Ísis* e esposa do deus *Seth*. Enquanto *Ísis* representava a força da vida e do renascimento, *Nephtys* era a deusa do pôr-do-sol, dos túmulos e da morte. Seus respectivos cônjuges também representavam energias opostas: *Osíris*, o consorte de *Ísis*, era um deus da fertilidade; *Seth*, o cônjuge de *Nephtys*, representava a aridez, a esterilidade e a maldade.



Em Hong Kong, celebração da deusa das florestas *Lu Pan*, a padroeira daqueles que trabalham com madeira.

Festa dos índios norte-americanos festejando a “Mulher de Cobre” (*Copper Woman*) e a “Mulher Vulcão” (*Volcano Woman*), deusas dos minerais e dos metais.

Comemoração da deusa persa da justiça *Arstat*, conhecida como a personificação da verdade e da honestidade. Suas palavras propiciavam o crescimento e a prosperidade de todos os seres vivos.

19 de Julho

Festival *Opet*, no Egito, celebrando o casamento sagrado de **Ísis e Osíris**. *Ísis* foi a mais completa deusa conhecida na história da



humanidade, venerada durante milênios. Foi durante o reinado de Ísis e Osíris no Egito que as bases e a estrutura da verdadeira civilização foram criadas. Seu culto se difundiu em outros países, dentre eles, principalmente, o Império Romano. O Festival Opet marca o ciclo anual de enchentes do Rio Nilo; por Ísis ser uma deusa da vida e da fertilidade, suas bênçãos eram invocadas com celebrações grandiosas e cerimônias sagradas.

Dia consagrado à estrela Sírius ou Sothis, da constelação de Canis Major, chamada também de Canopis ou Olho do Cão. Acreditava-se que Sírius aparecia no leste, na época das inundações do Rio Nilo, para anunciar o renascimento de Osíris. Anúbis, o deus com cara de chacal, guardava a alma de Osíris na estrela Sothis até seu renascimento anual.

Em Roma, celebrava-se a união de Vênus, a deusa da beleza feminina e do amor, a Apolo, o belo deus da luz solar e da poesia.

Comemore sua união criando, juntamente com seu parceiro, um ritual pessoal reverenciando o Deus e a Deusa Interior, reforçando e selando, assim, os laços de amor, compreensão, apoio e colaboração recíproca. Se você estiver passando por uma fase de frieza em sua relação, peça à estrela Sírius que ajude seu amor a renascer e a renovar-se.

20 de Julho

No Japão, **O-Bon**, o Festival das Lanternas celebrando os Espíritos Ancestrais. Neste dia, limpavam-se as casas, os túmulos, as lápides e os altares. Sacerdotes e monjas visitavam as casas e os túmulos, recitando sutras sagrados. Para iluminar o caminho dos espíritos ancestrais de volta para suas casas, onde lhes eram oferecidas fartas ceias, inúmeras lanternas e tochas eram acesas pelos caminhos. No dia seguinte, os espíritos voltavam para o além, acompanhados por pequenos barcos iluminados.

Comemoração de Paraskeva, a deusa eslava do amor e da sexualidade, associada à água, à saúde, à fertilidade e ao casamento. Devido a sua popularidade, ela foi adotada pela Igreja e transformada em santa.



Na Polônia celebrava-se, neste dia, Dodola, a deusa da chuva.

Na Lituânia, as antigas deusas do amor Prende e Vakarine, eram invocadas durante o Vainikinas, o festival anual dos namorados, também chamado "A amarração das guirlandas".

Dia de Santa Margareth da Antióquia, a guardiã das crianças, representada montando um dragão e batendo no chão com seu bastão para atrair as chuvas, gesto ritualístico das sacerdotisas da Deusa.

Aniversário da profetisa grega Damo, filha dos filósofos Pitágoras e Theano.

21 de Julho

Ano Novo maia, celebrando vários deuses e deusas como Tonantzin, da terra; Akewa, do Sol; Huitaca, da água; Coatlicue, a serpente lunar; Ix Chel, da fertilidade; Xochiquetzal, do amor; Chicomecoatl, do milho; Mayauel, das estrelas e dos sonhos; Chalchiuhtlique, da água e Teteu Innan, da cura.



Celebração da deusa assíria da vegetação Nana, a mãe de Attis, que veio a tornar-se o consorte amado da deusa Cibele. Segundo a lenda, Nana ou Nina era a ninfa que concebeu Attis enquanto carregava uma romã sobre seu seio. No entanto, fontes mais antigas mencionam que o nome de Nana, em seu significado de "rainha", era um dos antigos atributos da deusa babilônica Ishtar ou Inanna, como a padroeira das cidades Ninevah e Lagash.

Nos países eslavos, reverenciava-se a deusa Nan como a criadora da vida e, na África, Nanã Buruku, como a deusa anciã da água e da terra, responsável pela criação dos seres humanos.

22 de Julho

Antiga celebração de **Maria Madalena**, na França. Nesta data, mulheres de todos os lugares peregrinavam a uma gruta e, diante de um altar, pediam à Santa que lhes ajudasse a arrumar namorados ou maridos.

Segundo os Evangelhos Gnósticos, Maria Madalena era a companheira de Jesus, conhecida como Maria Lúcifer, na acepção correta deste nome (Lúcifer como doador da luz). Após a morte de Jesus, Maria Madalena tornou-se uma líder dos Gnósticos, competente e respeitada, até que o Apóstolo Paulo proibiu a participação das mulheres na Igreja para liderar, officiar ou ensinar, transformando a igreja aberta de Jesus em uma instituição patriarcal e exclusiva. Madalena foi morar na França, perto de Marselha. Lá se estabeleceu em uma gruta, levando uma vida de eremita, curando e ajudando as pessoas. A gruta onde Maria Madalena morava costumava abrigar antigos rituais de fertilidade dedicados à Deusa.



Na Anatólia, festival dedicado à Arinna, deusa da luz e do dia.

23 de Julho



Nos países nórdicos, antiga comemoração dos deuses do mar Aegir e de sua consorte **Ran**, guardiã dos afogados

Ran era uma mulher grande e forte. Segurando com uma de suas mãos o leme do barco, ela jogava com a outra mão uma grande rede e recolhia os afogados, levando-os para seu escuro reino sob as ondas. Lá, eles viviam como se estivessem na terra, mas sem poder voltar, a não ser no dia de seus enterros. Como Ran amava o ouro, os marinheiros escandinavos levavam em seus bolsos moedas de ouro para que pudessem ser aceitos em seu reino caso morressem afogados. As nove filhas de Ran e Aegir eram lindas sereias que apareciam aos homens, durante as noites escuras e frias de inverno, escondidas na espuma das ondas, tentando se aproximar das fogueiras acesas em sua homenagem.

“Neptunália”, antigas celebrações para Netuno, o deus romano do mar e para sua esposa Salácia, a deusa da água salgada, dos lagos e das águas minerais e termais. Ofertavam-se galhos de salgueiros e de oliveiras, pedindo aos deuses que não faltasse água durante os meses de verão.

24 de Julho

Dia dedicado a todas as Deusas Leoninas como Sekhmet, Cibele, Leona, Durga, Mehit e Tefnut.

Embora fosse símbolo do deus solar na Grécia e em Roma, nos países da Ásia e no Egito o leão era associado à Deusa. Várias deusas cavalgavam, eram puxadas ou acompanhadas por eles. Outras apresentavam suas características físicas, demonstrando, assim, seu poder e a vitória nos combates.



Festival shintoísta Tenjin, no Japão, dedicado à cura das doenças. Os doentes levavam bonecos de papel aos templos, onde os sacerdotes esfregavam-nos em seus corpos para retirar as mazelas e os resíduos das magias negativas. Após esse ritual de expurgo, os bonecos eram levados para os rios e jogados na água, enquanto entoavam-se cânticos e orações.

Adapte esse antigo ritual a sua realidade. Recorte um boneco em papel, passe-o sobre o(s) órgão(s) afetado(s) ou os lugares doloridos. Em seguida, “despache” o boneco em água corrente, orando para sua cura. Prepare um amuleto de saúde amarrando, em um saquinho de pano verde, sete pedaços de canela, algumas flores secas de cravo, pétalas de girassol e folhas de sempre-viva. Abençoe seu amuleto invocando os Anjos de Cura e as Deusas Leoninas; carregue-o sempre consigo.

Entre 23 de Julho e 20 de Agosto, devido ao aumento de estrelas cadentes celebrava-se, nos países celtas, o deus solar Lugh, sendo os meteoros chamados de “Jogos de Lugh”.

25 de Julho

Furrinália, celebração das Fúrias ou **Erínias**, as deusas gregas da vingança.

Os mitos pré-helênicos descreviam-nas como três donzelas negras, imortais, com cabelos de serpentes, veneno escorrendo de seus olhos e garras pontudas. Elas perseguiram aqueles que infringiam a “lei do

sangue” e matavam parentes. Seus nomes eram Alecto, Megera e Tisiphone e, posteriormente, foram chamadas de Dirae, Maniae ou Furiae.

Na Índia, celebração do deus-serpente Naga Panchami e da deusa Kadru, a “Mãe das Serpentes”. “Rainha das Serpentes” também era o nome da deusa Egle, nos países eslavos; da deusa Uadjit, no Egito e da deusa Coatlicue, no México. Na Grécia e em Roma, eram inúmeras as deusas associadas às serpentes, entre elas Echidna, Górgona, Lâmia, Medusa e Python.

Aproveite este dia e faça um ritual para liberar e transmutar sua raiva, evitando, assim, que ela lhe “envenene” ou prejudique outras pessoas. Procure uma pedra escura, limpe-a com água corrente e peça a permissão ao ser elemental que nela habita para este trabalho. Pense em todos os momentos em que você sentiu raiva e não conseguiu expressá-la. Transfira essa energia escura e densa para a pedra. Se sentir vontade, grite. Enterre depois a pedra, pedindo às Erínias e às Deusas Serpentes que transmutem sua raiva em energias mais positivas, libertando você desse veneno. Coloque, depois, uma imagem de cobra em seu altar ou use alguma jóia em forma de serpente para firmar essa conexão.

26 de Julho



Festival de Santa Anna, na Palestina e de Santana, no Brasil. No sincretismo religioso da Umbanda, ela é **Nanã Buruku**, a mais velha das três divindades das águas.

Na tradição jeje, Nanã é a criadora do mundo, a Grande Mãe de tudo o que existe, a senhora das águas escuras e da lama. Nas lendas, Nanã é a mais idosa de todas as divindades, respeitada e honrada por sua imensa sabedoria. Seu reino é o pântano, onde se misturam a água e a terra, constituindo a zona limítrofe onde a vida se formou. A terra úmida representa o potencial da vida e sua decadência, por meio do apodrecimento. A insígnia de Nanã era seu cajado, o “ibiri”, decorado com búzios e inscrições, servindo para curar e fortalecer aqueles



que a procuram. Como deusa ancestral, Nanã representa a origem racial, o poder sacerdotal, a preservação das tradições, a disciplina, a cura e a subedoria.

Nos países eslavos celebrava-se Kubai-Khotun, a Grande Mãe, de cujo leite formou-se a Via Láctea. Representada como uma mulher com seios enormes, dos quais fluía o leite que alimentava todos os seres, ela morava sob a Árvore do Mundo.

Nos países nórdicos, comemoração de Sleipnir, o cavalo de oito patas do deus Odin, que se locomove entre os três mundos e leva as mensagens dos homens aos deuses.

No Novo México, Danças do Búfalo e do Milho nos pueblos de Taos e Santa Ana.

27 de Julho

Dia da famosa rainha egípcia **Hatshepsut**, considerada uma representação da Deusa da Cura. Hatshepsut viveu na 18ª Dinastia, em 1490 a.C. e construiu inúmeros templos dedicados à Deusa. Reinou sozinha, sem consorte, com pulso firme e mente ágil e justa. Não promoveu guerras e incentivou a arquitetura e o comércio. Como Rainha, foi uma digna representante da Deusa, a quem honrava. Os atuais seguidores das antigas tradições egípcias realizam, neste dia, vários rituais para a cura pessoal, coletiva e global.



Na Irlanda, este é um dia considerado muito favorável à colheita de ervas curativas. Homenageia-se Airmid, a deusa da cura e da magia, guardiã da fonte sagrada da saúde. As pessoas vão em peregrinação para as fontes sagradas e oram em prol de sua cura, amarrando pedaços de suas roupas ou fitas coloridas nas árvores que circundam as fontes.

Celebrações e procissões das curandeiras e feiticieras, na Bélgica.

Dedique este dia à sua cura física, mental, emocional ou espiritual, entrando em contato com seu Eu Divino para receber a orientação adequada por meio de meditação ou canalização. “Magnetize”, pela imposição de mãos, água da fonte e ore para que a deusa Airmid e Hatshepsut ajudem-na a livrar-se de seus problemas de saúde.

28 de Julho



Comemoração do aniversário da sacerdotisa e profetisa **Pythia**, na Grécia, cujo nome originou a designação geral das profetisas do Oráculo de Delfos. As mulheres escolhidas para esse cargo, de extrema importância, deveriam ter mais de cinquenta anos, já terem passado pela menopausa, serem casadas e ter sido aprovadas em um intenso treinamento psíquico, com muita disciplina. Mensalmente, após rituais de purificação, a Pitonisa sentava-se em um tripé, mastigava folhas de louro e inalava os vapores que saíam das fendas da terra, entrando, assim, em transe extático e fazendo profecias.

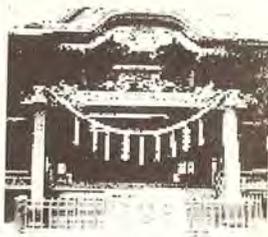
Festival irlandês homenageando Domhnach Chron Dubh, o deus dos grãos que simbolizava seu sacrifício no ato da colheita e Dea Domnann, a deusa da Terra e da fertilidade, que recebia em seu ventre o deus sacrificado, proporcionando-lhe o renascimento como criança solar no solstício de inverno.

Dia de São Cristóvão, derivado da celebração do antigo deus nórdico Thor.

29 de Julho

Em Kyoto, no Japão, festa de Gion Matsuri, a celebração conjunta do deus do Sol, irmão da deusa Amaterasu e de Wakahirume, a deusa da alvorada e do crepúsculo.

Segundo a tradição, neste dia as pessoas deveriam ir para os altares dos templos venerar o Deus. Mas para beneficiar também aqueles que não podiam chegar até os templos, procissões eram formadas, carregando um altar pelas ruas. Havia competições para premiar o altar mais elaborado ou mais bem decorado. Organizavam-se, também, procissões nos rios, com música e cantos nos barcos enfeitados com guirlandas e lâmpioes.



Comemoração de Aine, a deusa solar irlandesa representada como uma égua vermelha e festejada com procissões de camponeses carregando tochas de palha acesa. Passava-se a fumaça destas tochas sobre os campos e os animais para proteção e aumento da fertilidade.

No México, dia de Santa Marta, irmã de Maria Madalena, dedicada aos cuidados maternos.

30 de Julho



No Canadá, festival nativo Micmac, versão cristianizada da antiga celebração do **Pai Céu** e da **Mãe Terra** nas figuras de Santa Ana e do deus nativo Glooska. Acredita-se que aqueles que casam neste dia serão abençoados com amor e prosperidade.

Neste dia, em Tarascon, na França, celebra-se o festival anual Tarasque, no qual comemora-se a captura de um dragão cuspidor fogo. A multidão segue a imagem do dragão pelas ruas, tocando-o para se livrar do azar e atrair a sorte.

Celebração nativa norte-americana homenageando Tamaayawut, a deusa da Terra e criadora da vida e seu irmão Tuukumit, o deus do céu. Juntos, eles criaram todos os seres e toda a vida do mundo.

Inspire-se na tradição xamânica para saudar o Pai Céu e a Mãe Terra. Abrace uma árvore, fundindo-se com seu tronco e enraizando firmemente seus pés na terra. Eleve seus braços e sua cabeça para o céu, percebendo a captação das energias cósmicas por meio de seus dedos. Inspire profundamente, sentindo o “prâna” vitalizar seus chacras. Abra seu coração e perceba toda a conexão existente na natureza. Saude seus “irmãos de criação” dos outros reinos e aja como mediadora entre as energias do céu e as da terra.

31 de Julho

Niman, cerimônia nativa norte-americana celebrando a colheita do milho e a despedida dos Kachinas. Começando ao nascer do sol e acabando ao anoitecer, as danças e as mímicas demonstram, de forma ritualística, a gratidão das pessoas pela ajuda dos Kachinas, os seres sobrenaturais que garantiam as chuvas e a abundância nas colheitas.

Oidhche Lughnasa, o festival do Pão Fresco, celebração celta da colheita dedicada à deusa Tailtu ou Tailtte e ao deus solar Lugh. Ela era uma antiga deusa irlandesa da Terra, mãe de Lugh. Ele, por sua vez, criou o festival de Lughnassadh para reverenciá-la. Antigamente, essas celebrações duravam quinze dias, sendo depois cristianizadas como a Festa da Colheita.



Comemoração do deus nórdico Loki e de sua consorte Sigyn. Na mitologia nórdica, Loki representa o poder maligno, a força da erosão e as perdas inesperadas. É o padroeiro dos ladrões, dos embusteiros e dos mentirosos. Não deve ser invocado, pois sempre pede algo em troca e é traiçoeiro. Sua filha Hel é a deusa do mundo subterrâneo e do reino dos mortos. Sigyn ou Signy era uma deusa ancestral, guardiã das famílias e das tribos. Quando seu marido foi punido pelos deuses pela morte de Baldur, o lindo e inocente deus solar, Signy diminuía o sofrimento de Loki coletando o veneno da serpente suspensa sobre sua cabeça.

Agosto

Outrora chamado *Sextilis* no calendário romano, este mês teve seu nome mudado para *Augustus* em honra ao imperador Augustus César. O título “august”, dado apenas aos imperadores ou “augur”, dado apenas aos sacerdotes, é decorrência de um dos aspectos da deusa Juno - Juno Augusta - e está relacionado ao poder profético conferido aos homens pelas divindades.

O nome anglo-saxão deste mês é Weodmonath e o nórdico, Aranmonath. Os povos nativos chamaram-no de Lua da Colheita, Lua da Cevada, Lua do Milho, Lua quando as Cerejas ficam Pretas, Lua das Disputas ou Mês da Vegetação.

No calendário druídico, a letra Ogham correspondente é Quert e a árvore sagrada é a macieira. O lema do mês é “descanse, mas não descuide de seu desenvolvimento interior”.

Durante este mês, em vários países, celebrava-se a colheita dos cereais. Os celtas dedicavam o primeiro dia do mês ao Sabbat Lughnassadh ou Lammas, o primeiro festival da colheita. Lammas, em inglês arcaico, significava a Missa do Pão (Loaf Mass), descrevendo, assim, a festa do pão fresco, feito dos primeiros grãos de trigo.

Os romanos também tinham seus festivais de colheita, Consuália e Opseconsiva, reverenciando o deus Consus e a deusa Ops (regentes dos depósitos de grãos e da colheita) com oferendas de pão fresco e vinho. No final do mês, a festa Charisteria agradecia as dádivas das divindades da terra.

O deus Vulcano era celebrado com três festividades: Portunália, Volturnália e Volcanália. Para contrabalançar essas cerimônias do fogo, eram também reverenciadas as deusas Juturna (das fontes) e Stata Mater (da proteção contra os fogos), assegurando, assim, a proteção contra os incêndios, frequentes nessa época de calor e seca.

Na Grécia, o dia treze era dedicado a Hécate, a Rainha da Noite, senhora do mundo subterrâneo e guardiã das encruzilhadas; o dia vinte e três, por sua

vez, era para Nêmesis, a deusa da justiça, da vingança e da punição justa. Nessas celebrações, as mulheres, cujos pedidos haviam sido atendidos, iam em procissão, carregando tochas, até os templos das deusas onde eram feitos os rituais.

No Egito, abençoavam-se os barcos e na Índia, comemorava-se Ganesha, o deus com cabeça de elefante, pedindo-lhe que removesse os obstáculos e os azares, ofertando-lhe flores e arroz.

As pedras sagradas do mês são a sardônica e o peridot. As divindades regentes são Lugh, Deméter, Ceres, Chang O, Xochiquetzal, Medusa, Hécate, Nêmesis, Atargatis, Arianrhod, Bast, Ilmatar, Frey e Freyja.

Agosto é um mês favorável à avaliação de sua “colheita” nos meses anteriores. Medite a respeito das “sementes” que não vingaram e que devem ser substituídas e das “ervas daninhas” e dos “invasores” que prejudicaram seus esforços. Renove ou fortaleça a terra de sustento de seus projetos, conectando-se às deusas da terra, agradecendo pelos frutos colhidos e pedindo-lhes energia e inspiração para os próximos meses.

1º de Agosto



Neste dia, os povos celtas celebravam o Sabbat Lammas ou Lughnassadh, o Festival da Colheita. Dedicado a Lugh, o deus celta da luz, o Sabbat representava seu sacrifício anual, garantindo a maturação das sementes, sua colheita e o fornecimento dos grãos para o próximo plantio.

Tailtu, a Deusa Mãe, também era celebrada, com danças e cantos, como a fonte da vida e da abundância. Os primeiros frutos e cereais colhidos eram-lhe ofertados nos altares de pedra dos bosques sagrados de carvalhos.

Lammas é um Sabbat de regeneração, o primeiro dos três festivais da colheita, seguido por Mabon e Samhain. Comemora-se a Deusa, a plenitude da terra, a invenção da agricultura pelas mulheres e todas as realizações da primeira metade do ano. As pessoas assavam pão e ofertavam-no nos altares das casas e dos templos, juntamente com uma boneca feita de uma espiga de milho ou de trigo, maçãs, uvas, vinho e flores. Com a proibição das festas pagãs, as celebrações foram sendo substituídas por feiras de produtos e exposições de artesanato, mas as portas das igrejas continuaram, por muito tempo, a serem enfeitadas nesta data com guirlandas de espigas de milho, flores e frutos.

Nos países nórdicos, homenageavam-se as Kornmutter, as Mães do Milho e Zytiniamatka, a deusa da agricultura.

Cerimônia nativa norte-americana celebrando a Corn Mother, A Mãe do Milho com oferendas de pólen e fubá, cantos e danças ao redor de fogueiras, em que se assavam espigas de milho.

Celebração asteca de Xiuhtecuhtli, o deus do fogo espiritual e senhor do calendário. Reverenciavam-se, também, as deusas do milho Centeotl e Xilonen, responsáveis pela fertilidade da terra.

Aproveite esta data e faça uma avaliação de tudo que plantou e colheu nesta primeira metade do ano. Ofereça à Mãe Terra um pão redondo, espigas de milho ou trigo, flores, um cacho de uvas ou uma garrafa de vinho, não se esquecendo de agradecer-lhe pelo seu sustento.

2 de Agosto



Festa de Nossa Senhora dos Anjos, na Costa Rica. Celebrada com procissões para "La Negra", sua pedra sagrada, ela é uma das manifestações da **Virgem Negra**, versão cristianizada da Deusa da Face Escura, a deusa da morte.

Em inúmeras igrejas na Espanha, França, Itália, Suíça e Polônia, encontram-se estátuas da Virgem Negra. Segundo os pesquisadores, sua origem remonta aos antigos cultos das deusas Cibele, Ísis, Inanna, Anath, Kali, Deméter, Ártemis e Athena, cujas estátuas negras, bem como seus templos, foram adotados nos primórdios do Cristianismo.

Sob a influência destas antigas estátuas negras, posteriormente destruídas por monges fanáticos, escultores dos séculos seguintes criaram novas estátuas, chamando-as de Madonas Negras. Portanto, ao contrário do que afirmam as fontes cristãs, elas não são estátuas brancas que foram enegrecidas pela fumaça das velas, mas reminiscências das antigas deusas, reaparecendo na nova religião de forma sutil e misteriosa.

Na Irlanda, homenageava-se Carman, a senhora da magia negativa, da esterilidade e da aridez. Oferendas e orações eram feitas para assegurar o crescimento da vegetação e a fertilidade dos animais.

Dia de Lady Godiva em Coventry, na Inglaterra, lembrada com festejos nas ruas. A lenda conta que uma mulher, no século XIII, atravessou a cidade a cavalo, totalmente nua, coberta apenas por seus longos cabelos. Alguns historiadores interpretam essa lenda como uma reminiscência do culto à deusa equina Epona.

Celebração da deusa persa Anahita, deusa da lua e do amor.

3 de Agosto

Festival das Dríades, na Macedônia, celebrando durante três dias as **Ninfas** das florestas, as Ondinas das águas e os espíritos femininos das árvores.



Na antiga Alemanha, comemoravam-se as Nixen ou Kelpies, ondinas com vozes maravilhosas que, às vezes, dançavam com os homens. Elas eram seres mutáveis, tanto na forma quanto na personalidade. Podiam ser amáveis ou perversas, aparecendo em forma de mulher ou metade mulher, metade peixe. Frequentemente, raptavam seres humanos, devolvendo-os se devidamente agradadas e presenteadas.

Na Escandinávia homenageavam-se as Askefruer, as ninfas do freixo dotadas de poderes mágicos e habilidades para curar as doenças. Elas apareciam como mulheres peludas, com seios grandes, os cabelos como raízes e vestidas com roupas de musgo. Na antiga tradição escandinava, o freixo era uma árvore sagrada, extremamente importante por representar Yggdrasil, a Árvore do Mundo, da qual foi formado o primeiro casal humano.

Os espíritos das árvores e das águas eram conhecidos na mitologia celta com vários nomes: Dervonnae eram as dríades dos carvalhos; Fangge, as dríades benévolas; Pressina, as ondinas galesas; Stratteli, as dríades maléficas; Lamias, as ondinas bascas e as Damas Verdes, ninfas malévolas das florestas.

Aproveite a egrégora do dia e vá para perto de um rio ou lago e banhe-se, pedindo às Ondinas a purificação de sua aura. Depois abrace uma árvore, pedindo à Dríade que nela habita para revitalizar seus centros vitais. Agradeça a ajuda e a energia recebida desses seres femininos, ofertando-lhes pequenos agrados femininos, como bombons ou doces, leite com mel, champanhe ou vinho doce, perfume, um espelho, fitas coloridas de seda ou veludo, pequenos sinos ou pétalas de flores. Reverencie as Dríades, as Ninfas e as Ondinas, respeitando a pureza de seu habitat e evitando danificar as árvores ou poluir os rios.

Festival japonês Aomori Nelrita. Neste dia, usavam-se máscaras grotescas para afastar, com muito barulho, os maus espíritos.

4 de Agosto

Celebração de Aima, a Grande Mãe na antiga Espanha. Ela era reverenciada pela Cabala e seu símbolo era a letra He. Às vezes, era representada vestida com os raios solares, com a Lua a seus pés, usando uma coroa com doze estrelas, como a deusa hitita Aima. No sul da Espanha, até o século III de nossa era, os turdetanos reverenciavam a **Senhora de Baza**, a antiga deusa da Terra.



Festa de Nossa Senhora da Neve, na Europa, em especial na Itália e Espanha, originária das antigas celebrações das deusas do amor, da fertilidade e da procriação.

Procissão de mulheres ao Lago Loch Mo Naire, na Escócia, em busca de cura. Acreditava-se que, neste dia, as águas desse lago ficavam impregnadas de um poder mágico, capaz de curar ou fortalecer, de forma milagrosa, todas aquelas mulheres que bebessem ou se banhassem na água após invocar os Espíritos das Águas e oferecer-lhes uma moeda de prata. Na proximidade de outras fontes curativas, homenageavam-se as deusas da cura Arenmetia, a Senhora das Águas Curativas e Argante, a Senhora da Cura, invocando suas bênçãos e auxílio.

5 de Agosto



Celebração asteca da deusa **Xochiquetzal**, a deusa das flores, da vegetação e da sexualidade, equivalente da deusa romana Flora. Chamada pelas mulheres astecas de “A Senhora com saia de penas azuis” ou “A Mãe das flores”, ela era venerada com oferendas de pequenas figuras de barro. Essas imagens foram descobertas em várias escavações arqueológicas do México.

As lendas contam que Xochiquetzal foi a única mulher que sobreviveu ao Dilúvio, juntamente com seu marido, tendo como missão repovoar o

mundo. Seus filhos, porém, nasciam mudos; um pombo encantado lhes devolveu o dom da fala, mas cada um começou a falar uma língua diferente.

Invoque essa deusa para aumentar sua fertilidade física ou mental ou seus encantos e “sex appeal”. Ofereça-lhe margaridas amarelas, penas azuis e um pequeno pássaro de cerâmica ou madeira.

Neste dia comemora-se, na Bretanha, a deusa do mar Ys com rituais pedindo sua bênção para as águas.

Na antiga Ibéria, os pescadores invocavam a proteção de Zaden, a deusa padroeira da pesca e de Návía, a deusa do mar.

Uma antiga superstição ensina que, ao se fazer um pedido nesta noite, olhando-se para a Lua, ele será atendido até o fim do ano.

6 de Agosto

Celebração de **Fulla**, a deusa escandinava da Terra e da abundância, cujo nome originou a palavra inglesa “full” (cheio). Considerada equivalente da deusa celta Habonde e da deusa romana Abundita, Fulla era descrita como uma mulher linda e robusta, com longos cabelos louros presos por uma tiara de ouro e carregando um cofre com as riquezas da terra.

Dança do milho dos índios Cherokee celebrando Elihino, a deusa da Terra, Igaehindvo, a deusa do Sol e Sehu, a deusa do milho.

Festividades no Sri Lanka para Pattini, a deusa da fertilidade e da saúde. Mulheres vestidas com saris coloridos acompanham a procissão de dançarinos, acrobatas, músicos e engolidores de fogo, enquanto as imagens da deusa são carregadas por elefantes adornados com paramentos dourados.

Começo do “Mês dos Fantasmas” na China e em Singapura.

Festival do deus Thoth, no Egito.

Dia para lembrar as vítimas de Hiroshima e Nagasaki e orar pela Paz Mundial, pedindo que os dirigentes sejam iluminados e que novas guerras e destruições sejam evitadas.



7 de Agosto



Celebração chinesa da deusa lunar **Chang O**. Segundo a lenda mais recente, Chang O costumava viver na Terra, juntamente com seu marido, um famoso caçador. Para recompensar sua destreza, os Deuses decidiram lhe oferecer a bebida da imortalidade, mas Chang O bebeu-a sozinha, sem querer compartilhá-la. Envergonhada, fugiu e escondeu-se na Lua, onde vive até hoje com uma lebre. Um mito mais antigo, no entanto, descreve Chang O como a guardiã do elixir da imortalidade. Seu marido, o caçador, com ciúmes desse monopólio mágico, tentou roubá-la. Enfurecida, ela abandonou-o, indo morar na Lua, de onde cuida das mulheres, vigiando para que estas não deixem seus maridos “roubarem” seu poder.

Neste dia, na antiga Ibéria, reverenciava-se Lur, a Mãe Terra, criadora do Sol, da Lua e de toda a vida. Um de seus aspectos era Ekhi, a deusa solar, cujos raios dissipavam todos os males.

Festival celta Tan Hill comemorando, com fogueiras e danças rituais, Teinne ou Tan, o poder do Fogo Sagrado. Homenageava-se Triduana, uma antiga deusa do fogo, precursora da deusa Brighid.

“Abertura do Nilo”, antigo festival anual egípcio em louvor às deusas Hathor e Nut, abençoando as águas do Nilo para que fertilizassem a terra.

Adônia, cerimônia na Grécia lembrando a morte de Adonis.

Dia dedicado à Consciência de Gaia, meditação global em benefício da Terra.

8 de Agosto

Tij, o Dia da Mulher no Nepal. Neste dia, as mulheres não trabalhavam e eram consideradas deusas por todos. Uma ótima idéia para você começar a colocar em prática!

Na Lituânia, celebração de Perkuna Tete, antiga deusa do raio e do trovão. Com a cristianização, seu nome foi mudado para Maria, escondendo, assim, o antigo culto da Deusa sob um nome aceito pela Igreja.

Segundo a única lenda conhecida, Perkuna Tete era a ama de Saule, a deusa solar e recebia-a, a cada noite, com um banho quente feito de uma infusão de folhas de pinheiro e casca de bétula. Após seu descanso noturno, Saule voltava renovada e esplandecente para iluminar a Terra.

Na Rússia antiga, homenageava-se Kildisimmy, a Mãe Criadora, deusa do céu e da Terra, padroeira dos nascimentos. Para invocar seu poder fertilizador para as mulheres e os animais, oferendas de ovelhas brancas, leite e ovos eram feitas. A palavra “mumi”, com o significado de “mãe”, era usada como atributo de deusas da natureza, assim como “ava”.

Inspire-se nos influxos deste dia e dedique algum tempo para renovar suas energias. Prepare um banho com essência de pinheiro, faça uma massagem com óleo de bétula e medite sobre a maneira pela qual você nutre seu corpo, sua mente e seu espírito. Invoque a Grande Mãe e ofereça-lhe flores brancas, leite e mel, pedindo harmonia, saúde e proteção.



9 de Agosto

Vinália Rústica, festival romano do vinho dedicado a **Vênus**. Nesta noite, a deusa do amor e da beleza era reverenciada com cantos, danças, louvações e rituais.

O culto a Vênus é bem mais antigo que as celebrações romanas. Conhecida na Grécia como Afrodite ou “A que nasceu da espuma do mar”, ela era uma antiga Deusa Mãe da Ásia, juntamente com Inanna e Ishtar, detentora de todas as manifestações do poder absoluto do amor. Após sucessivas adaptações, sua manifestação ficou restrita aos atributos da beleza, prazer e sensualidade.



Nos países celtas e nórdicos, as equivalentes de Afrodite eram Ailinn, Aine, Blodewedd, Branwen, Deirdre, Emer, Epona, Fand, Freyja, Frigga, Hnossa, Ingeborg, Lofu, Lofua, Minne, Sjöfn e Ygerna.

É um dia propício para realizar encantamentos de amor ou para festejar, juntamente com seu amado, as dádivas da Deusa. Ouça seu coração e deixe seu instinto guiá-la na escolha de um ritual ou celebração.

10 de Agosto

Celebração de **Selkhet**, antiga deusa egípcia, senhora do mundo subterrâneo e do renascimento da alma. Seu símbolo é o escorpião e pode ser representada como mulher, com um escorpião sobre a cabeça ou como escorpião, com cabeça de mulher. Selkhet também era uma deusa da fertilidade, considerada a protetora dos casamentos. Era esposa do deus solar Ra e assistente das deusas Ísis, Nephtys e Neith nos ritos funerários para Osiris. Nos túmulos egípcios, foram encontradas várias estatuetas de ouro dessa deusa, colocadas pelos parentes dos falecidos que invocavam sua assistência na travessia e orientação das almas no mundo subterrâneo.



Celebração celta dos espíritos do fogo. Nesta data, ervas sagradas eram queimadas nas fogueiras como oferendas às Salamandras. Também era homenageada Grian, a deusa do Sol. Rainha dos Sidhe, o Povo das Fadas, Grian era irmã gêmea de Aine, a deusa da Lua e do amor.

O povo basco comemorava Urtz, a deusa do céu e Sirona, a deusa das estrelas.

Aniversário de Hécuba, a mãe de Paris e Cassandra. Paris foi o causador da guerra de Tróia e Cassandra era uma linda sacerdotisa do Sol. O deus Apolo sentiu-se tão atraído por sua beleza que lhe prometeu o dom que ela quisesse caso ela fizesse amor com ele. Ela pediu o dom da profecia mas, depois de recebê-lo, não cumpriu a promessa. Enfurecido, Apolo amaldiçoou-a: suas profecias, embora verdadeiras, não eram acreditadas e Cassandra foi considerada louca.

Dia de Ysahodhara, a esposa de Buda e dos Parikas, os anjos hindus das estrelas cadentes.

11 de Agosto

Antiga celebração de **Medusa**, a deusa solar originária da Anatólia, reverenciada por suas sacerdotisas, que usavam máscaras de serpentes.

Segundo a lenda grega, Medusa, a amada do deus Poseidon, era uma linda mulher. A deusa Athena, enfurecida com o fato de Medusa ter feito amor em seu templo, transformou-a em Górgona - uma terrível criatura com serpentes na cabeça - e matou-a, colocando sua cabeça em seu escudo.



Dia de Kista, a deusa persa da sabedoria, protetora da humanidade e reverenciada por Zarathustra como a mãe do conhecimento religioso.

Celebração da deusa Aradia na Toscana, Itália. Aradia era filha da deusa Diana, sendo responsável pela perpetuação de seu culto. Foi perseguida na Idade Média como a "Rainha das Bruxas", ainda sendo reverenciada na tradição Stregga e Wicca.

Na Santeria e nas tradições africanas, celebra-se Oddudua, a mãe de todos os deuses e deusas na tradição ioruba. No sincretismo religioso, este dia foi dedicado à Santa Clara.

Na Irlanda, início de um antigo festival da fertilidade, que sobreviveu por toda a Idade Média como a Feira de Puck.

12 de Agosto

Lychnapsia, o festival egípcio das luzes com a cerimônia de bênção dos barcos realizada pelos sacerdotes e sacerdotisas de **Ísis**, vestidos com túnicas brancas e com os seios nus adornados de jóias. Aqueles que pediam orientações à deusa eram conduzidos a uma câmara secreta nos templos e esperavam a cura durante o sono ou sonhos premonitórios. Ísis foi reverenciada por três milênios como Mãe nutridora, protetora e curadora de seu povo.



Em homenagem à Ísis, queime pétalas de rosa ou flores de verbena em seu caldeirão, acendendo uma vela azul. Visualize sua imagem luminosa clareando seu caminho e ajudando-a a encontrar seu verdadeiro rumo e objetivo na vida, seja ele material, emocional, mental ou espiritual. Permaneça de olhos fechados, aspirando a fumaça aromática, enquanto toca um sistro ou um sino. Quando sentir a presença da Deusa, saúde-a como a Grande Mãe, a Deusa dos Mil Nomes, a Senhora da Lua, da iniciação, da cura, da magia, do sucesso, da purificação e do renascimento. Converse com ela e abra sua percepção sutil para ver, ouvir ou intuir as orientações ou mensagens que a Deusa está lhe transmitindo.

13 de Agosto

Na Grécia, celebração da deusa tricéfala **Hécate**. Deusa da lua minguante, guardiã das encruzilhadas, senhora dos mortos e rainha da noite, Hécate era homenageada com procissões, em que se carregavam tochas e com oferendas, as chamadas “ceias de Hécate”. Como uma deusa “escura”, Hécate tinha o poder de afastar os espíritos maléficos, encaminhar as almas e usar sua magia para a regeneração. Invocava-se sua ajuda neste dia para afastar as tempestades que poderiam prejudicar as colheitas.



Reverencie essa poderosa deusa pedindo-lhe que a ajude a transmutar as sombras do passado, facilitar e guiar suas escolhas no presente e iluminar seu caminho no futuro. Acenda uma vela preta para a transmutação, uma branca para clarear as dúvidas e uma amarela para iluminar sua caminhada. Ofereça à deusa alguns bolinhos de milho, um ovo cru (de preferência galado) e uma cabeça de alho; deposite a oferenda em uma encruzilhada de três caminhos ou embaixo de uma árvore com três grandes galhos. Agradeça à Deusa pela ajuda recebida e peça-lhe para afastar as sombras com a luz de sua tocha, removendo os empecilhos e transformando os resíduos do passado em novos estímulos. Use essa meditação ritualística quando estiver em uma encruzilhada em sua vida e não souber por qual caminho se decidir.

14 de Agosto

Comemoração da deusa polinésia **Hina**, conhecida também com o nome de Tapa. Uma deusa complexa, Hina é relacionada a muitos símbolos, sendo uma das mais importantes deusas polinésias. Era representada às vezes como Grande Mãe da morte, às vezes como deusa lunar ou, ainda, como a rainha guerreira da Ilha das Mulheres. Em alguns mitos, ela era representada como a primeira mulher na Terra, de cujo ventre nasceram todos os outros seres ou, ainda, como uma mulher com dois rostos, um olhando para frente e o outro para trás. A lenda mais conhecida relata o namoro entre Hina (uma mortal) e uma enguia. A comunidade, enfurecida com a aberração, matou a enguia, descobrindo depois que, na verdade, era um deus. Desesperada, Hina enterrou a cabeça da enguia e, no dia seguinte, em seu lugar, nasceu um lindo coqueiro. A mãe de Hina era Navahine, a deusa da serenidade ou a Senhora da Paz, representando a força geradora do Sol.



Cerimônias para as deusas Diana, Titânia e Selene, personificando outras manifestações da deusa Luna.

Celebração da deusa assíria Ishtar e da deusa egípcia Ísis, com procissões de barco e rituais de iluminação de lamparinas em seus templos.

15 de Agosto



Celebração de **Atargatis**, a deusa síria do céu, do mar, da chuva e da vegetação, também cultuada pelos romanos como Dea Syria. Deusa poderosa com atributos muito complexos, Atargatis podia ter várias representações. Como deusa celeste, ela surgia cercada de águias, viajando sobre as nuvens. Como regente do mar, podia ser uma deusa serpente ou peixe. Podia ainda ser a essência fertilizadora da chuva, com a água vindo das nuvens e das estrelas. Ainda podia aparecer como a própria deusa da terra e da vegetação, cuidando da sobrevivência de todas as espécies.

Um mito antigo descreve a descida de Atargatis do céu como um ovo, do qual surgiu uma linda deusa sereia. Por ser considerada a Mãe dos Peixes, os sírios recusavam-se a comer peixes ou pombos, considerados seus animais sagrados.

Festa celta do Pão Fresco, reverenciando a Deusa Mãe. Em fogueiras feitas com madeira de árvores sagradas (carvalho, bétula, freixo, espinheiro e sorveira), assava-se o pão feito com o trigo recém-colhido. As pessoas agradeciam a colheita com cânticos, orações e oferendas para as divindades da Terra.

Trung Thu, celebração vietnamita da Lua. As famílias se reúnem, as ruas são decoradas com lanternas coloridas e as crianças, usando máscaras variadas, seguem em procissão pelas ruas. Os dançarinos realizam a dança dos unicórnios e todos comem doces em forma de lua ou de peixe. Os adultos homenageiam os familiares falecidos queimando incenso e notas falsas de dinheiro para enviar boa sorte pela fumaça.

Na Polônia, festa de Nossa Senhora de Czestochowa, a Virgem Negra, cujo mosteiro era um antigo local de culto à Matka Boska Zielna, a Deusa das Ervas.

A Igreja Católica aproveitou a egrégora formada nesta data pelas antigas celebrações dos dias doze, treze e quatorze e criou a comemoração da morte e assunção de Maria, o aspecto "cristão" da Grande Mãe.

16 de Agosto

Celebração eslava de **Zorya** ou Zarya, a deusa tríplice das estrelas. Às vezes, Zorya pode ser descrita como três irmãs: Zorya Utrennyaya, a deusa da estrela matutina; Zorya Vechernyaya, a deusa da estrela vespertina e Zorya, a deusa da meia-noite. Elas são as guardiãs do mundo e cuidam para que o cão preso à constelação de Ursa Menor não quebre sua corrente, o que poderia acabar com o mundo. As Zoryas também têm seu aspecto guerreiro, como Amazonas, protegendo seus afilhados, escondendo-os no campo de batalha com um espesso véu de neblina.



Na antiga Ibéria, celebrava-se Belisama, a rainha do céu, deusa da arte de viver e companheira do deus Lugh. Ao seu redor, tudo se converte em riqueza e alegria, pois ela é a grande transformadora da realidade e criadora das mudanças mágicas.

Comemoração romana para Vesta, a guardiã da chama sagrada e protetora do lar e da família. Para homenageá-la, queime ervas sagradas e acenda seis velas vermelhas, pedindo-lhe que abençoe sua casa e seus familiares.

Chung Ch'iu, o festival chinês da colheita em comemoração à deusa lunar Chang-O.

Dia da primeira Convergência Harmônica Mundial, em 1987, com meditações e orações em vários países em benefício da Terra e da paz.

17 de Agosto



Na Roma antiga, festival da deusa **Diana**. Procissões de mulheres iam até o santuário de Aricia para pedir a ajuda da Deusa e agradecer-lhe as dádivas obtidas ao longo do ano. Mais tarde, em Roma, as mulheres iam aos templos para a lavagem ritualística dos cabelos e para fazer oferendas à deusa.

Inspire-se nessa antiga celebração e homenageie, você também, a deusa Diana ou Ártemis. Prepare um pequeno altar com uma vela prateada ou em forma de meia-lua, incenso de artemísia, algumas pedras lunares (selenita, calcita, pedra-da-lua ou opala), flores brancas, amêndoas e chá de jasmim. Cante ou ouça alguma música sobre a Lua e transporte-se, mentalmente, para a floresta sagrada de Nemi, onde seus rituais eram celebrados apenas por mulheres nas noites de lua nova ou cheia. Veja-se dançando junto com elas, reverenciando a deusa. Peça-lhe para que os "alani", seus cães sagrados, protejam sempre você e que sua luz ilumine sua vida e suas realizações.

Portunália, comemoração do deus Vulcano, senhor do fogo vulcânico e dos metais.

Neste dia, nas Filipinas, fazem-se oferendas a Darago, divindade hermafrodita que controla os vulcões e as guerras.

18 de Agosto



Início da auto-imolação do deus nórdico **Odin**. Como sacrifício para conseguir alcançar a verdadeira sabedoria das runas, Odin ficou pendurado durante nove dias e nove noites em Yggdrasil, a Árvore do Mundo.

No País de Gales, festival druídico Eisteddfod. Druidas vestidos com túnicas azuis, verdes e brancas, segundo seu grau iniciático, conduziam a multidão em procissão para os círculos de menires, recitando orações. Depois de várias apresentações musicais, poéticas e artísticas, os vencedores recebiam prêmios, o título de “bardo” e um cordão azul, atestando seu reconhecimento público.

Festival chinês dos Fantasmas Famintos quando eram feitas oferendas aos espíritos dos mortos.

Aproveite a egrégora deste dia e leia a respeito deste antigo e sagrado oráculo: as runas. Freyja foi a deusa que ensinou a Odin o uso sagrado das runas; peça-lhes conselhos e orientação em seu aprendizado e crescimento espiritual. Escolha uma runa e medite a respeito de seu significado e mensagem. Reverencie Odin em seu “aspecto escuro” de condutor de almas participando de um culto aos antepassados ou homenageando seus ancestrais.

19 de Agosto

Brauronia, celebração grega de Ártemis como **Potnia Theron**, a senhora dos animais. Na noite deste dia, as “arktoi”, meninas dedicadas a seu culto, iam ao templo vestindo túnicas amarelas e usando máscaras e mantos de pêlo de urso, reverenciando seu aspecto de “Deusa dos Ursos” com danças e cantos.



Antigamente, na Suíça e na Gália, celebrava-se Dea Artio, a deusa da caça e senhora dos ursos, representada como uma mulher urso ou cercada de ursos. Na Espanha, ela era chamada de Arco, tendo as mesmas características de Ártemis.

Comemorações das equivalentes eslavas de Diana: Devana na Slovênia, Dziewona na Polônia e Diiwica na Sérvia. Sempre representadas como deusas da caça, elas surgiam correndo pelas florestas, vestidas com peles e acompanhadas por seus cachorros.

Desde os tempos neolíticos, a Deusa tem sido associada aos animais, seja assumindo suas formas, seja tendo-os como acompanhantes ou símbolos. Em sua forma de Mãe Ursa, a Deusa é associada aos nascimentos e à proteção dos recém-nascidos. A raiz da palavra “urso” (bear) e “dar à luz” (to bear) é a mesma nas línguas anglo-saxãs. Nos países eslavos, a avó colocava o recém-nascido sobre uma pele de urso e, na Lituânia, a parturiente era chamada de “meska” (ursa).

Conecte-se à força protetora e nutriente da Mãe Ursa. Enrole-se em uma colcha felpuda e deite-se, visualizando-se entrando na toca da Grande Ursa. Fique com ela por algum tempo, deixando-se embalar e acariciar por seu abraço quente e peludo.

20 de Agosto



Cerimônia hopi do casamento sagrado entre a Donzela Serpente e o Jovem Antílope, promovendo a fertilidade das colheitas.

Nos anos bissextos celebra-se Tse Che Nako, A Mulher Aranha, durante a Cerimônia da Flauta. Também chamada de Sussistinako, ela era considerada a Grande Mãe, criadora da vida e da Terra, tecelã dos fios sutis da criação. Quando chamada de Mulher Pensamento, é reverenciada como a criadora do fogo, da chuva, do relâmpago, do trovão e do arco-íris. É considerada a protetora das crianças e padroeira dos artistas e artesãos. Em seu aspecto escuro ela é A Mulher Bruxa (Witch Woman), podendo agir de forma malévola e vingativa.

Neste dia, em 1994, nasceu em uma reserva indígena nos Estados Unidos, uma vitela de búfalo branco. Esse nascimento simbolizou o retorno da Mulher Búfala Branca, divindade dos índios Lakota, que trouxe a dádiva e a sabedoria do ritual do Cachimbo Sagrado.

Celebração da deusa Inanna, na antiga Mesopotâmia, a criadora da vida, senhora do céu e da Terra, regente da natureza, da fertilidade e da sexualidade. Reverenciada como a Rainha do Céu, ela trouxe os dons da civilização e da escrita para o povo sumério, sendo por isso venerada durante milênios.

21 de Agosto

Consuália, a Festa da Colheita em Roma, dedicada às deusas Abundita, Ceres, Deméter, Gaia, Rhea, Ops e Tellus Mater. Em todas as culturas, a colheita era regida e abençoada por inúmeras deusas, cujo nome e apresentação variavam conforme seu lugar de culto. Podemos mencionar a deusa asteca Chicomecoatl; a celta Habondia; a eslava Mati Syra Zemlja; a mexicana Mayahuel; a sumeriana Manu; a africana Mawu; a peruana Mama Allpa; a européia Perchta; as incas Pachamamma e Mama Allpa; a japonesa Uke-Mochi e a germânica Zisa.



Avalie sua “colheita” destes últimos oito meses. O que você plantou, o que colheu; quais suas expectativas, quais suas frustrações. Medite sobre os meios necessários para erradicar as ervas daninhas e fortalecer as frágeis mudas de sua esperança, sempre celebrando os frutos maduros já colhidos e agradecendo às deusas da Terra por eles.

Heráclia, celebração grega em homenagem ao herói Hércules.

22 de Agosto

Dia dedicado à **Nu Kwa**, a Criadora, a deusa chinesa com corpo de serpente. Segundo a lenda, Nu Kwa modelou os primeiros seres humanos. Entediada com essa tarefa, ela embebeu uma corda com argila úmida e sacudiu-a sobre o chão. Nasceram, assim, duas classes de seres: os nobres, que foram modelados e os camponeses, das gotas. Fundindo várias



pedras multicoloridas, Nu Kwa consertou a abóbada celeste, danificada por um grupo de homens rebeldes. Acabadas todas essas tarefas, Nu Kwa refugiou-se no céu; de lá, observa e controla as ações dos homens, inspirando as mulheres em suas atividades com argila.

Modele, você também, uma figura ou símbolo sagrado com argila. Unte-o com a essência de seu signo e coloque-o em seu altar, oferecendo-o às deusas criadoras.

Celebração de Qetesh, a deusa egípcia da Lua, do amor e da sexualidade. Seu nome antigo era Qadesh, um dos títulos de Ishtar em seu aspecto de senhora do prazer. Qetesh costumava ser representada nua, cavalgando um leão e segurando serpentes e flores de lótus em suas mãos. Ela era reverenciada como a expressão divina da sexualidade.

23 de Agosto

Nemésia, celebração grega de **Nêmesis**, a deusa defensora das relíquias e das memórias dos mortos, guardiã da vingança justa.

Na mitologia mais recente, Nêmesis aparece como uma figura monstruosa, furiosa e sedenta por vingança. Nos tempos mais antigos, porém, ela era representada como uma mulher alva e alada que punia todos aqueles que transgrediam as regras morais e sociais impostas por Themis, a deusa da justiça. Ao contrário das Erínias, o poder de Nêmesis não era de retaliação, mas sim de restabelecimento da ordem justa, tirando a felicidade ou a riqueza excessiva dadas por sua irmã Tyche.



Em seu aspecto de Adrastéia, a inevitável, Nêmesis era representada com uma guirlanda na cabeça, uma maçã na mão esquerda e um jarro na mão direita. Era a deusa da fúria divina, que castigava os mortais transgressores das leis divinas, humanas e dos tabus. Como uma força rápida e implacável, ela simboliza a aceitação daquilo que deve ser. Ela pode solucionar ou remover problemas interpessoais, desde que não tenham sido criados por nós. *invoque-a em seu auxílio somente se você aceita sua responsabilidade.* Acenda uma vela preta, ofereça-lhe uma maçã e peça-lhe que desembarace os nós de sua vida, fazendo justiça.

Vertumnália, celebração do deus romano Vertumnus, regente da transformação das flores em frutos e da mudança das estações.

Volcanália, festival romano celebrando o deus do fogo Vulcano e as deusas Juturna, a senhora das fontes e Stata Mater, a guardiã que controlava os fogos. As deusas eram invocadas para evitar os incêndios e a exacerbação dos ânimos provocados pela energia ígnea de Vulcano.

Na época de seca e de aumento dos incêndios, invoque a proteção dessas deusas, salpicando água com um pouco de álcool ao redor de sua casa ou propriedade, no sentido horário, visualizando uma cerca fluídica de proteção.

24 de Agosto



Em Roma, abertura dos labirintos dos templos de Deméter, o “Mundo Cereris”.

Mania, cerimônia romana louvando os Manes, espíritos divinizados dos ancestrais.

Na Irlanda, Dia das Marés, celebrando Mari, a deusa do mar. Ela

aparecia aos pescadores como uma linda mulher, de longos cabelos pretos, vestida de azul e enfeitada com pérolas e conchas, similar à apresentação de Yemanjá, a Mãe d'Água da mitologia ioruba.

Na Escandinávia, Mari Ama ou Mere Ama era a deusa do mar e senhora da morte. Ela aparecia como uma mulher com quatro braços, segurando uma caveira, um tridente, uma corda e um tambor.

Percorra, física ou mentalmente, um labirinto. Busque a solução certa para algum problema ou impasse em sua vida. Ela pode ser revelada na forma de uma “saída” inesperada. Depois, conecte-se a Mari ou Yemanjá, ouvindo alguma música com sons de água. Visualize-se recebendo sua purificação, cura e harmonização emocional pelo contato com a energia dessas deusas, que veio até você pelo som da água ou das ondas do mar.

25 de Agosto

Dia de Canadanaigua, o festival das luzes na tradição nativa norte-americana. Costumava ser celebrado apenas por moças virgens em agradecimento pela colheita. Honrava-se a deusa Hatai Wuhti ou Awitelin Tsita, a mãe criadora da vegetação e do homem, gerado - segundo a lenda - pelo toque dos raios solares em seu ventre virgem. Também chamada de “Vaso Quádruplo”, ela criou as montanhas, as nuvens e a chuva. Dessa maneira, Hatai Wuhti, juntamente com o Pai Céu, seu consorte, garantiu a sobrevivência de seus filhos. Considerada uma deusa da Terra, Hatai Wuhti, às vezes, se apresentava como uma enorme aranha vermelha.



No sul da Índia, cultua-se Hathay, a deusa anciã, uma das encarnações de Parvati.

Em Roma, celebração de Opseconsiva, o festival da colheita dedicado à deusa Ops. Ela representava a fartura e a opulência, palavra que se originou de seu nome. Ops era uma deusa pré-helênica muito antiga, equiparada, posteriormente, a Rhea, a deusa grega da terra, honrada com oferendas de flores, vegetais, cereais e frutas. Seus seguidores sentavam-se sempre no chão, honrando, assim, a terra.

Conecte-se à energia da terra, caminhando descalça, abraçando uma árvore, honrando seus irmãos de criação ou ofertando algum produto da terra às deusas Ops e Hatai Wuhti.

26 de Agosto

Festival de **Ilmatar** ou Luonatar, a deusa finlandesa da água, grande mãe criadora que organizou o caos e criou a Terra.

Filha virgem do ar e da natureza, Ilmatar possuía imensos poderes criativos, sendo também conhecida como a Mãe dos Céus e a Mãe d'Água. Segundo a lenda, ela engravidou com o sopro do vento, mas custou a dar à luz porque não existia a Terra. Com seu poder mágico ela criou, com cascas de ovos, o Sol, a Lua, a Terra e as nuvens. Seu filho Vainamoineim foi um grande feiticeiro e mago, inventor da cítara.

Fim da peregrinação ao Monte Fuji, no Japão, homenageando Kamui Fuchi, a ancestral suprema, deusa do fogo e da lareira e protetora das mulheres.

Quando precisar da ajuda da deusa Ilmatar para conceber uma criança ou melhorar sua criatividade, crie um altar com ovos e flores. Acenda uma vela vermelha e queime incenso de rosas ou uma vela amarela e incenso de canela. Projete-se mentalmente para um lago tranqüilo, navegando ao lado da deusa. Faça seu pedido e ouça sua orientação, agradecendo-lhe sua sabedoria e seu amor.



Celebração hindu do renascimento periódico do deus Krishna.

27 de Agosto



No Egito, celebração de **Bast**, a deusa solar com cabeça de gato, regente da música, dança e alegria.

Embora normalmente associada aos poderes criativos do Sol, Bast também era associada à Lua. Seu aspecto escuro, como Pasht, "A Rasgadora", era ligado à lua nova e representava a retribuição e a vingança contra todos aqueles que matavam seus animais sagrados, os gatos. O templo de Bast, em Bubastis, mantinha gatos especialmente consagrados, embalsamados após sua morte.

Bast era representada com cabeça de gato, carregando uma cesta e um sistro (instrumento musical). Era uma deusa do fogo, da fertilidade, da alegria, do prazer, da dança, dos ritos sexuais, da cura, da intuição e da proteção. Para homenageá-la, coloque uma estatueta de gato ou outro felino em seu altar. Invoque-a para saber como desfrutar melhor de sua vida sexual, ter mais prazer e alegria, amar e ser amada e obter sua proteção para si e para seus animais de estimação. Toque um sino e acenda uma vela verde, visualizando na chama os olhos verdes da deusa.

Em Roma, celebra-se Consus, o deus protetor dos cereais. Neste dia, concedia-se repouso aos animais de carga, aumentando-se sua ração.

Na Índia, comemora-se a deusa Devaki, a mãe da sabedoria e o deus Krishna, seu filho.

28 de Agosto

Festival nórdico da colheita, celebrando os deuses da fertilidade Frey e Freyja, filhos de Nerthus, a deusa da Terra.



Freyja era a deusa do amor sexual e da magia, enquanto Frey era o deus da alegria, da paz e da fertilidade. Juntos, eram chamados de "O Senhor e A Senhora", representando o casamento sagrado, ritual encenado pela união do rei a uma sacerdotisa. Por meio deste rito sexual, promovia-se a fertilização da terra: o rei era o representante humano do deus Frey e a sacerdotisa, a representante da deusa Freyja.

Neste dia, procure reforçar seu "casamento interior", fortalecendo e alinhando suas polaridades para poder atrair ou manter seu parceiro no mundo real.

Raksha Bandhan, o festival dos irmãos na Índia. As irmãs amarram pulseiras trançadas - chamadas "rakhis" - no pulso dos irmãos em troca do comprometimento deles de cuidarem delas. As famílias se reúnem nos altares domésticos para a cerimônia de Pujá, reverenciando a deusa Lakshmi e o deus Ganesh, abençoando-se mutuamente com as "tilak", marcas sagradas feitas com açafrão. Depois, todos festejam com doces de arroz e leite de côco ("laddu").

Celebração da deusa celta da vitória Andraste, "A Invencível", invocada pelos exércitos bretões antes das lutas. Ela era venerada por Boudicca, a famosa rainha celta, destemida guerreira que sacrificava animais para a Deusa antes de iniciar suas campanhas anti-romanas.

Aniversário das deusas Athena, na Grécia e Nephtys, no Egito.

29 de Agosto

Aniversário de **Hathor**, a deusa egípcia do céu e do mundo subterrâneo, mãe e filha do Sol. Reverenciada ao longo de três milênios, Hathor foi representada com vários nomes e apresentações. Fosse como leoa ou vaca alada, mulher ou árvore, ela sempre simbolizava a

complexidade do potencial feminino e patrocinava os prazeres da vida: música, dança, artes, cosméticos e amor. Suas festas incluíam rituais sexuais celebrando o amor e o prazer. Este dia marca o início do Ano Novo egípcio.

Celebração da deusa do mar Ahes ou Dahut, na Bretanha, cristianizada como Santa Anna. Os marinheiros e pescadores temiam suas aparições, na forma de uma linda sereia, que os iludia e enfeitiçava com seu canto até que se perdessem no mar. De lá, ela os recolhia, levando-os para seu frio e escuro reino no fundo do mar.

Ritual anual de Gelede, na Nigéria, para afastar os espíritos malignos com o uso de máscaras grotescas, tambores, chicotes e espanadores de palha com guizos.



30 de Agosto



Antigamente, na Grécia, celebrava-se, nesta data, Charistheria, festa com oferendas e agradecimentos para a deusa da caridade Charis, uma das Cáritas.

As Cáritas ou Graças, eram antigas manifestações da Deusa Tríplice doadora das “graças” (*charis* em grego e *caritas* em latim), ou seja, os dons que vinham do céu e das estrelas. Os romanos chamaram-nas de Vênia, considerando-as aspectos benevolentes da deusa do amor Vênus. As Graças eram emanções da Deusa e seus nomes eram Aglaia, a brilhante, Thaleia, aquela que traz as flores e Euphrosyne, a alegria do coração.

Elas eram as parteiras dos deuses, as padroeiras da arte, da música, da poesia e da dança, as Ninfas Celestes atendentes da Deusa, sendo representadas como três mulheres nuas dançando. O cristianismo despojou a palavra “caritas” de qualquer conotação sexual, atribuindo-lhe um significado puramente ascético. Caridade tornou-se, assim, um requisito para conseguir um lugar no céu, empobrecendo o significado inicial de “charis” (amor, afeição, hospitalidade, generosidade e compaixão). As Graças não mais representavam a amplitude dos aspectos da Deusa, mas apenas liberalidade e sensualidade.

Dia de Santa Rosa de Lima, no Peru e de Santa Lúcia Rosa, na América hispânica, ambas cristianizações da Deusa da Luz.

Oferendas para a deusa hindu da terra Tari Pennu, visando assegurar a fertilidade da terra e a fartura das colheitas. Tari Pennu era uma deusa ancestral do povo dravidiano de Bengala. Segundo a lenda, ela recusou-se a aceitar os avanços amorosos do Sol, preferindo ficar só. Para se vingar, o Sol criou as mulheres para amá-lo e servi-lo, mas elas se recusaram a venerá-lo, dedicando-se ao culto da Mãe Terra. Antigamente, para invocar as bênçãos de Tari Pennu para a abundância das colheitas, as mulheres lhe ofertavam seu sangue menstrual. Com o passar do tempo, os homens começaram a lhe sacrificar animais e, às vezes, mesmo os prisioneiros de guerra, atribuindo à deusa atributos sanguinários e malévolos, como provocadora de doenças, desgraças, fome e morte.

31 de Agosto

Anant Chaturdasi, festival de purificação das mulheres hindus dedicado à deusa **Ananta**, senhora do fogo criador e da força vital feminina.

Ananta, cujo nome significa “o infinito”, era descrita como uma grande serpente; seus grandes anéis serviam de apoio aos deuses hindus durante seu sono ou durante seu repouso nos períodos de atividade. Esse mito é similar ao egípcio, que descreve a deusa serpente Mehen, “A Toda Envolvente”, enroscando-se ao redor do deus Ra enquanto ele “morria” a cada noite, no mundo subterrâneo. Segundo os historiadores, Ananta é a precursora cósmica de Kundalini, a serpente ignea que se enrosca na base da coluna e cujo despertar leva à iluminação.

Procissão de Eyos, na Nigéria, antigo ritual de purificação espiritual das famílias. As pessoas, usando máscaras de demônios e escondidas sob longas túnicas brancas, caminhavam em procissão pelas ruas de Lagos, afugentando os espíritos obsessores e as almas perdidas com tochas e tambores.



Aproveite essa antiga egrégora e faça um ritual de purificação. Defume sua casa, queime tabletes de cânfora, salpique água do mar e toque sinos ou chocalhos para afugentar as más vibrações. Depois, acenda uma lamparina ou vela amarela, abrindo as portas e janelas e invocando as Deusas e os Espíritos de Luz a entrarem em sua morada. À deusa Ananta, entregue a orientação de seu caminho espiritual.

Setembro

No antigo calendário romano, *Septem* era o sétimo mês. Apesar da mudança do calendário e do acréscimo de outros meses, seu nome permaneceu o mesmo e Pomona, a deusa romana padroeira dos frutos e das árvores frutíferas, foi escolhida sua regente.

O nome irlandês deste mês era Mean Fomhair, o anglo-saxão Haligmonath e o nórdico Witumonath. Os povos nativos o chamavam de Lua do Vinho, Lua da Cantoria, Lua do Esturjão, Lua da Madeira, Lua quando o Gamo bate a pata no chão e Mês Sagrado, entre outros.

No calendário sagrado druídico, a letra Ogham correspondente é Muin e a planta sagrada é a videira. Seu lema é “para tomar as decisões certas e fazer as escolhas corretas, entre em contato com sua voz interior”.

As pedras sagradas são a safira azul e a olivina. As deusas regentes são Ariadne, Asase Yaa, Deméter, Gauri, Medusa, Meditrina, Mami, Nephtys, Perséfone, Radha, Themis e Tonantzin.

Neste mês, em vários lugares no hemisfério norte, era celebrado o equinócio de outono, chamado pelos celtas de Sabbat Mabon ou Alban Elfed. Reconhecia-se e comemorava-se a diminuição da luz, do calor e do ritmo da vida, à espera dos meses de atividade reduzida e de introspecção. Começava a regência das “Deusas Escuras”, as Senhoras da Noite, do mundo subterrâneo, da morte, da reencarnação e dos mistérios espirituais. Os povos celtas e escandinavos consideravam este mês um tempo para o desenvolvimento do ser, olhando para dentro e além de si mesmo, observando a realidade em sua totalidade e não apenas o mundo cotidiano. O espírito iniciava sua ascensão em espiral, vindo de Abred - o mundo material - para Gwynvyd - o mundo da iluminação espiritual.

A mais famosa cerimônia grega - os Grandes Mistérios Eleusínios - homenageava as deusas Deméter e Perséfone. Cercados de profundo mistério e silêncio, esses rituais eram reservados apenas aos iniciados e reencenavam os mistérios da morte e do renascimento. Outra

importante festa grega era dedicada à deusa Themis, guardiã da ordem social e da consciência coletiva, protetora dos inocentes e executora dos que transgrediam a lei.

No Egito, a cerimônia do “Acendimento dos Fogos” celebrava os deuses e as deusas, colocando-se lanternas e tochas em todos os altares e estátuas. Festejava-se, também, Thot, o deus lunar com cabeça de íbis, senhor das palavras sagradas e das leis da magia.

Na China, reverenciava-se a Lua durante o festival de Yue Ping, no qual as pessoas presentavam os amigos com bolos em forma de meia-lua ou lebre. Na Índia, a deusa Gauri era homenageada com doces feitos com mel, os quais eram depois comidos pelas pessoas para terem mais doçura em suas vidas.

Também os incas celebravam a Lua, na forma da deusa Mama Quilla, durante o ritual de purificação e agradecimento Citua, próximo ao equinócio.

A entrada do Sol no signo de Libra e as antigas celebrações do equinócio proporcionam, neste mês, oportunidades para buscar o equilíbrio entre a luz e a escuridão, a razão e a emoção, a matéria e o espírito. É um tempo propício para organizar sua vida e buscar soluções para seus problemas físicos, mentais, emocionais e espirituais.

1º de Setembro



Dia de **Radha**, a deusa hindu do amor, “A mais amada”, considerada uma encarnação de Lakshmi, a deusa da abundância. Era amante de Krishna, o consorte de Lakshmi. O amor entre Radha e Krishna foi immortalizado em vários poemas e Radha, ainda hoje, é honrada como Shakti - a energia feminina -, aparecendo como uma linda mulher nua, adornada de jóias e flores. Era venerada por homens e mulheres como o próprio princípio feminino cósmico.

Thargélia, festival grego dos primeiros frutos. Acreditava-se que dava azar não celebrar a colheita dos primeiros frutos, esquecimento que atrairia pragas, seca ou fome. As pessoas levavam suas oferendas para os templos de Deméter, onde as sacerdotisas ofereciam uma parte à Terra, guardando a outra para seu consumo.

Havia um encantamento especial para atrair sorte para a comunidade. Rapazes e moças que não tenham tido nenhum contato com a morte, carregavam galhos de oliveiras, chamados “eiresione”, no qual haviam sido pendurados vários produtos naturais (lã tosada das primeiras ovelhas tingida de vermelho e branco, bolotas de carvalho, figos, tâmaras e bolos de cevada). Esses galhos eram colocados nas casas como um talismã, para atrair as colheitas fartas e como proteção contra as pragas.

No final da celebração, as pessoas festejavam comendo bolo de cevada, pão fresco, queijo de ovelha, azeitonas, alho porró, frutas, mel e vinho. Ofereciam-se também músicas para a Deusa e os cantores premiados recebiam uma bênção especial.

Neste dia, a tribo dos índios apaches festejava a Cerimônia do Nascer do Sol, marcando o rito de passagem das meninas para a puberdade. Antes do Sol nascer, as meninas, vestidas com roupas novas e confeitadas com turquesas e um disco de abalone em suas testas, eram levadas a um lugar sagrado. Orando e cantando, elas esperavam até que os primeiros raios solares tocassem o disco de abalone. Acreditava-se que neste momento, A Mulher que Muda ou A Mulher Concha Branca, (“Changing Woman” ou “White Shell Woman”) abençoava as meninas,

transformando-as em mulheres. A Mulher que Muda era a deusa da terra dos apaches, que jamais envelhecia, apenas se modificava, renovando sempre suas feições.

2 de Setembro

Celebração de **Asase Yaa**, a Grande Mãe Terra do povo Ashanti, na África. Asase Yaa ou também Aberewa e Asase Efua, era uma importante divindade da África Ocidental. Ela era a criadora da humanidade e a condutora das almas após a morte. As pessoas invocavam-na na hora do plantio e também quando honravam seus ancestrais. Seu dia sagrado era a quinta-feira, quando a terra e os camponeses descansavam. O cristianismo encontrou uma forte oposição ao tentar mudar o dia do descanso e ao designar as igrejas como lugar de oração, já que o local sagrado era a terra, onde a Deusa morava. Até hoje os ashanti oram:



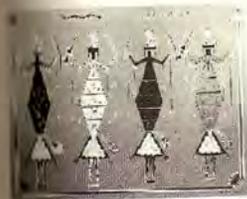
"Mãe Terra, quando morrer, irei para o teu ventre. Enquanto viver, dependo de ti. Por isso te amo e te reverencio."

Festival da Videira na Grécia, dedicado a Dioniso, o filho da deusa lunar Sêmele e à Ariadne, a deusa lunar de Creta.

Ariadne era uma antiga deusa cretense, senhora da vegetação e do mundo subterrâneo, precursora de Perséfone, venerada somente por mulheres. Com a chegada dos gregos, convertendo à força seus seguidores, a deusa foi transformada em uma simples mortal, tendo ajudado o herói Theseu a sair do labirinto minoano ao dar-lhe um novelo de linha.

Cerimônia da deusa Gauri, na Índia, um aspecto pouco conhecido da deusa Durga. Gauri significa "A Dourada", considerada a padroeira dos casamentos e dos nascimentos. Neste dia, as pessoas comiam e ofereciam-lhe doces com mel, para que a Deusa lhes abençoasse com a doçura da vida.

3 de Setembro



Lakon, cerimônia de cura realizada pelas mulheres dos índios Hopi honrando as **Donzelas das Quatro Direções**.

Akwambo, festival anual de Abertura dos Caminhos em Ghana. Honravam-se as divindades das águas Aberewa, Abenawa e Amelenwa, pedindo suas bênçãos para "abrir os caminhos".

Seguindo a tradição xamânica, prepare você também seu ritual pessoal de cura. Vá para um lugar tranquilo, perto da natureza, junto a árvores, pedras ou água. Leve consigo um chocalho e um pouco de fubá. Balpique fubá no chão fazendo um círculo. Entre nele e saude as Quatro Direções. Invoque as divindades e os atributos dos Quatro Caminhos, virando-se para cada direção, sacudindo o chocalho e oferecendo fubá. Para o Leste, peça clareza e coragem, inspiração e iluminação. Para o Sul, peça confiança, segurança e equilíbrio emocional. Para o Oeste, peça saúde, proteção e prosperidade. Para o Norte, peça renovação, abertura mental, sabedoria e discernimento.

Finalize pedindo aos Espíritos da Natureza e a seus aliados que abram seus caminhos para você poder concretizar seus projetos e aspirações.

As divindades da água correspondentes, nas tradições nativas brasileiras, são as três sereias do mar Janaína, Jandira e Yara, a Mãe d'Água, Taru - uma deusa do rio - e Oyá, Oxum e Yemanjá - deusas dos cultos afro-brasileiros.

4 de Setembro

Na Melanésia e na Nova Guiné, celebração de **Goga**, a deusa do fogo, do tempo, da chuva e do conhecimento. Representada como uma mulher velha e sábia, Goga criou o fogo de dentro de seu corpo. Alguns homens lhe roubaram um galho incandescente e, ao serem perseguidos por Goga, deixaram cair o galho e incendiaram uma árvore. Goga tentou apagar o fogo com chuva mas dentro da árvore morava uma serpente, cuja cauda ficou em brasas. O fogo foi apagado pela chuva, mas o rabo da

serpente continuou fumegando e foi dele que os homens conseguiram, enfim, acender suas primeiras fogueiras.

Antigo festival na África celebrando os espíritos das fontes e Igoni, Imo e Azirir, as deusas dos rios.

Cerimônia Cahambal, na Guatemala, com procissões e oferendas para apaziguar as divindades maias.

Marathonia, celebração dedicada a Ártemis, precursora dos Jogos Olímpicos, constituída de demonstrações e competições esportivas e artísticas.

Anpu, ritual egípcio da transformação.



5 de Setembro



Comemoração das deusas **Bereginy**, um grupo de deusas eslavas da fertilidade, das florestas e dos animais selvagens. Eram representadas metade mulher, metade animais (ursos, lobos, pássaros ou peixes). Seu culto era feito nas florestas de bétulas, perto dos rios ou dos lagos, reservado exclusivamente às mulheres.

No Brasil, os índios Camayurá reverenciam Noitu, a mãe do Sol Kuat e da Lua Yai, protetora dos animais selvagens, aparecendo em forma de onça.

Celebração Nanda Devan, na Índia, para Nanda Devi, a deusa das montanhas que gerou o monte e o Rio Ganges. Era honrada como a Deusa Abençoada, a que matou um demônio disfarçado de búfalo.

Festival de Ganesha, na Índia, o deus da prosperidade e da boa sorte. Filho de Shiva e Parvati, Ganesha tinha um corpo rechonchudo e cabeça de elefante. Era considerado o padroeiro da literatura, sendo invocado pelos estudantes, que lhe ofertavam frutas e bolos de arroz no início do ano escolar e às vésperas das provas.

Guie-se pelas influências deste dia e adquira uma estatueta ou imagem de urso, lobo, águia, búfalo ou elefante. Conecte-se a esses animais totêmicos e às suas divindades correspondentes em seus momentos de fragilidade ou insegurança.

6 de Setembro

Dia da deusa **Tonantzin**, no México, celebrada em sua versão moderna como Nossa Senhora dos Remédios. Deusa Mãe dos astecas, guardiã da Terra e do tempo, Tonantzin era honrada com danças de mulheres vestidas com roupas brancas e cobertas de conchas e penas de águia. No dia seguinte, os homens das comunidades batiam nas mulheres com pequenos sacos recheados de folhas verdes, simbolizando a renovação da força vital.



Celebração de Salus, a deusa romana da cura e do bem-estar. Acredita-se que ela era uma antiga deusa agrícola dos Sabinos, adotada pelos romanos e transformada na padroeira do bem-estar das pessoas e da comunidade. Ao adotar alguns atributos da deusa grega Hygeia, Salus tornou-se uma deusa da cura e da saúde.

Invoque você também o poder de cura da Grande Mãe para despertar sua capacidade regeneradora e ativar sua energia vital. Use os recursos da natureza - Sol, ar, terra, água, ervas, argila, cristais ou florais - para aumentar sua vitalidade e libertar-se, assim, da necessidade constante dos remédios e produtos artificiais.

Situa, antigo festival inca para afastar os espíritos das doenças por meio de oferendas de sangue.

7 de Setembro

Festival de **Durga**, em Bengali, na Índia. Conhecida como "A Vingadora" ou "A Inacessível, Durga aparecia sob várias formas, com diversos nomes. Essa deusa tem um simbolismo complexo, representando o combate ao mal, a guerra justa, os princípios do amor e da sexualidade, a inteligência e a criatividade, o ciclo da vida e da morte. Segundo a lenda, ela foi criada pela concentração da energia ígnea dos deuses que não conseguiam vencer a batalha contra as forças do mal. Apesar de ter sido criada pelos deuses, Durga era mais forte do que todos eles e conseguiu vencer a batalha, armada com várias armas e



montada sobre um tigre feroz. Durga se apresenta de várias formas, tendo inúmeros nomes e atributos conforme seu lugar de culto.

Celebração da Daena, a Deusa Mãe persa, guardiã das mulheres. Filha da deusa da fertilidade Armaiti, Daena é também a Condutora das Almas. Ajudada por um cão mágico, que sabe distinguir entre o bem e o mal, Daena conduz as almas, ora para o céu, ora para o mundo subterrâneo. Geralmente, ela era invocada junto com Kista, a deusa do conhecimento religioso, protetora dos seres humanos.

Vendimia, festa da colheita das uvas na Espanha.

Dia dos Avós: reverencie-os hoje, mostrando sua gratidão e amor por tudo que fizeram, viveram, ensinaram e deixaram de herança.

Dia dedicado aos Curadores e a todos aqueles que têm o dom da cura e o usam de forma altruísta para ajudar seus semelhantes.

8 de Setembro

Antiga comemoração de **Mami**, também conhecida como Ma, Mah, Mama e Ninmah, a Mãe Criadora dos sumérios e protetora das mulheres durante o parto. As lendas descrevem como a deusa criou a humanidade modelando quatorze imagens de si mesma com barro vermelho. Depois de colocadas as imagens em duas fileiras unidas por uma ponte, Mami cantou e soprou sobre elas até que da fileira direita se levantaram os homens e da fileira esquerda as mulheres.



O culto a Mami atravessou o Mediterrâneo e foi recebendo novas interpretações. Em vez dos simples atributos maternais, ela tornou-se uma deusa guardiã da terra e das propriedades. Ao chegar em Roma, seu mito foi totalmente deturpado e sua imagem adquiriu características guerreiras, tornando-se Mah Bellona, uma deusa da guerra.

Celebração de Ki, a Deusa Mãe da Caldéia, a fonte primeira da vida e da matéria, a Mãe Terra ancestral.

Na Espanha celebrava-se, neste dia, Arian, a deusa da abundância, da paz e do bem-estar, considerada a padroeira da Espanha celta.

Festa da Natividade no calendário cristão, comemorando o nascimento da Virgem Maria. Em Cuba, celebra-se Yemanjá com o nome de Virgem de Regla. Os descendentes dos iorubas oferecem até hoje, na véspera deste dia, sacrifícios de animais aos Orixás, acendendo também velas diante do altar católico. Após a vigília, as pessoas vão dançando até a praia, acompanhadas por atabaques e cantando em sua língua nativa. Após a purificação com a água do mar, a procissão segue visitando as autoridades civis, outros altares e acaba no cemitério para homenagear os antepassados.

No Tibete, o Festival da Água celebra os espíritos dos rios e fontes.

9 de Setembro



Celebração na Irlanda de **Flidais**, a Senhora dos Cervos, deusa das florestas e dos animais selvagens que representava o instinto da liberdade e da procriação. Ela era descrita como uma mulher ativa e forte, conduzindo sua charrete puxada por oito cervos e chamando os animais da floresta de “seu gado”. Sua filha, Fland, vivia sob as águas e seduzia os homens, levando-os para seu reino escuro e frio.

As tribos dos índios Haida, do Alaska, reverenciavam Gyhldeptis, a “Senhora dos Cabelos Longos”, uma deusa benevolente da floresta que, se devidamente invocada, protegia os lenhadores e passantes. Os índios acreditavam que os musgos e líquens pendurados nos galhos dos cedros representavam os longos e fartos cabelos da Deusa.

Na Sardenha, homenageava-se Giane, a deusa tecelã da floresta com garras de metal e cabelos desalinhados. Enquanto tecia sua teia mágica, ela entoava canções de amor para atrair os homens. Se algum fizesse amor com ela, ficaria tão enfraquecido que morreria.

Te Veilat, na Albânia, festival da colheita dos frutos dedicado à deusa da colheita Laukamate ou Laukosargas, a guardiã dos campos e à Mãe Terra.

Festival dos Crisântemos, na China e no Japão, celebrando com um vinho feito dessas flores as deusas da longevidade Ame-no-uzume e

Iwa-naga-hime. É uma data importante nesses países, onde a idade avançada é sinônimo de sabedoria. O crisântemo é cultivado no Japão há dois mil anos e aparece como emblema na bandeira nacional.

Deleite-se você também com esta antiga receita: despeje um vinho licoroso, aquecido, sobre duas dúzias de crisântemos, deixando-os em infusão até desmancharem. Coe e brinde à vida e às divindades de longevidade e da sabedoria.

10 de Setembro

Twan Yuan Chieh, a Cerimônia das Mulheres na China. Celebrava-se, neste dia, a deusa da Lua Chang-O ou Heng-O, com festas, danças e oferendas de bolos em forma de semi-lua chamados “jue-ping”.

Os etruscos homenageavam Lalal (Losna ou Lucna), a deusa lunar, senhora da noite e da magia, com danças noturnas de mulheres e oferendas de leite de cabra e flores brancas.

Sua equivalente inca era Mama Quilla, a deusa cujo rosto redondo de prata diminuía à medida que suas forças enfraqueciam, recuperando-se com as orações e oferendas de seus seguidores. Durante os eclipses, acreditava-se que um jaguar celeste a devorava e, para impedir-lo, eram feitos rituais e sacrifícios de animais.

Antiga celebração, na Colômbia, da deusa lunar Huitaca ou Chia, que ensinou às mulheres a alegria e as artes mágicas. No Brasil, os índios tupinambá reverenciavam Myrakitan, a “Deusa que floriu das águas”. Suas sacerdotisas virgens eram chamadas “cunhatay” e preparavam os amuletos de proteção com argila verde retirada dos lagos sagrados.

É uma data propícia para reunir um grupo de mulheres, preparando um ritual e um altar para celebrar as deusas lunares. Se o tempo e a fase da lua forem favoráveis (crescente ou cheia), procurem um lugar seguro na natureza (perto de árvores, rios, cachoeira, lago ou mar). Preparem um pequeno altar com uma vela prateada ou branca, incenso de artemísia ou lótus, um cálice com água ou leite, um pouco de sal, um galho



de artemísia, um espelho e um prato com biscoitos caseiros em forma de semi-lua. Criem um círculo de proteção com a artemísia e a água com sal, invoquem a deusa Luna na manifestação compatível a suas afinidades e peça-lhe a orientação ou a ajuda da qual necessitam. “Banhem-se” na luz prateada da Lua, canalizando seus raios curativos para suas famílias, suas amigas e todas as mulheres do mundo, criando e reforçando, assim, os elos que tornam as mulheres irmãs e filhas da Lua.

11 de Setembro



Celebração da deusa egípcia **Tauret**, Mãe Criadora, guardiã do céu e do submundo, protetora dos animais selvagens. Originariamente uma deusa do céu, morando na Constelação de Ursa Maior, suas atribuições passaram a incluir a proteção dos recém-nascidos e o transporte das almas para novos destinos. Tauret é representada como um hipopótamo, com seios pendentes, uma barriga volumosa e patas de leão. Em seu aspecto escuro ela era “A Vingadora”, com cabeça de leão e corpo de hipopótamo, segurando um punhal e carregando um crocodilo nas costas.

Dia das Rainhas, no Egito, honrando Hatshepsut, Nefertiti e Cleópatra, consideradas encarnações das deusas Hathor, Bast, Mut, Neith, Sekhmet, Maat, Satis e Ísis.

Nefertiti ou Aahmes Nefertari, chamada de “A esposa de Amon”, foi uma rainha que governou entre 1546-1526 a.C. Ela dormia no templo de Amon e seus filhos foram considerados filhos do Deus. Após sua morte, foi deificada e considerada protetora das mulheres, guardiã da justiça e defensora das crianças.

12 de Setembro

Festa da deusa grega **Astrea**, a senhora das estrelas e dos planetas. Filha da deusa Themis e de Zeus, Astrea personificava a inocência, a perfeição e a justiça. Segundo a lenda, Astrea vivia no meio

dos homens mas, quando eles se tornaram corruptos e maus, ela abandonou a Terra e se refugiou na constelação de Virgem. Fontes mais antigas descrevem-na como Erigone, a deusa regente da Constelação de Virgo, que foi chamada na Líbia de Libera ou Libra, a Senhora da Balança do Destino, juíza e governante da vida dos homens. Era invocada como a deusa protetora dos governos, das cidades e dos impérios, para que fossem dirigidos com justiça.



Na Mesopotâmia, a deusa Aderenosa, a Virgem Celestial, era a regente da constelação de Virgem, representada como uma mulher sentada em um trono decorado com estrelas e amamentando uma criança. No Egito, as Virgens Zodiacais regiam o signo intermediário entre Leão e Libra, enquanto a deusa Ta-repy representava a constelação da Esfinge, sinônimo de Virgem. Na Índia, Kanyá - um dos aspectos de Devi - era a deusa da constelação de Kandra (Virgem) e a mais antiga divindade do panteão hindu.

Comemoração do casal divino Bel e Beltis, na Babilônia. Beltis foi identificada às deusas Cibele, Ishtar, Astarte e Belit.

Celebração de Anfítrite e Têtis, as deusas do mar na Grécia, festejadas apenas pelas mulheres com a dança Tratta.

13 de Setembro



Celebração egípcia do Acendimento do Fogo, dedicando lamparinas acesas à deusa **Nephthys** e aos espíritos ancestrais.

Nephthys era uma deusa da Lua e da noite, regente do céu e do mundo subterrâneo, da água, do tempo e das aves de rapina. Filha da deusa Nut, irmã de Ísis e esposa de Geb, ela era representada como uma Deusa Abutre, personificando a escuridão e tudo o que a ela pertence. Neste dia, os templos eram iluminados com tochas e lamparinas, reverenciando Nephthys como a Senhora dos Mortos.

Para se conectar a essa poderosa deusa, use seus elementos para lhe preparar um altar: objetos de prata e ferro, galhos de cipreste, incenso de mirra, uma cruz ansata (Ankh) e penas de gaviões ou corvos. Acenda uma vela preta e ofereça-lhe suco ou pedaços de romã. Peça à deusa que proteja e encaminhe seus familiares falecidos, abrindo-lhes os portões para o mundo do silêncio e do repouso à espera do renascimento.

Comemoração de Hel, a deusa escandinava da morte, senhora do mundo subterrâneo, representada como uma mulher velha, feia e escura, cavalgando um cavalo preto. Hel ou Hella aparecia prenunciando a morte por doença ou velhice, cobrindo as almas com o seu manto e levando-as para seu reino.

Festival romano de Lectisternia, honrando os deuses Júpiter, Juno e Minerva.

14 de Setembro

Celebração de **Kalika**, a Mãe dos Deuses, a deusa hindu dos nascimentos. No complexo panteão hindu, Kalika representa um aspecto de Durga, um atributo de Kali, o equivalente a Ambika ou a Amari De. Como manifestação da Grande Mãe, Amari De personifica a natureza, seu culto sendo preservado pelos ciganos. Ela é cultuada atualmente como Sara Kali ou a Madona Negra. Transformada pela Igreja em Santa Sara, ela continua sendo para os ciganos a Mãe de seu povo. Devido a sua cor escura, Sara Kali é considerada a precursora das Virgens Negras européias.



Início das procissões da Madona Negra, que duravam até o dia vinte na Suíça e em outros lugares na Europa. Existem, aproximadamente, 450 imagens de Virgens Negras espalhadas em vários lugares da Europa, as mais conhecidas sendo as das igrejas de Chartres, Paris e Le Puy, na França; Einsiedeln, na Suíça; Zaragoza, Monte Serrat e Guadalupe, na Espanha; Loreto, Pádua e Nápoles, na Itália e Czestochowa, na Polônia. Há também um número razoável dessas estátuas na África e nas Américas, apesar de inúmeras delas terem sido destruídas pela fúria das revoluções e

guerras e ignoradas pela Igreja, apesar dos milagres a elas atribuídas. As que restaram foram pintadas de branco, para disfarçar sua cor, atribuída pelos padres à fumaça das velas. O culto da Virgem Negra ressurgiu no século XII, com as Cruzadas, que trouxeram inúmeras estatuetas de deusas negras de suas expedições na Ásia e no Egito. Na realidade, as Madonas Negras eram o disfarce sob qual as antigas deusas pagãs continuavam usando seus atributos de Mães Divinas e seus símbolos sagrados: a cor negra da sabedoria oculta, o barco para as oferendas e as “navettes” (biscoitos doces), representando o Yoni da Deusa e as cores das roupas, os cânticos e as procissões.

Na Gália, comemorava-se Berecynthia, a deusa da fertilidade, reminiscência do culto da deusa Cibele.

Mabsant, a festa da colheita das nozes no País de Gales, com danças e serenatas de harpas.

15 de Setembro



Início dos Grandes Mistérios de Eleusis, os “Mistérios da Mãe e da Filha”, oriundos de um antigo festival da colheita dos cereais. Neste dia, fazia-se a proclamação oficial, excluindo-se todos aqueles que tinham cometido algum delito ou não falavam grego.

Na véspera, os “sacra” - objetos sagrados - de Deméter eram trazidos de Eleusis pelas sacerdotisas, que percorriam em silêncio os trinta quilômetros que separavam a cidade de Atenas, com as cestas sobre suas cabeças. Os “sacra” eram depositados no Eleusinion, o santuário de Deméter na Ágora (templo) de Acrópolis, até o dia seguinte, quando eram purificados no mar.

Dedique este dia para avaliar a arrumação do seu altar ou espaço sagrado. Considere o que deve ser descartado, renovado ou substituído. Talvez você queira ampliar o seu “ponto de força” ou reforçar as defesas energéticas do seu ambiente. Use os ensinamentos da milenar tradição do Feng Shui para alinhar sua casa com as correntes cósmicas e telúricas, erigindo o “canto da espiritualidade” colocando nele imagens de anjos, estatuetas de deusas, mandalas ou yantras ou os objetos que para você representem

sagrado. Reserve algumas horas para se isolar, permanecendo em silêncio e meditando a respeito de sua busca espiritual, dos caminhos percorridos, dos desafios enfrentados e das realizações alcançadas.

16 de Setembro

“Holade Mystai”, segundo dia dos Mistérios Eleusínicos, com a purificação no mar dos objetos sagrados, levados pelas sacerdotisas escoltadas por rapazes adolescentes (“epheboi”).

Os candidatos à iniciação, vestidos com túnicas brancas, eram chamados pelos sacerdotes com tambores e gritos de “Para o mar, iniciantes”. A purificação era uma característica essencial dos Mistérios, conhecida como “renovação” ou “expurgo”, separando com esse ritual a pessoa de sua vida profana anterior. Cada pessoa levava consigo para o mar um leitão, que precisava ser purificado também antes de ser sacrificado. Os leitões eram considerados animais puros, consagrados à deusa Deméter, simbolizando a fertilidade e promovendo, assim, a abundância na Terra.

Festa de São Cornélio, na Bretanha, reminiscência das antigas celebrações do Deus Cornífero, considerado o padroeiro dos animais com chifres. Neste dia, benze-se o gado em seu nome.

Reserve este dia para a purificação do seu altar, espaço sagrado, ambiente de trabalho, casa, carro ou animais de estimação. Lave seus objetos de poder com água do mar, coloque-os em cestas e exponha-os à luz do Sol ou da Lua. Salpique água do mar nos cantos da sua casa, dentro de seu carro e tome um banho de mar ou de água com sal marinho. Medite a respeito das mudanças necessárias para que você equilibre seus pensamentos e emoções, purificando, assim também, o seu campo áurico.

17 de Setembro

“Hiereia devro”, o terceiro dia dos Mistérios Eleusínicos dedicado às orações e oferendas de leitões. Os iniciados ficavam





recolhidos em suas casas, jejuando e orando, preparando-se para serem dignos da iniciação.

Na Grécia atual, neste dia, celebra-se Santa Sofia, reminiscência da antiga festa de Sophia, a deusa hebraica da sabedoria. Em sua manifestação original, Sophia era a companheira de Jehovah, co-criadora dos anjos e responsável pela espiritualidade dos homens. Suas imagens representam-na ora como uma árvore cheia de frutos, ora como uma mulher velada ou ainda

como a manifestação do Espírito Divino. Sua simbologia é complexa e contraditória, deturpada e modificada pelos textos gnósticos, hebraicos, cabalísticos e medievais. Sophia, no entanto, permanece um potente símbolo da sacralidade e sabedoria femininas.

Celebração de Sabek, o deus com cabeça de crocodilo no Egito e de Ganesh, o deus hindu com cabeça de elefante.

Festival do Cavalo Branco na Inglaterra, com competições esportivas e corridas de cavalos, reminiscências de antigos rituais de fertilidade dedicados à deusa equina Epona.

Festival tibetano homenageando Mtsho Sman, as Deusas da Água.

Procure dedicar algum tempo para se interiorizar, avaliando a melhor maneira de contatar sua sabedoria interior por meio de práticas de equilíbrio (mental e emocional) e conexão ao plano espiritual. Peça à deusa Sophia que a conduza em seu processo de iniciação espiritual, afastando os véus que obscurecem sua visão psíquica e permitindo-lhe colher os frutos de sua sabedoria ancestral.

18 de Setembro

“Asclepia”, o quarto dia dos Mistérios Eleusínios, com procissões e oferendas para Asclepios, o deus da cura e Dioniso, o protetor dos vinhedos. Por meio de libações de vinho, chamadas



“trygetos”, invocava-se a proteção das divindades masculinas. Os sacerdotes preparavam “kykeon”, a bebida sagrada e os iniciados continuavam recolhidos e jejuando.

Antiga celebração da deusa celta da abundância e da riqueza Rosmerta, cujo nome significa “A Boa Provedora”. Ela era representada carregando um grande cesto cheio de frutas ou uma enorme panela cheia de comida. Como outras deusas celtas, ela regia também as fontes sagradas e as águas termais.

Na África do Sul, comemora-se o dia da chuva sagrada, celebrando a deusa Mbaba Mwana Waresa, a guardiã da chuva e do arco-íris. Segundo a lenda, ela mora em uma casa cujo telhado é o arco-íris. Também teria sido ela quem ensinou os homens a fabricarem a cerveja para usá-la nas celebrações.

Neste dia, faça alguma oferenda de flores, frutas ou cereais para a Terra, agradecendo sua saúde, bem-estar, prosperidade e realização, antecipando, assim, o recebimento dessas dádivas por meio do poder da oração e das mentalizações positivas. Reverencie, também, as divindades masculinas, pedindo-lhes que fortaleçam e equilibrem seu *animus* sem, porém, desvirtuar as qualidades masculinas, assumindo atitudes ou comportamentos incompatíveis com sua essência feminina.

19 de Setembro



“Agyrmos” ou “Pompe”, o quinto dia dos Mistérios Eleusínios com a reunião dos iniciados para começar a procissão, percorrendo a pé os trinta quilômetros que separam Atenas de Eleusis. Eles vestiam roupas novas, eram coroados com guirlandas de murta e carregavam os “bacchus”, cajados feitos de galhos entrelaçados, símbolos da morte do velho e do nascimento do novo. Entoando cânticos, a procissão parava em certos lugares para deixar oferendas sob as figueiras sagradas - “hiera syke” - consagradas à Deméter. Na ponte sobre o rio Kefisos, os sacerdotes expunham, publicamente, os vícios e as verdades vergonhosas dos iniciantes, que

deveriam ouvir com humildade e não protestar. A intenção era expor o velho Eu para que ele morresse de vergonha e pudesse renascer. À noite, ao chegar em Eleusis, apesar do cansaço, os iniciados começavam as cerimônias à luz das tochas, honrando com danças e cânticos as deusas Deméter e Perséfone.

Na Babilônia, celebrava-se, neste dia, a deusa Gula, a Grande Mãe doadora e destruidora da vida. Gula era a Grande Curadora, tendo poder tanto para infligir como para curar as doenças. Ela era representada cercada de uma aura com oito raios de calor vital, o calor que sustenta ou destrói a vida. Gula vivia em um jardim no centro do universo, onde ela cuidava e regava a Árvore do Mundo, repartindo seus frutos com aqueles que a reverenciavam. Às vezes, era acompanhada de um cachorro, pois ela defendia os espaços das pessoas assim como um cão o faria. Outras vezes, ela aparecia com as duas mãos levantadas em prece, mostrando aos homens a postura apropriada para lhe pedir ajuda.

Comemoração com jejuns e orações de Thot, o deus da sabedoria e da magia no Egito. Thot tinha características lunares (a cabeça de íbis, adornada com o disco lunar e a lua crescente) e era representado segurando a palheta do escriba. Ele gerou a si mesmo e foi o criador dos hieróglifos e dos números, sendo considerado o Senhor dos Livros e das Palavras Sagradas.

Faça uma avaliação honesta e acurada de suas compulsões, condicionamentos limitantes, hábitos prejudiciais, dependências e atitudes negativas. Olhe-se no espelho da verdade e comprometa-se a mudar tudo aquilo que envergonha, diminui, prejudica ou limita seu verdadeiro Eu, libertando-se, assim, das máscaras do falso Eu.

20 de Setembro

Sexto dia dos Mistérios Eleusínios, com a preparação dos peregrinos para a iniciação, assimilando o significado do mito e o simbolismo de “synthema”, a senha recebida dos sacerdotes. Por ter sido extremamente bem guardado, o conhecimento verdadeiro dos segredos dos Mistérios desapareceu com a morte do último iniciado. Para a posteridade, sobrou apenas o conhecimento extotérico e as deduções dos historiadores e antropólogos, baseadas nas inscrições e gravuras. A mais

famosa inscrição resume, de forma enigmática, o que os iniciados faziam: “Eu jejei, eu bebi o kykeon, eu peguei algo no cesto, eu coloquei algo de volta no cesto e depois passei do cesto para o meu peito”. As explicações são repletas de diversas especulações e interpretações. A mais óbvia sugere que o “kykeon” era a bebida de cevada fermentada com ervas, o “retirar do cesto” referia-se aos objetos sagrados (uma esfera, um cone e um espelho), o “colocar de volta no cesto” designava as oferendas e a menção ao peito assinalava a complementação de um ciclo: tirar, devolver e se preparar para o novo, com orações e encantamentos.

Celebração da antiga deusa pré-helênica Perse ou Perseis. Chamada de “Portadora da Luz” ou “A Destruidora”, ela era uma deusa lunar, esposa do Sol e filha do oceano, mãe das deusas Pasiphae e Circe. Provavelmente Perse originou o mito e o culto a Perséfone.

Na América do Sul, festeja-se o nascimento do deus solar tolteca Quetzalcoatl, a “serpente emplumada” dos astecas, o deus da vida, da fertilidade e da sabedoria. Considerado um Deus Criador, ele era relacionado ao planeta Vênus e, por isso, requeria apenas um sacrifício humano anualmente (ao contrário de outros deuses, bem mais sangüinários). Quetzalcoatl regia o vento, a respiração, a arte, a civilização e era o eterno rival de Tezcatlipoca, o deus da morte, cujo rosto era de obsidiana negra.

21 de Setembro



“Epopteia”, o sétimo dia dos Mistérios, a Noite da Iniciação dentro do recinto mais sagrado e oculto do templo, o Telesterion. Pouco se sabe sobre esses ritos sagrados, reservados apenas àqueles que tinham passado pelos Mistérios Menores, celebrados em Agra no início da primavera.

Os iniciados juravam manter sigilo absoluto sob pena de morte. Sabe-se apenas que, antes da entrada no Telesterion, eram feitas oferendas de cereais e sacrifícios de leitões na gruta de Hades, no templo Plutonion. Uma pedra da entrada da gruta, chamada "omphalos" - o umbigo do mundo -, assinalava a transição da luz para a escuridão, a descida de Perséfone ao mundo subterrâneo, revivida pelos iniciados que encarariam os fantasmas de seus medos da morte e as aparições tenebrosas dos espíritos dos mortos. Após esses momentos de sofrimento, os iniciados presenciavam o "hierogamos", o casamento sagrado, a união ritualística dos sacerdotes e a encenação do nascimento de Iacchos, a criança divina, simbolizada por uma única espiga de trigo elevada pelo sacerdote no meio de luzes e ao som de címbalos. Em seguida, havia a revelação dos objetos da "cista mystica", a cesta sagrada de Deméter e a celebração da continuidade da vida após a morte com os gritos de Hye (chuva) e Kye (nascimento), ou seja, "flua e conceba", a chuva celeste fertilizando a Terra.

Festa da vida no Egito, celebrando a Mãe Divina doadora da vida em sua tríplice manifestação como Filha (renovadora), Mãe (criadora) e Mãe Negra (o absoluto). Essa festa egípcia celebrava a Lua e as águas vitais que dela se originaram.

Dia dedicado à deusa celta Morrigan, regente da vida e da morte. Morrigan era uma deusa lunar tríplice, apresentando-se como a virgem - Ana, como mãe - Babd e como a anciã - Macha. Como deusa da morte, ela sobrevoava os campos de batalha, na forma de um grande corvo, cantando a canção do fim da vida.

Comemoração grega do nascimento de Pallas Athena, a deusa da justiça e da sabedoria.

Dia Internacional da Paz, com demonstrações em favor da paz.

22 de Setembro

Oitavo dia das celebrações de Eleusis, "Mysterioides Nychtes", a noite dos mistérios. Reencenava-se o mito de Deméter e Perséfone em três estágios: "legomena" - coisas faladas -, "dromena" - coisas encenadas - e "deiknymena" - coisas reveladas. Ao final, os iniciados se reuniam no



grande salão do templo onde, à luz de tochas, celebrava-se a volta de Perséfone do mundo subterrâneo e sua transformação de Kore, a donzela, em Perséfone, a Rainha das Sombras, esposa de Hades, senhor do mundo escuro dos mortos. A essência dos Mistérios representava a esperança da vida renovada, a coragem em enfrentar as sombras e o medo da morte e a confiança no eterno ciclo das reencarnações.

Comemoração da morte de Tiamat, na Suméria, a Mãe das Águas Primordiais, representada em forma de dragão. Segundo os mitos patriarcais, seu filho Marduk enfrentou-a e matou-a, dividindo seu corpo para formar o Céu e a Terra. Outros mitos descrevem Tiamat como uma Deusa Peixe, similar a Atargatis.

Equinócio da primavera no hemisfério sul, marcando a entrada do Sol no signo de Libra, celebrado pelos celtas como o Sabbat Mabon ou Alban Elfed, com rituais de gratidão, introspecção e dedicação espiritual.

Dia tradicional para práticas oraculares em vários lugares do mundo. Na antiga Alemanha, as jovens ofertavam guirlandas de flores e galhos de pinheiro para a deusa do amor Minne, pedindo-lhe ajuda para encontrar o namorado certo.

23 de Setembro



"Plemo Choai", o nono e último dia dos Mistérios Eleusínios, a celebração dos vasos sagrados, feitos em barro e representando o ventre fértil de Deméter, a fonte da abundância na Terra. Reverenciavam-se os ancestrais com libações de vinho e oferendas.

Os sacerdotes levavam as oferendas para as frestas da terra e despejavam o conteúdo misterioso de dois vasos sagrados, um para o leste, outro para o oeste. As pessoas gritavam "hye, kye" (flua e conceba) e os sacerdotes invocavam o princípio paterno (para fluir) e a origem materna (para conceber). As pessoas comiam, depois, de forma ritualística, romãs e maçãs, consideradas as frutas do renascimento, comemorando a continuidade da vida e encarando a morte como uma simples pausa entre as vidas.

Celebração das deusas gregas do outono, Carpo e Carman, associadas às Horas, as deusas das estações.

Na Finlândia, dia de Mielikki, a deusa protetora dos animais selvagens e das florestas. Seu animal totêmico era o urso, por isso, nos altares a ela dedicados, havia sempre um crânio ou uma pele de urso.

24 de Setembro

Dia de Nossa Senhora da Misericórdia, na Igreja Católica, antiga celebração de Odudua, a fonte criadora do panteão ioruba, dia sagrado no culto da Santeria.

Odudua, a Mãe Terra dos iorubas, rege a Terra, a natureza, o amor, a fertilidade e a sexualidade. Sua cor é o preto, representando a terra, a matéria e “tudo o que está embaixo”. Ela é a consorte de **Obatalá** ou Orishala, o Rei do Pano Branco, que representa o princípio masculino, o espírito, o céu e “tudo o que está em cima”. Seus altares eram representados por duas cabaças, uma preta virada para cima e outra branca virada para baixo. Alguns escritores e pesquisadores consideram Odudua como um ser masculino, sendo Yemanjá a consorte de Obatalá. Mas o mito verdadeiro é uma adaptação de uma tradição muito antiga de Dahomey, a do casal divino constituído por Mawu (a deusa da Terra, da Lua e da noite) e Lisa (o deus do Sol e do dia).

No Egito, celebração anual do renascimento do deus Osíris, com cantos, danças e plantios cerimoniais.

25 de Setembro

Pyanopsia, na Grécia, a Festa dos Feijões, comemorando as belas deusas das estações chamadas **Horae** ou Horas.

As Horas eram as filhas de Themis e Júpiter, chamadas de Porteiras do Céu e encarregadas de abrir e fechar as portas do



tempo. Originariamente eram apenas três: Eunomia, da boa ordem; Diceia, da justiça e Eirene, da paz. Posteriormente, foram relacionadas às estações e acrescentaram-se mais duas: Carpo e Thelete, as guardiãs dos frutos e das flores. Quando os gregos dividiram o dia em doze partes iguais, o número delas foi aumentado para doze e foram chamadas de “as doze irmãs”: Acme, Auxo, Anatole, Carpo, Diceia, Dysis, Eirene, Eunomia, Euporia, Gymnasia, Thelete e Talo. As Horas presidiam a educação das crianças e regulavam a vida dos homens. Antigamente eram representadas coroadas com folhas de palmeiras, depois, nos tempos modernos, com asas de borboletas e segurando ampulhetas ou relógios.

Na Groenlândia, Alaska e Sibéria, comemoração esquimó da deusa Sedna, a protetora dos mares profundos, senhora da vida e da morte, nutridora e guardiã de seu povo, desde que ele respeitasse suas leis. Após serem abatidas, as almas dos animais deveriam permanecer junto a seus corpos por três dias, para levarem informações para a Deusa sobre o comportamento dos homens. Se suas leis fossem infringidas, ela punia os homens com doenças, fome e tempestades.

Celebração dos Serafins, os anjos da sabedoria. Na Cabala, os Sephiroths são os dez atributos ou emanções do Divino, sendo reverenciados no Oriente próximo e na Espanha, antigamente. A Mãe Primordial dos Sephiroths é Sephira, que, junto com Binah e Chokmah, forma uma tríade, sendo identificada, às vezes, com Sophia, por ser chamada de “A Divina Inteligência”.

Festa budista para o Bodhisattva da Sabedoria.

26 de Setembro

Celebração da morte de **Tammuz**, o consorte amado da deusa **Ishtar**, deus da vegetação da Babilônia transformado pelos gregos no belo Adonis. Segundo as lendas, Tammuz morria anualmente para ressuscitar na primavera seguinte, simbolizando, assim, o ciclo das estações na natureza. Tammuz, assim como Dumuzi, o consorte da deusa Inanna, era um deus sacrificial, chamado de “O ungido”, título correspondente ao grego “Christos”.



Na Irlanda homenageava-se, neste dia, Aibell, “A encantadora”, a regente dos Sidhe, as colinas encantadas, morada das fadas. Lendas posteriores transformaram-na em um espírito guardião das pedras de Killaloe, onde os viajantes que ouviam sua harpa mágica encontravam a morte. Os irlandeses acreditavam que as fadas, principalmente as verdes, gostavam de ouvir e ensinar a tocar harpas protegendo, por isso, os bardos e os cantores.

Comemoração de Cosme e Damião, no Brasil, os “Ibeji” da Umbanda popular, com a distribuição de doces e roupas para as crianças pobres.

Aproveite a data para visitar um orfanato ou um hospital infantil e ajudar alguma criança carente, de forma efetiva e não apenas dando balas ou roupas.

Theseia, o festival grego em homenagem ao herói Theseu.

Antigamente, na Palestina, sacrificava-se, neste dia, um bode para apaziguar Azazel, o anjo caído, que representava o mal para os Hebreus e era associado ao planeta Marte.

Nas tribos siberianas, venerava-se Umaj, a deusa protetora dos recém-nascidos, a quem eram oferecidas as placentas.

27 de Setembro



Dia das **Górgonas**, as deusas gregas do poder oculto. Em número de três - Euryale, Stheno e Medusa -, as Górgonas tinham rostos lindos e asas douradas, mas seus corpos eram cobertos por escamas de lagartos e seus cabelos formados por ninhos de cobras. Dotadas de presas afiadas e garras metálicas, seu olhar era tão terrível que petrificava quem as encarasse. As três Górgonas viviam juntas além-mar, no mundo da noite e eram protegidas por suas outras irmãs mais velhas, as Greas, que tinham apenas um olho e uma presa. Alguns historiadores crêem que as Górgonas eram sacerdotisas lunares usando máscaras para assustar os visitantes inoportunos. Outros acreditam que elas eram uma tribo de Amazonas da Líbia, denegridas pelos gregos como sendo monstros.

Festa de Ziza, a deusa germânica da colheita, Mãe Criadora da vida e da Terra, equivalente da deusa egípcia Ísis.

Na China, cerimônia anual para a Lua, com rituais celebrados apenas por mulheres, agradecendo as colheitas e homenageando a lebre lunar, o animal sagrado da deusa Chang-O.

Festival Lunar Choosuk, na Coréia e em Taiwan, honrando os espíritos dos mortos e dos ancestrais.

28 de Setembro

Celebração das deusas astecas da água e da fertilidade. A mais conhecida era a deusa **Chalchiuhtlicue**, “a deusa com saia de jade”, representada coberta de jóias de turquesa e jade, usando uma coroa com penas azuis e a saia enfeitada com lírios. Ela regia todas as águas - dos rios, dos lagos, da chuva e das cachoeiras - e gostava de oferendas de flores e penas azuis e brancas. Chalchiuhtlicue aparecia sob outras inúmeras formas, tendo vários nomes, de acordo com sua origem e seus atributos. A deusa do mar era Acuecueyotlicihuatl, a “mulher que faz as ondas crescerem”, invocada pelas parturientes para romper as bolsas d’água e iniciar o parto.



No antigo Peru, comemoravam-se Mama Oclo, a deusa celeste que inventou a tecelagem e ensinou-a às mulheres, e Mama Cocha, a Mãe do Mar.

Dia de Saleeb, no Egito, celebrando o nível máximo do Nilo e as deusas Hathor, Sothis, Ísis, Neith e Anath.

Festa dos Salgueiros, na Mesopotâmia, homenageando Mah, a deusa da Terra, da fertilidade e da Lua. Originariamente uma Mãe criadora, ela foi assimilada, posteriormente, à deusa romana Bellona, tornando-se Mah Bellona, a padroeira da guerra.

29 de Setembro

Celebra-se, neste dia, o **Arcanjo Mikael**, inimigo das injustiças e maldades, invocado para proteção e defesa.



Sempre que precisar de segurança e proteção, acenda uma vela azul e ore pedindo para que esse Espírito de Luz possa lhe abençoar e defender, cortando as amarras de sua vida com sua espada flamejante.

Festival de Saint Michael (São Miguel) ou Michaelmas, nos países anglo-saxões, versão cristianizada de Heimdall.

Dia dedicado a Heimdall, o deus nórdico guardião de Byfrost, a ponte do arco-íris que liga o mundo dos deuses ao mundo dos homens, chefe dos guerreiros celestes.

Comemoração de Gwynn ap Nudd, o deus celta do Mundo Subterrâneo, cuja morada é dentro da colina sagrada de Tor, em Glastonbury, a antiga Ilha de Avalon.

Na Escandinávia e na Islândia, homenageava-se Fylgja ou Fylgukona, espírito guardião e protetor das famílias. Apresentando-se sob uma forma feminina, Fylgja era parecida com as deusas Disir, embora tornasse-se visível apenas na iminência da morte. Segundo as lendas, Fylgja avisava sobre os acontecimentos, tanto os bons quanto os ruins e permanecia sempre junto a uma pessoa ou de toda a família. Às vezes, seu nome era modificado para Hamingja.

30 de Setembro

Meditrinália, comemoração da deusa **Meditrina**, em Roma, a padroeira das artes curativas.

As pessoas iam em procissão aos lugares sagrados, levando oferendas de frutas e pedindo ou agradecendo as curas. Acreditava-se que essa deusa usava o poder do vinho e das ervas para curar as pessoas. Por isso, neste dia, todos bebiam vinho preparado com ervas aromáticas, invocando as bênçãos da deusa para suas vidas.

Uma deusa da cura muito mais antiga era Angitia, padroeira da tribo Oscan, no norte da Itália. Ela



governava os poderes mágicos e de cura, sendo uma grande especialista em feitiços verbais e com ervas. Era invocada, principalmente, para curar mordidas de cobras e envenenamentos.

Festival grego homenageando Themis como governante de Delos. Themis, ou Têmis, era uma Titã, filha de Urano e Gea, mãe das Horas, das Moiras, das Hespérides, de Astrea, de Atlas e de Prometeu. Conselheira de Zeus, personificava a lei e a ordem, representando a consciência coletiva, o ajuste de divergências, a paz e a justiça. Os juramentos eram prestados em seu nome e, se alguém omitisse a verdade, a deusa o punia com a morte. Carregando uma balança com os olhos vendados, Têmis protegia os inocentes e punia os culpados. Sua equivalente romana era a deusa Justitia.

Nos países nórdicos comemorava-se a deusa Snotra, conselheira e guardiã da sabedoria, cuja gentileza e compreensão da natureza humana orientavam os homens para agir corretamente e sabiamente nas suas vidas.

Dia de São Jerônimo, sincretizado na Umbanda com o Orixá Xangô, o senhor da vibração original ígnea, o deus da justiça, do trovão e dos relâmpagos. Sintonize-se com a egrégora deste dia, vá para perto de uma pedreira ou cachoeira, faça alguma oferenda e acenda uma vela púrpura ou verde. Medite sobre as motivações e os resultados de suas ações passadas, responsabilizando-se por seus atos e pedindo força e luz para poder agir sempre de forma justa, correta e para o bem de todos.

Epitaphia, antiga comemoração grega homenageando as almas dos guerreiros mortos em combate.

Outubro

Mesmo após o acréscimo de novos meses, em várias mudanças de calendário, *Octem* - o oitavo mês do calendário romano antigo - continuou assim sendo chamado.

Na antiga tradição européia, este mês chamava-se Lua de Sangue devido aos preparativos para o inverno, quando se caçava ou matava os animais que não serviam mais para a reprodução, defumando-se a carne. Na Irlanda, o mês chamava-se Deireadh Fomhair, sendo o nome anglo-saxão Winterfelleth e o nórdico Windurmonath.

Os povos nativos o denominaram de Lua do Sangue, Lua dos Mortos, Lua da Caça, Lua das Folhas que Caem, Lua da Vindima, Lua da Mudança de Estação e Mês do Tempo Mutável.

No calendário druídico, a letra Ogham correspondente é Ngetal e a planta sagrada é o junco. O lema do mês é “prepare-se, pois surpresas ou contratemplos estão lhe aguardando”.

Os celtas celebravam neste mês Cernunnos, o Deus Cornífero, o caçador, consorte da Deusa e representação do poder fertilizador masculino.

Na Grécia, o mês começava com o Festival da Thesmophoria, reservado apenas às mulheres. Durante três dias, reencenava-se o retorno da deusa Perséfone a seu reino no Mundo Subterrâneo. Invocavam-se também as deusas Deméter e Ártemis para punir todos aqueles que tinham ofendido ou agredido mulheres. As sacerdotisas liam as listas com seus nomes e acreditava-se que os culpados, assim amaldiçoados, morreriam até o final do ano. Durante os rituais da Thesmophoria, eram feitas oferendas de leitões nos altares montados nas frestas da terra, sendo os restos das oferendas do ano anterior misturados à terra recém-arada, invocando, assim, o poder fertilizador de Deméter. Nos países nórdicos, o Festival Disirblot celebrava a deusa Freyja.

Na Índia, celebra-se a deusa Durga, com o festival de quatro dias Durga Puja e a deusa Lakshmi, com o Festival de Luzes Diwali. Lanternas e lamparinas são acesas por toda a parte e as famílias se

reúnem em honra aos pais. Todos resolvem seus conflitos, invocando as bênçãos das deusas com cânticos e orações.

No Tibet, comemora-se o fim da estação chuvosa, enquanto que no Havaí, inicia-se um longo festival chamado Makahiki, honrando o deus Lono com competições de dança sagrada (hula), surfe e muitas festas.

No último dia do mês, os celtas celebravam o Sabbat Samhain, o terceiro e último festival da colheita, reverenciando a Deusa em sua face escura, os ancestrais e comemorando o início do Ano Novo. Considerado um festival dos mortos, precursor das atuais homenagens prestadas a eles, Samhain era celebrado com fogueiras, oferendas às divindades e aos ancestrais, além de práticas oraculares.

As pedras sagradas do mês são a opala e a turmalina. As divindades regentes são Deméter, Perséfone, Ishtar, Durga, Lakshmi, Cernunnos, Cailleach, Freyja, Astarte, Ísis, Osíris e Hel.

Guiada pelas antigas crenças e tradições, dedique algum tempo, durante este mês, para descobrir, avaliar e superar suas perdas, sejam elas materiais ou emocionais. Liberte-se das mágoas e dos ressentimentos, cure suas feridas com o bálsamo do perdão, purifique seu ambiente e reverencie seus ancestrais. Encomende um culto aos antepassados, preparando também em sua casa, um altar especial para eles com fotografias, flores e cristais. Cuide de seus túmulos, orando para que encontrem a paz, a luz e a oportunidade para um novo renascimento.

1º de Outubro



Início do festival de Durga Puja, na Índia, celebrando **Durga**, a defensora contra o mal. A Grande Mãe Durga, “A Inacessível”, era parte de uma tríade de deusas, juntamente com Parvati ou Maya, como donzelas e Uma ou Prisni, como anciãs. Representada como uma deusa guerreira, cavalcando um leão ou tigre e carregando diferentes armas em seus dez braços, ela lutava ferozmente para defender seus filhos divinos e humanos contra os demônios e os monstros maléficos. Como ela bebia o sangue dos inimigos, seus altares eram salpicados com o sangue dos cativos de guerra ou dos criminosos.

Durga personifica o instinto animal da maternidade, a mãe que defende suas crias contra qualquer perigo. Às vezes, era chamada Shashti, “A Sexta”, padroeira das mães, invocada no sexto dia após os partos para tecer encantamentos de proteção aos filhos e às mães. O sétimo dia após o parto era considerado dia de repouso, tradição antiga que antecede em muito os mitos dos deuses criadores como Ahura, Mazda, Ptah, Marduk, Baal e Jehovah, que descansaram no sétimo dia após a criação do mundo.

A função atual de Durga é restaurar a ordem no mundo e a paz nos corações em tempos de crise. Seu festival na Índia é precedido de purificação, jejum e abstinência. As imagens da Deusa são limpas, purificadas com água dos rios sagrados e decoradas com guirlandas de flores. As pessoas lhe oferecem flores, folhagens, incenso e sacrificam cabras e ovelhas. A multidão canta e dança ao redor das fogueiras em louvor à deusa. No final da cerimônia, algumas imagens são jogadas nos rios como um ritual de purificação. No Nepal, o festival equivalente é Dashehra, que dura quinze dias. Neste período, ninguém trabalha e as famílias se reúnem para rituais de purificação e oferendas. Comemora-se a vitória de Durga sobre o demônio quando ela matou-o enquanto disfarçado de búfalo.

Celebre a deusa Durga preparando um altar com uma vela dourada ou amarela, dez objetos (cada um representando um de seus braços), incenso de sândalo, flores, uma imagem da deusa e um sino

tibetano. Transporte-se mentalmente para seu templo dourado e proste-se diante dela, pedindo-lhe força e coragem para tomar decisões, resolver situações familiares ou profissionais complicadas e realizar as mudanças necessárias, cortando “o mal pela raiz”. Veja-se recebendo a força dessa deusa por meio das armas de suas dez mãos; materialize essa força em algum símbolo, imagem ou mensagem. Comemore sua vitória dançando com Durga, vencendo os monstros do medo e libertando-se das garras da submissão ou humilhação. Peça-lhe para ajudá-la a libertar-se da raiva ou da dor, esquecendo os sofrimentos mas lembrando as lições, para não repeti-las novamente. Agradeça e, ao finalizar o ritual, leve um dos objetos a um templo oriental.

Festa de Fides, deusa romana da fé e da lealdade. Essa deusa era muito antiga e, da mesma forma que Themis, personificava a base da comunidade humana. Sem a influência de Fides, duas pessoas não podiam confiar o suficiente para cooperarem. Ela era a guardiã da integridade e honestidade em todos os empreendimentos e transações entre indivíduos ou grupos. Fides era representada coberta com um véu branco, sua mão direita estendida e recebendo oferendas de cereais e frutas. Seus símbolos eram as mãos entrelaçadas e a pomba-rola. Neste dia, em seu templo no Capitólio, os três sacerdotes mais importantes de Roma iam levar-lhe oferendas em uma carruagem coberta e com as mãos direitas envoltas em panos brancos. O significado da carruagem coberta era a necessidade de zelar e proteger sua honra, enquanto as mãos direitas - as que selavam os pactos - deviam ser mantidas puras e sagradas. O resto da solenidade era secreto para não vulgarizar a sacralidade do culto à Fides.

Dia de Santa Teresa, no México e em Cuba, modernização de uma antiga celebração de Oyá, a deusa ioruba do vento e das tempestades.

2 de Outubro

Antiga celebração celta dos **Anjos de Guarda**, preservada até hoje na Espanha com festejos nas paróquias, fogueiras, dança de espadas e encenações da luta entre o bem e o mal, defronte a imagem de um Anjo.

Aproveite esta data e faça um pequeno ritual. Acenda uma vela na cor de seu signo e queime um incenso de sândalo, ao lado de um copo com água mineral ou de fonte. Toque um sino e depois fique em silêncio,



procurando conectar-se ao seu Anjo Guardião ou aos arquétipos dos Anjos Planetários, regentes de seu signo solar, seu ascendente e seu signo lunar. Os Anjos são forças cósmicas com as quais podemos nos conectar, usando nossa capacidade de mentalização, visualização e o poder da oração.

Festival da deusa chinesa Hsi Wang Mu ou Wang Mu, a protetora das mulheres. Essa deusa do oeste morava em um palácio de ouro nas montanhas Kun-lun, onde dava uma grande festa a cada três mil anos. Neste dia, ela distribuía as frutas da imortalidade da árvore “p’an-t’ao”. Wang Mu representava a energia feminina, a essência do Yin. Em sua forma antiga, ela aparecia como uma mulher selvagem, com o rosto peludo, dentes de tigre e cauda de gato. Em vez do palácio, Wang Mu morava em uma gruta. Lá, ela era alimentada por pássaros mágicos com três pés; por meio deles, Wang Mu enviava a morte e as doenças. Posteriormente, ela tomou a forma de uma linda mulher que curava as doenças e distribuía os pêssegos mágicos da renovação. Obviamente, essas formas representavam os dois aspectos - claro e escuro - da mesma deusa.

3 de Outubro

Marawu, rituais dos índios Hopi para assegurar a fertilidade das mulheres e a da terra, garantindo a continuidade da vida. Reverenciavam-se as deusas da agricultura **Angwu-Shahai-i** (A Mãe Corvo), Hano Mana, Angwusnasomtaka e Hokyang Mana, responsáveis pelas dádivas da terra e regentes dos seres da natureza.

Dia de Santo Dionísio, versão cristianizada do deus pagão pré-helênico Dionysus, a divindade do vinho, da fertilidade e da colheita. Um antigo ritual recomendava misturar vinho da safra anterior com o da atual e beber um copo, pedindo a cura dos males antigos e recentes.

Já Dioniso ou Baco, era o deus greco-romano do prazer, da natureza selvagem, da expressão livre, das sensações e emoções, dos rituais



de renovação e regeneração. Nos Mistérios de Eleusis, ele era Iacchos, a criança divina, que nasce e morre anualmente nos ciclos de renovação.

Dioniso era acompanhado pelos Sátiros e por um séquito de mulheres, as Mênades ou Bacantes, que participavam de seus rituais orgiásticos e, nos momentos de fúria etílica, despedaçavam os homens. Seus símbolos eram a hera, a videira, o vinho, a flauta, o tamborim e os címbalos. Originariamente um deus da Trácia, o culto a Dioniso influenciou outras culturas. Devido à sua natureza hermafrodita, atualmente Dioniso é cultuado nos círculos estritamente femininos de Wicca Dianica, além de ser considerado um deus da vegetação pelas seitas neo-pagãs.

4 de Outubro



Celebração da antiga deusa celta **Boann**, a “Senhora das Vacas Brancas”, padroeira do Rio Boyne, na Irlanda e protetora das artes, da inspiração e da fertilidade. Segundo a lenda, havia uma fonte mágica na cabeceira do Rio Boyne, onde cresciam nove avelãs encantadas, cujos frutos conferiam o dom do conhecimento. As avelãs maduras caíam no rio, onde eram comidas pelo salmão, a mais sábia entre todas as criaturas da mitologia celta. Todas as deusas eram proibidas de se aproximar da fonte, mas Boann tentou chegar perto. O rio enfurecido saltou de seu leito, ameaçando afogar Boann. Ela se salvou, e o rio não pôde voltar atrás, levando, assim, os dons de sabedoria a todas as pessoas.

Celebração de Mylitta, a deusa fenícia da Lua e do amor, padroeira da sexualidade, da fertilidade e dos nascimentos. Mylitta combinava a essência da água da chuva com a força do fogo celeste, produzindo a energia vital e sexual.

Dia de Santa Clara, na Itália.

Dia Mundial dos Animais, dedicado a São Francisco de Assis.

Em Roma, Jejunium Cereris, dia de jejum dedicado à deusa Ceres, a Mãe dos Cereais, guardiã da agricultura e dos frutos da terra.

Festa do Alce dos índios norte-americanos, celebrando as Mães dos Cervos (“Deer Mothers”), deusas protetoras dos animais selvagens.

5 de Outubro



Comemoração do Espírito Santo pelos gnósticos, metamorfose da antiga deusa da sabedoria **Hagia Sophia**. O espírito da sabedoria feminina era chamado de Sapiientia em latim e Sophia em grego, sendo simbolizado pela pomba branca da deusa Afrodite. O Espírito Santo, antigamente, representava a parte feminina de Deus, sua alma, da mesma forma que Kali-Shakti completava os deuses hindus. Sophia era considerada pelos gnósticos a Mãe de Deus, a virgem que concebeu o todo. Era identificada com a deusa Ísis-Hathor, cujas sete emanções criaram as sete almas da mitologia egípcia. Era venerada pelos gnósticos como Rainha, Senhora da Sabedoria, mãe abrangente de cuja luz Jesus foi gerado. Seu maior templo, em Constantinópolis, foi considerado uma das maravilhas do mundo. Os cristãos, ao negarem o Sagrado Feminino, atribuíram esse templo a uma mártir, virgem, mas mãe de três filhas: as santas Fé, Esperança e Caridade, adaptações das três Cáritas.

Festival da deusa anciã do milho Nubaigai, na Lituânia. A última espiga de milho colhida é modelada e vestida como se fosse uma mulher, sendo guardada até a próxima colheita para dar sorte. As pessoas honravam a deusa com oferendas, festejos, músicas, danças e jogos.

Dionisíadas, antigas celebrações do deus Dioniso, das Mênades e da deusa Ariadne, na Romênia e nos Balcãs.

Em Roma comemoram-se, com oferendas e orações, os espíritos ancestrais.

Acredita-se que neste dia começa a abertura do mundo subterrâneo para as viagens xamânicas, favorecendo a passagem e as comunicações dos espíritos ancestrais e protetores.

6 de Outubro

Festa mexicana da chuva homenageando a **Virgem de Copopan**, reminiscência das antigas celebrações das deusas astecas da

água e da chuva Chalchiuhtlicue, Ix Chel, Ix Ku, Matlalcueye, Tatei Hamuxa e Xixiquipilihui.

Celebração de Mokosh, antiga deusa eslava da terra e da água, cujo culto sobreviveu até o século XVI na Sérvia. Mokosh regia as águas do céu e da terra, a umidade, a fertilidade, os animais aquáticos e a pesca. Era simbolizada por pedras em forma de seios e acreditava-se que a chuva era o leite que saía deles. Na época da seca, as pessoas iam em peregrinação às pedras a ela consagradas para pedir saúde, sorte e prosperidade. No folclore russo, seu nome sobreviveu como Mokushka, os espíritos femininos que assombram as casas, tecendo durante toda a noite em teares invisíveis.

Festival hindu de Vishnu, o deus da luz e do Sol no Nepal.

Aproveite esta data para invocar ou agradecer as bênçãos da chuva fertilizadora e purificadora. Se estiver chovendo, recolha água da chuva para seus rituais. Molhe sua cabeça na chuva e sinta-se purificada e rejuvenescida. Coloque alguns seixos ou pedras em formato de seios em seu altar, criando um elo com as deusas da água e da terra.

7 de Outubro



Festa da deusa Pallas Athena, homenageada como padroeira da cidade de Atenas. Posteriormente, essa celebração foi modificada, passando a ser dedicada à deusa Victoria, equivalente romana de Nike, a deusa grega das vitórias. Com a cristianização, Victoria foi transformada em Santa Vitória ou Nossa Senhora das Vitórias. Victoria, a deusa, foi immortalizada em diversas esculturas, colocadas sobre vários Arcos do Triunfo, como os de Londres e Berlim.

Ano Novo na Suméria, celebrando Bau, a Grande Mãe, criadora da vida, guardiã da saúde e da cura. Era considerada a padroeira e principal divindade da cidade de Lagash, onde seu festival inicia os festejos do Ano Novo. Originariamente realizado na Babilônia, o culto a Bau fundiu-se ao da deusa Gula, sendo mais tarde assimilado pelo culto à deusa Ishtar.



Celebração de Cathubodua, antiga deusa celta da guerra, venerada, principalmente, na Gália. Com esse nome também era designado o corvo guerreiro, símbolo das deusas da guerra e da morte. Como um aspecto da deusa irlandesa da terra, Banba, ela tinha um nome similar - Cathubodia - simbolizando a atuação da deusa como Senhora da Morte.

Kermese, antigo festival teutônico preservado hoje em dia como uma festa com música, danças, cantos, jogos e competições. Eram premiados aqueles que mais depressa desenterrassem um símbolo sagrado, simbolizando, provavelmente, o ressurgimento das antigas tradições ocultas na terra.

Festival Galungau, em Bali, reverenciando os espíritos ancestrais.

8 de Outubro



Oschophoria, a festa dos galhos verdes na Grécia. Celebra-se o retorno do labirinto de Teseu, o herói que, ao matar o Minotauro, libertou Atenas dos tributos que precisavam ser pagos ao rei de Minos.

A origem dessa lenda é bem mais antiga, descrevendo o culto cretense do **Minotauro** ou o “touro lunar”, possivelmente uma variante do culto egípcio a Ápis, o deus com cabeça de touro. “Touros lunares” era como eram chamados os reis de Minos, dinastia que governou Creta em 2.000 a.C. Nos rituais, os “touros lunares” se uniam à Deusa, representada por Rhea Dictynna ou Pasiphae, na forma de suas sacerdotisas. Anualmente, o Rei do Ano era “sacrificado” simbolicamente na forma de um touro, sendo substituído para renovar as energias da terra. Os historiadores, desconhecendo o verdadeiro significado do “Hieros Gamos” (casamento sagrado), interpretaram a união da sacerdotisa ao “Deus Touro” como uma aberração perversa, considerando o Minotauro um monstro, quando na verdade era apenas o Rei usando uma máscara.

Nos países escandinavos, reverencia-se Audhumbla, a Vaca Primordial criadora da vida. De acordo com o mito, antes da criação, a Escandinávia era uma terra de extremos: gelo no norte, fogo constante no

sul e caos no meio. Da interação do frio com o calor, da contração com a expansão, foram criados dois seres: Audhumbla, de cujas tetas jorravam rios de leite e Ymir, o gigante perverso que sugava todo o leite da Vaca Divina. Um dia, enquanto lambia o gelo salgado, Audhumbla pariu o primeiro ser humano - Bur, o avô do deus Odin -, que matou Ymir e usou-o como matéria-prima na criação do mundo.

9 de Outubro

Wima Kwari, celebração dos “Ojos de Dios” (Olhos de Deus) no México. O olho era um símbolo antigo dedicado à Deusa e usado como bênção e proteção.

A sílaba “ma”, presente em inúmeros nomes das deusas-mãe, significava “ver” em egípcio e seu hieróglifo correspondente era um olho. A deusa Maat, originariamente, era a detentora do “olho que tudo vê”; posteriormente, esse atributo foi transferido ao deus Horus. Inúmeras estatuetas das deusas neolíticas apresentam grandes olhos em corpos femininos. Um dos símbolos da deusa Inanna eram seus olhos e a deusa assíria Mari era representada com grandes olhos que “perscrutavam as almas dos homens”. O cristianismo denegriu esse poder do olhar feminino, transformando-o em uma forma de maldição pertencente às “bruxas”. Esse dom era considerado tão poderoso que, durante os julgamentos da Inquisição, as supostas bruxas eram proibidas de olhar para os juízes, permanecendo todo o tempo de costas para eles. No entanto, curiosamente, até hoje em talismãs contra o mau-olhado, são usados símbolos femininos como búzios, olhos e triângulos iônicos.

Invocação da deusa coreana da água Mulhalmoni pelas mulheres xamãs. Oferendas de moedas e de um prato tradicional à base de arroz cozido em um caldeirão consagrado, são feitas nas fontes sagradas para curar as afecções dos olhos ou problemas de visão. O ritual envolve a lavagem dos olhos do paciente com a água da fonte e, depois de comer parte do arroz, orar para a deusa. Seus efeitos são curativos e preventivos.

Aproveite a combinação desses presságios e adquira um talismã em forma de olho para lhe dar sorte e protegê-la dos perigos. Consagre-o dedicando-o à sua deusa interior, purificando-o com água de uma fonte. Ao passar perto de qualquer fonte, saúde a divindade que nela habita. Lave seus olhos com água e ore para que a deusa Mulhalmoni cuide de sua visão.



10 de Outubro

Na Espanha, celebração da Virgem del Pilar, versão moderna da deusa lunar asteca **Coyolxauhqui**, filha de Coatlicue, a Deusa Mãe.

Em 1978, nas escavações da cidade do México, foi encontrada uma grande pedra com uma inscrição. Era uma antiga lenda descrevendo a disputa entre Coyolxauhqui, cujo nome significa “sinos dourados” e Huitzilopochtli, seu irmão e deus do Sol. No fim dessa luta, vista como a oposição entre o dia e a noite, o irmão mata a irmã. A Deusa Mãe, comovida com a bondade da filha, cortou sua cabeça e transformou-a na Lua, brilhando apenas durante a noite e jamais encontrando seu irmão, o Sol.

Nas lendas tupi-guarani, conta-se a história de Perimbó e Poré, o casal lunar. A deusa criadora de toda a vida na Terra - Perimbó - e o deus lunar - Poré - eram divindades de natureza benevolente. Apesar disso, castigavam sem hesitar todos os humanos que infringissem as leis divinas.

Na antiga Alemanha, homenageava-se Alraune, a deusa da sorte e da magia, com oferendas de raiz de mandrágora. Essa raiz era utilizada na confecção de amuletos de proteção e de boa sorte. Na Dinamarca, celebrava-se a Anciã dos Sabugueiros, antiga divindade invocada antes da entrada dos galhos de sabugueiro para a confecção de varinhas mágicas.

11 de Outubro

Início de Thesmophoria, o festival grego de três dias reservado apenas às mulheres. Sua origem é muito antiga, oriunda dos cultos agrícolas de celebração da colheita dos cereais e de oferendas de leitões, perpetuadas no culto a **Deméter**. Durante esse festival que celebrava Deméter Thesmophorus, a guardiã da lei, as mulheres se reuniam e praticavam rituais relacionados à fertilidade das plantações, animais e pessoas.



Neste primeiro dia, havia o ritual de “Kathodos e Anados”, a cerimônia do “ir abaixo e voltar para cima”. As mulheres escolhidas eram sacerdotisas que tinham passado por várias purificações, inclusive por abstinência sexual e evitado contato com objetos de ferro nos últimos três dias. Vestidas com túnicas vermelhas, elas desciam para o altar de Deméter, localizado em uma gruta profunda. Levavam consigo leitões consagrados à Deusa, que eram deixados nas fendas da gruta. Era um ritual perigoso, pois nessas fendas existiam serpentes que se alimentavam das oferendas. As sacerdotisas utilizavam chocalhos e encantamentos para mantê-las afastadas, enquanto recolhiam os restos das oferendas do ano anterior para levá-los de volta à superfície.

Celebração de Damkina, a senhora da Terra, deusa babilônica protetora das mulheres e das crianças. Ela foi posteriormente associada a outras deusas sumérias da Terra como Ki, Kadi, Ninhursag e Nintu. Seu culto foi levado para Acádia, onde foi chamada Daukina e identificada com Deméter.

12 de Outubro



“Nestia”, o segundo dia de Thesmophoria, celebração da deusa **Deméter**, a guardiã da lei. Deméter ensinou os homens a providenciarem seu sustento por meio de seu esforço pessoal; reconhecia-se, assim, que as mulheres não deveriam cuidar dos homens a vida toda, apenas até uma certa idade. Neste dia, todos jejuavam, os prisioneiros eram libertados, anistias eram conferidas, os julgamentos suspensos e todos veneravam Deméter. Sua estátua era posta no chão e os restos das oferendas e dos objetos trazidos da gruta eram colocados no altar. Invocava-se também a justiça divina para todos aqueles que tinham transgredido as leis, ofendido a moral da comunidade ou agredido as mulheres.

Dia de Fortuna Redux, a deusa romana das viagens. Invoque sua proteção para viajar com segurança, colocando sachets com camomila, hortelã, artemísia, uma pedra da lua e uma turquesa nas bagagens.

Celebração de Kali, a deusa da morte em Bengali.

13 de Outubro

“Kallingencia”, terceiro dia do festival de Thesmophoria, dedicado ao “plantio” de tudo o que foi retirado das entranhas da terra (restos das oferendas, sementes e pinhas). Era uma fertilização mágica, feita pelas mulheres que não tinham tido nenhuma morte em suas famílias.



Fontinália, ritual romano de consagração e veneração das fontes de água. Ofereciam-se moedas e flores às deusas Carmentis, protetoras das fontes e dos rios, pedindo em troca cura e paz. No final, todos celebravam cantando e dançando, agradecendo às deusas as promessas de novas colheitas.

Comemoração celta para Sulis, a deusa das águas termais e curativas. Seu antigo altar e fonte eram na cidade de Bath, na Inglaterra, transformados em termas pelos romanos. Sulis era uma deusa solar, representada como uma mulher madura vestindo um manto de pele de urso, com uma coruja a seus pés. Os romanos identificaram-na com sua deusa Minerva e a estação de águas termais passou a ser conhecida como Sulis Minerva.

Neste dia, em Portugal, houve a última aparição de Maria, a manifestação cristã da Grande Mãe. Foi em 1917, em Fátima, sendo presenciada por setenta mil pessoas.

14 de Outubro



Antiga celebração eslava para as **Rodjenice**, as deusas do destino. Como as Parcas gregas ou as Nornes nórdicas, elas eram três mulheres que presenciavam todos os nascimentos, uma delas tecendo o fio da vida, outra medindo-o e a terceira cortando-o. A elas eram oferecidas as primeiras porções da comida dos festejos de batismo e a placenta dos recém-nascidos, que era enterrada sob uma árvore frondosa. De acordo com o país de origem, aceitam-se, na formação da tríade, as deusas Rodjenice, Sudnice e Sudjenice ou as deusas Fatit, Ore e Urme.

Na Noruega, Disirblot, celebração celta para as Disir, os espíritos ancestrais femininos venerados antes da chegada dos clãs patriarcais. As famílias honravam essas ancestrais divinizadas com festejos e oferendas, visando receber suas bênçãos e sua assistência, por terem elas o controle sobre as qualidades ou defeitos hereditários.

Durga Puja ou Dasain, no Nepal, Índia e Bangladesh, comemorando a vitória da grande deusa mãe Durga sobre o mal.

Festa das “lamparinas flutuando nos rios”, celebração siamesa para as divindades das águas.

Festa para a deusa da fertilidade Ma, na África do Sul. Na Anatólia, Ma também era a senhora dos animais, criadora da Terra e da natureza, além de ser um dos nomes de Rhea e Gea, as deusas greco-romanas da Terra e da criação.

Comemoração da deusa irlandesa da poesia e das artes Eadon.

Dia da Confederação Interplanetária, celebrando os planetas da Via Láctea. Na mitologia asteca, a deusa Citlalicue personificava a Via Láctea, sendo chamada de “A mulher com saia de estrelas”, mãe e guardiã do Sol, da Lua e das estrelas. As tribos indígenas do alto Amazonas reverenciam Ituana, “A Mãe Escorpião”, que mora na Via Láctea. De lá, ela direciona as almas para a reencarnação e nutre os recém-nascidos com o leite de seus inúmeros seios.

15 de Outubro

Comemoração, nos países nórdicos, de **Freyja** ou Freya, a deusa do amor e magia, condutora das almas para o mundo subterrâneo.

Freya era a Matriarca Ancestral do grupo de divindades Vanir, precursoras dos Aesir, as divindades patriarcais vindas da Ásia. Como dirigente das matriarcas ancestrais Afliae, as poderosas e das Disir, as avós divinas, Freyja tinha múltiplos atributos. Ela regia o amor, a fertilidade, a sexualidade, a Lua, o mar, a Terra, o mundo subterrâneo, o nascimento, a morte e a magia. Aparecia como uma deusa tríplice (virgem, mãe, anciã), como senhora dos gatos, dirigente das Valquírias e condutora das almas dos guerreiros



mortos em combate, das quais metade ia para seu reino e a outra metade para o palácio de Odin. Freyja era irmã e consorte do deus da fertilidade Frey, com quem formava o casal divino “A Senhora e o Senhor”, celebrado nos ritos de fertilidade com o “casamento sagrado”, a união sexual entre o rei do ano e a sacerdotisa da Deusa.

Freyja era representada como uma linda mulher vestida com um manto de peles de gato, enfeitada com penas de cisne e adornada com jóias de ouro e âmbar, sendo puxada em sua carruagem dourada por quatro gatos. Seu dia sagrado era a sexta-feira, que foi nomeado em sua homenagem, sendo invocada em todos os assuntos de amor, sexo e magia. Segundo as lendas, foi Freyja quem ensinou a Odin a magia das runas.

Nos países nórdicos, celebravam-se “As noites de inverno”, marcando o início do inverno, o fim das atividades externas (caça, pesca, colheita) e os preparativos para a sobrevivência durante o inverno.

No País de Gales reverenciava-se Dwynwen ou Branwen, a deusa do amor, também conhecida como “A Vênus do Mar do Norte” ou “Lindos Seios Alvos”. Filha de Llyr, o deus do mar, ela era a padroeira dos namorados e regente da lua cheia.

Em Canã, antiga celebração de Kades, a deusa do amor e da sexualidade. Ela era representada nua, cavalgando um leão e segurando uma serpente nas mãos.

Festival do deus romano Marte, com competições de carruagens e sacrifício do cavalo que fosse o último colocado.

16 de Outubro

Celebração de Lakshmi Puja no Nepal, Bangladesh e Índia, o Festival das Luzes, comemorando a deusa da fortuna e da prosperidade **Padma**, Lakshmi ou Kamala com orações, cânticos e oferendas de flores e incenso.

Padma ou Lakshmi era representada por um cesto cheio de arroz ou brotos; sua planta sagrada era o manjeriço, cultivado próximo aos templos e casas como sinal de proteção. Por ser encontrada nas várias formas de riqueza, como no



ouro, nas moedas, nas conchas raras, nos recém-nascidos e nas vacas sagradas, não havia, na Índia, templos dedicados à Padma. A conhecida reverência pelas vacas é baseada no culto a essa deusa em sua forma de Shakti, a fonte de poder do deus Vishnu.

A filosofia hindu define a divindade masculina como passiva, distante e abstrata, a não ser que seja ativada por uma deusa. Segundo os mitos, Lakshmi sempre existiu, mesmo antes da criação, flutuando sobre um lótus (de onde vem seu nome de Padma - deusa do lótus), que se tornou o símbolo da iluminação espiritual. Na Índia pré-védica, Padma era uma deusa da Terra e da fertilidade que, no hinduísmo, se transformou em Lakshmi, a deusa da riqueza - não apenas material, mas também espiritual.

Na Irlanda celebrava-se, neste dia, a deusa Ker, a senhora dos grãos e da colheita, com oferendas de cereais e frutas. Seu símbolo era a última espiga de milho colhida das plantações, que depois era modelada e vestida como mulher. Era chamada de Kernababy, sendo utilizada em rituais de fertilidade, enterrada no início da semeadura.

17 de Outubro

Dia de Pandrosós, a deusa grega da agricultura e do orvalho. Juntamente com Agraulós e Herse, ela formava a tríade das **Augrálides**, antigas deusas pré-helênicas de Ática. Agraulós, a irmã mais velha, era a deusa da terra; as outras duas irmãs eram as deusas do orvalho, mas agiam sempre em conjunto para fertilizar a terra.



Posteriormente, criou-se um novo mito, ligando essas antigas deusas à Athena. As Augrálides teriam recebido de Athena uma caixa para guardar e jamais abrir. Por um certo tempo elas obedeceram; porém, a curiosidade foi mais forte do que a promessa e Agraulós e Herse abriram a caixa, encontrando Erichthomus, o "nascido da terra", o terrível filho-serpente de Athena. Esse fato comprova a ancestralidade de Athena como deusa fértil da terra antes de ser transformada na filha virgem de Zeus. As consequências da abertura da caixa são controversas, mas a teoria mais simples aponta para Agraulós e Herse sendo transformadas em pedra, enquanto que a obediente Pandrosós foi nomeada a principal sacerdotisa de Athena.

No Japão, Kanname Sai, o festival dos novos grãos ofertados à deusa solar Ama-terasu-o-mi-kami, a filha do casal divino Izanami e Izanagi. Considerada a ancestral da família real, Amaterasu ensinou às pessoas a cultivar a terra e criar o bicho-da-seda.

Festival shintoísta das divindades do Céu e da Terra.

18 de Outubro

Antiga comemoração da deusa Vir-ava, a Senhora das Florestas na mitologia finlandesa. Ela assumia uma forma diferente em cada floresta, podendo aparecer como árvore ou como uma mulher, com seios enormes, pernas grossas como troncos, cabelos longos e emaranhados como raízes. Às vezes, ela aparece perto das fogueiras dos lenhadores para aquecer suas longas e nodosas mãos.



Na Finlândia, também se celebra **Tava-ajk** ou Ganis, deusa da terra, da natureza, da fertilidade e da sexualidade. Ela aparecia como uma linda mulher, com uma longa cauda, seduzindo os homens com sua bela voz. Às vezes, ela se dividia, surgindo como um casal. A mulher vestia um manto verde e um chapéu com as agulhas do pinheiro, enquanto que o homem tinha uma barba de folhas. Vistos por trás, o casal parecia apenas um tronco de árvore.

Até hoje, em alguns lugares da Inglaterra, acontece, neste dia, a Grande Feira Anual dos Chifres, celebrando os poderes da fertilidade e virilidade da natureza animal e humana. Já há muito tempo atrás, os homens desfilavam pelas ruas adornados com chifres para homenagear Cernunnos. Atualmente, muitos círculos e adeptos da Wicca realizam rituais e cerimônias honrando-o como o Deus Cornífero da caça, da natureza selvagem, da virilidade e do amor físico. Além de ser o símbolo do princípio masculino, Cernunnos é o consorte da Deusa. Os "covens" de Wicca geralmente reverenciam a Deusa com o ritual chamado "puxar a Lua" para a Sacerdotisa, que é o elemento principal da cerimônia. No entanto, neste dia, realizam o ritual de "puxar o Sol" para o sacerdote, que representa o deus Cernunnos.

Combine os presságios deste dia, criando um pequeno ritual pessoal para entrar em contato com as forças da natureza, o Sol e a Lua, o céu e a Terra, a sua polaridade Yin-Yang, unindo os opostos em busca da unidade e do equilíbrio. Deixe sua intenção guiá-la e procure o Senhor e a Senhora de sua própria natureza interior.

19 de Outubro



Festival Bettara-Ichi no Japão, festejando uma das sete divindades da boa sorte, o deus Ebisu. Procissões de crianças percorrem as ruas carregando vários cordões, nos quais atavam-se picles pegajosos e diversos objetos e talismãs para atrair e capturar a boa sorte. As mulheres reverenciam **Benten** ou Benzaiten, a única deusa das sete divindades da boa sorte. Essa deusa trazia inspiração, talentos, riqueza e amor para todos aqueles que a honravam. Benten era também a rainha do mar, uma mulher-dragão que nadava cercada por um grupo de serpentes brancas. Nessa apresentação de mulher-dragão, Benten protegia seus devotos dos terremotos, tendo relações sexuais com as serpentes monstruosas que se escondiam sob as ilhas japonesas para acalmar sua agitação, causadora dos terremotos. Benten poderia se apresentar, também, como uma linda mulher cavalgando um dragão, que era seu corcel e amante.

Para atrair a sorte, use um dos sete símbolos destas divindades: uma chave, uma moeda, um chapéu, um baú, um cravo (prego), um peso (de balança) e uma capa de chuva. Faça desenhos ou procure miniaturas para serem colocadas em seu cofre, em sua bolsa ou em sua carteira. Se preferir, use somente uma gravura de dragão, pedindo à deusa Benten que lhe traga proteção, boa sorte, amor e prosperidade.

20 de Outubro

Dia dedicado à deusa pré-helênica **Eileithya**, a guardiã dos partos e dos recém-nascidos, posteriormente assimilada à deusa Ártemis. Uma deusa extremamente antiga venerada pelos egeus, Eileithya foi a



parteira de todos os deuses e deusas da Grécia clássica. Segundo algumas fontes, ela foi a mãe de Eros, não o frívolo Cupido, mas a representação da força primordial da criação nascida do ovo primordial. Eileithya podia castigar uma parturiente, travando seus joelhos e fechando a pélvis, impedindo a passagem da criança. Para conseguir sua benevolente ajuda, sacrificava-se um cachorro e entoava-se seu nome sagrado.

Celebração de Pi-Hsia-Yuan-Chin, a “Princesa das nuvens azuis e púrpuras”. Para os chineses taoístas, ela era uma divindade muito importante e muito amada. Assistida por um grupo de parteiras divinas, essa deusa auxiliava os partos, protegendo as mães e trazendo saúde e boa sorte para os recém-nascidos. Ela também era conhecida com os nomes de Sheng Mu - a mãe divina -, Yu Nu - a donzela de jade - e T'ien Hsien - a imortal celeste.

Chung Yeung, comemoração aos ancestrais na China e no Tibet, honrando as deusas Chang-O, Chih Nu, Kwan Yin, Hsi Ho, Nu Kwa, Tien Hou e Tou Mu.

21 de Outubro

Na Grécia, ritual dos Kouretes, sacerdotes dedicados ao culto da grande mãe **Cibele**, servindo como iniciadores nos mistérios da vida e das artes mágicas. Como mestres e protetores dos jovens, criaram a Ordem Sagrada dos Sacerdotes da Grande Mãe.

O nome “kouretes” tem origem na expressão “filhos de Cronos”, o consorte da deusa Rhea que devorava seus filhos com medo de ser destronado. Os “kouretes” eram jovens dedicados ao serviço da Deusa, perpetuando uma antiga linhagem de sacerdotes que cultuavam a Grande Mãe e as divindades matrilineares antes do surgimento das sociedades patriarcais. Antigos hinos descrevem os “kouretes” como jovens praticando artes marciais em forma de dança. Supõe-se que as danças folclóricas



que usam armas, espadas ou escudos são reminiscências dessas antigas práticas sagradas. Os “kouretes” tinham, também, a atribuição de proteger os jovens, atuar como curadores, artesãos, construtores, armeiros, magos, videntes e participar dos ritos sexuais junto com as sacerdotisas.

Na Alemanha, antiga celebração de Horsel, a deusa da Lua e da noite, padroeira dos cavalos e dos cavaleiros. Nos antigos locais de culto a essa deusa, foram erigidas igrejas cristãs dedicadas à Santa Úrsula. O nome dessas cidades é derivado do nome da deusa - como em Horselberg e em Horsenden -, comprovando sua veneração.

Dia de Santa Úrsula, a cristianização da antiga deusa eslava lunar Orsel ou Úrsala, cujo animal totêmico era o urso, assim como o da deusa Ártemis/Diana. Ela era representada cercada por onze mil virgens, que simbolizavam as estrelas.

22 de Outubro



Sucloth, a antiga festa dos tabernáculos dos hebreus. Celebrava-se o fim da colheita do trigo e da uva e a chegada das chuvas, anunciando o início de um novo ciclo. Esse festival tem origem nas antigas celebrações assírias de **Belili**. Equivalente de Ishtar, conhecida como Beltis na Fenícia, Belili era uma deusa lunar, regente da água, das fontes e dos salgueiros, irmã do deus Tammuz.

Também chamado de “Festival das Tendas”, Sucloth era uma cerimônia alegre que comemorava a fuga do Egito. Durante os sete dias do festival, as pessoas acomodavam em tendas feitas de galhos de palmeiras - lembrando os antigos hábitos e mandamentos canaanitas. Nos tempos antigos, faziam-se libações e oferendas com a água retirada de uma antiga fonte dedicada a Shulamita, a deusa da fertilidade e da sabedoria. Nas Escrituras, essa deusa foi diminuída à condição de noiva do rei Salomão e a fonte passou a ser chamada de Fonte de Salomão. Durante o festival, as pessoas cantavam e dançavam, fazendo procissões com tochas ao cair da noite. No sétimo dia as pessoas jejuavam e se purificavam com galhos de salgueiro, palmeira, limoeiro e mirra. No oitavo dia, festejavam com muita alegria, sacudindo os galhos para as quatro direções, levando-os depois para os templos.

No Japão, festival do fogo Hi Matsuri, com procissões de tochas para os altares antigos das divindades. “Matsuri” são antigas cerimônias relacionadas à preparação, manutenção e colheita do arroz. Tradicionalmente, as Matsuri eram precedidas por ritos de purificação e abstinência, seguidas de oferendas de “mochi”, saquê e vegetais específicos, sem nenhum sacrifício de ser vivo. O elemento essencial das Matsuri era a comemoração comunitária, com todas as pessoas compartilhando das oferendas junto às divindades.

23 de Outubro



Entrada do Sol no signo de Escorpião. Este dia é dedicado às deusas do fogo. Invoque uma dessas deusas de acordo com sua afinidade ou necessidade. Entre as deusas do fogo vulcânico há a romana Aetna, a japonesa Fuji, a havaiana Pele, Chuginadak, a padroeira das cento e cinquenta ilhas e montanhas vulcânicas - as Aleutas ou Loo-Wit, a anciã da ilha de Santa Helena. Dentre as deusas do fogo criador ou destruidor, há a celta Brighid, a grega Héstia, a hindu Durga, a romana Ferônia, a nigeriana Oyá, a papuesa Goga, a japonesa Izanami e a siberiana Poza Mama.

Nos países eslavos, celebravam-se as Polengabia, deusas protetoras dos lares e guardiãs do fogo sagrado, equivalentes da deusa grega Héstia e Matergabia, “A Mulher do Fogo”, a quem era oferecido o primeiro pedaço de um pão recém-assado.

Aproveite este dia e medite sobre a melhor forma de despertar, direcionar ou usar seu fogo interior. Acenda uma vela vermelha ou pule uma fogueira. Avive sua chama e crie sua própria dança sagrada do fogo.

24 de Outubro

Celebração dos espíritos do ar, dos Devas e das deusas ligadas ao elemento ar como Aditi, Arianrhod, Maat, Minerva, “A Mulher que Muda” (Utsunatlehi), Nuit, Ninsaba, Sarasvati e Sophia.

Na Mesopotâmia, antiga celebração da deusa Ninlil, a senhora dos ventos, guardiã da Terra, do céu, do ar e do mundo subterrâneo. Seus emblemas eram a montanha celeste, as estrelas, a árvore de galhos entrelaçados e a serpente. Padroeira da cidade de Nippur, ela foi aos poucos assimilada no culto das deusas Ishtar e Belit.

Dia dedicado a Uriel, o anjo da justiça.

Aproveite os influxos deste dia e faça uma boa purificação em sua casa. Queime em cada cômodo incenso de olíbano ou mirra, em movimentos circulares no sentido anti-horário, tocando um sino ou chocalho. Coloque depois pour-pourris em todos os quartos enquanto põe uma música suave para reverenciar os espíritos do ar. Ore para as deusas da sabedoria pedindo equilíbrio mental e discernimento em suas decisões e o bom uso de suas habilidades e poderes mentais.

25 de Outubro



Na China, festival da deusa lunar Han Lu. No Japão, celebração da deusa da agricultura e dos alimentos Uke-Mochi-no-Kami e de sua filha Waka-Saname-no-Kami, a deusa dos brotos de arroz. Essas deusas, responsáveis pela fertilidade da terra, eram homenageadas com oferendas de arroz e brotos.

Celebração das deusas coreanas do Sol - Hae Sun -, da Lua - Dae Soon - e das estrelas - Byul Soon.

Dia de São Crispim, o padroeiro dos sapateiros. Segundo as lendas, comprar um par de sapatos neste dia traria boa sorte e prosperidade.

Faça um pequeno ritual diferente, porém muito útil. Prepare um talco mágico para colocar em seus sapatos misturando maizena com raiz de lírio em pó e bicarbonato de sódio em partes iguais. Acrescente pitadas de pó de casca de limão, de folhas de hortelã e de alecrim. Adicione novas gotas de essência de pinheiro ou cedro, misture e exponha a mistura ao luar ou à luz das estrelas. No dia seguinte, abençoe o pó e depois abençoe seus pés, pedindo a Deus e à Deusa que a ajudem a caminhar com segurança, de



acordo com suas convicções, fiel à sua verdade e sabendo encontrar a trilha que leva da escuridão para a luz, das incertezas para as realizações.

26 de Outubro

Antiga celebração egípcia das sete divindades Kine, descritas como precursoras de **Hathor**, originárias das deusas assírias com cabeças de vaca. Essas deusas eram representadas ou com um disco solar entre os chifres ou com cabeça de vaca e corpo de mulher. Por terem criado o universo, elas detinham o poder de vida e de morte, determinando os destinos dos homens e protegendo, principalmente, as mulheres e crianças.

Hathor possuía vários títulos, entre eles o de Vaca Celestial, Rainha do Céu e da Terra, Mãe da Luz e Guardiã dos Cemitérios. Hathor era a mãe do deus solar Ra, assim como de outras diversas divindades. Nas celebrações, suas estátuas eram expostas aos raios solares enquanto as pessoas, adornadas de flores, cantavam e dançavam o dia todo, celebrando os prazeres e as alegrias da vida.

Na Escandinávia, celebrava-se Nat ou Nott, a noite, deusa da Lua, da noite, dos metais, das estrelas e dos planetas. Nat era representada atravessando o céu em sua carruagem feita de todos os metais e adornada com pedras preciosas. Ela conferia a inspiração e a criatividade e, quando invocada, removia as preocupações e a tristeza.

Comemoração da deusa irlandesa Macha, a tríple manifestação da Grande Mãe como atleta, guerreira e rainha. Segundo alguns historiadores, Macha era uma faceta de Morrigan ou Badb, ambas deusas da guerra, cujos animais sagrados também eram os corvos. Macha regia os pilares nos quais eram empaladas as cabeças dos guerreiros mortos em combate, originando, assim, o culto celta da cabeça.

27 de Outubro

Owaqlt, a cerimônia dos melões no vinho, ritual dos índios Hopi para curar e fortalecer as mulheres, vistas como receptáculos para a





semente da vida. Durante esses rituais, consagrava-se a energia geradora e o poder sagrado do ventre da mulher, homenageando-se **A-ha Kachin'Mana**, a Kachina da fertilidade.

Dia da Maçã na Cornuália, Inglaterra. As moças solteiras colocam nesta noite uma maçã sob seu travesseiro para receber em sonho algum presságio sobre seu futuro companheiro. Antes do sol nascer, a maçã devia ser comida em absoluto silêncio, orando para receber alguma mensagem. Sem trocar de roupa ou falar com alguém, a moça deveria sair de casa e sentar-se sob uma árvore. A lenda diz que a primeira pessoa que passar representará características de seu futuro marido. Se ninguém aparecer, deve-se recorrer a sua voz interior.

Para atrair vibrações amorosas e bons presságios para sua casa, prepare uma maçã mágica espetando, em toda sua superfície, cravos e polvilhando-a, depois, com canela e gengibre em pó. Se preferir, faça uma guirlanda com fatias de maçãs entremeadas de pedaços de canela, pendurando-a depois na cozinha. Essas crenças e hábitos populares relacionados ao uso mágico da maçã tiveram sua origem nas antigas celebrações das deusas do amor, a quem as maçãs eram consagradas.

Uma lenda celta descreve como a princesa irlandesa Ailinn morreu de tristeza ao saber da morte acidental de seu amado Baile. Eles foram enterrados juntos e de seus túmulos nasceram duas árvores - uma macieira e um teixo - cujos galhos ficaram eternamente entrelaçados como testemunho de seu amor. A lenda é baseada no arquétipo da deusa Ailinn, padroeira do amor leal e fiel.

28 de Outubro

No Egito, início de Isia, cerimônias de seis dias que comemoravam a morte e a ressurreição de **Osíris**. Havia uma encenação da luta entre Osíris e Seth, simbolizando o combate simbólico entre a luz e a escuridão. Osíris era morto e pranteado por Ísis.

Segundo o mito, Osíris - irmão e consorte de Ísis, deus do rio Nilo e da vegetação - tinha sido morto por seu irmão malvado Seth - deus da escuridão e da morte. Íris rasgou suas roupas, cortou seu cabelo e

começou uma busca desesperada pelo corpo de seu amado esposo. Mesmo após achá-lo, seu sofrimento não terminou, pois Seth despedaçou o corpo de Osíris e escondeu os doze pedaços em vários lugares. Ísis conseguiu recuperar o corpo, menos o pênis, que ela substituiu por um de ouro. Com encantamentos e usando ervas, Ísis ressuscitou Osíris e concebeu, por meio de recursos mágicos, o deus solar Horus.

Reverencie essa antiga trindade e o simbolismo da morte e do renascimento, desapegando-se de algo "morto" em sua vida e renovando, de forma mágica, um projeto ou relacionamento seu.

Celebração de Aida Wedo, a deusa serpente haitiana, guardiã do arco-íris, e de Damballah Wedo, o deus serpente, seu companheiro. Segundo a lenda, Aida Wedo é vista deslizando sobre a terra molhada pela chuva, com sua tiara feita de pedras preciosas formando o arco-íris, iludindo os homens com a promessa do tesouro enterrado no final.

29 de Outubro

Celebração do deus Baal e da deusa Beltis ou **Baalath**, na Fenícia, com fogueiras e ritos sexuais. Baal era o deus da fertilidade, do céu, do Sol, das nuvens e da atmosfera, enquanto Baalath era a deusa da Terra, da natureza e dos nascimentos. Baalath se apresentava de várias formas, fosse usando um disco com chifres lunares, fosse usando uma tiara com serpentes. Um de seus aspectos - Baalath Ashtart - teria vindo do céu, na forma de uma estrela de fogo, caindo no lago Aphaca, onde foi construído seu templo em torno dessa "Pedra do Céu".



Dia das Almas, festa dos mortos na tradição dos índios Iroquois, reverenciando os ancestrais. A deusa criadora e destruidora da vida na mitologia Iroquois é Aataentsic, "A Mulher que caiu do céu", considerada a primeira mulher de sua civilização. Ela regia o céu, a Terra e a magia. Ela curava, mas também provocava as doenças fatais sendo, por isso, entregada da guarda das almas à espera do renascimento. Sua equivalente, na mitologia Zuni, era Awitelin Tsita.



Comemoração de Aditi, a deusa hindu que representava a Mãe Espaço, o próprio cosmo e a criação contínua. Ela gerou várias divindades que também tinham seu nome - as Adityas -, que correspondiam aos meses e aos planetas.

Segundo dia de Isia, com a preparação das réplicas do corpo morto de Osíris com areia e pasta de grãos (cevada). Essas efígies podiam ser molhadas com a água do Nilo, para que as sementes brotassem ou secas ao Sol, embalsamadas e enterradas, para serem desenterradas e celebradas no fim do festival.

30 de Outubro



Angelitos, comemoração mexicana para as almas das crianças abortadas ou natimortas, originada no culto de Xipe Totec, o deus asteca da morte e de **Mictecacihuatl**, a deusa que regia os nove rios que as almas deveriam atravessar em sua passagem. Antigamente, celebravam-se também as seguintes deusas, regentes da vida e protetoras das crianças: Cihuatzin, a mãe e guardiã das crianças; Ilamatecuhtli, “A mulher velha com saia longa”, deusa da Terra e da Lua; Quilaztli, “A mãe guerreira”, protetora das crianças, dos animais e dos pássaros; Tonantzin, a Mãe Terra, deusa dos cereais e da natureza; Teteoinnan, “A mãe das coisas sagradas”, padroeira das parteiras, senhora da fertilidade e da Terra e Toci, “A Avó”, deusa anciã da Terra, guardiã dos poderes de cura e regeneração.

É uma data propícia para reverenciar os espíritos das crianças que não conseguiram nascer ou sobreviver. Se você tiver tido algum aborto, espontâneo ou provocado, encomende um culto ou uma cerimônia em favor dessas almas. Faça um ritual de perdão para si mesma e ofereça durante os próximos nove dias um copinho com leite, uma vela branca e uma flor na frente de uma imagem da Grande Mãe. Ore para que as deusas do destino encaminhem novamente essa alma para você ou para sua família, permitindo, assim, o reencontro e o resgate.

Terceiro dia das celebrações de Isia. De acordo com a localização dos templos, os rituais eram diferentes; todos, porém, enfatizavam o desmembramento do corpo de Osíris, o sofrimento de Ísis e sua busca desesperada para encontrá-lo.

31 de Outubro



Samhain, o mais importante dos oito Sabbats celtas, marcando o início do Ano Novo celta e o terceiro e último festival da colheita. Nesta noite, celebra-se a deusa em sua face escura, como a Anciã, a senhora da morte e da sabedoria, buscando-se o contato com os espíritos dos familiares falecidos e dos ancestrais.

Seguidores da tradição Wicca e druídica do mundo inteiro celebram esse Sabbat com fogueiras, rituais para os ancestrais, uso de adivinhações (bola de cristal, espelho negro, caldeirão com água) e oráculos (runas, tarot, I Ching). Os celebrantes usam trajes especiais, máscaras de animais e lanternas de abóbora, consumindo comidas e bebidas tradicionais (torta de abóbora, maçãs assadas, bolo dos ancestrais). É o único dia em que os celtas procuravam o intercâmbio com o além, “conjurando” espíritos e se comunicando com aqueles que estavam no País do Verão, a terra onde as almas esperam a reencarnação. Segundo as lendas, todos aqueles que tinham morrido durante o ano esperavam o dia de Samhain, quando os véus que separam os mundos são mais tênues, para atravessar as fronteiras. Para guiá-los nessa passagem, eram acesas fogueiras, tochas, velas e as lanternas de abóbora.

Honre essa poderosa egrégora e conecte-se à antiga tradição fazendo um ritual apropriado. Acenda uma vela preta ou roxa e queime nela todos os aspectos negativos ou ultrapassados de sua vida. Ofereça um bolo de abóbora aos ancestrais, uma romã, uma maçã e uma vela branca à Caltech, a Deusa Anciã, pedindo-lhe a transmutação da “escuridão”, a regeneração e o dom da sabedoria. Finalize o ritual procurando uma orientação por meio dos oráculos ou buscando uma mensagem do “além”.

Celebrações gregas dedicadas às deusas Perséfone e Hécate, senhoras do mundo subterrâneo. As versões cristianizadas desses antigos festivais são o Dia dos Mortos e as festas mundanas conhecidas como Halloween.

Quarto dia das celebrações de Isia, com procissões e oferendas públicas e rituais secretos no interior dos templos de Osíris.

Celebravam-se também as deusas solares Bast e Sekhmet, em seus aspectos escuros, como destruidoras do mal e condutoras das almas.

Na antiga Suméria, reverenciava-se Ereshkigal, a deusa da escuridão e da morte, senhora do mundo subterrâneo e irmã de Inanna. Originariamente, ela era um dos aspectos da Mãe Terra, semelhante a Ishtar, Irkalla e Mami, entre outras. Mitos mais recentes descrevem-na como a consorte do deus Nergal, compartilhando do domínio sobre Kigalla - A Terra Morta - ou como a condutora da barcaça das almas, atravessando a barreira entre o mundo dos vivos e seu escuro reino dos mortos.

Em seu aspecto benéfico, Ereshkigal podia permitir aos humanos a retirada de riquezas de seu reino - como pedras preciosas, metais e petróleo - se devidamente honrada e ofertada.

Novembro

Apesar de ser o décimo primeiro mês do atual calendário, Novembro ainda guarda seu antigo nome - *Novem*, significando nove - em referência à sua posição no calendário romano original.

Na tradição celta, o Sabbat Samhain, no primeiro dia deste mês, marcava o início de um novo ano, cujo nome celta era La Shamhna. O nome anglo-saxão era Blotmonath e o nórdico, Herbistmonath e Fogmoon. Os povos antigos chamavam o mês de Lua Escura, Lua da Névoa, Lua da Neve, Lua do Castor, Lua das Tempestades, Lua quando os Alces Trocam os Chifres, Lua do Velório e Mês do Sacrifício.

No calendário sagrado druídico, Beth é a letra Ogham e o álamo, a árvore sagrada. O lema do mês é “purifique-se e prepare-se para novos desafios e mudanças pessoais em sua vida”.

A pedra sagrada deste mês é o topázio e as divindades regentes são Bast, Cailleach, Ferônia, Gaia, Hécate, Holda, Ísis, Kali, Mawu, Nicnevin, Odin, Osíris, Skadi e Tiamat.

Independente do nome, este mês representava uma transição entre o velho e o novo, o tempo de termos e novos começos. A escuridão aumenta, a vida está em declínio e os véus entre os mundos se tornam mais tênues, permitindo a passagem e as comunicações “de além”.

Inúmeras culturas antigas reverenciavam os espíritos dos ancestrais e as almas durante este mês. As celebrações celtas de Samhair proporcionavam o contato com os espíritos dos falecidos e eram dedicadas a Cailleach, a anciã Senhora da Morte.

No Egito, as celebrações de Isia lembravam a ressurreição do deus Osíris com encenações ritualísticas do combate entre as forças do bem e do mal e cerimônias de plantio após o recuo do Rio Nilo.

Ao contrário da atmosfera de tristeza e luto das comemorações cristãs dos mortos, até hoje, no México, o “Dia de Las Muertes” é comemorado de forma alegre e divertida. Os túmulos são enfeitados

com flores coloridas de papel, as famílias se reúnem

para piqueniques no cemitério e comemoram com as comidas e bebidas preferidas dos mortos. As crianças se divertem com doces e brinquedos em forma de esqueletos e caveiras.

Na Grécia, no dia dezesseis, havia uma celebração muito importante para Hécate, a deusa da lua minguante, da noite, das encruzilhadas e do mundo dos mortos. Para reverenciar a deusa e pedir sua proteção, eram deixadas nas encruzilhadas as “Ceias de Hécate”.

Nos países nórdicos, a deusa Hel, Holda ou Bertha era comemorada como a condutora das almas durante “A Caça Selvagem”. Na Escócia, acreditava-se que a deusa Nicnevin também “cavalgava” durante a festa de Samhain, junto com seus adeptos, atravessando o céu noturno.

No Japão, homenageava-se Kami, a deusa do fogão e das mulheres que preparavam a comida. No Tibet, havia o Festival das Lanternas e os Incas tinham seu festival dos mortos, que era chamado de Ayamarca.

Com o fim do ano se aproximando, reserve este mês para completar ou finalizar seus projetos e compromissos. Descarte tudo aquilo que não lhe serve mais, livre-se dos “pesos mortos” para abrir novos espaços e reflita sobre os ciclos da vida e da natureza. Reverencie os espíritos de seus ancestrais e familiares, aceite a partida deles sem tristeza e ore por sua evolução espiritual.

1º de Novembro



Celebração, no Egito, do quinto dia de Isia, o encontro do corpo de Osíris por Ísis e Nephtys.

Procissões de barcos levavam as réplicas de Osíris morto para seus templos. As pessoas choravam e lamentavam sua perda. A dor de Ísis causava a seca do Rio Nilo.

No calendário cristão, celebra-se o Dia de Todos os Santos, criado no século II para assimilar as antigas celebrações celtas de Samhain. As fogueiras foram trocadas por velas e as antigas divindades foram substituídas por todos os santos.

Na Bretanha, neste dia, ofereciam-se bolos, vinho e leite nos túmulos dos entes queridos. A família permanecia em vigília a noite toda à luz das tochas, que iluminavam o caminho das almas que retornavam para comemorar junto com os parentes vivos.

Nos países eslavos e nórdicos, havia verdadeiros banquetes nos cemitérios confraternizando os mortos e os vivos.

Na Escandinávia, faziam-se rituais e oferendas invocando as deusas Hel, a senhora do mundo das almas e Tuonetar, a Rainha dos Mortos, para que elas cuidassem e orientassem as almas durante sua passagem e espera por uma nova reencarnação.

Na Inglaterra, as pessoas oravam enquanto comiam os bolos de oferenda ainda quentes. Depois, saíam às ruas coletando dinheiro para preparar as celebrações comunitárias. Esse hábito degenerou nos atuais costumes de Halloween, nos Estados Unidos, com as brincadeiras de “trick or treat”, as crianças indo de casa em casa pedindo doces, frutas e moedas. Esse costume lembra as antigas crenças de oferecer “subornos” aos espíritos zombeteiros e aos seres elementais para que eles não perturbassem as celebrações.

Na Irlanda, comemoravam-se as Banshees, espíritos ancestrais femininos que choravam anunciando que alguém em suas antigas famílias havia morrido. As pessoas temiam que essas Fadas Escuras pudessem assustar ou prejudicar os mortais. Para repeli-las, usavam objetos de ferro.

Para conquistar sua boa vontade, realizavam-se rituais, acendendo fogueiras e fazendo oferendas. As chaminés das casas eram limpas e o fogo era mantido aceso o tempo todo, aquecendo e iluminando os espíritos familiares que vinham visitar suas antigas moradias. As pessoas jogavam nozes, avelãs e maçãs nas fogueiras buscando presságios e fazendo adivinhações para o próximo ano.

O uso das frutas nos rituais celtas é reminiscência do antigo festival romano de Pomona, que celebrava a colheita dos últimos frutos e sua armazenagem para os dias frios de inverno.

No País de Gales, as pessoas, ainda hoje, encenam a perseguição da porca preta. A porca representa o frio, a escuridão e a morte e sua perseguição lembra os antigos sacrifícios de animais realizados nesse dia.

No México, altares são preparados em cada casa e são decorados com flores, principalmente calêndulas. Neles, são colocadas as comidas e bebidas preferidas dos falecidos ou reproduções, em açúcar, dos pratos tradicionais. Para os “angelitos”, as almas das crianças, as comidas não levam tempero, havendo muitos doces e frutas nos altares.

Dia consagrado a todas as deusas “escuras” como Cailleach, Cerridwen, Ereshkigal, Hécate, Hel, Kali, Morrigan, Nephthys, Oya, Samia, Scota, Sedna e Tara.

Dia considerado extremamente nefasto para casamentos, atraindo azar, divórcio ou viuvez.

2 de Novembro

Festival de **Odin**, celebrado como o senhor das almas e do mundo astral. Neste dia, eram encenados os mistérios da vida, morte e renascimento com mímicas, cantos e oferendas para as almas dos mortos.

Odin, ou Wotan, em seu aspecto de senhor da guerra e da morte, escolhia as almas dos guerreiros, sendo auxiliado, nessa tarefa, pelas Valquírias, as deusas guerreiras. Esses guerreiros, os mais valentes que morriam em combate, eram selecionados para lutar na batalha final de Ragnarok, o apocalipse. Cavalgando Sleipnir, seu



cavalo de oito patas, Odin voava pelos céus noturnos, cercado de corvos, buscando, durante a “Caça Selvagem”, as almas perdidas para encaminhá-las a uma nova encarnação.

Sexto dia de Isia, celebrando a ressurreição de Osíris do mundo dos mortos. As pessoas festejavam com danças, músicas, alegorias, mímicas e oferendas. Novas estátuas eram oferecidas a Osíris e o Tet, uma coluna representando o “phallus” de Osíris, era erguido para simbolizar sua força geradora e regeneradora.

Dia das Almas no calendário cristão, comemorando-se, no México, o segundo dia dos mortos.

Ao contrário da atmosfera fúnebre e triste das comemorações cristãs, no México ainda prevalece a antiga concepção sobre a morte, como uma etapa natural e normal do processo da vida. Em vez de chorar e lamentar a “passagem” dos entes queridos, o povo mexicano celebra a morte de forma alegre, divertida e colorida. Há toda uma indústria de doces, brinquedos, enfeites, lâmpioes e decorações em forma de esqueletos e caveiras. As crianças comem e brincam com as caveiras, sem terem medo, como as crianças em outros países. As famílias, vestidas com roupas coloridas, fazem piqueniques nos túmulos enfeitados com flores de papel e iluminados com velas, compartilhando com os falecidos o “pan de muerto”, as “enchilladas”, os “tacos” e os doces em forma de caveiras.

Na Inglaterra, o Dia das Almas é festejado com oferendas de “bolos das almas”, colocados nos túmulos ou distribuídos para os pobres.

Pomônia, festa do final da colheita dedicada à deusa romana Pomona, protetora das árvores frutíferas e personificação do outono.

3 de Novembro

“Hilaria”, o último dia das celebrações de Isia com o renascimento de Osíris pelo leite de Ísis, festejando a continuidade da vida.

O ciclo outonal das celebrações egípcias para Ísis e Osíris era chamado de “Zetesis e Heuresis”, ou seja, “a procura e a descoberta”. Considerado o equivalente egípcio das celebrações gregas para Deméter e Perséfone, os Mistérios



Eleusínios, esse festival continuou existindo durante o Império Romano e teve uma influência muito grande na estruturação inicial do cristianismo.

Peregrinação para as fontes sagradas na antiga Grã-Bretanha, reverenciando as deusas da água Beag, Boann, Borvonia, Brighid, Coventina, Sequana, Sulis e Triduana. Na Idade Média, os peregrinos que buscavam a cura bebiam e se banhavam na famosa fonte de Santa Winefrida, em Wales, uma antiga fonte sagrada da deusa Brighid.

Na tradição gaélica, acreditava-se que neste dia começava um novo ciclo para a iniciação da alma, sendo finalizado no Sabbat de Imbolc, no dia 1º de Fevereiro. É um dia propício para dar início a um novo projeto ou empreendimento.

4 de Novembro

Nos países celtas, dia de retornar às atividades e começar novos projetos após as celebrações de Samhain.

Na Inglaterra, na noite deste dia, celebrava-se o **Senhor da Morte**, o deus da face escura cujo reinado começava após o Sabbat Samhain, juntamente com o da Anciã, a manifestação da face escura da deusa. Ele governava a metade escura do ano (outono e inverno) e a caça e a morte da vegetação, dos animais e dos homens. Seu símbolo era o azevinho. Reminiscências dessa celebração ainda permaneceram na Bélgica, como a Missa de São Humberto, em que se encena o combate entre um padre e um cervo, ou seja, a perseguição de Cernunnos, o deus cornífero, pela nova religião.



Nos países eslavos, homenageavam-se as deusas da morte. De acordo com o país de origem, elas eram conhecidas com vários nomes. Na Sérvia, Chuma surgia coberta por um véu branco, indo de casa em casa para conversar com aqueles cuja morte era próxima. Mora era uma mulher alta, magra e pálida; caso a morte fosse causada por doenças incuráveis, ela se apresentava com a pele negra, olhos de cobra e patas de cavalo. Smer era reverenciada, na antiga Rússia, com cânticos e rituais de exorcismo.

Comemoração celta das deusas Tea e Tephí, fundadoras de Tara, o antigo centro religioso e político da Irlanda.

Festival grego de Oschophoria, celebrando a colheita das uvas com procissões, corais, banquetes e corridas de jovens do templo de Dioniso até o santuário de Athena.

5 de Novembro



Comemoração nativa norte-americana de Sussistinako, "**A Mulher Aranha**", a criadora da vida, mãe e guardiã das tribos e da vida familiar. Ela criou o fogo, os raios, a chuva, o arco-íris, teceu os fios da criação e gerou todos os seres.

Sussistinako também tem seu aspecto escuro: ela é a "Bruxa", a mãe devoradora, representada como uma enorme aranha preta que destrói para poder renovar-se.

Na Melanésia, acreditava-se que, antes de a alma fazer sua passagem para o mundo dos mortos, ela deveria enfrentar Le Hev Hev, a deusa representada por uma aranha ou um caranguejo gigante. Se a alma não passasse pelos testes da deusa, era devorada por Le Hev Hev, nome que significa "aquela que nos atrai com um sorriso para nos jantar".

Wuwuchim, cerimônia do fogo dos índios Hopi celebrando Masaw, o deus da morte. No decorrer dos dezesseis dias dessas celebrações, os rapazes eram submetidos a rituais de iniciação, sendo depois apresentados à comunidade dos adultos.

Na Inglaterra, anualmente, os rapazes de Shebbear se reúnem neste dia para virar uma enorme rocha vermelha chamada "a pedra do diabo". Esse hábito secular visa conjurar poderes mágicos e trazer paz e prosperidade a todos. É uma reminiscência dos antigos rituais de fertilidade e reverência às pedras sagradas e aos poderes ocultos da Terra.

6 de Novembro

Dia de **Tiamat**, a Grande Mãe da Babilônia, personificação de Iohu Bohu, o "Grande Vazio".

Conta a lenda que foi do corpo de Tiamat que o universo foi criado. O mito original afirma que essa criação foi feita apenas pela

Grande Mãe. Modificações posteriores incluem a participação de seu filho, Marduk, que teria matado a mãe e dividido seu corpo em duas metades: da superior criou o céu e da inferior, a Terra. Em outros mitos, Tiamat tem um consorte, Apsu, o deus do céu, cuja função era fertilizar o Grande Vazio da Mãe com seu líquido seminal, representado pela chuva. Ele, no entanto, não era seu superior, nem mesmo seu igual, pois Tiamat era a verdadeira fonte de criação. Vários mitos descrevem o processo de criação como um fluxo contínuo de energias originadas do sangue menstrual de Tiamat, armazenado no Mar Vermelho ou Tihamat, em árabe. Foi essa a razão pela qual, mesmo após a interpretação patriarcal do mito, na qual foi acrescentada a figura de Marduk - que teria matado Tiamat, o dragão do caos e criado o mundo com seu sangue -, foi mantido na Babilônia, durante muito tempo, o calendário menstrual, celebrando os Sabbats e nomeando os meses do ano de acordo com as fases da Lua.



Na Índia, celebração das deusas Makaris, representadas por animais anfíbios, provavelmente crocodilos ou peixes gigantes, com patas de antílope e cabeças de corças. Elas eram consideradas deusas criadoras e chamadas de “peixes ígneos da vida”.

7 de Novembro



Na Grécia, na noite deste dia, comemorava-se **Hécate**, antiga deusa da Terra originária da Trácia e reconhecida pelos gregos como uma Titã, divindade pré-olímpica honrada e respeitada pelo próprio Zeus.

Na mitologia grega, Hécate é a rainha da noite, a senhora das encruzilhadas, a anciã de três rostos regente da lua minguante e condutora das almas. Ela era invocada para proteger os gregos das almas errantes, dos perigos nos caminhos e dos espíritos zombeteiros.

Dia dedicado a Thea, deusa pré-helênica da luz, do Sol, do dia e da Lua. Thea era uma das Titânides, filha de Gaia e Urano, mãe de Hélio - o Sol -, Eos - a aurora - e Selene - a Lua. Nada restou do culto dessa antiga

deusa, cujo nome significava apenas “deusa”. Como muitas outras deusas gregas antigas, ela foi substituída por divindades dos invasores indo-europeus que assumiram seus atributos.

Comemoração de Gwynn Ap Nudd, antigo deus celta soberano do mundo subterrâneo e senhor das almas. Sua morada era em Avalon, dentro da montanha Tor, que era guardada por seres elementais.

Makahiki, o festival da colheita no Havaí, celebrando Lono, o deus da terra, por toda uma semana, chamada de “Semana Aloha”.

8 de Novembro

No Japão, celebração do festival shintoísta Fuigo Matsuri, homenageando **Hettsui No Kami**, a deusa do fogão, da cozinha e da organização do lar. Os antigos japoneses honravam, também, Apemeru-ko-yan-mat, “a mulher que acende o fogo”, deusa guardiã da lareira extremamente importante na hierarquia religiosa. As mulheres da civilização Ainu veneravam-na como sendo sua ancestral, dedicando-lhe um altar na cozinha. Neste dia, as donas de casa não precisavam trabalhar, apenas festejar e receber homenagens.



Reverencie, neste dia, as deusas da lareira e do lar, inclusive você mesma, renovando ou melhorando a organização de sua cozinha. Além de adquirir alguns utensílios novos, defume o ambiente com erva doce, alecrim e manjericão para harmonizá-lo, coloque um pour-pourri de especiarias para aromatizá-lo, uma réstia de alho para protegê-lo e um vaso com flores para as fadas. Festeje indo almoçar fora ou presenteie a pessoa que cozinha para você.

Festival romano Mania, comemorando os Manes, espíritos do mundo subterrâneo. Comemore você também procurando estabelecer contato com eles.

Oferendas de inhames aos espíritos ancestrais no Haiti, invocando suas bênçãos para assegurar a colheita do ano seguinte.

9 de Novembro



Antiga celebração Loy Krathong, na Indonésia, a “Festa das Luzes” para acalmar as deusas da água.

Reverenciavam-se Annawan, a deusa do mar, para impedir os furacões; Dara Rambai Geruda, que provocava afogamentos quando irritada; Dewi Danu, que fornecia água potável; Inan Oinan, a “Mãe das Águas”; Inawen, a deusa do oceano, a quem se ofereciam arroz e sangue de galinha; Karo Kung, a deusa do rio que podia provocar febres e infecções; Minti Dara Bunsu, que podia ajudar ou afundar os mergulhadores; Njai, a senhora dos mares, que governava todos os espíritos da água de seu lindo palácio no fundo do mar e a quem todas as pessoas recorriam em busca de proteção e ajuda e Nyai Loro Kidul, a sereia que atraía os jovens, a quem se ofereciam cocos, cabelos e unhas para apaziguar seu gênio.

Atualmente, as pessoas participam de um ritual para pedir a realização de seus pedidos. Preparam-se pequenos barcos de folhas de bananeiras colocando-se neles velas, flores de lótus e gardênia, moedas e incenso, juntamente com papéis com pedidos escritos. Ao soltar os barquinhos na correnteza dos rios, as pessoas murmuram seus desejos e alegram-se caso as velas permaneçam acesas até os barquinhos sumirem de vista, sinal de que seus pedidos serão atendidos pelas deusas das águas.

10 de Novembro

Kali Puji, na Índia, celebrando **Kali**, a terrível deusa escura que eternamente transforma a vida em uma fascinante dança da morte.

Apresentando-se de uma forma atemorizadora, com a pele escura, a língua vermelha saltando da boca, ornada com um colar de caveiras e um cinto de mãos decepadas, Kali é a força do tempo que leva à destruição para que novas formas e novas eras possam surgir.



Kali é uma deusa muito popular na Índia, com seu retrato presente em todas as casas e com seus templos recebendo muitas oferendas, às vezes de sangue, de seus seguidores. Uma vez compreendido seu poder, ela oferece a libertação dos medos, principalmente o da aniquilação e a oportunidade de uma nova visão e aceitação da vida e da morte.

Na Escócia, festival celebrando a deusa Nicnevin, a caçadora selvagem, que rodopia no céu durante a noite para conduzir as almas em sua passagem. A equivalente irlandesa de Nicnevin é Cailleach Beara, a anciã da tríade ancestral da Grande Mãe, juntamente com Cailleach Bolus e Corca Duibhne. Ela regia o inverno, secava a vegetação e soltava os rios nas enchentes.

Celebração da deusa dupla francesa da liberdade e da razão. Após a Revolução Francesa, realizava-se, neste dia, uma grande parada com o desfile de uma mulher representando a Deusa, que era coroada com folhas de carvalho na igreja de Notre Dame, local onde outrora havia um santuário da Deusa.

11 de Novembro



Vinália, a festa de **Dioniso** ou Baco, deus greco-romano do vinho, da geração e da vegetação.

Dioniso era venerado e acompanhado pelas Mênades, sacerdotisas que se vestiam com peles de animais, coroadas com folhas de hera e que praticavam rituais reservados apenas às mulheres, com transes extáticos induzidos pela intoxicação com vinho e ervas, além de orgias sexuais. As lendas contam que as Mênades corriam nuas pelos campos, dançando de forma selvagem ao som de flautas e tambores, às vezes caçando e comendo a carne crua dos animais. Elas perseguiram e mataram aqueles que tentavam apertar seus rituais. Há várias teorias tentando explicar essa “loucura sagrada”, porém, a origem desse culto é muito antiga, proveniente da Pérgia, onde as mulheres reverenciavam as deusas da vida e da morte. Mais tarde, o culto degenerou em manifestações de raiva e violência, até ser substituído pelo culto masculino a Orfeu.

Na Irlanda, celebrava-se o Povo das Fadas, as Lunantishees e a “Senhora Branca”, a rainha dos elfos, com a colocação de oferendas nos espinheiros pretos.

Dia dos Heróis, festival nos países nórdicos homenageando os guerreiros celestes e os heróis dos antigos mitos.

12 de Novembro

Antiga celebração da deusa grega **Praxidike**, a guardiã da justiça, da vingança justa e da recompensa das boas ações. Era ela quem punia aqueles que não honravam seus juramentos. Às vezes, Praxidike ou Praxidicae, era representada como uma mulher com três rostos; outras vezes, aparecia junto a suas irmãs Aulis, Alalkomenia e Thelxinoea.

Algumas fontes citam a deusa Dike e suas irmãs Poena e Adicia como as guardiãs da justiça e da ordem natural e humana, sendo que Dike administrava a justiça e as recompensas, Poena se encarregava das retaliações e retribuições e Adicia representava os atos injustos, sendo controlada e combatida por suas irmãs.

Outras fontes consideram Dike como sendo a filha da deusa da justiça Themis, irmã das Horas e das Moiras ou, como Diceia, sendo uma das Horas, juntamente com Eunomia e Eirene.

Na Escandinávia, celebrava-se Var, um dos aspectos da Mãe Terra, guardiã dos compromissos e juramentos. Como Var via, ouvia e sabia de tudo, ela cuidava para que nenhum parceiro ou cônjuge enganasse o outro. Caso isso ocorresse, ela punia o infrator, defendendo a verdade e se vingando daqueles que mentiam ou quebravam seus juramentos. As mulheres traídas ou abandonadas recorriam sempre a Var, pois somente ela sabia distinguir a verdade das mentiras.

Epulum Jovis, festa no Capitólio, em Roma, comemorando os deuses Júpiter, Juno e Minerva com fogueiras e sacrifícios.



13 de Novembro



Oferendas e rituais de purificação para as divindades das fontes - os deuses Pan, Foris, Bacchus e Dionysus - e as ninfas das águas - Limnades e Ionides -, das quais as mais conhecidas são Isis e Kalliphacia, as ninfas das fontes curativas.

Celebração de Nossa Senhora de Garabandal, na Espanha, um aspecto da Mãe Cósmica, vista por quatro crianças em 1965.

Na Idade Média, este dia era considerado “escuro”, azarento e propício às práticas de magia negra, necromancia e rituais satânicos. Se este dia caísse em uma sexta-feira, seus influxos maléficos aumentavam, conferindo às pessoas nascidas neste dia o poder negativo do mau-olhado e da materialização das pragas ou maldições.

Reserve algum tempo neste dia para “limpar” sua mente. Medite, procurando identificar quais seus padrões mentais negativos e pensamentos derrotistas, desfazendo-se deles e substituindo-os por atitudes otimistas e positivas. Não faça nenhum ritual ou exercício mágico, apenas purifique sua mente e seu coração orando, meditando e invocando os poderes da Luz Maior. Se você tiver nascido neste dia, tenha **sempre** muito cuidado com seus pensamentos e desejos, evitando vibrar na faixa negativa, vingativa, invejosa, derrotista ou pessimista. Jamais pragueje ou deseje mal a alguém, pois existe a lei do retorno.

14 de Novembro

Celebração da deusa celta Mocca e da deusa hindu **Phorcis**, as Deusas Mãe com cabeças de porca, protetoras das famílias e das crianças.

Desde o período neolítico existem representações de deusas da Terra com formas de porcas, por ser a porca um animal extremamente ligado à terra, representando também a fertilidade. Em certos rituais, as mulheres usavam máscaras ou



tatuagens de porcas, fazendo-se sacrifícios ritualísticos de leitões em Creta e durante os Mistérios de Eleusis. Essa reverência pela porca seria uma das explicações de sua abominação pelos povos patriarcais e pelos perseguidores dos cultos matrifocais.

Comemoração da deusa celta da guerra Scatach, a padroeira das mulheres independentes e a guardiã das jovens que buscam sua realização.

Festival esquimó Asking, agradecendo as dádivas das divindades e retribuindo-as com oferendas para as deusas Sedna, Akycha e Apasinasee.

Os esquimós acreditam que possuir bens em demasia traria azar para a comunidade. Por isso, neste dia, jovens com rostos pintados vão de casa em casa recolhendo comida e peles. No final do dia, as provisões são distribuídas para aqueles que não tinham o necessário para sobreviver durante o inverno.

15 de Novembro



Festival Ferônia, dedicado a Feronia, a deusa romana guardiã do calor vital, do fogo criador e do fogo subterrâneo. Sua energia não podia ser contida nas cidades, por isso, seus santuários eram próximos a suas moradas - vulcões e águas termais - onde se faziam grandes celebrações e oferendas. As pessoas caminhavam descalças sobre brasas incandescentes para curar doenças, assistidas pelas preces de seus sacerdotes. Depois, faziam oferendas de frutas à deusa, colocando-as ao redor das fogueiras, agradecendo pela purificação e pela cura.

Festival Shichi-Go-San, no Japão, pedindo proteção para as crianças de três, cinco e sete anos. As crianças são abençoadas nos templos e recebem doces com o formato dos símbolos de saúde e boa sorte. Se você tiver filhos nessas idades, leve-os também nesta data para receber a bênção em algum templo budista.

Bênção das crianças também na Índia, onde são reverenciadas as deusas protetoras e guardiãs das crianças Rohina - uma deusa da cura, representada como uma vaca vermelha - e Surabhi - conhecida como a

“Vaca da Plenitude”, simbolizando os dons da maternidade e o poder de realizar todos os desejos. Surabhi ou Kamadhenu, surgiu da espuma do oceano e cuidava das mães, das crianças, das famílias e dos animais domésticos.

Em Roma, dia de culto a Rumina, a deusa protetora das mães que amamentavam e das crianças que dormiam. Conhecida como “O seio materno”, Rumina era homenageada com oferendas de leite, colocadas próximas às figueiras pelas mães que desejavam ter leite suficiente para amamentar seus filhos.

16 de Novembro

Festival hindu Diwali em homenagem a **Lakshmi**, a deusa da prosperidade e da boa sorte e a Sri, um aspecto da deusa Gauri ou da própria deusa Lakshmi, representando tudo o que é benéfico, também chamada Giriputri na Indonésia.



Diwali significa guirlanda de luzes e resume, assim, as características dessa festa muito popular na Índia e no Tibete. Durante os cinco dias do festival, as ruas são iluminadas e soltam-se fogos de artifícios. As casas são limpas, decoradas com flores e imagens de Lakshmi e depois enfeitadas com pequenas lâmpadas, as “diye”. As famílias se visitam, trocando presentes e celebrando com comidas tradicionais, como os bolos de arroz “khil” e os doces “patashe”. Os altares das casas e dos templos são enfeitados com guirlandas de flores e com desenhos tradicionais coloridos, chamados “rangoli”. Colocam-se pequenos barcos feitos de coco com velas nos rios e as crianças andam carregando tochas acesas. Os brahmanes visitam as casas e deixam símbolos e moedas abençoadas para atrair a prosperidade e as bênçãos da deusa. Trocam-se os livros de contas nas lojas e compram-se novas imagens de Lakshmi para carregar nas tochas.

Noite de Hécate Trívia, a senhora das encruzilhadas, padroeira das feiticeiras. Nos países de tradição celta, ao pôr-do-sol deste dia, começa o Festival de Hécate, com oferendas de ovos galados, romãs,

maçãs, velas e pêlos de cachorro preto nas encruzilhadas, pedindo sua proteção e orientação nos momentos de decisão.

Celebração da deusa celta da magia Tlachtga, a senhora dos raios, padroeira das revelações súbitas. Na colina com seu nome eram celebrados os Sabbats de Samhain.

Festival de Bast, a deusa egípcia com cara de gato que representava as qualidades benéficas dos raios solares.

17 de Novembro



Dia de Santa Hilda, a padroeira das profissionais, modernização da deusa nórdica **Holda**.

Holda ou Holla, era uma antiga deusa da Terra e da natureza, padroeira das mulheres e dos assuntos domésticos. Ela presidia os lagos, os rios, o cultivo e a fiação do linho, a lareira e a maternidade. Originariamente, Holda possuía uma simbologia muito complexa; porém, com o passar do tempo, prevaleceu seu aspecto escuro, como a condutora das almas, acompanhando a Caça Selvagem e voando sobre vales e montanhas nos rodopios dos ventos. Quando chovia, acreditava-se que Holda lavava suas roupas; quando nevava, que ela sacudia seus travesseiros. Costumava ser representada de forma pejorativa nos contos de fada, como uma velha feia e furiosa, apelando-se a essa imagem para assustar as crianças desobedientes.

Comemoração de Poldunica, a deusa eslava da morte e do calor do meio-dia. Ela era vista como uma mulher pálida, que sobrevoava os campos matando as pessoas com o toque de sua mão. Na Morávia, ela costuma ser descrita como uma velha com os olhos esbugalhados e cabelos de cavalo. Na Polónia, ela surge como uma mulher alta, carregando uma foice, que faz perguntas difíceis às pessoas; caso elas não soubessem respondê-las, ela os matava. Na Rússia, ela era uma linda mulher, que torcia suavemente os pescoços de sua vítima, enquanto que na Finlândia ela raptava as crianças que andassem sozinhas ao meio-dia.

Último dos três festivais anuais dos mortos na China. Queimam-se efígies de papel e notas de dinheiro inscritas com o nome dos familiares falecidos como oferenda para os ancestrais.

Invoque neste dia a deusa Holda para pedir ajuda, proteção, promoção e sucesso em sua profissão, agradecendo-lhe com oferendas de moedas e um símbolo de seu trabalho por sua realização e independência.

18 de Novembro

Festa de **Ardvi Sura Anahita**, a deusa persa da Lua, da noite, das estrelas, da água, do amor e da sexualidade, criadora e guardiã da vida.

Chamada de “A Força Imaculada da Água”, ela era a mais popular das sete principais divindades do panteão Zoroastriano. Ela regia a água (a força fertilizadora da terra), presidia na concepção e geração das crianças (purificando o sêmen e fortalecendo o útero), mas também governava a guerra, surgindo em sua carruagem puxada por quatro cavalos que representavam o vento, a chuva, as nuvens e o granizo. Era associada à sexualidade sagrada e aos rituais orgiásticos. Equivalente às deusas Anath e Anahit, ela era conhecida, na Babilônia, como uma deusa da guerra e do amor. No Egito, era chamada Anthrathi, a Senhora do Céu e na Armênia, era denominada Anahit. Na Grécia, foi chamada de Anaitis e seu culto originou o de Afrodite. Independente do lugar e do nome, essa antiga e poderosa deusa era venerada pelas mulheres que invocavam seu poder à luz das estrelas, cantando seu nome sagrado.

Nesta noite, entre em sintonia com essa egrégora milenar. Apague-se um pouco das luzes da cidade, vá para o campo e admire a beleza e a imensidão do céu estrelado, conectando-se aos seres espirituais de outras dimensões e com as deusas da Lua e das estrelas. Se vir uma estrela cadente, peça à deusa Ardvi a realização de um pedido seu.

Celebração egípcia da deusa Anta, a senhora do céu, equivalente às deusas Anthat e Anthrathi, adaptações egípcias das lendas assírias.

19 de Novembro

Bharatri Dwitya, o festival hindu dos irmãos e irmãs, celebrando o deus Yama e a deusa **Yami** ou Yamuna.





Yami era considerada a mãe da raça humana, enquanto seu irmão Yama era o senhor da morte. Yami também era a padroeira dos rios, principalmente do Rio Yamuna. No Tibet, a vaca e o cachorro, os animais consagrados a esses deuses, são venerados, sendo ornamentados com guirlandas de flores e amplamente festejados neste dia. Os homens e as mulheres são considerados iguais, companheiros e parceiros na vida, desfrutando dos mesmos direitos e privilégios.

Celebração filipina de Bugan, a criadora da vida e de seu irmão e consorte Wigan. Considerados os padroeiros dos partos, foram os dois que criaram os primeiros seres humanos após o grande dilúvio.

Aproveite a data e visite ou ligue para seus irmãos carnisais. Na ausência deles, confraternize-se com todos aqueles que são seus irmãos espirituais. Vejam-se como parte do Todo, filhos de uma mesma Mãe Divina, irmanados com todos os outros seres.

20 de Novembro

No México, celebra-se a **Virgem de Guadalupe**. Segundo a lenda, a Virgem Maria apareceu, em 1531, para Juan Diego, um humilde camponês índio. Na forma de uma mulher jovem, com pele escura, envolvida por uma nuvem luminosa, a Virgem disse-lhe, em nahuatl - a língua nativa -, para pedir ao Arcebispo do México que construísse uma igreja na colina de Tepeyac. Para convencer o bispo da autenticidade da mensagem, a Virgem imprimiu sua imagem nas roupas do camponês. Nos tempos pré-hispânicos, a colina de Tepeyac abrigava o templo da deusa Tonantzin, a Mãe Terra, senhora da Lua. Essa aparição deu-se após a conquista do México pelos espanhóis, servindo de consolo e apoio aos índios, que lamentavam a perseguição e abolição de suas divindades.

Modrenacht, "A Noite da Mãe", o festival odinista do inverno. Nesta noite, no antigo calendário saxão, celebrava-se o solstício de inverno.



inverno, quando a criança solar nascia da Deusa Mãe. Esta data sempre foi muito importante, tendo precedido a escolha cristã para a celebração da Natividade. Durante esta noite, as pessoas tinham sonhos proféticos e divinatórios. Acreditava-se que os animais podiam falar e que a água de certas fontes sagradas se transformava no sangue sagrado da Mãe Divina.

Dia de Praetextatus e Paulia, os guardiães dos Mistérios Eleusínios, que permitiram a continuação das celebrações apesar de sua interdição pelo imperador cristão Valentiniano.

Makahiki, a celebração das Plêiades no Havaí, outrora o início do Ano Novo. A aparição das Plêiades no céu era saudada com muitas festas e alegria, as pessoas cantando, dançando e agradecendo o término das colheitas. As Plêiades ou as Sete Irmãs, tiveram grande importância em várias tradições e celebrações antigas, como na Índia pré-védica, nos cultos a Afrodite e Ártemis, nas celebrações do Ano Novo na Babilônia, Ásia, Grécia e América Central, nos mitos egípcios e greco-romanos e nas crenças da Idade Média, com a suposição de que a sétima filha de uma família ou seria bruxa ou vampira.

Dia internacional para abandonar o nocivo ato de fumar. Participe você também desta campanha, direta ou indiretamente.

21 de Novembro

Celebração da deusa **Cailleach**, a senhora da noite e da morte.

Uma das mais antigas e reverenciadas deusas celtas, Cailleach foi conhecida sob inúmeros nomes: Cailleach Bheur ou Carlin, na Escócia; Cally Berry ou Cailleach Beara, na Irlanda; Cailleach my Groamch, na Ilha de Man; Black Annis, na Bretanha e Digue, no País de Gales, todas equivalentes da deusa hindu Kali.

Cailleach regia o céu e a Terra, o Sol e a Lua, o tempo e as estações. Ela criava as montanhas com as pedras que carregava em seu avental, mas também trazia aos homens as doenças, a velhice e a morte. Seu nome não



aparece nos relatos escritos, apenas nas antigas lendas e crenças ligadas aos lugares que levam seu nome. Acredita-se, por isso, que ela era uma divindade pré-celta, trazida pelos povos colonizadores das Ilhas Britânicas, vinda do leste europeu, possivelmente da Índia. Nas lendas medievais, ela é descrita como a Rainha Negra ou a Velha Bruxa, seu nome passando a ser sinônimo de mulher velha. Cailleach é a guardiã do portal que leva à parte escura do ano, iniciada no Sabbat de Samhain e é invocada nos rituais de morte e transformação, com muita seriedade e profundo respeito.

Dia do deus maia Kukulcan, a Serpente Emplumada, o primitivo deus tolteca que foi, posteriormente, sobrepujado pelo deus Quetzalcoatl.

22 de Novembro

Dia dedicado à deusa greco-romana **Ártemis/Diana**, celebrando a entrada do Sol no signo de Sagitário.

Dia de Santa Cecília, a padroeira dos músicos, uma modernização da deusa Callisto, padroeira da música. Callisto era uma antiga deusa pré-helênica das montanhas da Arcádia, personificando a força do instinto e sendo representada ora como uma jovem atleta, caçadora, correndo velozmente pelas florestas, ora como a poderosa e amorosa Mãe Ursa. Com a chegada das tribos invasoras gregas, sua imagem e seus atributos foram incorporados aos da deusa equivalente, Ártemis, transformando Callisto em uma simples Ninfa. Quando Callisto morreu acidentalmente, Ártemis - que gostava muito dela - assumiu seus atributos e símbolos, mudando seu próprio nome para Ártemis Calliste.

Celebre a Deusa Caçadora meditando a respeito do alvo que você quer alcançar. Prepare seu arco - seu equilíbrio - e sua flecha - sua determinação. Aguce seu instinto, chame seu animal de poder, invoque a Deusa e confie em seu sucesso.



23 de Novembro

No Japão, celebração shinjosai dedicada a **Konohana Sakuya hime**, deusa das cerejeiras, neta da deusa solar Amaterasu. Esta deusa, cujo longo nome significa "senhora que faz as árvores florescerem", era filha do deus das montanhas e irmã da deusa das pedras, ela mesma regente da Terra, da natureza, do fogo e das cerimônias. Uma forma alternada é Kaguya-hime-no-mikoto, a Princesa Lunar; seu nome significa "beleza e brilho" e seu dom para a humanidade foi a árvore e o aroma de canela.

Na Indonésia, comemoração da Donzela das Bananas, uma deusa da terra e da vegetação, cuja lenda é similar à da deusa japonesa.

Antiga celebração de Zytiniamatka, a deusa alemã da agricultura, cultuada na Prússia como A Mãe do Milho. O milho sempre foi um símbolo importante em várias mitologias. Em várias partes do mundo há celebrações dedicadas às Mães do Milho, simbolizando a fertilidade e a abundância da Terra.

Nihinahe, festival japonês celebrando a colheita do arroz e a preparação do saquê (licor de arroz).

Na Índia, comemoração de Sita, a deusa da terra, da natureza e da agricultura.

24 de Novembro

Antiga comemoração de **Berchta** ou **Bercht**, a Deusa Mãe da Alemanha e da Áustria. Chamada de "Mulher Elfo", ela sobrevoava a terra envolta em seu manto de gubina e fertilizava os campos e os animais. Como não tolerava a preguiça, ela inspecionava os teares e, caso encontrasse algum trabalho malfeito ou alguma casa em abandono, ela arranhava ou feria a tecelã desobediente. Em suas festas, as pessoas comiam panquecas e bebiam leite,



deixando uma parte para Berchta. Ela vinha comer furtivamente e, caso alguém espiasse, recebia como castigo uma cegueira temporária.

Festa das Lamparinas no Egito, honrando e celebrando as deusas da luz e dos nascimentos Ahi, Heket e Meshkent com orações, libações e rituais de queima de lamparinas especiais.

Na Grécia celebrava-se, neste dia, Vesta, a deusa do fogo sagrado e protetora dos lares.

Festival japonês Tori No Ichi para atrair os bons espíritos. As pessoas carregam pelas ruas quadrados de bambu decorados com símbolos de boa sorte.

Sintonize-se com esta data e acenda uma vela ou uma lamparina, ofereça um pedaço de bolo e um pouco de leite para a deusa Berchta e peça-lhe incentivo, criatividade e perseverança em seu trabalho.

25 de Novembro



Festa de **Gaia** ou Gea, a deusa grega da Terra. Segundo o mito, no início havia apenas o caos, sem forma. Dele surgiu Gaia, a Mãe Terra, que criou o tempo e o céu. Ao se unir a seu filho Urano, Gaia gerou todas as outras divindades, além de inúmeras criaturas. Mesmo depois de seu culto ter sido substituído pelo das divindades do Olimpo, os gregos ainda honravam-na, colocando cevada e mel nas fendas da superfície da Terra. Também era para Gaia que eram feitos os mais sagrados juramentos, sendo ela a inspiradora de todos os oráculos.

Cerimônia do Milho dos índios norte-americanos, honrando nas tribos Zuni, as Seis Donzelas do Milho (que representavam as cores do milho); nas tribos das planícies, a Mãe do Milho; nas tribos do Norte, a Avó Nokomis.

Dia da bênção dos moinhos de vento na Holanda. Neste dia, os donos dos moinhos espalham no ar farinha ou fubá para apaziguar os espíritos malévolos dos ventos.

Neste dia, nos países celtas, as mulheres festejavam o “Dia de alegria das mulheres”, com músicas, danças e rituais celebrando os mistérios femininos.

Comemoração, no calendário cristão, de Santa Catarina, a padroeira das mulheres solteiras.

Honre Gaia, a nossa Mãe Terra, oferecendo-lhe cereais ou fubá e assumindo o compromisso de colaborar na manutenção do equilíbrio ecológico e planetário. Reúna um grupo de mulheres e compartilhem seus problemas, anseios e realizações. Orem para que Gaia lhes dê força e alegria. Dêem-se as mãos, formando uma corrente e irradiando harmonia e amor para o planeta.

26 de Novembro

Comemoração de **Coventina**, a deusa celta das fontes, cultuada na Bretanha e na Espanha. Chamada de “A Deusa do Divisor das Águas”, Coventina era considerada uma deusa da água, do destino, da vida e das cerimônias. Semelhante a outras deusas celtas dos rios como Boann, do Rio Boyne; Belisama, do Rio Mersey; Sulis, do Rio Bath; Sinann, do Rio Shannon ou Sequana, do Rio Sena, Coventina regia o Rio Carrawburgh, sendo representada como uma mulher vertendo água de uma urna, simbolizando o conhecimento e a cura. Todas essas deusas eram reverenciadas com ritos de fertilidade e oferendas em suas fontes sagradas. Até hoje, na Ilha de Maiorca, as pessoas perpetuam “a dança da eterna”, cujos passos ondulantes e em zigue-zague lembram as antigas danças sagradas das deusas dos rios e da chuva.



Festival tibetano das luzes dedicado aos deuses e deusas da luz. Reverenciavam-se Nang-gsal-ma, a senhora da luz e do fogo e Tho-og, a Mãe Eterna, o ser primordial. Representada pelo espaço preexistente a qualquer criação, Tho-og é equivalente à deusa hindu Aditi.

No Senegal, ritos de iniciação dos meninos na puberdade.

Celebre as deusas das águas. Vá a seu habitat (rio, fonte ou cachoeira) e ofereça-lhes uma vela branca, flores, um objeto ou moeda de prata e um espelho. Peça-lhes que ajudem-na a deslizar suavemente no rio de sua vida, contornando os obstáculos e refletindo harmonia, serenidade e suavidade.

27 de Novembro



Celebração Gujeswari, no Nepal e de Parvati-Devi, na Índia, comemorando a **Deusa Mãe** do Universo, dividida em três manifestações ou três mães hindus: Sarasvati, representada pela cor branca; Lakshmi, pela cor vermelha e Parvati, pela cor preta.

A religião hindu é politeísta, atribuindo muitos nomes e formas ao poder divino, mas é também monoteísta, por reduzir todas as manifestações da divindade a uma só deusa, Devi. Mesmo que existam deuses com poder maior que as deusas, sem Devi não haveria nada, pois foi ela quem gerou todas as forças e formas, criando a unidade e a separação e organizando o caos. Todas as deusas são Devi, seja a dourada Gauri, a tenebrosa Kali, a brincalhona Lalita, a valente Durga, a sábia Sarasvati, a poderosa Parvati ou a linda Lakshmi. Mesmo que a cultura indiana pré-védica tivesse sido absorvida e modificada pelos invasores indo-europeus, o culto a Devi permaneceu e reapareceu nos movimentos shákticos e tântricos.

Nas comemorações, durante todo este dia, recitam-se orações e, ao pôr-do-sol, procissões entoando cânticos sagrados vão para os templos das Deusas, levando suas oferendas.

Entre em sintonia com esta milenar e poderosa egrégora e faça uma meditação para se conectar à manifestação de Maha Devi - a Grande Mãe - e pedir-lhe para ajudar e iluminar sua vida neste momento. Acenda um incenso de lótus, uma lamparina ou vela, entoe o mantra OM, toque um sino e espere a energia de Devi se manifestar de forma luminosa, amorosa ou poderosa em sua mente ou em seu coração.

28 de Novembro

Celebração anual de **Chokmah** ou Hokhmah, a deusa hebraica da sabedoria e da verdade, chamada de Sophia pelos gregos, de Sapiencia pelos romanos e cristianizada como Santa Sofia. Na mitologia hindu, suas equivalentes são Prajna, a personificação do princípio feminino da sabedoria e da inteligência e Vac, a deusa da comunicação, da

conhecimento e da sabedoria oculta, mãe dos Vedas, inspiradora dos videntes e detentora do poder mágico.

Nas escrituras judaicas, Hokhmah era a personificação da sabedoria, aparecendo como companheira de Jeová, igual a ele em poder e conhecimento. Suas representações são diversas: pode aparecer velada, iluminada, como uma árvore cheia de frutos ou como uma mulher sábia e cheia de dons. Por meio desses dons as pessoas podem aprender as artes, os trabalhos manuais, a política ou o discernimento justo. Para os gnósticos, ela é co-criadora dos Anjos e Arcanjos, coexistindo e colaborando com Deus na criação. Para alguns estudiosos, ela é o Espírito Santo da trindade cristã. Para os filósofos helênicos, Sophia era o Espírito de Deus responsável pela espiritualidade da alma humana.

Contemple essa bonita imagem e medite sobre sua verdade interior e sobre a sabedoria necessária para poder afirmá-la e vivê-la. Invoque as deusas da sabedoria e inspiração antes de suas meditações para que elas possam lhe abrir novos canais de conhecimento e comunicação.



29 de Novembro

Festa de **Sekhmet**, no Egito, a deusa solar com cabeça de leão, a face destruidora da deusa Hathor. Sekhmet é a contraparte da deusa solar com cabeça de gato Bast, que representava as qualidades nutritoras do Sol.

Segundo o mito, Sekhmet ficou tão desgostosa e decepcionada com a decadência e a violência da humanidade que decidiu aniquilá-la. Sua fúria tornou-se tão terrível, matando milhares de pessoas, que o próprio deus Ra interveio. Ele misturou uma grande quantidade de cerveja com suco de romã e ofereceu a bebida a Sekhmet, em vez de sangue humano. De fato, após beber e cair em sono profundo, a deusa acordou sem sentir mais raiva. Essa bebida era preparada e consumida neste dia, honrando, assim, essa antiga deusa solar.



Também celebrava-se outra deusa egípcia leonina, Mehit, representada pelas montanhas atrás das quais nascia o Sol e um dos aspectos de Tefnut, a deusa da aurora.

Neste dia, segundo as antigas lendas romenas, os vampiros acordavam e se levantavam de seus túmulos, após um descanso de um ano, saindo em busca de sangue humano. Como proteção, colocavam-se cruzeiros de madeira e réstias de alho atrás das portas e das janelas, evitando-se passar perto dos cemitérios e rezando bastante antes de dormir.

30 de Novembro

Dia de **Mawu**, Grande Mãe do Dahomey, a criadora do universo que estabeleceu a ordem no caos primordial.

Mawu criou não somente a Terra mas também os seres humanos. No início, ela usou argila para modelar os corpos. Quando a argila acabou, ela passou a ressuscitar os mortos, fato que explica a semelhança de certas pessoas a seus ancestrais. À medida que a humanidade crescia e se fortalecia, as pessoas tornaram-se arrogantes e violentas. Mawu ficou aborrecida com sua criação e retirou-se para sua morada no céu. Como a situação na Terra tornava-se cada vez pior, Mawu mandou seu filho Lisa para ensinar à humanidade a obediência e o respeito às leis. Em alguns mitos, Mawu aparece como uma deusa lunar e Lisa, um deus solar. Em outros mitos, Mawu tem dois rostos: um de mulher, com luas nos olhos e regendo a noite, o outro de homem, com sóis nos olhos, regendo o dia e chamado Lisa. Há um antigo provérbio que diz que "Lisa pune, mas Mawu perdoa", atestando, assim, suas qualidades maternais.

Celebração de Skadi, a deusa padroeira da Escandinávia, regente da neve, padroeira dos esquiadores e esposa de Ullr, o deus dos esquis.

Invoque a deusa Mawu caso precise melhorar ou renovar algum aspecto de sua vida material (saúde, profissão ou produtividade). Modele com argila símbolos ou formas que representem seus objetivos, visualizando-os já realizados. Exponha, depois, seu amuleto de argila à luz da Lua e peça à Deusa que concretize seu pedido ou desejo.



Dezembro

Decem era o décimo mês do antigo calendário romano. Seu nome também surgiu como uma homenagem à deusa Décima, uma das Parcas - as Senhoras do Destino -, a regente do presente e tecelã do fio da vida, equivalente à deusa grega Clotho.

O nome anglo-saxão do mês era Aerra Geola, o irlandês, Mi Na Nollag e o nórdico, Wintermonath ou Heilagmonath. No calendário druídico, a letra Ogham é Luís e a árvore, a sorveira. O lema do mês é "assuma o controle de sua vida e não se deixe guiar pelos outros".

Os povos nativos denominaram este mês de Lua Fria, Lua do Lobo, Lua das Longas Noites, Lua do Uivo dos Lobos, Lua do Carvalho, Lua do Inverno, Lua das Árvores que Estalam e Mês Sagrado.

A mais importante celebração deste mês é o solstício de inverno no hemisfério norte, festejado pelos povos celtas como o Sabbat Yule ou Alban Arthuan. Em várias tradições e lugares no mundo antigo, o solstício era lembrado juntamente com os mitos das deusas virgens dando à luz seus divinos filhos solares, como Osíris, Boal, Attis, Adonis, Hélio, Apolo, Dioniso, Mithras, Baldur, Frey e Jesus. Na tradição romana, esta data chamava-se Dies Natalis Soles Invictus ou o Dia do Nascimento do Sol Invicto e todos os deuses solares receberam títulos semelhantes, como a Luz do Mundo, o Sol da Justiça, o Salvador. As celebrações atuais do Natal são um amálgama de várias tradições religiosas, antigas e modernas, pagãs, judaicas, zoroastrianas, mitraicas e cristãs.

Na antiga Babilônia, existiam doze dias entre o solstício e o Ano Novo. Era um tempo de dualidades, oscilando entre o caos e a ordem. Os romanos concretizaram essa ambigüidade no famoso festival Saturnália, as festas dedicadas ao deus do tempo Saturno e à sua consorte, a deusa da fertilidade Ops. Durante oito dias, as regras sociais eram revertidas, patrões e escravos trocavam de funções e roupagens, ninguém trabalhava, todos festejavam. O último dia do festival chamava-se Juvenália, dedicado às crianças, que recebiam agrados, presentes e talismãs de boa sorte.

Nos países do Oriente Médio, a Deusa Mãe, senhora do céu e das estrelas - conhecida como Astarte, Athar, Attar Samayin ou Ashtoreth -, era celebrada, desde os tempos neolíticos, nesta época do ano.

Nos países anglo-saxões, essas celebrações permaneceram, como o Modresnacht, "A Noite da Mãe", cujos costumes ainda sobrevivem nos festejos natalinos atuais em simbolismos como a árvore de Natal, decorada como a Árvore do Mundo, a estrela em seu topo representando a Deusa Estelar, a ceia farta e os presentes sob a árvore lembrando as oferendas e os agradecimentos dos homens à Grande Mãe.

Na Escócia, a véspera do Ano Novo é chamada Hogmanay, sendo celebrada com comidas típicas e procissões de homens vestindo peles e chifres de animais, reminiscências da tradição xamânica, assim como as renas, o duende e o próprio xamã metamorfoseado em Papai Noel.

Nos países eslavos, o Festival Koleda ou Kutuja começava no solstício e durava dez dias, celebrando o renascimento de Lada, a deusa do amor, da fertilidade e da juventude.

Na Europa, a deusa solar Lucina era comemorada com procissões de moças vestidas de branco e coroadas com velas acesas. A antiga deusa maia Ix Chel era homenageada, no México, com procissões e rituais para abençoar os campos e as embarcações.

Os incas celebravam Capac Raymi, o festival magnífico e Huara Chico, os ritos de iniciação dos meninos. Na Polinésia, no solstício de verão, celebrava-se Parara'a Matahiti, o Festival das Primeiras Frutas.

Neste mês, os judeus celebram, até hoje, o Festival das Luzes, chamado Hannukah, no qual se acende diariamente uma nova vela branca em um castiçal de nove braços. Comemora-se o antigo milagre da reconquista do Templo de Jerusalém, há dois mil anos.

As pedras sagradas do mês são a turquesa e o zircônio. As divindades regentes são todos os deuses e deusas solares, além das deusas Ix Chel, Astrea, Ops, Astarte, Freyja, Sekhmet, as Nornes, Yemanjá e Arianrhod.

Dezembro representa o fechamento de um ciclo, um período para refletir sobre o ano que passou.

Na avaliação daquilo que passou e na expectativa de um novo ano, repete-se o momento mítico da passagem do caos para a ordem. A Roda do Ano pára, entra-se em um novo limiar, no limite entre os tempos e os mundos, quando torna-se possível refazer o mundo.

Reveja, portanto, todos os aspectos de sua vida no ano que passou: realizações profissionais, relacionamentos, saúde, caminho espiritual, expressão pessoal, projetos e sonhos. Medite sobre os sucessos e fracassos, criando uma nova imagem do futuro. Consulte algum oráculo, faça uma lista de desejos e projetos, assuma compromissos, prepare encantamentos, invoque as Deusas e entre no Ano Novo com fé, força, luz e esperança.

1º de Dezembro



Festival Poseidea, na Grécia, honrando Poseidon e **Anfitrite**, as divindades do Mar.

Poseidon ou Netuno, para os romanos, era o deus dos mares, lagos e rios, o regente de todas as criaturas aquáticas e senhor dos terremotos e tempestades. Ele tinha duas esposas: uma mortal, Cleito e uma imortal,

Anfitrite. Embora descrita nos mitos gregos mais recentes como uma simples Nereide obrigada a se casar com Poseidon, Anfitrite era, na verdade, uma antiga deusa tríplice, pré-helênica, cujo nome significava “A Triade toda abrangente”. Ela era a manifestação feminina dos oceanos, morando nas grutas submarinas repletas com suas jóias, de onde emergia para provocar ou acalmar as tempestades, direcionar as ondas ou cuidar dos peixes e mamíferos marinhos. Uma das manifestações de Anfitrite era a deusa grega da água, Halsodyne e suas equivalentes romanas Salácia, a deusa da água salgada, e Venilia, deusa do vento e do mar.

Dia dos seres elementais, nos países eslavos. Os povos eslavos acreditavam na existência de vários tipos de elementais ou o “Pequeno Povo”, como eram chamados nas tradições celtas. Os Domovoj eram os elfos caseiros; eles moravam atrás das lareiras nas casas que eles tinham adotado e eram extremamente leais às famílias que os abrigavam. Os Bannik viviam nos banheiros e gostavam de encontrar uma vasilha com água fresca colocada a seu dispor após o anoitecer. Os Vazila cuidavam dos cavalos e os Bagan, das cabras e das ovelhas. Já o Leshi era o Senhor das Florestas, cuidando de todos os animais e podendo tornar-se malévolos e perigoso nos meses de verão. Os Poleviki, os elfos dos campos, viviam nos trigais e prejudicavam as colheitas se não recebessem agrados e respeito.

Independente dos nomes ou características específicas de culturas e lugares, os seres elementais estiveram sempre presentes na Natureza, dispostos ao convívio amistoso com os seres humanos desde que houvesse respeito e colaboração recíproca. Procure entrar em contato com os elementais de seu ambiente próximo: jardim, campo, porão, sótão, cozinha ou escritório. Procure atraí-los ou agradá-los oferecendo-lhes leite, mel, gengibre, canela, nozes, frutas cristalizadas, flores, cristais, pedaços de prata ou piritá, músicas de flautas, gaitas ou harmônios.

essências florais, sucos de frutas e velas coloridas. Comunique-se telepaticamente com eles, pergunte-lhes quais seus nomes e preferências e peça-lhes que cuidem de suas coisas, animais de estimação, plantas e propriedades. Uma vez prometendo-lhes algo em troca, jamais esqueça sua promessa, pois eles se irritam facilmente, tornando-se vingativos, maldosos e podendo lhe trazer inúmeros aborrecimentos ou prejuízos.

Homenagens celtas para as Senhoras Verdes, os elfos que moram nos carvalhos, teixos, salgueiros, freixos, pinheiros ou macieiras. Todas as árvores deveriam ser tratadas com respeito para que as Senhoras Verdes não se ofendessem. Eram elas que davam a permissão para que os galhos fossem cortados ou os frutos colhidos.

Dia dedicado a práticas oraculares na Europa, quando as jovens camponesas tentavam descobrir o nome de seus futuros maridos inscrevendo as iniciais dos candidatos em cebolas, colocando-as depois perto do fogão. O eleito seria aquele cuja cebola brotasse primeiro.

Celebração de Pallas Athena, na Grécia e de Minerva, em Roma, a deusa da sabedoria e da justiça.

Com tantas celebrações diferentes neste dia, a melhor coisa a fazer é pedir um aconselhamento para a sábia deusa Athena. Prepare um pequeno altar com uma vela amarela, incenso de mirra, uma estatueta de coruja, um copinho com azeite de oliva e um papel com o seu símbolo astrológico: ♀. Visualize Athena vestida com uma túnica ornada de serpentes, tendo uma coruja em seu ombro e desenrolando um longo pergaminho, onde você poderá ler conselhos e orientações importantes para seu momento atual.

2 de Dezembro

Hari Kugo, o Festival das Agulhas no Japão honrando as ferramentas e artes das mulheres, dedicado às deusas padroeiras das artes japonesas.

Reverenciavam-se as deusas Chih Nu - a “Teclã do Céu”, que tecia as roupas das divindades com as cores do arco-íris; Hsua Yuan - a deusa dos bordados; Hani-yasu-bime-no-kami -



a "Princesa do Barro", a padroeira dos artesãos de argila; Huang Daopo - a deusa do algodão; Kamu-hata-hime - a deusa do tear e San Gufuren - a deusa do bicho-da-seda.

Comemoração grega de Arachne, a jovem e orgulhosa tecelã que desafiou a deusa Athena para uma competição. Arachne teceu uma maravilhosa tapeçaria, retratando, porém, todo o Panteão grego em poses indecorosas. Athena rasgou seu trabalho; Arachne, envergonhada, enforcou-se. Seu espírito foi transformado em aranha por Athena e sua espécie guarda até hoje seu nome (aracnídeos).

Reserve algum tempo no dia de hoje para meditar a respeito de suas atitudes impensadas e suas demonstrações de falso orgulho. Avalie os padrões distorcidos de sua vida, visualizando novos recursos criativos para alterá-los. Inspire-se na paciência e habilidade da aranha para tecer um novo modelo para sua vida, sem enredar-se nos nós, sem apertar ou soltar demais os fios.

Festival de Shiva, o deus hindu da dança.

3 de Dezembro



Celebração romana para **Bona Dea**, a personificação da Terra e de sua fertilidade. Bona Dea - "A Boa Deusa" - era, originariamente, um termo que descrevia a deusa Fauna em seu aspecto de mãe da Terra e deusa da abundância. Com o passar do tempo, seu nome passou a designar apenas a Mãe Terra. Seus rituais eram secretos, reservados apenas às mulheres e estritamente proibidos aos homens. Sabe-se, apenas, que eram feitos nas casas das matronas ricas, em quartos decorados com folhagens, conduzidos por Vestais e incluíam danças e festejos enquanto o vinho fluía abundantemente.

Festa de Fauna, Fatua ou Damia, deusa romana dos campos e bosques, irmã de Fauno. Neste dia, os camponeses lhe ofereciam leite, mel e nozes; às vezes, incluía-se o sacrifício de uma ovelha ou cabra.

Antiga comemoração de Airmid, a deusa irlandesa da cura. Embora pouco conhecida, Airmid era uma famosa curandeira, utilizando ervas e pertencendo aos Tuatha de Danaan, grupo de divindades pré-celtas.

Ela surgia vestida com um manto coberto de ervas e protegia todos aqueles que as utilizavam em curas.

Celebração da Dama de Baza, antiga deusa da Terra e da natureza, padroeira da tribo dos turetanos, na Espanha.

Na Grécia, festejos para Cibele e Rhea, manifestações da Grande Mãe Terra.

Fortaleça-se guiada pelos influxos favoráveis deste dia. Reúna algumas amigas e preparem um ritual de cura. Usem velas de cera de abelhas, ervas aromáticas, água da chuva, pedras de rio, conchas e pinhas. Invoquem a Mãe Terra e as Deusas das Ervas e dos bosques, pedindo-lhes saúde, vitalidade, força e paz. Deixem-se conduzir pela intuição, sintonizando as energias de cura necessárias para cada uma. Depois ofereçam a água, as pedras, as ervas e algumas frutas e flores para as deusas, agradecendo e visualizando sua saúde melhorada e sua vitalidade aumentada.

4 de Dezembro

Celebração da deusa ioruba **Oyá** na África Ocidental. Originariamente a deusa padroeira do Rio Niger, Oyá passou a personificar a força das tempestades, dos ventos e dos relâmpagos. Seu nome em ioruba significa "quebrar, rasgar", pois seus ventos quebram a superfície calma da água. Oyá é uma guerreira de temperamento fegoso, protetora das mulheres envolvidas em disputas ou lutas. Seu poder, no entanto, pode ser construtivo ou destrutivo.



Segundo as lendas, foi Oyá quem deu o poder do fogo e dos raios para seu irmão e esposo, o deus Xangô. Em seu aspecto escuro - "Egungun Oyá" - ela é a Senhora dos Mortos e sentinela dos cemitérios. Como padroeira da justiça e da memória, ela preserva as tradições ancestrais. Em seus altares ela recebe oferendas de vinho de palmeira, inhames, feijão e carne de cabra. Suas insígnias são os chifres de búfalo, a espada, o espanador, com o qual controla os eguns (os desencarnados) e o machado com duas lâminas. Seu culto migrou para o Brasil, onde é chamada de Iansã e foi sincretizada à Santa Bárbara; para Cuba, onde é Olla; Haiti, como Aido Wedo e Nova Orleans, como Brigitte, sendo uma das deusas importantes do candomblé, umbanda, santeria e vodu.

Quando presenciar uma tempestade, saúde Oyá, visualizando-a envolta nos raios e adornada com chifres de búfalo. Sinta seu vento limpando a raiva, a avidez e a negatividade de sua vida, invocando seu fogo para poder lutar e alcançar seus objetivos, com a saudação “Epa Heyi Oya”. Ofereça-lhe, depois, inhames assados com mel, servidos sobre folhas de palmeiras, acarajés, maçãs caramelizadas, uma garrafa de vinho tinto e uma vela de cera de abelhas.

5 de Dezembro



Antiga celebração de **Arinna**, a deusa hitita da luz solar e da claridade. Ela era esposa do deus do tempo Im, a quem era superior, indicando a existência de uma religião matrifocal nesta cultura. Arinna era assemelhada à deusa leonina Hapat, a guardiã da justiça e a Wurusemu, a deusa do Sol e do dia da Anatólia.

Nas tradições bascas, reverenciava-se Lur ou Lurbira, a criadora da vida, o ser supremo que criou o Sol, a Lua e a Terra.

Celebre a Luz reverenciando o Sol como fonte de vida, calor e luz. Saúde-o e absorva seus raios, use um cristal citrino ou um topázio em seu chacra solar para se energizar, vista roupas amarelas, coma sementes ou brotos de girassol e imante um pote de mel com o Sol do meio dia.

Primeira festa de Santa Lúcia, na Itália. A segunda comemoração dessa Santa, modernização da antiga deusa da luz e do nascimento, Lucina, é dia treze.

Véspera de Sinterklaas, o dia de São Nicolau na Holanda, quando as crianças colocam seus sapatos ou botas de feltro nas janelas para receberem presentes do velho Sinter Klaas, transformado posteriormente em Santa Klaus; em troca, devem deixar cenouras e feno para seu cavalo. As crianças levadas recebem um feixe de galhos de salgueiro, pedaços de carvão ou um diabinho vermelho, enquanto que as boas ganham doces e brinquedos. Esses costumes e os contos a eles relacionados são reminiscências dos antigos rituais xamânicos.

6 de Dezembro

Antiga celebração da deusa persa **Spenta Armaiti** ou Spandaramet, a “Piedade Divina” ou a “Devoção Bondosa”. Ela protegia a terra juntamente com as Amesha Spentas, as “Imortais”, guardiãs dos elementos e da vegetação, seu número variando entre seis ou mais. Essas deusas cuidavam da terra, da água, da vegetação, dos animais e dos metais, além de serem responsáveis pelos aspectos físicos e espirituais da vida. Posteriormente foram transformadas em Arcanjos.



Dia de São Nicolau ou “Santa Klaus”, o Papai Noel, um dos aspectos do deus Odin, festejado atualmente no Natal. Sua imagem surgiu apenas no século XIX, mas é repleta de símbolos antigos. Ele vinha do Norte, a direção sagrada da Antiga Religião; suas roupas tinham as cores da Deusa (vermelho, branco e preto); sua carruagem era puxada por oito renas (as oito direções da tradição xamânica) e ele descia pela chaminé trazendo presentes, como faziam os xamãs nórdicos quando, em estado de transe, “desciam” para o mundo subterrâneo e traziam as bênçãos da cura e das adivinhações para os moradores dos iglus. Há fontes que afirmam que o transe era provocado pelo cogumelo Amanita Muscaria, cujas cores são vermelho e branco.

7 de Dezembro

Na Irlanda, neste dia, celebra-se o **Povo das Fadas** e dos espíritos da natureza.

O “Povo Pequeno” era conhecido por vários nomes. As “Bean Sidhe” ou Mulheres das Colinas, moravam escondidas nas colinas - “sidhe” -, de onde saíam apenas para anunciar a morte das pessoas com um canto agudo e triste. As “Leanan Sidhe” ou Fadas do Amor, ao contrário de suas irmãs, inspiravam os cantores e músicos com a beleza de seus cantos, mas faziam-nos morrer de saudade



quando deles se afastavam. Na Romênia, os camponeses temiam a aparição da “Fata Padurii”, a Moça da Floresta, uma fada dos bosques cujo canto enfeitiçava os homens atraindo-os para a morte na escuridão dos bosques.

Dos seres elementais, os mais conhecidos são os “Brownies”, também conhecidos por “Pixies”, na Cornuália, por “Bodach”, na Escócia, e por “Fenodoree”, na Ilha de Man, gnomos amáveis que cuidam das casas onde moram. Os “Goblins” são grotescos e, às vezes, irritadiços quando contrariados ou enganados; os “Míneros” cuidam das pedras e dos metais, se portando como verdadeiros guardiães da terra. Há também os elfos e as fadas escuras, que podem criar desconforto e pequenos contratemplos para os moradores das casas, onde gostam de se esconder em lugares escuros e úmidos. Todos eles gostam de objetos brilhantes, moedas, pedaços de metais, cristais, pedras lunares, flores, fitas coloridas, biscoitos de gengibre, canela e mel, creme de leite ou manteiga e de música alegre, para poderem dançar. Aproveite a energia deste dia, homenageando as fadas e os elfos dançando junto com eles, girando até conseguir abrir sua percepção e ver seu mundo.

Meveana, na Turquia, a dança rodopiante dos Derviches, uma ordem religiosa Sufi que usa esse tipo de dança para induzir um estado elevado de consciência. A dança torna-se uma forma de reverência, unindo o indivíduo ao Divino e expandindo a percepção do Universo.

Halóia, ritual anual na Grécia dedicado a Deméter, deusa da terra e dos cereais, lembrando a busca de sua filha Perséfone e a morte da vegetação, prenunciando a aridez do inverno.

8 de Dezembro

Celebração Ibó Osun, na Nigéria, festejando **Oxum**, a deusa ioruba das fontes e dos rios, da beleza e do amor, da sensualidade e da arte.

Oshun é a divindade principal dos Oshogbó, uma região africana, e recebe oferendas de “mulukun” (feijão fradinho com cebola e camarão), adun (farinha de milho com azeite e mel) e objetos de cobre e latão, principalmente jóias. Suas insígnias são as pulseiras e colares dourados, o leque, o espelho e os seixos brancos



de rio. Além da África, ela é cultuada no Brasil, no candomblé e na umbanda e em Cuba e no Haiti, na santeria, onde é chamada Erzulie ou Freda.

Conecte-se à fluidez e à limpidez da água, à luz da Lua e das estrelas, ao poder do amor. Para homenagear a deusa Oxum, tome um banho de cachoeira, ofereça-lhe flores, um espelho, um leque, um pente, pulseiras douradas, mel e champanhe. Invoque as bênçãos da deusa com a saudação “Ore Yéyè O”, visualizando essa linda deusa afastando, com seu leque mágico e com o tilintar de suas pulseiras douradas, os empecilhos e azares de sua vida afetiva. Peça-lhe que aumente sua graciosidade e seu poder de sedução.

Comemoração de outra deusa ioruba da água, Obá, filha de Yemanjá e Oxalá. Rival de Oxum, ela representa a água revolta dos rios e a força necessária para alcançar a vitória nos embates. Seus símbolos são o escudo e a espada, suas cores são o vermelho e o amarelo e, no sincretismo religioso, foi equiparada a Joana d’Arc. As mulheres valorosas, porém incompreendidas, podem invocá-la para alcançar o sucesso profissional.

Comemoração do aniversário da deusa solar Amaterasu nos templos shintoístas do Japão.

Festival egípcio para Neith, antiga Deusa Mãe, senhora do céu, padroeira da dança e da guerra e protetora das famílias e das mulheres.

Cerimônias maias honrando Ix Chel, a deusa da Lua, da água, do amor e da magia.

Solenidade da Imaculada Conceição no calendário cristão.

Entre em sintonia com a energia feminina representada por todas essas deusas, vendo-as como reflexos multicoloridos da complexa imagem da Grande Mãe.

9 de Dezembro

Festa da **Virgem de Guadalupe**, no México. Neste dia, pessoas de vários lugares vêm orar no templo da Virgem, pedindo sua bênção. Esta é uma antiga data dedicada à deusa asteca Tonantzin, “A Mãe da Saúde”.

A Grande Mãe asteca tinha vários nomes e diferentes atributos, de acordo com os lugares e tribos que a veneravam. Como Tonan,



Tonantzin, Cihuatzin, Toci ou Teteuinnan, ela era a Mãe Sagrada e reverenciada, padroeira das parteiras e curandeiras, detentora dos poderes de regeneração e cura pela terra e pelas ervas. Seu altar mais famoso era na colina de Tepeyac onde, no ano de 1531, ela apareceu perante os camponeses índios e pediu que seu altar fosse reconstruído, o que de fato aconteceu e a Igreja Católica dedicou-o à Virgem de Guadalupe.

Em seu aspecto de anciã, como Vovó Toci, era invocada nos rituais de purificação e reverenciada como a padroeira dos curandeiros, parteiras, xamãs, médicos e adivinhos, que dançavam calados - em estado de transe - por oito dias consecutivos defronte uma mulher coberta de flores, representando a Deusa.

Ore neste dia para sua saúde ou a de seus entes queridos, pedindo intuição e orientação para encontrar as soluções adequadas para seu estado. Invoque as Deusas Tonantzin e Toci, entregando a elas sua cura.

10 de Dezembro

Celebração de **Danu**, a Deusa Mãe irlandesa, guardiã do conhecimento, protetora das famílias e tribos, regente da terra, da água e da constelação de Cassiopéia, chamada Llys Don - a corte de Danu - em sua homenagem.



A mais importante das antigas deusas irlandesas, Danu era a dirigente de uma tribo de divindades nomeada Tuatha de Danaan - o povo de Danu -, que depois foram diminuídos (pelos mitos posteriores às invasões dos povos celtas) a uma classe de fadas chamadas Daoine Sidhe. Seu nome - "Dan" - significava conhecimento, tendo sido preservada na mitologia galesa como a deusa Don, enquanto que outras fontes equiparam-na à deusa Anu. Segundo as lendas, os Tuatha de Danaan, exímios magos, sábios, artistas e artesãos, foram vencidos pelos rudes guerreiros Milesianos, retraindo-se nos Mundos Internos das colinas chamadas "sidhe".

Reverencie a remota lembrança dessa Deusa, transportando-se para "Paps of Danu", seu lugar sagrado, as colinas com formato dos seios da Deusa. Veja-se cercada de mulheres vestidas com túnicas verdes bordadas, longas tranças ruivas enfeitadas com flores, usando colares de âmbar e tiaras douradas, tocando harpas e dançando ao seu redor, pedindo-lhes, então, para levarem-na à presença da deusa Danu.

Festival romano Lux Mundi, dedicado à deusa Lucina, modernizado na França como um festival dedicado à Deusa da Liberdade, com procissões de velas e orações de esperança.

Rituais de purificação dos índios Inuit, do Alaska. Em seguida, cerimônias noturnas honrando os espíritos dos animais mortos ao longo do ano nas caçadas, reverenciando Sedna, a deusa do mar e das baleias.

11 de Dezembro

Dia consagrado à deusa celta **Arianrhod**, a Rainha da Neve, senhora da Lua e da magia, guardiã da Roda de Prata, cuja morada celeste era na constelação Corona Borealis.

Segundo as lendas, Arianrhod era uma pálida e linda mulher, filha preferida da deusa galesa Don, vivendo em seu castelo Caer Arianrhod em uma ilha isolada. Ela se apresentava de forma dupla como Virgem e como Mãe, padroeira da Lua, da noite, do amor, da sexualidade, da magia, da justiça e do destino. Mitos mais tardios apresentam-na como uma Deusa Mãe, girando a Roda de Prata e transformando-a em uma barca lunar. Nela, Arianrhod transportava as almas dos mortos para a Lua ou para sua constelação. Outro mito também descreve-a como Morgause ou Margawse, a deusa da Lua e da noite, transformada pelos romances medievais em uma simples feiticeira.

Comemoração japonesa da deusa Yuki One, "A Donzela de Neve", o espírito da morte pelo frio. Ela aparecia para aqueles que tinham se perdido nas montanhas geladas como uma mulher pálida e silenciosa, cantando suavemente para adormecerem para que ela soprasse sobre eles um frio da morte.



Em Creta, antes da chegada das tribos gregas patriarcais, reverenciava-se Britomartis que, apesar de ser originariamente uma deusa lunar, também estava associada à Terra, à natureza, às árvores e aos animais. Como deusa telúrica, ela também era a guardiã dos mortos, padroeira dos caçadores e pescadores. Era reverenciada no Monte Dikte, chamada por isso, às vezes, de Dictynna. Após as invasões gregas, seu culto foi absorvido e adaptado ao de Ártemis.

Celebração de Bruma, a deusa romana do inverno.

Antigamente, neste dia, começavam as celebrações de Yule, marcadas pela runa Jera, simbolizando a complementação dos ciclos naturais e o casamento sagrado entre o Céu e a Terra.

12 de Dezembro



Festival anual mexicano dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe. Este dia era uma antiga data sagrada da deusa asteca **Coatlicue**, que foi posteriormente identificada com a Virgem Maria, assim como também acontecera à deusa Tonantzin.

Na mitologia asteca, a Terra era representada como uma deusa com cinco saias de serpentes, correspondentes às cinco direções (incluindo o centro). Às vezes, havia cinco irmãs como Deusas da Terra, mas na maior parte dos mitos, Coatlicue aparece como a Mãe Criadora, senhora da vida, da morte e da natureza. Em seu aspecto luminoso, ela é representada adornada de penas brancas e jóias de jade e esmeraldas e flutuando, envolta em névoa, à luz da Lua. Quando fertilizada pelas pedras de jade e esmeralda, ela gerou o deus Quetzalcoatl. Em seu aspecto escuro, ela é a Anciã da morte, uma mulher feia, escura, desmazelada, usando uma saia com serpentes enroladas, adornada com mãos e corações humanos, cercada de sapos e nutrindo-se de cadáveres.

Angeronália, dia consagrado a Angerona, a deusa romana do silêncio, da ordem e do medo, que produz ou alivia. Suas estátuas representavam-na com um dedo sobre os lábios ou com a boca amarrada. Era invocada para guardar segredos ou vencer os medos, restabelecendo o equilíbrio. Alguns autores consideram-na a padroeira do inverno, dedicando-lhe a regência do solstício.

Sada, festival zoroastriano do fogo celebrando a vitória das forças do bem e da luz sobre o mal e a escuridão.

13 de Dezembro

Festa da Belíssima, na Itália, celebração da antiga deusa romana **Juno Lucina**, deusa da luz e do parto. Seu emblema era o pirilampo e em suas festas realizavam-se procissões com velas. As lendas diziam que a deusa, vestida de branco e coroada de luz, aparecia ao alvorecer, deslizando sobre a neve e trazendo comida para os pobres.

Neste dia, as “streggas” (bruxas) acendem fogueiras ou usam tochas em rituais para afastar o mal, a escuridão e para combater o “mal’occhio” (mau olhado). Coroas de arruda amarradas com fitas vermelhas são confeccionadas; as pessoas então cospem três vezes através delas, invocando a proteção de Juno Lucina para afastar o mal de suas vidas.

Dia de Santa Lúcia, celebrada com um festival de luzes, na Suécia. Neste dia, a filha mais velha, vestida com uma longa túnica branca e coroada com treze velas acesas, percorre toda a casa, oferecendo depois o que desejarem a seus pais. Esse costume perpetua os antigos símbolos da Deusa que trazia a luz e a comida. Depois, todos os familiares se vestem de branco e vão para a igreja, assim como faziam seus antepassados, indo em procissão com velas para abençoar as comunidades e os campos. As crianças, vestidas com túnicas brancas e cintos vermelhos, acompanham uma menina coroada com velas, escolhida entre as melhores alunas. O prato típico dessa festa é “Lussekatts” ou “gatos da Lúcia”, roscas com azeite e passas homenageando um dos animais totêmicos da Deusa (outro era a joaninha). Por ser uma deusa dos partos, proibia-se às mulheres trabalharem neste dia, fato este que poderia atrair o azar.

Este dia também era celebrado na Hungria e em outros países da Europa com procissões de velas e moças vestidas de branco, carregando as velas e distribuindo biscoitos e bebidas.

No Brasil, no sincretismo religioso, comemora-se Ewã, a deusa avarua do céu, da terra, do vento, das nuvens e da água. Seu nome significa a



“a que se banha nas águas doces”, sendo considerada “os olhos de todos os Orixás”, podendo, por isso, também ser chamada de Senhora dos Olhos. De acordo com o mito, Ewã passa uma metade do ano como mulher e a outra como serpente. Invoque-a para melhorar e preservar sua visão. Entoe seu nome como um sussurro, soprando para limpar sua aura durante um banho de purificação em uma cachoeira ou na chuva.

14 de Dezembro



Festival Soyal dos índios Hopi, celebrando o retorno do Sol e o renascimento. A partir desta data e durante os próximos nove dias, os rapazes passavam por rituais de iniciação, a comunidade orando à Mulher Aranha, à Donzela Falcão e aos Kachinas pedindo saúde e prosperidade para o Ano Novo.

As celebrações eram feitas dentro das “Kivas”, as câmaras sagradas subterrâneas reservadas aos rituais e conselhos. Festejava-se a criação e o renascimento, anunciado pela proximidade do solstício, que trazia o aumento dos dias e da luz solar. Após cânticos e invocações às Direções, ao Grande Espírito, às Divindades e aos ancestrais, faziam-se oferendas de fubá e fumo, purificavam-se as pessoas com fumaça de sálvia e cedro e fumavam-se o cachimbo sagrado. Na noite anterior, as pessoas oravam e dançavam em redor da fogueira ao som do tambor, purificando-se, depois, na “Sweat Lodge”, a Sauna Sagrada, preparando, assim, o corpo, a mente e o espírito para um novo ciclo em suas vidas.

Guie-se por essa antiga sabedoria e faça sua própria purificação e celebração. Defume-se com sálvia, participe de uma Sauna Sagrada, reverencie o Grande Espírito, a Mãe Terra, a Vovó Lua, o Vovô Sol e todas as forças da natureza, oferecendo-lhes orações, canções, fubá e fumo.

15 de Dezembro

Dia de **Halcyone**, a linda mortal que, por amor a um pescador, foi transformada no alcião, uma ave aquática. Seu nome foi dado à mais bela estrela da constelação das Plêiades.

No mito grego, as Plêiades ou Sete Irmãs, eram as sete filhas da ninfa Pleione: Alcyone, Calaeno, Electra, Maia, Merope, Taygete e Taygete. Nascidas na Arcádia, elas acompanhavam a deusa Ártemis em suas caçadas, até que a deusa transformou-as na constelação das Plêiades.



Segundo a lenda, deste dia até o sétimo após o solstício de inverno, a energia mágica do alcião contribuía para que o tempo transcorresse calmo e tranquilo, já que o alcião fazia seu ninho no mar e calmava o vento e as ondas com seu canto.

As Plêiades são um grupo de sete estrelas, também chamadas de Sete Irmãs, facilmente reconhecíveis no céu. Sua aparição e desaparecimento coincidem com importantes fases climáticas, mudanças das estações e ritmos naturais. Por isso, desde a antiguidade, as Plêiades existiam como ponto de referência para o cálculo dos calendários, a duração das celebrações, início ou fim das colheitas, fases propícias para a sementeira, pesca ou plantio, festas e festivais.

Na antiga Mesopotâmia, as Sete Irmãs eram reverenciadas sob o nome de Kimah ou Ayish, na Índia elas eram as Kritikas e nas tribos pré-americanas simplesmente as Sete Irmãs. Nas lendas dos índios do Alto Amazonas, conta-se que Ceuci, uma das Plêiades, veio para a Terra e criou todas as espécies de animais. Na lenda dos tupi-guarani, conta-se que Tupã, a criadora da vida, gerou uma filha, que tornou-se a constelação das Plêiades e um filho, que transformou-se na estrela Orion.

16 de Dezembro

Festival de **Sapientia**, a Deusa da Sabedoria, em Roma.

Sapientia - do latim, Senhora Sabedoria, equivalente à grega Sophia - tornou-se uma deusa venerada pelos gnósticos, hermetistas, alquimistas, cabalistas e filósofos medievais. Era representada, às vezes, como a “Sereia dos Filósofos”, despejando o vinho branco do conhecimento e o tinto da



iluminação de seus seios, surgindo do Mar Universal. Os místicos renascentistas assemelham-na, às vezes, à sabedoria de Deus, à Deus Interior, à Mãe Natureza ou à Virgem Maria. Descriviam-na como a rainha querida de Deus, a fundação primordial de toda a criação apresentada como uma tríade: Sapiencia Creans, a criadora; Disponans, a que une todas as coisas em harmonia e Gubernans, a Divina Providência ou seja, aspectos da tríplice manifestação da Grande Mãe.

Uma antiga deusa romana da sabedoria e das profecias era Egeria, cujo nome, ainda hoje, é usado para designar as mulheres conselheiras. A lenda descreve-a como uma ninfa aquática que se apaixonou e casou com o rei Numa Pompilius, ensinando-lhe os rituais corretos de veneração da terra. Também foi Egeria quem nos deixou o legado as primeiras leis de organização das cidades. Mais tarde, ela tornou-se uma divindade completa, venerada pelas mulheres grávidas, que pediam-lhe presságios e orientações sobre seus filhos. Seu culto foi assimilado ao da deusa Diana, com quem dividia o altar e a fonte do bosque sagrado de Nemi.

Medite neste dia sobre aqueles aspectos de sua vida onde precisa buscar ou demonstrar mais sabedoria. Invoque as deusas da sabedoria: Athena, Minerva, Sofia, Kista, Sapiencia ou A Mulher Coruja - e peça a um animal totêmico ou à Coruja Branca, que intercedam perante às Deusas. Lhe tragam mensagens esclarecedoras, sinais ou presságios sobre como agir com segurança e sabedoria.

17 de Dezembro

Início da Saturnália, os doze dias de festejos dedicados aos deuses romanos da agricultura **Saturno** e **Ops**. Esse festival era marcado por extrema liberalidade e licenciosidade, com orgias, fantasias com máscaras, peças burlescas e troca de presentes entre amigos.

Por ser um tempo de transição entre a morte do velho ano e o nascimento do novo, havia um período de caos e abolição de regras e leis. Donos e escravos trocavam de lugares, os prisioneiros eram libertados e todas as atividades públicas e julgamentos eram suspensos. As crianças recebiam presentes e tinham várias regalias.



Esses festejos, precursores do Natal, existiam também em outras culturas, como em Creta, Tessália e Babilônia.

Saturno era o deus invocado no plantio das sementes, enquanto Ops era a deusa da fertilidade e prosperidade. Por isso, esse é um dia favorável para encantamentos que atraiam a prosperidade e também para rituais de banimento de tudo aquilo que escraviza ou impede você de crescer ou progredir. Use os elementos correspondentes: sementes, lentilhas, lã, tesoura e vinho com especiarias para Saturno e arroz, presença de pinheiro, um véu, uma imagem de um campo de trigo e um pantáculo de prosperidade para Ops, abrindo sua percepção sutil e criando seu próprio ritual.

Celebração nórdica para Hlodyn, ou Fjorgyn, a deusa primordial da Terra. Ela era a personificação da terra primitiva, não cultivada e vazia. Hilla de Nat, a noite, e Annar, o deus da água, era uma das esposas de Odin e mãe de vários deuses. Era reverenciada no topo das montanhas de onde, segundo o mito, ela esperava para unir-se com o céu.

18 de Dezembro

Nos países celtas, festejava-se a deusa eqüina **Epona**, cujo culto foi mantido pelos romanos e sincretizado ao da deusa romana Ops.



Epona era considerada, pelos romanos, como a protetora dos cavalos, enquanto Bubona era a protetora do gado. Epona era representada de três maneiras: cavalgando uma égua branca; em pé, cercada de cavalos ou deitada nua sobre um cavalo. Às vezes, segurava um cálice ou um prato profundo ou ainda uma cornucópia. Segundo algumas fontes, Epona ganhou um verdadeiro culto ao cavalo, cujas reminiscências são encontradas nas gigantes reproduções de cavalos em várias colinas escócias da Inglaterra e na freqüência do nome Cavalo Branco para bares, "pubs", lendas (como a de Lady Godiva) e de "fantasmas" de mulheres a cavalo.

Epona detinha o poder sobre o ciclo da vida dos homens, do berço ao túmulo e por isso seus símbolos eram um pano branco e uma chave, que abria todas as portas do além.

Comemoração da antiga deusa equina irlandesa Etain, "A Veloz", a padroeira da magia e da cura. Etain era também uma deusa solar, padroeira irlandesa da medicina. Filha do deus da cura Dian Cecht, ela casou-se com Ogma, o deus da literatura e da eloquência.

Conecte-se a essas imagens das deusas equinas quando você precisar alcançar velozmente algum objetivo, aumentar sua resistência física ou encontrar soluções "mágicas" para seus problemas de saúde.

Celebrações de Consuália, homenageando os deuses romanos Saturno e sua consorte Ops, assinalando o fim do ano agrícola.

19 de Dezembro

Festa de Opália, celebrando o aspecto de fertilidade da deusa **Ops**, em Roma.

Ops era uma deusa da Terra, protetora de tudo o que é associado à agricultura. Como Ops Consiva, "A Senhora que Planta", ela era reverenciada nos plantios e nas colheitas. Em seu aspecto de Opífera, era a padroeira dos partos e protetora dos recém-nascidos. Considerada um dos aspectos da Magna Mater, ela também era conhecida como a deusa Patella, "a que alivia o invólucro das sementes para que o broto pudesse sair" e a deusa Runcina, "a que facilitava o corte das hastes na colheita".

Festival hindu Pongol, dedicado às deusas Sankrant e Sarasvati. Celebra-se, também, a proximidade do solstício e a volta das divindades que estavam dormindo nos últimos seis meses. As pessoas trocam presentes entre si e oferecem arroz, manteiga, especiarias, açúcar e espelhos para os Brahmanes que intercedem perante as divindades, garantindo, assim, uma vida plena e uma passagem pacífica. As vacas são lavadas com ervas e açafrão e cobertas com folhagens e frutas e, com os chifres pintados, desfilam pelas ruas. As mulheres cozinham o Pongal - arroz com leite e especiarias - e, após distribuírem-no para a comunidade, oferecem também para as vacas.



Na China, as pessoas se reúnem nas cozinhas decoradas com flores, acendem velas, queimam incenso e festejam com pastéis, carne de porco e vinho de arroz, levando, depois, um pouco como oferenda para as árvores. Este dia é considerado muito favorável para noivados e casamentos.

Comemorações para as deusas romanas Sabina, da fertilidade e Orbona, a protetora das crianças órfãs ou com doenças terminais.

Dia dos Mortos no Egito. As pessoas deixam lamparinas acesas e comida nos túmulos em homenagem aos familiares falecidos.

20 de Dezembro

Festival celta das estrelas. Celebração de **Austrine Valkirine** ou Saules Meita, a deusa báltica das estrelas, filha de Saule, a deusa solar reverenciada como a Mãe Criadora nos países bálticos. Chamada de Senhora da Estrela Matutina, Austrine acende, a cada manhã, o fogo para que o Sol possa iniciar sua jornada diária. Sua irmã, Zleja, governa o meio-dia, enquanto que sua outra irmã, Breksta, rege a escuridão.



Os sonhos durante esta noite eram muito significativos, até mesmo proféticos. Reviva a antiga tradição "programando-se" antes de dormir para ter um sonho significativo. Ore e peça a seu Mestre Espiritual ou Anjo de Guarda, para remover os resíduos diários do seu subconsciente para que você possa penetrar no mundo mágico dos símbolos e imagens.

Festa de Tsao Chun, na China, celebrando Tsao Wang e sua consorte Tseu Niang Niang, deuses protetores do lar. Segundo a lenda, este deus de rosto redondo e sorridente vigia o comportamento da família ao longo do ano. Nesta noite, ele volta ao céu para relatar aos deuses tudo o que observou. Por isso, as pessoas tentam suborná-lo, untando a boca de suas imagens com melado - para adoçar suas palavras - e oferecendo-lhe doces e guloseimas. As crianças jogam feijões no telhado, simulando o galope dos cavalos de Tsao Wang.

21 de Dezembro

Entrada do Sol no signo de Capricórnio, marcando o solstício de inverno no hemisfério norte, celebrado pelos povos celtas como o Sabbat Yule ou Alban Arthan. Comemorava-se, nesta data, o renascimento do Sol do ventre escuro da Mãe Terra, simbolizando a renovação das esperanças, novas promessas de alegrias e realizações, assegurando à humanidade que a



Roda do Ano, em seu movimento perpétuo, novamente chegaria ao fim das vicissitudes do inverno e da escuridão. Desde os tempos mais remotos, a transição entre o ponto mais baixo (a noite mais longa do ano) e o início do retorno na trajetória do Sol em sua Roda Anual, era celebrada com vários rituais em todas as culturas antigas. Para festejar o renascimento do Sol, eram acesas fogueiras e tochas, ofertavam-se presentes para as divindades, reverenciavam-se as árvores sagradas (como o carvalho e o pinheiro), as plantas que representavam os poderes de Deus (como o visco) e da Deusa (como o azevinho), realizando-se, também, vários rituais de fertilidade.

O mais importante símbolo de Yule era o fogo que devia queimar durante os doze dias das celebrações, representação da luz solar brilhando durante os doze meses. Preparava-se o tronco de Yule ou "Yule log", decorado com folhagens, pinhas, nozes, maçãs, doces, galhos de visco e de azevinho. Esse tronco era guardado até o mesmo ritual no próximo ano, quando era queimado ritualisticamente e substituído.

Prepare você também um tronco de Natal, escolhendo uma tora ou um galho grosso, fazendo três furos para prender três velas, nas cores vermelha, verde e dourada. Enfeite-o a seu gosto, mas mantenha sempre as velas acesas durante os doze dias das antigas celebrações, convidando, assim, os Espíritos da Luz a iluminarem e abençoarem sua casa e seus familiares.

Celebração eslava Koleda, também chamada de Kuntuja, na Rússia, comemorando a deusa Koliada, senhora do tempo, do Sol e da luz, personificando o próprio solstício de inverno. Ela simbolizava o Sol, cercada pelas forças da escuridão, precisando da ajuda da humanidade para

vencê-las. Essa tarefa era executada pelas mulheres, que estimulavam, por meio de rituais, o poder procriador da Deusa. Com o passar do tempo, Koliada foi transformado em deus e, nesta data, celebrava-se seu nascimento. Koliada ou Kulada, permaneceu, mas disfarçada na figura de São Nicolau, o velhinho bondoso que ajudava as mulheres nos trabalhos de parto. Na Rússia, celebrava-se também Maslenitza, a deusa da fertilidade e da agricultura.

Comemoração de Tonan ou Tlakatellis, uma das manifestações da Grande Mãe asteca. Ainda hoje o povo Nahua reverencia-a, colocando guirlandas de calêndulas e folhas em suas estátuas ou nas de sua "substituta", a Virgem de Guadalupe.

22 de Dezembro



Celebração nativa norte-americana da deusa **Awehai**, a criadora da vida, protetora das famílias e das tribos e senhora do céu. Sua lenda conta a criação da Terra e do povo Iroquois. Originalmente, Awehai morava no céu com seu marido, que desconfiou de sua fidelidade e expulsou-a. Em sua queda do céu, Awehai pegou algumas sementes e animais e foi conduzida por vários seres alados até pousar sobre o casco de uma grande tartaruga. Lá, ela juntou poeira e misturou-a com água, formando, assim, a Terra. Depois, ela espalhou as sementes e soltou os animais. Encantada com a beleza da Terra, ela completou a criação criando seus filhos, o povo Iroquois.

Danças noturnas nos Pueblos Hopi, festejando os Kachinas, os espíritos da natureza.

Festival taoísta dedicado às deusas Hsi Wan Mu, a Mãe Terra e Dao, a Mãe Natureza. Hsi Wang Mu era a representação do princípio feminino Yin e, juntamente com seu consorte Mu Kung, o princípio masculino Yang, criou a Terra e os seres vivos. Hsi Wang Mu era representada com corpo de mulher e com a cauda de leopardo, dentes de tigre e cabelos desgrenhados. Ela é a guardiã da Erva da Imortalidade e mora no Monte Kunlun, comandando todos os gênios da Natureza. Dao

ou Tao (significando “caminho”), era considerada a Mãe Primordial e, juntamente com seu consorte, o Vento, gerou as divindades e os seres humanos.

Festa de Hadijah, a mulher do profeta Maomé, mãe de Fatimah.

23 de Dezembro



Em Roma, Larentália, a celebração de **Acca Laurentia**, Larunda ou Lara, a mãe dos Lares, os deuses protetores dos lares. Comemorava-se também o retorno da luz, após a noite mais escura do ano.

Akka era uma deusa ancestral da Anatólia, chamada de “A Avó Parteira”, que ajudou o nascimento dos deuses. Há ainda uma deusa com atributos similares, Akna, na América Central e também Mader-akka, a Mãe Divina dos lapões.

Acca Laurentia era considerada a parteira divina de Romulus e Remus, os fundadores de Roma, tendo tirado-os do Rio Tibre, onde flutuavam abandonados em um cesto. Foi desta mesma maneira que Akka, a deusa da Anatólia, salvou o herói Sargon.

Na Grécia, comemoração de Sêmele e Dioniso. Sêmele era a deusa grega do amor e da sexualidade, amante de Zeus e mãe do deus Dioniso.

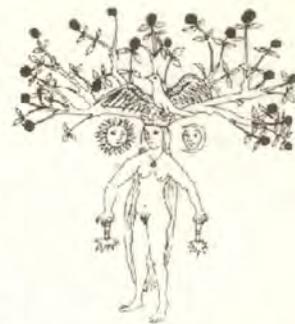
Na tradição celta, o “dia branco”, sem nenhuma regência de árvore ou letra do alfabeto Ogham. Este dia chamava-se “O segredo da pedra que não foi talhada,” simbolizando o potencial oculto existente em todas as coisas.

Dia dos Bobos, na Europa antiga, quando o bobo da cidade era coroado como rei e o verdadeiro rei simulava uma morte temporária para renascer depois.

Celebração do dia de Hathor, no Egito, com a Noite das Lanternas marcando o sepultamento final de Osíris.

24 de Dezembro

“Modresnacht”, a Noite da Mãe, antiga festa anglo-saxã e alemã dedicada à Grande Mãe Nerthus ou Frau Gode. Muitas das tradições deste festival sobreviveram e foram adaptadas às celebrações do atual Natal. Em lugar de fogueiras festejando o nascimento da Criança Divina, passaram a ser usadas tochas, depois velas inscritas com símbolos rúnicos. As árvores sagradas, reverenciadas como símbolos da Árvore do Mundo, foram substituídas pelo pinheiro decorado com bolas (representações dos planetas) e o Anjo no topo (em vez da imagem da Deusa). Nerthus era conhecida como “A Mãe da Terra do Norte” e simbolizava a fertilidade, a paz e a harmonia familiar



Neste dia, os povos antigos ofertavam presentes para as Divindades agradecendo as dádivas recebidas ao longo do ano. Atualmente, as pessoas presenteiam-se entre si, a celebração tendo perdido seu significado sagrado para tornar-se uma reunião familiar e comercial.

Juventália, celebração romana em homenagem a Juventas, a deusa da juventude equivalente à grega Hebe.

Na Finlândia, acendem-se velas brancas nos túmulos dos ancestrais, pois acredita-se que os fantasmas dos falecidos voltam para suas casas nesta noite.

Uma antiga crença européia afirma que os pedidos de casamento feitos e aceitos nesta noite asseguram casamentos longos e amorosos.

25 de Dezembro

Os festejos de Natal originaram-se nas antigas celebrações universais do solstício de inverno. Apenas no século IV foi escolhida esta data, que coincide com o nascimento de vários deuses solares e da regeneração, como Tammuz, Osíris, Attis, Dioniso e Mithra. Por ser basicamente um festival da luz e do Sol, era dedicado aos deuses solares



nascidos de suas Mães Virgens - Spenta Armaiti, Mirra, Ísis, **Maria**, Rhiannon e Coatlicue. À meia-noite deste dia, os sacerdotes emergiam dos altares subterrâneos anunciando "A Virgem deu à luz, a escuridão diminui". As civilizações mexicanas, peruanas e dos nativos americanos, também celebravam o nascimento da Criança Divina.

Em Roma, celebrava-se o "Dies Natalis Invicto", o nascimento do Sol Invicto e o fim dos festejos libertinos da Saturnália.

Sacaea, comemoração do nascimento do deus solar de sua Divina Mãe na Babilônia.

Celebração da deusa Astarte, na Mesopotâmia, conhecida como Athar Samayin pelos aramaicos, Astoreth pelos canaanitas e Aisha Qandisha pelos marroquinos. Ela era a Grande Mãe, regente do céu e do planeta Vênus.

No folclore alemão, há uma lenda sobre uma bruxa chamada Lutzelfrau, que voava montada em sua vassoura levando infortúnios para aqueles que não a presenteavam. De acordo com um antigo costume dos camponeses, neste dia as crianças usavam máscaras e iam de casa em casa pedindo dinheiro e doces em nome de Lutzelfrau. A origem desta lenda é a antiga celebração da deusa Perchta, a Mãe Terra, que era homenageada com oferendas para que proporcionasse um ano abundante e feliz.

Continuação de Juvenália, a festa romana das crianças, que recebiam presentes e se divertiam com jogos, teatro de marionetes e danças com fantasias e máscaras.

Antigo festival Jólnir, na Escandinávia, honrando o deus Odín com oferendas de cervejas especialmente preparadas para essa ocasião, homenageando também as almas dos heróis mortos em combate.

26 de Dezembro

Celebração de **Lilith**, a deusa suméria da sexualidade.

Mencionada nos antigos mitos hebreus como a primeira mulher de Adão, Lilith foi criada ao mesmo tempo que ele, tendo desfrutado dos

mesmos direitos. Adão, no entanto, queria que ela fosse mais submissa, ficando sempre por baixo dele durante o ato sexual. Lilith rebelou-se e fugiu, escondendo-se às margens do Mar Vermelho.

Em lugar de Lilith, Deus criou então Eva da costela de Adão. Eva, por não lhe ser igual, precisava acatar sua supremacia, obedecendo a suas regras patriarcais. As escrituras judaicas transformaram então Lilith em uma figura demoníaca, Lilithu, a Mãe dos Demônios, que deu origem, na Idade Média, aos incubos e súcubos, vampiros sexuais masculinos e femininos. Originariamente, Lilith era a padroeira das gestantes, das mães e dos recém-nascidos, mas as deturpações judaicas denegriram-na, tornando-a a Rainha das Bruxas, o demônio que roubava o leite das mães, as almas das crianças e a virilidade dos homens. Recomendava-se usar amuletos cabalísticos contra os poderes nefastos de Lilith e praticar a abstinência sexual. Lilith, atualmente, é o nome usado na astrologia para designar tanto a Lua Negra quanto um asteroide que influencia a sexualidade humana.

Ritual da Dança da Tartaruga, tradição nativa norte-americana celebrando a Igaehinvdo, a deusa do Sol e do dia, irmã da deusa da terra Ilhino e da deusa do milho Sehu. Se devidamente homenageada, Igaehinvdo não queimará a terra com os seus raios.

Comemoração da deusa nórdica Sunna, a Senhora Solar, a noiva brilhante do céu, responsável pela manutenção da vida na Terra.

Nascimento de Horus, filho da deusa Ísis e do deus Osíris.

Nascimento de Buda, filho da deusa Maya, na Índia.

Festival Junkanoo nas Bahamas, honrando todas as divindades com procissões de máscaras e fantasias, músicas e danças.

Fim dos Dias de Halcyone, dedicados às Pléiades.



27 de Dezembro

Jhul, festival nos países escandinavos, celebrando com fogueiras e danças o casal divino **Freyja**, a deusa do amor, da beleza e da fertilidade e seu irmão Frey, o deus da fertilidade e da agricultura.



O nome de Freya originou, em inglês, o do sexto dia da semana, dedicado ao planeta Vênus. Ela representava a essência do amor e da sexualidade, conhecida por sua intensa vida amorosa e seus inúmeros amantes, embora também tivesse um marido.

Freya também era a chefe das Valquírias, as amazonas celestes que recolhiam as almas dos guerreiros mortos em combate, afirmando, assim, sua atuação como uma deusa da morte. Como deusa do amor, ela era reverenciada como a mais bonita das deusas nórdicas, vivendo em um vasto palácio, para onde eram levados as almas dos guerreiros. Era de lá que ela saía em sua carruagem dourada puxada por gatos, o que a tornava, também, a Senhora dos Gatos, como a deusa egípcia Bast. Como Senhora da Magia, Freya era a padroeira dos xamãs e das “volvas”. Elas eram sacerdotisas que praticavam “seidr”, uma complexa forma de magia extática e sexual, de projeção astral e de técnicas oraculares usando runas, cuja magia Freya ensinou ao deus Odin. Freya tinha um poderoso talismã, o colar mágico Brisingamen, confeccionado magicamente pelos gnomos, que lhe dava acesso à Árvore do Mundo e domínio sobre os elementos e os seres elementais.

Homenageava-se também Frigga ou Frigg, a deusa da natureza e do tempo, protetora das famílias e das tribos, a Senhora Branca amada por todos.

Muitos pesquisadores e autores afirmam que as deusas Freya e Frigga são aspectos de uma só deusa, facetas complementares da mesma energia feminina. No entanto, Frigga tinha atributos bem diferentes: ela era a Mãe e guardiã das famílias, padroeira do casamento e do lar. Uma das esposas do deus Odin, mãe do deus solar Baldur, a loura deusa Frigga morava em Fensalir, seu lindo palácio aquático. Vestida com um manto de penas de falcão, ela tecia os fios dourados do Sol ou a trama delicada das nuvens.

Invoque os poderes mágicos de Freyja, de Frigga e de suas sacerdotisas sagradas quando precisar reforçar seu magnetismo pessoal ou seus poderes psíquicos. Escolha uma música adequada, como a “Cavalcada das Valquírias”, chame os poderes dos elementos e peça às deusas para abençoarem e imantarem um colar, utilizando as Runas para

conseguir esclarecimentos ou orientações. Agradeça oferecendo-lhes pão, vinho e uma maçã untada com mel.

Nos Pueblos Hopi, festeja-se o retorno para a terra dos Kachinas, os espíritos ancestrais e das divindades da natureza.

28 de Dezembro

Comemoração de **Clíodhna**, a deusa irlandesa da beleza, moradora da Terra Prometida e que legou aos celtas o dom da eloquência.

Segundo a lenda, todo aquele que beijasse a Blarney Stone, sua pedra sagrada em Cork, na Irlanda, adquiria o dom da oratória. O desafio era a difícil localização da pedra, que deveria ser beijada com a pessoa de cabeça para baixo, pendurada à margem de um barranco.



Outra deusa irlandesa, com nome similar, era Clidna, uma das Tuatha de Danaan, as divindades dirigidas pela deusa Danu. Clidna aparecia como um pássaro marinho, regendo a nona onda de cada série de ondas. Esta onda, por ser maior que as outras, detinha poderes mágicos, sendo chamada de “a onda de Clidna”. Quando assumia forma humana, Clidna aparecia como uma mulher de extraordinária beleza.

Na Escandinávia, celebração a Gunnlod, a deusa da educação, do conhecimento, padroeira das artes e guardiã do elixir da poesia, “odrerir”. Segundo a lenda, Odin cobiçava tanto os potes em que Gunnlod guardava o hidromel sagrado, que acabou por seduzi-la para roubar o elixir da inspiração.

Celebração das matriarcas e deusas tecelãs: A Mulher Aranha, A Mulher que Muda, A Mulher de Cobre, as deusas Arachne, Ariarhod, Athena, Chalchiuhtlique, Befana, Morrigan, as três Nornes, as Parcas e as três Mães.

Festival anual de paz e renovação espiritual na China. Um grande cavalo de papel, contendo nomes e pedidos, era queimado na frente de um templo para que a fumaça levasse-os para o céu.

29 de Dezembro



Dia das ninfas, na Grécia, celebrando Andrômeda e **Ariadne**.

O mito grego descreve Ariadne como a filha do rei de Minos, em Creta, que deu um novelo de linha para que o herói Teseu, ao desenrolá-lo, pudesse encontrar o caminho de saída do labirinto de Minos. Após matar o Minotauro, Teseu levou Ariadne consigo e a deixou depois em uma outra ilha, Naxos. Lá ela foi encontrada pelo deus Dioniso, que a transformou na líder de suas sacerdotisas - as Mênades - e na mãe de seus inúmeros filhos. Ao morrer durante um parto, ela foi transformada na constelação de Aridella.

Originariamente, Ariadne era a deusa do amor e da sexualidade de Creta, reverenciada exclusivamente por mulheres. A chegada dos conquistadores gregos modificou seu mito original, mostrando claramente a fusão do antigo culto matrifocal aos elementos patriarcais.

Andrômeda era a deusa das estrelas e planetas, da beleza e da magia. Segundo o mito, Poseidon ofereceu-a como tributo aos monstros marinhos para que eles não mais destruíssem os navios e inundassem as cidades. Ela foi salva pelo herói Perseu e, posteriormente, transformada na Constelação que leva seu nome.

Dia das mulheres, na África, quando elas celebram seu dia com festas e muita alegria.

Reserve algum tempo para você neste dia. Faça um retrospecto do ano que passou, avalie suas conquistas e medite sobre suas derrotas. Concentre-se em suas qualidades e prepare-se para novas possibilidades e oportunidades no próximo ano.

30 de Dezembro

Início do festival africano Kwanza, com rituais dos povos Kwanza e Swahili celebrando a colheita e os primeiros frutos. O festival durava até primeiro de Janeiro, sendo dedicado às Sete Forças originais

que, na tradição ioruba, são as divindades Obatalá, Yemayá, Oyá, Oxum, Xangô, Ogum e Elegbá.

Acenda sete velas nas sete cores do arco-íris, correspondendo aos sete planetas e invoque as bênçãos dos Sete Senhores regentes das Sete Forças originais e dos Sete Raios para estarem sempre presentes em sua vida no próximo ano.



Limpe sua casa seguindo a tradição africana. Salpique sal grosso nos cantos da casa, começando na porta da frente e finalizando na dos fundos. Respingue água-ardente sobre uma vassoura nova e passe-a sobre todas as paredes e cantos, de cima para baixo. Andando em sentido anti-horário, junte todo o sal e jogue-o em água corrente. Molhe um pano em uma solução feita com uma colher de amônia, uma colher de açúcar mascavo e nove gotas de essência de lavanda diluídas em um litro d'água. Passe o pano no chão da casa toda enquanto diz, em voz alta, o que deseje atrair e realizar em sua casa.

Você também pode preparar uma garrafa mágica para sua proteção e segurança. Escolha uma garrafa com a boca larga que tenha uma boa tampa. Escolha os ingredientes de acordo com seu objetivo. Consagre-os e encha a garrafa, mentalizando de forma clara e firme seu objetivo. Invoque o Orixá de sua vibração original, seu anjo tutelar, seu mestre espiritual e seu guardião. Sele a garrafa riscando símbolos ou pronunciando mantras. Os ingredientes podem ser para proteção - angélica, alho, alecrim, alfinetes, agulhas ou pregos; para atrair dinheiro - canela, louro, cravo, cinco folhas e pedaços de prata; para harmonização - jasmim, canela, sálvia, casca de laranja e pétalas de rosa ou para saúde - lavanda, casca ralada de laranja e limão, tomilho e eucalipto.

31 de Dezembro

No Brasil, celebra-se neste dia o Orixá **Yemanjá**, a Deusa Mãe Ioruba da água salgada.

Yemanjá ou Ymojá é uma das maiores deusas africanas. Em sua pátria, ela era a deusa ioruba regente do Rio Ogum, filha do mar, para cujo rio ela fluía. Era também a Mama Watta, a Mãe d'Água, que deu origem a todas as águas e gerou inúmeras divindades. Mesmo dormindo, ela criava,



incessantemente, novas fontes de água. Era representada como uma mulher madura, com seios volumosos, longos cabelos negros, cercada de conchas e peixes, já que seu verdadeiro nome - Yéyé Omo Ejá - significa "Mãe cujos filhos são peixes". Os vários nomes a ela atribuídos, na verdade, representam os sete caminhos pelos quais chega-se ao local de sua origem: mar, lagoa, rio, fonte, espuma, ondas e arrecifes. Seu culto atravessou o Atlântico, difundindo-se nas religiões afro-brasileiras, na santeria de Cuba e no vodú de Haiti. Ela foi sincretizada à Virgem Maria, adotando vários de seus nomes conforme o local do culto.

Sintonize-se com a intensa egrégora criada pelos adeptos de Yemanjá. Vista roupas brancas e leve uma oferenda para perto da água do mar, rio ou lagoa. Podem ser flores, colares, pulseiras, moedas, perfume, pentes, sabonetes, espelho ou champanhe. Agradeça a Yemanjá a proteção e peça-lhe um Ano Novo com muita luz, paz, saúde e amor, saudando-o na forma tradicional "Odó Iyá"!

Festa de Strenia, a deusa da terra e da abundância na Sicília, celebrando os dons de Pandora.

Danças do fogo em Samoa para a deusa do fogo vulcânico Pele.

Comemoração das Três Nornes, na Escandinávia, as deusas do destino.

Noite dos Desejos, no México e o Dia de Sorte, no Egito, celebrando a deusa com cara de leão Sekhmet.

Festa da Fada Dourada, no País de Gales.

Antiga celebração, na França, da deusa da abundância Abonde, equivalente da romana Abundita, da celta Habonde ou Habondia. Seu culto sobreviveu na Europa até a Idade Média, reverenciada, especialmente, pelas bruxas e pelos magos.

Expulsão dos demônios do azar e chamada dos espíritos do sorte, no Japão. As pessoas, vestidas com máscaras grotescas e roupas de palha, andavam pelas ruas, fazendo muito barulho e coletando de cada casa dinheiro, bolos de arroz e saquê.

Cerimônia Hogmanay, para o deus solar Hogmagog, na Escócia, afastando os maus espíritos usando máscaras e fazendo barulho.

Capítulo 11

A Roda do Ano e os Sabbats

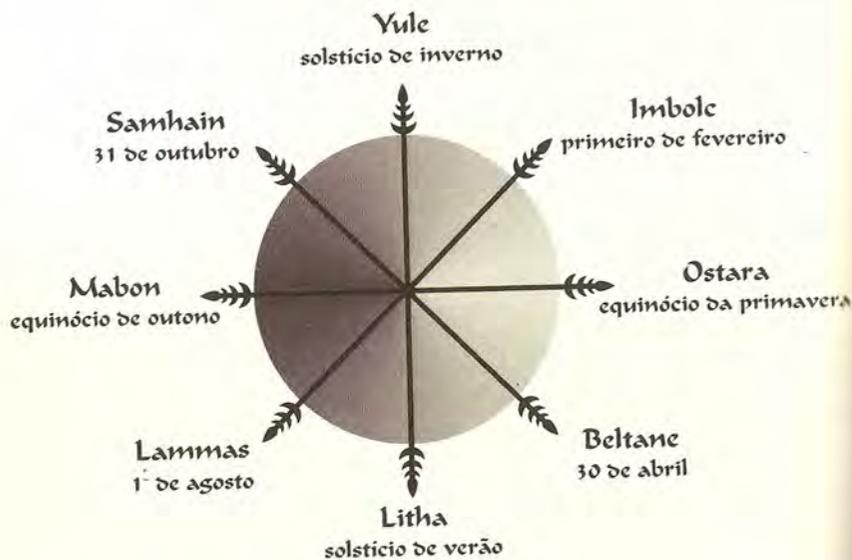
Nos primórdios da humanidade, o homem vivia em contato direto e permanente com a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas, sintonizado com os ritmos cósmicos e altamente influenciado pelas forças e manifestações da natureza.

Para garantir sua sobrevivência em um ambiente muitas vezes hostil, cheio de perigos e imprevistos, os homens assim ditos "primitivos" observavam cuidadosamente os sinais e as mudanças da natureza a seu redor. Suas vidas e atividades dependiam dos ciclos do Sol e da Lua, das mudanças das estações, dos efeitos climáticos e da interação com as forças naturais ou sobrenaturais.

Os povos antigos consideravam a viagem circular da Terra ao redor do Sol uma roda, representando o eterno ciclo de nascimento e desabrochar, crescimento e florescimento, maturidade e frutificação, envelhecimento e decadência, morte e decomposição e, novamente, renascimento, refletido na vida humana e na natureza. Em sua aparente trajetória anual, o Sol atinge dois pontos de afastamento máximo em relação ao equador celeste, tanto para o norte quanto para o sul. Esses pontos são chamados solstícios, o de inverno marcando o dia mais curto do ano e o de verão, o dia mais longo do ano. Os equinócios são os pontos de interseção dessa trajetória aparente do Sol com o equador celeste, determinando dois momentos em que o Sol se encontra exatamente sobre o equador, quando o dia e a noite tem a mesma duração. O equinócio de primavera representa o ponto mediano entre o solstício de inverno e o de verão, enquanto que o equinócio de outono marca a metade do caminho entre o solstício de verão e o de inverno.

Os povos antigos celebravam as transformações ocorridas na natureza ao longo da Roda do Ano por meio de festivais. Os Festivais Solares marcavam os solstícios e equinócios, em datas determinadas pela entrada do Sol em certos signos astrológicos. Os Festivais de Fogo aconteciam em datas fixas, marcando os pontos intermediários entre os solstícios e os equinócios.

Estas oito celebrações, chamadas Sabbats, constituem os oito raios da **Roda do Ano** (relativos ao hemisfério norte).



Estima-se que os Sabbats são celebrados, em suas várias formas e nos mais diferentes lugares do mundo, há doze mil anos, marcando a relação da humanidade com seu meio ambiente telúrico, solar e cósmico. Os Festivais de Fogo originaram-se no calendário agrícola, marcando a passagem das estações, o plantio e a celebração das colheitas. A palavra "Sabbat" tem origem no verbo grego *sabatu*, que significa "descansar". Os Sabbats eram datas festivas, celebrando as mudanças da natureza, a alegria das pessoas e a reverência às divindades. À medida que nossa sociedade tornou-se cada vez mais tecnológica, eficiente e complexa, os homens se distanciaram - física, psicológica e espiritualmente - de nosso ambiente

natural (ecológico e cósmico). Esse distanciamento resultou na atual crise ecológica e planetária, a humanidade tendo esquecido que a Mãe Terra e o Pai Céu criaram e sustentam nossa vida. Para superarmos essa cisão e sabermos honrar a sacralidade da natureza, devemos reconhecer nossa interdependência com suas leis, manifestações e ciclos e lembrar ou recriar, festivais que celebrem a passagem do tempo e das estações.

— (O Mito da Roda do Ano) —

Os rituais e atributos dos oito Sabbats são derivados do mito da Roda do Ano.

Milhares de anos atrás, a humanidade considerava a Grande Mãe como a origem de toda a criação. Considerada uma figura complexa, andrógina por se autofertilizar, ela tanto criava a vida como era a própria vida. Com o passar do tempo, surgiu a figura de Deus como filho e consorte, gerado pela Deusa e, ao tornar-se adulto, unindo-se a ela, morrendo e renascendo em um ciclo interminável.

Essa idéia pode ser melhor compreendida ao observar-se a trajetória anual do Sol, que "desaparece" no inverno e "renasce" no verão. Dessa forma, podemos considerar o Sol como a representação dos processos de morte e renascimento e esse ciclo permanente como a personificação do relacionamento da Deusa - o eterno princípio da vida - com o Deus - que nasce, cresce, fertiliza a terra, morre e renasce.

A Deusa contém o Deus em sua totalidade; Ela é a Terra e Ele é sua força, o princípio dinâmico e criativo que resplandece, define e reacende. Eles se complementam e juntos representam a criação.

A seqüência do relacionamento da Deusa e do Deus é retratada pelos Sabbats. Para os celtas, o ano começava em Samhain, quando o Deus descia ao Mundo Subterrâneo e tornava-se o senhor de tudo o que é escuro, oculto e misterioso. A Deusa era a Anciã, a senhora da magia, uma figura paradoxal pois é, ao mesmo tempo, viúva - capaz de compreender o sofrimento humano - e mãe - por carregar em seu ventre escuro seu futuro filho, como uma semente de luz.

Em Yule, o solstício de inverno, o Deus renasce, como filho vivo da Deusa e de si mesmo. A Deusa, então, assume a plenitude de seu aspecto de Mãe.

Em Imbolc, o Deus e a Deusa são jovens, cheios de energia e promessas e a natureza e a vida desabroçam.

Em Ostara, no equinócio da primavera, a natureza floresce e se rejubila na antecipação da união do Deus e da Deusa em Beltane. A Deusa, como Donzela, abençoa e promove a fertilidade das plantas e da terra.

Em Beltane, o Deus e a Deusa celebram seu Casamento Sagrado, abençoando a fertilidade humana e animal.

Em Litha, toda a natureza frutifica. A Deusa está grávida com as plantações que serão colhidas em breve e o Deus está mudando sua face, que começa a tornar-se escura à medida que o Sol se distancia e a luz começa a diminuir.

Em Lammas, o Deus e a Deusa presidem sobre a colheita, mas ele se sacrifica, morrendo quando os grãos são colhidos. É seu sacrifício que vai alimentar a humanidade e oferecer as sementes para um novo plantio.

Em Mabon, a Deusa é uma Mãe amadurecida e sábia enquanto que o Deus é apenas uma presença sutil, percebido nas celebrações das últimas colheitas e nos preparativos para a aproximação da escuridão.

E o ciclo se fecha em Samhain, recomeçando novamente.

É evidente o tema do nascimento, fertilidade, polaridade sexual e morte, repetindo-se de várias formas ao longo dos Festivais.

O Casamento Sagrado da Deusa e do Deus não representa um incesto, embora ele seja, além de seu consorte, seu filho. É apenas a metáfora de um antigo costume perpetuado em várias culturas ao longo dos milênios, o da união do Rei com a Sacerdotisa para ativar a fertilidade da Terra. Atualmente, essa celebração pode ser simbólica, dedicada à nossa própria união interior, juntando as polaridades ou o subconsciente ao consciente. Visa-se não apenas a fertilidade física, mas principalmente a criatividade intelectual ou artística.

As celebrações dos Sabbats tem múltiplos e complexos significados, reverenciando a dualidade - Deus/Deusa, homem/mulher, vida/morte, transitório/permanente - e o ciclo das estações, além da passagem do tempo. Mas acima de tudo, os Sabbats celebram a alegria do encontro da comunidade, podendo ser adaptados ou modificados conforme as condições locais, mas sempre respeitando a Tradição Antiga.

Alguns escritores ou praticantes de Wicca do hemisfério sul propõem a inversão das datas dos Sabbats, conforme as estações. Mesmo que cientificamente essa proposta possa ser válida, esotérica e magicamente ela não tem sustentação. Ao longo dos milênios, os povos europeus criaram uma egrégora fortíssima em torno dessas celebrações, tendo sido inclusive aproveitada pela Igreja Católica quando se apropriou dessas datas antigas e sobrepôs a elas as festividades cristãs. Como o Brasil foi colonizado por europeus que trouxeram consigo suas tradições e costumes - como os festejos natalinos e as festas juninas - a lógica é continuar respeitando as datas do calendário original. Tente imaginar a discrepância energética e espiritual que seria celebrar Samhain em maio e Beltane em Finados ou Yule em junho e Litha no Natal.

Os Sabbats podem ser celebrados por grupos mistos, por grupos só de mulheres ou, em sua forma mais simplificada, por praticantes solitários.

Nos grupos femininos, dá-se maior ênfase às mudanças e transformações individuais que acompanham o ciclo das estações e o ritmo da Terra. As mulheres sabem que os ciclos naturais estão presentes em seus corpos, mentes e espíritos e que elas podem aprender a usar o movimento simbólico da Roda do Ano para realizar mudanças interiores ou exteriores. Sentido-se parte da Terra e da Deusa, a mulher acompanha a natureza, fluindo com os ciclos e percebendo-se como um reflexo da deusa da Terra dos nativos norte-americanos, chamada "A Mulher Que Muda". Cria-se, também, um maior sentido de união e irmandade sabendo que nos Sabbats, mulheres do mundo inteiro se reúnem para celebrar a Terra e o ressurgimento dos valores e tradições da Grande Mãe.

SAMHAIN

31 de outubro



Samhain (pronuncia-se “souên”) ou Hallows significava, para os celtas, o final de um ciclo e o prenúncio de um novo, o mergulho na escuridão e na morte à espera do renascimento. Era o mais importante dos Sabbats, representando a passagem do Ano Novo celta e o terceiro e último festival da colheita. Simbolizava não mais a celebração dos cereais ou das frutas, mas a matança dos animais que não mais serviam para a reprodução, sendo transformados em conservas para o inverno. Na Roda do Ano, Samhain é o oposto de Beltane, regido pela Deusa Anciã e pelo Deus da Morte.

A atmosfera desse festival era de nostalgia, saudade, lembranças, desapego, retraimento, compreensão e mutação. Os véus entre os mundos se tornavam mais tênues na noite de Samhain, permitindo a comunicação com os espíritos dos ancestrais e dos familiares falecidos. Ao ser cristianizado, Samhain transformou-se na comemoração do Dia de Todos os Santos e Finados, enquanto que sua vulgarização e comercialização moderna o caricaturaram como Halloween, a Festa das Bruxas.

Na mitologia irlandesa, em Samhain celebrava-se a união da deusa da guerra Morrigan a Dagda, o deus da Terra, garantindo, assim, a sobrevivência da terra durante as vicissitudes do inverno. As lendas celtas contam como Cailleach, a deusa Anciã, congelou a terra, batendo nela com seu cajado. Lamentando a morte sacrificial do Deus, representada pelo fim do ciclo da vegetação, a Anciã se recolhe para preparar em seu caldeirão sagrado a poção mágica do renascimento.

Nos países nórdicos e celtas, acreditava-se que vários Espíritos da Natureza, principalmente as Fadas Escuras, perambulavam pela terra nesta noite, perturbando as pessoas e assustando os animais. Para mantê-los à distância, fogueiras e lanternas de abóbora eram acesas nas colinas e oferendas eram deixadas nos bosques. Em Roma, celebravam-se neste dia as deusas Pomona e Fortuna, com oferendas agradecendo pela colheita e rituais para atrair a boa sorte.

Na Tradição da Deusa, esta noite é dedicada a Cerridwen, a deusa celta detentora do caldeirão sagrado da sabedoria e da transmutação, a fac-

anciã da Grande Mãe. Comemora-se, também, a descida da deusa suméria Inanna, em visita a sua irmã Ereshkigal, a senhora do mundo subterrâneo, sendo imolada e morta antes de voltar, renovada e mais sábia, ao mundo dos homens. No mito grego, Deméter desce para visitar sua filha Perséfone no mundo escuro dos mortos, implorando-lhe para que volte com ela à superfície. Hécate, a deusa das encruzilhadas, encaminha as almas, iluminando-lhes a passagem com sua tocha.

São inúmeras as deusas relacionadas a este Sabbat, estando presentes em várias tradições: Baba Yaga, Cailleach, Cerridwen, as Erinias, Hécate, as Moiras, Kali, Inanna, Ereshkigal, Ísis, Néftis, Morrigan, Macha, Scatach, Skadi, Oyá, Hel, Holde, as Nornes, Perséfone e Tonantzin.

A noite de Samhain é propícia à reflexão sobre as emoções e os acontecimentos do passado, encarando seus medos e suas limitações, desapegando-se do “peso morto” e buscando inspiração e sabedoria para mudanças e transformações. Usam-se várias formas de adivinhação - bola de cristal, vasilha com água, espelho negro, Runas, I Ching e Tarot -, buscando-se orientação espiritual por meio de viagens xamânicas, mensagens, canalizações ou psicografias.

Os elementos ritualísticos para este Sabbat são as velas pretas, para a transmutação, e as velas laranjas, para procissão e iluminação, colocadas dentro das lanternas feitas com abóboras. Também são utilizadas representações de aranhas e suas teias, serpentes, flores de crisântemo e calêndula para enfeitar o altar, juntamente com folhas de algueiro, samambaia e cipreste, galhos e bolotas de carvalho, raiz de mandrágora e as frutas consagradas: avelãs, para atrair sabedoria mágica e maçãs e romãs, representando a morte e o renascimento. Os incensos e essências correspondentes são os de sálvia, carvalho, cedro, sândalo, mirra e copal e as pedras são o ônix, a obsidiana, o jaspe sangüíneo e o cristal fumacado. É importante criar um altar especial para os ancestrais ou colocar suas fotografias junto a uma oferenda de bolo ou de frutas, que deve depois ser depositada embaixo de uma árvore. O caldeirão é imprescindível para queimar papéis ou resíduos negativos, assim como o oráculo. Se possível, faça uma procissão com velas ou percorra mentalmente um labirinto ao som de batidas de tambor. As roupas devem ser pretas e as pessoas podem usar máscaras de animais, representando seus aliados, mas sem nenhuma conotação grotesca. A comemoração é feita com bolo de abóbora ou frutas, sidra ou chá preto com especiarias.

Neste ritual, reverenciam-se os ancestrais e, com sua ajuda, pode-se empreender uma viagem simbólica ao ventre escuro da Mãe Terra, percorrendo o labirinto do Mundo Subterrâneo, buscando a regeneração e a transformação ao mergulhar no caldeirão sagrado da deusa Cerridwen.

YULE ou ALBAN ARTHVAN

solstício de inverno no hemisfério norte
aproximadamente 21 de dezembro

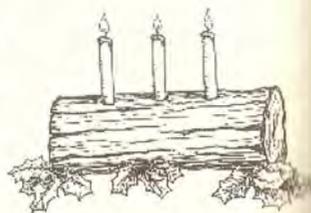
O solstício de inverno é uma data muito importante para os nativos norte-americanos porque marca o início de um novo ciclo. Aparentemente, o Sol não se move por quatro dias e os nativos chamavam este período de “Regeneração da Terra”. Estes dias são dedicados a jejuns, orações e rituais de “fortalecimento” do Sol. Os xamãs abriam as “Sacolas de poder” da tribo e refaziam-nas. Todas as pessoas eram purificadas e abençoadas.

No antigo Egito, comemorava-se, nesta data, o renascimento do deus solar Ra e a criação do Universo. Se chovesse, acreditava-se que eram as lágrimas de Ra, abençoando a terra neste início de um novo ciclo.

Vários outros deuses solares, de várias culturas, eram celebrados, dentre eles, Apolo, Balder, Bel, Frey, Lugh, Mabon, Mithra e Quetzalcoatl. Foi por causa da força dessas comemorações que a Igreja Católica escolheu essa data para celebrar o nascimento de Jesus.

Yule era um Sabbat extremamente importante para os povos nórdicos e celtas, suas tradições tendo originado os atuais costumes do Natal. Yule significava, em norueguês arcaico, “roda” e este Sabbat era considerado o “tempo de mudança”. Na Roda do Ano, Yule é o oposto de Litha, marcando o início da metade clara do ano e o fortalecimento da luz.

Na tradição nórdica, Yule era celebrado durante doze noites. A primeira - na véspera do solstício - era chamada “A Noite da Mãe”, sendo dedicada à deusa Freya. A Grande Mãe, a criadora do universo, era reverenciada pelos celtas e representada no topo da “Árvore do Mundo”. Com o passar do tempo, ela foi sendo substituída pelo anjo ou pela estrela



no topo da árvore de Natal. A Deusa transforma-se: de Anciã velada, guardiã do mundo subterrâneo de Samhain, ela torna-se, agora, a mãe amorosa e cheia de vida, dando à luz seu filho solar.

Na tradição druída encenava-se, nesta data, o combate entre o Rei do Carvalho - o regente da metade luminosa do ano, de Yule a Litha - e o Rei do Azevinho - o regente da metade escura do ano, de Litha a Yule. Essa luta, vencida pelo Rei do Carvalho, simbolizava a vitória da luz, da expansão e do crescimento sobre a escuridão, a decadência e a aridez. O visco, a planta sagrada, era colhido com foices de ouro e distribuído pelos sacerdotes aos participantes como um talismã de boa sorte e proteção.

Confeccionavam-se, também, guirlandas de pinhas e frutas secas dedicadas à Deusa em seu aspecto de “Tecelã da Vida”, simbolizando a Roda do Ano. Os povos escandinavos e saxões enfeitavam pinheiros com oferendas para as Divindades e os Espíritos da Natureza, costume este que originou, no século XVI, a Árvore de Natal. A figura de Papai Noel surgiu das crenças dos lapões, cujos xamãs, viajando em trenós puxados por renas, levavam as dádivas de cura e auxílio às pessoas necessitadas.

No solstício, os romanos celebravam o deus Saturno com as festas libertinas da Saturnália e com a distribuição de presentes para amigos e familiares. O deus solar Apolo também era homenageado, as casas sendo enfeitadas com galhos de louro e lâmpadas acesas. Na África, o festival Kwanza celebra os sete princípios da vida, enquanto a festa judaica Hanukkah comemora a Luz.

As divindades solares relacionadas a este Sabbat são os deuses Apolo, Attis, Baldur, Dioniso, Frey, Horus, Lugh, Mabon, Mithra, Osíris, Quetzalcoatl, Ra, Surya e Tammuz e as deusas Amaterasu, Arinna, Bast, Befana, Bertha, Grianne, Lucina e Sunna.

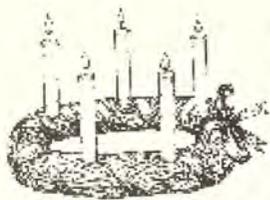
Yule é a noite mais longa do ano no hemisfério norte mas, por conter em si a semente da luz - que começa a aumentar juntamente com a duração do dia - é o momento adequado para tentar vislumbrar o futuro, buscando presságios e sinais ou orando, meditando e confiando nas orientações de sua voz interior. A atmosfera deste Sabbat era de alegria, celebração e confiança nas promessas do retorno da luz, da renovação e do renascimento.

Atualmente, nos círculos de mulheres, celebra-se, também, o nascimento da criança solar, a Deusa dando à luz, bem como a ativação da energia vital, as novas idéias e os novos planos preparando o futuro.

Os elementos ritualísticos para Yule são as velas vermelhas, verdes e douradas, as guirlandas de pinhas, flores frescas e secas, nozes, sinos e fitas coloridas, os galhos de pinheiro e cedro enfeitando o altar, juntamente com folhas de louro, azevinho, hera e visco. A iluminação é feita com tochas e lamparinas e o elemento central é o tronco com três velas - "Yule log" - ou um pequeno pinheiro enfeitado com doze estrelas representando as constelações, dez globos prateados representando os planetas e uma deusa ou anjo no topo. Os incensos e essências correspondentes são de louro, carvalho, junípero, pinheiro, alecrim, sândalo e canela. As pedras são a granada, a esmeralda, o rubi, o diamante e o cristal de rocha. Pode ser encenado o nascimento da criança solar, fruto do casamento sagrado do Deus e da Deusa ou a luta entre o Rei do Azevinho e o Rei do Carvalho, que tinha sido derrotado no solstício de verão, mas agora vence. O Rei do Azevinho, por sua vez, é recebido pela Anciã, que o conduz ao mundo subterrâneo, onde ele passará os próximos seis meses, à espera de um novo combate. Os participantes preparam oferendas para as divindades e levam-nas para um bosque ou alguma árvore, brindando com sidra ou vinho branco. O ritual pode ser encerrado com a cerimônia nativa de "give away": as pessoas trazem algum objeto que foi importante em suas vidas e passam-no a outra pessoa, contando sua história e sua mensagem simbólica de renovação.

— (IMBOLC, CANDLEMAS ou OIMELC) —

primeiro de fevereiro



Este Sabbat originou-se na antiga Irlanda, nas comemorações da deusa Brighid, Brigid ou Bridgit, homenageada como a "Noiva do Sol". Apesar de estarem no auge do inverno, este festival era dedicado ao aumento da luz e ao despertar das sementes enterradas na terra congelada. Na Roda do Ano, Imbolc é o oposto de Lammas e festeja a Deusa como Donzela.

Imbolc ocorria seis semanas após Yule, simbolizando a recuperação da Deusa após o parto da criança solar e sua transformação em Donzela jovem e cheia de vigor. A Igreja Católica aproveitou o antigo

significado pagão e transformou esta data na festa de Candelária, a Purificação de Maria. A própria deusa Brighid foi cristianizada como Santa Brígida e seu santuário foi transformado em um mosteiro de monjas.

Brigid ou Bride (pronuncia-se Bríd), era uma deusa tríplice, regente da inspiração (artes, criatividade, poesia e profecia), da cura (ervas, medicina, cura espiritual e fertilidade) e da metalurgia (ferreiros, ourives e artesãos). Por ser uma deusa do fogo, era homenageada com fogueiras, todas solares, coroas de velas e rituais que despertavam ou ativavam o fogo criador. As lendas celtas descrevem-na como a Deusa em sua apresentação de Donzela tocando, com seu bastão mágico, a terra congelada pelo cajado na Anciã, despertando-a para a vida e aumentando a luz do dia.

O Sabbat Imbolc, cujo nome significava "apressar-se", celebrava o aumento da luz e a derrota do inverno. Na véspera, todos os fogos e luzes eram apagados para serem reacendidos, ritualisticamente, com as brasas das fogueiras dedicadas a Brighid.

Neste dia, com a comemoração de Disting, os povos nórdicos "enterravam" a negatividade e as agruras do inverno, acendendo fogueiras nas encruzilhadas e purificavam a terra, salpicando sal e cinzas sobre ela.

A versão romana deste Sabbat eram a Lupercália e os alegres festejos para as deusas Februa, Diana e Vênus.

Na tradição Wicca, nesta data, são feitas as iniciações dos novos adeptos e as confirmações das sacerdotisas. Por ser Brighid uma deusa da cura, padroeira das fontes sagradas, ela era invocada nos rituais de purificação e cura, sendo reverenciada nas fontes a ela consagradas. Até hoje, em certos lugares da Grã-Bretanha e da Irlanda, as pessoas amarram fitas ou pedaços de roupas nas árvores próximas às antigas fontes sagradas, atualmente dedicadas a Maria ou às santas católicas, orando para obter a cura de seus males.

A atmosfera deste festival é marcada pelo despertar das sementes, dos novos planos e novos projetos, pela iniciação em um caminho espiritual ou em novas atividades, pela aceleração e renovação das energias, pela purificação e pelo renascimento material ou espiritual, pela busca de presságios e pela preparação para sua realização. Nos rituais de mulheres confecciona-se uma boneca de palha - "Grain Dolly" ou Bride - representando a Deusa como noiva, deitada em uma cama especial, juntamente com um bastão representando o Deus. As cruces ou

rodas de Brigid também são tecidas com palha, sendo colocadas acima das portas como proteção.

Imbolc é uma data propícia para despertar a criatividade e abrir-se para a inspiração por meio da poesia, canções, narrativas, desenho, cerâmica ou dança.

As deusas associadas a este Festival são as deusas da cura, do fogo e da luz, como Amaterasu, Brigid, Diana, Freya, Héstia, Igaehindvo, Juno Februa, Lucina, Pele, Sulis e Vénus.

Os elementos ritualísticos são as coroas com treze velas amarelas ou os arranjos com velas de cera, guirlandas de fitas e flores amarelas, as rodas e cruzeiros solares de palha e espigas de trigo e a "Grain Dolly", a boneca de palha de milho, representando o aspecto jovem da Deusa, vestida como noiva e colocada em uma cama de folhagens, juntamente com o bastão decorado com fitas e com uma bolota de carvalho ou pinha no topo, simbolizando o Deus. A purificação é feita com um arco de fogo ou com uma fogueira, uma vassoura de galhos verdes de salgueiro, aveleira, alecrim, bambu ou manjerição e com um incenso especial feito a partir de uma mistura de olíbano, sândalo, cravo, canela e sangue de dragão. As pedras associadas a Imbolc são o jaspe sanguíneo, o âmbar, o coral, o berilo, a estauroлита e o quartzo rosa. Os animais totêmicos são a vaca, a serpente, o cisne, o lobo e o falcão.

Os rituais indicados para este Sabbat são de iniciação, dedicação ou confirmação espiritual com oferendas de flores, fitas e moedas nas fontes ou nos rios, atividades curativas ou criativas como o artesanato, a poesia, a música e a dança, a purificação dos ambientes, das pessoas e dos objetos e a busca de presságios, observando sinais da natureza, captações psíquicas ou avisos nos sonhos. A comemoração é feita com pratos tradicionais à base de leite, ovos, especiarias, saladas de sementes e brotos e chás depurativos de ervas.

Imbolc é uma data alegre, repleta de novas possibilidades, cheia de esperança nas realizações futuras.

OSTARA, EOSTAR ou ALBAN EILIR

equinócio da primavera no hemisfério norte
aproximadamente 21 de março

O Sabbat Ostara é celebrado na entrada do Sol no signo de Áries, marcado pela igualdade entre os dias e as noites, o equinócio. Para os povos europeus, esta data marcava a transição da metade escura para a metade clara do ano, sendo considerado o primeiro dia da primavera. Postejado antigamente como o tempo da concepção da criança solar que nascerá em Yule, este Sabbat foi cristianizado como a Festa da Anunciação, em 25 de março.



O jovem Deus, nascido em Yule, está alcançando sua maturidade enquanto que a deusa Donzela resplandece no auge de sua beleza e vitalidade, personificando o renascer da natureza e transformando tudo que toca.

Os povos antigos comemoravam, nesta data, a morte e o renascimento de vários deuses como Tammuz e Dumuzi, na Suméria; Ahtu, na Caldéia; Osíris, no Egito; Adonis e Dioniso, na Grécia; Baldur e Odin, na Escandinávia e de algumas deusas, como Perséfone e Inanna. A Igreja Católica celebra a Ressurreição de Jesus no domingo seguinte à primeira lua cheia após o equinócio, continuando, assim, a antiga tradição.

Considerado o início do Ano Novo Zodiacal, o equinócio vernal festeja a ressurreição da luz com o deus solar, o aquecimento da terra, a germinação das sementes após a hibernação, o desabrochar da vegetação e a renovação da vida. Na Roda do Ano, Ostara é o oposto a Mabon, marcando o despertar da natureza e o aumento da luz solar.

A atmosfera deste Sabbat é de renovação, regeneração, expectativas e esperanças. Ostara ou Eostre é o nome da deusa saxã da primavera. Seu nome também é relacionado aos nomes de outras deusas antigas, como Astarte, Ishtar e Astoreth, regentes da fertilidade, do amor e da criatividade. Seus símbolos são a lebre, um animal extremamente fértil e os ovos, representando o potencial da vida e o novo início. Há um mito muito mais antigo, descrevendo a formação do mundo a partir do Ovo Primordial, posto pela Deusa Pássaro e chocado pelos raios do Sol. Tanto

o ovo - pelo fato da ovulação ser estimulada pelos raios da Lua - quanto a lebre - pelo fato de ser relacionada às deusas lunares em vários mitos - são atributos lunares. Da combinação destes antigos símbolos místicos resultou o costume atual de se presentear as crianças com ovos de chocolate trazidos pelo Coelho da Páscoa, animal este que não tem nenhuma explicação plausível, não fazendo sentido nem mesmo quando contado às crianças

A lebre tem outro significado esotérico mais profundo, o da imolação ou auto-sacrifício, lembrando os antigos rituais de transformação em que se sacrificava algo de si para conseguir um favor divino ou propiciar uma mudança. Não é o sacrifício visto como um castigo, mas sacrificar algum prazer em prol do crescimento do Eu Maior.

O Sabbat celta Ostara coincidia com outras celebrações antigas, como as festas de Ísis e Osíris, de Cibele e Attis, de Astarte, de Deméter e Perséfone e de Athena, entre outros. Também outras divindades são relacionadas a este Sabbat, como Chalchihuitlicue, Gaia, Hina, Kwan Yin, Lilith, Oxum, Parvati e A Mulher que Muda.

Os círculos de mulheres celebram o retorno de Perséfone do mundo subterrâneo e a alegria de sua mãe Deméter, enchendo a terra com folhas e flores. É uma data propícia a rituais celebrando o encontro mãe e filha, a cura da criança interior e a bênção de sementes e da terra.

São elementos ritualísticos deste Sabbat as cestas de vime com ovos pintados ou inscritos com símbolos rúnicos. Estes ovos, chamados "pysanky" nos países eslavos, são considerados amuletos mágicos de fertilidade, proteção e prosperidade. Sem seus conteúdos, eles podem ser guardados em seu altar; crus e galados, podem ser ofertados à Deusa e, se cozidos antes de pintados, podem ser comidos. Por representar um símbolo de renascimento, os ovos podem ser enterrados nos túmulos dos familiares falecidos ou na terra, antes do plantio. As velas usadas durante o ritual são verdes ou em tons pastéis, o incenso e a essência podem ser de jasmim, íris, bétula, lírio ou narciso e o altar será enfeitado com flores, folhagens, penas, imagens das Deusas Pássaros e de animais totêmicos, como galinhas, galos, lebres ou pássaros, com fotografias de crianças, sinos ou chocalhos. Os rituais celebram a vida, o renascimento, a criança interior, a menarca, a Deusa e seu Filho, o equilíbrio e a harmonia. A comemoração é feita com pães especiais, bolos de frutas, gelatinas coloridas e ovos de chocolate.

BELTANE

noite de 30 de abril



Beltane e seu oposto Samhain eram os dois maiores festivais da tradição celta, marcando o início do verão e do inverno e representando o casamento sagrado da Deusa e do Deus, a união do Céu e da Terra. Os Fogos de Beltane e o Mastro de Maio (May pole) celebravam a abundância da terra com o início do verão.

A Deusa e o Deus alcançaram o auge de sua vitalidade e vigor. O calor do Sol e a exuberância da natureza festejam sua paixão, culminando no Casamento Sagrado da Deusa da Terra com o Deus Verde da Vegetação, personificados em seus representantes: o Rei e a Sacerdotisa.

Apesar de ter sido celebrado por vários povos antigos com outros nomes, como os festejos de Florália e Bacanália, a festa de Bona Dia e a Noite de Walpurgis, o atual nome deste Sabbat é relacionado a Bel, o deus celta do fogo e da luz.

Os celtas acreditavam que o mês de maio era regido pelo Povo das Fadas, ajudantes da Mãe Terra em sua tarefa de florescer e frutificar. O símbolo principal de Beltane era o Mastro de Maio; ao seu redor, os casais dançavam, trançando fitas vermelhas e brancas. A simbologia é bem evidente: o símbolo fálico fertilizando o ventre da terra e as pessoas oferecendo, nos campos e nos bosques, a energia do amor sexual. Os casais pulavam sobre as fogueiras para atrair a boa sorte, a fertilidade ou a abundância. Homenageavam-se os representantes do Deus - o melhor dançarino - e da Deusa - a mais bonita das mulheres presentes, eleita a Rainha de Maio.

Inúmeros encantamentos para a cura, o amor e a prosperidade eram feitos nesta noite, colhendo-se e utilizando-se plantas sagradas como o espinho branco e preto e o salgueiro, purificando-se os campos e os animais. Deixavam-se oferendas para o Povo das Fadas, pedindo-lhes a abertura da visão sutil e o conhecimento do uso mágico das ervas e pedras.

A atmosfera deste Sabbat é de excitação, celebração da sexualidade e da fertilidade, conscientização dos impulsos e das reais necessidades, harmonização e complementação dos opostos.

Nos círculos de mulheres, comemora-se o florescimento da Terra, o despertar de Perséfone para o amor, a ativação da energia vital e do fogo criador.

As deusas associadas a este Sabbat são Aeval, Cliodhna, Fand, Grainne, Maeve e Yseult, na Irlanda; Blodewedd e Blatnat, no País de Gales; Belisama, na Gália; Marian e Cordélia, na Bretanha; Matronit, na Ibéria; Grimhild, Minne e Walburg, na Alemanha e Freya, Gefjon, Hnoss, Ingeborg, Lofua e Sjöfn, na Escandinávia. Os deuses correspondentes são Cernunnos, Frey, Fauno e Pan.

Os dois principais temas deste Festival são o mito da Mulher Aranha tecendo os fios da criação e o despertar da deusa Donzela para o amor e para a união com o deus Cornífero.

Os elementos ritualísticos deste Sabbat são o Mastro de Maio, um tronco de pinheiro onde dançarinos trançam fitas coloridas tradicionalmente vermelhas e brancas, atualmente podendo ser escolhidas em outras cores de acordo com a intenção mágica -, as guirlandas de flores e folhagens para os dançarinos, a “dança das fitas” e a fogueira, para purificar-se ou saltar sobre ela. As velas são vermelhas, representando a cor do sangue menstrual e brancas, representando a cor do sêmen. O incenso e a essência são de rosas, patchouli, almíscar, melissa, hibisco ou gerânio. No altar, colocam-se flores vermelhas, galhos e folhas de sorveira, sabugueiro, louro e madressilva e um óleo para unção especialmente preparado com óleo de amêndoas e essência de almíscar, mirra, aspérgulo e sangue de dragão. Reverenciam-se os Seres da Natureza ofertando-lhes frutas, leite, mel, cristais e contas coloridas, realizando-se encantamentos amorosos enquanto trançam-se fios ou fitas. É uma noite propícia para celebrar uniões. No “Handfasting”, o compromisso tradicional durava um ano e um dia, podendo ou não, ao término deste período, ser renovado ou confirmado. A comemoração é feita com frutas vermelhas (maçãs, morangos, cerejas, melancia e framboesas), pratos com aspargos e champignons, ponche de vinho com frutas, sorvetes e mousses.

LITHA ou ALBAN HEFLIN

solstício de verão no hemisfério norte
aproximadamente 21 de junho

Os povos antigos festejavam a noite mais curta e o dia mais longo do ano com diferentes celebrações: Vestália, em Roma; o Dia dos Casais, na Grécia; festa de Epona, no País de Gales; Thing-Tide, na Escandinávia; Alban Heflin, na tradição anglo-saxã ou a Dança do Sol, dos nativos norte-americanos.



O auge da luz solar marcava o poder máximo do Sol, prenunciando, também, o começo de seu declínio. Por isso, o solstício de verão era um marco, assinalando o início da metade escura do ano, ao contrário de Yule.

Em Litha, a Deusa e o Deus estão vivendo o êxtase de sua união; a natureza comemora com a beleza das flores e a abundância dos frutos. A Deusa e a Terra estão plenas de promessas e os rituais visam nutrir e fortalecer a nova vida no ventre humano, animal e no da própria natureza. No entanto, não era reverenciada somente a maternidade; como o Sol culminava no céu e o Deus atingia novamente o auge de seu vigor, festejava-se, também, sua paternidade e a glorificação da luz. Encenava-se, novamente, a batalha entre o Rei do Carvalho e o Rei do Azevinho. Porém, desta vez, o Deus Solar é vencido por seu irmão, o Deus Escuro. Por mais paradoxal que isso possa parecer, estando-se no auge da luz, é assim que se inicia a inevitável jornada do Deus Solar para as profundezas da escuridão. Esse paradoxo nos lembra que a mudança é a essência da vida, tudo surgando dentro de si a semente de seu oposto. Esse princípio da mudança eterna é exemplificado pela odisséia do Deus em seu ciclo anual.

O amor passional entre o Deus e a Deusa atinge seu clímax neste Sabbat, a exuberância da natureza sendo a manifestação desse orgasmo cósmico. A Deusa, radiante e plena, floresce por toda a parte. Em breve, de seu ventre pesado, nascerão as colheitas. O Deus, em seu amor pela Deusa, santifica-se; o alegre e vibrante Deus Verde da Vegetação amadurece e, com uma certa melancolia, inicia a jornada sobre o oceano para o oeste, mergulhando-se no Sol poente e mergulhando no mundo subterrâneo.

Apesar de Litha ser um festival de fogo, a água tem grande importância como elemento de transformação. A imagem do Sol refletido na água simboliza a fusão do masculino e do feminino e, sua transformação pela água, o reflexo dourado da luz no cálice sagrado. A atmosfera deste Sabbat é de plenitude, realização, manifestação e mudança. Todos os desejos podem ser realizados, pois a Deusa e a Terra estão plenas de possibilidades e a força vital está em seu auge.

Em Creta, o Ano Novo começava no solstício de verão, marcando o fim da colheita do mel. Para os cretenses, o zumbido das abelhas era a voz da Deusa anunciando a regeneração. O touro personificava o Deus - como filho e consorte - e, ritualisticamente, era sacrificado para simbolizar a morte de Deus e seu renascimento das entranhas da Terra. A lenda do Minotauro representa, simbolicamente, a descida para a escuridão, encarando os medos e encontrando os meios da regeneração, ao seguir o fio da vida tecido pela Deusa.

No solstício de verão, pode-se escolher como tema a jornada no labirinto, o mito de Ariadne ou de Arianrhod, a descida de Perséfone ou Inanna ao mundo subterrâneo.

Associadas a este Sabbat estão as deusas da Terra e da beleza como Afrodite, Aine, A Mãe do Milho, Anahita, Arianrhod, Astarte, Coatlicue, Freya, Gaia, Inanna, Ishtar, Mawu e Rhiannon, entre outras.

Os elementos ritualísticos são baseados no calor, na vibração e nas cores do Sol e do verão. São imprescindíveis as fogueiras, as tochas ou as rodas solares acesas, de palha ou galhos ou uma profusão de velas vermelhas e cor de laranja. Cortam-se as ervas sagradas - lavanda, hipericão, arruda, sorveira, verbena, alecrim - com a faca ritualística ao amanhecer e preparam-se os amuletos de proteção, colocando-as em saquinhos de pano vermelho junto com sal grosso, carvão, símbolos rúnicos, inscrições cabalísticas e cristais. Confeccionam-se, também, as rodas solares de proteção com galhos entrelaçados, enfeitados com fitas e flores amarelas, penas, conchas, sinos e cristais, que serão purificadas com incenso de alecrim, louro ou carvalho e colocadas acima das portas ou sobre os telhados. O altar deve ser enfeitado com flores de girassol, camomila, calêndula, laranjeira, galhos de hipericão (a verdadeira erva de São João), tomilho, alecrim e capim santo. Durante os rituais, prepara-se água solarizada e imantam-se cristais e talismãs ao nascer do Sol,

purificando-se as pessoas, os objetos, os carros e os animais com fumaça de ervas sagradas e água do mar. Pede-se a benevolência dos Seres da Natureza para as colheitas ofertando-lhes pão, leite, manteiga e mel. Finaliza-se com a dança espiral, a procissão no labirinto e a consulta aos oráculos. A comemoração é feita com pães especiais, frutas, batatas assadas, vinho de sabugueiro, hidromel ou vinho branco com especiarias.

Nos tempos antigos, os casamentos eram celebrados em junho para garantir-se a fertilidade, sendo esta uma data muito propícia, embora diferente de Beltane, que era reservada aos ritos de fertilidade e ao Casamento Sagrado das divindades.

Na Europa, as celebrações deste Sabbat foram absorvidas pela festa cristã de São João, cujo nome originou-se no da erva usada com fins curativos ou mágicos, como proteção ou para proporcionar sonhos e presságios. As homenagens aos Seres da Natureza ou às Divindades também foram substituídas pelas populares e folclóricas festas juninas.

— (LUGHNASSADH ou LAMMAS) —

primeiro de agosto



Lughnassadh, o primeiro dos três festivais celtas da colheita, homenageia o deus solar Lugh. Consorte de Dana, Lugh “morria” no momento da colheita dos grãos e era “enterrado”, no plantio das sementes, para poder renascer nas próximas colheitas.

No mundo antigo, havia outras celebrações da colheita, como a Ceresália, em Roma, dedicada à deusa dos grãos Ceres; a Dança do Milho, dos nativos norte-americanos; comemorações para a deusa Ísis, no Egito e para os deuses Dagon, na Fenícia; Dummuzi, na Suméria; Attis, na Anatólia; Dammuz, na Assíria; Lleu Llaw Gyffes, na Irlanda; Netuno, em Roma e Thot, no Egito.

Cada um desses deuses morria e renascia, tendo sempre uma mãe ou consorte para pranteá-lo, apesar de ser, às vezes, a causadora de sua morte. Nos mitos, é evidente o tema do casamento do Deus com a Deusa e

seu sacrifício, simbolizado na morte da natureza e na colheita dos grãos.

Enquanto do ventre da Deusa nascem as colheitas de grãos e frutas, o Deus se funde aos grãos e, ao ser sacrificado, entra no mundo subterrâneo. Apesar da abundância reinante, a atmosfera é de luto, pois a Deusa e a natureza lamentam a morte anual de Deus. Mesmo sendo um festival de morte, Lughnassad representa também a alegria, anunciando o renascimento do Deus em Yule. A vida se torna a morte e a morte torna-se a vida, o mistério eterno da criação.

O nome anglo-saxão deste Sabbat era Lammas, que significava "A Missa do Pão", representando o mito do Rei dos Grãos que morre junto com eles para alimentar e preservar a vida. Na Roda do Ano, Lammas se opõe a Imbolc, representando a Deusa como mãe dos cereais.

Nos países celtas e eslavos, das últimas espigas de trigo ou milho, confeccionavam-se as "Mães dos Grãos" ou "Corn Mothers", em cujas efígies acreditava-se que permanecia a essência da Deusa, sendo guardadas para serem enterradas nos plantios da próxima primavera.

Nos círculos de mulheres, celebra-se a conexão com a natureza e com todos os seres da criação. A Deusa é reverenciada em seu aspecto de Mãe dos Grãos e Senhora dos Animais, celebrando-se os resultados das energias movimentadas no solstício de verão.

As Deusas relacionadas a este Sabbat são as senhoras dos cereais, dos animais e da abundância, como Ártemis, Bast, Bau, Ceres, Dana, Deméter, Epona, Gaia, Habondia, Mawu, Oddudua, Rhea, Tailtu, Tonantzin, A Mãe do Milho, A Mulher que Muda e A Rainha da Terra Amarela, entre outras.

Os elementos ritualísticos são os símbolos da colheita, principalmente a "Mãe dos Grãos" e a "Roda do Sol", confeccionadas a partir de espigas e palha de milho, enfeitadas com fitas amarelas, cor de laranja, verdes e marrons. As velas são laranjas, douradas e verdes; o incenso e a essência são de sândalo, louro, alecrim, flor de laranjeira ou coriandro. O altar é decorado com frutas cítricas, produtos da terra (espigas, tubérculos e verduras), representações do Sol e dos animais totêmicos (leão, águia, salmão e galo), objetos dourados, flores ou sementes de girassol e abóbora e miniaturas de ferramentas agrícolas. Fazem-se oferendas de grãos para a fogueira - simbolizando o Sol - e para a Mãe Terra ou para as Mães dos Cereais. As pessoas confeccionam colares mágicos com grãos de milho, sementes de girassol ou pedacinhos de casca

de laranja, mentalizando os resultados de sua colheita ou as sementes para o próximo plantio. É uma data propícia para a bênção dos animais de estimação, invocando a Senhora do Animais. Comemora-se com pão assado na fogueira, bolo de milho, canjica, torta de cebolas, arroz doce, cerveja ou chá de ervas ou de noz moscada com cravo e canela.

O tema para meditação é a avaliação realista da colheita pessoal, contando os sucessos e os fracassos. Avalie também tudo aquilo que você deveria abrir mão ou rejeitar, limpando, assim, a terra e guardando novas sementes para novos plantios.

— (MABON ou ALBAN ELFED) —

equinócio de outono no hemisfério norte
aproximadamente 21 de setembro

Celebra-se este Sabbat no dia da entrada do Sol no signo de Libra, reforçando, assim, a temática de equilíbrio entre o dia e a noite, a luz e a escuridão, o indivíduo e a comunidade.



Segundo dos festivais da colheita, Mabon recebeu seu nome do deus galês Mabon e representa o tempo da colheita dos frutos, a preparação para o inverno e a tristeza pelo fim do verão. Na Roda do Ano, Mabon é o oposto de Ostara e marca o fim da vegetação e a diminuição da luz solar. Em Mabinogion, a coletânea dos mitos gauleses, descreve-se a derrota de Llew, deus da luz, por seu irmão Goronwy, deus da escuridão.

Em outras culturas comemoravam-se, nesta data, as mortes de deuses solares como Adonis, Attis, Osiris e Tammuz, o final da colheita de arroz, o festival do deus grego do vinho Dioniso e as festas judaicas Rosh Hashanah e Yom Kippur.

Mas a mais famosa das celebrações antigas era a dos Mistérios Eleusínios. Durando nove dias e estando centrada no culto às deusas Deméter e Perséfone, a comemoração dos Mistérios revivia a interligação da morte com a vida. Apesar dos rituais serem mantidos sob o mais absoluto silêncio e mistério, sabe-se que sua finalidade era a expansão da consciência, mudando o nível de percepção e compreendendo o mistério da vida e da morte, indo além dos medos e das limitações.

Enquanto Lammas celebrava a primeira colheita, Mabon representava o tempo de armazenar os cereais, frutas e tubérculos para garantir a sobrevivência dos homens e dos animais durante o inverno.

Mabon era a festa celta de Ação de Graças, perpetuada no "Thanksgiving Day" cristão. Durante os festejos antigos, consumiam-se pães frescos, batatas assadas, uvas e nozes e bebia-se a sidra recém-preparada. As pessoas dançavam, cantavam e elegiam o Rei e a Rainha da colheita, agradecendo às divindades pela abundância da terra. Uma reminiscência moderna dessas comemorações é a festa das uvas ou da cerveja.

Os ancestrais também eram reverenciados, levando-se uma parte dessas comidas para seus túmulos. Esse costume ainda é perpetuado no México e em alguns países da América Central, China e Tailândia. Os povos nórdicos jejuavam no dia anterior, orando para serem perdoados por seus erros. Depois, despejavam vinho no chão, homenageando a Mãe Terra e os ancestrais.

Da mesma forma que Ostara, Mabon é uma data propícia para buscar o equilíbrio e, pela introspecção, avaliar tudo que foi "plantado e colhido" no ano que passou - sucessos e realizações profissionais, relacionamentos, filhos, compras, estudos, viagens, projetos ou práticas espirituais -, agradecendo todos os frutos - os doces ou os amargos, provenientes dos aprendizados - sem pedir nada nesta ocasião.

O Deus está se preparando para sua morte sacrificial em Samhain, enquanto que a Deusa alcança sua maturidade, tornando-se a Anciã sábia, mas carregando dentro de si seu aspecto jovem, a Donzela, que se tornará Mãe em Yule.

Nos círculos de mulheres, reverenciam-se as deusas Deméter e Perséfone, assim como Inanna, que alcançou o último portal do mundo subterrâneo antes de sua imolação. Os temas deste Sabbat são a gratidão à Mãe Terra, aquela que nutre todos seus filhos, demonstrada por orações, oferendas e rituais de cura em benefício do planeta, assim como a preparação para ingressar em um período de recolhimento, introspecção e reavaliação pessoal.

As deusas associadas a este Sabbat são as Mães dos Grãos como Ariadne, Baubo, Ceres/Deméter, Chicomecoatl, Devi, Ereshkigal, Fortuna, Freya, Gula, Inanna, Ísis, Kwan Yin, Perséfone/Proserpina, as Nornes e Tonantzin.

Os elementos ritualísticos deste Sabbat simbolizam a atmosfera do outono, suas cores, as colheitas e as oferendas de gratidão. Prepara-se uma cornucópia ou cesta de vime repleta de frutas, guirlandas de folhagens, sementes e espigas enfeitadas com fitas, cabaças ou cumbucas com cereais e cachos de uva. O altar é enfeitado com folhas, galhos ou imagens de árvores sagradas como carvalho, freixo, álamo, faia, bordo ou teixo e com flores de maracujá, calêndulas, crisântemos, margaridas, rododendros, pinhas e sementes. As velas, em tons de amarelo, laranja, vinho e marrom, reproduzem as cores das folhas mortas. O incenso e a essência são de sálvia, pinheiro, lavanda, madressilva ou benjoim e as pedras podem ser a ágata, a cornalina e o jaspé. As pessoas preparam e usam colares de sementes com pedaços secos de maçãs ou avelãs. Depois inscrevem runas em batatas, que serão posteriormente enterradas para atrair prosperidade. Cabaças são enchidas com pedrinhas ou cristais, confeccionando-se chocalhos que serão depois decorados com penas e tintas coloridas. Também são confeccionados diversos objetos mágicos com folhas, raízes, sementes e lã. As oferendas de agradecimento pela colheita pessoal são levadas para perto de árvores ou pedras, invocando-se as Seres da Natureza, a Grande Mãe e o Deus Cornífero, senhores da vida e da morte. Os rituais dão ênfase aos Mistérios de Eleusis, ao mito de Inanna e Ereshkigal, ao de Dioniso e Ariadne e ao de Cerridwen e Taliesin. A comemoração é feita com nozes, maçãs, uvas, tubérculos como batatas e cenouras, pães variados, queijos, sidra e vinho.

Mabon é uma celebração de gratidão e não deve ser usado para pedidos ou manipulações mágicas, apenas para agradecimentos e oferendas.

As mudanças que ocorriam no corpo das mulheres ao longo de suas vidas eram vistas como uma imitação das fases da Lua. A mulher menstruava próximo à lua nova, em sua fase minguante e ovulava perto da lua cheia. Os nascimentos ocorriam, com maior frequência, na mudança das fases, principalmente na lua cheia e na lua nova, fato comprovado, atualmente, por estatísticas de maternidades. Pesquisas recentes comprovaram também que, nos tempos antigos, as mulheres de uma mesma tribo menstruavam juntas, sua ovulação coincidindo com a lua cheia. Atualmente, os ciclos das mulheres não estão mais tão sincronizados com as fases lunares devido à moderna vida urbana, com seus diferentes ritmos e atribulações, com casas de concreto, luz artificial, pílulas anticoncepcionais, alimentação desregrada, stress e poluição, entre outros.

Nossa Lua é pequena em suas dimensões, tendo apenas 27% do tamanho da Terra, mas sua importância na história da humanidade é enorme. Por milhares de anos, sua presença misteriosa no céu tocou profundamente a alma humana, evocando mitos, lendas, crenças e sonhos. Os cultos lunares existem desde 70.000 a.C., aproximadamente e religiões centradas em divindades lunares existem há pelo menos 12.000 anos. Devido suas características tão associadas à fertilidade, a Lua foi considerada desde os tempos mais remotos como símbolo celestial do princípio feminino, a Grande Mãe, a Deusa e a Rainha da Noite, em contraposição ao Sol, que era o Pai, o Deus da Luz e o Rei do Dia. Considerada como Grande Mãe, a Lua tornou-se a fonte mitológica de todos os antigos cultos e rituais de crescimento e fertilidade, protetora dos partos e das colheitas, bem como controladora dos poderes destrutivos da natureza alternando, assim, sua face clara e escura. As sociedades matrifocais veneravam as fases da Lua como manifestações da Deusa Tríplice: a Donzela manifestava-se na Lua Crescente; a Mãe, na Lua Cheia e a Anciã, na Lua Minguante.

A Grande Mãe tem sido venerada em inúmeras culturas, do berço da civilização na Suméria, Babilônia, Caldéia, Egito e Ásia Menor através da Grécia, Império Romano, países celtas e escandinavos, até as Américas, África, Índia, China, Polinésia e Austrália. A principal deusa da Babilônia era Ishtar, cujo cinturão era adornado com os signos do zodíaco pelos quais a Lua se movimentava, dando, assim, origem ao primeiro calendário astrológico, chamado "As Casas da Luz". Outras deusas lunares

da Caldéia e da Babilônia, como Astarte, Astoreth, Anunit e Cibele, aparecem também em outros mitos e tradições. No Egito, dominava o culto à deusa Ísis, a Rainha do Céu, a Luz Prateada, Mãe de toda a Natureza, deusa da fertilidade, do amor sensual e da magia, protetora das mulheres e das crianças. Nos antigos mitos gregos, surge a tríplice manifestação da Grande Mãe, na forma das deusas Ártemis-Selene-Hécate, como deusa lunar. Mais tarde, houve a transformação das deusas lunares em deusas da terra e da água, como ocorreu com Gaia, Rhea, Deméter, Perséfone e Afrodite. Esses mitos foram absorvidos pelos romanos, com mudanças nos nomes e certas adaptações patriarcais.

Muitos contos bíblicos e judaicos originaram-se de antigas lendas lunares e rituais da Deusa, sendo deturpados e modificados pelos profetas e dirigentes patriarcais para servir a seus interesses. Antes do Deus Pai surgir no judaísmo, venerava-se a Lua Mãe, a Arca da Aliança, sendo seu símbolo como o receptáculo da vida, a própria Barca da Lua.

As limitações impostas pela cultura patriarcal judaica reduziram muito a simbologia feminina no cristianismo. Mesmo assim, alguns antigos mistérios sobreviveram ocultos em imagens, símbolos e dogmas cristãos. O Vaticano, por exemplo, foi construído sobre um antigo santuário da Deusa; a Igreja Católica é chamada de Santa Madre Igreja; o mês de maio, antigamente consagrado às deusas Maia e Vesta, tornou-se o mês de Maria; a pomba é um antigo símbolo da Magna Dea, a Grande Mãe e mesmo Maria é chamada de Nossa Lua, Lua Espiritual, Lua Perfeita eterna, entre outros nomes. Os gnósticos acreditavam que o Espírito Santo era o Divino Feminino e que a verdadeira trindade seria *Pai - Mãe - Filho*, como as próprias leis da natureza o demonstram.

À medida que o cristianismo se fortalecia, a religião da Lua começou a ser considerada nociva e perversa, negando-se, assim também, a natureza feminina, os ritmos naturais, os instintos e os ciclos emocionais. Houve o declínio das antigas religiões, a ascensão e consolidação da sociedade patriarcal e a marginalização e perseguição das mulheres, das práticas naturais de concepção, parto, cura e dos rituais lunares e de iniciação, os "ritos de passagem". A Antiga Tradição foi reprimida de forma brutal e violenta com as perseguições religiosas, as conversões à força, as caças às bruxas e a queima das feiticeiras, quando nove milhões de mulheres pereceram à mercê da paranóia dos inquisidores.

Durante séculos, a sociedade patriarcal e as religiões fundamentalistas negaram as qualidades e a sabedoria do *Sagrado Feminino*. Mas ignorar sua existência não significou anulá-la. A atualidade está presenciando o ressurgimento da antiga sabedoria, dos ensinamentos mágicos, pagãos e herméticos do passado. A força arcaica da Deusa está emergindo da escuridão do inconsciente coletivo e as tradições lunares estão voltando à luz, reafirmando o poder sagrado e mágico da Lua e a face clara e escura da Grande Mãe.

Por meio de estudos, pesquisas e técnicas psicológicas, foram “(re)descobertos” os segredos da psiquê humana, ensinados antigamente nas escolas de mistérios e nos santuários de várias religiões. Pelo trabalho pioneiro e ousado de Carl Jung, foram encontradas explicações racionais sobre a complexa natureza emocional e os arquétipos humanos, comprovando os antigos mitos e lendas. Jung percebeu que, ocultos nos mitos e crenças, havia profundos ensinamentos espirituais, bastando apenas ao homem moderno reintegrar o feminino em sua natureza e civilização para evitar um desequilíbrio maior. Reconhecendo e integrando a *anima*, o homem podia aprender a liberar suas energias bloqueadas, a enfrentar seus sentimentos reprimidos e a trazer à luz seus aspectos escuros, para serem reconhecidos e transmutados, conseguindo assim sua cura e equilíbrio. Todas essas questões estão relacionadas aos conceitos da Lua astrológica, a análise do mapa astral ajudando, em muito, a compreensão dos padrões comportamentais, das reações emocionais, das influências do passado e o encontro de soluções criativas para a integração psíquica no presente. Paralelamente ao movimento psicológico e astrológico, velhas tradições, como o xamanismo, o paganismo, a alquimia, a bruxaria, a magia, os mistérios orientais e ocidentais, os cultos celtas ou Odinistas e a Wicca, estão ressurgindo.

No mundo inteiro, está acontecendo uma ativação e expansão da dimensão mágica e espiritual da Deusa Luna, levando, assim, ao crescimento do movimento feminista e ao fortalecimento espiritual da mulher. Os raios prateados da Lua estão iluminando os porões do Inconsciente Coletivo, prenunciando o surgimento de uma nova consciência. A luz mágica da Lua está revelando o antídoto contra as conseqüências nefastas do domínio da sociedade e mentalidade patriarcais. Esse antídoto será o realinhamento com o Divino Feminino, recuperando nossa percepção lunar e a sintonia com o fluxo da energia cósmica refletida pela Lua.

Seguir a Lua em sua dança cíclica no céu, perceber as mudanças e os ritmos da natureza, conhecer as qualidades e desafios de nossa Lua Natal, participar de rituais ou meditações na lua cheia e buscar e canalizar a energia da Grande Mãe são alguns dos meios que nos auxiliarão em nosso alinhamento energético e crescimento espiritual, rumo a uma nova consciência ecológica, lunar, global e Universal.

Capítulo IV

O Efeito das Fases Lunares em Nossas Vidas

A Lua sempre foi considerada o marcador natural das mudanças periódicas que ocorriam no reino mineral, vegetal e animal, assinalando as etapas e os padrões do eterno ciclo de vida e morte. Como um espelho prateado, a Lua mostrava o momento certo para o plantio, a colheita, o acasalamento dos animais, a caça, a pesca, as viagens e as mudanças climáticas. Os antigos gregos descreviam-na como um cálice vazio, enchendo e esvaziando lentamente, representando as mudanças cíclicas das emoções, reações e necessidades humanas. Algumas das mais primitivas inscrições rupestres, descobertas nos mais diversos sítios arqueológicos no mundo inteiro, reproduzem as fases da Lua e as atividades humanas a elas relacionadas.

Os estudos e as pesquisas modernas comprovam, de forma científica, o efeito das fases lunares sobre os organismos vivos. Durante a lua cheia, por exemplo, há um aumento na tensão superficial dos líquidos. Sendo 70% do nosso organismo composto de líquido, há uma retenção maior de fluidos em nosso corpo, um aumento da tensão molecular produzindo um efeito bioquímico. Como o cérebro não pode se expandir dentro da caixa craniana, a pressão formada age sobre os neurônios, resultando em mudanças comportamentais; a palavra “lunático”, por exemplo, vem da raiz latina *luna* ou lua. Durante a lua cheia, há uma ionização positiva na atmosfera, aumentando a circulação e a temperatura do corpo e ativando, assim, o cérebro. Estatísticas comprovam a maior incidência de desequilíbrios mentais e emocionais durante a lua cheia, aumentando a frequência com que ocorrem acidentes, crimes e suicídios.

Para entrar em sintonia positiva com a energia lunar, é importante conhecer como ela influencia os organismos vivos.

 Durante a **lua nova**, quando predomina a escuridão no céu, há uma diminuição do campo magnético, um vazio: a vida está em seu estado inicial de semente. Para que ela nasça, é necessária a ação espontânea e o impulso. Prevalece o instinto e a consciência ainda não foi despertada.

Nesta fase, recomenda-se plantar sementes, seja como plantas em seu jardim ou como novos projetos e atitudes. Use este momento para criar a fundação de seus desejos, mesmo que nem todas as sementes venham a germinar ou que todos os projetos vingam.

 A fase seguinte é a da **lua emergente**, o tempo da manifestação, quando as sementes brotam. O jardineiro sábio examina agora sua plantação e arranca aquelas plantas que não se desenvolveram. Os planos e compromissos assumidos na lua nova são revisados: alguns são descartados, outros modificados. Os brotos tênues representam o primeiro estágio do desenvolvimento de seus desejos mas exigem ainda muitos cuidados para vencerem as dificuldades.

 O **quarto crescente** ou meia-lua, representa o estágio seguinte ao crescimento. Os objetivos estão agora enraizados em nosso consciente e as plantinhas estão criando folhas. Há uma determinação em se concretizar os projetos e compromissos antes assumidos e revisados. É necessário agir, arregaçar as mangas e trabalhar, enfrentando os desafios e procurando a direção certa.

 Ao entrar em sua **fase convexa**, a lua está chegando ao fim de sua fase ascendente. Obstáculos podem aparecer na evolução dos planos, trazendo decepções ou desânimo. A planta está pronta para florescer, mas ainda é um momento que requer cuidados. É necessário clarificar e analisar as opções, apelar para a paciência e verificar os detalhes, talvez abrindo mão de algumas exigências.

 Na **fase cheia**, a Lua alcançou sua luz plena e sua posição é exatamente oposta ao Sol. Seu campo magnético influencia os líquidos

dos corpos vivos e exalta a manifestação do potencial total. Não há como crescer ou brilhar além: os projetos atingiram seu auge. Se não percebermos essa realização, permitiremos a aparição da frustração e do descontentamento, o que leva aos distúrbios emocionais, a "loucura" da lua cheia. Os relacionamentos podem tornar-se obsessivos, pois os ânimos estão exaltados.

 Após essa fase frenética, a Lua chega em sua **fase disseminadora**. Dependendo da reação da fase cheia, a sensação pode ser de alegria ou tristeza, revendo o que foi feito e qual será o próximo passo. O momento requer introspecção e avaliação dos frutos: o jardineiro deve colhê-los ou eles apodrecerão. Os resultados devem ser avaliados com clareza e assumidos integralmente, independente de estarmos satisfeitos ou não. Deve-se colher aquilo que foi semeado. Disseminar significa dispersar: este é o momento de ajudar nossos companheiros que ainda não terminaram suas colheitas.

 O **quarto minguante** representa o acerto de contas. Completadas as tarefas e cumpridos os prazos, podemos esperar, com humildade e paciência, pelas recompensas. Se não estivermos satisfeitos com o resultado final, devemos encarar os fatos e descobrir quais as mudanças internas necessárias para que, exteriormente, também haja melhorias. Podem aparecer sentimentos de inadequação e decepção; não devemos entrar em crise, mas sim aceitar a morte natural das sementes plantadas na lua nova, limpar o terreno e se preparar para um novo plantio.

 O último estágio da lua minguante denomina-se **lua balsâmica**. É considerado um período de retração, recomposição e renovação. Sem a ação do campo magnético da Lua, podemos mergulhar no vazio, buscando o bálsamo curativo do silêncio e da meditação. O campo deve ser limpo, a mente purificada, a percepção psíquica aguçada para ouvirmos a orientação de nossa voz interior. Na escuridão da lua negra podemos contemplar nossos objetivos mais elevados e abrir espaço para que o destino possa agir. Precisamos renovar nossas energias, preparando-nos para um novo ciclo, iniciado com a chegada da próxima lua nova.

Recomendações para sintonizar-se com as energias das fases lunares

Lua Nova

Olhe para a escuridão do céu em uma noite de lua nova. As estrelas brilham, mas a lua é invisível, pois ela se fundiu com o Sol.

Experimente o poder pleno de seu potencial latente. Este é o momento de apenas ser, sentir-se uma com o vazio, com o desconhecido, com a escuridão e com o mistério do cosmos.

Invoque a *Deusa da Lua Escura* e peça-lhe para ajudá-la a mergulhar no vácuo e despertar seu potencial adormecido.

Lua Emergente

Abra-se para o mistério da Lua e do mar, indo para uma praia (real ou imaginária). Contemple as ondas coroadas de espuma, observe seus pensamentos dançando com o sopro do vento. As ondas se formam, crescem e se quebram no momento exato. O poder real da onda vem de cima e de baixo, da ação da Lua e da profundidade da água.

Invoque a *Deusa do Mar* e peça-lhe para ajudá-la a gerar seu projeto ou compromisso. Tome a iniciativa, começando sua jornada com coragem e prudência.

Quarto Crescente

Avalie seu jardim interior: quais as plantas ou árvores que você nele cultiva? Conecte-se a suas reais intenções, a seu propósito de vida, encontre sua direção e positive suas afirmações.

Invoque a *Deusa da União* e peça-lhe para ajudá-la a integrar seus opostos alcançando o casamento interior, a união do masculino e do feminino, do Céu e da Terra.

A Lua Convexa

Imagine-se contemplando um lago do topo de uma montanha. Sua superfície límpida reflete o céu e também revela as pedrinhas de seu

fundo. Jogue uma pedra e observe o modo como a imagem se fragmenta. Medite a respeito das mudanças e dos obstáculos imprevistos.

Invoque a *Deusa da Sabedoria* e peça-lhe para ajudá-la a encontrar a verdade oculta nos padrões cíclicos de transformação.

Lua Cheia

Contemple o disco perfeito da Lua. Descubra sua verdade interior, sua trajetória de vida, aceite-se em sua totalidade e expresse suas realizações.

Invoque a *Grande Mãe* e agradeça-lhe por sua colheita, pela culminação de seus planos e projetos. Peça-lhe ajuda para transmutar qualquer pensamento negativo ou atitude destrutiva.

Lua Disseminadora

Encare seus medos, liberte-se dos padrões ultrapassados, reconheça e aceite as forças primitivas e emoções arcaicas que moram dentro de si para poder fragmentá-las e dispersá-las.

Invoque a *Deusa da Natureza Selvagem* e peça-lhe ajuda para direcionar seus instintos e fortalecer seu poder.

Quarto Minguante

Enfrente sua sombra, caminhe dentro de seu labirinto interior, liberte-se do medo para poder encontrar a saída. Aceite a morte de certos projetos, planos ou relacionamentos; encare a solidão, troque sua pele e explore seu subconsciente.

Invoque a *Deusa Górgona* e peça-lhe ajuda para trilhar seu labirinto interior, tirando sua máscara e descobrindo sua verdadeira face.

Lua Balsâmica

Aprenda a se desapegar do velho para abrir espaço para o novo. Transforme seus desejos em amor por si própria e compaixão por todos. Liberte-se de sua falsa identidade e busque sua verdadeira sabedoria.

Invoque a *Deusa da Compaixão* e peça-lhe para abençoá-la com a sua luz e seu amor, regenerando sua vida. Dissolvendo as limitações de seu ego, você se tornará uma fonte de amor e abundância para todo o mundo.

Capítulo V

As Faces da Deusa Luna

Os estudos das antigas culturas e mitologias revelaram que a interpretação da Grande Mãe como uma deusa tríplice foi baseada no ciclo das fases da Lua para facilitar a compreensão das múltiplas qualidades e atributos do Sagrado Feminino. Poucas culturas, como o Japão e os países escandinavos, associaram a Lua a divindades masculinas. Todas as outras mitologias e tradições religiosas lhe atribuíram inúmeras deusas, comparando suas fases aos estágios da vida humana (juventude, maturidade e velhice).

O número três tem um significado sagrado desde a antiga Babilônia, simbolizando nascimento, vida e morte, início, meio e fim, infância, idade adulta e velhice ou corpo, mente e espírito. Várias lendas e mitos falam de três fadas madrinhas, três desejos ou três tarefas a cumprir. Aceitando-se a premissa de que a humanidade foi criada a partir da própria matriz da Deusa, é fácil compreender e aceitar sua tríplice manifestação como um padrão repetitivo de nascimento, crescimento e transformação.

A Lua é o símbolo do princípio feminino, representando potencialidades, estados de alma, valores do inconsciente, humores e emoções, receptividade e fertilidade, mutação e transmutação. As fases da Lua caracterizam aspectos da natureza feminina e representam os estágios e as transformações na vida da mulher.

A primeira face da Deusa é a **Donzela**, Virgem e Ninfa, correspondendo à fase entre a *lua nova* e a *crescente*. Representa a juventude, a vitalidade, a antecipação da vida, o início da criação, o potencial de crescimento, a semente do “vir a ser”.

Dentre as deusas que representam a Donzela, as mais conhecidas são Ártemis ou Diana, Anu, Astrea, Atalanta, Bast, Blodewedd, Brighid, Britomartis, Chang O, Chih Nu, Eos, Hebe, Héstita ou Vesta, Iduna, Íris, Kore ou ainda Perséfone e Proserpina, Luonnatar, Maat, Maya, Melissa, Neith, Ostara, Oxum, Pallas Athena ou Minerva, Oyá, Parvati, Sar-Akka, Saule e as Valquírias, entre outras.

As atividades favorecidas por estas Deusas e esta fase lunar são relacionadas a novos inícios, seja nos projetos ou empreendimentos, seja nos estudos, compras, investimentos, mudanças, viagens, relacionamentos ou plantios. Os festivais celtas correlatos são Imbolc, em 1º de fevereiro e Ostara, com a entrada do Sol no signo de Áries - o equinócio da primavera no hemisfério norte e o início do Ano Novo Zodiacal.

O aspecto de **Mãe** da Deusa foi o mais acessível para que a humanidade o reconhecesse, invocasse e se identificasse. A *lua cheia* está ligada à imagem maternal da Deusa, à mulher em toda sua plenitude, ao potencial pleno da força vital. Ela corresponde ao crescimento e amadurecimento de todas as coisas, ao ponto culminante de todos os ciclos, à semente germinada e à plenitude do caldeirão.

Nas várias tradições e religiões do mundo inteiro, existem milhares de deusas com o aspecto de Mães, reverenciadas durante milênios por todos os povos que encontraram nelas o amor, o apoio, a proteção, a segurança do verdadeiro lar espiritual e o poder divino da Mãe. A palavra Ma ou Mama encontra-se em várias línguas, sempre ligada ao nome da Mãe ou das Deusas Mãe, como Ma, Mamaki, Mawu, Maat, Madder-Akka, Marzana, Mama Quilla e Mama Oclo, Manitu, Ma Emma, Maeve, Macha, Mater, Maria, Maya, Mamaldi, Mayahuel, Pacha Mama e Yemanjá. Outras deusas Mãe conhecidas são Aditi, Astarte, Asherah, Ataensic, Badb, Ceres ou Deméter, Cerridwen, Cibele, Coatlicue, Danu, Devi, Durga, Epona, Frigga, Freya, Gaia, Hathor, Hera ou Juno, Hina, Inanna, Ísis, Ishtar, Ix Chel, Kwan Yin, Lakshmi, Mokosh, Rhea, Sarasvati, Selene, Tanit, Tara, Tiamat, Thetis, A Mulher Que Muda e a Mãe do Milho.

Os aspectos da Grande Mãe são variáveis, refletindo suas qualidades criadoras e nutridoras, sua fertilidade e flexibilidade ou seu lado guerreiro e justiceiro, mas seu ensinamento principal sempre foi o amor irrestrito e o apoio para nossa transformação.

Os festivais celtas correlatos são Beltane, em 30 de abril; Litha, o

solstício de verão no hemisfério norte e Lammas, em 1º de agosto.

O terceiro aspecto da Deusa, como **Anciã**, corresponde à fase da *lua minguante e lua negra*, sendo o menos compreendido e o mais temido. Chamada também de Mãe Escura ou Terrível, de maga, bruxa ou mulher sábia, essa manifestação nos leva para o mundo das sombras e do desconhecido. Corresponde ao lado escuro, obscuro e inconsciente do princípio feminino e, por isso, traz terror e fascínio, mostrando ao mesmo tempo a luz e a sombra, o bem e o mal, o positivo e o negativo. Representa o declínio das coisas, a diminuição da força vital, o envelhecimento, o fim do ciclo, a iniciação para os mistérios da morte e da reencarnação, a sabedoria, o recolhimento e a espera por um novo ciclo.

Cada ser humano entrará em contato mais cedo ou mais tarde com essa face escura da Grande Mãe. Não há juventude eterna; a idade traz o declínio físico, mas também a experiência, a sabedoria, o poder mágico e o desapego. A Anciã é a detentora dos registros akáshicos e é por meio dela que aprendemos a canalizar a energia para nosso crescimento espiritual, a finalizar um ciclo, a nos reciclar e a esperar que a Donzela possa iniciar uma nova fase para nosso crescimento e evolução.

A Anciã se funde com a Mãe e a Donzela, criando, assim, um ciclo contínuo contido na essência completa da Grande Mãe. Ela é tão importante quanto as outras faces, os aspectos se entrelaçando e se fundindo, um levando ao outro, pois a Grande Mãe é cada um deles e sua soma também.

A deusa, como Anciã, foi conhecida sob várias designações em diferentes tradições, fosse como a Mãe Negra, a Velha, a Sábia e a Bruxa ou como a Guardiã da Noite e dos Mortos. As deusas da Face Escura da Grande Mãe mais conhecidas são Amenti, Asase Yaa, Baba Yaga, Befana, Cailleach, Circe, Cibele, Edda, Eileithya, Ereshkigal, Goga, Gula, Haumea, Hécate, Hel, Hsi Wang Mu, Kali Ma, Mara, Morrigan, Nekhbet, Nephthys, Rhea Kronia, Sekhmet, Sedna, Scathach, Scots, Tlazolteotl, Urna, Voluspa e A Mulher Aranha, entre outras.

Os festivais celtas dedicados à Anciã são Samhain, em 31 outubro e Yule, o solstício de inverno no hemisfério norte.

Os poderes mágicos das fases lunares são conhecidos e usados, desde os mais remotos tempos, nas várias culturas e tradições. Para seintonizar ou atrair as qualidades energéticas e próprias de cada fase lunar, podem ser feitos rituais e cerimônias, invocando as respectivas Deusas e

usando os elementos e os procedimentos afins.

Os trabalhos mágicos e os encantamentos para promover o crescimento, fortalecimento ou aumento - em assuntos de cultivo, saúde, boa sorte, amor ou prosperidade - ou para iniciar novos projetos ou empreendimentos, são feitos na fase que vai da lua nova até a crescente.

Para os assuntos ligados à fertilidade, gestação, nutrição, frutificação, complementação e aperfeiçoamento de projetos, casamento, percepção psíquica, sonhos e oráculos, é escolhida a fase da lua cheia, principalmente seu auge - o plenilúnio.

Já a movimentação e os trabalhos mágicos para diminuir, enfraquecer, remover ou transmutar resíduos e bloqueios energéticos, problemas, doenças, infortúnios, limpar o "velho" para abrir caminho para o "novo", são praticados durante a fase minguante.

No plano individual, o ciclo das fases lunares reflete-se no fluxo das energias físicas, emocionais e mentais, passando do ritmo crescente para a plenitude e diminuindo para a introspecção, silêncio e espera. Podemos observar as fases lunares nos acontecimentos de nossa vida, principalmente na fase escura no mês que antecede nosso aniversário, o assim chamado "inferno zodiacal" e nos momentos de perda e dor - ou "a noite escura da alma".

Ao perceber e seguir o movimento da Lua no céu, observando, reconhecendo e integrando suas três fases, poderemos nos sintonizar e alinhar com o fluxo do tempo e com os ritmos naturais. Conhecendo e usando os poderes mágicos da Lua, reverenciando as Deusas a ela ligadas, criaremos condições para melhorar e transformar nossa realidade, harmonizando-nos e vivendo de forma mais equilibrada, plena e feliz.

Como celebrar e contatar as três faces da Deusa Luna

Ritual para a Donzela

Deve ser feito no primeiro dia da lua crescente. Leia a respeito das características dessa manifestação da Grande Mãe e escolha um dos nomes da Deusa com o qual você se identifica mais.

Aradia, Ártemis, Athena, A Donzela do Milho, Britomartis, Callisto, Chloris, Diana, Eos, Eostre, Flora, Gefjon, Hebe, Hina, Kore, Macha, Ninlil, Oya, Oxum, Pele, Perséfone, Skuld, Xochiquetzal

Prepare um pequeno altar com uma vela branca, incenso de lótus ou jasmim, algumas folhas de artemísia, um pratinho com brotos e um cálice com água de fonte. Tome um banho de harmonização com chá de artemísia e nove gotas de essência de lavanda. Imagine a água retirando todo o desânimo, estagnação e negatividade, lhe trazendo renovação e um novo vigor. Ao sair do banho, afirme com convicção: "Sou a Donzela, linda, jovem, revigorada e renovada". Vista algo que a faça sentir-se jovem e livre, enfeite seu cabelo com flores, dance diante o altar, imaginando-se junto com outras jovens, celebrando a Deusa.

Acenda a vela e o incenso, afirmando: "Com esta vela eu avivo o espírito da Donzela dentro de mim". Toque um gongo ou sino e medite um pouco, olhando para o fino aro prateado da lua crescente. Invoque a Deusa dizendo: "Linda Deusa Donzela, caçadora livre e indômita, eu a chamo agora. Preciso de sua orientação para meu crescimento espiritual. Necessito também de sua ajuda para este meu projeto... (descreva-o). Desejo de todo meu coração realizar esse propósito de maneira positiva. Se não for para meu bem maior, revele-me qual a melhor direção a seguir e qual objetivo devo aspirar. Espero por sua proteção, orientação e ajuda".

Após receber imagens, sinais ou intuições, agradeça à Deusa. Beba um gole da água, coma alguns brotos, faça algumas respirações profundas, sentindo o sopro da Deusa preencher seu ser com energia, vitalidade e confiança.

Ritual para a Mãe

Faça esse ritual ao ar livre, na noite de lua cheia. Antes, leia sobre as características da Deusa Mãe, escolhendo dentre uma destas deusas.

Anna Perena, Al-Lat, Asherah, A Mãe do Milho, Bau, Bona Dea, Ceres, Cerridwen, Coatlicue, Cybele, Damkina, Danu, Deméter, Devi, Epona, Frigga, Gaia, Ganga, Gauri, Hera, Inanna, Ishtar, Ísis, Izanami, Luonnatar, Mami, Mut, Mayabuel, Mawu, Nu Kwa, Oddudua, Omamama, Ops, Pacha Mama,

Parvati, Rhea, Tellus Mater, Tiamat, Thetis, Verdandi, Yemanjá

Prepare um pentáculo em uma cartolina, colorindo cada ponta de acordo com os elementos: amarelo para o espírito, azul claro para o ar, vermelho para o fogo, azul profundo para a água e verde para a terra.

Monte um pequeno altar portátil com um pano vermelho, uma rosa e uma vela vermelha, incenso de rosas, o pentáculo, um chocalho e alguma imagem que represente a Mãe Divina ou a maternidade.

Crie um círculo de proteção em volta de si, mentalmente ou salpicando sal grosso. Fique em silêncio e observe a natureza ao seu redor, pedindo mentalmente que seja aceita e protegida, invocando, se quiser, seus guardiões e aliados.

Quando a Lua nascer, contemple seu disco luminoso, deixando-se banhar por sua luz e atraindo-a para seus centros de força e seus órgãos reprodutores.

Acenda a vela e o incenso e dedique-os à Deusa Mãe. Medite um pouco sobre sua vida e seus objetivos ou necessidades.

Invoque a Deusa dizendo: “Oh, Grande Mãe, criadora de tudo que existe, eu te chamo agora. Preciso da tua orientação para o meu desenvolvimento espiritual. Necessito também da tua ajuda para completar ou realizar este projeto... (descreva-o). Eu desejo de coração realizar este propósito de maneira positiva. Mas se não for para meu bem maior, revela-me qual a melhor direção a seguir ou a qual objetivo devo aspirar. Espero por tua proteção, orientação e ajuda”.

Então por algum tempo o som “maaaaa” sacudindo o chocalho no ritmo de sua pulsação. Abra-se para receber mensagens ou imagens, toque seu coração e sinta o amor da Mãe preenchendo seu ser. Segure o pentáculo e agradeça-lhe por sua presença amorosa e luminosa.

Ritual para a Anciã

Você pode fazer esse ritual na lua minguante, mas seria melhor se fosse na lua negra, os três dias que precedem a lua nova. Prepare-se lendo sobre a Deusa Anciã, escolhendo dentre uma de suas manifestações,

*A Avó Aranha, Angerboda, Acca Larentia, Asase Yaa,
Baba Yaga, Befana, Edda, Eileithya, Cailleach, Goga,*

*Haumea, Hel, Hécate, Holda, Nanã Buluku, Poldunica,
Sedna, Scota, Sheelab Na Gig, Urdh, Voluspa, Wang Mu*

Procure passar algum tempo em silêncio e isolamento. Vista uma roupa escura e prepare seu altar com uma vela preta, um pratinho com sal, um caldeirão ou vaso de cerâmica, folhas de sálvia ou cipreste, uma folha de papel e uma caneta preta, uma pedra escura e alguma imagem representando a Deusa Anciã ou seus animais de poder.

Crie um círculo de proteção salpicando o sal a seu redor. Acenda a vela e medite sobre os obstáculos de sua vida ou aquilo que você quer liberar ou transmutar: atitudes, padrões mentais ou lembranças negativas.

Veja-se entrando em uma gruta e indo ao encontro da Anciã. Perceba sua presença, sentada ao lado de um grande caldeirão, queimando ervas e resinas. Fale com ela: “Oh, Mãe Escura, guardiã do Livro da Vida, detentora do sagrado Caldeirão da Transmutação, eu peço tua orientação para meu conhecimento espiritual. Preciso que me ajudes a me livrar de tudo aquilo que não me serve mais, cortando os laços escuros destes sentimentos de... (enumere-os) ou da dor destas lembranças... (descreva-as). Desejo, de coração, que eu possa ser purificada e fortalecida para começar um novo caminho ou um novo projeto”.

Veja a deusa Anciã queimando em seu caldeirão mágico toda sua negatividade. Agradeça-lhe e volte para o aqui e agora, abrindo os olhos e respirando profundamente. Escreva no papel os obstáculos, amarras e dificuldades que quer transmutar. Queime o papel em seu caldeirão ou em uma cumbuca de barro, liberando as formas mentais negativas. Queime depois a sálvia para completar a purificação, entregando as cinzas para o vento dispersar.

Invocação da Deusa Tríplex

Em nome Daquela que existe nas ondas do mar,
Nas profundezas das grutas escondidas,
No farfalhar das verdes folhas
E na ardente chama das paixões,
Eu te invoco, minha Senhora,
Para me proteger e guiar.
Tu que és Donzela,
Livre e virgem por não pertencer a ninguém.
Tu que és Mãe,
Amada e procurada por todos.
Tu que és Anciã,
Que vais velar por todos nós.
Ártemis, Selene, Hécate,
Ana, Diana, Nana, Anahita, Inanna,
Astarte, Ísis, Chang-O, Brighid,
Deméter, Ix Chel, Freyja, Rhiannon, Arianrhod,
Yemanjá Odo Iyá.
Mãe Antiga, Deusa dos Mil Nomes,
Ilumina a nossa vida
Com cada raio de luar.
E com o longínquo brilho estelar,
Guia-nos com amor maternal
Nesta nova jornada
De volta para Ti,
Oh, Grande Mãe.



Capítulo VI

Os Esbats

Além dos oito Sabbats, os povos celtas celebravam também os Esbats, ou seja, as treze luas cheias ao longo do ano solar. A lua cheia foi venerada durante milênios por grupos de homens e mulheres, reunidos nos bosques, nas montanhas ou na beira da água, como a manifestação visível do princípio cósmico feminino, na forma das deusas lunares ou da Vovó Lua. Com o advento das religiões patriarcais, houve uma divisão na vida religiosa familiar. Os homens passaram a reverenciar os deuses - solares e guerreiros -, enquanto que as mulheres continuavam se reunindo para celebrar a lua cheia e honrar a Grande Mãe. A cristianização forçada e, principalmente, as perseguições dos “caçadores de bruxas” durante os oito séculos de Inquisição, procuraram erradicar a “adoração pagã da Lua” e os Esbats foram considerados orgias de bruxas e manifestações do demônio.

A palavra Esbat deriva do verbo *esbattre*, em francês arcaico, significando “alegrar-se”, pois essas celebrações não eram tão solenes como os Sabbats, proporcionando, além dos trabalhos mágicos, uma atmosfera jovial. Há também uma semelhança com a palavra “estrus” - o ciclo lunar de fertilidade -, reforçando a idéia da repetição mensal dessas comemorações.

Durante os Esbats, reverencia-se a força vital criativa, geradora e sustentadora do universo, manifestada como a Grande Mãe. A noite de lua cheia ou o plenilúnio, é o auge do poder da Deusa, sendo o momento adequado para rituais de cura e trabalhos mágicos. Usam-se altares - simples ou elaborados - com os símbolos da Deusa e acrescentam-se os elementos específicos da lunação. Além dos rituais, há cantos, danças,

contam-se histórias e fazem-se meditações. No final, comemora-se repartindo pão ou bolo e bebendo-se vinho, suco ou chá, brindando à Lua e ofertando um pouco à natureza em sinal de gratidão à Mãe Terra. O pão sempre simbolizou o alimento tirado da terra, enquanto que o vinho favorecia a atmosfera de alegria e descontração.

Atualmente, os plenilúnios são comemorados não somente pelos grupos estruturados da tradição Wicca (os “covens”), neo-pagã ou xamânica, mas também por grupos de mulheres ou pelos “solitários”. A Deusa está cada vez mais presente na vida e na alma das mulheres, os raios prateados da Lua realçando suas múltiplas faces.

Na Antiga Tradição, nas reuniões praticadas por “covens” ou individualmente, o ponto máximo do Esbat é o ritual de “Puxar a Lua”, ou seja, imantar uma sacerdotisa ou mulher com a energia da Deusa. O objetivo desse ritual é triplo: primeiro, procura-se a união com a Deusa para compreender melhor seus mistérios; segundo, busca-se imantar o espaço sagrado com a energia mágica da Deusa e, em terceiro lugar, objetiva-se o equilíbrio dos ritmos lunares das mulheres e o aumento da fertilidade, física e mental. Para atrair a energia da Lua, usa-se o punhal ritualístico (“athame”) ou um bastão consagrado, direcionando-o para um cálice com água. Invoca-se a Deusa e expõe-se seu pedido ou, simplesmente, entra-se em contato com sua essência, deixando-a penetrar em todo seu ser. Fundir-se com a energia da Deusa é um ato de realização espiritual e jamais deve ser usado com fins egoístas, forjando mensagens ou avisos “recebidos” durante o ritual. Quando o propósito é sincero e o coração puro, a experiência é sublime e comovente. Após um tempo de interiorização e contemplação, tomam-se alguns goles da água “lunarizada” e despeja-se o resto sobre a terra, para “fertilizá-la”. Como em outros rituais, os Esbats devem ser feitos após invocar-se os Guardiões das direções e os elementos correspondentes, criando-se o círculo mágico.

Além desse ritual tradicional e formal, pode-se celebrar o plenilúnio de forma mais complexa e criativa, usando-se os conhecimentos astrológicos da polaridade Sol-Lua. Durante a lua cheia, a Lua se encontra no signo oposto ao do Sol, estabelecendo-se, assim, um eixo de complementação. Em certos grupos mistos, trabalha-se a polaridade Sol-Lua reverenciando-se o casal divino, representado por deuses solares e deusas lunares, escolhidos conforme as características astrológicas e espirituais do mês.

Nos meus rituais de plenilúnio - celebrados, exclusivamente, por grupos de mulheres -, eu uso significados astrológicos dos luminares, dos planetas e dos asteróides associados à finalidade do ritual, reverenciando a Deusa regente do dia ou outra Deusa em destaque no respectivo mês. Acrescento músicas e danças adequadas, harmonização energética, purificação com os elementos, irradiação de energia curativa, algum trabalho mágico, usando elementos e objetivos correlatos e meditação dirigida.

Sem me estender muito, pois para descrever os detalhes dos rituais precisaria de outro capítulo, resumirei as diretrizes básicas para as celebrações dos plenilúnios relacionados aos signos astrológicos. A luação será nomeada pelo signo em que se encontra a Lua, o oposto ao signo solar, na ordem dos meses, a partir de janeiro. Nas páginas iniciais de cada mês, no capítulo “Celebrações panculturais diárias”, citei as comemorações e os atributos do mês, bem como os das deusas regentes. Como a data do plenilúnio varia de ano para ano, ele pode cair em um mês ou no seguinte.

Por isso darei, a seguir, uma listagem de elementos ritualísticos, divindades e rituais associados aos signos lunares e solares de cada plenilúnio.

Plenilúnio em Câncer

Sol em Capricórnio
“Lua da Renovação da Terra”

Conceito da polaridade astrológica

Câncer é um signo de água, regido pela própria Lua, ligado à sensibilidade e vulnerabilidade emocional, às raízes ancestrais, à família (principalmente a mãe), ao passado, à percepção psíquica. Capricórnio é um signo de terra, formal, estruturado, prático e realista, propício para fornecer as bases e ordenar a vida. Essa combinação de dois signos femininos (um, fluido e emotivo; o outro, seco e racional), favorece o estabelecimento de novas normas e limites, afastando velhas influências, dependências ou carências emocionais, nutrindo a “criança interior” e trazendo mais equilíbrio, objetividade e contato com a Mãe Terra sem que, porém, disso resulte qualquer atitude de fechamento ou endurecimento emocional.

Elementos ritualísticos

Velas brancas, prateadas ou azuis.

Banho de purificação com arruda e sal grosso.

Essência de lírio, limão, jasmim ou artemísia, incenso de arruda e cânfora.

Folhas ou imagens de álamo, tuia ou cipreste, flores de dama da noite, copo de leite, magnólia ou rosas brancas.

Pedras brutas ou polidas de selenita, pedra da lua, calcita, calcedônia, cornalina, opala, mármore, cristais brancos ou com “fantasmas”, objetos ou jóias de prata, madrepérola, coral ou marfim, conchas e água do mar.

Roupas brancas, imagens, pêlo ou penas dos animais totêmicos (corça, caranguejo, foca, gaivota, abelha, lontra, cabra, ganso, golfinho, urso e baleia).

Músicas com sons do mar (ondas, canto de baleias) ou louvando a Lua.

Comemoração com pão de cereais, leite ou queijo de cabra.

Divindades

Como deuses, podem-se escolher aqueles ligados aos atributos saturninos e telúricos como Saturno, Cronos, Shiva, Pan e Cernunnos.

As deusas são lunares ou ligadas ao mar primordial, como Tiamat, Mari, Tethys, Yemanjá, Ishtar, Selene, Ix Chel, Luna e Ísis ou as telúricas, como Gaia, Rhea e Tellus Mater.

Os anjos associados são Gabriel, Cassiel, Yramael e Tzaphkiel.

Os Orixás correspondentes são Yemanjá, Nanã e Yorimá.

Rituais

Para reavaliar assuntos antigos; descartar aquilo que não serve mais; purificar emoções e ambientes; harmonizar a vida familiar e o lar; atrair energias positivas (saúde, abundância, equilíbrio, harmonia, segurança, realização para o Ano Novo); conectar-se aos arquétipos femininos; meditações com as Deusas.

Mentalização

Projeção de luz branca ou violeta para as pessoas ou as situações em sua vida que lhe provocam mágoas, tristezas, insegurança, medo e raiva.

Afirmação

“Liberto-me de todo o negativismo que me bloqueia em relação aos outros e à vida.”

A Matriarca da Primeira Luação

É “Aquela que fala com todos os seres”, a guardiã do aprendizado da verdade, do tempo e das estações. Ela nos ensina nosso parentesco com todos os seres da criação e a necessidade de honrar a verdade de cada ser, respeitando os direitos de todas as formas de vida e abrindo o coração. Sua sabedoria está na sintonia com os ritmos da vida e no uso dos quatro elementos para alcançar o equilíbrio.

Plenilúnio em Leão

Sol em Aquário

“Lua Vermelha da Purificação”

Conceito da polaridade astrológica

Leão é um signo de fogo, que enfatiza a expressão criativa individual, a expansão da capacidade de amar, a coragem, a determinação e o poder. Aquário é um signo de ar que favorece a consciência social, as mudanças, as preocupações humanitárias, a impessoalidade, o racionalismo e a inventividade. A combinação desses dois signos masculinos - em que um (o ar) é necessário para a combustão do outro (o fogo) - proporciona uma atmosfera propícia às mudanças pessoais, saindo-se das questões individuais para os interesses comunitários, assumindo compromissos humanitários e expandindo a consciência planetária. Incentiva-se a criatividade intelectual ou artística e a projeção de ondas de luz e de amor para as pessoas e para o planeta.

Elementos ritualísticos

Velas amarelas ou douradas.

Defumações com resinas ou ervas sagradas, como sálvia, louro, frutas cítricas, alecrim, mirra e benjoim.

Flores amarelas, como calêndula, camomila, girassol, margarida, hipericão ou palmas.

Incenso de sândalo, acácia ou bálsamo, essência de heliotrópio, neróli,angerina ou angélica.

Pedras amarelas, como citrino, topázio, pedra-do-sol, olho-de-tigre ou de baleão, âmbar e pirita.

Roupas douradas, objetos de ouro, um globo terrestre ou uma imagem do

planeta Terra, imagens ou reproduções dos animais totêmicos (leão, tigre, jaguar, águia, falcão, escaravelho, esfinge, pavão, galo, grilo, dragão), tocha. Sinos, gongos, músicas com instrumentos de percussão, mantras (principalmente OM).

Comemoração com bolo preparado com especiarias, chá indiano, suco de laranja ou maracujá, danças sagradas circulares e pirâmides (para usar ou meditar).

Divindades

São os deuses com características uranianas, como Urano, Ogma, Orion, Ganesha e Heimdal.

Das deusas solares, pode-se escolher dentre Amaterasu, Bast, Sekhmet, Sunna, Arinna, Etain, Saule ou Brighid, a padroeira celta do mês.

Os anjos associados são Rafael, Uriel, Yramael e Radziel.

Os Orixás correspondentes são Oxalá, Yorimá, Orunmilá e Oxumaré.

Rituais

De limpeza e purificação; remoção dos resíduos energéticos do passado para preparar o corpo, a mente e o espírito para novas lições e experiências espirituais; iniciação ou confirmação de seu caminho espiritual; irradiação de amor e luz para amigos, familiares, o país e o planeta; cura e abertura do coração; fortalecimento interior, ativando a coragem, a força de vontade e a independência; ativação da intuição e energização pela luz solar.

Mentalização

Visualizar um feixe de luz dourada ligando você a seu Eu Divino, trazendo à tona seu potencial criativo e libertando-a de qualquer dependência ou limitação.

Afirmação

“Sinto-me conectada ao Divino e irmanada com toda a humanidade”.

A Matriarca da Segunda Luação

É a guardiã da sabedoria, a guardiã das tradições sagradas e da memória planetária. Ela nos ensina a encontrar a sabedoria, tornando-nos receptivos aos pontos de vista dos outros e aprendendo com as experiências alheias. Aceitando a verdade e o espaço sagrado de cada um, expandimos a noção da família planetária e reafirmamos nossos laços com todos nossos irmãos de criação.

Plenilúnio em Virgem

Sol em Peixes
“Lua das Sementes”

Conceito da polaridade astrológica

Virgem é um signo de terra que promove a ordem, a estruturação, os detalhes, a busca da perfeição, o senso crítico, a responsabilidade e o serviço. Peixes é um signo de água, imbuído de sensibilidade emocional e psíquica, compaixão, inspiração criativa e acesso a outras dimensões (subconscientes e supraconscientes). A combinação da estruturação virginiana à fluidez pisciana favorece o plantio de novas sementes na mentalidade e nos procedimentos. Tornar-se menos crítica e mais compassiva, julgar menos e aceitar mais, desfazer as couraças e abrir novos canais de percepção são metas e propostas que podem ser trabalhadas energética e espiritualmente nesse plenilúnio.

Elementos ritualísticos

Velas verdes ou marrons.

Cumbucas com sementes e brotos, folhagens e flores silvestres, galhos de aveleira, álamo ou madressilva, musgo e casca de árvores, uma taça com lama (água e terra vegetal).

Incenso de lavanda, narciso ou capim-santo, essência de capim-limão, tomilho, hortelã ou manjerona.

Cristais e pedras verdes e marrons (jade, malaquita, turmalina, peridoto, amazonita, aventurina, ágata musgosa, cornalina, quartzo verde), argila.

Roupas verdes ou estampadas, imagens ou representações dos animais totêmicos (corça, tatu, castor, pica-pau, marmota, formiga, coelho, unicórnio, rouxinol).

Músicas com sons da natureza, chocalho, tambor ou didgeridoo (flauta aborígene australiana).

Comemoração com bolo ou pão de cereais, suco de verduras ou frutas, chá de hortelã e tomilho, canjica, nozes e castanhas.

Divindades

Dentre os deuses marinhos, pode-se escolher dentre Netuno (ou Neídeon), Oceano, Nereu, Mannanan Mac Lyr, Njord.

São inúmeras as deusas da Terra, por isso sugiro apenas algumas como Cerridwen, Deméter (ou Ceres), Nerthus, Pomona, Erda, Pachamamma, A Mãe do Milho, Bona Dea, Cibele e Gea.

Os anjos associados são Mikael, Azariel e Metatron.

Os Orixás correspondentes são Yori, Ossâim, Logun-edé e Xangô.

Rituais

Para promover a cura das pessoas, dos animais, das instituições ou da natureza; ativar novas sementes, idéias, iniciativas ou projetos; descartar a negatividade e os complexos de inferioridade; mudar atitudes, como substituir a crítica pela aceitação e o rancor pela compaixão, invocando a Deusa Kwan Yin; jornada xamânica para buscar seus animais de poder invocando as Deusas das florestas e seus guardiões; conexão com os elementos, forças e seres da natureza.

Mentalização

Visualizar-se banhada por uma luz verde brilhante, removendo todos os pontos escuros e obscuros de sua vida. Em seguida, sinta seu chacra cardíaco se ampliando e vibrando com a chama rosa do amor.

Afirmação

“Tenho amor e compaixão por mim mesma e por tudo aquilo que me cerca”.

A Matriarca da Terceira Luação

É “Aquele que avalia a verdade”, a guardiã da justiça que ensina os princípios da Lei Divina, a lei da ação e reação, o reconhecimento de nossa força e a aceitação de nossa fraqueza, mostrando-nos como avaliar as situações com imparcialidade, aceitando a verdade sem ferir ninguém.

☾ Plenilúnio em Libra ☽

Sol em Áries
“Lua das Árvores que Crescem”

Conceito da polaridade astrológica

Libra é um signo de ar, simbolizando a busca do equilíbrio tanto no nível pessoal quanto no nível de relacionamentos, regido por Vênus, o planeta

a deusa do amor, da beleza e da harmonia. Áries é um signo de fogo, caracterizado pela iniciativa, impulso, rapidez, entusiasmo, individualidade e audácia, regido por Marte, o planeta e o deus da guerra. A combinação desses dois signos representa a complementação dos opostos para a realização do equilíbrio e da harmonia, interior e exterior. Libra é o signo dos relacionamentos, representando o “outro”, enquanto que Áries representa o Eu, proporcionando, assim, uma atmosfera de avaliação e renovação das atitudes pessoais e das dificuldades ou necessidades nos relacionamentos. Por ser a lua cheia mais próxima do Sabbat de Ostara e do início do Ano Novo Zodiacal, esta é uma luação de renovação e crescimento.

Elementos ritualísticos

Velas azuis ou cor de rosa.

Flores variadas, como amor-perfeito, verbena, flox, palmas, miosótis e hibisco, galhos de sabugueiro ou amoreira.

Incenso de rosas, patchouli, gardênia ou maçã, essência de gerânio, erva-doce, melissa ou pêssego.

Cristais e pedras cor-de-rosa ou azul, como quartzo rosa, rodocrosita, turmalina, kunzita, lápis-lazuli, esmeralda e sodalita.

Roupas esvoaçantes, echarpes e enfeites, imagens e reproduções dos animais totêmicos (lebre, pomba, cisne, lontra, íbis, andorinha, cegonha, gato), frutas vermelhas (maçãs, morangos, framboesas), espelho, balança, ovos pintados, símbolo do Yin/Yang, mandalas para meditação.

Músicas de harpas, flautas ou cítaras.

Comemoração com bolo ou ovos de chocolate, sorvete, amêndoas, mousse e suco de morango, champanhe ou vinho rosé.

Divindades

Além do deus Ares (ou Marte), outros deuses guerreiros são Tyr, Nuada, Ogum, Indra e Wotan.

As deusas correspondentes a essa luação são Afrodite/Vênus, Ostara, Freya, Ishtar, Rhiannon, Themis, Maat, Pallas Athena e as Musas.

Os Anjos associados são Haniel e Samael.

Os Orixás correspondentes são Oxossi, Oxum, Ogum e Oyá.

Rituais

Para favorecer a renovação, recomenda-se uma limpeza fluídica (pessoal, no ambiente de trabalho, no carro e na casa), meditações e reavaliações de

sua atuação pessoal, profissional e sentimental; exercícios para harmonização e equilíbrio (respiração, mantras, yoga, tai chi chuan); reconciliação dos opostos (Eu/o outro, animus/anima, ação/repouso, combatividade/diplomacia, trabalho/relacionamentos, desejo/aceitação) e o fortalecimento da luz interior.

Mentalização

Visualizar uma luz azulada, harmonizando as áreas de conflito de sua vida, transmutando a raiva e criando o equilíbrio. Imagine depois seu coração envolto em uma chama rosa que traz a cura das antigas feridas e dores.

Afirmação

“Liberto-me do sofrimento causado por antigos relacionamentos e abra meu coração para receber e dar o verdadeiro amor.”

A Matriarca da Quarta Luação

É “Aquele que vê longe”, a guardiã dos sonhos. Ela nos ensina a usar a força de nossos pensamentos e sentimentos para alcançar os resultados almejados. Ela também nos mostra o valor de nossos sonhos e nos guia para usarmos nossa habilidade no descobrimento e desenvolvimento de nosso potencial pessoal.

☾ Plenilúnio em Escorpião ☽

Sol em Touro

“Lua das Flores e do Retorno dos Sapos”

Conceito da polaridade astrológica

Escorpião é um signo de água, de intensa emoção e magnetismo. As palavras-chave são sexualidade, possessividade, controle, transformação, cura e interesses místicos. Touro é um signo de terra, que necessita de segurança e rotina, paciente, prático, determinado, porém rígido e apegado aos sentidos. Essa combinação exalta o descontrole emocional e sensorial, o apego e a necessidade de possuir e controlar. Portanto, este plenilúnio favorece a avaliação da “sombra”, mergulhando nos registros do subconsciente para descobrir e transmutar os padrões compulsivos, obsessivos, rígidos e escravizantes. Aproveitando a energia transformadora de Escorpião, a tenacidade e perseverança de Touro e a

energia luminosa de Wesak (o nascimento de Buda), pode-se alcançar, assim como a fênix, o renascimento.

Elementos ritualísticos

Velas pretas ou metade preta e metade branca.

Galhos e folhas de figueira, aroeira, iuca, hera, flores de trombeta ou beladona, romãs ou maçãs (cortadas horizontalmente).

Incenso de benjoim, almíscar, noz-moscada ou estoraque, essência de tuberosa, coriandro, anis, patchuli ou jacinto.

Cristais e pedras escuras (quartzo esfumado, hematita, magnetita, piropo, granada, moldavita), pedaços de lava, pedras vulcânicas e ferro.

Roupas “misteriosas”, xales, véus, mantos com capuz, máscaras de animais, imagens ou reproduções dos animais totêmicos (escorpião, raposa, gambá, porco-espinho, gavião, javali, cobra, sapo, aranha, lagarto, colote, fênix, hidra), imagens de gruta e labirintos, teias de aranha.

Músicas rítmicas, tambor.

Comemoração com licor de anis e pratos exóticos.

Divindades

Recolher dentre os deuses telúricos como Dagda, Ápis, Lono, Thor, Indra, Baal, Dioniso, Fauno, Pan e Cernunnos.

As deusas “escuras” mais conhecidas são Hécate, Lilith, Ereshkigal, Damat, Kali, Pele, Perséfone, Hel, Morrigan, Medusa, Selket, Sekhmet.

Os Anjos associados são Sindaephon, Azrael e Haniel.

Os Orixás correspondentes são Ogum, Oyá, Obá, Elegbá, Oxossi, Oxum.

Rituais

Para descartar padrões comportamentais ultrapassados; livrar-se de dependências e apegos; “trocar de pele”, despertar a energia kundalínica e direcioná-la para sua evolução espiritual; purificação dos sentimentos negativos; reconhecimento, aceitação e integração da “sombra”; sauna sagrada, meditações em busca de energias transmutadoras, viagens românticas para grutas ou vulcões; queima das larvas astrais e dos resíduos energéticos (papéis, objetos); oferendas para as deusas Hécate ou Pele.

Mentalização

Imagine-se absorvendo a energia curativa dos planos espirituais e direcione-a para aqueles setores de sua vida que você precisa transformar.

Afirmação

“Liberto-me de todos os ressentimentos que acumulei e reconheço meu poder, tornando-me capaz de transformar minha vida”.

A Matriarca da Quinta Luação

É “Aquele que ouve”, a guardiã do silêncio. Seu ensinamento é silenciar para ouvir as mensagens do nosso interior, da natureza, dos Mestres, do Criador. Encontraremos, assim, a calma e a paz necessárias para avaliar, ordenar e transformar nossa vida.

☾ Plenilúnio em Sagitário ☽

Sol em Gêmeos
“Lua dos Cavalos”

Conceito da polaridade astrológica

Sagitário é um signo de fogo; seu impulso dominante é direcionado para a liberdade física, mental, emocional e espiritual, transpondo barreiras e limites, buscando a expansão. Gêmeos é um signo de ar, inquieto e curioso, que busca os conhecimentos intelectuais e as mudanças profissionais, afetivas e existenciais, enfatizando a diversidade e a mutabilidade. A combinação desses dois signos móveis possibilita um direcionamento das energias físicas ou mentais, sem dispersar ou desviar o foco. O próprio símbolo de Sagitário exemplifica a busca de um alvo, com concentração e objetividade, sem se deixar perturbar pela dualidade e superficialidade geminiana. A deusa Ártemis/Diana nos mostra o exemplo de suas Arqueiras Celestes e nos traz o apoio de suas Ninfas da floresta.

Elementos ritualísticos

Velas púrpuras ou laranjas, tochas ou fogueiras (pela proximidade do Sabbat Litha).

Galhos e folhas de mangueira, castanheira, figueira ou cedro, flores de lírio da cachoeira, colônia, dália ou madressilva, sementes de anis estrelado ou cumaru, musgo, pedaços de estanho.

Incenso de sândalo, vetiver, sálvia ou bálsamo, essência de cravo, hísopo, açafraão ou gengibre.

Cristais ou pedras polidas de topázio, turmalina, fluorita, malaquita, turquesa.

Roupas esportivas e botas, bastão mágico, a imagem de um alvo, a representação de uma flecha, imagens ou reproduções de animais totêmicos (cavalo, lobo, alce, cervo, antílope, jaguar, faisão, falcão, grifo).

Músicas indígenas ou a Cavalgada das Valquírias e a Nona Sinfonia.

Comemoração com comida grega e vinho.

Divindades

Os deuses regentes da comunicação são Hermes/Mercúrio, Thoth, Odin, Ogma, Ganesha, Nuada, Apolo e Taliesin.

As deusas são Epona, Rhiannon, Etain e Macha e as regentes da natureza selvagem como Ártemis/Diana, Artio, as Amazonas e as Valquírias, as Driades, Rauni, Saule e Zemina.

Os Anjos associados são Tzaphkiel e Mikael.

Os Orixás correspondentes são Xangô, Oyá, Yori, Irôko.

Rituais

Para a complementação das polaridades e integração da dualidade (o casamento interior, harmonizando os opostos); direcionamento da energia física e mental para um determinado objetivo; viagens xamânicas para encontrar seus animais de poder e contatar a Amazona interior; homenagens e conexão com as Deusas das florestas e dos animais, reconhecendo e equilibrando seu lado instintivo e a necessidade da liberdade interior e exterior; jornadas xamânicas, “busca da visão”, oferendas para os Seres da Natureza, práticas de centramento e equilíbrio.

Mentalização

“Abro-me para novos conhecimentos e abandono minha inquietação e dispersão.”

A Matriarca da Sexta Luação

É “A Contadora de Histórias” que, por meio de seus contos, ensina o relacionamento correto com nossos irmãos de criação, como usar o humor para afastar os medos, como equilibrar o sagrado e o profano e preservar a tradição oral de nossos ancestrais.

Plenilúnio em Capricórnio

Sol em Câncer
"Lua da Luz Forte e da Bênção"

Conceito da polaridade astrológica

Capricórnio é um signo de terra, caracterizado por disciplina, organização, praticidade, tenacidade, seriedade, tendo dificuldade em expressar seus sentimentos e se relacionar. Ao contrário dele, Câncer - por ser um signo de água regido pela própria Lua - é muito emotivo e sensível, necessitando de segurança e proteção, apegado à família, à casa e ao passado. Essa combinação favorece o retorno às raízes (familiares, ancestrais, espirituais) e a abertura psíquica para receber orientações do seu Eu Divino, dos ancestrais ou da Deusa. Usando as qualidades telúricas (disciplina, responsabilidade e perseverança), cria-se uma estrutura segura para desenvolver e direcionar a sensibilidade psíquica da água e da Lua.

Elementos ritualísticos

Uma cumbuca de barro com terra ou um vaso com uma planta, galhos de azevinho, tuia, hera, junco ou salgueiro, folhas de artemísia, cinerária, avenca ou lágrimas de Nossa Senhora, flores de trombeta, papoula ou íris. Essência de limão, pinho ou cipreste, incenso de cânfora, madeira, raízes ou mirra.

Jóias ou pedras polidas de ônix, obsidiana (lágrimas do apache ou floco de neve), cristais esfumados ("fumé"), objetos de azeviche ou prata, fósseis. Fotografias dos ancestrais, símbolos da maternidade, figuras de deusas lunares, chifres (de cabra, vaca ou cervo), imagens dos animais totêmicos (cabra, escaravelho, coruja, corvo, urubu, condor, iguana, elefante, salmão, sapo, ganso, tartaruga).

Músicas com sons da natureza ou ritmo de tambor.

Comemoração com pão integral, queijo de cabra, "tabule", salada grega, uvas e vinho do Porto.

Divindades

As deusas personificam a Mãe Terra, como Rhea, Gaia, Tellus Mater, Asase Yaa, Coatlicue, Deméter/Ceres, Mayahuel, Mokosh, Nerthus, Omamama, Ops e Zemyna.

Os deuses têm características lunares, como Sin, Horus, Thoth, Ptah,

Shiva e Varuna.

O Anjos associados são Tzaphkiel, Yramael e Gabriel.

Os Orixás correspondentes são Yorimá, Yemanjá e Nanã.

Rituais

Para reverenciar a Grande Mãe, a Mãe Terra e as ancestrais; honrar a fertilidade e a maternidade, da Terra ou da mulher; gerar, incentivar e fortalecer novos projetos e planos; remover as energias bloqueadas, cristalizadas ou ultrapassadas, das lembranças, dos ambientes, das pessoas ou dos relacionamentos; enviar vibrações de cura para a Terra.

Mentalização

Visualize-se como se fosse uma árvore, cujas raízes estão firmemente enraizadas na terra, de onde extrai sua nutrição e sustentação, enquanto que suas folhas captam a energia cósmica e a luz lunar.

Afirmação

"Sinto-me perfeitamente segura, liberta das preocupações e influências negativas do passado. A Grande Mãe me apóia e ilumina sempre."

A Matriarca da Sétima Luação

É "Aquele que ama todas as coisas", a guardiã do amor incondicional. Ela ensina o amor e a compaixão em todas as manifestações da vida. Amar o *self* sem restrições, quebrar os padrões impostos de dependências, ajudar a nossa criança interior a aceitar e dar amor, curando as feridas do passado.

Plenilúnio em Aquário

Sol em Leão
"Lua dos Frutos Maduros"

Conceito da polaridade astrológica

Aquário é um signo de ar, regido por Urano, representando o potencial criador, inventivo, renovador e transformador. Tendo características humanitárias, favorece as preocupações sociais e os objetivos comunitários, em oposição ao signo de Leão, regido pelo Sol e centrado na expressão da individualidade e dos interesses pessoais. Essa combinação favorece a expansão do indivíduo na direção do grupo, o confronto entre o

comodismo e a ousadia, a inércia e o impulso de libertação. São necessárias avaliações e reestruturações antes de romper com o passado e realizar os ideais de independência e liberdade. Iluminando e fortalecendo o Eu favorece-se a interação com o grupo e a participação em projetos comunitários e humanitários.

Elementos ritualísticos

Velas brancas, amarelas ou douradas.

Purificação em torno de fogueiras, aproveitando a egrégora do Sabbat Lammas.

Flores amarelas e brancas.

Incenso de eucalipto, gardênia, cedro ou copal, essência de bergamota, bétula, mimosa ou tuberosa, folhas de louro, dente-de-leão e hipericão.

Cristais de ametista, fluorita, lápis-lázuli, olho-de-tigre, safira, zircônio ou labradorita, jóias de âmbar, ouro ou diamantes.

Representações dos meios modernos de comunicação ou criatividade (computador, pincéis, esquadros, ferramentas, instrumentos científicos ou musicais), imagens dos animais totêmicos (borboleta, lontra, albatroz, beija-flor, libélula, aranha, cuco, búfalo branco).

Músicas New Age com flautas, cítaras, címbalos ou sons sintetizados.

Comemoração com pratos a base de milho, travessas com frutas e legumes, sementes de girassol, uvas, suco de frutas ou sidra.

Divindades

Como deusas com características uranianas, mencionamos Athena, Brighid, Arachne, Ix Chel, Sarasvati, as Musas, Saule, Nut, Urania e A Mulher Búfala Branca.

Dentre os deuses solares podem-se escolher Apolo, Lugh, Baldur, Mithra, Bel, Surya, Inti, Llyr e Guaracy.

Os Anjos associados são Ratziel, Yramael, Rafael e Uriel.

Os Orixás correspondentes são Yorimá, Oxumaré, Oxalá e Orunmilá.

Rituais

Devido a proximidade do Sabbat Lammas, celebrado com fogueiras, festas da colheita e a dança do Sol, pode-se usar o fogo como elemento purificador e ativador das mudanças, para queima de resíduos, oferendas de grãos e danças ao redor da fogueira. Recomendam-se irradiações de luz em benefício dos projetos comunitários, após os rituais de cura pessoal,

com energização, fortalecimento da vontade e do poder pessoal e afirmações positivas. Avaliam-se as amarras e os obstáculos que impedem a expressão e a realização pessoal, bem como a interação e a cooperação com o grupo ou a comunidade.

Mentalização

Medite a respeito de alguma contribuição que possa fazer para o mundo, visualizando-se conectado às pessoas que possam proporcionar ou participar desse projeto.

Afirmação

“Abro mão dos interesses pessoais pelo bem de todos e liberto-me da rebeldia desnecessária, confiando em minha capacidade plena.”

A Matriarca da Oitava Luação

É “Aquela que cura”, a guardiã das artes curativas e dos ritos de passagem. Ela mostra à humanidade que cada ato da vida é um passo no caminho da cura. Abrindo mão dos julgamentos e condicionamentos do passado, seremos capazes de curar o medo do futuro e iniciar um novo ciclo por meio de um rito de passagem.

☾ Plenilúnio em Peixes ☽

Sol em Virgem
“Lua da Colheita”

Conceito da polaridade astrológica

Peixes é um signo de água, cujas características principais são a compaixão, a sensibilidade e a busca da realização espiritual. Virgem é um signo de terra, que valoriza a organização, a análise e a discriminação racional, a responsabilidade e o serviço. A combinação das qualidades de água e terra favorece a fertilidade, o plantio e a colheita. É uma data propícia às práticas oraculares e à abertura da percepção psíquica, compartilhando os frutos - dos esforços pessoais ou da própria terra - e agradecendo os resultados e as dádivas (flores, frutos, filhos, poemas, canções, pinturas, danças, artesanato). Avaliam-se as realizações, ponderando-se sobre os erros e as dificuldades e preparando-se a terra e as sementes para a próxima colheita.

Elementos ritualísticos

Velas violetas ou lilás.

Infusões de ervas que proporcionem a percepção psíquica (artemísia, angélica, louro, tomilho e hortelã).

Cestas com flores silvestres, espigas de trigo e frutas, um vaso com terra molhada pronta para ser semeada.

Incenso de artemísia, lótus ou olíbano, essência de nardo, gardênia, artemísia ou violeta.

Cristais de ametista, água-marinha, azurita, lepidolita ou safira.

Roupas exóticas, imagens com representações dos animais totêmicos (peixes, foca, baleia, cavalo-marinho, golfinho, pingüim, gaivota, enguia, sapo, martim-pescador, cegonha), oráculos (Runas, Tarot, I Ching), mandalas para meditação, pincéis e tintas para artesanato, pedaços de argila para modelar símbolos ou figuras, lãs coloridas, imagens da Terra.

Música com batidas de tambor.

Celebração com pão caseiro com sementes e passas, gelatina de agar-agar com maçã, suco de melancia ou melão, ponche de frutas.

Divindades

As deusas do mar mais conhecidas são Anfitrite, Salácia, Atargatis, Afrodite, Yemanjá, Ilmatar, Mari, Sedna e Tethys.

Dos deuses telúricos, escolhemos Dammuzi, Tammuz, Osíris, Freyr, Attis, Crom Cruaich e Mabon.

Os Anjos associados são Metatron e Mikael.

Os Orixás correspondentes são Xangô, Yori, Logun-edé e Ossâim.

Rituais

Para celebrar a abundância da colheita, exterior e interior; proporcionar a abertura da percepção psíquica em viagens astrais ou xamânicas, canalizações, radiestesia ou oráculos; oferendas para os seres da natureza e a Mãe Terra; purificação com água do mar; irradiação em benefício das áreas poluídas ou desequilibradas do planeta; invocação da compaixão divina para curar a humanidade, por intermédio de Maria e de Kwan Yin.

Mentalização

Esvazie a mente para sentir a ligação com o plano divino. Concentre-se em sua respiração e entoe o mantra OM, irradiando paz e luz para o planeta e para a humanidade.

Afirmação

“Sinto-me conectada ao Divino e desapego-me de todo o supérfluo.”

A Matriarca da Nona Luação

É “A Mulher do Sol Poente”, a guardiã das gerações futuras. Ela nos ensina a encontrar a verdade pessoal, encarando o futuro sem medo e manifestando nossas visões na Terra. Somos responsáveis pelas próximas sete gerações e não devemos lhes deixar um legado negativo, doentio ou fragmentado.

Plenilúnio em Áries

Sol em Libra

“Lua do Vôo dos Patos e da Caça”

Conceito da polaridade astrológica

Áries representa o espírito combativo do guerreiro, favorecendo a iniciativa pioneira e os novos empreendimentos. Libra traz influxos de moderação, equilíbrio e harmonia, além das tendências artísticas venusianas. Essa combinação ressalta a oposição/complementação das polaridades - Marte/Vênus, combate/conciliação, eu/outro, dar/receber, imposição/diplomacia, exteriorização/contemplação, assertividade/sensibilidade, indivíduo/comunidade. É um momento propício para avaliar os relacionamentos, procurando os meios adequados para criar harmonia e igualdade, sem sobrecarregar nenhum dos “pratos da balança”, sempre visando o “caminho do meio”, entre a agressividade marciana e a passividade venusiana.

Elementos ritualísticos

Velas cor de rosa ou vermelhas.

Flores diversas (flamboyant, buganvília, cravos, dalias), folhas de hortelã pimenta, lança e espada-de-Ogum, carqueja ou aloé, um vaso com cacto.

Incenso de cravo, canela, noz moscada ou gengibre, essência de mil folhas, manjerição, cardo santo ou cominho.

Cristais ou pedras polidas de granada, rubi, rubelita, jaspe sangüíneo, ágata-de-fogo, hematita ou magnetita.

Roupas em tons vermelhos ou rosa, um punhal (ou bastão) e um cálice, uma mandala ou imagem do Yin/Yang, os arcanos seis, oito e quatorze do

Tarot (os Enamorados, a Justiça e a Temperança), reproduções dos animais totêmicos (carneiro, antílope, leopardo, tigre, javali, porco-espinho, garanhão, falcão, gavião, corvo, galo, sabiá), algum chifre de animal (carneiro, cervo), um búzio ou concha grande.

Músicas e artes marciais, exercícios bioenergéticos.

Comemorações com arroz com açafrão, pratos com “curry” e “mango chutney”, chá indiano com gengibre, cravos e canela.

Divindades

Escolha uma destas deusas guerreiras: Ártemis, Andraste, Badb, Bellona, Morrigan, Pele, Oyá, Scatach, as Amazonas ou Valquírias.

Os deuses do amor são Adonis, Angus Mac Og, Dummuzi, Eros, Krishna, Vishnu e Kama.

Os Anjos associados são Samael e Haniel.

Os Orixás correspondentes são Ogum, Oyá, Oxossi e Oxum.

Rituais

Para entrar em contato com sua força interior, aprender a lidar com a raiva ou o medo, a agressividade ou a desistência, saber quando lutar ou negociar. É uma data propícia para a descoberta e liberação, por meio da catarse, das emoções reprimidas ou dos bloqueios energéticos, queimando papéis ou galhos na fogueira, dançando ou gritando ou para curar as feridas emocionais do passado, encenando o mito do Graal e respondendo à pergunta “O que me aflige realmente?”.

Mentalização

Visualize uma bola de energia vermelha trazendo à tona qualquer energia bloqueada ou raiva reprimida, direcionando-a para ser transmutada depois pela terra.

Afirmação

“Liberto-me de toda a raiva que me intoxica e canalizo minha energia para fins construtivos.”

A Matriarca da Décima Luação

É “Aquela que tece a teia”, a guardiã da força criativa que nos ensina a desenvolver nossas habilidades, destruindo as limitações, saindo da estagnação e materializando nossos sonhos. Nossa criatividade é determinada por nossa capacidade de sonhar e usar nossa imaginação.

Plenilúnio em Touro

Sol em Escorpião

“Lua Escura das Folhas que Caem”

Conceito da polaridade astrológica

Touro representa a estabilidade e a segurança da terra, enfatizando a rotina, a praticidade, a determinação e a perseverança. Seu oposto, Escorpião, ressalta a intensa emotividade e intensidade da água, trazendo um profundo envolvimento dos sentidos e um acentuado potencial psíquico. A combinação da rigidez da terra com o turbilhão das “águas turvas” favorece o trabalho interior de observação, reconhecimento e transformação dos padrões emocionais e comportamentais, compulsivos ou obsessivos. A proximidade do Dia dos Mortos permite a avaliação do “peso morto”, a iluminação e a transmutação das sombras, a transição do velho para o novo, as homenagens para os ancestrais e a reverência às Deusas “escuras”.

Elementos ritualísticos

Velas pretas ou roxas.

Galhos ou frutas de amora e romã, maçãs, amêndoas, flores de crisântemos, junquilha, prímulas ou violetas.

Incenso de gardênia, lírio, maçã ou magnólia, essência de hortelã, murta, Ylang-ylang, gerânio ou morango.

Cristais ou pedras polidas de quartzo verde, malaquita, amazonita, crisocola, turquesa ou esmeralda.

Um xale preto, objetos de cobre, um caldeirão ou cumbuca de cerâmica, enfeites ou máscaras com penas ou pele de animais, representações dos animais totêmicos (touro, vaca, búfalo, serpente, corvo, pêga, garça, cisne, pombo, castor, esquilo), fotografias e oferendas para os ancestrais, lista de hábitos ou lembranças para descartar (queimando no caldeirão), lanterna talhada em abóbora com uma vela dentro, representação de um labirinto.

Divindades

Escolha dentre as deusas Ereshkigal, Inanna, Perséfone, Afrodite, Blodewedd, Freyja, Morgan Le Fay, Oxum, Parvati, Radha, Rhiannon, Flora, Astarte, Hathor ou Psyche.

Os deuses da morte são Anúbis, Adonis, Hades, Odin, Arawn, Gwyn ap Nudd e Xipe Totec.

Os Anjos associados são Haniel, Azariel, Sindaephon.

Os Orixás correspondentes são Oxosse, Oxum, Ogum, Obá, Oyá, Elegbá.

Rituais

Para abandonar velhos hábitos ou resíduos dolorosos de antigos relacionamentos ou vivências; meditações sobre as mudanças necessárias para ampliar sua consciência e reverenciar os ancestrais; fortalecimento da vontade para alcançar seus objetivos (encantamentos, talismãs, afirmações, exercícios de centramento); ritos de passagem para separações, menopausa, viuvez e cirurgias com retirada de órgãos; contato com o corpo e a terra; invocações para saúde e prosperidade; meditações sobre a morte e conexão com as divindades do reino subterrâneo.

Mentalização

Envolve-se em uma esfera de luz verde e avalie todas as atitudes e conceitos limitantes em relação à sua saúde, seu corpo, sua profissão e sua situação financeira.

Afirmação

“Liberto-me de todos os pensamentos e atitudes que me bloqueiam ou empobrecem.”

A Matriarca da Décima Primeira Luação

É “Aquele que anda com firmeza”, a Mãe da inovação e da perseverança. Ela nos ensina o uso adequado da vontade e do poder para modificar as circunstâncias da vida pela ação pessoal, sem depender dos outros para agir, afirmando nossa auto-estima e auto-suficiência.

Plenilúnio em Gêmeos

Sol em Sagitário
“Lua dos Dias Sagrados”

Conceito da polaridade astrológica

Gêmeos, atualmente representado pelos gêmeos Castor e Pólux, representa a dualidade, a curiosidade e a inquietação mental, a superficialidade e multiplicidade dos conhecimentos, a dispersão e mutabilidade. Sagitário traz o entusiasmo do buscador, o fogo da motivação e a necessidade da liberdade pessoal, em todos os planos e circunstâncias. Enquanto que Gêmeos quer saber o porque e como, Sagitário se deixa levar pela fé, sem questionar ou duvidar. Essa combinação proporciona uma ativação do potencial energético, visando um objetivo específico, sem se deixar dispersar ou desviar. A imaginação pode ser usada como uma flecha para alcançar o alvo, enquanto que a coragem e a força interior do arqueiro sustentarão a expressão concreta dos ideais.

Elementos ritualísticos

Velas amarelas e lilás.

Flores silvestres ou flores miúdas (margaridas, verbenas, flox, ervilha-de-cheiro, petúnias ou ipê), capim-limão, trevo, funcho ou orelha de urso.

Incenso de benjoim, alfazema ou alecrim, essência de hortelã, lavanda, endro ou citronela.

Cristais ou pedras polidas de berilo, ágata, crisoberilo, olho-de-tigre ou de gato, alexandrita.

Reproduções dos animais totêmicos (papagaio, pica-pau, macaco, pardal, arara, borboleta, camaleão, canário, urso), símbolos da deusa Ártemis (lua crescente, cinto de metal ou pedras, arco e flecha, pele ou máscara de urso), roupas de couro ou camurça, botas, fotografias de nossa adolescência, imagem de uma floresta.

Comemoração com sanduíches naturais, pipoca, limonada e sorvete.

Divindades

Os deuses correspondentes são Zeus/Júpiter, Thor, Tupã, Xangô, Baal, Quiron.

As deusas com características geminianas são Sarasvati, Brighid, Athena/Minerva, Mnemosyne, as Musas e Ártemis/Diana, a senhora das florestas e dos animais.

Os Anjos associados são Mikael e Tzadkiel.

Os Orixás correspondentes são Yori, Irôko, Xangô, Oyá.

Rituais

Práticas para melhorar e aprofundar a comunicação no nível interno, buscando o contato com o Eu Superior e os mentores espirituais, no nível exterior, adquirindo mais conhecimentos e transformando-os em sabedoria; encantamentos para alcançar um objetivo, inscrevendo-o em um alvo e mentalizando a flecha de sua vontade e determinação “voando” em sua direção; conexão com as qualidades de coragem, força interior e expressão da auto-suficiência simbolizadas pelas Amazonas e pelas deusas lunares virgens; danças xamânicas para homenagear a Mãe Ursa; confecção e uso de máscaras de animais; meditações ao som de tambores para encontrar seus aliados.

Mentalização

Para acalmar e equilibrar suas ondas mentais, ilumine seu cérebro com luz prateada, respirando de forma calma e ritmada e entoando o mantra OM. Imagine suas ondas mentais diminuindo de intensidade e frequência até que, suavemente, reproduzam a superfície tranqüila de um lago.

Afirmação

“Liberto-me de bloqueios em minha comunicação e aprendo tudo o que necessito com rapidez e segurança.”

A Matriarca da Décima Segunda Luação

É “Aquela que agradece as dádivas”, que nos ensina a agradecer por tudo que recebemos na vida, abrindo, assim, espaço para a futura abundância. Não importa quais sejam as dificuldades ou desafios que enfrentamos, devemos agradecer por essas oportunidades que nos permitem desenvolver e revelar nossa força interior. Como a “Mãe da Abundância”, ela nos mostra o valor do dar para receber.

Capítulo VII

As Luas Especiais

— (A Lua Azul da Abundância) —

Acredita-se que a Lua Azul começou a ser cultuada, inicialmente, entre os egípcios, com a substituição do calendário lunar, que marcava o tempo usando as fases da lua, pelo solar, que introduziu o conceito de mês com trinta dias. Lua Azul é o nome que se dá à segunda lua cheia dentro do mesmo mês. Um fenômeno que acontece, em média, uma vez a cada dois anos e sete meses, sete vezes a cada dezenove anos e trinta e seis vezes no século. Desde a antiguidade, a Lua Azul é considerada um acontecimento de muita força magnética e poder espiritual, reforçando o sentido de plenitude da lua cheia.

A Lua Azul nos proporciona uma oportunidade a mais de tocar o divino, um aumento de consciência diante das forças sobrenaturais reforçando, assim, o intercâmbio com os outros planos, reinos e dimensões. Por ser considerada “um tempo entre os tempos”, um momento raro e, por isso, muito mais poderoso e mágico, fica mais fácil alcançar “o mundo entre os mundos” por meio dela. É uma lua de abundância, que permite colher muito mais do que se plantou. Os encantamentos têm maior poder e os resultados são mais rápidos. Pensamentos e desejos tornam-se mais intensos e, assim, qualquer ritual exige maior cautela em relação aos objetivos e pedidos. Mais do que nunca vale a advertência “cuidado com o que pedir, pois você poderá conseguir”!

Com o surgimento do calendário juliano, no início do cristianismo, o culto à Lua Azul passou a ser reprimido por ser

considerado uma exacerbação da simbologia lunar, do poder feminino e do culto às Deusas, assuntos perseguidos e proibidos. Mesmo assim, permaneceu sua aura romântica e poética e a Lua Azul passou a ser associada à crença de que era propícia ao romance e ao encontro de parceiros. Surgiu o termo inglês *blue moon*, significando algo muito raro, impossível, dando origem a inúmeras músicas e poemas melancólicos ou esperançosos.

Na mitologia Celta, essa lua favorece o contato com o Reino Encantado dos seres da natureza. Invocam-se as Rainhas das Fadas - Aeval, Aine, Aynia, Bri, Creide, Mab e Sin - e empreendem-se viagens reais ou imaginárias para as "Sidhe", as colinas encantadas, morada do "Little People", o Povo Pequeno.

Para agradecer às Fadas, os celtas cultivavam perto das casas suas plantas preferidas - calêndulas, verbenas, violetas, primulas e tomilho - e deixavam oferendas de mel, leite, manteiga, pão e cristais nas clareiras onde os círculos de cogumelos denotavam sua presença. Para favorecer a "visão", abrindo a percepção psíquica, usava-se artemísia, em chá ou em infusões para banho, suco de samambaias ou orvalho passado nas pálpebras, sachês de mil folhas e hipericão, invocações mágicas adequadas.

A Lua Azul é regida pela Matriarca da 13ª Luação. Ela é "aquela que se torna a visão", a guardiã de todos os ciclos de transformação, a mãe das mudanças. Essa Matriarca nos ensina a importância de seguir nosso caminho sem nos deixar desviar por ilusões que possam vir a interferir em nossas visões. Cada vez que nos transformamos, realizando nossas visões, uma nova perspectiva e compreensão se abre, permitindo-nos alcançar outro nível na eterna espiral da evolução do espírito. A última visão a ser alcançada é a decisão de simplesmente SER. Sendo tudo e sendo nada, eliminamos os rótulos e definições que limitam nossa plenitude.

Para criar uma atmosfera adequada a uma celebração da Lua Azul, use velas e roupas azuis. Prepare água lunarizada expondo garrafas de vidro azul, cheias de água, aos raios lunares. Prepare "travessieiros dos sonhos" enchendo uma fronha de tecido azul com flores de sabugueiro, lavanda ou alfazema, hipericão, folhas de artemísia e sálvia. Imante cristais e pedras azuis como o topázio azul, a safira, o berilo, a água-marinha, o lápis-lazuli ou a sodalita. Usando músicas com sons da natureza, como pios de corujas, cantos de baleias ou uivos de lobos, permita que sua criatividade e intuição levem-na ao Reino das Fadas ou ao encontro das

Deusas Lunares. Olhe fixamente para a Lua, eleve seus braços e "puxe" sua luz para sua testa, seu coração e seu ventre.

Conecte-se, em seguida, à Matriarca, pedindo-lhe orientação sobre as mudanças necessárias para alcançar uma real transformação.

Permaneça, depois, em silêncio e ouça as mensagens e respostas ecoando em sua mente ou alegrando seu coração.

— (A Lua Rosa dos Desejos) —

Na Antiga Tradição, acreditava-se que determinadas luas cheias eram imbuídas de uma energia especial para realizar desejos, projetos ou aspirações.

Essas luas, chamadas "Lua dos Desejos" ou "Lua dos Pedidos", são aqueles plenilúnios mais próximos dos quatro grandes Sabbats celtas - Samhain, em 31 de outubro; Imbolc, em 1º de fevereiro; Beltane, em 30 de abril e Lughnassadh, em 1º de agosto - com um intervalo de três meses entre si.

Muitos grupos e pessoas seguem essa prática sem conhecer sua origem ou significado, apenas continuando a tradição. Sua origem é longínqua, perdida na bruma dos tempos e a razão dessas datas é atribuída ao aumento do poder magnético e espiritual nos períodos de mudanças telúricas e cósmicas marcados por esses Sabbats.

Para acompanhar o fluxo energético desses plenilúnios, prepare uma lista com seus pedidos, esperanças, desejos, sonhos ou aspirações. Com o dedo indicador umedecido em essência de jasmim, cânfora, salgueiro, artemísia ou sândalo, trace um pentagrama sobre o papel. Mentalize seu pedido e faça uma pequena oração, repetindo-a por três vezes. dobre o papel e coloque-o em seu altar ou mesa de cabeceira, pondo sobre ele uma pedra da lua ou um cristal de rocha.

Repita esse pequeno ritual em cada mudança de fase lunar, a cada sete dias, aproximadamente, até a próxima Lua Rosa.

De acordo com seu merecimento ou necessidade cármica, em função da intensidade de seu desejo e intenção, seu pedido será atendido dentro de três luas cheias.

— (A Lua Negra da Transmutação) —

A fase lunar denominada Lua Negra acontece mensalmente, nos três dias que antecedem a lua nova. Durante este período, o fino disco da lua minguante diminui até desaparecer na escuridão da noite. Tendo em vista que a luz da lua é, na verdade, a luz solar refletida pelo disco lunar, poderíamos dizer que a lua negra “mostra” a verdadeira face oculta da lua.

Durante essa fase de escuridão mensal, os povos antigos reverenciavam as Deusas Escuras, dedicando este tempo a rituais divinatórios, de cura e transmutação. Com o advento das sociedades patriarcais, os mistérios da Lua Negra tornaram-se sinônimo de terror e malefícios. Incapacitados de ver ou compreender o “desaparecimento” da Lua, surgiram lendas e superstições sobre os demônios ou forças malignas que “comiam” a Lua. Dessa maneira, a Lua Negra passou a representar o auge dos poderes destrutivos, vaticinando cataclismos naturais, como inundações, tempestades ou secas e humanos, como guerras, doenças e fome. A Lua Negra era tida como aziaga para qualquer empreendimento, por ser considerada a lua do momento em que os fantasmas e os espíritos malévolos perambulam sobre a Terra e as bruxas executam seus rituais de magia negra. Atribuía-se à Lua Negra a conexão com o mundo subterrâneo por ser regida por divindades em forma de serpente ou com serpentes nos cabelos.

Na verdade, a Lua Negra facilita o acesso aos mundos e planos sutis e às profundezas de nossa psique. Por isso, atualmente é considerada uma fase favorável para trabalhos de transformação e renovação. Somente mergulhando no nosso lado escuro, desvendando os mistérios e as sombras de nosso inconsciente, poderemos achar os meios secretos para nossa renovação. A Lua Negra tem o poder de criar e de destruir, de curar e de regenerar e de descobrir e fluir com o ritmo das mudanças e dos ciclos naturais, dependendo da capacidade individual em reconhecer e integrar sua sombra.

Ao entrar na fase da Lua Negra, podemos presenciar a transição entre a destruição do velho e a criação do novo. É, portanto, um período favorável para rituais de cura, renovação e regeneração. O processo de transformação destrói os padrões ultrapassados de condicionamento, comportamento e estruturação, liberando-nos daquilo que não serve mais,

daquilo que é limitante, impedindo nossa expansão.

Os objetivos dos rituais são variados e de acordo com as necessidades de cada um. Podemos citar a remoção de uma maldição, a correção de uma disfunção, o afastamento dos obstáculos ou das dificuldades na realização afetiva ou profissional, a limpeza de resíduos energéticos negativos de pessoas, objetos, ambientes, a preparação e imantação do espelho negro, entrando em contato com os ancestrais ou com as Deusas Escuras como Hécate, Medusa, Kali, Ereshkigal, Hel, Sekhmet, Sheelah Na Gig, Oyá e Cailleach. As palavras-chave para esses rituais são complementação, finalização, dissolução, introspecção, tradição, sabedoria, morte e transmutação.

Os elementos ritualísticos são as velas pretas para afastar a negatividade, as brancas para os novos inícios e as vermelhas para a realização, correspondendo às três cores da Deusa e aos três estágios da condição feminina: idosa, jovem e adulta. Por ser a Anciã a Deusa regente desta lua, são oferecidos no altar, em vez de flores, um xale preto, galhos e folhagens secas, penas pretas, pêlo de cachorro preto ou lobo, teia ou a imagem de uma aranha, além de representações do poder transmutador da Serpente. Os objetos mais importantes para o ritual da Lua Negra são o caldeirão - para queimar e transmutar as energias negativas - e o espelho negro ou bola de cristal, além de Tarot e Runas para orientação e auto-conhecimento.

A meditação ao som de tambor ajuda a mergulhar no ventre escuro da Mãe Terra, trazendo mensagens e sugestões para a cura, a regeneração e a transformação.

— (A Lua Violeta da Reflexão) —

Da mesma maneira que existem duas luas cheias em um mesmo mês, também podem ocorrer duas luas novas. A segunda lua negra, correspondendo à fase de três dias que antecede a segunda lua nova dentro do mesmo mês, é muito pouco divulgada, sendo conhecida apenas por mensagens espirituais. Denomino esse raro fenômeno de Lua Violeta devido a suas qualidades purificadoras, alcançadas por meio de silêncio e meditação.

A Lua Violeta é um momento misterioso e sagrado que deve ser dedicado à introspecção, à contemplação silenciosa e às reflexões. Deve ser feita uma reavaliação de sua escala de valores, de sua vida atual e de seu propósito nesta encarnação. Alcança-se, assim, uma compreensão maior, um conhecimento que brota de seu próprio Eu Divino.

Recomendo procurar levantar os véus sutis que encobrem as motivações ocultas da vida atual e o propósito maior da alma, somente após pedir a intercessão de seu Anjo Guardião e fazer uma invocação às Deusas do Destino. Com a ajuda de sua sacerdotisa interior, poder-se-á transpor o portal e entrar em contato com sua própria essência espiritual.

— (A Lua Vermelha da Menstruação) —

Na antigüidade, o ciclo menstrual da mulher seguia as fases da lua com tanta precisão que a gestação era contada por luas. Com o passar dos tempos, a mulher foi se distanciando dessa sintonia e foi perdendo, assim, o contato com seu próprio ritmo e seu corpo, fato que teve como consequência vários desequilíbrios hormonais, emocionais e psíquicos.

Para restabelecer essa sincronicidade natural, tão necessária e salutar, a mulher deve se reconectar à Lua, observando a relação entre as fases lunares e seu ciclo menstrual. Compreendendo o ciclo da lua e a relação com seu ritmo biológico, a mulher contemporânea poderá “cooperar” com seu corpo, fluindo com os ciclos naturais, curando seus desequilíbrios e fortalecendo sua psique.

Para compreender melhor a energia de seu ciclo menstrual, cada mulher deve criar um “Diário da Lua Vermelha”, anotando no calendário o início de sua menstruação, a fase da lua, suas mudanças de humor, disposição, nível energético, comportamento social e sexual, preferências, sonhos e outras observações que queira.

Para tirar conclusões sobre o padrão de sua Lua Vermelha, faça essas anotações durante pelo menos três meses, preferencialmente por seis. Após esse tempo, compare as anotações mensais e resuma-as, criando, assim, um guia pessoal de seu ciclo menstrual, baseado no padrão lunar. Observe a repetição de emoções, sintonias, percepções e sonhos, fato que vai lhe permitir estar mais consciente de suas reações, podendo evitar, prever ou controlar situações desagradáveis ou desgastantes.

Do ponto de vista mágico, há dois tipos de ciclos menstruais, determinados em função da fase lunar em que ocorre a menstruação.

Quando a ovulação coincide com a lua cheia e a menstruação com a lua negra, a mulher pertence ao “Ciclo da Lua Branca”. Como o auge da fertilidade ocorre durante a lua cheia, esse tipo de mulher tem melhores condições energéticas para expressar suas energias criativas e nutridoras por meio da procriação.

Quando a ovulação coincide com a lua negra e a menstruação com a lua cheia, a mulher pertence ao “Ciclo da Lua Vermelha”. Como o auge da fertilidade ocorre durante a fase escura da lua, há um desvio das energias criativas, que são direcionadas ao desenvolvimento interior, em vez do mundo material. Diferente do tipo “Lua Branca”, que é considerada “a boa mãe”, a mulher do ciclo “Lua Vermelha” é “bruxa, maga ou feiticeira”, que sabe usar sua energia sexual para fins mágicos e não somente procriativos.

Ambos os ciclos são expressões da energia feminina, nenhum deles sendo melhor ou mais correto que o outro. Ao longo de sua vida, a mulher vai oscilar entre os Ciclos Branco e Vermelho, em função de seus objetivos, de suas emoções e ambições ou das circunstâncias ambientais e existenciais.

Além de registrar seus ritmos no “Diário da Lua Vermelha”, a mulher moderna pode reaprender a vivenciar a sacralidade de seu ciclo menstrual. Para isso, é necessário criar e defender um espaço e um tempo dedicado a si mesma. Sem poder seguir o exemplo de suas ancestrais, que se refugiavam nas “Tendas Lunares” para um tempo de contemplação e oração, a mulher moderna deve respeitar sua vulnerabilidade e sensibilidade aumentadas durante sua Lua. Ela pode diminuir seu ritmo, evitando sobrecargas ao se afastar de pessoas e ambientes “carregados”, não se expondo ou se desgastando emocionalmente e procurando encontrar meios naturais para diminuir o desconforto, o cansaço, a tensão ou a agitação.

Com determinação e boa vontade, mesmo no corre-corre cotidiano dos afazeres e obrigações, é possível encontrar seu “tempo e espaço sagrados” para cuidar de sua mente, de seu corpo e de seu espírito. Meditações, “banhos de luz lunar”, água lunarizada, contato com seu ventre, sintonia com a Deusa regente de sua lua natal ou com as Deusas Lunares, “viagens xamânicas” com batidas de tambor, visualizações dos

animais de poder, uso de florais ou elixires de gemas contribuem para o restabelecimento do padrão lunar rompido e perdido ao longo dos milênios de supremacia masculina e racional.

O mundo atual - em que a maior parte das mulheres trabalha - ainda tem uma orientação masculina. Para se afastar dessa influência, a mulher moderna deve perscrutar seu interior e encontrar sua verdadeira natureza, refletindo-a em sua interação com o mundo externo.

Os Eclipses

Os eclipses lunares ocorrem durante a lua cheia, quando a Terra fica no alinhamento entre a Lua e o Sol. Há, aproximadamente, dois ou quatro eclipses por ano, a maioria sendo parcial.

O eclipse solar ocorre apenas durante a lua nova, quando o Sol fica eclipsado pela Lua, levando a seu escurecimento parcial ou total, dependendo do grau do eclipse.

Os povos antigos observavam com muito respeito e temor esses fenômenos celestes inexplicáveis. Usavam cantos, danças, oferendas e orações para evitar o “desaparecimento” dos astros.

Atualmente, leva-se em consideração a colocação do eclipse no mapa astrológico de uma pessoa, pois a casa zodiacal afetada será um foco especial de concentração energética por meses ou até mesmo por um ano depois do eclipse, dependendo dos aspectos. Se o eclipse solar acontecer no dia de seu aniversário, suas influências serão aumentadas, exigindo um trabalho de fortalecimento pessoal, principalmente para aumentar sua auto-estima e autoconfiança.

Os eclipses lunares anuais caem, geralmente, nos mesmos signos zodiacais, ocorrendo, portanto, nas mesmas casas do mapa natal. Evidencia-se, assim, a necessidade de trabalho interior para equilibrar e integrar os assuntos das áreas afetadas pelos próximos três a nove meses. Os eclipses “regridem” nos signos zodiacais, na velocidade de um signo ou uma casa, por ano. Portanto, ao longo de doze anos, o sombreamento da Lua pela Terra acontecerá em todos os signos e em todas as casas zodiacais dos mapas individuais.

Em termos de magia, um eclipse marca um ponto intermediário muito poderoso, uma transição entre o claro e o escuro, entre o dia e a noite, entre a luz e a escuridão.

Realizar encantamentos e rituais durante um eclipse aumenta sua potência e a responsabilidade de quem os faz. Para direcionar de forma competente as energias, é necessário um mínimo de conhecimento astrológico, principalmente dos aspectos formados no mapa natal individual.

Sugiro criar um ritual pessoal, tentando se “comunicar” com os planetas envolvidos e reconhecer sua atuação em sua vida. Peça aos anjos ou mestres planetários e ao seu mentor espiritual, idéias e orientações para seu crescimento. Use as palavras-chaves e/ou atributos dos planetas, invoque as divindades a eles relacionadas e deixe-se guiar por sua intuição e sabedoria para encontrar uma maneira simples e prática de expressar as energias do eclipse. Lembre-se de que o “reaparecimento” do astro, após o eclipse, simboliza o início de um novo ciclo ou uma nova fase em sua vida, podendo ser celebrada e afirmada ritualisticamente.

Capítulo VIII

Os Mistérios do Sangue e a Cura Emocional da Mulher

A primeira e mais antiga forma de medir o tempo foi pelo ciclo menstrual das mulheres. Olhando o céu e contando os dias para a chegada da menstruação ou para a confirmação da gravidez, as mulheres criaram os primeiros calendários e estabeleceram as bases do conhecimento mítico e mágico da Lua. A raiz da palavra “menstruação” vem do latim *mens* e significa “lua” e “mês”.

Para os povos antigos, a menstruação era um dom dado às mulheres pelas Deusas para que elas pudessem criar e perpetuar a própria vida. A sincronidade do ciclo lunar e menstrual refletia o vínculo entre a mulher e a divindade, pois ela guardava o mistério da vida em seu corpo e tinha o poder de tornar real o potencial da criação. Esses ciclos também refletiam as estações e mudanças da natureza, o ventre aparecendo como receptáculo da vida eterna, simbolizado pelo cálice, caldeirão ou Graal em vários mitos. Todos os homens nascem da mulher, seus corpos são formados dos tecidos de seu útero, o sangue que corre nas veias do recém-nascido é o sangue de sua mãe. O poder da mulher vem através de seu sangue, por isso ela não deve temê-lo ou desprezá-lo, mas considerá-lo sagrado, imantado com o poder que liga a mulher à Fonte da Criação.

Considerada pelos povos antigos como a “Flor da Lua” ou o “Néctar da Vida”, a menstruação passou a ser denegrida e desprezada pelas sociedades patriarcais, que a consideravam a origem do poder maligno da mulher, a marca do demônio, o castigo dado a Eva por ter transgredido as regras de obediência e submissão. Enquanto que nas

sociedades matrifocais as sacerdotisas ofereciam seu sangue menstrual à Deusa e faziam suas profecias durante os estados de extrema sensibilidade psíquica da fase menstrual, a Inquisição atribuía a esse poder oracular a prova da ligação da mulher com o Diabo, punindo e perseguindo as mulheres “videntes”. E assim originaram-se os tabus, as proibições, as credences e as superstições referentes ao sangue menstrual.

“Tabu” é uma palavra de origem polinésia, cujo significado - “sagrado” - refere-se a tudo aquilo que, por ser imbuído de um poder especial chamado “mana”, não podia ser tocado ou usado por pessoas que não estivessem preparadas para lidar com essa energia, o que poderia ser-lhes prejudicial. O sangue menstrual ou pós-partum era impregnado de “mana”, sendo por isso considerado sagrado, ou seja, “tabu”.

Com o passar do tempo, o significado da palavra “tabu” foi deturpado para “proibido”, recebendo uma conotação negativa e até mesmo perigosa, principalmente para os homens que temiam esse sangramento misterioso da mulher. Esse temor vinha do fato de que o homem, quando sangrava, era por ferimento ou doença, com conseqüências quase sempre fatais.

Infelizmente, milênios de supremacia e domínio patriarcal despojaram as mulheres de seu poder inato e negaram-lhe até mesmo seu valor como criadoras e nutridoras da própria vida. Reduzidas a meras reprodutoras, fornecedoras de prazer ou de mão-de-obra barata, as mulheres foram consideradas incompetentes, incapazes, desprovidas de qualquer valor e até mesmo de uma alma!

Não mais o respeito e a veneração pelo poder sagrado de seu sangue, mas a vergonha, a repulsa, o silêncio sobre “aqueles dias”, as acusações e explicações “científicas” dos estados depressivos, explosivos ou das mudanças de humor como algo mórbido, que deveria ser tratado com remédios ou com a indiferença.

Em vez dos antigos rituais de renovação e purificação nas Cabanas ou Tendas Lunares, onde as mulheres se isolavam para recuperar suas energias e abrir seus canais psíquicos para o intercâmbio com o mundo espiritual, a mulher moderna deveria disfarçar, esforçando-se para continuar com suas atribuições cotidianas, perdendo o contato e sintonia com seu corpo e com a energia da Lua. O resultado é a tensão premenstrual, as cólicas, o ciclo desordenado, o desconhecimento dos “Ritos de Passagem” e dos “Mistérios da Mulher”. As meninas passam por sua

menarca sem nenhuma preparação ou celebração, aprendendo, muitas vezes, as verdades sobre seus corpos de forma dolorosa ou prejudicial. Ao chegar na menopausa, a mulher sente-se marginalizada, desprezada, envelhecida, sem receber o apoio ou o ensinamento de como atravessar e aproveitar essa nova fase plena de possibilidades e de sabedoria.

Pelo ressurgimento do Sagrado Feminino, as mulheres estão reaprendendo o verdadeiro valor sagrado de seus corpos, de suas mentes e de seus corações. Restabelecem-se os rituais de passagem, celebrando as fases de transição na vida da mulher: a menarca (a primeira menstruação), a maturidade sexual, a gestação, o parto e a menopausa.

É imperativo à mulher contemporânea recuperar a sacralidade de sua biologia. Para isso, ela deve lembrar seus antigos conhecimentos, compreender os verdadeiros mitos e arquétipos de sua natureza lunar, reconhecer o poder mágico de seu ventre e sua conexão com a Deusa.

A sociedade atual, altamente industrializada e intelectualizada, é carente de Ritos de Passagem e Celebrações, preocupando-se apenas com a produtividade, o consumismo e os modismos.

É vital para a mulher moderna suprir essa lacuna lendo e reaprendendo as antigas tradições, usando sua intuição e sabedoria para adaptá-las à sua realidade moderna, celebrando os Ritos de Passagem.

Esse ato de “acordar” e “relembrar” reconecta a mulher à sua essência verdadeira, dando-lhe novos meios para viver de forma mais plena, harmônica, mágica e feliz.

— (Celebração do Primeiro Sangue) —

A partir do momento que a mulher reconhece o poder sagrado de seu sangue, é importante a ela reviver sua primeira menstruação, principalmente se foi uma experiência dolorosa ou traumática.

A primeira menstruação chama-se menarca, proveniente do grego “men” - significando lua e mês - e “arkhe” - significando início e começo. É um momento extremamente importante na vida da mulher, não apenas por ser o primeiro contato com seu sangue, mas também por ser o começo de um longo processo mensal, que marcará sua vida por cerca de trinta e cinco anos. Nas antigas culturas e tradições, nesses

Quando você conseguir trazer de volta todas suas lembranças, por mais insignificantes ou dolorosas que sejam, coloque suas mãos sobre seu coração e abra devagar os olhos.

Registre agora toda essa vivência em seu diário. Seria ainda melhor se você preferisse compartilhar com uma amiga, terapeuta ou dirigente espiritual. Mas lembre-se, antes de repartir essas impressões, entre em contato com sua Deusa interior, pedindo-lhe orientação e apoio para criar seu próprio Ritual de Passagem.

Se ainda tiver algum bloqueio mental ou alguma dificuldade em perceber sua voz sutil, vá para perto de um rio, lago, cachoeira ou mar. Tome um banho ritualístico, visualizando a energia pura da água limpando as lembranças e registros dolorosos de sua mente e de seu corpo. Com movimentos circulares, em sentido anti-horário, insista naqueles pontos físicos onde percebeu algum bloqueio ou energia residual estagnada.

Reponha, depois, a energia removida expondo-se à luz solar, lunar ou estelar, captando e canalizando a frequência luminosa com movimentos em sentido horário, mentalizando e orando pela cura de suas feridas físicas ou emocionais.

Em casa, na mesma fase lunar de seu nascimento, abençoe seu ventre com a essência de seu signo. Toque seu corpo de maneira amorosa, invocando a Deusa correspondente a seu dia de nascimento ou a própria Grande Mãe, se preferir, criando sua própria bênção ou usando as frases tradicionais, mencionadas a seguir, reestabelecendo, assim, a sacralidade de seu ventre.

Essa cerimônia pode ser modificada e usada, também, após traumas cirúrgicos, estupro ou violência sexual, remoção de útero ou ovários ou sempre que sentir necessidade de reivindicar seu poder, reafirmando sua identidade de mulher e reconsagrando o “mana” de seu sangue menstrual e de seu ventre.

Como abençoar-se

Pode-se usar água - “lunarizada”, de fonte ou da chuva - ou essência - do seu signo ou da Deusa escolhida. À medida que recita em voz alta as seguintes invocações, toque cada parte de seu corpo, sentindo seu poder de mulher sendo restabelecido.

Toque seus olhos

“Abençoe, Mãe, meus olhos, para ter a visão clara”.

Toque sua boca

“Abençoe, Mãe, minha boca, para falar a verdade”.

Toque seus ouvidos

“Abençoe, Mãe, meus ouvidos, para ouvir tudo que está sendo dito para mim”.

Toque seu coração

“Abençoe, Mãe, meu coração, para preencher-me com amor”.

Toque seu ventre

“Abençoe, Mãe, meu ventre, para poder conectar-me à energia curativa do universo e fortalecer minha criatividade e sexualidade”.

Toque seus pés

“Abençoe, Mãe, meus pés, para poder caminhar na minha verdadeira senda e voltar para Ti”.

— (Celebração do Último Sangue) —

Assim como a menarca, a menopausa é uma mudança dramática na expressão física e na percepção mental e emocional da feminilidade. Conhecida como “A Grande Mudança”, a menopausa pode se tornar uma fase positiva de crescimento espiritual e enriquecimento interior, compensando os problemas físicos e os conflitos emocionais.

Enquanto a mulher fértil pode usar o ciclo menstrual para mergulhar em seu interior em busca de orientação e renovação, a percepção da mulher pós-menopausa não segue esse padrão cíclico. Por guardar seu sangue e não mais vertê-lo, ela não mais é sujeita às alterações hormonais e influências ambientais, podendo permanecer de forma equilibrada entre o rico potencial de seu mundo interior e a capacidade de manifestá-lo criativamente.

Tendo essa vantagem da percepção constante dos dois mundos, a mulher pós-menopausa é uma mulher sábia, curadora, sacerdotisa, xamã e profetisa em potencial. Ela tem um acesso contínuo para a dimensão oculta do mundo, que é acessível para a mulher que menstrua somente nos

dias de seu ciclo menstrual. Essa percepção aguçada e o potencial de cura, premonição e sabedoria das mulheres mais idosas eram largamente reconhecidos e reverenciados nas antigas culturas, onde as anciãs eram respeitadas como as guardiãs das tradições, conselheiras, curandeiras, guias e intermediárias entre a comunidade e o mundo dos ancestrais.

A “Celebração da Menopausa” reconhece a transição entre a antiga percepção cíclica e o intercâmbio permanente com o mundo interior. Reverencia-se a descida da mulher para a escuridão e sua emergência renovada, mais sábia e mais poderosa. O ritual - por mais simples que seja - vai ajudar no início da nova vida, reconhecendo seu poder, seu ingresso na Irmandade das Mulheres Sábias e sua conexão com a Anciã. Combatem-se, assim, os estereótipos sócio-culturais negativos, removendo-se os efeitos da supremacia patriarcal e da solidão afetiva.

A cerimônia pode ser feita no começo ou no término da menopausa ou, se preferir, no segundo retorno de Saturno em seu mapa natal, em torno dos 58 anos. Cercada de amigas ou parentes, a mulher escolhe e cria o ritual, após uma preparação especial incluindo banhos de purificação, meditação e oração. É importante ter no altar as três cores da Deusa, representando os três estágios na vida da mulher: Donzela e jovem - branco; Mãe e adulta - vermelho; Anciã e sábia - preto. Essas cores podem estar presentes na forma de velas, fitas ou fios trançados em um cordão. Os incensos para essa cerimônia são o cipreste, o cedro, a sálvia ou o sândalo. As flores podem ser crisântemos ou rosas, cercados de folhagens e espigas de trigo. As deusas são Hécate, Cerridwen, Holda, Befana, Baba Yaga, Kali Ma, as Nornes ou as Parcas, Vovó Aranha e Nanã Buluku.

As mulheres convidadas trazem presentes e compartilham suas histórias, poemas, conselhos e bênçãos. O propósito é abençoar a nova fase na vida da “Mulher Sábia”, finalizando-se com sua “coroação”, usando-se uma coroa de flores, folhas de hera, espigas de trigo e fitas feitas pela própria mulher. Agora, em vez de “coroa”, ela será uma “coroadada”!

Dependendo da pessoa e de seu momento, podem ser acrescentados outros elementos ritualísticos para aceitação, desapareço do passado, transmutação da dor de alguma perda, abertura da visão, desenvolvimento de algum dom, escolha de um caminho espiritual ou compromisso para contribuir, de alguma forma, na comunidade. O importante é a aceitação do presente, o desapareço do passado e a visualização de novos objetivos e possibilidades no futuro.

Capítulo IX

A Lenda das Treze Matriarcas

Ao longo dos tempos, entre os Kiowa, Cherokee, Iroquois, Seneca e em várias outras tribos nativas norte-americanas, as anciãs contavam e ensinavam, nos “Conselhos de Mulheres” e nas “Tendas Lunares”, as tradições herdadas de suas antepassadas. Dentre várias dessas lendas e histórias, sobressai a lenda das “Treze Mães das Tribos Originais”, representando os princípios da energia feminina manifestados nos aspectos da Mãe Terra e da Vovó Lua.

Neste momento de profundas transformações humanas e planetárias, é importante que todas as mulheres conheçam este antigo legado para poderem se curar antes de tentarem curar e nutrir os outros. Dessa forma, as feridas da alma feminina não mais se manifestarão em atitudes hostis, separatistas, manipuladoras ou competitivas. Alcançando uma postura de equilíbrio, as mulheres poderão expressar as verdades milenares que representam, em vez de imitarem os modelos masculinos de agressão, competição, conquista ou domínio, mostrando, assim, ao mundo um exemplo de força equilibrada, se empenhando na construção de uma futura sociedade de parceria.

Como regentes das treze lunações, as Treze Matriarcas protegem a Mãe Terra e todos os seres vivos, seus atributos individuais sendo as dádivas trazidas por elas à Terra. O símbolo da Mãe Terra é a Tartaruga e seu casco, formado de treze segmentos, simboliza o calendário lunar.

Conta a lenda que, no início da vida no nosso planeta, havia abundância de alimentos e igualdade entre os sexos e as raças. Mas, aos poucos, a ganância pelo ouro levou à competição e à agressão; a violência

resultante desviou a Terra de sua órbita, levando-a a cataclismos e mudanças climáticas. Em consequência, para que houvesse a purificação necessária do planeta, esse primeiro mundo foi destruído pelo fogo.

Assim, com o intuito de ajudar em um novo início e restabelecer o equilíbrio perdido, a Mãe Cósmica, manifestada na Mãe Terra e na Vovó Lua, deu à humanidade um legado de amor, perdão e compaixão, resguardado no coração das mulheres. Para isso, treze partes do Todo foram manifestadas no mundo material como as Treze Matriarcas, representando as treze lunações de um ciclo solar e atributos de força, beleza, poder e mistério do Sagrado Feminino. Cada uma por si só e todas em conjunto, começaram a agir para devolver às mulheres a força do amor e o bálsamo do perdão e da compaixão que iriam redimir a humanidade. Essa promessa de perfeição e ascensão iria se manifestar em um novo mundo de paz e iluminação, quando os filhos da Terra teriam aprendido todas as lições e alcançado a sabedoria.

Cada Matriarca detinha no seu coração o conhecimento e a visão e no seu ventre a capacidade de gerar os sonhos. Na Terra, elas formaram um conselho chamado “A Casa da Tartaruga” e, quando voltaram para o interior da Terra, deixaram em seu lugar treze crânios de cristal, contendo toda a sabedoria por elas alcançada.

Por meio dos laços de sangue dos ciclos lunares, as Matriarcas criaram uma Irmandade que une todas as mulheres e visa a cura da Terra, começando com a cura das pessoas. Cada uma das Matriarcas detém uma parte da verdade representada, simbolicamente, em cada uma das treze lunações. Conhecendo essas verdades milenares e a sabedoria dos ancestrais, as mulheres atuais podem recuperar sua força interior, desenvolver seus dons, realizar seus sonhos, compartilhar sua sabedoria e trabalhar em conjunto para curar e beneficiar a humanidade e a Mãe Terra.

Somente curando a si mesmas é que as mulheres poderão curar os outros e educar melhor as futuras gerações, corrigindo, assim, os padrões familiares corrompidos. Apenas honrando seus corpos, suas mentes e suas necessidades emocionais, as mulheres terão condições de realizar seus sonhos.

Falando suas verdades e agindo com amor, as mulheres atuais poderão contribuir para recriar a paz e o respeito entre todos os seres, restabelecendo, assim, a harmonia e a igualdade originais, bem como o equilíbrio na Terra.

 **Meditação para entrar em contato
com a Matriarca de qualquer lunação** 

Transporte-se mentalmente para uma planície longínqua. Ande devagar por entre os arbustos e diferentes tipos de cactos, nascendo do chão pedregoso. O ar está calmo, o silêncio quebrado apenas pelo canto de alguns pássaros. Veja o Sol se pondo, colorindo o céu nos mais variados tons de dourado e púrpura.

No meio dos arbustos você enxerga uma construção rudimentar de adobe, meio enterrada no chão, lembrando o casco de uma tartaruga. Ao redor, há um círculo de treze índias, algumas idosas, outras jovens, vestidas com roupas e xales coloridos e enfeitadas com colares e pulseiras de prata, turquesa e coral. A mais idosa bate um tambor, as outras cantarolam uma canção que lhe parece familiar. Uma delas lhe faz sinal para que você se aproxime e você a segue, respeitosamente.

Sabendo que chegou à Casa do Conselho, onde receberá apoio e orientação, você entra na estranha construção pelo teto, por uma abertura, descendo por uma escada rústica de madeira. Ao descer a escada, você se percebe dentro de uma “Kiva”, a câmara sagrada de iniciação dos povos nativos. As paredes estão decoradas com treze escudos, cada um ornado de maneira diferente, com penas, símbolos, conchas e fitas coloridas. O chão de terra batida está coberto de ervas cheirosas e algumas esteiras de palha trançada. No fundo da “Kiva”, você vê duas pequenas fogueiras, cuja fumaça sai por duas aberturas no teto. Esses “fogos cerimoniais” representam os dois mundos - o material e o espiritual - e as aberturas representam os canais ou “antenas” que permitem a percepção dos planos sutis. A fumaça representa o caminho pelo qual os pedidos de auxílio e as preces são encaminhados para o Grande Espírito.

No centro, perto de um caldeirão, está sentada a Matriarca que você veio procurar. Ajoelhe-se e exponha-lhe seu problema. Ouça, então, sua orientação sábia ecoando em sua mente. Peça, em seguida, que ela toque seu peito, acendendo assim o terceiro fogo, a chama amorosa de seu próprio coração. Sinta o calor de sua bênção curando antigas feridas e dissolvendo todas as dores, enquanto a chama lhe devolve a coragem, a força, a fé e a esperança. Agradeça à Matriarca pela dádiva que lhe devolveu seu dom inato e comprometa-se a restabelecer os vínculos com a Irmandade das mulheres, lembrando e revivendo a sabedoria ancestral.

Despeça-se e volte pelo mesmo caminho, tendo adquirido uma nova consciência e a certeza de que jamais estará só, pois a Matriarca da Luação de seu nascimento a apoiará e guiará sempre.

Capítulo X

Considerações sobre Altars e Rituais



Como criar um altar



O lugar onde meditamos, oramos, fazemos algum ritual ou cerimônia é um espaço sagrado, seja ele um pequeno altar em nossa casa, um templo ou um santuário natural, como grutas, florestas, cachoeiras, uma montanha, círculos de pedras, labirintos ou pontos de força. É importante criar um lugar para nossos rituais, por mais reduzido ou simples que seja o espaço de que dispomos. Um altar é um espaço sagrado, dedicado à Deusa e ao Deus, destinado à introspecção, contemplação e oração, um ponto de força onde reabastecemos nossas energias sutis.

Os altares variam imensamente de uma mulher a outra. Alguns são portáteis, guardados em uma caixa, gaveta ou cesto, resguardados dos olhares indiscretos ou “protegidos” dos familiares oponentes; outros são permanentes, espontâneos ou elaborados, simples ou sofisticados. Algumas mulheres preferem o estilo “zen”, com apenas alguns objetos essenciais; outras exibem coleções de estatuetas, imagens, cristais, conchas, pedras, lembranças de viagens ou de lugares sagrados, cartas de tarot, runas, talismãs, pentáculos, fotografias das ancestrais, velas, flores, penas, sinos, chocalhos e símbolos pessoais, entre outros elementos.

Qualquer que seja seu formato ou conteúdo, o altar é um centro de poder pessoal, um reflexo do mundo interior da mulher que o criou, em função de seus valores, interesses e objetivos e uma irradiação da Deusa, por meio dos símbolos, objetivos e finalidades dos rituais.

O altar é o microcosmo individual, reflexo do macrocosmo da Grande Mãe. Por isso, há tantos tipos de altares; um para cada uma das manifestações da Deusa Interior, expressas por meio das mulheres.

Além do altar pessoal, existem altares coletivos: há os para trabalhos em grupo, cada mulher colaborando com um objeto sagrado e os para fins específicos, como para as celebrações dos Sabbats e Esbats, dos ritos de passagem e outras datas festivas. Para os rituais grupais, o altar se torna o foco central, catalisando as energias e os propósitos dos participantes e direcionando o “cone de poder”, criado pela conjunção vibratória e energética das pessoas e ativado pelo dirigente.

O simbolismo básico de qualquer altar está ligado às direções cardeais e aos elementos correspondentes. No centro, coloca-se a representação do quinto elemento: o Espírito, a Deusa e o Deus ou o Grande Mistério. O círculo, por ser a forma mais perfeita da natureza, é a forma mais usada para delimitar um espaço sagrado. A maneira mais simples de criar um altar é riscar uma esfera sobre uma mesa ou cortar uma tábua em forma circular. Nos ambientes naturais usam-se as pedras e os troncos das árvores do local; também pode-se criar um círculo de pedras, conchas, flores, fitas ou fios coloridos. Os pontos cardeais devem ser marcados e os objetos representando os elementos de cada direção devem ser colocados. No centro, simbolizando o Espírito, coloca-se um cristal, estatueta ou imagem - representando a Deusa em uma de suas inúmeras manifestações - e um símbolo ou imagem do Deus, como um chifre, pinhas, um cristal, a representação do Céu ou do Sol.

Na tradição Wicca, utiliza-se a seguinte disposição:

Para o **Leste**, correspondendo ao ar, coloca-se o “athame” - o punhal ou faca ritualística - juntamente com incenso e uma pena.

Para o **Sul**, correspondendo ao fogo, coloca-se uma vela branca ou na cor relacionada à finalidade do ritual, juntamente com o bastão.

Para o **Oeste**, correspondendo à água, coloca-se um cálice ou taça com água, seixos rolados, conchas, corais, uma estrela do mar e um espelho.

Para o **Norte**, correspondendo à terra, coloca-se uma tigela de barro com terra ou sal, o pentáculo - pentagrama gravado em metal ou madeira - e um caldeirão de ferro.

Na tradição Xamânica, a correspondência entre as direções e os

elementos é diferente. Para o Leste, corresponde o fogo; para o Sul, a água; para o Oeste, a terra e para o Norte, o ar. Antes de fazer qualquer ritual, o espaço e os objetos a serem usados devem ser purificados com água e sal, incenso, uma oração ou projeção mental e o altar deve ser dedicado a uma Deusa ou Deus específico ou simplesmente à Grande Mãe.



Como realizar um ritual



Para realizar qualquer tipo de ritual é necessário levar em conta as seguintes etapas:

1. Preparação: Extremamente importante, pois pode aumentar ou anular o efeito mágico do ritual. Além da arrumação do altar e da escolha do ritual, essa etapa implica em uma mudança vibratória, “fechando” o contato com a realidade material e com as obrigações/preocupações cotidianas, “abrindo” a porta da percepção interior e da expansão espiritual. Recomenda-se uma purificação energética com banhos de ervas, defumações ou um passe de limpeza, algum tipo de exercício respiratório ou bioenergético para centramento e harmonização, danças circulares, meditações ou visualizações dirigidas para entrar em alfa.

2. Criar o círculo mágico de proteção: Pode ser criado de três maneiras: fisicamente - salpicando sal, água ou fubá no chão, riscando com giz ou pomba o piso ou com o athame o ar, colocando pedras ou gravetos ou estendendo uma corda; mentalmente - visualizando barreiras, chamas violetas ou uma cúpula energética ou verbalmente - com afirmações e orações. É importante imaginar tridimensionalmente o círculo.

3. Invocações aos guardiões das direções e dos elementos correspondentes: Pede-se a abertura dos portais e autorização e ajuda para o trabalho mágico. Acendem-se as velas e o incenso.

4. Invocação à Grande Mãe: Também pode ser invocada outra Deusa ou Deus, conforme o objetivo do ritual ou a data da celebração e outras entidades espirituais, como Anjos, Orixás, Kachinas, Devas, protetores e guardiões das mulheres, seres da natureza e ancestrais, entre outros.

5. Explicações sobre a finalidade e as etapas do ritual: As praticantes solitárias podem ler ou meditar a respeito. Nos grupos, a dirigente ou uma

pessoa escolhida, faz uma pequena preleção sobre a data ou o objetivo do ritual. Nos plenilúnios, a energia da Lua pode ser “puxada” pela dirigente ou por cada pessoa, para a água ou para si mesma.

6. Meditação xamânica ou visualização dirigida: Busca-se o contato com a Deusa, o Deus, as Matriarcas, os Xamãs e mestres interiores, os animais de poder e as ancestrais, entre outros.

7. O trabalho mágico propriamente dito: Utiliza-se de um substrato material - velas, incensos, cristais, conchas, talismãs, moedas, penas, água do mar, essências ou espelho - aliado à intenção mental, manipulando-se a energia por meio da força de vontade e da permissão ou orientação superior. Cria-se, eleva-se e direciona-se o “cone de poder” para o objetivo desejado. Usam-se cantos, mantras, sons de sinos ou tambores, visualizações, orações, sopros e gestos.

8. Voltar para o “aqui-agora”: Utilizando-se de alguma técnica de enraizamento ou centramento.

9. Agradecimentos: Aos seres invocados que auxiliaram no trabalho.

10. Abertura do círculo: Feita no sentido anti-horário, direcionando-se o excesso de energia para a terra.

11. Harmonização e despedida: Finalizando com a tradicional saudação “Alegres nos encontramos, alegres nos despedimos, alegres iremos nos reencontrar” e “Abençoadas sejamos pela luz da Grande Mãe”.

12. Compartilhar: Dividir comentários, comida, bebida e abraços.

Essa é a estrutura básica do ritual que eu sigo e recomendo. Há ainda inúmeros outros detalhes, como procedimentos, invocações, correspondências ritualísticas. Para esses casos, existem inúmeros livros que podem servir de ajuda e inspiração.

O que sempre deve ser lembrado é que qualquer pessoa pode criar e realizar um ritual mas, para que o ritual seja eficiente e harmônico, são necessários o conhecimento, a preparação e a conexão espiritual.

Todas nós podemos falar à Deusa pela oração, meditação ou ritual. Ela existe em nós e fora de nós, pois ela é o Todo e nós somos partes dela. A mulher é um reflexo da Deusa e a contém dentro de si. O ritual é uma forma de dialogar com a Deusa, expor-lhe seu problema, pedir-lhe ajuda e orientação e ouvir as respostas em sua mente e em seu coração.

Capítulo XI

Ritual para “puxar” a Energia da Lua

A maneira antiga e tradicional para se conectar aos arquétipos das deusas lunares é o ritual “Drawing Down the Moon”, ou seja, “puxar” a essência da Lua para seu corpo físico.

Na noite de lua cheia, procure um lugar tranqüilo na natureza. Se não for possível, fique na frente de uma janela, olhando para a Lua.

Então por alguns minutos algum som lunar, como Ma, Lu-na ou Yemanjá. Levante as palmas das mãos na direção da Lua formando um triângulo, com os dedos polegares e indicadores se tocando. Estenda os outros dedos o mais que puder, como receptores da energia lunar. Espere até sentir os dedos vibrarem ou formigarem. Focalize toda sua atenção olhando fixamente para a Lua, começando, então, a puxar sua luz prateada para seu corpo. Movimente as mãos, sem desfazer o triângulo, para sua testa, seu coração e seu ventre, direcionando a energia para dentro de si. Invoque a deusa lunar de sua preferência, pedindo-lhe auxílio ou orientação. Agradeça o contato e desfaça a conexão, tocando a terra com seus dedos. Coloque seus cristais ou jóias de prata expostas à luz da Lua, durante toda a noite, para imantar.

Para preparar água “lunarizada”, encha com água uma garrafa de vidro azul ou vidro branco embrulhado em papel celofane azul. Exponha-a à luz lunar durante três dias, começando um dia antes da Lua Cheia. Mas lembre-se: tenha o cuidado de recolher a garrafa antes que os raios solares incidam sobre ela. Use essa água para rituais, cerimônias ou para

estabelecer um vínculo maior com a energia da Lua ou com as deusas lunares, durante suas meditações.

Outra forma de atrair e conservar a energia lunar é pela magia das cordas. Direcionando a energia da Lua (seja na fase crescente, cheia ou minguante) para fios trançados ou nos quais se dão nós, podemos concentrar e preservar a força lunar, até quando precisarmos dela para um ritual específico. A magia dos fios trançados e dos nós é muito antiga, existente em várias culturas, praticada durante séculos pelos celtas, que desenvolveram trabalhos artísticos e artesanais ricamente ornamentados com intrincados desenhos de nós. Na magia celta, as cordas simbolizavam o espírito, cuja força unificadora agregava os outros elementos, permitindo sua plena manifestação.

Nos rituais lunares, usam-se as cordas para “amarrar” e fixar intenções e concentrar o magnetismo lunar. Usam-se também as cordas para vários tipos de encantamentos, criação do círculo de poder, rituais de “handfasting” (compromissos amorosos) e para firmar e selar trabalhos mágicos, seja canalizando a negatividade - que deve ser transmutada - seja imprimindo vibrações positivas.

Para atrair a essência das fases lunares para as cordas e fios, usa-se uma técnica parecida com a descrita para “puxar” a Lua para si. A finalidade das cordas é servir como reservatório para guardar a energia de uma determinada fase lunar, que poderá ser usada quando necessária.

As cordas devem ser de fibras naturais, como seda, algodão, sisal ou ráfia - com espessura menor que um centímetro, para poder trançar três fios juntos. As cores tradicionais são as que representam a tríplice manifestação da Deusa (branca, vermelha e preta); mas de acordo com a afinidade e a necessidade, podem ser escolhidas outras cores, relacionadas às fases lunares. Para a lua crescente, pode-se usar branco, azul ou amarelo; para a lua cheia, vermelho, laranja ou verde; para a lua minguante, preto, cinza ou roxo.

Procedimento: após cortar as cordas em pedaços de um metro e vinte centímetros, purifique-as com a água na qual colocou alguns cristais de sal marinho ou algumas gotas de essência de jasmim ou sândalo. Ao passar a água pelas cordas, visualize a dispersão das energias residuais (da confecção e do manuseio) e sua substituição por uma matriz luminosa e pura. Entoe algum mantra, canção ou oração. O próximo passo é a impregnação das cordas com a energia lunar. Da mesma forma que no

ritual anterior, escolha um lugar tranquilo na natureza, na primeira noite do ciclo lunar, cujas energias você quer atrair e guardar. Crie um círculo a seu redor (com sal, pedras, fubá, galhos, corda ou traçando com o “athame”). Invoque a deusa lunar relacionada à fase da lua ou associada ao propósito do seu trabalho mágico. Levante as cordas e apresente-as à Lua, segurando-as como uma oferenda, o mais alto possível. Coloque seu pedido em forma de oração, poema ou canção e peça à deusa lunar para transferir e impregnar, com sua força, as cordas, pelos raios da Lua. Sinta o poder começando a fluir, dando-lhe uma sensação de calor ou formigamento nas mãos. Quando perceber que as cordas estão repletas de energia, comece dando oito nós, em distâncias iguais entre si. Enquanto faz isso, coloque as cordas de forma que você possa ver a Lua através da alça formada para dar o nó. Mentalize com firmeza que você realmente “capturou” a Lua nas cordas e que cada nó a prende e segura. Dê um nono nó, imaginando que esse gesto sela o poder e sinta-o como se fosse o fechamento do ritual. Recite algum mantra ou afirmação e trace com o dedo indicador ou com o “athame”, alguma runa ou símbolo cabalístico sobre todos os nós. Anote a runa ou o símbolo, pois você precisará usá-los novamente quando abrir os nós para liberar o poder. Agradeça à Deusa com uma frase sua ou use esta oração tradicional.

“Deusa Luna (ou cite o nome da deusa lunar escolhida), abençoe estas cordas com a tua luz e sele estes nós com o teu poder. Com a tua bênção e proteção e pelo meu desejo e vontade, eu puxei uma parte de tua energia para as minhas mãos. Que esta corda e estes nós possam ser usados somente para fins benéficos, sem prejudicar ninguém e para o bem de todos. Eu te agradeço, Deusa Luna. Que assim seja”.

As cordas energizadas poderão ser utilizadas para imantar ervas, pedras, cristais, amuletos e objetos mágicos, enrolando-os ao seu redor. Podem ser usadas sobre seu corpo ou sobre o altar durante os rituais para fornecer a energia da fase lunar captada por elas, mesmo nas ocasiões em que a fase da Lua não seja favorável. Não é indispensável desfazer os nós, no entanto, algumas pessoas preferem “liberar” a energia das cordas, durante um encantamento ou ritual, abrindo os nós e mentalizando a liberação do magnetismo lunar. Muitas vezes, os “novatos” temem que a energia possa “escapar”; por isso, selar os nós com um símbolo ou runa e abri-los depois com o mesmo símbolo reforça o propósito.

Para ativar ou reforçar a carga eletromagnética nas cordas usadas

durante um ritual, cujos nós não foram abertos, recomenda-se uma repetição da catalisação inicial durante uma mesma fase lunar.

As cordas imantadas devem ser guardadas em lugar escuro, dentro de uma bolsa de tecido de algodão ou veludo preto. Não deverão ser tocadas por outras pessoas. Não abra a bolsa sem antes criar o círculo de proteção e fazer as invocações necessárias para o trabalho mágico.

Meditação para contatar sua Deusa interior

Em cada uma de nós prevalece alguma das manifestações da Grande Mãe. Ela pode não se expressar por um dos nomes ou arquétipos conhecidos surgindo, às vezes, como a expressão pura e verdadeira de nossa essência feminina individual.

Em busca da descoberta e da realização de nosso potencial interno, essa faceta da Grande Mãe - nossa Deusa Interior - pode se tornar nossa mestra, conselheira e aliada sobrenatural.

Para facilitar esse contato e aprofundar a conexão, sugere-se uma meditação ou visualização dirigida, a ser feita quando a vida nos coloca frente a dificuldades, lições ou opções, cuja compreensão, aceitação ou solução é difícil ou dolorosa para nós. Ou pode-se, simplesmente, buscar esse contato como uma oração ativa e viva, seguindo um "roteiro" imaginativo para prender a atenção, mas permitindo a surpresa das revelações espontâneas.

Crie um ambiente favorável, com música suave, penumbra, incenso e cristais. Deite-se no chão ou sente-se com a coluna ereta. Inspire profundamente por algum tempo, trazendo sua consciência para seu centro de poder, três dedos abaixo do umbigo. Perceba as áreas de tensão em seu corpo e relaxe-as, dando-se ordens mentais para afrouxar os músculos do corpo, dos pés à cabeça.

Permita que a música e sua vontade transportem-na a um lugar amplo e luminoso; pode ser uma planície, um campo ou uma praia. Sinta a brisa em seus cabelos, ouça o canto dos pássaros, perceba o cheiro da vegetação e a terra firme sob seus pés. Na sua frente surge um caminho e você o segue até um portal, pelo qual você passa, observando a paisagem a seu redor. O caminho segue subindo uma colina, serpenteando no meio de árvores e de grandes pedras. Inspire o ar puro e fresco, continue andando na direção do topo, absorvendo a energia do lugar. Perto do topo você

descobre a entrada de uma gruta, aproxima-se, abaixa a cabeça e entra.

Depois de acostumar-se à luz difusa dentro da gruta, você percebe um grupo de moças vestidas com roupas brancas que a saúdam e cercam-na, cantando melodias suaves. Confiante e agradecida, você as segue até um pequeno lago de águas cristalinas. Lá, você tira suas roupas e mergulha, sentindo a água fresca e pura retirando suas dores, dúvidas ou angústias. Ao sair, você veste uma túnica branca oferecida pelas moças e segue-as até o fundo da gruta, onde a escuridão é maior. Você sabe que chegou o momento de entrar em contato com sua Deusa Interior. Você senta no chão, fecha os olhos e faz uma prece ou invocação silenciosa pedindo, com todo o seu coração, algum sinal, mensagem ou, até mesmo, sua presença. De repente, mesmo com os olhos fechados, você percebe uma luz e, ao abri-los, você vê uma presença luminosa na sua frente. Comovida, você tenta perceber algum detalhe desse Ser de Luz, começando a olhar seus pés, depois suas roupas, o corpo e, finalmente, cheia de respeito e amor, olha reverentemente para seu rosto. Sinta-se iluminada por seu olhar, acariciada por seu sorriso e abençoada pelo intenso amor e compaixão que dela irradiam.

Fique por algum tempo com ela, pedindo alguma resposta, orientação, mensagem ou um sinal que simbolize a conexão entre vocês. Agradeça-lhe a presença e guarde, em sua mente e coração, sua imagem de Luz, que vai lentamente se esvaecendo enquanto você faz uma reverência e se despede dela.

Volte para a entrada da gruta, vista novamente suas roupas e inicie o caminho de volta, descendo a colina, passando pelo portal e chegando a seu ponto de partida.

Sinta-se renovada, fortalecida, em paz, sabendo que, pela conexão com a Deusa, você conectou-se a você mesma e ao mundo. Abra os olhos devagar, respire profundamente, estique o corpo, observe seu espaço e levante-se com cuidado, voltando à sua realidade.

Anote sua experiência e suas percepções no diário, fazendo dessa meditação um ritual no caminho que a leva de volta à Grande Mãe.

Essa meditação pode ser feita para se conectar a uma Deusa específica; pode ser a "madrinha" de seu dia de nascimento ou de um dia especial, a regente do mês ou aquela associada ao elemento, direção, qualidade ou atributo de seu momento presente.

Invocação à Lua

Senhora do Céu da Noite, salpicado por estrelas,
Guardadora dos nossos sonhos e visões.
Mostre-me como transformar os sonhos em realidade
E como viver bem minha verdade.
Ensine-me a usar minha força de vontade
Para recuperar meu antigo poder.
Revele as minhas facetas de sombra e de luz
Para assim alcançar a totalidade.
Mãe, ensine-me a ouvir minha voz interior,
Silenciando o turbilhão da mente
E escutando teu chamado no pulsar do meu coração.



Capítulo XII

Classificação das Deusas Conforme seus Atributos

☾ *Corpos e eventos celestes* ☽

Alvorada

Al-Uzza, Astarte, Aurora, Austrine, Bau, Eos, Hina, Ishtar, Leucothea, Mater Matuta, Tefnut, Thea, Usas, Wakahirume, Zorya.

Céu

Aataentsic, Aditi, Anatu, Atargatis, Azer-Ava, Bau, Chih Nu, Dione, Ganga, Hathor, Hera, Inanna, Kildisin Mummy, Kwan Yin, Luonnatar, Maia, Mawu, Mayahuel, Mylitta, Neith, Nu Kwa, Nut, Saule, Tamar, Tanith.

Crepúsculo

Astarte, Bast, Belit-Ilani, Inanna, Ishtar, Néftis, Saules Meita, Zorya.

Escuridão e noite

Ereshkigal, Erínias, Hécate, Leto, Kali, Maia, Mayahuel, Madona Negra, Nott, Nyx, Rhiannon, Tuonetar, Zorya.

Estrelas

Al-Uzza, Andrômeda, Astarte, Austrine, Belit-Ilani, Cassiopéia, Ishtar, Maia, Plêiades, Saules Meita, Tara, Ta-repy, Tou Mou, Vakyrine, Zorya.

Lua

Andrômeda, Anunit, Aradia, Arianrhod, Ártemis, Bendis, Britomartis, Chang-O, Coatlicue, Coyolxauhqui, Diana, Han Lu, Hécate, Hina, Huitaca, Ishtar, Ísis, Ix Chel, Juno, Levanah, Leucothea, Mama Quilla, Mawu, Nott, Perse, Selene, Tapa, Tlazolteotl, Ymojá, Zirna.

Luz e dia

Anunit, Bau, Bisal Mariamna, Brighid, Ch'un Ti, Diana, Inara, Íris, Lucina, Poldunica, Thea.

Sol

Aine, Amaterasu, Arinna, Bast, Brighid, Etain, Grian, Hathor, Iarilo, Medusa, Narwik, Olwen, Paivatar, Pattini, Rosmerta, Saule, Sekhmet, Shapash, Sul, Sunna, Sundry Mumy, Wurusemu.

Tempo

Anahita, Aobh, Azer-Ava, Doda, Ino, Mokosh (da chuva), Cailleach, Feng Po Po, Ninlil (do vento), Íris, Julunggul, Jungkowa, Nut (do arco-íris), Oyá, Perkuna Tete, Rauni (dos relâmpagos), Tempesta (da tempestade).

(Fases da vida)

Donzelas

Aradia, Ártemis, Athena, Britomartis, Callisto, Diana, Donzela do Milho, Eos, Flora, Gefjon, Hebe, Hina, Íris, Kore, Ninlil, Ostara, Pallas, Pele, Perséfone, Proserpina, Sar-Akka, Saules Meita, Wakahirume, Yuki One.

Mães Criadoras

Aataentsic, Aditi, Asherah, Bau, Ceres, Cerridwen, Cibele, Coatlicue, Damkina, Deméter, Devi, Epona, Eurynome, Eva, Frigga, Gaia, Hera, Hina, Inanna, Ishtar, Ísis, Izanami, Kadru, Kali, Luonatar, Mader Akka, Mami, Mawu, Mayahuel, Mokosh, Mut, Neith, Nu Kwa, Odudua, Omamama, Ops, Pandora, Parvati, Pattini, Pax, Rhea, Sar-Akka, Sarasvati, Sedna, Sundry Mumy, Tanit, Tellus Mater, Tonantzin, Turan.

Mães Ancestrais

Acca Laurentia, Amaterasu, Angerboda, Anu, Asase Yaa, Atabei, Awiteline Tsita, Brigantia, Danu, Edda, Eva, Hathor, Hel, Jungkowa, Mama Oclo, Mami, Mokosh, Mut, Nammu, Neith, Nerthus, Nu Kwa, Savitri, Scots, Sedna, Tonantzin, Toci.

Mães Partenogénicas

Aditi, Arianrhod, Asase Yaa, Atabei, Aataentsic, Ceiuci, Djanggawul, Eurynome, Gaia, Hera, Maria, Nana, Neith, Nyx, Parvati, Tiamat, Wawalag.

Anciãs

Baba Yaga, Befana, Cailleach (Cally Berry), Edda, Eileithya, Goga, Haumea, Hécate, Hel, Hsi Wang Mu, Menat, Nanã Buruku, Nokomis, Poldunica, Sedna, Sheelah Na Gig, Toci.

Senhoras do Destino

Ananke, Bona Dea, Carmenta, Egeria, Eva, Felicitas, Fortuna, Gollveig, Hathor, Hécate, Menat, Moiras, Morgan Le Fay, Nanshe, Nornes, Nyx, Parcas, Postvorta, Pythia, Python, Sar-Akka, Skuld, Themis, Valquírias.

(Estações, direções e elementos)

Primavera

Anna Perena, Chloris, Eostre, Flora, Freya, Frigga, Gauri, Hebe, Juturna, Kachina, Kono-Hana-Sakuya-Hime, Kore, Libera, Maia, Nana, Perséfone, Proserpina, Rana Neida, Russalkas.

Verão

Aine, Ceres, Diana, Freya, Frigga, Furrina, Inghean Bhuidhe, Kupalo, Pattini, Poldunica, Olwen, Tailtu, Tamar.

Outono

Anapurna, Athana Lindia, Baba Yaga, Carpo, Deméter, Feronia, Fides, Latiaran, Mama Allpa, Mama Pacha, Pomona, Sif, Zisa.

Inverno

Acca Laurentia, Angerona, Befana, Berchta, Black Annis, Bruma, Bona Dea, Cailleach (Carlin), Holle, Marzana, Rodjenice, Snegurochka, Skadi, Tonan, Tonantzin, Yuki One.

Leste

Al-Uzza, Aurora, Ausrine, Bau, Britomartis, Changing Woman, Eos, Mater Matuta, Ninlil, Usas.

Sul

Nekhebet, Rana Neida, Sekhmet.

Oeste

Bast, Estantlehi, Hsi Wang Mu, Saule.

Norte

Branwen, Hel, Uadgit (ou Ua Zit).

Ar

Athena, Minerva, Ninlil, Nut, Poldunica, Sarasvati.

Fogo

Brighid, Darago, Durga, Eos, Feronia, Fuji, Gabija, Goga, Gula, Héstita, Holika, Izanami, Kupalo, Latiaran, Maia, Mylitta, Oyá, Pele, Radha, Vesta.

Água

Anfitrite, Anahita, Anuket, Afrodite, Asherah, Atargatis, Boan, Britomartis, Chalchiuhtlicue, Fand, Ilmatar, Ix Chel, Julunggul, Jurate, Juturna, Lakshmi, Mariamna, Náíades, Nammu, Nanshe, Nemetona, Nereides, Nimue, Ondinas, Oxum, Pattini, Ran, Rosmerta, Russalkas, Salácia, Sarasvati, Sinann, Rosmerta, Tiamat, Yamuna, Ymojá, Ys.

Terra

Aataentsic, Ala, Al-Lat, Asase Yaa, Auqrálides, Awitelin Tsita, Banba, Coatlicue, Damkina, Danu, Deméter, Dea Domnan, Fjorgin, Frigga, Fula, Gaia, Gerda, Holda, Ki, Lur, Madder-Akka, Ma-Emma, Maeve, Mami, Mawu, Mayahuel, Medusa, Mokosh, Nerthus, Ninlil, Omamama, Ops, Pandora, Prithivi, Rhea, Semele, Sita, Tacoma, Tailtte, Tamar, Tari Pennu, Tellus Mater, Themis, Tonantzin, Zemyna.

Morte e mundo subterrâneo

Aataentsic, Ala, Angerona, Ariadne, Asase Yaa, Baba Yaga, Banshee, Ceres, Chuma, Coatlicue, Erínias, Ereshkigal, Freya, Hathor, Hécate, Hel, Ishtar, Izanami, Kali, Mania, Maya, Mictecacihuatl, Mora, Néftis, Nicnevin, Perséfone, Proserpina, Rhiannon, Sedna, Smert, Sheelah Na Gig, Tuonetar.

Natureza

Animais

Insetos: Arachne, Le Hev Hev, Lucina, Melissa, Selkhet, Vovó Aranha.
Mamíferos: Acca Larentia, Lupa, Rhea Silvia (a loba), Aine, Epona, Etain, Godiva, Macha, Rhiannon (o cavalo), Ajysyt, Anat, Audhumbla, Hathor, Hera, Neit, Nut, Pales, Prithivi, Surabhi, Mulher Búfala Branca (a vaca), Amalthea (a cabra), Anu, Bast, Freya (o gato), Ártemis, Artio, Arduina, Callisto (o urso), Cibele, Durga, Ereshkigal, Mehit, Sekhmet, Tefnut (o leão), Hécate, Nehelennia (o cachorro), Démeter, Cerridwen (a porca), Hsi Wang Mu (o tigre), Tauret (o hipopótamo).

Pássaros: Athena, Badb, Blodewedd, Branwen, Fand, Frigga, Halcyone, Macha, Minerva, Morrigan, Mut, Nekhebet, Nêmesis, Rhiannon, Valquírias.

Peixes, Baleias, Golfinhos - Anfitrite, Atargatis, Boann, Britomartis, Derceto, Lorop, Mama Cocha, Sedna, Ymojá.

Árvores

Ailinn, Eva, Iduna, Saule (a macieira), Asherah, Askefruer (o teixo), Druantia (o pinheiro), Driades, Fangge, Heliades (o álamo), Hsi Wang Mu (o pessegueiro), Kono-Hana-Sakuya-Hime (a cerejeira), Kupalo (a bétula), Mayahuel (o cacto), Rauni (a sorveira), Rumina (a figueira), Vênus (o cipreste), Zemyna (o carvalho).

Desertos

Al-Lat, Al-Uzza, Mehit, Sekhmet.

Fadas e flores

Aeval, Aibel, Aine, Bri, Creide, Grian, Mab (fadas), Blodewedd, Flora, Hebe, Lakshmi, Maia, Olwen, Ostara, Proserpina, Xochiquetzal (flores).

Florestas

Arduina, Ártemis, Artio, Bushfrauen, Callisto, Dames Vertes (Senhoras Verdes), Dea Dia, Fangge, Flidais, Irnini, Juno, Kono-Hana-Sakuya-Hime, Kupalo, Nemetona, Vila.

Lagos e oceanos

Anfitrite, Afrodite, Asherah, Atargatis, Britomartis, Calypso, Creiddylad, Dea Syria, Eurynome, Ilmatar, Isis, Julunggul, Junkowa, Juras Mate, Lakshmi, Lorop, Mama Cocha, Marah, Mari, Morgan Le Fay, Nereides, Oceânides, Salácia, Sedna, Tethys, Tien Hou, Ymojá.

Montanhas

Anu, Banba, Cailleach, Cibele, Hsi Wang Mu, Ida, Jord, Mamapacha, Rhea, Saule, Skadi, Tacoma, Tefnut.

Plantas

Airmid, Ariadne, Ártemis, Deméter, Haumea, Maile, Mentha, Mães do Milho, Pandora, Rana Neida, Vênus, Zemyna.

Rios e fontes

Anuket, Boann, Brigantia, Brighid, Coventina, Egeria, Epona, Ganga, Mnemosyne, Mylitta, Nekhebet, Nixies, Obá, Oxum, Ranu Bai, Sabina, Sequana, Sinann, Sulis, Tacoma, Yamuna.

Vulcões

Aetna, Darago, Feronia, Fuji, Pele.

Qualidades

Afeto nos relacionamentos

Ailinn, Afrodite, Eurydice, Halcyone, Hera, Juno, Pirrha, Vênus.

Aprendizado

Athena, Brighid, Danu, Devaki, Durga, Edda, Mens, Minerva, Mnemosyne, as Musas, Sarasvati, Tou Mou.

Artes

Arachne, Athena, Chih Nu, Ísis, Ix Chel, Neith, Saule, Valquírias (da tecelagem), Brighid (da metalurgia), Eileithya, Giane, Holle, Moiras, Mulher Aranha, Nornes, Rana Neida, Sunna (da fiação), Mami (da cerâmica).

Beleza

Afrodite, Blodewedd, Emer, Fand, Freya, Gefjon, Lilith, Macha, Morgan Le Fay, Oxum, Parvati, Poldunica, Radha, Sif, Sedna, Sunna, Vênus.

Dança

Bast, as Cárites (as Graças), Eurynome, Hathor, Ísis, os Kachinas, Kali, Maya, as Musas, Nereides, Nixies, Russalkas, Oxum, Oyá, Saule, Themis, Vila, Wawalag.

Justiça

Aeval, Ala, Arstat, Auqrálides, Belit, Concórdia, Daena, Dike, Egeria, Fides, Harmonia, Ishtar, Justitia, Maat, Metis, Nanshe, Nêmesis, Oyá, Praxidike, Themis.

Magia e xamanismo

Amaterasu, Angitia, Banba, Boann, Brigid, Carman, Cerridwen, Freya, Hécate, Ísis, Ishtar, Junkowa, Morrigan, Nimue, Ninlil, Skuld, Vac, Vila.

Música

Bast, Brighid, as Cárites, Hathor, Ísis, Hespérides, Minerva, Morrigan, as Musas, Rhiannon, Sarasvati, Savitri, Sereias, Wawalag.

Paz

Concórdia, Horae, Irene, Kwan Yin, Pax, Turan.

Poesia e inspiração

Brighid, Cliodna, Ceibhfhionn, Eadon, as Musas, Sarasvati, Saule.

Sabedoria

Danu, Egeria, Hokhmah, Metis, Prajna, Sapientia, Snotra, Sophia, Tara, Veritas.

Sexualidade

Aisha Qandisha, Anat, Afrodite, Astarte, Eostre, Erzulie, Flora, Freya, Hathor, Hnoss, Inara, Ingeborg, Ishtar, Kades, Kundalini, Lada, Lilith, Mylitta, Qadesh, Sheelah Na Gig, Turan, Tlazolteotl, Voluptas, Yngvi.

Sustento da vida

Agricultura

Abundita, Ala, Anna Purna, Athana Lindia, Carna, Ceres, Chicomecoatl, Deméter, Haumea, Junkowa, Libera, Mãe do Milho, Ma-Emma, Mama Allpa, Mamapacha, Pandora, Patella, Perchta, Pomona, Proserpina, Sif, Vênus, Zisa, Zaramamma, Zemyna.

Boa sorte

Acca Laurentia, Benten, Bona Dea, Fama, Felicitas, Fors, Fortuna, Lakshmi, Nortia, Padma, Praxidike, Slata-Baba.

Cura

Airmid, Ajysyt, Angitia, Brighid, Bushfrauen, Carna, Coventina, Eir, Ganga, Gula, Juturna, Ísis, Hygeia, Meditrina, Minerva, Mokosh, Morgan Le Fay, Mulhalmoni, Neith, Panacea, Rosmerta, Salus, Sitala, Toci, Vila.

Fertilidade

Al-Zat, Anahita, Anna Perenna, Ártemis, Asase Yaa, Boan, Djanggawul, Eostre, Epona, Fortuna, Freya, Frigg, Hertha, Madder Akka, Omamama, Ranu Bai, Ymojá.

Lar

Acca Laurentia, Anna Purna, Aspelenie, Athena, Cardea, Haltia, Héstia, Hlodyn, Mana, Mania, Polengabia, Port Kuva, Uks-Akka, Vesta.

Nascimento e renascimento

Ajysyt, Ártemis, Carmenta, Dea Mater, Egeria, Eileithya, Ix Chel, Kalika, Leto, Lucina, Mater Matuta, Madder-Akka, Mami, Mawu, Neith, Perséfone, Postvorta, Sar-Akka, Saule, Savitri, Sheelah Na Gig, Surabhi, Uks-Akka, Umaj, Vesta, Ymojá, Zemya.

Preservação das florestas e da caça

Arduina, Ártemis, Artio, Diana, Dziewona, Fangge, Flidais, Sedna, Vila.

Prosperidade

Aida Wedo, Anu, Benten, Bona Dea, Fulla, Ganga, Gollveig, Habondia, Juno Moneta, Kwan Yin, Lakshmi, Mokosh, Ops, Pandora.

Proteção e defesa

Al-Uzza, Amazonas, Anahita, Anat, Andraste, Ártemis, Badb, Bellona, Cardea, Dakini, Fides, Fylgja, Hera, Hlin, Juks-Akka, Kwan Yin, Macha, Maeve, Mami, Morrigan, Nemetona, Nut, Obá, Rumina, Saule, Scatach, Taitu, Tauret, Uks-Akka, Valquírias, Vacuna, Zorya.

Vingança

Erínias, Furrina, Hécate, Medusa, Nêmesis, Pele, Praxidike, Sita, Skadi, Valquírias.

Capítulo XIII

Índice Alfabético de Deusas e Deuses e as Datas das Suas Celebrações

- Aataentsic** "A mulher que caiu do céu", criadora e destruidora da vida, deusa do céu e da terra dos índios Iroquois26/06, 29/10
- Abundita**, Abonde ou Abundantia Deusa romana da agricultura, cujo nome significa e invoca a abundância21/08, 31/12
- Acca Larentia** Mãe dos Lares, protetores romanos dos lares23/12
- Aderenosa** Deusa estelar da Mesopotâmia12/09
- Aditi** A Mãe Espaço hindu personificando o cosmo, a criação contínua, o infinito, a mãe das divindades.....29/10
- Adonis** Lindo jovem amado por Afrodite9/03, 12/07, 7/08
- Aegir** Deus escandinavo do mar, marido da deusa Ran.....13/01
- Aestas** Deusa romana do verão e da colheita do milho30/06
- Afrodite** Uma das doze principais divindades olímpicas gregas, inicialmente a rainha do céu fenícia, convertida na personificação da beleza física, do amor e da sexualidade6/02, 9/03, 23/05, 12/07, 9/08, 18/11
- Agraulós** Deusa grega do orvalho, irmã de Pandrosós.....17/10
- A-há Kachin Mana** Kachina da fertilidade27/10
- Ahes** ou Dahut Deusa celta do amor e da sexualidade29/08
- Ahura Mazda** Deus persa da sabedoria e boa sorte2/04
- Aibell** Deusa irlandesa das colinas encantadas.....26/09

Aida Wedo Deusa serpente do Haiti 5/03, 28/10
Ailinn Deusa celta do amor e da fidelidade 27/10
Aima A Grande Mãe celta da antiga Espanha, regente do céu e dos planetas, equivalente a Binah da Cabala 4/08
Aine Deusa solar celta, regente do amor, da sexualidade, da natureza e da boa sorte 2/04, 23/06, 29/07
Airmid Deusa irlandesa da cura e da medicina 27/07, 3/12
Aisha Qandisha Equivalente marroquina de Astarte 10/02
Ajysyt Deusa dos nascimentos da tribo siberiana dos Yakuts, padroeira dos animais domésticos 15/01
Akka Deusa Mãe da Anatólia 23/12
Akurime Deusa celta da vida, da beleza e do amor 30/04
Ala A Mãe Terra da tribo Ibo da Nigéria 9/03
Al-Lat A divindade suprema dos povos árabes (antes de sua substituição por Allah) deusa da terra e da geração 10/03
Alraune Deusa alemã da sorte e da magia 10/10
A-Ma e Amma Arquétipos da Grande Mãe 2/04
Amari De Mãe Natureza hindu 14/09
Amaterasu Deusa solar do Japão, governante de todas as divindades, do povo e da cultura 4/02, 17/07, 17/10, 8/12
Ame-no-uzume Deusa chinesa da longevidade 9/09
Amesha Spentas Guardiãs persas da Natureza 6/12
Amphitrite ou Anfitrite Deusa do mar, chefe das Nereídes, esposa de Poseidon, equivalente à deusa romana Salácia 12/09, 1/12
Amra Deusa solar eslava 14/05
Ana Purna A provedora hindu dos alimentos 18/06
Anna Perena Deusa etrusca da reprodução, adotada pelos romanos como deusa da terra fértil e do tempo 10/03, 18/06
Anahita Uma das divindades dirigentes da Pérsia, personificava as qualidades físicas e metafóricas da água (da chuva, do sêmen), regente do planeta Vênus 10/02, 11/04, 10/05, 10/06, 2/08, 18/11
Anaitis Deusa lunar persa 10/05
Ananta Precursora hindu de Kundalini, deusa serpente do fogo criador e da força vital feminina 31/08

Anapel Deusa eslava ligada aos nascimentos e à reencarnação 15/01
Anat Deusa assíria da vida e da morte 11/04
Andraste Deusa celta da guerra, "A Invencível" 9/04, 28/08
Androktiasi Deusas gregas dos infortúnios e dos sofrimentos 6/03
Andrômeda Deusa pré-helênica da Lua e das estrelas 6/06, 29/12
Angerona Deusa romana do silêncio, do medo e da ordem 12/12
Angitia Deusa romana da cura, invocada para curar mordidas de serpentes 26/02, 30/09
Angwu Shahai Deusa corvo dos índios Hopi 3/10
Ani Deusa africana protetora da terra 18/05
Anjos de Guarda 2/10
Anjos 10/08
Annar Deus nórdico da água 17/12
Anta Deusa egípcia do céu 18/11
Anu ou Ana Deusa ancestral da Irlanda, às vezes identificada com Aine ou Danu, representando a abundância 5/02, 31/03, 10/12
Anunit ou Antu, Anatu Precursora de Ishtar, deusa do céu e da terra da Mesopotâmia e de Canã, deusa do amor e da guerra 9/01
Anuket Deusa egípcia da água 7/05
Aobh Deusa celta do tempo, senhora da névoa 10/02
Apemeru ko-yan-mat Deusa japonesa, guardiã da lareira 8/11
Apolo Deus grego da luz solar e do dia 16/04, 7-25/05
Arachne Mortal transformada pela deusa Athena na primeira aranha; uma antiga deusa aranha pré-helênica 2/12
Aradia Filha da deusa Diana, regente da Lua e da Terra 11/08
Aranya Shashti Deus hindu da floresta e dos animais 12/05
Arcanjo Gabriel Protetor das mulheres grávidas 24/03
Arcanjo Mikael Anjo justiceiro e defensor 29/09
Arcanjo Rafael Padroeiro das curas 29/04
Arduinna Deusa celta guardiã das florestas 12/02
Arenmetia Padroeira celta das águas curativas 4/08
Argante Deusa celta da saúde e da cura 4/08
Ariadne Deusa cretense do amor e da fertilidade, convertida em simples heroína pelos mitos gregos 2/09, 5/10, 29/12

Arian Deusa celta da abundância e do bem-estar 8/09

Ariarnhod Deusa galesa da Lua, do amor, da sexualidade e da fertilidade, padroeira dos nascimentos 11/12

Arinna Deusa solar da Mesopotâmia, identificada com as deusas Kubaba, Hapat e Wurusemu 22/07, 5/12

Arstat Deusa persa da justiça e da honestidade 18/07

Ártemis A mais complexa das doze divindades olímpicas, representa as variações da natureza feminina como deusa virgem lunar, ninfa caçadora, padroeira das florestas e dos animais, mãe protetora das crianças e dos nascimentos ou deusa guerreira das Amazonas 29/03, 8-11-18/04, 24/05, 19/08, 4/09, 22/11

Asase Yaa Grande Mãe Africana, criadora e condutora das almas ..2/09

Asclepios Deus grego da cura 18/09

Ashisti Vanuhi Deusa persa da fortuna 25/03

Astarte A Grande Mãe da Mesopotâmia, regente do planeta Vênus 15/02, 17/03, 25/12

Asherah A rainha do céu dos assírios, deusa do amor, da sexualidade e da fertilidade. Foi identificada com Anat, Asherah, Atargatis, Ishtar, Qandisha e Tanit em outras mitologias 10-15/02, 17/03, 25/12

Askefruer Deusas nórdicas da Natureza, padroeiras dos freixos2/08

Astrea Deusa grega da justiça, da perfeição e das estrelas 12/09, 8/12

Aspelenie Deusa eslava padroeira do lar e da família 4/02

Atabei Deusa ancestral pré-hispânica das Antilhas 24/02

Atargatis, Dea Syria ou Derceto Deusa sereia da Síria representando o poder fertilizador da água e as qualidades das deusas Astarte e Anat 1/07, 15/08

Athana Lindia Deusa grega da colheita 27/03

Athena Deusa grega da ordem, da justiça, da sabedoria, das artes e da estratégia, originariamente uma deusa lunar minoana protetora do lar e da comunidade. Ao incorporar as qualidades de uma deusa guerreira grega Pallas, transformou-se em Pallas Athena, a guerreira defensora da cidade de Atenas, filha de Zeus, virgem e assexuada 17/01, 19-23/03, 19/05, 9/07, 28/08, 7/10, 1/12

Audhumbla O ser primordial da mitologia escandinava, criadora da vida 8/10

Au Set (Ast) Deusa egípcia precursora de Ísis 14/05

Augrálides Deusas gregas do orvalho e da terra 17/10

Ausrine (Auseklis) Deusa lituana da alvorada 10/05

Austrine Deusa báltica das estrelas 20/12

Aurora Deusa grega da alvorada, equivalente a Eos 10/05, 9/06

Aarvak Deusa nórdica, senhora da estrela matutina 20/12

Awehai Mãe Criadora dos índios Iroquois 22/12

Awitelin Tsita Mãe Terra dos índios Zuni 29/10

Azer Ava Deusa eslava da fertilidade, da chuva e do milho 11/05

Baalath Deusa fenícia da terra e da fertilidade 29/10

Baba Yaga Deusa anciã eslava, senhora da morte e da regeneração, diminuída para a "bruxa que devora crianças" 21/01, 27/01

Banba Junto com Fotla e Eire, formava a tríade feminina que representava a Mãe Terra na Irlanda 23/01, 7/10

Banshee Espírito ancestral irlandês que anuncia a morte 1/11

Basihea Deusa celta do céu, dos pássaros e das viagens 31/05

Bast Deusa com cara de gato, simbolizando o poder fertilizador do Sol, a música e a alegria 21/03, 16/04, 27/08, 31/10, 16/11

Bau Grande Mãe da Mesopotâmia, deusa das águas primordiais, um aspecto de Tiamat, assimilada depois a Ishtar 30/03, 10/04, 7/10

Baubo Deusa grega do riso e da alegria 8/01

Befana Representação romana da magia, transformada em personagem folclórico 5/01, 27/02

Bellona Deusa romana da guerra, identificada a Vacuna, Nério e assimilada a Mah-Bellona 16/02, 9/04, 3/06

Belili Deusa suméria da Lua, da água, do amor e da sexualidade, equivalente de Ishtar e Beltis 22/10

Belisama Deusa gaulesa da água, semelhante a Coventina e Minerva 16/08

Belit Ilani Deusa Mãe da Mesopotâmia, esposa de Bel, Enlil ou Marduk, equivalente de Astarte, Belili, Ishtar, Ninlil 12/03

Beltis Deusa Mãe da Fenícia e Babilônia, identificada a Cibele, Ishtar, Astarte, Belit ou Nana 29/10

Bendis Deusa lunar grega, reverenciada na Trácia, identificada com Ártemis, Hécate e Perséfone24/05, 6/06

Benten ou Benzaiten A única deusa das sete divindades chinesas da sorte e felicidade.....1/01, 19/10

Berchta ou Perchta A Senhora Branca, deusa alemã do destino, da tecelagem e do inverno. Semelhante a Holda, Holle, Baba Yaga e Erda1/01, 11-24/11

Berecynthia Deusa galesa da fertilidade 14/09

Bereginy Deusas eslavas protetoras das florestas e dos animais 5/09

Betoro Bromo Deus indonésio do fogo.....16/01

Bisal Mariamna Deusa hindu da luz solar 24/01

Bixia Yuangun Deusa chinesa da alvorada e nascimentos 15/04

Blathnat Deusa celta da sexualidade e morte 1/04

Blodewedd Deusa celta das flores, do amor e da magia 4/05

Boann Deusa celta da inspiração, das artes e da fertilidade 4/10

Bona Dea A Boa Deusa, padroeira romana da cura, reverenciada somente por mulheres, semelhante a Angitia, Ops, Ceres, Rhea e Tellus Mater 3/05, 3/12

Branwen Deusa galesa da Lua, do amor e da sexualidade, semelhante a Afrodite, padroeira dos amantes 23/05, 15/10

Brigantia Deusa irlandesa representando a lua nova, a primavera, o nascer do Sol e o fluxo do mar 3/02, 24/03

Brighid, Brigid, Bridgit ou Brigit Tríplice deusa celta presidindo a cura, as artes, a magia, padroeira do fogo e do lar, semelhante à romana Vesta e à grega Héstita 1-29/02, 2/04, 23/10

Britomartis Deusa lunar cretense associada à terra, às árvores e aos animais selvagens, identificada a Ártemis 11/12

Bruma Deusa romana do inverno 11/12

Buda Avatar hindu, fundador do budismo.....3/04, 15-31/05, 15/06, 26/12

Bugan A Grande Mãe do povo filipino, a criadora da vida 19/11

Bushfrauen Guardiãs da floresta na Europa Central 13/01

Byul Soon Deusa coreana das estrelas 24/10

Callisto Deusa pré-helênica personificando a força do instinto, reduzida, posteriormente, a uma simples ninfa 22/11

Cailleach Deusa celta da Terra e Natureza, a Anciã ancestral da Escócia 27/02, 31/10, 10-21/11

Cardea Deusa romana guardiã da vida doméstica, protetora das portas e das crianças contra os espíritos malignos 2/06

Cárites Deusas gregas da graça e da beleza 30/08

Carman Deusa grega do outono 23/09

Carmenta Deusa romana da cura, detentora de poderes proféticos e protetora dos nascimentos 10 e 15/01, 16/07

Carna Deusa romana do bem-estar físico 1/06

Carpo Deusa grega do outono 23/09

Casal divino celta 28/07, 18/10

Casal divino chinês 20/12

Casal divino da Babilônia 12-26/09, 6/11

Casal divino fenício 29/10

Casal divino grego 9/03, 19/07

Casal divino hindu 13/04, 10/05

Casal divino japonês 22/04

Casal divino nativo 30/07, 20/08, 10/10

Casal divino nórdico 15/10, 27/12

Casal divino romano 6/05

Casal divino taoísta 22/12

Cathubodua Deusa celta da guerra que assumia a forma de corvo durante as batalhas 7/10

Ceadda Deusa celta das fontes 2/03

Ceiuci Deusa brasileira das estrelas, uma das Plêiades 3/03, 5/12

Ceibhfhionn Deusa irlandesa da inspiração e da criatividade 3/03

Ceres Deusa romana da fertilidade da terra, da agricultura e dos cereais, protetora das mulheres, da maternidade e da vegetação 27/01, 12-19/04, 29/05, 21/08, 4/10

Cernunnos Deus celta da fertilidade, senhor dos animais e das florestas 26/01, 23/04, 12/05

Cerridwen Deusa celta dos grãos, da inspiração e da sabedoria, detentora do caldeirão da transmutação 4/05, 20/06, 3/07, 1/11

Chalchiuhtlicue Deusa asteca da água, da fertilidade e da agricultura, regente do meio-dia 28/09, 6/10

Chang-O Deusa lunar da China, representando as três fases da Lua como o "Sapo Celestial" 7-16/08, 10-27/09, 20/10

Chang-Um Deusa chinesa protetora da harmonia conjugal 13/01

Chicomecoatl Deusa asteca do milho e da colheita 30/06

Chih Nu Deusa chinesa padroeira da tecelagem e do casamento, regente da estrela Alfa da constelação de Lira 6/07, 20/10, 2/12

Chin hua Fu Jen Deusa guerreira chinesa 26/05

Chloris Deusa grega dos brotos e das flores, similar a Flora 28/04

Chokmah ou Hokhmah, Deusa hebraica da sabedoria 28/11

Chuma Deusa eslava da morte 4/11

Ch'un Ti Deusa chinesa do céu e da luz 13/03

Chu-Si-Niu Deusa chinesa padroeira dos partos 12/04

Cibebe A Grande Mãe do Oriente próximo, cujo culto passou para a Grécia e o Império Romano, onde era venerada como uma deusa da Terra, das montanhas e das cavernas, identificada com Rhea e Ops 27/01, 15-24/03, 4/04, 21/10, 3/12

Citlalicue Deusa asteca das estrelas e da Via Láctea 4/10

Clidna Deusa celta das ondas do mar 28/12

Cliodhna Deusa celta da beleza e da sedução 28/12

Coatlicue Deusa serpente asteca, mãe de todas as divindades, governante da vida e da morte 16/04, 10/10, 12/12

Concórdia ou Caristia Deusa da paz e harmonia 16-29/01, 22/02, 1/04

Cordélia ou Creiddylad Deusa celta da terra e da natureza 28/04, 1/05

Coventina Deusa celta da água, semelhante a Boann, Belisama, Sinann e Sulis 26/01, 26/05, 26/11

Coyolxauhqui Deusa asteca da água, da Lua, da noite e da guerra, filha de Coatlicue 10/10

Cuchulain Herói, filho de Lugh, o deus solar celta 23/06

Cynosura Deusa cretense, regente das estrelas 10/05

Cypria O nome dado a Afrodite no Chipre, sua terra natal 3/06

Dae Soon Deusa coreana do Sol 24/10

Daena Deusa persa da justiça, protetora das mulheres, 11/04, 7/09

Dakinis Auxiliares da deusa hindu Kali, detentoras de poderes ocultos que conferem a seus adoradores 9/02

Dama de Baza Deusa ibérica da Terra 4/08, 3/12

Damkina Deusa do céu da Babilônia, protetora dos nascimentos, equivalente a Ki, Kadi, Ninhursag e Nintu 19/04, 11/10

Danu A Mãe dos Deuses da Irlanda, ancestral da tribo dos Tuatha de Danaan, equivalente a Anu 31/03, 4/06, 10/12

Darago Deusa dos vulcões nas Filipinas 17/08

Dea Artio Mãe Ursa, deusa dos animais selvagens na Suíça 19/08

Dea Dia Antiga deusa romana da agricultura, identificada com Acca Larentia e Ceres 17/05

Dea Domnan Deusa irlandesa da Terra e da fertilidade 28/07

Deméter Deusa grega da fertilidade da terra, da agricultura e dos cereais, uma das doze divindades olímpicas, protetora das mulheres 27/01, 19/04, 13/07, 21/08, 1-15-19-23/09, 11-13/10, 7/12

Derceto Deusa baleia assíria 1/07

Deus da morte 4-5-7-19/11

Deusas anciãs 21-27/01

Deusas da agricultura 3 e 25/10

Deusas da água 17-26/04, 26/05, 9/07, 3-4/08, 28/09, 3-9-26/11

Deusas da alvorada 10/05, 9/06

Deusas da chuva 17/04, 11/05, 20/07, 18/09, 6/10

Deusas da colheita 21/08, 9/09

Deusas da cura 6/05, 4/08, 30/09

Deusas da fortuna 5/02, 25/03, 26/05, 24/06

Deusas da longevidade 9/09

Deusas da luz 24-26/11, 5/12

Deusas da morte 4/11

Deusas da Terra 9-23-28/02, 29/04, 11/06

Deusas das florestas	13-20/01, 12/02, 29/03, 6-12-22/05, 18/07, 2-8-19/08, 5-9-23/-9, 4-18/10, 11/12
Deusas das fontes	26/05, 18/09, 13/10, 4-26/11
Deusas do amor	20/07, 9/08
Deusas do ar	24/10
Deusas do destino	1-25/01, 20-23/03, 14/10
Deusas do lar e da lareira	8-24/11
Deusas do mar	28/12
Deusas do milho	30/06, 1-21/08, 5/10, 25/11
Deusas dos ancestrais	26/06, 15/08, 21/09
Deusas dos vulcões	23/10
Deusas escuras	1/11
Deusas estelares e zodiacais	12/09, 14-25/10, 18/11, 20/12
Deusas leoninas	28/07, 29/11
Deusas lunares	14-19/08, 10/09
Deusas padroeiras das artesãs	2/12
Deusas protetoras das crianças	30/10, 15-24/11, 19/12
Deusas protetoras das gestantes	vide Ártemis, Eileithya, Lucina, Juks Akka, Uks Akka
Deusas serpentes	25/07, 31/08
Deusas solares	14/05, 8-17- 22/06, 24/07, 7/08
Deusas taurinas	20-23/04, 3/06, 6/07, 4-8-26/10
Deusas tecelãs	28/12
Deusas tríplexes	6/01, 3-5/02, 3-20/03, 24/05
Deuses das fontes	13/11
Deuses solares	25/12
Devaki Mãe hindu da sabedoria e da educação	27/08
Devana Deusa eslava da floresta similar à romana Diana	19/08
Devi Deusa Mãe hindu, criadora absoluta do universo	27/11
Diana Deusa romana da Lua, da caça e das florestas, padroeira dos animais, das crianças e das mulheres. Equivalente da grega Ártemis, tornou-se a padroeira das bruxas medievais	12/02, 11/04, 27/05, 27/06, 14-17/08

Dikaiosyne Deusa egípcia da justiça	12/07
Dike ou Diceia Uma das Horas gregas, representa a ordem na natureza e na sociedade, junto com suas irmãs Poena e Adicia	12/11
Di Mu Mãe Terra na China, protetora da agricultura	8/03
Dione Deusa pré-helênica da inspiração e sexualidade	28/02
Dioniso Deus grego da vegetação	7/03, 9/07, 2-18/09, 3-5/10, 4-11/11, 23/12
Djanggalawul As Irmãs do Sol, essas deusas australianas geravam, incessantemente, seres vivos, plantas e animais	4/07
Disir Divindades escandinavas guardiãs dos mortais, condutoras das almas e auxiliares da deusa do destino Urdh	14/10
Doda Deusa eslava da chuva	11/05
Dodola Deusa polonesa da chuva	20/07
Domhnach Chron Dubh Deus irlandês dos grãos.....	28/07
Domnia Padroeira celta dos menires e das pedras	5/06
Dríades Ninfas gregas das árvores	13/01, 1-19/06, 3/08
Druantia Padroeira celta das árvores	29/03
Durga Complexa deusa hindu, representando o poder intelectual e o combate contra o mal	7/09, 1-14/10
Dzydzylelya Equivalente eslava de Afrodite	6/02
Dziewona ou Devana Equivalente eslava de Diana	12/02
Eadon Deusa irlandesa da poesia	14/10
Edda Deusa ancestral dos povos escandinavos	27/02
Egeria Deusa romana da sabedoria e das profecias	16/12
Eileithya Deusa pré-helênica dos nascimentos, parteira dos deuses, transformada, depois, em um atributo da deusa Juno e equiparada a Ártemis	12/04, 9/06, 20/10
Eir Deusa escandinava da cura pelas ervas e as runas.....	6/05
Eithinoha Deusa da terra dos índios Iroquois	26/06
Ekeko Deus peruano da abundância.....	26/01
Elegba Deus africano, guardião das encruzilhadas	29/06
Elementais	7/04, 1-7/12

Elihino Mãe Terra dos índios Cherokee, irmã de Igachindvo, o Sol e de Sehu, a Mulher do Milho 6/08

Emer Deusa irlandesa da luz solar, da beleza e da sabedoria 24/03

Enyo Deusa grega da guerra, equivalente a Bellona 6/03

Eostre ou Ostara Deusa teutônica da Terra, simbolizando a fertilidade e o renascimento na primavera 21/03

Eos Deusa grega da alvorada 10/05

Epona Deusa equina celta, adotada pelos romanos, protetora dos cavaleiros e dos animais 13/06, 17/09, 18/12

Ereshkigal Deusa suméria da morte e da escuridão, destruidora da vida, irmã de Inanna 02/01, 31/10

Erigone Deusa grega governante dos homens 12/09

Erínias ou Fúrias, Deusas gregas da justiça e vingança, irmãs das Moiras, guardiãs do mundo subterrâneo, auxiliares de Nêmesis 25/07

Eris Deusa grega da discórdia e da guerra 6/03

Erzulie Deusa haitiana da Lua, amor, beleza e magia ..28/02, 12-16/07

Espíritos Protetores das casas 7/04, 13/05

Estsanatlehi Vide "A Mulher que muda" 27/02, 5-14/06, 1/09

Etain Deusa equina e solar celta 2/06, 18/12

Eurydice Deusa serpente grega, soberana do mundo subterrâneo; uma ninfa esposa de Orfeu 17/06

Eurynome A mais antiga deusa criadora grega 21/03

Eutychia Deusa grega da felicidade, equivalente a Felicitas 17/01

Eva Segunda mulher de Adão 26/12

Ewá Deusa africana do céu, da Terra, das nuvens e da água 13/12

Fadas "O povo pequeno", seres sobrenaturais celtas 21-23/06, 7/12

Fand Deusa celta do mar, do amor, do prazer e da cura 16/06

Fangge Espíritos femininos das árvores na Áustria, semelhantes às Driades gregas 1/06

Fauna Deusa romana representando a fertilidade da Terra, associada a Bona Dea, Cibele, Mater Matuta, Ops e Tellus Mater 6/05, 3/12

Faunus Deus romano regente da fertilidade e dos animais selvagens 6/05

Februa Deusa romana da purificação 2-14/02

Felicitas Deusa romana da felicidade, equivalente a Eutychia 9/10

Feng Po Deusa chinesa do tempo, do vento e dos animais 26/06

Feronia Deusa etrusca do fogo subterrâneo, dos vulcões e águas termais e do calor vital 15/11

Fides A personificação romana da honestidade e lealdade, semelhante a Themis 1/10

Fjorgin Deusa escandinava da terra virgem 17/12

Flidais Deusa irlandesa das florestas e dos animais selvagens 9/09

Flora Deusa romana da primavera, das flores, das alegrias e prazeres da juventude 7/03, 3-28/04, 3-23/05

Fortuna Deusa romana da sorte, identificada com a grega Tyche 5/02, 20/3, 1-5/04, 26/05, 11-24/06, 12/10

Frey Deus nórdico da fertilidade, irmão de Freyja 28/08, 26/12

Freyja Deusa nórdica da fertilidade humana, da beleza, do amor e da sexualidade, condutora das almas e líder das Valquírias 8/01, 19-30/04, 25/06, 28/08, 15/10, 27/12

Frigga Deusa nórdica da fertilidade da terra, protetora das famílias e das tribos 11/01, 24/05, 25/06, 27/12

Fors Deusa etrusca da boa sorte 24/06

Fortuna Deusa romana da sorte, identificada com a grega Tyche 5/02, 20/03, 1-5/04, 26/05, 11-24/06, 12/10

Fortuna Redux Deusa romana protetora das viagens 12/10

Foseta Deusa escandinava da fertilidade 25/06

Fuji Deusa japonesa do fogo (vulcânico e doméstico) 1/07

Fulla, Habondia ou Abundia Deusa nórdica da abundância 6/08, 31/12

Furrina Deusa etrusca da primavera, transformada pelos romanos em uma das Fúrias ou Erínias 25/07

Fylgja Espíritos protetores do lar na Escandinávia 29/09

Gabija Deusa eslava do fogo e da lareira, protetora da família 4/02

Gaia (ou Gea) O ser primordial, a criadora da vida, o poder supremo, a própria Terra, a mãe dos Titãs, das Moiras, das Erínias e das Musas 27/01, 28/02, 22/04, 7-21/08, 25/11

Ganesha Deus hindu com cabeça de elefante.....05/09, 28/08
Ganga Deusa hindu, Mãe dos Rios, um dos aspectos de Devi (a Deusa) ou Prakriti (a Terra)27/11
Gauri Deusa hindu da abundância e da água primordial..... 27/03, 2/09
Gefjon Deusa escandinava do amor e da sexualidade14/02
Geirahod Uma das Valquírias, as deusas guerreiras nórdicas16/02
Gerda Deusa escandinava da terra congelada 22/04
Giane Deusa tecelã das florestas da Sardenha9/09
Goga A Mãe ancestral da Melanésia.....4/09, 23/10
Górgonas Deusas gregas do poder oculto 27/09
Grainne Deusa celta da luz solar e do amor.....30/04, 31/05, 22/06
Green Man Deus Verde da vegetação nos países celtas23/04, 23/06
Grian Deusa solar da Irlanda, rainha dos elfos 23/06, 10/08
Gula Deusa Mãe da Mesopotâmia, guardiã da saúde e da cura, semelhante a Bau e Mami10/04, 8-19/09
Gunnlud Deusa nórdica do conhecimento e das artes 28/12
Gwynn Ap Nudd Deus celta do mundo subterrâneo29/09, 7/11
Gyhleptis Deusa benevolente das florestas do Alaska9/09

Habonde Deusa da abundância, de origem celta e germânica, semelhante a Abundita e Fulla31/12
Hae Sun Deusa solar coreana 24/10
Hahai Wuhti A mãe dos Kachinas (os espíritos da natureza) 22/05
Hainuwele Deusa da abundância e da colheita da Indonésia..... 18/04
Halcyone A estrela maior das Pleiâdes15/12
Haltia Deusa eslava protetora da casa e da família7/06
Han-Lu Deusa lunar chinesa.....24/10
Hapai Deusa do amor e da sexualidade na Polinésia12/07
Hathay Deusa anciã hindu.....25/08
Hathor Deusa milenar egípcia, senhora do céu e da Terra, mãe da luz solar, da música, da dança e da alegria, protetora das mulheres conhecida como a Vaca Celestial.....23/01, 1-21/04, 17-20/05, 16/06, 6/07, 7- 29/08, 25/10, 23/12

Hatshepsut Famosa rainha egípcia27/07
Haumea Deusa havaiana da fertilidade, da vegetação e dos nascimentos 3/07
Hebat Deusa solar da Anatólia, similar a Wurusemu 20/05
Hebe Deusa grega da juventude 29/01
Hécate Deusa grega da lua minguante, da noite e da magia, guardiã dos caminhos e senhora da sabedoria31/01, 27/02, 4/03, 13/08,21/09, 31/10, 1-7-16/11
Heimdall Deus nórdico, guardião da Ponte do Arco-Íris 24/03, 29/09
Heket Deusa egípcia protetora dos nascimentos 24/11
Hel Deusa escandinava e teutônica da morte, senhora do mundo subterrâneo 27/02, 10/07, 13/09, 1-17/11
Helena Dendritus Deusa pré-helênica das árvores2/05
Hélios Deus grego do Sol, irmão de Selene (deusa da Lua)18/04
Helle Deusa lunar pré-iônica2/05
Hemera Deusa grega da luz solar e da alvorada 5/12
Hepat Deusa da justiça da Anatólia 05/12
Hera Uma das doze divindades do Olimpo grego, filha de Rhea e Cronos, esposa de Zeus, mãe de Ares, Hebe e Hefasto, padroeira dos casamentos 19/06, 12/11
Hércules O mais famoso herói grego, filho de Zeus.....11/03, 21/08
Hermes Deus grego da inteligência, comunicação e viagens.....28/05
Héstia Deusa grega, padroeira da lareira e da família, guardiã do fogo sagrado e idêntica à deusa romana Vesta 1/02
Hettsui No Kami Deusa chinesa do lar 8/11
Hina Mãe criadora e deusa lunar da Polinésia 2/05, 14/08
Hlin Deusa escandinava protetora das mulheres.....31/01
Hlodyn Deusa escandinava da terra não cultivada 17/12
Hnoss Deusa escandinava do amor, filha de Freyja 14/02
Hogmagog Deus solar celta..... 31/12
Hokhmah ou Chokmah, A representação feminina da sabedoria nas escrituras hebraicas 28/11
Holda Deusa nórdica da Terra, da Natureza e padroeira das mulheres 17/11

Holika Deusa hindu do fogo.....	13/03
Holla ou Holle Uma complexa deusa da Natureza da Alemanha, associada também ao fogo.....	25/02
Horas Deusas gregas das estações	18/04, 6/05, 25/09
Horsel Deusa lunar e equina alemã.....	21/10
Horus Deus solar egípcio com cabeça de falcão	14/07, 28/10, 26/12
Hovava Deusa lunar eslava	8/04
Hsi Wang Mu A representação chinesa do princípio feminino Yin. Juntamente com Mu Kung, o princípio Yang, criou o céu, a Terra e todos os seres vivos	9/03, 2/10, 22/12
Huitaca Deusa lunar pré-colombiana	10/09
Huchi Fuchi Deusa japonesa do lar e protetora da lareira.....	13/02
Hu Tu Deusa chinesa da Terra, padroeira da fertilidade	12/06
Hygéia Deusa grega da saúde e da cura	26/02
Hypatia Mártir grega, assassinada pelos cristãos	12/03
Iarilo Deusa solar russa	27/04
Ibeji ou Yori Deuses gêmeos iorubas protetores das crianças.....	26/09
Iduna Deusa escandinava e teutônica da imortalidade e das estações do ano	20/03
Igahindvo Deusa solar dos índios Cherokee	6/08, 26/12
Ii Mãe das colheitas na Nigéria	29/04
Ilmatar Deusa finlandesa da água e do céu	26/08
Inanna A Rainha do Céu suméria, regente da vida e da fertilidade da Terra, enquanto sua irmã Ereshkigal regia a morte e o mundo subterrâneo	2-20/01, 20/08, 9-31/10
Inara Deusa hitita da sexualidade.....	22/03
Indara Deusa criadora, ser supremo da Indonésia.....	29/04
Indra Deus hindu da chuva, esposo de Indrani.....	13/04
Indrani Deusa hindu da sexualidade e do amor	13/04
Ing Deus escandinavo da luz	14/05
Ingeborg Deusa escandinava da sexualidade	25/06
Inghan Bhuidhe Deusa celta do verão	6/05

Ininni Deusa Mãe da Mesopotâmia	22/03
Inna Deusa nigeriana da agricultura.....	29/04
Ino Deusa grega da água e da agricultura	11/06
Inti Deus solar supremo do panteão inca.....	24/06
Io Deusa lunar grega, precursora de Hera	6/07
Irina ou Eirene Deusa grega da paz, filha de Themis e Zeus, cuja equivalente romana era Pax	29/01
Íris Mensageira grega da luz, deusa do arco-íris	5/05
Ishtar Deusa assírio-babilônica do amor, da fertilidade, dos nascimentos, da guerra e da cura. Similar a Anatu, Anunit, Belit, Irnini, Ininni e Mylitta	27/01, 10/02, 22-29/03, 22/04, 2/06, 14/08, 26/09
Ísis Deusa egípcia dos mil nomes, governante do céu, da Terra, da Lua, da vida e da morte, rainha das estrelas, protetora dos mortos, deusa da cura e das estações	3-30/01, 5-20/03, 31/05, 16-24/06, 6/07, 12-14/08, 1/11
Ituana Deusa escorpião dos índios do Amazonas.....	14/10
Izanami Deusa japonesa criadora da Terra, irmã e consorte de Izanagi, o deus do céu	7/01, 13/04, 23/10
Ixchel Deusa mexicana da Lua, da água e do arco-íris, padroeira da tecelagem, da cura e da magia.....	20/06, 6/10, 2-8/12
Iwa-naga-hime Deusa chinesa da longevidade.....	9/09
Jagaddhatri Deusa hindu da primavera	19/01
Jana Deusa lunar romana, guardiã das portas, esposa de Janus.....	1/01
Janáina Deusa brasileira, sereia do mar.....	3/09
Jandira Deusa brasileira do mar	3/09
Janus Deus romano do Sol e do dia, guardião das entradas.....	1-9/01
Jarina Deusa brasileira das árvores	20/01
Joana D'arc Heroína francesa queimada como bruxa.....	30/05
Juks-Akka Deusa finlandesa dos nascimentos, filha de Maddar-Akka, irmã de Uks-Akka.....	27/04
Juno Equivalente romana de Hera, esposa de Júpiter, protetora das mulheres, das crianças, dos casamentos e da sociedade	2-14-15/02, 6-7/03, 1-2/06, 6-7/07, 14/09

Jullunggul Deusa do arco-íris da Oceania.....	5/03
Jungowa Deusas ancestrais australianas.....	22/05
Júpiter Deus supremo do panteão romano, regente do céu, do raio e dos juramentos.....	23/04, 14/09, 12/11
Jurates Deusas eslavas da água.....	26/04
Jurema Deusa brasileira das árvores.....	20/01
Justicia Deusa romana da justiça.....	8/01
Juturna Deusa romana das fontes e dos lagos.....	11/01, 23/08
Juventas Deusa romana da juventude.....	24/12
Kachinas Espíritos da natureza e dos ancestrais dos povos nativos norte-americanos.....	22/05, 26/06, 20-26/07, 14-22-26-27/12
Kades Deusa canãanita da sexualidade.....	16/10
Kadi Deusa da Terra e da justiça na Mesopotâmia.....	7/04
Kadru Mãe hindu das serpentes.....	25/07
Kaguya-hime-no-mikoto Deusa japonesa da Lua, da noite, da beleza e da imortalidade.....	7/02
Kait Deusa hitita dos grãos.....	7/04
Kali Deusa hindu regente da morte, destruição e renovação.....	17/02, 1/04, 14/09, 12/10, 10/11
Kalika Deusa hindu protetora dos nascimentos.....	14/09
Kaltas Anki Deusa finlandesa protetora das parturientes e dos recém-nascidos.....	3/06
Kama Deus hindu do amor.....	19/01
Kamui Fuchi Deusa japonesa padroeira do lar.....	26/08
Kanyá Deusa estelar hindu.....	12/09
Ker Deusa celta dos cereais e da colheita.....	16/10
Ki Deusa ancestral da Terra na Caldéia.....	8/09
Kildisin Mummy Deusa eslava do céu, da Terra e dos nascimentos.....	8/08
Kista Deusa persa do conhecimento religioso.....	11/04, 11/08
Koliada Deusa eslava personificando o tempo, o solstício de inverno e o nascimento do Sol.....	1-21/12

Konohana-sakuya-hime Deusa japonesa da Terra, da Natureza e da colheita de arroz.....	23/11
Kore Equivalente de Perséfone, a donzela grega que, juntamente com sua mãe (Deméter) e a anciã (Hécate) formam a tríplice manifestação da Deusa.....	4-7/01, 3/04
Kornmutter Mãe do milho, da Alemanha.....	30/06, 3/07, 1/08
Kostroma Deusa eslava da fertilidade.....	21/03
Krishna Avatar hindu, generoso e bondoso.....	13/03, 27/08
Kronos Deus cretense representando o Pai Tempo.....	11/07
Kubai Khotum A Grande Mãe eslava.....	26/07
Kukulcan Deus arcaico tolteca, predecessor de Quetzalcoatl.....	21/11
Kundalini Deusa serpente guardiã do fogo sagrado.....	31/08
Kupal'nitsa Deusa russa da fertilidade.....	22/06
Kupalo Deusa eslava da água, das ervas, da magia e do solstício de verão.....	21/06
Kutnahin Deusa solar dos índios Ute.....	4/07
Kwan Yin Deusa chinesa da compaixão, protetora das mulheres e das crianças, padroeira da saúde e da cura.....	31/01, 21/02, 28/03, 5-6/04, 8/06, 20/10
Lada Deusa eslava da sexualidade.....	24/05
Lakshmi Deusa hindu da beleza, da prosperidade e da fertilidade.....	19/01, 18/04, 28/08, 1/09, 7-16-24/10, 16/11
Lalal, Losna ou Lucna Deusa lunar etrusca.....	10/09
Lamashtu Deusa leonina assíria com poder destruidor.....	7/01, 28/06
Lamia Deusa serpente da Creta e da Líbia.....	28/06
Lara ou Acca Laurentia Deusa do mundo subterrâneo, mãe dos Lares, espíritos protetores do lar.....	23/12
Larunda Deusa romana protetora do lar.....	20/02, 23/12
Latiaran Deusa celta da colheita, irmã de Inghean Bhuidhe (do verão) e de Lasair (da primavera).....	1/08
Lauka-mate Deusa eslava da colheita.....	9/09
Legba ou Elegba Senhor das encruzilhadas.....	29/06
Le Hev Hev Deusa do mundo subterrâneo da Melanésia.....	5/11

Lemures	Espíritos ancestrais romanos.....	9/05
Leto	Deusa grega da noite, mãe de Ártemis e Apolo	24/05
Leucothea	Deusa grega da alvorada	9/06
Levanah	Deusa lunar da Caldéia.....	16/04, 16/06
Liber Pater	Deus romano da fertilidade, padroeiro dos ritos de passagem masculinos.....	27/03
Libera	Deusa romana da viticultura e fertilidade	17/03
Libertas	Deusa romana da liberdade	13/04
Lilith	A primeira mulher de Adão, antiga deusa suméria da tempestade, símbolo da sexualidade	26/12
Llyr	Deus galês do mar, equivalente do deus irlandês Manannan Mac Lir.....	15/10
Lofn	Deusa escandinava dos namorados.....	14/02
Loki	Deus nórdico da destruição e da maldade.....	31/07
Lono	Deus havaiano da terra.....	7/11
Lorop	Deusa criadora e nutridora da Micronésia.....	26/06, 3/07
Lucina	Deusa romana da luz e dos nascimentos, formando uma tríade juntamente com Diana (o crescimento) e Hécate (a morte).....	1/03, 5-12-13/12
Lugh	Deus solar celta, filho da deusa Tailtu.....	24-31/07, 1/08
Luna	Deusa lunar romana, reguladora dos meses e das estações do ano	31/03, 16-24/04, 27/06
Lunantishees	O "Povo das Fadas", na Irlanda.....	11/11
Luot-hozjik	Deusa eslava das florestas	12/05
Lupa	Um aspecto da deusa Juno, como A Loba	15/02
Lu Pan	Deusa chinesa das florestas	18/07
Lur	Deusa da Terra, a criadora da vida do povo basco	7/08, 5/12
Ma	A "Senhora dos Animais" da Anatólia, adotada pelos gregos e romanos como deusa da agricultura. Na África do Sul, Ma era a deusa da fertilidade	14/10
Maat	Deusa egípcia da verdade, da justiça, da lei e da ordem	23/03, 5/07, 9/10

Ma-Emma	Deusa eslava da Natureza e da Terra.....	25/04
Macchendrana	Deus hindu da chuva.....	17/04
Macha	Deusa tríplice celta, formando juntamente com Badb e Neman a personificação da guerra	8/05, 26/10
Machalat	Deusa árabe da vida e da morte	8/05
Madder-Akka	Deusa eslava da Terra e da fertilidade.....	2/03, 27/04 23/12
Madona Negra	Reminiscência das antigas deusas da Terra	2/08, 14/09
Mãe Cósmica	ou Divina... 6-22/01, 11/02, 21/09, 20-27/11, 24/12	
Mãe d'Água	Deusa africana do mar	30/01, 31/12
Mãe das Águas	chinesa	17/04
Mãe dos Cervos	Deusa nativa dos animais	3/01, 4/10
Mães do Milho	Deusas dos cereais nas tradições nativas	27/02, 3/07, 1/08, 9/10, 25/11
Maeve	Deusa irlandesa tríplice, presidindo a guerra, a sexualidade e a soberania da terra	21/05
Mah	Mãe Terra, deusa da fertilidade e da procriação vegetal e animal na Suméria. Foi assimilada à deusa romana Bellona, transformando-se em Mah-Bellona, a deusa da guerra	8- 28/09
Maha Dewi	O Ser Supremo hindu, a criadora da vida	27/11
Mahte	Mãe Terra na Lituânia	11/06
Maia	Deusa romana da primavera e do calor vital	1-15/05
Maile	"A Cheirosa", deusa polinésia da murta	31/01
Makarís	Deusas criadoras hindus em forma de peixes	6/11
Mama Alpa	Deusa peruana da Terra	26/01
Mama Cocha	Antiga deusa peruana do mar.....	28/09
Mama Occlo	Deusa peruana do céu.....	28/09
Mama Quilla	Deusa peruana da Lua	10/09
Mama Watta	Mãe d'Água africana	31/12
Mami	Mãe Criadora da Mesopotâmia, invocada durante os partos, principalmente do segundo filho	8/09
Mana	Deusa romana protetora das casas	27/06

Manasa Devi Deusa serpente hindu 1/07
Manes Espíritos ancestrais romanos24/08, 8/11
Mania Deusa romana protetora das casas..... 10/01, 27/06, 24/08
Mara Deusa eslava protetora dos animais domésticos 24/06
Marah Deusa da água salgada na Caldéia 14/04
Mari Deusa basca, presidiã a chuva e punia os ladrões e os mentirosos.
Também o nome de uma deusa irlandesa do mar e de uma deusa hindu
da morte, identificada com Durga 8/05, 24/08, 9/10
Mari Ama Deusa escandinava do mar24/08
Maria Virgem e Mãe, que perpetuou parcialmente o culto da Deusa
após a perseguição dos antigos cultos pelo Cristianismo1-11/02,
25/03, 25/05, 15/06, 15/08, 8-14/09, 1/10
Maria Madalena Companheira de Jesus, líder dos cristãos gnósticos
22/07
Mariamna Deusa do mar hindu 14/04
Marte Deus romano da guerra, equivalente do grego Ares.....29/05
Marzana Deusa eslava do inverno e da morte 21/03
Masaw Deus da morte dos índios Hopi.....5/11
Maslenitza Deusa russa da fertilidade e da agricultura 21/12
Matergabia Deusa eslava protetora do lar 23/10
Mater Matuta Deusa romana da alvorada, protetora das crianças, das
mães e dos marinheiros 11/06
Mati Syra Zemlja Mãe Terra dos países eslavos26/03
Mawu Grande Mãe criadora africana.....24/09, 29/11
Maya Deusa hindu, criadora e destruidora.....15/05
Mayahuel Deusa asteca da fertilidade e da Lua 24/04
Mbaba Mwana Waresa Deusa africana da chuva 18/09
Meditrina Deusa romana da cura 30/09
Medusa Deusa Górgona da sexualidade e da magia 11/08, 27/09
Mehen Deusa serpente egípcia31/08
Mehit Deusa leonina egípcia, um aspecto da deusa Tefnut 29/11
Melissa Deusa cretense das abelhas..... 30/03

Mens Deusa romana padroeira da mente, dos meses, dos números e dos
calendários 8/06
Mictecacihuatl Deusa asteca da morte 30/10
Mielikki Deusa finlandesa protetora das florestas 23/09
Minerva Personificação romana do pensamento, dos cálculos e das
invenções, padroeira das habilidades criativas e guerreiras, semelhante a
Athena19/02, 19/03, 19/05
Minne Deusa alemã do amor romântico22/09
Minona Deusa africana, protetora das mulheres, guardiã da magia e da
adivinhação 29/06
Mnemosyne Deusa grega da memória e inteligência 15/06
Mocca Deusa celta da Terra 14/11
Moiras ou Parcas, As deusas gregas do destino, equivalentes às Parcas
romanas 1/01, 27/05, 14/07, 31/12
Mokosh Deusa eslava da terra úmida, da fertilidade, da chuva, da pesca
e do tempo 6/10
Moneta Deusa romana da riqueza 1/06
Mora ou Smert, Deusa eslava do destino e da morte ...4/03, 24/06, 4/11
Morgawse Deusa irlandesa da Lua e da noite 11/12
Morgen ou Morgan Le Fay Deusa celta da água, rainha das Fadas,
Senhora de Avalon..... 16/03
Morrigan Deusa tríplice irlandesa da guerra, juntamente com Badb e
Macha ou Nemain.....1-6/01, 27/02, 16/03, 21/09, 1/11
Moruadh Deusa sereia irlandesa..... 19/02
Mulaprakriti Mãe primordial hindu.....3/04
Mulhalmoni Deusa coreana, protetora dos olhos..... 9/10
A Mulher Aranha (Spider Woman) Deusa criadora dos índios Hopi,
semelhante a Awitelin Tsita14/02, 5/06, 20-25/08, 4/11, 2/12
A Mulher Búfala Branca (White Buffalo Woman) Deusa dos índios
Lakota, responsável pela cerimônia do cachimbo 23/01, 20/04
A Mulher de Cobre (Copper Woman) Deusa dos metais 18/07
A Mulher que Muda (Changing Woman) Deusa Navajo das estações
do ano e das transições da mulher 27/02, 5-14/06, 1/09

A Mulher Vulcão (Volcano Woman) Deusa dos vulcões 18/07
Munakata Deusas japonesas da água e da pesca..... 3/03, 18/07
Musas Deusas gregas da arte, das ciências e inspiração..... 22/01, 11/03, 14/06
Mut Deusa abutre egípcia, Mãe e criadora 12/06
Muta Deusa romana do silêncio 20/01
Muyrakytan Deusa brasileira das águas..... 10/09
Mylitta Deusa lunar da Fenícia, que presidia a fertilidade, a sexualidade e a procriação 4/10

Naga Panchami Deusa serpente hindu.....25/07
Nammu Deusa das águas primordiais na Mesopotâmia 19/02
Nan Deusa eslava criadora da vida 21/07
Nana Deusa assíria da vegetação, semelhante a Inanna 21/07
Nanã Buruku Criadora primordial africana, deusa anciã da terra e da água 26/07
Nanda Devi Deusa hindu da Terra e da Natureza 5/09
Nanshe Deusa da água na Mesopotâmia..... 1/01
Nantosuelta Deusa gaulesa da água e da guerra 30/05
Narwik Deusa solar nórdica..... 9/02
Nat ou **Nott** Deusa escandinava da Lua, da noite, das estrelas, dos metais 26/10
Navahine Deusa polinésia da paz.....14/08
Navia Deusa do mar da Ibéria 5/08
Ndlovukazi Deusa elefante africana13/07
Nefertiti Rainha egípcia divinizada.....11/09
Nehelennia Deusa celta, guardiã dos caminhos 6/01
Neith Deusa egípcia do céu, da caça, da guerra, protetora das famílias, das tribos e dos animais 23/04, 24/06, 8/12
Nêmesis Deusa da vingança justificada 23/08, 29/09
Nemetona Deusa celta da guerra e dos bosques sagrados 30/05
Nephtys Deusa abutre egípcia, personificação da escuridão e protetora dos mortos 6-18/07, 28/08, 13/09, 1/11

Neria Deusa romana da guerra, esposa do deus Marte 25/03
Nerthus Deusa da "Terra do Norte", símbolo da fertilidade, da paz e da harmonia 24/12
Netuno Deus romano do mar23/07, 1/12
Nicnevin Deusa escocesa da agricultura e da morte 10/11
Nike Deusa grega da vitória, equivalente à romana Victoria, um dos atributos de Pallas Athena 16/02, 7/10
Nina A rainha suméria das águas, deusa sereia 19/02
Ninfas Deusas gregas da Natureza 27/06
Ninfas da água Espíritos femininos gregos.....13/11
Ninfas das árvores e das florestas3/08
Ninfas das montanhas Protetoras das rochas, das grutas e das montanhas..... 19/06
Ninfas do carvalho Espíritos elementais em forma de mulheres, responsáveis pelos carvalhos 1/06, 1/12
Ninfas do freixo Espíritos elementais em forma de mulheres, responsáveis pelos freixos 3/08, 1/12
Ninlil Deusa da Terra, do ar, do céu, das estrelas e do mundo subterrâneo na Mesopotâmia, assimilada a Ishtar 24/10
Niski-Ava Deusa eslava protetora das mulheres e dos lares 16/07
Nixen Espíritos alemães das águas, benévolos ou malévolos, em forma de sereias 3/08
Noitu Deusa brasileira, protetora dos animais selvagens 5/09
Nokomis Deusa da terra dos índios Ojibwa..... 25/11
Nornes Eram três - Skuld, Verdandi e Urdh -, sendo consideradas as deusas escandinavas do destino2/01, 14/07, 31/12
Nortia Deusa etrusca da boa sorte 24/06
Nu Kwa Criadora da vida, Grande Mãe chinesa..... 22/08
Nubaigai Deusa anciã eslava, protetora das colheitas de milho 5/10
Nut Deusa egípcia do céu estrelado 25/02, 7/08, 23/10
Nyx Deusa grega da noite, mãe de Hemera semelhante a Leto..... 28/06

Obá Deusa ioruba da água revolta e da vitória nos embates 8/12

Obatalá ou Orishalá Deus ioruba, representação do princípio masculino24/09

Odin Deus nórdico da sabedoria, condutor das almas, padroeiro da magia, das runas e da guerra18/08, 2/11, 6/12

Odudua Criadora ioruba da vida, da Terra e da natureza....11/08,24/09

Ogun Deus ioruba das lutas, padroeiro do fogo e do ferro23/04

Olwen Deusa solar galesa 28/04

Omamama Deusa criadora da vida dos índios Cree 26/01

Ondinas Espíritos da água..... 3/08

Ops Deusa romana da Terra, protetora da agricultura e dos recém-nascidos, esposa de Saturno 19/04, 25/08, 17-19/12

Orbona Deusa romana, protetora das crianças..... 19/12

Oréides Ninfas das montanhas e das rochas 19/06

Orsel Deusa lunar eslava cristianizada como Santa Úrsula 21/10

Oryu Espíritos japoneses dos salgueiros1/06

Osíris Deus egípcio da fertilidade, irmão e consorte da deusa Ísis 14-19/07, 24/09, 28/10 até 3/11

Ostara ou Eostre Deusa alemã da alvorada, da primavera e do renascimento da vegetação 21/03

Oxossi Deus ioruba, padroeiro das matas e dos caçadores.....20/01

Oxum Deusa ioruba da água doce, do amor, da beleza e da sexualidade 8/12

Oxumaré Orixá andrógino, regente do arco-íris5/03

Oyá Deusa ioruba das tempestades, da guerra e da liderança feminina 1/10, 23/10, 1/11, 4/12

Oynyena Maria Deusa eslava do fogo 15/07

Padma ou Lakshmi Deusa hindu da fortuna16/10

Pai Céu Princípio cósmico masculino dos povos nativos30/07

Paivatar Deusa finlandesa, protetora dos lares 2/03

Pales Deusa romana dos animais domésticos 20/04

Pan Deus greco-romano da fertilidade e sexualidade, representando a força vital da natureza18/05

Pandora ou Anesidora Deusa grega da Terra e da abundância, um dos atributos de Gaia 11/06, 31/12

Pandrosós Deusa grega da agricultura e fiação 17/10

Paraskeva Deusa eslava do amor e da fertilidade 20/07

Parcas Deusas romanas do destino, equivalentes às gregas Moiras e às Nornes nórdicas 1/01, 14/07, 31/12

Parvati Um dos aspectos de Devi, a Grande Mãe hindu, representa a criatividade e a sexualidade 20/03, 25/06, 27/11

Pasht Aspecto destruidor da deusa egípcia Bast27/08

Patella Um aspecto da deusa Ops. Deusa das sementes19/12

Pattini Deusa solar de Sri Lanka..... 6/08

Pax Deusa romana da paz e da ordem 29/01, 4/07

Pele Deusa havaiana do fogo vulcânico, da sexualidade e da magia 28/01, 23/10, 31/12

Perchta ou Berchta, Deusa alemã da Terra, padroeira dos arados e das tecelãs 9/05, 25/12

Percune Tete Deusa ancestral eslava, mãe das tempestades 10/10

Perimbó Deusa lunar tupi-guarani, criadora da vida 10/10

Perkune Tete Deusa ancestral eslava, mãe das tempestades1/02 15/07, 8/08

Perséfone Deusa grega da morte e rainha do mundo subterrâneo, filha de Deméter, esposa de Hades 1-11/02, 4-20/03, 31/05, 15-19-23/09, 31/10

Perseis ou Perse Antiga deusa lunar grega 20/09

Phorcis Deusa hindu com cabeça de porca, Mãe e guardiã..... 14/11

Pi-Hsia-Yuan-Chin Deusa chinesa das nuvens azuis e púrpuras, padroeira dos partos..... 20/10

Plêiades Também conhecidas por Vergiliae ou Krittikas, eram as sete filhas da ninfa Pleione, transformadas em constelação 20/11, 15/12

Plutão Deus romano equivalente do Hades grego, senhor do mundo subterrâneo31/05

Poena Deusa romana da retaliação 12/11

Poldunica Deusa eslava dos campos e do calor do meio-dia 17/11

Polengabia Deusa eslava do fogo, do lar e da lareira 23/10

Pomona Deusa romana das árvores frutíferas..... 2/11
Ponyke Deusa eslava do fogo..... 24/01
Poseidon Deus grego do mar (precursor de Netuno)1/12
Potnia Theron A Senhora dos Animais12/02, 19/08
Povo das Fadas Antigas deusas irlandesas transformadas em seres elementais 11/11, 7/12
Prajna Deusa hindu do conhecimento e da sabedoria 28/11
Praxidike Deusa romana dos juramentos 12/11
Proserpina Antiga deusa romana da germinação das sementes, transformada depois em equivalente de Perséfone.....3/04, 27/05
Prosymna Deusa grega da Terra e da Natureza 29/04
Prytania ou Britannia Deusa padroeira da Grã Bretanha24/03
Pyrrha Deusa grega do fogo telúrico, filha de Pandora 27/02
Pythia Profetisa do oráculo de Delfos.....28/07
Python ou Delphyne A grande serpente oracular do templo de Delphi, filha partenogenética da Terra..... 28/05

Querubins Deusas protetoras de Canã16/05
Qetesh Deusa lunar egípcia, padroeira da noite, do amor e da sexualidade..... 22/08
Quetzalcoatl Deus solar tolteca, regente da vida e da sabedoria..20/09

Radha Deusa hindu da boa sorte e do amor 13/03, 1/09
Rama Avatar hindu, encarnação do deus Vishnu.....18/04
Ran Deusa escandinava do mar..... 23/07
Rana Neida Deusa finlandesa da primavera e da chuva 17/04
Ranu Bai Deusa hindu da água e da fertilidade 14/01, 17/04
Rauni Deusa finlandesa do trovão e da sorveira 1/05, 15/07
Rathi Deusa hindu do amor, do desejo e da paixão 19/01
Rhea Mãe dos deuses gregos, filha de Gaia e Urano, esposa de Crono, reverenciada nas ilhas gregas, assimilada pelos romanos no culto de Bona Dea e Ops 15/03, 9-11/07, 21/08, 8/10, 3/12
Rhiannon Deusa lunar equina galesa oriunda do culto de Rigantona, a Grande Rainha, equiparada a Nimue e Viviane 4/03

Robigo Deusa romana dos cereais 26/04
Rodjenice As deusas eslavas do destino, semelhantes às Parcas, às Moiras e às Nornes 14/10
Rohina Deusa hindu, regente das estrelas e dos planetas 15/11
Rosmerta Deusa gaulesa da riqueza 18/09
Rukmini Deusa hindu da alvorada e do crepúsculo..... 14/01
Rumina Deusa romana, protetora das mães e das crianças 15/11
Runcina (aspecto da deusa Ops) Deusa dos cereais19/12
Russalkas Espíritos eslavos da água e da fertilidade..... 11/05

Sabek Deus egípcio com cabeça de crocodilo17/09
Sabina Deusa romana da fertilidade..... 19/12
Salácia Deusa romana da água salgada 23/07, 12/9, 1/12
Salus Deusa romana da saúde e da cura 6/09
Sammuramat Mãe criadora assíria17/05
Samnati Deusa hindu do conhecimento e da sabedoria 14/01
Sapientia Deusa romana da sabedoria 16/12
Sara Kali Grande Mãe dos ciganos, equivalente à deusa hindu Amari De e equiparada, atualmente, a Madona Negra..... 25/05
Sar-Akka Deusa finlandesa dos nascimentos, protetora das famílias e dos lares, filha de Maddarakka..... 27/04
Sarasvati Deusa hindu do conhecimento, da fertilidade, da prosperidade e da eloquência12-14-31/01, 16-28/03, 24/10, 19/12
Satet Deusa egípcia protetora do Rio Nilo.....20/05
Saturno Deus romano regente do tempo e da terra17-19/12
Saule Deusa solar báltica, protetora das mulheres 21/06, 8/08
Saule Meita Deusa báltica das estrelas20/12
Savitri Uma das oito Mães Divinas hindus 16/05
Scathach Deusa escocesa da guerra e do conhecimento..... 14/11
Scota Deusa ancestral, padroeira da Escócia..... 1/11
Sedna Deusa do mar, da vida e da morte dos índios Inuit, protetora dos animais aquáticos do Ártico25/09, 1-14/11, 10/12
Sekhmet Deusa leonina egípcia, regente do fogo, da guerra, da vingança e da magia 7/01, 21/04, 31/10, 29/11, 31/12

Selene Deusa lunar grega, senhora das estrelas, equivalente a Luna e Levanah 7/02, 4/05, 27/06, 6/07, 14/08

Selkhet Deusa escorpião egípcia, esposa de Ra, regente da fertilidade e do mundo subterrâneo 10/08

Selu Deusa da agricultura dos índios Seminole..... 3/07

Sêmele Deusa grega do amor e da sexualidade..... 23/12

Senhoras Verdes Deusas gaulesas protetoras dos bosques..... 1/12

Serafins Anjos da sabedoria25/09

Seth Deus egípcio, regente da destruição e da morte.....15/07, 28/10

Shait Deusa egípcia do destino23/03

Shakti Representação da divindade feminina, complementação de todos os deuses hindu.....16/10

Shapash Deusa solar cananita, equivalente de Wurusemu (deusa hitita), Amaterasu (deusa japonesa) e Sunna (deusa nórdica) 18/01

Sheelah Na Gig Criadora da vida e deusa da fertilidade na Irlanda, padroeira das mulheres18/03, 5/06

Shekinah O ser primordial em Canã, manifestada como a luz e música das esferas, a Árvore da Vida 12/06

Shichi Fukuyin As sete divindades japonesas da boa sorte regentes da riqueza, da felicidade, do amor e da música. Delas, apenas Benten era mulher 1/01, 19/10

Shiva Deus hindu da destruição, renovação e movimento....24/02, 2/12

Shulamita Criadora do céu e da Terra na Mesopotâmia, personificação da fertilidade e sabedoria 22/10

Si Deusa solar russa14/05

Sif Deusa escandinava dos grãos e do outono20/05

Sigyn Deusa ancestral escandinava..... 31/07

Sir Deusa solar eslava invocada nos juramentos..... 17/07

Sirona Deusa gaulesa das estrelas e dos planetas 10/08

Sita Deusa hindu da Terra e da agricultura..... 18/04, 23/11

Sítala Deusa hindu das doenças..... 19/03

Sjofn Deusa escandinava do amor e sexualidade..... 14/02

Skadi Deusa escandinava da neve 10/07, 30/11

Skira Antiga deusa grega das colheitas 12/06

Skuld Uma das Nornes, as deusas nórdicas do destino, a que determina a duração da vida..... 2/01, 14/07, 31/12

Slata-baba A "Mulher de ouro", deusa eslava da riqueza 1/06

Sleipnir O cavalo mágico do deus Odin26/07, 2/11

Smert Deusa eslava da morte, equivalente a Chuma e a Mora, destruidoras da vida 4/11

Snegurotchka Deusa russa da neve10/07

Snotra Deusa nórdica da sabedoria.....30/09

Sophia Deusa da sabedoria no Oriente próximo, co-criadora divina, personificação do Espírito Santo 17/09, 5/10, 28/11, 16/12

Spenta Armaiti Deusa persa da abundância, equiparada à armênia Spantaramet, da viticultura e à persa Spandaramet, da Terra e dos mortos 18/02, 6/12

Sri Deusa hindu da prosperidade 16/11

Strenia Deusa romana da saúde, protetora dos jovens 31/12

Sulis Deusa celta da cura, considerada um aspecto da deusa Brighid e da deusa Minerva 26/05, 13/10

Sundy Mumy Deusa solar eslava, "A Mãe do Sol" 8/07

Sunna Deusa solar escandinava, padroeira da cura e da magia 9/02, 14/05, 21/06, 8/07, 26/12

Surabhi Deusa hindu protetora das mães e das crianças ... 3/06, 15/11

Sussistinnako Criadora da vida dos índios Keres, denominada, também, "A Mulher Pensamento" ou "Vovó Aranha" 5/11

Syn Deusa escandinava guardiã do paraíso e dos juramentos..... 2/06

Tácita Deusa romana da ordem e do silêncio 19/02

Tacoma Deusa da Terra dos índios Salish e Yakima..... 17/01

Tailtu Deusa irlandesa da Terra e da natureza..... 31/07, 1/08

Tamaayawut Deusa da Terra dos nativos norte-americanos 30/07

Tamar Deusa russa do céu, do tempo e das estações do ano 4/01

Tammuz Deus da vegetação da Babilônia, representando o ciclo das estações26/09

Tanith Deusa romana da Lua, das estrelas e da noite 8/04, 1/05

Tao A "Mãe do Mundo" dos budistas, criadora primordial ..25/05,22/12

Tara Deusa hindu, mãe e guardiã, salvadora e protetora dos humanos, aparecendo com cinco formas e em cinco cores 6/04

Ta-repy Deusa estelar egípcia..... 12/09

Tari Pennu Deusa hindu da fertilidade..... 30/08

Taru Deusa da água dos índios brasileiros Botocudo 3/09

Tauret Deusa hipopótamo egípcia, regendo a fertilidade, o nascimento e conduzindo as almas para o mundo subterrâneo 11/09

Tava-ajk Deusa finlandesa da Terra e da Natureza..... 18/10

Tea Deusa celta ancestral da terra na Irlanda4/11

Tefnut Deusa egípcia da aurora 29/11

Teleze-awa Deusa eslava da Lua e da noite 8/04

Tellus Mater Deusa romana da Terra, da Natureza, da fertilidade e dos juramentos..... 30/01, 27/02, 15/04, 21/08

Temiona Criadora da vida dos índios tupi-guarani 15/12

Tempesta Deusa romana das tempestades..... 1/06

Terminus Deus romano padroeiro das fronteiras23/02

Tethys Deusa grega do mar, filha de Gaia e de Uranus, mãe das Naiades e das Oceânides 12/09

Thea Deusa grega da luz solar e lunar..... 7/11

Theano A padroeira dos vegetarianos11/07

Themis Deusa grega da ordem e da justiça, mãe das Horas, das Hespérides e das Moiras 8/01, 30/09

Tho-og A Mãe Eterna dos tibetanos, similar a Aditi..... 26/11

Thor Deus nórdico regente do céu, dos rios e trovões.....19/01, 20/05 28/07

Thoth Deus egípcio da sabedoria6/08, 19/09

Tiamat Deusa das águas primordiais, Grande Mãe da Mesopotâmia, Babilônia e Caldéia 22/9, 6/11

Tien Hou Deusa chinesa do céu e da alvorada, protetora dos pescadores e marinheiros 10/05

Tiw Deus nórdico regente do céu18/02

Tji Wara Deusa nigeriana da agricultura..... 25/04

Tlachtga Deusa celta dos raios e das revelações súbitas 16/11

Toci Deusa anciã da Terra no México 9/12

Tonan Deusa asteca da Terra, a Grande Mãe 9-21/12

Tonantzin A Grande Mãe asteca, protetora da Terra, dos cereais, cristianizada como a Virgem Negra de Guadalupe 6/09, 20/11, 9/12

Tou Mou Deusa chinesa das estrelas e dos oráculos 28/03

Três Mães ou Três Matres Deusas celtas doadoras da vida e da morte, reverenciadas pelos ciganos como "As três Marias" 24/05

Triduana Deusa escocesa das fontes, idêntica a Bridgit 7/08

Tsai Chen Deusa chinesa da riqueza 3-28/01

Tse Che Nako A Mulher Aranha, deusa tecelã nativa.....28/08

Tuonetar A Rainha dos Mortos na Finlândia18/03, 1/11

Turan Deusa etrusca da sexualidade.....27/04

Tyche Deusa grega da boa sorte, idêntica à romana Fortuna20/03, 5/04, 11-24/06, 12/10, 5/12

Uazit, Uadjit ou Buto Deusa serpente egípcia, mãe das divindades e senhora da noite 14/03, 28/05

Uke-mochi-no-kami Deusa japonesa da agricultura 25/10

Uks-Akka Deusa finlandesa, protetora das portas e dos recém-nascidos, filha de Madderakka e irmã de Sarakka e Juksakka 27/04

Ullr Deus escandinavo dos esquis e da neve.....30/11

Umaj Deusa siberiana protetora dos recém-nascidos.....26/09

Urdh Uma das Nornes, as deusas nórdicas do destino, regente do passado 2/01, 14/07, 31/12

Uriel Arcanjo justiceiro e defensor.....24/10

Ursa Maior..... 4/01

Urtz Deusa do céu e da chuva do povo basco 10/08

Usas Deusa hindu da alvorada e do crepúsculo 18/01

Uyestitsa Deusa eslava da magia e bruxaria 8/04

Vac Deusa hindu do conhecimento, da sabedoria e da magia..... 28/11

Vacuna Deusa da vitória dos sabinos 16/02

Vagitanus Deusa romana dos recém-nascidos 12/04

Vakarine Deusa eslava do amor, regente do planeta Vênus 21/06

Valquírias Deusas guerreiras escandinavas que conduziam as almas dos guerreiros mortos em combate 31/01, 16/02

Vanth Deusa romana da morte 16/02

Var Deusa escandinava dos juramentos e promessas 13/11

Ved-Ava ou Azer-Ava Mãe d'Água dos países eslavos 11/05

Venilia Deusa romana do vento e do mar 1/12

Vênus Deusa romana do crescimento, da beleza, da natureza e do amor sensual, equivalente a Turan e a Afrodite 6/02, 1-23/04, 9/08

Verdandi Uma das Nornes, as deusas nórdicas do destino, regente do presente 2/01, 31/12

Vertumnus Deus romano da vegetação 23/08

Vesta Deusa romana, protetora do lar e da lareira, guardiã da chama sagrada, idêntica à grega Héstia 15/01, 1/02, 1/03, 15/05, 7-9-15/06, 16/08, 23/10, 24/11

Victoria Deusa romana da vitória, análoga à sabina Vacuna e à grega Nike 16/02, 7/10

Vila Deusa eslava, protetora das florestas e dos animais 6/05

Vir-Ava Deusa finlandesa das florestas 18/10

Virgem Dourada Deusa finlandesa do Sol 8/07

Vishnu Deus hindu regente do Sol e da luz 18/06, 6/10

Vor Deusa escandinava detentora do poder da intuição 10/02

Vulcano Deus romano padroeiro do fogo e dos metais 17-23/08

Wakahirume Deusa japonesa da alvorada e do crepúsculo 29/07

Waka-sana-me-no-kami Deusa chinesa dos brotos 24/10

Wawalag Deusas australianas da fertilidade e procriação 11/05

Wonambi Deusa australiana da chuva e da fertilidade 17/04

Wurusemu Deusa solar dos hititas 18/01, 20/05

Xangô Deus ioruba da justiça, regente dos raios e trovões 30/09

Xcanil Deusa da terra da Guatemala 11/05

Xipe Totec Deus asteca da morte 30/10

Xiuhtecuhtli Deusa asteca do fogo e da lareira 1/08

Xiumu Niang Niang Mãe das águas na China 17/04

Xochiquetzal Deusa asteca da beleza, do amor, da sensualidade, do prazer e das flores 5/08

Xtoh Deusa da chuva da Guatemala 11/05

Yacy Deusa da Lua e mãe da Natureza dos índios tupi-guarani 27/01

Yakshini Deusas hindu das árvores e da atmosfera 22/05

Yama Deus budista da morte e senhor do mundo subterrâneo 12/07

Yami ou Yamuna Criadora da vida hindu, deusa da água, irmã de Yama, o deus dos mortos 19/11

Yara Mãe das águas dos índios tupi-guarani 2/02

Yemanjá, Ymojá ou Yemoyá Deusa ioruba do mar e da Lua, protetora das mulheres e das crianças 2/02, 8/09, 31/12

Yngona A Grande Mãe dos celtas 20/01

Yngvi Deusa escandinava da fertilidade 25/06

Yorimã Falange dos Pretos Velhos da Umbanda 13/05

Ys Deusa bretã regente do mar 5/08

Yuki One Deusa japonesa da morte e do gelo 11/02

Yu Nu Deusa estelar chinesa, a "Senhora de Jade" 8/12

Zaden Deusa da pesca da Ibéria 5/08

Zamya Deusa persa da Terra e da Natureza 28/02

Zao Jun Deus chinês do lar 18/01

Zaramama A deusa peruana dos grãos 30/06

Zeme ou Zemyna Deusa eslava da terra, mãe de Meza Mate e Veja Mate, deusas do vento e da floresta 18/02, 12/05

Zemya A Mãe Terra dos países eslavos 26/03

Zeus Deus supremo do panteão grego, filho da deusa Rhea 15/03

Zhi-Nu Deusa estelar chinesa, padroeira da tecelagem 8/02

Zirna Deusa etrusca da Lua e da noite 27/04

Ziza Deusa alemã, criadora da vida 30/06, 27/09

Zorya Deusas eslavas do céu, da alvorada e do crepúsculo 16/08

Zytniamatka Deusa alemã da agricultura 30/06, 3/07, 1/08, 23/11

Bibliografia

- ALBA, Anna. *The Cauldron of Change*. Illinois, Delphi Press, 1993.
- ALLARDICE, Pamela. *Mitos, Deuses e Lendas*. Sintra, Publicações Europa América Ltda., 1990.
- ANN, Martha & IMEL, Dorothy. *Goddesses in World Mythology*. Oxford, Oxford University Press, 1993.
- BARING, Anne & CASHFORD, Jules. *The Myth of the Goddess*. London, Arkana, 1991.
- BERNAL, Ignácio & BARBACHANO, Fernando. *Tesoros del Museo Nacional de Antropología de México*. Cidade do México, Ediciones Daimon, 1968.
- BLOOM, William. *Sacred Times*. Findhorn, Findhorn Press, 1990.
- BONNEFOY, Yves. *American, African and Old European Mythologies*. Chicago, University of Chicago Press, 1991.
- BUDAPEST, Zsuzsanna. *The Grand Mother of Time*. New York, Harper Collins, 1989.
- . *The Grand Mother Moon*. New York, Harper Collins, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. *A imagem mítica*. São Paulo, Papirus, 1994.
- CAVALCANTI, Raissa. *O casamento do Sol com a Lua*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- CHARROUX, Robert. *O livro do misterioso desconhecido*. Lisboa, Bertrand, 1969.
- COGHLAN, Ronan. *Irish Myth and Legend*. Belfast, The Appletree Press, 1985.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1958.
- CONTENEAU, Georges. *A Civilização de Assur e Babilônia*. Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1979.
- CONWAY, D. J. *Ancient and Shinning Ones*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1995.
- . *Moon Magic*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1995.
- CONWAY, D. J. e outros. *Magical Almanac 1995*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1995.
- . *Magical Almanac 1996*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1996.
- . *Magical Almanac 1997*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1997.
- . *Magical Almanac 1998*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1998.
- COOPER, J. C. *The Dictionary of Festivals*. London, Thorsons, 1990.

CUNNINGHAM, Donna. *A influência da Lua no seu mapa astral*. São Paulo, Pensamento, 1988.

CUNNINGHAM, Scott. *Magical Aromatherapy*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1995.

D'ANGELIS, Risa. *Celebrating Women's Spirituality*. Freedom, The Crossing Press, 1996.

———. *Celebrating Women's Spirituality*. Freedom, The Crossing Press, 1997.

DANIELS, Estelle. *Magia astrológica*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

DAVIDSON, Ellis. *Scandinavian Mythology*. Middlessex, Newnes, 1984.

DONTAS, George. *The Acropolis and its Museum*. Athens, Clio, 1994.

DUANE, O. B. *Celtic Art*. New York, Barnes & Nobles, 1996.

DUNNVICH, Gerina. *Everyday Wicca*. New York, Citadel Press, 1997.

———. *The Wicca Book of Days*. New York, Citadel Press, 1995.

EBBUTI, M. I. *Ancient Britain*. London, Chancellor Press, 1995.

Enciclopédia Arte nos Séculos. São Paulo, Abril Cultural, 1969.

Enciclopédia Multimídia da Arte Universal, Alpha Betum Multimídia Produções.

EVANS, Bergen. *Dictionary of Mythology*. New York, Laurel, 1970.

FARRAR, Janet & Stewart. *The Witches' Goddess*. Washington, Phoenix Publishing, 1995.

FAUR, Mirella. *Almanaque Mágico 1996*. Brasília, Forças Ocultas, 1996.

———. *Almanaque Mágico 1997*. Brasília, Forças Ocultas, 1997.

———. *Almanaque Mágico 1998*. Brasília, Forças Ocultas, 1998.

———. *Diário da Grande Mãe 1996*. Brasília, Forças Ocultas, 1996.

———. *Diário da Grande Mãe 1997*. Brasília, Forças Ocultas, 1997.

FENTON, Sasha. *A influência da Lua na nossa vida diária*. São Paulo, Pensamento, 1987.

FFIONA, Morgan. *Daughters of the Moon*. Forestville, Daughters of the Moon, 1991.

GETTY, Adele. *Goddesses*. London, Thames & Hudson, 1990.

GIBSONE, Clare. *Goddess Symbols*. New York, Barnes & Noble, 1998.

GIEYSZTOR, Aleksander. *Mitologia Słowian*. Warszawa, Wydawnictwa Artystyczne i Filmowe, 1982.

GREEN, Marian. *Everyday Magic*. London, Thorsons, 1994.

GUTTMAN, Ariel & JOHNSON, Kenneth. *Mythic Astrology*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1996.

HAGEN, Victor. *El Imperio de los Incas*. Cidade do México, Ed. Diana, 1986.

HAYDN, Paul. *A Rainha da noite*. São Paulo, Ágora, 1990.

HEADLEY, Mary. *The Great Goddess*. Boulder, Our Many Names, 1993.

HVELBERG, Harald. *Of Gods and Giants*. Oslo, Tano, 1986.

ITAOMAN, Mestre. *Pemba, a grafia sagrada dos Orixás*. Brasília, Thesaurus, 1990.

JOHNSON, Buffie. *Lady of the Beasts*. Vermont, Inner Traditions, 1994.

JOJA, Athanase. *Dictionar Enciclopedic Român*. Bucuresti, Editura Politică, 1962.

JONES, Kathy. *The Ancient British Goddess*. Somerset, Ariadne, 1991.

KAROZOU, Semni. *National Museum of Athens*. Athens, Ekdotike Athenon, 1998.

KEMPINSKI, Andrzej. *Słownik mitologii ludów indoeuropejskich*. Poznan, SAWW, 1993.

KERENYI, C. *Eleusis*. London, Routledge & Kegan, 1967.

KOPALINSKI, Wladyslaw. *Słownik symboli*. Warszawa, Wiedza Powszechna, 1990.

KOZOCARL, Jean & OWENS, Yvonne. *The Witch's Book of Days*. Victoria, Beach Holme, 1995.

LA MONTE, Willow. *Goddessing Regenerated*. Valrico, 1998.

LEXICON, Herder. *O dicionário dos símbolos*. São Paulo, Cultrix, 1990.

LHOTE, Henri. *Frescele din Tassili*. Bucuresti, Meridiane, 1958.

MAC NAUGHTON, Robin. *Goddess Power*. New York, Pocket Books, 1996.

MARKALE, Jean. *La Grande Déesse*. Paris, Albin Michel, 1997.

MATTHEWS, Caitlin. *The Celtic Book of Days*. Rochester, Destiny Books, 1995.

MC COY, Edain. *The Sabbats*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1994.

———. *Lady of the Night*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1993.

MILARD, Anne. *Ancient Rome*. London, Usborne Publishing Ltd., 1987.

———. *Ancient Greece*. London, Usborne Publishing Ltd., 1987.

———. *Ancient Egypt*. London, Usborne Publishing Ltd., 1987.

MONAGHAN, Patricia. *The Book of Goddesses & Heroines*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1993.

Mysteries of the Ancient World. Washington, National Geographic Society, 1979.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

Myths of the Gods and Goddesses. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1996.

NEUMAN, Erich. *A Grande Mãe*. São Paulo, Cultrix, 1990.

PACE, Anthony. *Maltese Prehistoric Art*. Valetta, Progress, 1996.

PENNICK, Nigel. *The Pagan Book of Days*. Rochester, Destiny Books, 1992.

PEPPER, Elizabeth. *Moon Lore*. USA, The Witches Almanac Ltd., 1997.

PEPPER, Elizabeth & WILCOCK, John. *Witches Almanac 1996*. Newport, The Witches Almanac Ltd., 1996.

- . *Witches Almanac 1997*. Newport, The Witches Almanac Ltd., 1997.
- . *Witches Almanac 1998*. Newport, The Witches Almanac Ltd., 1998.
- ROBERTSON, Lawrence Durdin. *The Religion of the Goddess*. Eire, Cesara, 1978.
- . *God, The Mother*. Eire, Cesara, 1984.
- SAKELLARAKIS, J. A. *Herakleion Museum*. Athens, Ektotike Athenon, 1997.
- SARGENT, Denny. *Global Ritualism*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1994.
- SAMS, Jamie. *The 13 Original Clan Mothers*. New York, Harper, 1994.
- SCOUËZEC, Gwenc'hlan. *Bretagne, Terre Sacrée*. Paris, Albatros, 1977.
- SHARKEY, John. *Celtic Mysteries*. New York, Thames & Hudson, 1979.
- SIMMS, M. Kay. *The Witch's Circle*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1996.
- SOULI, Sofia. *Greek Mythology*. Athens, Michalis Toubis, 1995.
- STARCK, Marcia. *A astrologia da Mãe Terra*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- . *Women's Medicine Ways*. Freedom, The Crossing Press, 1993.
- STARHAWK. *A dança cósmica das feitiçeiras*. Rio de Janeiro, Pensamento, 1993.
- STEIN, Diane. *The Goddess Book of Days*. Freedom, The Crossing Press, 1992.
- . *The Women's Spirituality Book*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1995.
- STEWART, R. J. *Celtic Gods, Celtic Goddesses*. London, Blanford, 1990.
- TEISH, Luisah. *Jambalaya*. New York, Harper Collins, 1988.
- TELESCO, Patricia. *Seasons of the Sun*. New York, Samuel Weiser, 1996.
- The Goddess Calendar 1993*. Saint Paul, Llewellyn Pub., 1993.
- The Sage Woman Collection 1996*. Point Arena, Sage Woman, 1996.
- . *The Sage Woman Collection 1997*. Point Arena, Sage Woman, 1997.
- . *The Sage Woman Collection 1998*. Point Arena, Sage Woman, 1998.
- VERGER, Pierre. *Orixás*. São Paulo, Corrupio, 1981.
- WALKER, Barbara. *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*. New York, Harper Collins, 1983.
- WEINSTEN, Marion. *Earth Magic*. New York, Phoenix, 1994.

Ilustrações coletadas nas fontes bibliográficas citadas, no catálogo da JBL Statue e outras fontes virtuais.

Leia também da Coleção Gaia/Alemdalenda

Livro Mágico da Lua
D. J. CONWAY

Magia Natural
SCOTT CUNNINGHAM

Guia Essencial da Bruxa Solitária
SCOTT CUNNINGHAM

A verdade sobre a Bruxaria Moderna
SCOTT CUNNINGHAM

*Enciclopédia de Cristais,
Pedras Preciosas e Metais*
SCOTT CUNNINGHAM

A Casa Mágica
SCOTT CUNNINGHAM e DAVID HARRINGTON

Sonhando com os Deuses
SCOTT CUNNINGHAM

Os Mistérios Wiccanos
RAVEN GRIMASSI

A Religião da Grande Deusa
CLAUDIO CROW QUINTINO

Wicca – A Religião da Deusa
CLAUDINEY PRIETO

*Todas as Deusas do Mundo**
CLAUDINEY PRIETO

Encantamentos de Amor
EDAIN McCOY

*Bruxaria – Teoria e Prática**
LY DE ANGELES

*Origens da Bruxaria Moderna**
ANN MOURA

* Prelo

Mirella Faur é romena, com extensa formação científica e, há mais de trinta anos, dedica-se ao estudo e à prática da Astrologia, dos oráculos e das tradições celtas, nórdicas, greco-romanas, afro-brasileiras e nativas norte-americanas. Em sua chácara, nos arredores de Brasília, ela realiza mensalmente as celebrações dos Plenilúnios, além de Sabbats, ritos de passagem e de jornadas xamânicas. Por meio de suas vivências, palestras e artigos divulgados em diversas publicações brasileiras e internacionais, Mirella sempre foi conhecida como uma pioneira na divulgação do Sagrado Feminino.



 Anuário da Grande Mãe constitui-se no mais completo estudo sobre a Deusa publicado em língua portuguesa. E é o grande auxiliar na descoberta e na celebração da energia renovadora e transmutadora do Sagrado Feminino.

Os praticantes solitários e os grupos encontrarão também informações indispensáveis para os rituais, festejando a Roda do Ano por meio dos Sabbats e dos Esbats. As mulheres poderão melhor sintonizar-se com os ciclos da Lua, compreendendo como fluir com suas fases e como conectar-se com as Deusas Lunares correspondentes.

Você, leitor, aprenderá a usar os ensinamentos das antigas tradições na sua vida moderna e descobrirá como enriquecer seu cotidiano com as bênçãos de mais de seiscentas Deusas provenientes das culturas dos cinco continentes.

EDITORA
Gaia

ISBN 85-85351-74-8



9 788585 351748

 COLEÇÃO
GAIA
ALEMDALENDA